

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Dalila Müller

***“FELIZ A POPULAÇÃO QUE TANTAS DIVERSÕES E COMODIDADES
GOZA”***: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840 – 1870).

São Leopoldo
2010

Dalila Müller

**“FELIZ A POPULAÇÃO QUE TANTAS DIVERSÕES E COMODIDADES
GOZA”:** Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840 – 1870).

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Área de Concentração: Colonização e Imigração na América Latina.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

São Leopoldo
2010

M958f Müller, Dalila
Feliz a população que tantas diversões e
comodidade
goza: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840 –
1870) /
Dalila Müller – 2010.
338 f. : il. ; 30cm.
Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio
dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em História,
2010.
da Luz
“Orientação: Prof^a. Dr^a. Eloisa Helena Capovilla
Ramos, Ciências Humanas”.
1. Espaços de sociabilidade – Pelotas - Século
XIX.
2. Elite. 3. Distinção. I. Título.

CDD
302.3981657

Dalila Müller

**“FELIZ A POPULAÇÃO QUE TANTAS DIVERSÕES E COMODIDADES
GOZA”: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840 – 1870).**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovada em 23 de abril de 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Charles Monteiro (PUC/RS)

Profª. Drª. Ismênia de Lima Martins (UFF)

Profª. Drª. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Profª. Drª. Heloísa Jochims Reichel (UNISINOS)

Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira (UNISINOS)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora *Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos*, que acreditou em mim e na minha pesquisa, pelo seu incentivo e sugestões pertinentes. Agradeço também a acolhida e o carinho de seus familiares.

Aos demais professores e à funcionária do PPG em História – UNISINOS.

Aos colegas do PPGH pelas conversas e contribuições para esta pesquisa.

Aos funcionários das diferentes instituições onde pesquisei, pela sua solicitude.

À *Kelin Valeirão*, que me acompanhou durante as pesquisas na Biblioteca Pública Pelotense e na Biblioteca Rio-Grandense, pelo auxílio, carinho e bom humor.

À *Sibele Freitas* pela sua contribuição na coleta e organização dos dados.

Às colegas de apartamento em Porto Alegre, *Débora Clasen de Paula* e *Mariluci Vargas*, por termos fortalecido nossa amizade e pelos momentos de discussão sobre nossas pesquisas ou sobre a vida.

Aos colegas de trabalho e amigos *Maria da Graça Ramos*, *Tania Elisa Garcia*, *Maria da Graça Nogueira*, *Edgar Barbosa Neto* e *Renata Ferreira*, pelo incentivo, carinho e amizade.

À amiga e colega de tantos anos *Dalila Hallal*, pela sua paciência e constante incentivo no decorrer de mais este desafio.

Aos meus familiares e amigos que acreditaram e torceram por mim. Especialmente agradeço à minha mãe IRIS MÜLLER, pelo exemplo de força e perseverança, à minha irmã DÉBORA, que souberam aceitar as minhas ausências e me incentivaram sempre. Também agradeço aos meus sobrinhos OTÁVIO E SAMUEL pelos momentos agradáveis que passamos.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPel pela possibilidade de participar do Programa PICDT-CAPES.

Num salão esmeram-se várias artes: a de receber ou preparar um ambiente de cordialidade e espírito; a de entreter a palestra ou cultivar o humour, dançar uma valsa ou cantar uma ária; declamar ou inspirar versos, criticar com graça e sem maledicência, realçar a beleza feminina nas últimas invenções da moda . . .

Rigoristas azedos dirão que tudo isto são futilidades. Mas que é a metade da vida, senão tudo isto? *O passado não foi apenas sério ou trágico, guerreiro ou político, religioso, científico ou econômico, mas também alegre e . . . frívolo.*

Wanderley Pinho.

RESUMO

Esta tese tem por objetivo apresentar, no tecido urbano da cidade de Pelotas, os espaços de sociabilidade construídos e utilizados pela elite pelotense nas décadas 40, 50 e 60 do século XIX, após o fim da Revolução Farroupilha. Os espaços de sociabilidade eram locais onde se desenrolavam as relações interpessoais, o que me possibilitou verificar o comportamento coletivo da elite pelotense nesse período. A partir de autores, como Maurice Agulhon, analiso as fontes documentais identificando espaços formais, semiformais e informais de sociabilidade, que foram estudados conjuntamente nesta tese. Entre os espaços formais estão as sociedades de baile e as sociedades culturais e recreativas; o teatro e os hotéis foram os espaços semiformais identificados no período em Pelotas; e as ruas centrais da cidade e a Praça da Regeneração [atual Praça Coronel Pedro Osório] foram espaços informais nos quais se realizavam festas religiosas, cívicas e profanas. O conceito de sociabilidade que utilizo é um conceito amplo e flexível, que engloba tanto as relações estabelecidas formalmente, nos espaços das associações, quanto aquelas que se desenvolvem em espaços semiformais e também aquelas que se estabelecem informalmente, nos

espaços abertos. Tais níveis não poderiam ser tratados separadamente, sob pena de obtermos uma visão fragmentária da maneira como a elite interagiu na sociedade pelotense. As principais fontes desta pesquisa foram os jornais impressos, que relataram com riqueza de detalhes o cotidiano da cidade de Pelotas. Os espaços de sociabilidade, fossem eles formais ou informais, estavam integrados na sociedade pelotense do século XIX, e eram o lugar onde a elite ostentava a sua riqueza, demonstrava suas boas maneiras, servindo, algumas vezes, de modelo para a população menos privilegiada, ou seja, eram espaços de distinção e diferenciação social. A construção e a ampliação de tais espaços de sociabilidade se deu num período em que a cidade de Pelotas retomava seu desenvolvimento sócio-econômico e cultural paralisado pela Revolução Farroupilha, entre os anos de 1835 e 1845.

Palavras-chave: Pelotas. Século XIX. Elite. Espaços de sociabilidade. Distinção.

RÉSUMÉ

Le but de ce travail est celui de présenter les espaces de sociabilité construits et utilisés par l'élite dans le tissu urbain de la ville de Pelotas dans les années 40, 50 et 60 du XIXe siècle après la fin de la Révolution Farroupilha. Les espaces de sociabilité étant des endroits où se déroulaient les relations interpersonnelles, j'ai pu vérifier le comportement collectif de l'élite de la ville dans cette période. A partir d'auteurs tels que Maurice Agulhon j'analyse les sources documentaires et j'identifie les espaces formels, semi-formels et informels de sociabilité qui ont été étudiés en même temps dans cette thèse. Parmi les espaces formels je cite les sociétés de bal et les sociétés culturelles et récréatives ; le théâtre, et les hôtels ont été les espaces semi-formels identifiés à l'époque à Pelotas ; et les rues centrales de la ville ainsi que la Place da

Regeneração [actuellement Place Coronel Pedro Osório] ont été les espaces informels dans lesquels se réalisaient les fêtes religieuses, civiques et profanes. Le concept de sociabilité que j'emploie est un concept large et flexible qui englobe les rapports établis formellement dans les espaces des associations, ceux qui se sont développés dans des espaces semi-formels et aussi ceux qui l'ont fait informellement, dans les espaces ouverts. Si ces niveaux se traitent de façon séparée on risque d'obtenir une vision fragmentaire de la manière dont l'élite interagissait dans la société de Pelotas. Les principales sources de cette recherche ont été les journaux imprimés qui ont décrit avec richesse de détails le quotidien de la ville. Les espaces de sociabilité, formels ou informels, étaient intégrés dans la société du XIXe siècle et ils étaient la place où l'élite exhibait sa richesse, ses bonnes manières, ce qui servait quelquefois comme modèle pour la population moins privilégiée, puisqu'ils étaient des espaces de la distinction et de la différenciation sociale. La construction et l'élargissement de tels espaces de sociabilité s'est donnée dans une période dans laquelle la ville reprenait son développement socio-économique et culturel paralysé à cause de la Révolution Farroupilha entre les années de 1835 et 1845.

Mots-clés : Pelotas. XIXe siècle. Elite. Espaces de sociabilité. Distinction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Convite para uma Partida Mensal da Sociedade <i>Recreio Pelotense.</i>	83
Figura 2 – Anúncio de um Concerto Vocal e Instrumental na <i>Sociedade Harmonia Pelotense.</i>	85
Figura 3 – Anúncio de um Concerto Vocal e Instrumental no Teatro Sete de Abril.	161
Figura 4 – Anúncio de um Espetáculo de Prestidigitação no Teatro Sete de Abril.	163 171
Figura 5 – Anúncio de um Espetáculo Beneficente no Teatro Sete de Abril.	193
Figura 6 – Localização (aproximada) dos Hotéis na Cidade de Pelotas (1840-1870).	211
Figura 7 – Localização do Primeiro Loteamento em Relação às Charqueadas.	212 223
Figura 8 – Primeiro Loteamento da Freguesia de S. Francisco de Paula (Pelotas) – 1815.	243
Figura 9 – Anúncio de Venda de Máscaras para o Entrudo.	245
Figura 10 – Localização das Praças de Pelotas.	

Figura 11 – O Campo (Praça da Regeneração).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sociedades de Baile fundadas em Pelotas nas décadas de 1850 e 1860.	66
Quadro 2 – Sociedades Culturais e Recreativas (exceto sociedades de baile) existentes em Pelotas entre 1850 e 1870.	113
Quadro 3 – Diretoria da <i>Sociedade Particular Filo-Dramática</i> eleita em agosto de 1852.	118
Quadro 4 – Diretoria da <i>Sociedade Literária</i> eleita em 11 de janeiro de 1857.	124 135
Quadro 5 – Diretorias do <i>Clube Pelotense</i> .	202
Quadro 6 – Primeiros Banquetes Realizados nos Hotéis – Década de 1850.	

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 Diretorias da Sociedade <i>Harmonia Pelotense</i> .	282
Apêndice 2 Diretorias da Sociedade <i>Recreação Pelotense</i> .	283
Apêndice 3 Diretorias da Sociedade <i>Recreio Pelotense</i> .	284
Apêndice 4 Diretorias da Sociedade <i>Fênix Pelotense</i> .	285
Apêndice 5 Características dos Sócios – Sociedade <i>Harmonia Pelotense</i> .	286 287
Apêndice 6 Características dos Sócios – Sociedade <i>Recreação Pelotense</i> .	288 289
Apêndice 7 Características dos Sócios – Sociedade <i>Recreio Pelotense</i> .	290
Apêndice 8 Características dos Sócios – Sociedade <i>Fênix Pelotense</i> .	294
Apêndice 9 Participação dos Sócios das Sociedades de Baile em Outras Associações.	295

Apêndice 10 Participação Política dos Sócios das Sociedades de Baile.	297 298
Apêndice 11 Características dos Sócios da <i>Sociedade Literária</i> .	
Apêndice 12 Participação dos Sócios da <i>Sociedade Literária</i> em outras Associações.	299 300
Apêndice 13 Características dos Sócios do <i>Clube Pelotense</i> .	315
Apêndice 14 Participação dos Sócios do <i>Clube Pelotense</i> em Outras Sociedades.	316
Apêndice 15 Espetáculos Apresentados no Teatro Sete de Abril (1830-1870).	317
Apêndice 16 Características dos Hotéis Existentes em Pelotas (1840-1870).	
Apêndice 17 Características dos Proprietários dos Hotéis Existentes em Pelotas (1840-1870).	
Apêndice 18 Festividades Realizadas em Pelotas no Século XIX (1840-1870).	

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 Estatutos da Sociedade <i>Recreação Pelotense</i> .	320
Anexo 2 Regulamento Interno da Sociedade <i>Recreação Pelotense</i> .	325
	329
Anexo 3 Estatutos da Sociedade <i>Fênix Pelotense</i> .	333
Anexo 4 Imagem do Primeiro Prédio Construído para o Teatro Sete de Abril.	334
	337
Anexo 5 Lista de Sócios-proprietários do Teatro Sete de Setembro.	
Anexo 6 Lista dos Acionistas da Sociedade Teatro Sete de Abril –	

ABREVIATURAS

APERGS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

AHRGS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

BPP – Biblioteca Pública Pelotense – Pelotas.

BRG – Biblioteca Rio-Grandense – Rio Grande.

IHGRGS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

MCSHJC – Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa – Porto Alegre.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 Espaços Formais de Sociabilidade: as Associações	52
2.1 “Para que vem ao baile, se não vem para dançar”: As Sociedades de Baile	61
	99

2.1.1	Características dos Sócios	
2.2	<i>“As pessoas de certa ordem poderão reunir-se, entreter-se e criar diversas amizades”</i>: As Sociedades Culturais e Recreativas	112
		115
2.2.1	Sociedade Particular Filo-Dramática	120
2.2.2	Sociedade Literária	129
2.2.3	Clube Pelotense	
		138
3	Espaços Semiformais de Sociabilidade: as Recreações Empresariais	141
3.1	<i>“Grande e extraordinária função”</i>: o Teatro como Palco da Sociabilidade	183
3.2	<i>“Convida-se a rapaziada do tom e do chique”</i>: os Hotéis Enquanto Espaços de Sociabilidade	206
4	Espaços Informais de Sociabilidade: os Espaços Abertos	208
4.1	<i>“Tudo é poético, brilhante, encantador, vivificado pela beleza e graça das Ninfas e Deidades que as povoam”</i>: as Ruas de Pelotas como Espaços de Sociabilidade	241
4.2	<i>“A primeira e principal [praça] em todo sentido que possui a nossa cidade”</i>: a Sociabilidade na Praça da Regeneração	256
		262
	5 CONCLUSÃO	281
	FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	319
	APÊNDICES	
	ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Pelotas, inicialmente São Francisco de Paula, tem sua história marcada pelas charqueadas, sua principal atividade econômica. No final do século XVIII, com a chegada de José Pinto Martins¹, iniciou-se a atividade charqueadora na cidade, a qual se desenvolveu durante todo o século XIX e primeiras décadas do XX, porém, começando a declinar já no final do século XIX.

José Pinto Martins instalou a primeira charqueada à margem direita do arroio Pelotas no final da década de 1770. No ano de 1820 estavam em funcionamento 22 charqueadas, o que demonstra o crescimento desta atividade no início do século XIX, transformando a região de Pelotas no grande centro saladeiril do Estado.

Com a exploração da atividade charqueadora a população começou a aumentar, formando-se um povoado, inicialmente às margens do arroio Pelotas, juntamente com as charqueadas e, posteriormente, mais afastado desta atividade, nas terras de Antônio Francisco dos Anjos, local onde se formou a cidade.

¹ Os escritos sobre a fundação da cidade de Pelotas atribuem ao português José Pinto Martins o início da atividade charqueadora comercial na região. MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 2.ed. Pelotas: EdUFPel; Co-edição Livraria Mundial, 1993. ARRIADA, Eduardo. *Pelotas – gênese e desenvolvimento urbano*. Pelotas: Armazém Literário, 1994. OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. 3.ed.rev. Pelotas: Armazém Literário, 1997. v.1. (Coleção Cidade de Pelotas, 1). CUNHA, Alberto Coelho da. *Antigualhas de Pelotas. A Opinião Pública*, Pelotas, de 29 de junho de 1928 a 20 de dezembro de 1928.

A partir de 1810 os moradores solicitaram a criação de uma freguesia, a qual veio estabelecer-se em 1812, baseada na existência de mais de 150 famílias, "as mais abastadas da fronteira" e de fábricas de carne salgada.

Entre 1812 e 1830 a população dobrou, surgiram fábricas, ruas foram traçadas. A Freguesia cresceu populacionalmente, passando de 2.419 habitantes em 1814² para 10.873 em 1833³, um crescimento de aproximadamente 440 pessoas por ano. Em 1832 encontrava-se na Vila um grande número de casas comerciais, delas provindo grande parte da sua arrecadação⁴.

O primeiro plano urbano de Pelotas foi realizado em 1815, com a demarcação de 19 ruas. Com o rápido crescimento da população e do núcleo urbano, foi realizada, em 1834, uma nova planta da então Vila de São Francisco de Paula, acrescentando 15 novas ruas. Esse crescimento populacional, econômico e urbano de Pelotas foram requisitos importantes para a sua elevação à condição de vila, em abril de 1832 e de cidade, em 1835.

Com a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835, Pelotas deixou de progredir. A população do município diminuiu em quase a metade, com a sua emigração para a margem direita do Rio São Gonçalo, aglomerando-se em galpões de olarias existentes no Passo dos Negros, e com a fuga para Povo Novo e Rio Grande. O censo demográfico de 1846 registrou 6.248 pessoas em Pelotas, uma redução de 42,54% em sua população,

² OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. ... v.1. Op. cit., p. 80.

³ ARRIADA, Eduardo. *PELOTAS: Gênese e ...* Op. cit., p. 73-4. Essa população era composta basicamente das famílias dos charqueadores e seus escravos, de antigos moradores de Rio Grande, que vieram se estabelecer na Freguesia e de proprietários de fábricas e casas comerciais que se instalaram na cidade.

⁴ Alberto Coelho da Cunha informa a existência dos seguintes estabelecimentos em 1832: 27 lojas de fazendas, 8 de ferragens, 7 alfaiatarias, 9 sapatarias, 3 lojas de miudezas, 1 tamancaria, 3 marcenarias, 1 carpintaria, 4 lojas de serigueiros, 3 de ourives, 2 de lombilhos, 3 de funileiros, 1 casa de pasto, 1 tanoaria, 2 mascates. "Como coisa suntuosa, contava-se uma fabrica de licores e seis salas de bilhares públicos". CUNHA, Alberto Coelho da. *Antigualhas de Pelotas*, nº 64. *A Opinião Pública*, Pelotas, quinta-feira, 01.11.1928, p. 1, n. 150, ano XXXIII.

comparado ao ano de 1833.⁵ Esta fuga da população se deu porque Pelotas era um ponto estratégico para a Revolução, devido à proximidade com o porto de Rio Grande, e porque era disputada por legalistas e farroupilhas, tendo sido invadida várias vezes.

Porém, antes do término da Revolução Farroupilha, a cidade retomou seu desenvolvimento. Em 1841 o alemão Luiz Eggers fundou uma fábrica a vapor de sabão, velas e cola às margens do arroio Pelotas⁶; em 1843, provavelmente por outro alemão, foi aberto o Hotel Aliança; em 1844 a Câmara Municipal reiniciou suas atividades administrativas e o Teatro Sete de Abril reabriu como casa de espetáculos; em 1845 o francês Carlos Ruelle fundou a primeira casa de seges e carroças de Pelotas⁷.

A população de 10.873 em 1833 passou para 6.248 em 1846, aumentando para 10.757 em 1858, ou seja, um acréscimo de 385 moradores por ano. Já em 1859 a população de Pelotas passou para 12.893, atingindo um total de 15.384 moradores em 1865⁸. Esses dados demonstram o crescimento da população, ocasionado pelo retorno de antigos moradores e pela chegada de imigrantes europeus, uruguaios e argentinos.

Klaus Becker apontou a chegada de 18 nacionalidades em Pelotas entre os anos de 1844 e 1852, sendo as principais delas a portuguesa, a francesa, a espanhola, a italiana, a uruguaia e a argentina,⁹ caracterizada por uma imigração espontânea de indivíduos com qualificação profissional.

⁵ MAGALHÃES, Mario O. *Opulência e Cultura na Província ...* Op. cit..

⁶ AVÉ-LALLEMANT, Roberto. *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*. (Tradução de Teodoro Cabral). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953, p. 391.

⁷ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000, p. 90.

⁸ ANJOS, Marcos H. dos. *Idem*, p. 46.

⁹ O número de imigrantes chegados a Pelotas nos anos de 1844 a 1852 foram organizados por Klaus Becker e expostos no quadro a seguir.

Nacionalidade	1844 (50 dias)	1846 (85 dias)	1850	1851	1852 (190 dias)	TOTAL
Franceses	116	71	21	47	7	262
Uruguaios	33	69	91	29	12	234
Espanhóis	74	49	42	47	14	226
Portugueses	69	27	67	123	66	352
Italianos	53	21	11	16	4	105
Argentinos	21	16	20	22	4	83

Em 1853 Pelotas possuía as seguintes fábricas em funcionamento: o curtume de peles de Ribas Filho & Frias; a fábrica de cervejas de Joaquim José da Silva; um grande número de fábricas de chapéus, entre elas, a de Moutier, a maior da cidade; a fábrica de sabão, velas e cola de Moureau & Cia.; a fábrica de cadeiras americanas de Fernandez Roldão; uma fábrica de cartas de jogar; uma fábrica de seges, carrinhos e ônibus; diversas fábricas de selins e correeiros¹⁰; a fábrica de sabão de Domingos Soares Barbosa; e, um curtume em Monte Bonito, do Coronel Campos¹¹.

Na década de 1850 surgem os primeiros jornais da cidade, entre eles, O Pelotense, O Noticiador e o Brado do Sul. Vinculadas a estes jornais, funcionaram nesta década, duas tipografias, a de Luiz José de Campos, do jornal O Noticiador e a Imparcial, de Cândido Augusto de Melo, que publica o jornal O Pelotense, demonstrando uma maior preocupação intelectual na cidade.

A atividade charqueadora se intensificou, com o funcionamento de 21 charqueadas na safra de 1859-60, as quais abateram 181.100 reses¹², chegando a 35 charqueadas em funcionamento no ano de 1873, quando foram abatidas 408.010 reses¹³.

O crescente desenvolvimento da freguesia, vila e cidade de Pelotas, ocasionado, principalmente, pelo crescimento das charqueadas, fizeram com que uma elite se formasse na cidade. Essa elite gozava de um tempo

Alemães	8	2	7	3	18	38
Inglêses	5	1	7	8	4	25
TOTAL	379	256	266	295	129	1.325

Fonte: BECKER, Klaus. A imigração no Sul do Estado de 1844-1852. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*. 5º volume. Imigração. Canoas: Editora Regional Ltda, 1958, p. 322.

¹⁰ O Rio-Grandense, quarta-feira, 26.01.1853, p. 1-2, n. 19, ano IX. Rio Grande; quinta-feira, 27.01.1853, p. 3, n. 20, ano IX. Rio Grande.

¹¹ O Pelotense, sábado, 29.01.1853, p. 3, n. 166, ano III. Pelotas.

¹² Diário do Rio Grande, quarta-feira, 24.10.1860, p. 1, n. 3533, ano XIII. Rio Grande.

¹³ MÜLLER, Dalila. *A Hotelaria em Pelotas e sua Relação com o Desenvolvimento da Região: 1843 a 1928*. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, 2004.

livre, o que possibilitou que se dedicasse a atividades de lazer¹⁴, construindo, assim, espaços de sociabilidade.

A utilização do tempo livre para o lazer revestia-se de um sentido social, englobando características ostentatórias, constituindo-se, desde o início, em elemento de diferenciação social.

Buscando uma maneira de viver condizente com a sua situação econômica, essa população enriquecida procurou, cada vez mais, espaços de sociabilidade para usufruir seu tempo livre. Assim, a possibilidade de dispor de um tempo livre era considerada “a recompensa e o privilégio de um nascimento nobre, a marca de uma superioridade pessoal.”¹⁵

Pretendo, então, neste trabalho, analisar os espaços de sociabilidade construídos na cidade de Pelotas pela elite pelotense após a Revolução Farroupilha até o final da década de 1860, verificando seu modo de vida e a maneira como usufruía seu tempo livre. Busco refletir sobre as formas de convívio desta elite – sua sociabilidade, e os vários espaços onde elas se concretizaram.

Estudar a sociabilidade da elite pelotense é, em certa medida, estudar a sociedade na qual esta elite está inserida, uma vez que a construção de espaços de lazer e o surgimento de diferentes formas de sociabilidade indicam novas formas de vida. Posso sugerir que, a partir do estudo da sociabilidade, é possível obter informações sobre os comportamentos culturais e as sensibilidades de um grupo determinado de indivíduos – nesse

¹⁴ A noção de lazer é entendida aqui, de acordo com a concepção de Alain Corbin, como a liberdade de usar o tempo livre para distrações ou ocupações a que as pessoas se entregam de livre vontade, e não como sequência temporal sem trabalho. Corbin considera ainda que no seio das elites do século XIX o lazer se achava valorizado. Essas elites dispunham de um tempo livre, o que não quer dizer que eram ociosas, mas que evitavam “o vazio das horas”. A elite é obrigada a “empregar o tempo e tem que encontrar numa ocupação uma razão para viver. Mas as actividades a que se consagra[m] respondem imperativamente a três condições: tem que ser voluntárias, honoríficas e desinteressadas.” CORBIN, Alain. Do lazer culto à classe do lazer. In: _____. *História dos Tempos Livres. O advento do lazer.* (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema, 2001, p. 59-90, p. 62-5.

¹⁵ PORTER, Roy. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres. O advento do lazer.* (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema, 2001, p. 19-58, p. 21.

caso específico, da elite pelotense – em um tempo e espaço definidos. Assim, espero contribuir para (re)descobrir a maneira de viver da sociedade pelotense do século XIX, sob a perspectiva da sociabilidade, que considero uma forma adequada para se compreender melhor a realidade histórica.

O estudo da sociabilidade detém-se na análise das formas a partir das quais um grupo de indivíduos entra efetivamente em relação, considerando a dimensão afetiva – positiva ou negativa – como componente da interação social.

Considero importante estudar a sociabilidade da elite pelotense, pois, como diz Agulhon, os grupos não são menos ou mais sociáveis que outros, mas o são de outra maneira, já que todo grupo humano definido no espaço, no tempo e/ou na hierarquia social possui sua sociabilidade, cujas formas específicas é conveniente analisar.¹⁶

É fundamental esclarecer quem é chamado, neste trabalho, de elite pelotense. Heinz¹⁷ considera que não há consenso sobre o que se entende por elites, sobre quem são e sobre o que as caracteriza, tratando-se de um termo empregado no sentido amplo.

Ramos¹⁸ chama a atenção para a polissemia da palavra elite, já que existem muitos tipos de elite, como a econômica, a política, a administrativa e a intelectual, e para o fato de que as elites não são iguais em todas as épocas. Porém, os autores das mais variadas tendências teórico-metodológicas descrevem-na como uma “classe superior”, “os que são influentes”, “a nata”.

¹⁶ AGULHON, Maurice. Introduction: La sociabilité est-elle objet d'histoire? In: FRANÇOIS, Étienne (Org.). *Sociabilité et Société Bourgeoise en France, en Allemagne et en Suisse, 1750-1850*. Paris: Editions Recherche sur les Civilisations, 1986, p. 13-23.

¹⁷ HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____ (Org.) *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

¹⁸ RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. *O Teatro da Sociabilidade*. Um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930. 2000. 408 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2000, p. 2-3.

Para Heinz, o termo elite faz referência “a categoria ou grupos que parecem ocupar o ‘topo’ de ‘estruturas de autoridade ou de distribuição de recursos’”. Assim, a elite constitui-se dos dirigentes, das pessoas influentes, dos abastados, dos privilegiados, ou seja, daqueles que compõem o grupo minoritário que dispõe de poderes, de influências e de privilégios decorrentes de qualidades naturais valorizadas socialmente (como a raça, o sangue) ou de qualidades adquiridas (como cultura, aptidões), inacessíveis ao restante da sociedade.¹⁹

No trabalho de Needell²⁰, a elite está identificada a uma definição mais ampla de poder, isto é, ao poder derivado da riqueza, ocupação e status social reconhecido, assim como ao poder derivado da posição política e, comumente, ao poder derivado da combinação de todos esses fatores.

A definição de Verney-Carron²¹ é mais alargada, mais abrangente, incluindo um modo de vida e uma prática social. Para a autora, elite significa ter posição, participar de um modo de vida, possuir e observar certos ritos e códigos.

A partir destas definições, Ramos fala de elite como o “grupo que possui não só influência, mas poder de decisão na sociedade a que pertence, e que serve de modelo social pelo seu modo de vida.”²²

Assim, as elites pelotenses distinguiram-se do conjunto da população, não só pela sua riqueza e atividade econômica, mas pelo seu comportamento social, pelo seu modo de vida específico e reconhecível. Desse modo, este estudo privilegia o grupo econômica e socialmente mais elevado. A partir da análise da sociedade pelotense do século XIX, incluo,

¹⁹ HEINZ, Flávio M. O Historiador e as elites ... Op. Cit., p. 7-8. [Grifos do autor]

²⁰ NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical*. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. (Tradução de Celso Nogueira) São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 275.

²¹ VERNEY-CARRON, Nicole. A propos de l'exemple stéphanois: quelques réflexions sur l'histoire des élites provinciales aux XIXe. siècle. *Les Elites*. Bulletin n. 4. Lyon: Centre Pierre Leon d'Histoire Économique et Sociale, 1995, citado por RAMOS, Eloisa Helena C. da L. *O Teatro da Sociabilidade*. ... Op. cit., p. 4.

²² RAMOS, Eloisa Helena C. da L. Idem. Op. cit., p. 5.

neste grupo, os charqueadores, os criadores e comerciantes de gado, os donos de fábricas e casas comerciais, os proprietários, os profissionais liberais e os representantes políticos e militares, imigrantes ou não.

Constituída por esses grupos, a elite pelotense compreendia pessoas de posses suficientes para proporcionar a si e seus familiares condições de usufruir dos bens materiais e imateriais oferecidos na cidade e mesmo na capital do Império, ou ainda, na Europa, para onde frequentemente se deslocavam a trabalho, para visitar parentes, a passeio ou para passar o período do inverno.

Os questionamentos que me proponho a responder com esta tese são os seguintes: 1. Por que a partir da Revolução Farroupilha a elite pelotense começou a investir em espaços de sociabilidade? 2. Em quais espaços a sociabilidade da elite pelotense, especificamente aquela relacionada com o lazer, era exercida e como se manifestou esta sociabilidade? 3. Que atividades eram desenvolvidas nestes espaços e de que forma a elite se comportava nos espaços de que participava? 4. Qual o significado que tinha para a elite pelotense do século XIX participar de determinados espaços de sociabilidade?

As respostas aos questionamentos anteriores suscitaram a hipótese de que os espaços de sociabilidade utilizados pela elite pelotense, sendo espaços de representação social e as principais “vitrines” da riqueza vivida pela elite no período, emergiram e permaneceram, nas décadas seguintes à Revolução Farroupilha, como um espaço de lazer, mas também ofereciam a esta elite, um local de integração e identificação, funcionando como um espaço de práticas de distinção e de diferenciação no universo social pelotense.

Como diz Javier Escalera:

O tempo livre cumpre uma função social genérica como contexto que propicia o contato social, o estabelecimento e o desenvolvimento de relações interpessoais primárias de natureza informal, ao mesmo tempo que proporciona instâncias concretas para a extensão dessas redes de relações. Deste ponto de vista, o

tempo do ócio aparece como um valor potencial suscetível de ser capitalizado pelos indivíduos em suas estratégias em relação à competição pelo prestígio e pela influência, pelo poder social e político.²³

Neste sentido, os espaços de sociabilidade utilizados pela elite pelotense foram meios em que se produziam a circulação e a apropriação de capital social e político e meios para a obtenção de prestígio, influência e liderança por parte dos indivíduos e grupos.

Considero, ainda, que o pós Revolução Farroupilha foi um período em que Pelotas retomou seu desenvolvimento paralisado pela guerra e, à medida que a cidade se desenvolvia econômica, social e culturalmente, desenvolveram-se novos espaços de sociabilidade e intensificaram-se as atividades nos já existentes, os quais possibilitaram diversos e diferenciados espaços de interação social.

A diversificação destes espaços de sociabilidade implicou a busca por novas formas de se viver, imitando os modos da Corte, ou ainda, europeus, principalmente da França e da Inglaterra, que eram modelos de sociedades civilizadas.²⁴ Esses novos espaços de sociabilidade tinham um importante papel na construção de uma nova sociedade, da civilização a que o progresso material e moral conduziria²⁵.

²³ ESCALERA, Javier. Sociabilidad y Relaciones de Poder. *KAIROS*. Revista de Temas Sociales, Universidad Nacional de San Luis, San Luis, Argentina, ano 4, n. 6, 2000. Disponível em: www.fices.unsl.edu.ar/kairos. Acesso em 15.11.2007, p. 4.

²⁴ Em suma, o vínculo entre as novas formas de sociabilidade nascentes em Pelotas e seus modelos franceses e ingleses, e europeus em geral, era evidente. Posso dizer que isso se deu pelo intercâmbio cultural através dos filhos, que eram enviados para estudar no exterior; das viagens realizadas para a Europa; de revistas e jornais vindos "de fora"; e de estrangeiros que aqui residiam ou passavam algum tempo, como profissionais liberais e artistas.

²⁵ Nos séculos XVIII e XIX a sociabilidade era compreendida como "próxima do sentido conferido à polidez ou à civilidade, relacionada às experiências urbanas, elogiada como princípio norteador das condutas dos cidadãos e preparando-os, como pretendiam os enciclopedistas, ao exercício da obediência civil". MONTÓIA, Ana. Da sociabilidade à solidariedade: as tentativas de definição pela sociologia do século XIX. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 14-15, p. 23-35, jan/dez 1996, p. 27. Assim, no século XIX a sociabilidade estava vinculada à noção de civilização, que era entendida como a suavização das maneiras, a urbanidade, a polidez, mas também, e principalmente, o conceito de civilização estava vinculado às características específicas da aristocracia de corte, expressando a "auto-imagem da classe alta européia em comparação com os outros". Neste sentido, duas idéias se fundem no conceito de civilização: "ela constitui um contraconceito geral a outro estágio da sociedade, a barbárie"; e a "civilização não é

Ramos²⁶ considera que se reproduziram nas cidades mais importantes do cenário urbano e social do Rio Grande do Sul do século XIX – Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre –, mesmo que com certo atraso, os padrões civilizatórios da França, Alemanha e Inglaterra, assim como do Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires. Naquelas cidades, a vida social refletia e repetia o que ocorria nestes locais.

A sociabilidade da elite pelotense, antes restrita aos espaços privados das casas, ao espaço aberto das ruas e da Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] e às poucas atividades no teatro, se ampliou com a organização de associações culturais e recreativas, com a abertura de hotéis e com a intensificação das atividades no teatro e nos espaços abertos, ou seja, com a utilização dos espaços públicos da cidade.²⁷

Sabe-se que grande parte do tempo dos pelotenses dedicado à sociabilidade foi, na primeira metade do século XIX, exercido no espaço privado da casa, principalmente das residências urbanas dos charqueadores. Ramos afirma que "a sociabilidade desenvolvida nas cidades sul-rio-grandenses ocorreu, primeiramente, no espaço privado das casas, onde se recebia a elite local e os visitantes para saraus ou sessões de canto."²⁸ Foi, em geral, no espaço da casa urbana que se realizaram saraus, com apresentações musicais, declamações e recitação de poemas, bailes, jantares, festas familiares como casamentos, batizados ou primeira comunhão.

apenas um estado, mas um processo que deve prosseguir". ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. (Tradução de Ruy Jungmann). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. v. 1, Uma história dos costumes, p. 54-62.

²⁶ RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. Cidades e Sociabilidades (1822-1889). In: PICCOLO, Helga I. L.; PADOIN, Maria Medianeira (Direção). *Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 423-447. v.2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p. 426.

²⁷ Para Sennet, público passou a significar a partir do século XVIII "uma vida que se passa fora da vida da família e dos amigos íntimos; na região pública, [onde] grupos sociais complexos e díspares teriam que entrar em contato inelutavelmente." SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. (Tradução de Lygia Araújo Watanabe). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 32.

²⁸ RAMOS, Eloisa Helena C. da L. Cidades e Sociabilidades ... Op. Cit., p. 426.

Porém, era indispensável evoluir de reuniões restritas e informais que ocorriam nos espaços domésticos, para locais públicos, de maior visibilidade, mais amplos, que permitissem uma maior interação, demonstrando o espírito de coesão e agrupamento da elite. Baseado nas conclusões de Maria Ana Bernardo sobre a sociabilidade em Évora no século XIX, levanto a hipótese de que o modelo de sociabilidade valorizado em Pelotas, a partir da segunda metade do século XIX foi aquele que “permitia aos indivíduos ultrapassarem as fronteiras das vivências domésticas quotidianas, integrando-os em grupos mais alargados, com maior multiplicidade e variedade de contactos interpessoais, porventura ultrapassando os tradicionais quadros de relações.”²⁹ Estes espaços serão privilegiados nesta tese.

Meu interesse pelo estudo da sociabilidade em Pelotas surgiu durante a elaboração da dissertação de mestrado intitulada: “*A Hotelaria em Pelotas e sua relação com o desenvolvimento da região: 1843 a 1928.*”³⁰. Para essa pesquisa as principais informações foram coletadas na imprensa periódica de Pelotas e, durante a coleta de dados, foram encontradas muitas informações sobre os espaços de sociabilidade em Pelotas no século XIX, o que demonstra sua importância para a sociedade de então.

Pude perceber que, à medida que a economia da cidade – a atividade das charqueadas – ia se desenvolvendo, a sociedade pelotense reivindicava e buscava novos espaços de sociabilidade numa “cidade que se civilizava”. No decorrer do século XIX, tais espaços adquiriram grande importância na vida social e cultural da cidade, constituindo-se em sinônimos de urbanidade e civilidade.

Constatedei nessa pesquisa sobre a hotelaria em Pelotas que os hotéis foram importantes espaços de sociabilidade da época, uma vez que eram nas suas acomodações internas, principalmente nos restaurantes e nas

²⁹ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em Évora no Século XIX*. O Círculo Eborense. Lisboa: Cosmos, 2001, p. 35.

³⁰ MÜLLER, Dalila. *A Hotelaria em Pelotas ... Op. cit.*

áreas, que se realizavam festas, banquetes, conversas, exposições, ou simplesmente porque eram os locais escolhidos pela população de Pelotas para se proteger do calor na “estação calmosa”. Porém, observei também, que os hotéis não foram os únicos espaços de lazer, mas juntamente com estes, as sociedades de baile, as ruas, a praça e o teatro, foram importantes locais de reunião da sociedade pelotense.

A partir dessas constatações, busquei verificar o que já havia sido escrito sobre os espaços de sociabilidade em Pelotas e constatei que inexistia um estudo mais sistemático acerca da sociabilidade, somente a contribuição de alguns pesquisadores. A maioria das dissertações e monografias que abordaram este tema trataram somente de um espaço de sociabilidade; outros trabalhos abordaram a sociabilidade de forma parcial, não sendo este o objetivo principal destes estudos.

Destaco, nesta revisão, o livro do historiador pelotense Mário Osório Magalhães³¹, que é considerado fundamental ao conhecimento do passado da cidade de Pelotas. Esta obra teve por objetivo delinear um estudo sobre a história de Pelotas nos diferentes setores e no período de 1860 a 1890. Na segunda parte de seu livro o autor abordou a sociabilidade e as artes, sendo um de seus capítulos destinados para os “*Pontos de Recreio*”. Neste capítulo o autor apresentou as preferências de lazer da nobreza pelotense, concluindo que “[...] suas predileções eram as festas religiosas, os bailes, os saraus e o teatro.”³². Apresentou, também, as alternativas para os “burgueses mais simples”, concluindo que eram mais amplas, mesmo não havendo muito tempo durante a semana para que os trabalhadores se dedicassem ao lazer, concentrando suas “atividades de recreio” à noite e no verão. Este autor não se dedicou especificamente às formas de sociabilidade, afirmando que: “[...] não sendo esta a intenção, não se

³¹ MAGALHÃES, Mario O. *Opulência e Cultura na Província ... Op. Cit.*.

³² MAGALHÃES, Mario O. *Idem*, p. 143.

procurou, em nenhum momento, escrever uma história da cultura em Pelotas;”.³³

Outros autores também abordaram temas diversos e incluíram em suas análises os espaços de sociabilidade. Loner³⁴ analisou a mobilização e a organização da classe operária em Pelotas entre 1888 e 1937, identificando suas associações e, dentre essas, as recreativas e culturais, que eram entidades que ofereciam oportunidades de lazer. Entre essas entidades, destacou as recreativas bailantes, carnavalescas, musicais e teatrais. A proposta de trabalho da autora privilegiou, então, as associações recreativas e culturais da classe operária; e, o período que pesquisa é posterior ao que analiso nesta tese.

A dissertação de Anjos³⁵ abordou a participação dos estrangeiros na construção da cidade de Pelotas no último quartel do século XIX e teve por objetivo a análise da participação do elemento estrangeiro no processo de modernização da cidade, envolvendo sua participação no surgimento de novos espaços públicos de sociabilidade, como os hotéis, os parques e os jardins. Porém, o período desse trabalho também é posterior ao que me proponho.

Outros trabalhos incluídos nesta revisão de literatura foram as monografias realizadas por alunos do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas. O primeiro deles refere-se ao trabalho de Paula³⁶, que abordou especificamente a construção da Praça Coronel Pedro Osório como um espaço de sociabilidade na segunda metade do século XIX. A autora abordou o processo de modernização da praça e analisou como se deu a sua utilização pelos seus frequentadores. Este é o

³³ MAGALHÃES, Mario O. *Ibidem*, p. 13.

³⁴ LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*. 1999. 727 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 1999. v.1.

³⁵ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: ... Op. cit.*

³⁶ PAULA, Débora Clasen de. *Praça Pedro II: a construção de um espaço de sociabilidade (1861-1889)*. 2005. 35 f. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, 2005.

trabalho que mais detalhadamente mostra a gênese e as transformações pela qual passou um espaço público de sociabilidade, porém, aborda apenas um deles.

O outro trabalho refere-se à monografia de Souza³⁷ sobre os saraus, vistos como espaços de sociabilidade noturnos em Pelotas, no final do século XIX. O trabalho teve por objetivo investigar como o sarau se constituiu em espaço de lazer da elite pelotense entre 1880 e 1900. Esse trabalho apenas apresentou algumas considerações acerca dos saraus, não contribuindo para o aprofundamento da questão dos espaços de sociabilidade.

A partir desta revisão de literatura foi possível verificar que existem poucos trabalhos que abordam a temática da sociabilidade em Pelotas no século XIX e que, quando existem, trabalham com as últimas décadas deste século e apresentam os espaços de sociabilidade de forma fragmentária, não permitindo identificar os diversos espaços e sua inserção no contexto da sociedade de então, o que não possibilita o entendimento das maneiras de viver da população pelotense.

Em nível nacional também observei uma pequena quantidade de trabalhos com esta temática, principalmente na perspectiva de Maurice Agulhon. Não há nenhuma obra do autor sobre sociabilidade traduzida para o português, demonstrando que sua teoria vem sendo pouco utilizada pelos pesquisadores brasileiros.³⁸

A respeito dos trabalhos acadêmicos, encontrei uma pequena quantidade de dissertações e teses com esta temática³⁹. Concluo que a

³⁷ SOUZA, Silvana das Neves. *Sarau: espaço de sociabilidade noturno na cidade de Pelotas. (1880-1900)*. 2000. 25f. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, 2000.

³⁸ Na América Latina apenas um livro de Maurice Agulhon foi traduzido pelo Instituto Mora do México. Trata-se de *“Historia Vagabunda: Etnología y Política en la Francia Contemporánea”*, o primeiro tomo, de um total de três. No Chile, numa publicação coletiva, com 18 historiadores, Agulhon escreveu a introdução: *“La Sociabilidad como Categoría Histórica”*, do livro *“Formas de Sociabilidad en Chile, 1840-1940”*, da Fundación Mario Góngora, Editorial Vivaria, Santiago, Chile, em 1992.

³⁹ Das teses e dissertações defendidas sobre o tema da sociabilidade destaca-se a tese *“O Teatro da Sociabilidade. Um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930”*, de Eloísa Helena

sociabilidade não vem sendo muito trabalhada enquanto categoria histórica. Muitos trabalhos localizados apenas fazem uso do vocábulo em seus trabalhos, não definindo-o e não discutindo-o teoricamente; outros, por sua vez, abordam a sociabilidade a partir das obras de Simmel.

Analisando esta produção científica, posso concluir que a historiografia da sociabilidade no Brasil se produziu a partir dos anos 90 do século XX, sendo a sociabilidade um tema recente; as temáticas são variadas, abordando tanto os espaços de sociabilidade formais, como informais, porém, os autores se detêm em apenas um espaço; os trabalhos se concentram no século XIX e na primeira metade do século XX; a

Capovilla da Luz Ramos, defendida em 2000, no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Podem-se citar outras duas teses nesse mesmo programa, defendidas, respectivamente, em 2004 e 2005: "*A vaga sombra do poder: vida associativa e cultura política na Porto Alegre da década de 1920*", de Ricardo de Aguiar Pacheco; e, "*Aparência e Poder: novas sociabilidades urbanas em Florianópolis, de 1950 a 1970*", de Mara Rubia Sant'Anna. Destas teses, apenas a primeira utiliza a teoria da sociabilidade de Maurice Agulhon. As demais abordam sucintamente alguns espaços de sociabilidade, não definindo o termo teoricamente.

No Programa de Pós-Graduação da PUCRS, três dissertações abordam o tema: "*Espaços de sociabilidade e memória: fragmentos da vida pública porto-alegrense entre 1890 e 1930*", de Luis Antonio Glozer Maronese; "*Sob um olhar urbano, sociabilidade, cultura & teatro no Brasil Meridional.*", de Ezio Bittencourt; e, "*Fotografias e Códigos Culturais: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922)*", de Cláudio de Sá Machado Jr., defendidas em 1994, 1998 e 2006, respectivamente.

O Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS possui uma dissertação defendida sobre o tema: "*Balneário Villa Sequeira. A invenção de um novo lazer (1890-1905)*", de Rebecca Guimarães Enke, defendida em 2005. Nesta dissertação o marco teórico de Georg Simmel é utilizado.

O Programa de Pós-Graduação em História da UFSC também possui alguns trabalhos sobre o tema: "*Espaços de Sociabilidade e o Idioma: A campanha de nacionalização em Joinville*", de Katianne Bruhns; "*Tensões, Trabalho e Sociabilidades: Histórias de Mulheres em Joinville no Século XIX*", de Janine Gomes da Silva; "*Espaços de Sobrevivência e Sociabilidades: uma análise do cotidiano de São Carlos/SC (1930 – 1945)*", de Juçara Nair Wolff; e, "*Nos Bastidores da Festa: outras histórias, memórias e sociabilidades em um bairro operário de Blumenau (1940-1950)*". Todos esses trabalhos foram defendidos em 1997.

O Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná possui uma linha de pesquisa "Espaço e Sociabilidades". Uma tese aborda especificamente a sociabilidade: "*Gosto, prazer e sociabilidade: bares e restaurantes de Curitiba 1950/1960*", apresentada em 1997 por Maria do Carmo M. Brandão Rolim.

Na Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" – UNESP, Campus de Assis, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras alguns trabalhos vem sendo realizados: "*Dimensões da Sociabilidade e da Cultura: Espaços Urbanos, Formas de Convívio e Lazer na Cidade de Assis. 1920-1945*", tese de Janete Leiko Tanno, defendida em 2003; e a dissertação: "*Etiqueta: sociabilidade e moda. A identidade da elite paulistana (1895-1930)*", defendida em 2000 por José Mário Mertinez Ruiz.

historiografia brasileira da sociabilidade contém um baixo grau de reflexão e discussão teórica.

Desse modo, este estudo justifica-se também pelo pequeno número de trabalhos científicos no Brasil que se referem ao tema sociabilidade.⁴⁰ Busco assim, contribuir para difundir esta temática nos estudos históricos brasileiros. A sociabilidade faz parte dos novos objetos de estudo da História surgidos da crise dos paradigmas explicativos da realidade⁴¹.

Para desenvolver esta análise, busco na sociabilidade, enquanto categoria histórica, o caminho para melhor entender a questão da participação na vida coletiva e das formas de consumo do tempo livre da elite pelotense. A discussão e a reflexão do conceito de sociabilidade provém dos estudos sociológicos de Simmel, Weber e Gurvitch. Simmel é o autor que mais tem sido utilizado nos trabalhos sobre sociabilidade, mesmo em pesquisas na área da história.

⁴⁰ Na América Latina, principalmente no México, Chile e Argentina, identifiquei vários trabalhos abordando o tema sociabilidade e utilizando a teoria de Agulhon. A historiografia argentina se sobressai da dos demais países latino-americanos, destacando-se os trabalhos de Pilar Gonzáles Bernaldo de Quirós. Na Europa, exceto a França, que é o local de origem da historiografia da sociabilidade, a Itália e a Espanha possuem um número significativo de trabalhos nesta temática; e, com menor ênfase, em Portugal, destacando-se a tese de Maria Alexandre Lousada: *Espaços de sociabilidade em Lisboa, finais do século XVIII a 1834*, e o trabalho de Maria Ana Bernardo: *Sociabilidade e Distinção em Évora no Século XIX. O Círculo Eborense*. Na Itália, a temática da sociabilidade como categoria histórica se iniciou com os trabalhos de Giuliana Gemeli e Maria Malatesta, nas décadas de 1980 e 1990. Os trabalhos italianos se concentram mais na época contemporânea, com o predomínio dos aspectos políticos da sociabilidade e com um alto grau de reflexão teórica. Na Espanha apareceram numerosos trabalhos com esta temática a partir da década de 1990. Os temas são diversificados: as tabernas e os cafés, o espaço urbano, a festa, os círculos, os cassinos e ateneus, as paróquias rurais, a religiosidade, as lojas maçônicas, as sociedades musicais e cantantes, as sociabilidades esportivas, o mutualismo, e, de forma mais geral, sobre a vida cotidiana e o ócio. CANAL, Jordi. Los Estudios sobre la Sociabilidad en España. Una revisión. *Arxius de Sociologia*, Universidad de València, València, n. 3, p. 111-32, juny de 1999, p. 114-6.

⁴¹ A resposta dos historiadores para a crise da História se deu a partir da emergência de novos objetos, como as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc. e o retorno aos estudos das "utensilagens mentais". CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. (Tradução de Maria Manuela Galhardo). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

Weber foi quem deu à sociologia a tarefa de estudar as estruturas sociais, ou seja, tudo o que se encontra entre os poderes organizados e reconhecidos, de um lado, o Estado, a comuna e a Igreja, e de outro, a comunidade natural da família. "Trata-se essencialmente de uma sociologia das associações no sentido mais amplo do termo: do clube de bocha ao partido político e aos grupos religiosos, do círculo artístico à seita literária."⁴² Gurvitch empregou a noção de sociabilidade no domínio micro-sociológico, ou seja, na relação entre o indivíduo e o outro, o que corresponde à segunda definição dos dicionários encontrada por Agulhon, a psicológica, que considera a sociabilidade um traço do caráter individual.

Simmel considerou a sociabilidade uma forma autônoma ou lúdica de sociação⁴³. A partir deste conceito, estudou as formas sociológicas lúdicas, como os jogos sociais, a coqueteria e a conversação, sendo esta última considerada pelo autor a forma mais típica da sociabilidade.

A sociabilidade, na visão do autor, não tem propósitos, objetivos, conteúdo ou resultados exteriores, "depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre". A importância da sociabilidade está no sucesso do momento sociável e na lembrança dele e para isso, as qualidades pessoais como amabilidade, refinamento, cordialidade e outros modos de atração são considerados. Ou seja, a sociabilidade é o social puro, é a interação em si mesma. "É quase uma forma, um tipo ideal que ele [Simmel] vai construir."⁴⁴

⁴² AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848*. Etude d'une mutation de sociabilité. Cahier des Annales. Paris, Armand Colin, n. 36, 1977, p. 13.

⁴³ "[...] a **sociação** é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas." SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Georg Simmel*. (Tradução de Dinah de Abreu Azevedo). São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34). p. 166.

⁴⁴ VELHO, Gilberto. Entrevista com Gilberto Velho. Entrevista concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira. *Estudos Históricos*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 183-210, 2001, p. 203.

Depois de Simmel, a sociabilidade ganhou vários significados e usos. Velho⁴⁵ considera que não se deve ficar preso à definição de Simmel, sob pena de perder muita coisa interessante. Assim, busco na História Cultural autores que possuam uma visão mais ampliada da sociabilidade.

Na perspectiva da História das Mentalidades, novos temas começaram a ser pesquisados, entre eles a alimentação, a saúde e as doenças, a peste, as delinquências e a sociabilidade do século XIX. Este último tema foi considerado por Ariès uma das conquistas mais ricas da História. Os estudos, que antes estavam centrados nas estruturas sociais, passaram a se preocupar com o conhecimento das relações sociais, dos comportamentos individuais e coletivos, das práticas culturais, festivas, religiosas e associativas. Nesta perspectiva: "O historiador busca as chaves das estratégias comunitárias, dos sistemas de valor, das organizações coletivas, isto é, de todas as condutas que constituem uma cultura rural ou urbana, popular ou elitista"⁴⁶.

Posso dizer que o "berço" dos estudos da sociabilidade na perspectiva histórica foi a França, e teve como principal pesquisador o francês Maurice Agulhon, que, inserido na Escola dos Annales, estudou a sociabilidade e as associações.

Agulhon⁴⁷ considerou que o desenvolvimento de novas investigações históricas depende de, pelo menos, três categorias: novos acontecimentos, novos documentos e novas noções ou questionamentos e colocou o interesse historiográfico pela sociabilidade na terceira categoria. O autor ainda questionou o motivo pelo qual se buscam novas noções, concluindo que a busca pela sociabilidade foi resultado de um encontro fortuito (empírico) e não de um objetivo filosófico pré-concebido.

⁴⁵ VELHO, Gilberto. Idem.

⁴⁶ ARIÈS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. (Tradução de Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

⁴⁷ AGULHON, Maurice. *La Sociabilidad como Categoría Histórica*. In: FUNDACION MARIO GONGORA. *Formas de Sociabilidad en Chile 1840-1940*. Santiago do Chile: Vivaria, 1992.

A partir das obras de Maurice Agulhon, inicialmente da sua tese e, na década seguinte, com um balanço crítico das possibilidades e perspectivas de tal abordagem, a sociabilidade surgiu como uma nova categoria historiográfica que se abriu para os estudos históricos. O próprio autor afirmou que: “eu pusera bem (ou contribuíra em grande parte para isso) no mercado do vocabulário histórico a palavra sociabilidade que lá figura desde então.”⁴⁸. Agulhon não inventou a noção de sociabilidade⁴⁹, mas foi o primeiro a utilizá-la como uma categoria histórica, na década de 1960.

A sua primeira publicação “*La Sociabilité méridionale (confréries et associations en Provence orientale dans la deuxième moitié du siècle XVIII)*”⁵⁰ em dois volumes, foi publicada em Aix, em 1966. Segundo o autor, era uma publicação modesta, mas foi recebida com elogios, esgotando-se depressa, o que provocou o lançamento, em seguida, de uma reedição parisiense, sob um novo título: “*Pénitents et franc-maçons de l’ancienne Provence*”.⁵¹

⁴⁸ AGULHON, Maurice. Visão dos Bastidores. In: NORA, Pierre (Org.). *Ensaio de Ego-história*. Lisboa: Difel, 1987. (Edições 70). p. 13-62. p. 40.

⁴⁹ Agulhon buscou a origem da palavra sociabilidade; o “Novo Dicionário Etimológico” de Dauzat, Dubois e Mitterand registra a mais antiga ocorrência da palavra em Chapelain, em 1669. No início de 1700 a sociabilidade aparece na Inglaterra através do conde de Shaftesbury, teórico do sistema de virtudes sociais; Shaftesbury será combatido por Mandeville, que foi traduzido para o francês em 1740 e, através de seus escritos, a palavra sociabilidade apareceu pela primeira vez no vocabulário filosófico francês. Em seguida o abade Pluquet publica “De la sociabilité”, em 1767 e Charles Bonnet, publica a “Palangénésie Philosophique”, em 1769. Para esses autores, a sociabilidade está relacionada à idéia de humanidade, ligando-se ao caráter essencial do ser humano, ou seja, a vida em sociedade. Em 1832 o termo é utilizado por Eugène Lerminier, um historiador do direito, em seu curso intitulado: “Da influência da filosofia do século XVIII sobre a legislação e a sociabilidade do século XIX”. Para este autor a sociabilidade é a própria civilização. Desde o século XVII o termo foi sendo utilizado pela psicologia coletiva. A passagem da psicologia coletiva para seu uso por parte do historiador foi realizada por Michelet no século XIX. AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France ...* Op. cit.; AGULHON, Maurice. Introduction: La sociabilité est-elle ... Op. cit..

No vocabulário hispânico, a palavra sociabilidade figura na edição de 1791 do Dicionário da Real Academia: “Sociabilidad: El tratamiento y correspondencia de unas personas con otras”. CANAL, Jordi. Historiografía y sociabilidad en la España contemporánea: Reflexiones con término. *Vasconia*, Cuadernos de Historia-Geografía, Universidad del País Vasco, País Vasco, n. 33, p. 11-27, 2003, p. 15.

⁵⁰ AGULHON, Maurice. *La Sociabilité méridionale (confréries et associations en Provence orientale dans la deuxième moitié du siècle XVIII)*. 2. vols. Multigrafados. Aix: La Pensée Universitaire, 1966. Citado por AGULHON, Maurice. Visão dos Bastidores. ... Op. cit.

⁵¹ AGULHON, Maurice. *Pénitents et franc-maçons de l’ancienne Provence: essai sur la sociabilité méridionale*. Paris, Seuil, 1968. Citado por AGULHON, Maurice. Idem.

Sua tese tinha por objetivo compreender por que a Provença tradicional, mesmo rural, se transformara numa terra de eleição e de democracia republicana. O autor identificou o “caráter ou temperamento do povo tomado em conjunto” com a sociabilidade, pois considerava que a sociabilidade remetia para as realidades sociais relativamente verificáveis: encontros, grupos, vida aglomerada, etc.

Na década seguinte – 1970 – Agulhon, no seu novo livro – *“Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848. Étude d’une mutation de sociabilité”*, buscou definir este conceito, que ele mesmo considerava ambíguo, e refletir sobre sua validade como um novo objeto da história.⁵² Este trabalho o autor considera:

[...] o primeiro que é verdadeiramente da minha iniciativa e que teve valor de obra de primeira mão [...] mas é bastante mais importante do que estes [1848 ou *La France Rurale*] porque inclui algo novo, o que pode compensar a confusão teórica que marca ainda a discussão inicial sobre a sociabilidade, onde ainda se nota uma certa hesitação.⁵³

Posteriormente, outros textos do autor sobre sociabilidade foram publicados. Ressalto aqui, o texto *“La sociabilité est-elle object d’histoire?”*⁵⁴, no qual avalia algumas questões colocadas nas suas obras anteriores e conclui que a sociabilidade não está ligada somente à vida das associações, mas que há formas de sociabilidade informais que não pertencem às associações.

Na produção historiográfica de Agulhon, é perceptível um processo de ampliação do conceito: do âmbito meridional evoluiu para o geográfico; dos séculos XVIII e XIX para o cronológico; e, da vida associativa para o temático. Assim, a sociabilidade adquiria um sentido mais extenso e aberto, incorporando aspectos mais informais da vida social, chegando a se assemelhar com a história da vida cotidiana.⁵⁵

⁵² AGULHON, Maurice. *Le cercle dans La France ...* Op. cit..

⁵³ AGULHON, Maurice. *Visão dos Bastidores. ...* Op. cit., p. 53.

⁵⁴ AGULHON, Maurice. *Introduction: La sociabilité est-elle ...* Op. cit..

⁵⁵ CANAL, Jordi. *Los Estudios sobre la Sociabilidad ...* Op. Cit., p. 113.

Observa-se assim, uma ampliação de seu objeto de estudo no que se refere aos âmbitos cronológico, geográfico e temático. À sociabilidade formal – as associações – foi incorporada a sociabilidade informal, pois esta última, “complementa a vida associativa.”⁵⁶ Novos temas começaram a ser abordados: os cafés e as tabernas, a vida familiar e as praças, as associações de trabalhadores e militares, o termalismo e a vida de salão, os agrupamentos políticos e as lojas maçônicas, os orfeões e o esporte. Como resultado, tem-se hoje um imenso campo de estudo.

Assim, a sociabilidade envolve formas de organização formais e informais que se dão para que os homens estabeleçam vínculos, relações ou para conseguir algum objetivo. Como diz Agulhon⁵⁷, as pessoas se associam não somente para fazer alguma coisa; muitas vezes o fazem, em primeiro lugar, para gozar da vida em grupo e em seguida para realizar alguma atividade.

Para definir o termo sociabilidade, Agulhon partiu, primeiramente, das definições apresentadas pelos dicionários. Eles dão duas definições do termo: a primeira consiste na “aptidão que a sociedade humana tem de viver em sociedade”, e, a segunda tange à “aptidão do indivíduo a frequentar seus semelhantes de forma agradável”. Porém, para a história, as duas aplicações são ampla e restrita demais, respectivamente. “Os objetos da história estão precisamente no meio, além do indivíduo singular e aquém da espécie.”⁵⁸

Buscando uma aplicação para a história, o autor encontrou uma terceira definição, que aborda a psicologia coletiva; nesta concepção, a sociabilidade corresponde ao comportamento coletivo, quando o homem é considerado um ser sociável. Para compreender melhor a palavra, o autor utilizou o equivalente alemão: para ele sociabilidade é homóloga a

⁵⁶ CANAL, Jordi. Idem, p. 114.

⁵⁷ AGULHON, Maurice. *La Sociabilidad como Categoría ...* Op. cit..

⁵⁸ AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France ...* Op. cit., p. 8.

Geselligkeit, que é a qualidade do que é sociável.⁵⁹ Sociabilidade é, então, a qualidade do homem sociável, daquele que busca a sociedade, que busca encontrar o outro, associar-se a ele.

Sendo a sociabilidade a qualidade do ser sociável, o homem pode ser sociável no nível da espécie – primeira definição, ou em termos do próprio indivíduo – segunda definição.⁶⁰ Mas, pela terceira definição, sociabilidade é a maneira de o homem viver em sociedade, que é suscetível à variação. Nesta definição, como diz Agulhon, “a sociabilidade se aplica a conjuntos mais vastos que a pessoa individual, e menos vastos que a espécie inteira”.⁶¹ A sociabilidade se aplica a coletividades definidas no tempo, no espaço e na escala social. Tornando-se coletiva, variando no espaço e no tempo, a sociabilidade torna-se um objeto da história.⁶²

Os estudos da sociabilidade procuram compreender as diversas maneiras pelas quais os homens se relacionam em sociedade, as expressões e manifestações mais ou menos formalizadas da vida em sociedade de acordo com o tempo e o espaço. Assim, nesta tese, pretendo estudar a sociabilidade da elite pelotense, após a Revolução Farroupilha até o final da década de 1860.

A sociabilidade, como já demonstrei, está relacionada ao comportamento coletivo em espaços formais ou informais definidos. Nestes espaços, o homem estabelece vínculos, relações, busca os aspectos agradáveis das relações humanas, a fruição da presença do outro, a reciprocidade, ou seja, a sociabilidade é a qualidade do ser sociável, é o comportamento do indivíduo quando está interagindo com os demais em um espaço e tempo definidos e a satisfação provocada por isto. O mais importante é estar com o outro, gozar a vida em grupo.

⁵⁹ AGULHON, Maurice. Introduction: La sociabilité est-elle ... Op. cit..

⁶⁰ AGULHON, Maurice. Idem, p. 14.

⁶¹ AGULHON, Maurice. La Sociabilidad como Categoría ... Op. Cit., p. 3.

⁶² AGULHON, Maurice. Introduction: La sociabilité est-elle ... Op. cit..

Como afirmam Caldo e Fernandez⁶³, desde Agulhon a sociabilidade se refere ao sistema de relações cuja natureza, nível de sujeição dos membros, número de integrantes, estabilidade, não estão estritamente pautadas, mas que provocam a vinculação e a gestação de sentimentos de pertencimento e solidariedade entre os integrantes.

O importante são as relações que se desenvolvem nos espaços de sociabilidade, independentemente de serem formais ou informais. O próprio Agulhon⁶⁴ concluiu que a sociabilidade não está ligada somente à vida das associações, mas que há formas de sociabilidade informais que não pertencem às associações, como os comportamentos em família, com amigos, na rua, em espetáculos. “A sociabilidade do cotidiano é imensamente extensa e infinitamente variada, sem por isso estar organizada.”⁶⁵ Ele afirma ainda que, do ponto de vista da vida cotidiana, parece não haver um fosso demasiado profundo entre a sociabilidade informal e a que se passava nas associações propriamente ditas.⁶⁶

Como afirma Navarro, os espaços e formas de sociabilidade são múltiplos e variados, coexistindo manifestações estruturadas e formalmente estabelecidas e vertentes carentes desse grau de institucionalização. Essas manifestações devem ser estudadas conjuntamente, pois “convivem e em alguns casos se integram”⁶⁷, apresentando múltiplas conexões, o que dá a idéia de uma simples e tênue linha entre ambas.

Considero que as expressões de sociabilidade formam um único sistema, que integram todas as formas de interação social, desde as que se desenvolvem em organizações institucionalizadas até aquelas outras

⁶³ CALDO, Paula; FERNANDEZ, Sandra. Sobre el sentido de lo social: asociacionismo y sociabilidad. Un breve balance. In: FERNANDEZ, Sandra; VIDELA, Oscar. *Ciudad Oblícua*. Aproximaciones a temas e intérpretes de La entreguerra rosarina. Rosario: La Quinta Pata & Camino Ediciones, 2008, p. 81-84.

⁶⁴ AGULHON, Maurice. Introduction: La sociabilité est-elle ... Op. cit..

⁶⁵ AGULHON, Maurice. La Sociabilidad como Categoría ... Op. Cit., p. 8.

⁶⁶ AGULHON, Maurice. *Histoire Vagabonde*. Paris: Gallimard, 1988. Tomo I, Ethnologie et Politique dans La France Contemporánea.

⁶⁷ NAVARRO, Javier Navarro. Sociabilidad e Historiografía: Trayectorias, Perspectivas y Reto. *SAITABI*. Revista de la Facultat de Geografia i Història, Universidad de València, València, n. 56, p. 99-120, 2006, p. 111.

expressões não institucionalizadas, que se desenvolvem de maneira voluntária e autônoma. A análise deste sistema, envolvendo os diferentes modos de sociabilidade existentes em uma dada sociedade – sociabilidade formal e informal, é uma maneira privilegiada para o conhecimento da realidade sócio-cultural da dita sociedade.⁶⁸

A partir desta reflexão, me proponho, nesta tese, estudar a sociabilidade sob um enfoque mais amplo, abordando, conjuntamente, a sociabilidade formal, a semiformal e a informal. Considero que desta forma é possível compreender de maneira mais completa todas as manifestações da vida coletiva, ou seja, a sociabilidade da elite pelotense num dado período. Isto permite a “compreensão de interferências, imbricações e relações (sociais, geográficas e cronológicas) existentes no interior de uma dada sociedade entre as diferentes formas de sociabilidade”⁶⁹.

Para tanto, organizei a sociabilidade em três níveis, de acordo com o grau de formalização. Assim, esta tese aborda os espaços formais, semiformais ou intermediários e informais de sociabilidade. Porém, sempre levando em conta que, independentemente do grau de formalização, estes espaços formam “um único sistema que integra todas as formas de interação social”⁷⁰.

Compartilho, ainda, com Escalera⁷¹ da ideia de que a posição dicotômica entre sociabilidade formal e informal se revela, na prática, bastante forçada, não existindo, na realidade, um corte qualitativo que marque uma fronteira definida entre ambas e não apresentando diferenças substanciais no que se refere às funções sócio-culturais desempenhadas pelas mesmas.

⁶⁸ ESCALERA, Javier. *Sociabilidad y Relaciones ... Op. Cit.*.

⁶⁹ Etienne François e Rolf Reichardt citados por PELLISSIER, Catherine. *Loisirs et Sociabilités des Notables Lyonnais au XIXe Siècle*. Lyon: Editions Lyonnaises D'Art et D'Histoire, Presses Universitaires de Lyon, 1996. Tome 1. Os autores consideram preferível o estudo sistemático dos vários tipos de sociabilidade, contribuindo para novos avanços sobre este tema.

⁷⁰ ESCALERA, Javier. *Sociabilidad y Relaciones ... Op. Cit.*, p. 3.

⁷¹ ESCALERA, Javier. *Idem*, p. 3.

Em um nível *formal* incluí os espaços de sociabilidade mais fechados, organizados através de estatutos, normas e regulamentos, com caráter de permanência, com a presença de sócios “iguais” e local específico. Neste nível estão inseridas as associações recreativas e culturais.

Num nível que eu chamei de *semiformal* ou *intermediário* foi possível perceber tanto as relações espontâneas dos espaços abertos como as manifestações muito próximas da vida associativa. Coloquei neste nível os teatros, cuja organização se deu através de sociedades, com sócios que possuem direitos e prioridade aos camarotes e cadeiras, mas que não são os únicos que podem participar dos espetáculos, sendo aceitas as pessoas que podem pagar pelo ingresso. Incluí, também, os hotéis, dos quais a elite pelotense usufruía para atividades de lazer. Estes eram espaços abertos a todos, mas que pertenciam a um proprietário e possuíam normas implícitas de funcionamento, que restringiam a entrada de alguns.

E, num nível mais *informal*, coloquei as ruas e as praças, que eram espaços abertos, sem regulamentos e normas institucionalizadas, nos quais se realizavam festas, procissões, retretas, entre outras formas de sociabilidade. Os frequentadores destes espaços informais são habituais, nem sempre são os mesmos, eles variam conforme a atividade. Quanto mais informais são os espaços, mais efêmeros são os comportamentos coletivos que neles se desenvolvem.

Analisando as informações coletadas percebi que os diversos níveis faziam parte de um mesmo sistema de relações, que coexistiam e se integravam na sociedade pelotense da segunda metade do século XIX. E que a elite que fazia parte das associações era também a que organizava as festas nas ruas e na praça, participava das procissões, acompanhava os artistas pelas ruas da cidade, ia ao teatro e aos hotéis.

O importante não é centrar-se na história institucional e na estrutura formal destas entidades, mas, na sociabilidade que lhe dá sentido global, no sistema de relações que se tece nesses lugares e nas formas e práticas que

adota. A interação constitui um eixo básico para a construção de identidades políticas e sociais através dos vínculos que implicam uma série de valores compartilhados. O importante é não só constatar a existência desses vínculos, mas analisar o papel deles para explicar a ação coletiva⁷².

A sociabilidade é, então, mais que uma categoria de interação, pois oferece um ponto de partida para se examinar a dinâmica da experiência vivida e seus modos sociais de organização. Estudar os espaços de sociabilidade possibilita um entendimento maior da sociedade, pois esses espaços estão presentes na vida cotidiana dos indivíduos.

A sociabilidade é a qualidade do ser sociável e está relacionada ao comportamento do indivíduo quando está interagindo com os demais em um espaço e tempo definidos; e, 1. refere-se a decisões voluntárias (as pessoas se agrupam porque querem; é uma escolha pessoal participar ou não de uma associação, ir ou não ao teatro, ao café, ao hotel); 2. as pessoas se agrupam por algum motivo, mesmo que seja só se encontrar, se reunir, curtir a vida; 3. podem existir normas explícitas – normas e regulamentos previstos nos estatutos e regulamentos ou implícitas – normas de convivência (o que é ser civilizado, o que é ter urbanidade), pois toda sociabilidade pressupõe a existência de regras e valores compartilhados; 4. a sociabilidade se desenvolve num espaço e num tempo determinado - a partir do estudo da sociabilidade é possível obter informações sobre o comportamento coletivo de um grupo de indivíduos em um tempo e espaço definidos; 5. existem diferentes espaços de sociabilidade, desde os mais institucionalizados até aqueles não institucionalizados, porém, o mais importante é o sistema de relações que neles se desenvolvem; 6. as relações podem ser mais ou menos efêmeras; 7. a sociabilidade está ligada ao lazer, possuindo uma ligação direta com a distração, o entretenimento; 8. se dá a partir de algumas categorias aglutinadoras, como idade, sexo, profissão,

⁷² NAVARRO, Javier N.. Sociabilidad e Historiografía ... Op. Cit..

classe social, ócio; 9. as relações podem acontecer em espaços públicos, semipúblicos e privados⁷³.

A sociabilidade foi abordada na perspectiva da História Cultural. A História Cultural busca ter acesso ao passado através das representações, tentando chegar àquelas formas discursivas ou imagéticas pelas quais os homens expressaram a si próprios e ao mundo⁷⁴.

Considero que a análise da sociedade pelotense através da representação é a forma ideal de se compreender o passado, pois o historiador trabalha com o não-visto, o não-vivido, sendo que essas informações só são possíveis de obter a partir dos registros do passado – palavras, discursos, imagens, coisas e práticas. Esses traços são indícios que se colocam no lugar do acontecido, são representações do acontecido. Assim, considero a representação um “filtro” adequado para decodificar a realidade no que se refere aos espaços de sociabilidade em Pelotas durante o século XIX.

Quanto ao método concebido pela História Cultural, Pesavento afirma que:

Neste domínio [História Cultural], o trabalho do historiador será comparável ao daquele que enfrenta a montagem de um *puzzle*, a combinar informações, a compor os cacos, a descobrir significados, a desvendar uma trama que foi aquela posta pela pergunta inicial que desencadeou a sua pesquisa. Seu método é – e o historiador não pode abrir mão de tal procedimento – o da composição e contraste de peças coletadas. Detetivesco sim, pois o historiador se converte em arquiteto de montagem em busca de explicações, cruzando dados e articulando um referencial de contingência significativo.⁷⁵

⁷³ Para explorar todas as potencialidades da sociabilidade enquanto categoria histórica, Jordi Canal aponta três condições indispensáveis: 1) relacionar a reflexão teórica e os resultados empíricos (nem simplesmente descrever, nem esquecer do trabalho de arquivo); 2) dialogar com disciplinas afins; 3) efetuar um intercâmbio e um exercício comparativo entre historiografias. CANAL, Jordi. *Los Estudios sobre la Sociabilidad ...* Op. Cit., p. 121.

⁷⁴ PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História & História Cultural*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Coleção História & ... Reflexões, 5).

⁷⁵ PESAVENTO, Sandra Jatthy. A construção de uma Porto Alegre imaginária – uma cidade entre a memória e a história. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et al. (orgs.) *Capítulos da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 179-208, p. 180.

Ou seja, é preciso ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado, buscar os traços secundários, atentar para os detalhes. É preciso recolher os traços do passado e realizar com eles um trabalho de construção capaz de produzir sentido, oferecer explicações para a leitura do passado.

Pesavento⁷⁶ afirma que a tarefa do historiador é difícil, pois é necessário que ele resgate o que pensavam ou tentavam expressar os homens do passado. O passado é distante, é um tempo não vivido, os fatos não são observáveis, as vozes podem soar estranhas e as imagens podem ser incompreensíveis. Desse modo, chama a atenção para a maneira como se devem interpretar esses dados:

Resgatar as representações coletivas antigas não é julgá-las com a aparelhagem mental do nosso século, mas sim tentar captar as sensibilidades passadas, cruzando aquelas representações entre si e com as práticas sociais correntes.⁷⁷

O pesquisador que busca reconstruir as representações do passado lidará também com outras dificuldades, como o filtro do tempo, a dificuldade de acesso a códigos e significados, a linguagem e práticas usuais estranhas, o viés da dissimulação na constituição dos discursos, a dificuldade de acesso a fontes, e o material já como representação.⁷⁸

A perspectiva teórica da representação orientou a interpretação dos materiais jornalísticos que tiveram os espaços de sociabilidade em Pelotas por interesse direto ou indireto.

Representação é entendida como a re-apresentação como presente, algo que não é diretamente dado aos sentidos. Neste sentido, “a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado”. Nesta concepção, “a representação é um instrumento de um conhecimento mediato que faz ver

⁷⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-90, 1995.

⁷⁷ PESAVENTO, Sandra J. *Idem*, p. 287.

⁷⁸ PESAVENTO, Sandra J. *Ibidem*.

um objeto ausente substituindo-lhe uma 'imagem' capaz de repô-lo em memória e de pintá-lo tal como é."⁷⁹

A representação é cada vez mais utilizada nos estudos históricos, sendo vista como uma forma de decodificar a realidade vivida. Para o estudo da realidade, Chartier propõe as categorias de representação e apropriação. O objetivo central da representação é trazer para o presente o ausente vivido para poder interpretá-lo e o da apropriação é construir uma história social das interpretações.⁸⁰

Para Ricoeur⁸¹, o passado só é perceptível por meio das suas representações, a partir delas consegue-se identificar as formas pelas quais a sociedade expressou-se a si mesma e ao mundo. Para este autor, a representação é considerada o objeto de estudo da história, a referência do discurso do historiador. Os historiadores da história cultural têm dedicado uma atenção crescente às representações como objeto de investigação.

Esta abordagem dos espaços de sociabilidade da elite se insere em um cenário espacial e cronologicamente preciso. Espacialmente refere-se à cidade de Pelotas pós Revolução Farroupilha. Agulhon⁸² considera que a sociabilidade, nos séculos XVIII e XIX, ocorria propriamente no espaço urbano e estava ligada a um modo de vida moderno, civilizado, pois, quanto mais a sociedade se desenvolve social e economicamente, mais grupos se fazem

⁷⁹ CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*, USP, São Paulo, v.5, n. 11, p. 173-91, 1991, p. 184. [Grifos do autor]

⁸⁰ CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. ... Op. Cit..

⁸¹ RICOEUR, Paul. *La Memoria, La Historia, El Olvido*. (Tradução de Agustín Neira) Madrid: Trotta, 2003. (Colección Estructuras e Procesos – Serie Filosofía). O autor apresenta três definições do termo representação enquanto forma de representar o passado. A primeira delas refere-se a "representação mnemônica", ou seja, a presentificação de algo ausente através da memória; a recordação é a representação de algo visto, percebido, experimentado, vivido no passado. A segunda definição refere-se à "representação literária ou escriturária" ou "representancia", que designa a capacidade de um texto histórico de representar no presente algo ausente, um ausente anterior, real, que foi, mas que não é mais. Esta definição refere-se à terceira fase da operação historiográfica, ou seja, a fase representativa, que é precedida pela fase documental e pela fase explicativa. A terceira definição diz respeito à "representação-objeto", ou seja, a representação se dá enquanto objeto privilegiado da segunda fase historiográfica – a fase da explicação/compreensão.

⁸² AGULHON, Maurice. *Histoire Vagabonde*. ... Op. Cit., p. 26.

presentes. Esta sociabilidade estava circunscrita às elites urbanas, aristocráticas ou burguesas.

Cronologicamente, este trabalho foi pensado e delimitado dentro do período pós Revolução Farroupilha (1845) até o final da década de 1860. Estes anos foram escolhidos por constituírem um período em que Pelotas estava reiniciando sua vida sócio-econômica e cultural, paralisada pelos dez anos da guerra.

É também nestas décadas que a elite pelotense começou a valorizar e a se utilizar dos espaços públicos, criando novos e variados espaços de sociabilidade. Antes da Revolução as formas de sociabilidade estavam restritas às festas religiosas ou cívicas com suas variadas atividades – procissões, apresentações na praça, representações teatrais e baile.

Na Corte, é também durante os anos de 1840 e 1867 (fim da Guerra do Paraguai) que se criou uma febre de reuniões, bailes, concertos e festas. A Corte copiava “os esplendores do segundo império da França” e era exemplo para as demais cidades brasileiras, informando os melhores hábitos de civilidade⁸³, o que pode ter influenciado a elite pelotense na criação e diversificação dos espaços de sociabilidade nesse mesmo período.

Em alguns momentos, para explicar ou reforçar algumas informações, retorno a alguns períodos anteriores, como o início da década de 1830, quando foram criadas sociedades para a abertura de dois teatros na cidade, ou, vou um pouco mais além nos anos.

A partir dos anos 1870 as práticas de sociabilidade, antes restritas à classe mais abastada, à elite, começaram a se banalizar, novos espaços surgiam possibilitando a participação de outras classes. Como diz Elias, quando ocorre a difusão para baixo dos costumes da corte, ocorre a sua

⁸³ PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. 3.ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

"leve" deformação social e a sua conseqüente desvalorização como "sinais de distinção"⁸⁴.

Para apreender os espaços de sociabilidade construídos nessas décadas e o comportamento da elite nesses espaços, as principais fontes de informação desta pesquisa foram os jornais periódicos que circulavam em Pelotas e em Rio Grande nos últimos anos da primeira metade do século XIX e nas duas primeiras décadas da segunda metade do século. Levando em conta esse período, os jornais ainda existentes foram a principal fonte de informação disponível. Os jornais impressos concentravam um papel fundamental no registro da vida social da cidade, incluindo aí, a divulgação dos espaços de sociabilidade, sua avaliação, recomendação e crítica.

Zicman afirmou que tem aparecido uma série de trabalhos que utilizam o jornal como fonte documental. A autora considera que:

De fato a Imprensa é rica em dados e elementos, e para alguns períodos é a única fonte de reconstituição histórica, permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, etc.⁸⁵

Durante muito tempo, a imprensa foi considerada uma fonte tendenciosa. A partir da ampliação do uso das fontes, que não apenas as oficiais, e da mudança de posição da história em relação ao documento, essa desconfiança foi sendo superada.

O documento, pois, não é mais para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações. [...] em nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos.⁸⁶

⁸⁴ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. ... v.1, Uma história dos Costumes. Op. Cit., p. 110.

⁸⁵ ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUCSP, São Paulo, n. 4, p. 89-102, junho de 1985, p. 89.

⁸⁶ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. (Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves). 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 7-8. [Grifos do autor]

Loner, analisando especificamente a imprensa periódica diária na cidade de Pelotas, considera que os jornais são um dos melhores meios para conhecer a intimidade e os limites de uma cidade pequena e requintada como Pelotas:

[...] numa cidade pequena, coisas que normalmente hoje não seriam reproduzidas em nenhum jornal, nem sequer de bairro, eram contadas nos mínimos detalhes, permitindo conhecer tanto o pitoresco do fato, quanto o lado cotidiano da vida das pessoas daquela época, além de costumes há muito extintos.⁸⁷

Destaco ainda as principais vantagens do jornal como fonte documental apontadas por Zicman⁸⁸: a periodicidade, permitindo registrar a memória do dia-a-dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos; a disposição espacial da informação, possibilitando a inserção do fato histórico num contexto mais amplo; e o tipo de censura, pois a imprensa sofre apenas a censura instantânea e imediata.

Desse modo, os jornais da época foram uma fonte importante para atingir os objetivos deste trabalho, uma vez que relatavam o cotidiano da cidade de Pelotas nos mínimos detalhes, incluindo nestes comentários e crônicas as relações que se desenvolviam nos espaços de sociabilidade, suas principais características, suas normas, e seus participantes, permitindo, assim, identificar, de forma cronológica, a gênese e o desenvolvimento desses espaços.

Inicialmente minha idéia era pesquisar somente os jornais impressos na cidade de Pelotas, mas vários fatores contribuíram para estender a pesquisa aos jornais editados em Rio Grande.

Em primeiro lugar, porque o primeiro jornal editado em Pelotas começou a circular em 1851 e iniciei a pesquisa após a Revolução Farroupilha; em segundo, pela irregularidade na circulação dos jornais de Pelotas nas décadas de 1850 e 1860 e pela inexistência de suas coleções completas; e, ainda, pela quantidade de informações referentes à cidade

⁸⁷ LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. *Ecos Revista*, EDUCAT – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 5-34, abril de 1998, p. 7.

⁸⁸ ZICMAN, Renée B. História através da imprensa ... Op. cit..

de Pelotas divulgadas nos jornais de Rio Grande, principalmente no *Diário do Rio Grande*, jornal que foi pesquisado mais sistematicamente.

Conforme afirmei, nas décadas de 1850 e 60 os jornais da cidade de Pelotas⁸⁹ não tiveram uma regularidade de circulação; e destes, poucos exemplares ainda existem e estão disponíveis para a pesquisa. Reverbel⁹⁰ afirmou que os jornais deste período (década de 1850 – 60) tiveram uma vida efêmera, raras vezes conseguindo vencer um período de dois anos de circulação. Desse modo, foram pesquisados os seguintes jornais: *O Pelotense*⁹¹ dos anos de 1852, 1853 e 1854; *O Noticiador*⁹² de 1855, 1857 e 1858; *O Brado do Sul*⁹³ de 1859, 1860 e 1861; *O Gratis de Pelotas*⁹⁴ de 1859; *O*

⁸⁹ Nestas décadas circularam os seguintes jornais: *O Pelotense* (1851 – 1855); *O Noticiador* (1854 – 1868); *O Gratis* (1854 – 185_); *Ramalhete Rio-Grandense* (1857); *Pygmeu* (1857); *Araribá* (12.1857 – 02.1858); *O Gratis* (12.1857 – 02.1858); *O Cometa* (1857); *O Brado do Sul* (1858 – 1861); *O Gratis de Pelotas* (01.07.1859 – 31.07.1859); *Diário de Pelotas*, que substituiu o *Gratis de Pelotas* (1ª fase: 08.1859 – 04.1860; 2ª fase: 08.1860 – 07.1861; 3ª fase: 1876 – 1889); *Jornal de Pelotas* (11.1861 – 07.1862); *Álbum Pelotense* (1861 – 1862); *Mercantil* (1862); *O Mosaico* (1862 – 1863); *O Commercio* (1862 – 1869); *Espião de Polícia* (1863); *Amigo*, ex *Espião de Polícia* (1863); *Recreio Familiar* (1863); *Regenerador* (1863); *A Estrela* (1863 – 1863); *Atualidade* (1863 – 1865); *O Progresso* (1865); *O Brado Juvenil* (1866); *Onze de Junho* (1867 – 1889); *O Porvir* (1868); *A Castália* (1869); e, *A Arcádia* (1869 – 1870). Destes, apenas alguns exemplares estão disponíveis para pesquisa. (A IMPRENSA de Pelotas em um Século. *Diário Popular*, Pelotas, 07.11.1951, p. 2 e 6; ARRIADA, Eduardo. *Do “O Pelotense” ao “Diário Popular” (1851-1890): 39 anos de jornalismo em Pelotas*. (Inédito).)

⁹⁰ REVERBEL, Carlos. *Tendências do Jornalismo Gaúcho*. In: *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia. Universidade do Rio Grande do Sul, 1957, p. 101-24. (Segunda Série), p. 117.

⁹¹ O primeiro jornal de Pelotas – *O Pelotense* – circulou de 7 de novembro de 1851 até 21 de março de 1855. Era um “Periódico comercial, político e de notícias, publicado em meias folhas às terças-feiras, quintas e sábados na tipografia Imparcial de Cândido Augusto de Mello”. Do seu primeiro ano de funcionamento não foi localizado nenhum exemplar, apenas dos anos de 1852, 1853 e 1854, disponíveis na Biblioteca Rio-Grandense, em Rio Grande – 1852 (Ref.: E. 17, P. 1, N.R. 157.759, S.P.), 1853 (Ref.: E. 017, P. 1, N.R. 157.760, S.P.) e 1854 (Ref.: E. 017, P. 1, N.R. 157.758, S.P.).

⁹² *O Noticiador* – Publicado as quartas e sábados, circulou de 1854 até 1868; seu proprietário e editor responsável era Luiz José de Campos e os redatores eram P. D. Telêmaco Bouliech e Carlos Koseritz; a partir do ano III – 1856 passou a se denominar “*O Noticiador*” e, em 1857, voltou a se chamar “*Noticiador*”; seu tamanho, nos primeiros anos era de 32 por 22 cm, com 3 colunas, aumentando para 36 por 28 em 1857. Disponível no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – Setor Imprensa, Porto Alegre. Localização: AM₂G₃.

⁹³ *O Brado do Sul* – Publicado por Carlos von Koseritz por 3 anos, desde 2 de março de 1858. Serviu aos liberais; o editor responsável era Domingos José d’Almeida; sua publicação era diária, com 4 folhas e 4 colunas cada, com o tamanho de 28 por 37. Disponível no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – Setor Imprensa, Porto Alegre. Localização: A₁G₂.

⁹⁴ *O Grátis de Pelotas* – começou a circular em 1º de julho de 1859; seu proprietário era Cândido Augusto de Mello. Disponível na Biblioteca Rio-Grandense, Rio Grande.

Diário de Pelotas de agosto de 1859 e julho de 1868⁹⁵; *O Comercio*⁹⁶ de 1862, 1863, 1866, 1868 e 1869; *O Regenerador*⁹⁷ de 26 de julho de 1863; *O Brado Juvenil*⁹⁸ de 1866; *Jornal do Comércio*⁹⁹ de 26 de julho de 1870.

Estes jornais foram encontrados na Biblioteca Riograndense (BRG) de Rio Grande, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MCSHJC), em Porto Alegre, e na Biblioteca Pública Pelotense (BPP), em Pelotas.

Após realizar a pesquisa nos jornais editados em Pelotas, iniciei-a nos jornais da cidade de Rio Grande. Estes jornais tinham uma abrangência em todo o sul do Rio Grande do Sul. Pesquisei os exemplares do *O Rio-Grandense* (1845-1855) e do *Diário de Rio Grande* (1848-1911). *O Rio-Grandense*¹⁰⁰ foi pesquisado sistematicamente até o ano de 1848, porém, em 1845 encontrei

⁹⁵ *Diário de Pelotas* – substituiu o *Grátis de Pelotas* em 1º de agosto de 1859. Era gratuito. O exemplar de 1859 está disponível na Biblioteca Rio-Grandense – Rio Grande. Ref.: E. 017, P. 1, N.R. 157.761 – S.P.; e o de 1868 no 1868, n. 18, está disponível no Museu da Comunicação Social Hipólito José Costa – Setor Imprensa, Porto Alegre. Localização: MAP₂G₂.

⁹⁶ *O Comércio* – “Folha Comercial, Literária e Noticiosa”; seu proprietário era Joaquim Ferreira Nunes; cujos redatores eram diversos; publicado diariamente, excetuados os dias seguintes aos santificados e de festa nacional. Exemplares disponíveis na Biblioteca Rio-Grandense – Rio Grande – Coleção Kremer RS, n. 1 Sala Silva Paes.

⁹⁷ *O Regenerador* – propriedade de Manoel Joaquim da Silveira, cujos redatores eram Domingos José d’Almeida e diversos patriotas; era uma “folha política, comercial e noticiosa”; publicada às terças, quintas, sábados e domingos. O seu número 1 circulou em 26 de julho de 1863; funcionou até novembro do mesmo ano. Sua folha tinha o formato de 34 por 52 cm, com 4 páginas. O número 1 está disponível no Arquivo Histórico da Biblioteca Pública Pelotense – Pelotas. Localização: AP 034p.

⁹⁸ *O Brado Juvenil* – publicado todas as segundas-feiras, sob a direção de Idalino Campos da Luz; o número um foi publicado em 10.09.1866. Disponível na Biblioteca Rio-Grandense – Rio Grande. Localização: Reg. 11.482 Estante 61, Prat. 1.

⁹⁹ *Jornal do Comércio* – propriedade de Antonio Joaquim Dias, com 4 páginas e 4 colunas cada. Deste jornal localizei apenas o exemplar do dia 26.07.1870, que está disponível no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – Setor Imprensa, Porto Alegre. Localização: A₂G₃.

¹⁰⁰ *O Rio-Grandense* – jornal de Rio grande fundado em janeiro de 1845, publicado duas vezes por semana; em 1847 era de propriedade de Pomatelli & C., sendo redator Antonio José Caetano da Silva; em junho de 1847 passou a pertencer a José Maria Perry de Carvalho, aumentando de formato, cujos redatores eram José Antonio de Andrade e Antonio Bonone Martins Viana, que o comprou em maio de 1849. A partir de outubro de 1849 começou a ser publicado três vezes por semana. Em setembro de 1850 foi adquirido por Bernardino Berlink, tornando-se diário. Funcionou até a morte de Bernardino, no final de 1854, início de 1855. RODRIGUES, Alfredo F.. *Notas para a História da Imprensa no Rio Grande do Sul. (1828 – 1845)*. Rio Grande: Oficinas a Vapor da Livraria Americana, 1899, p. 32. Disponível na Biblioteca Rio-Grandense – Rio Grande. Localização N.R. 2844, E. 082, P. 8, 9 e 11.

somente exemplares do mês de novembro e em 1846 não consegui localizar nenhum exemplar. Este jornal apresentava poucas informações sobre Pelotas, então resolvi substituí-lo pelo jornal *Diário do Rio Grande*. Comecei a pesquisá-lo no ano de 1848, quando começou a ser editado. Posterior a este ano, *O Rio-Grandense* foi pesquisado esporadicamente para confirmar ou refutar dados, ou ainda, quando eram necessárias maiores informações. Dessa forma, pude averiguar algumas informações e ter outras impressões, que poderiam ser decorrentes do cunho político-ideológico do jornal.

O jornal *Diário do Rio Grande*¹⁰¹ foi pesquisado e forneceu várias informações sobre a vida cotidiana da cidade de Pelotas. O jornal começou a funcionar em 1848, fechando em 1911. Mesmo Pelotas já possuindo jornais nas décadas de 1850 e 1860, o *Diário do Rio Grande* foi pesquisado até 1870, pelas razões que acima explicitarei.

Este jornal era uma folha “essencialmente informativa”, destacando seu caráter noticioso, e foi, em etapas distintas, conservador e liberal; constituiu-se, a partir da década de 1860, em um dos mais importantes jornais rio-grandenses, especialmente na zona sul gaúcha, uma vez que sua circulação não se limitava a Rio Grande.

O jornal, como afirma Sena, era lido em outras cidades do sul do Rio Grande do Sul, como Pelotas, Bagé, Piratini, Jaguarão, Alegrete,

¹⁰¹ *Diário do Rio Grande* – fundado em 16 de outubro de 1848 por Antônio José Caetano, deputado provincial conservador; seus primeiros números eram em formato pequeno – 22x32 cm, dedicados sobretudo para transcrições de jornais da Corte ou estrangeiros; em 1º.01.1849 aumentou seu formato para 33x44, passando à propriedade de Silva & Melo, em virtude da admissão como sócio de Cândido Augusto de Melo; esta sociedade durou até 06.03.1849, quando o jornalista Bernardino Berlink assumiu a redação; em 1º.10.1854 o jornal passou às mãos de Antonio Estevam de Bettancourt e Silva; em 1º.01.1866 o advogado Henrique Bernardino Marques Canarim entrou para a sociedade, sendo Firmino Barbosa César o editor responsável, permanecendo até 31.12.1866; a sociedade foi dissolvida em 08.07.1873, permanecendo com Antônio Estevam; em 1º.07.1874 foi admitido Francisco Mauricio Gonçalves como co-titular da empresa, o qual arrendou o jornal em 17.01.1876, sendo Constantino Lucio Jardim o redator; em 20.05.1879 Zacarias Salcedo ingressou na redação, passando para sua propriedade individual em 21.06.1880. Foi um dos primeiros jornais que possuía prelos de ferro da região. Esteve em funcionamento até 1911. BARRETO, Abeillard. *Primórdios da Imprensa no Rio Grande do Sul*. – (1827-1850). Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicação e Concursos, 1986, p. 147-9. Disponível na Biblioteca Rio-Grandense – Rio Grande. Localização NR 1063.

Uruguaiana.¹⁰² Essa abrangência é perceptível dado o número de notícias veiculadas nas páginas do jornal destes locais. Durante todo o período havia informações da cidade de Pelotas, seja transcrevendo notícias dos jornais de Pelotas, como *O Pelotense* ou *O Noticiador*, ou notícias escritas pelo “correspondente do Diário do Rio Grande” em Pelotas. A coluna ocupava uma posição de destaque, pois era escrita na primeira página estendendo-se algumas vezes até a segunda; de 1856 a 1858 a coluna passou a se chamar “*Semanário Pelotense*”, e no início da década de 1860 denominava-se “*A Sentinela*”; nos outros períodos apenas era assinada como do “Correspondente do Diário do Rio Grande”. Por estes motivos preferi este jornal aos demais.

Os jornais foram pesquisados de forma sistemática, levantando-se as informações dia a dia, ano a ano (quando disponíveis), sendo consultados metodicamente, buscando levantar todas as informações sobre os espaços de sociabilidade constantes nos jornais. Este acompanhamento sistemático de todo o período em análise possibilitou detectar regularidades e inovações.¹⁰³

Na pesquisa encontrei e utilizei textos dos dois gêneros jornalísticos classificados por Melo¹⁰⁴. O jornalismo informativo tem por função registrar os fatos, os acontecimentos e informá-los à sociedade; este gênero engloba notas, notícias, reportagens, entrevistas; o gênero opinativo tem por função informar difundindo opiniões, procurando influenciar o leitor; este gênero engloba editoriais, comentários, artigos, crônicas, resenhas, colunas e cartas. Para definir os textos encontrados, utilizei as definições elaboradas também por Melo.

¹⁰² SENNA, Adriana Kivanski de. *As Tentativas de Implantação do Divórcio Absoluto no Brasil e a Imprensa Rio-Grandina (1889-1916)*. 2006. 290 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2006, p. 12.

¹⁰³ Ressalto que a inexistência das coleções completas, principalmente dos jornais de Pelotas, dificultou esse objetivo.

¹⁰⁴ MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. 2.ed.rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

A partir destas definições utilizei as notas, as notícias, tipos do gênero informativo; e os comentários, as crônicas sociais e as cartas de leitores, todos exemplos do gênero opinativo. Há diferenças significativas, em termos de intencionalidade e técnica discursiva, entre o primeiro, acrescido dos anúncios, e o segundo gênero jornalístico. O primeiro funciona como registro da ocorrência, remetendo para uma leitura sedimentar da realidade. O segundo, por seu lado, constitui uma elaboração valorativa da realidade em análise. O assunto tratado comporta a marca do seu autor, que busca ou tenta impor “a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.”¹⁰⁵

A diferença entre nota, notícia e reportagem está na progressão dos acontecimentos, na sua captação pela instituição jornalística e na acessibilidade de que goza o público. *Nota* consiste no relato de um acontecimento que está em processo de configuração, sendo o mais breve dos relatos; enquanto que *notícia* é o relato integral de um fato que já eclodiu no cenário social; esse gênero é a forma pela qual o jornalismo registra e leva os fatos ao conhecimento do público, sendo seus pressupostos a importância, a atualidade e a veracidade; a *reportagem* é o relato ampliando de um acontecimento que já repercutiu e produziu alterações no cenário social.¹⁰⁶

O *comentário* está vinculado com a realidade, sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo; para isso, o comentarista precisa ser muito bem informado de modo a julgar os acontecimentos com rapidez e prever seus desdobramentos. Como diz Melo, “O comentário explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas conseqüências.”¹⁰⁷. O comentário realiza uma apreciação valorativa de determinados fatos e possui continuidade.

¹⁰⁵ CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. ... Op. Cit., p. 17.

¹⁰⁶ MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo* ... Op. Cit., p. 65.

¹⁰⁷ MELO, José Marques de. *Idem*, p. 109.

O comentarista é um analista que aprecia os fatos, estabelece conexões, sugere desdobramentos, mas mantém um distanciamento das ocorrências. Conforme Melo¹⁰⁸, o comentário estrutura-se em duas partes: a síntese do fato e a enunciação de seu significado; e a argumentação que sugere o seu julgamento.

A *crônica* consiste numa “informação interpretativa e valorativa de fatos noticiosos, atuais ou atualizados, onde se narra e ao mesmo tempo se julga o narrado.”¹⁰⁹ Este gênero possui um caráter tipicamente informativo, com elementos valorativos que revelam a percepção pessoal do redator; é dedicada a assuntos variados, reunindo comentários sobre os mais diversos assuntos, que ocorreram durante um período, quase sempre uma semana.

Para Melo, a crônica exige uma participação direta e movimentada na vida mundana – reuniões da sociedade, teatro, parlamento – induzindo o cronista a incorporar a linguagem coloquial à sua narrativa, pois é “uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo.”¹¹⁰ A presença do redator no local em que os acontecimentos ocorreram, confere ao escrito autenticidade.

O leitor possuía um espaço para expressar suas opiniões através das cartas, existindo, assim, uma abertura nos jornais pesquisados para a circulação de diferentes pontos de vista. A opinião do leitor encontrava expressão através das sessões “a pedidos” e “correspondências”. Nestas duas sessões ele participava enviando cartas com seu ponto de vista, com questões, comentários sobre como foi e onde se desenvolveu determinada comemoração, festa ou entretenimento, denúncias, reivindicações, elogios e também era um espaço para expressar seu contentamento ou descontentamento ou ainda para informar sobre algo. Algumas vezes as cartas vinham assinadas com o nome do emissor, mas na maioria das vezes

¹⁰⁸ MELO, José Marques de. *Ibidem*, p. 110-1.

¹⁰⁹ MELO, José Marques de. *Ibidem*, p. 149.

¹¹⁰ MELO, José Marques de. *Ibidem*, p. 147 e 152.

não foi possível identificar seu escritor, pois utilizavam abreviaturas ou assinavam como “*Um seu leitor*”, “*Um sócio*”, “*Um apologista do mérito*”.

A *carta* é aquele espaço em certo sentido democrático, ao qual cada um pode recorrer; caracteriza-se por ser um manifesto opinativo, reivindicatório, cultural ou emocional do leitor. Esta era a única forma de participação do público leitor.

Também utilizei os *anúncios* e as *declarações*, que eram as matérias pagas. Os jornais do período pesquisado já apresentavam as duas últimas páginas de anúncios, entre eles os do teatro, das sociedades de baile, das festas, das atividades nas ruas e na praça, dos hotéis. Os anúncios exprimiram informações importantes para identificar as características dos espaços de sociabilidade, abertura e fechamento, atividades, horários, preços, etc; estas informações serviram para caracterizar os espaços de sociabilidade existentes e identificar o tipo de atividades neles desenvolvidas.

Para o período em que trabalho, o jornalismo que prevaleceu foi um jornalismo de caráter partidário, apesar de, nas primeiras décadas, terem proliferado jornais do tipo subalterno e personalista, “no pior sentido das paixões, cegueiras e dos destemperos individuais.”¹¹¹.

Zicman disse ainda que a imprensa era substancialmente política, a chamada imprensa de opinião. “Esta imprensa tinha características claramente políticas e apaixonadas, ultrapassando a simples função de ‘espelho da realidade’ para tornar-se um instrumento ativo de opinião pública.”¹¹²

Para Rüdiger¹¹³ o jornalismo gaúcho passou por duas fases. A primeira delas se caracterizou pelo jornalismo político-partidário, dominando desde a sua formação até a década de 1930. A segunda se caracterizou pelo

¹¹¹ REVERBEL, Carlos. *Tendências do Jornalismo ...* Op. cit., p. 111.

¹¹² ZICMAN, Renée B. *História através da imprensa ...* Op. cit., p. 91. [Grifo do autor]

¹¹³ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

jornalismo informativo e pela indústria cultural, começando a se desenvolver no início do século XX.

O jornalismo político-partidário, que predominou até a década de 1930, desenvolveu a concepção de que o papel dos jornalistas era essencialmente opinativo, veiculando matérias opinativas sobre questões públicas, comentários ideológicos e polêmicas com adversários, com um forte cunho doutrinário.

Considerando que o jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio filtro e, por esse motivo, “[...] toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de Imprensa consultados”¹¹⁴, expus, anteriormente, as características do jornais pesquisados,

[...] porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo, e talvez sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.¹¹⁵

Levo em conta que estou trabalhando com um documento que apresenta os fenômenos históricos de acordo com as perspectivas daqueles que o produziram, ou seja, as informações contidas nos jornais já são uma re-apresentação dos fatos, pois sabe-se que não existe um documento objetivo, inócuo, primário. “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.”¹¹⁶

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-os a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É antes de mais o resultado de uma montagem, consciente

¹¹⁴ ZICMAN, Renée B. História através da imprensa ... Op. cit., p. 90.

¹¹⁵ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ROMANO, Ruggiero (org.), *Enciclopédia Einaudi*. (Vol. 1 Memória-História). Porto: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984, p. 95-106, p. 104.

¹¹⁶ LE GOFF, Jacques. Idem, p. 102.

ou inconsciente da história, da época, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.¹¹⁷

Como toda fonte histórica, os jornais possuem vantagens e desvantagens, o que demanda cuidados na sua utilização. Um problema no uso da fonte jornalística é a ausência de uma crítica interna ao seu conteúdo e sua utilização como se fosse uma fonte precisa, fazendo a informação valer por si mesma. Zicman considerou que “para os historiadores o jornal é antes de tudo uma fonte que ‘recupera’ o fato histórico – uma ponte ou trampolim em direção à realidade – não havendo entretanto interesse por sua crítica interna.”¹¹⁸.

Cláudio Elmir¹¹⁹ apresentou algumas considerações metodológicas para o uso do jornal como fonte de informação histórica, visando amenizar os problemas no seu uso: o jornal jamais deve ser visto como um dado, ele é o receptáculo de textos que exigem uma leitura diferente da que fazemos com os jornais de hoje – deve-se fazer uma leitura intensiva desses jornais, ou seja, a leitura deve ser meticulosa, demorada, exaustiva; deve-se levar em conta que não somos os “leitores-modelo” do jornal, que são aqueles para o qual o discurso do jornal se dirige; ao ler as matérias do jornal, deve-se saber distinguir entre aquilo que é significativo daquilo que é fortuito; a análise do maior número de jornais deve ser a primeira garantia para o não cometimento de erros, ainda que não seja toda garantia; a imprensa não pode ser fonte exclusiva para qualquer pesquisa histórica, é necessária a pesquisa bibliográfica, para situar o objeto de pesquisa num quadro maior de estudos sobre o nosso assunto; além de ler os documentos, é preciso elaborar o contexto dentro do qual estes documentos surgiram. O autor concluiu dizendo:

¹¹⁷ LE GOFF, Jacques. *Ibidem*, p. 103.

¹¹⁸ ZICMAN, Renée B. *História através da imprensa ... Op. cit.*, p. 90.

¹¹⁹ ELMIR, Cláudio Pereira. *As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, n. 13, p. 19-29, 1995.

Eu acredito que hoje o grande desafio que nos é colocado por esta fonte é o de ter a humildade de querer aprender a ler o jornal fazendo outras perguntas, socorrendo- nos em outras disciplinas do conhecimento, buscando não mais o que está escondido ou subsumido nas linhas do seu texto, mas a leitura meticulosa do que é visível.¹²⁰

Considero importante utilizar outras fontes junto com a fonte jornalística, desse modo, utilizo também, como fonte documental, as atas da Câmara Municipal de Pelotas, para confirmar ou esclarecer determinados fatos; dados manuscritos, como os de Alberto Coelho da Cunha; estatutos de sociedades; códigos de posturas; relatos de viajantes; fontes arquivísticas, como inventários, testamentos e registro de casamento e óbitos; e, bibliografias diversas. Porém, dado o tempo transcorrido e a escassez de outras fontes, a maior parte da pesquisa se baseou nas informações disponíveis nos jornais.

Os jornais são fontes que, de acordo com Pesavento¹²¹, já chegam ao historiador como representações ou como registros que se colocam no lugar de algo que um dia existiu. A imprensa é considerada como uma representação construída possível acerca do real, pois não apresenta o passado tal como ele aconteceu, como se fosse um reflexo ou uma cópia do real, mas é um sinal do passado, um indício que se coloca no lugar do acontecido, que se substitui a ele.

A análise dos jornais permite interpretar como a realidade social foi construída através de uma visão de mundo, demonstra como os redatores viam a sociedade de então e como a comunicavam aos leitores, de acordo com suas posições, intenções e interesses. Nesta perspectiva, a História Cultural se torna “uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado.”¹²² Como salienta Capelato, a imprensa é tomada não como um espelho da realidade, mas:

¹²⁰ ELMIR, Claudio P. *Idem*, p. 27.

¹²¹ PESAVENTO, Sandra J. *A construção de uma Porto Alegre ... Op. Cit..*

¹²² PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural. ... Op. Cit., p. 43.*

[...] como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas.¹²³

Mesmo utilizando documentos, que são textos do passado, não o passado, esses serão sempre permeados por uma consciência atualizada. As fontes são vestígios do passado, e como tal, não são neutras. Assim, os traços do passado que chegam ao historiador precisam ser construídos, enquanto passado, pela escrita do historiador. O texto do historiador tem uma pretensão à verdade, pois se referem a um passado real, “mas toda estratégia narrativa de refigurar essa temporalidade já transcorrida envolve representação e reconstrução.”¹²⁴

Destaco que este trabalho é uma representação e uma reconstrução do passado no que se refere aos espaços de sociabilidade em Pelotas, no século XIX, dentre outras versões possíveis, pois sabe-se que a representação “não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele.”¹²⁵ Porém, o historiador deve elaborar uma versão plausível, verossímil de como foi, a partir dos traços deixados pelo passado.

Levando em conta os aspectos teórico-metodológicos apontados ao longo deste capítulo e buscando responder aos questionamentos levantados, a tese foi dividida em três partes, que coincidem com os três níveis da sociabilidade destacados anteriormente. A primeira apresenta os espaços formais de sociabilidade fundados pela elite pelotense a partir do início da década de 1850 até o final da década de 1860, ou seja, aborda as

¹²³ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988, p. 24.

¹²⁴ “Reconstrução porque, ao reinscrever o tempo do vivido no tempo da narrativa, ocorrem todas as variações imaginativas para possibilitar o reconhecimento e a identificação. Representação porque a narrativa histórica tanto se coloca no lugar daquilo que aconteceu quanto lhe atribui um significado.” PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. ... Op. Cit., p. 36.

¹²⁵ PESAVENTO, Sandra J. *Idem*, p. 40.

associações recreativas e culturais organizadas na cidade. As principais delas foram as sociedades de baile. Além destas, outras sociedades culturais foram organizadas, porém, em menor número e com uma vida mais efêmera, são elas: uma sociedade dramática, uma sociedade literária e um clube de recreio. Juntamente com estas sociedades foram fundadas outras associações de assistência e caridade, demonstrando ser este um período de "explosão associativa" aliada a uma diversidade das formas associativas.

A segunda aborda os espaços semiformais de sociabilidade, ou seja, aqueles espaços não tão restritos e seletivos como os formais e nem tão abertos como os espaços informais. Neste capítulo incluí o teatro (primeiro subcapítulo) e os hotéis (segundo subcapítulo). O teatro, mesmo estando em funcionamento desde o início da década de 1830, é após a Revolução Farroupilha que intensifica e diversifica suas atividades com as companhias estrangeiras e com a diversificação dos espetáculos – dramáticos, líricos, de prestidigitação, e com a realização de bailes de máscaras, e, ainda, com o aumento do número de espetáculos. Os hotéis são espaços privados que proporcionam locais para a sociabilidade, principalmente masculina, com espaços para jogos, bebida e comida e com o oferecimento de salas e salões para banquetes.

A terceira apresenta os espaços informais de sociabilidade, também em dois subcapítulos, respectivamente, as principais ruas do centro da cidade e do porto e a Praça da Regeneração [atual Coronel Pedro Osório]. Nesses locais a elite realizava diversas atividades. Esses espaços abertos foram palco para festas religiosas e cívicas, para o entrudo, para as demonstrações de apreço às personalidades que visitavam a cidade e também foram extensões dos espaços privados, por isso, se tornaram alvo de preocupações da população, com o objetivo de transformá-los em locais mais aprazíveis para a sociabilidade ao ar livre.

2 Espaços Formais de Sociabilidade: as Associações

Neste capítulo analiso a sociabilidade formal da elite pelotense após a Revolução Farroupilha. Os espaços formais de sociabilidade, ou as associações, começaram a ser organizadas em Pelotas após a Revolução Farroupilha, quando a cidade retomou seu desenvolvimento sócio-econômico e cultural, paralisado pelos dez anos da guerra.

Especificamente analiso as associações recreativas e culturais, identificadas no período em que estudo, como sociedades¹²⁶. Estas sociedades eram agrupamentos formais organizados em local específico e fechado, através de estatutos, com caráter permanente e presença voluntária de sócios. A finalidade principal era oferecer para seus membros um espaço para interação entre os mesmos. Estudando estes espaços formais foi possível descrever o comportamento dos indivíduos em sua vida relacional e a sociedade através de um de seus agrupamentos particulares, ou seja, as associações.

Busquei identificar estas sociedades recreativas e culturais, suas características e a participação da elite nestes espaços, para verificar de que forma essas organizações foram importantes para consolidar a elite pelotense do século XIX, visando manter seus costumes, sua civilidade¹²⁷ e urbanidade, sinais distintivos desta elite.

¹²⁶ Na França essas associações eram identificadas por *cercle*; em Portugal por *assembleia*; na Inglaterra por *clube*; na Itália por *casin*; e, na Espanha por *casino*.

¹²⁷ Civilidade tinha, antes de formado e firmado o conceito de civilização, a mesma função que este último, ou seja, a de “expressar a auto-imagem da classe alta europeia em

As associações relacionadas à recreação e à cultura começaram a ser organizadas em Pelotas no início da década de 1850. A fundação destas sociedades não foi um movimento isolado, já que viu-se desenvolver um grande número de outras associações na cidade, quer de interesse público – como as sociedades filantrópicas ou assistenciais; quer setoriais – as sociedades mutualistas; ou, religiosas – a maçonaria e as irmandades.

A primeira instituição destinada à prática da caridade ou da filantropia foi a Santa Casa de Misericórdia, que começou a atuar na cidade a partir de 1846, como uma irmandade, cujo objetivo era construir um hospital, o qual se concretizou em 1848¹²⁸. Outra instituição de interesse filantrópico foi o Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição, aberto em 1855, estando vinculado diretamente à maçonaria¹²⁹.

A década de 1850 também foi o cenário para a fundação de sociedades mutualistas. As primeiras foram uma sociedade alemã, a “Deutscher Krankenverein”¹³⁰ e a Sociedade Portuguesa de Beneficência¹³¹, ambas criadas em 1857.¹³²

comparação com outros, que seus membros consideravam mais simples ou mais primitivos, e, ao mesmo tempo, caracterizar o tipo específico de comportamento através do qual essa classe se sentia diferente de todos aqueles que julgava mais simples e mais primitivos”. No processo de civilização, civilidade era o estágio do meio, precedido de cortesia. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. ... v.1, Uma história dos Costumes. Op. Cit., p. 54.

¹²⁸ Em janeiro de 1846 fundou-se a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, que era uma associação destinada a manter um hospital e que posteriormente assumiu outras atividades assistenciais como a criação de expostos e o enterramento dos mortos. O primeiro hospital da Santa Casa de Misericórdia começou a funcionar em 19 de março de 1848. TOMASCHEWSKI, Cláudia. *Caridade e filantropia na distribuição da assistência: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas – RS (1847-1922)*. 2007. 257f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2007, anexo A, p. 55.

¹²⁹ O Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição foi fundado em 1855 por iniciativa do Dr. Joaquim José Affonso Alves, que era presidente da sociedade maçônica União e Concórdia, que se formou a partir da fusão de duas sociedades existentes na cidade, uma denominada Protetora da Orfandade e a outra Comércio e Indústria. O principal objetivo da sociedade formada era a criação de um asilo de órfãos. CUNHA, Alberto Coelho. *Síntese Histórica da Beneficência Portuguesa; Santa Casa de Misericórdia; Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição; Asilo de Órfãos de São Benedito; Asilo de Mendigos*. Manuscrito. (BPP – Arquivo Histórico ACC-018).

¹³⁰ Esta sociedade foi a primeira sociedade mutualista étnica de teutos na Província. Ela foi seguida de mutuais em Porto Alegre e Santa Maria, em 1858 e 1866, respectivamente. SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço. *As Sociedades de Socorros Mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul-Brasil, 1854-1940)*. 2004. 574f. Porto Alegre,

Assim, percebe-se, a partir da década de 1850 um *boom* das sociedades em Pelotas, sejam elas recreativas, assistenciais/mutualistas, ou filantrópicas. A criação dessas sociedades a partir da segunda metade do século XIX pode estar vinculada, como afirma Adhemar da Silva Jr., a uma espécie de “epidemia cultural”, que estimulou o associativismo entre o período do Iluminismo e a Primeira Guerra Mundial, o que já havia sido constatado por outros autores para a América Latina e Estados Unidos.¹³³

Assim, este período se distinguiu dos anteriores à Revolução Farroupilha pela criação dessas associações e pela diversidade destas formas associativas, que incluem sociedades de baile, clubes de recreio, sociedades literárias, sociedades filo-dramáticas, associações de ajuda mútua, associações de assistência e caridade, entre outras.

Maurice Agulhon¹³⁴ conclui, para o caso francês, que a implantação e a difusão de associações ocorreram preferencialmente em centros urbanos. Essa “explosão associativa” ocorrida em Pelotas pode estar vinculada ao desenvolvimento econômico, sócio-cultural e urbano que a cidade experimentou após a Revolução Farroupilha.

Através da Lei nº 5 de 27 de junho de 1835, Pelotas atingiu a condição de cidade, juntamente com Rio Grande. Essa condição decorreu do aumento da população, do seu desenvolvimento econômico, com a implantação de várias fábricas e casas comerciais. Nesse ano o Rio Grande do Sul passou a contar com três cidades: Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande¹³⁵.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Tese de Doutorado, 2004, p. 106

¹³¹ A Sociedade Portuguesa de Beneficência foi fundada em 16 de setembro de 1857, cujo hospital funcionava na rua da Igreja [atual Anchieta]. Seu edifício próprio foi inaugurado em 14 de julho de 1861, na rua das Flores [atual Andrade Neves]. OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. 3.ed.rev. Pelotas: Armazém Literário, 1998. v.2., p. 378.

¹³² Conforme o Anexo 1 – Mutuais formadas no Rio Grande do Sul (1854-1939) de SILVA JUNIOR, Adhemar L.. *As Sociedades de Socorros Mútuos: ...* Op. cit., p. 568.

¹³³ SILVA JUNIOR, Adhemar L.. *Idem*, p. 83.

¹³⁴ AGULHON, Maurice. *Le cercle dans La France ...* Op. Cit., p. 32-4.

¹³⁵ Rio Grande foi elevada à categoria de cidade juntamente com Pelotas, através da Lei Nº 5 de 27 de junho de 1835. Lei Nº 5 de 27 de junho de 1835, p. 9-10. PROVÍNCIA de São Pedro

Conforme já aponte, com a Revolução Farroupilha a cidade de Pelotas estagnou, com a diminuição de sua população e das atividades econômicas. Porém, houve indícios que Pelotas retomou seu crescimento econômico já em 1841, mesmo antes do término da Revolução, pela instalação de novas fábricas, casas comerciais e de hospedagem; em 1844 a Câmara Municipal reiniciou suas atividades, que haviam sido suspensas em fevereiro de 1836.

A população também começou a retornar antes mesmo do término da Revolução, por volta de 1843, coincidindo com o declínio da mesma. Esse aumento se deu também pela instalação de uruguaios, que se evadiram da Guerra de Oribe em 1842, e de outros imigrantes, principalmente europeus, que se instalaram na cidade. Assim, em pouco mais de 10 anos, sua população dobrou, chegando a 12.893 almas em 1860, destes, 7.763 livres¹³⁶.

Após a Revolução, as charqueadas permaneceram sendo o núcleo de maior circulação monetária e acumulação de capitais, sofrendo um processo de modernização, estimulado pela concorrência platina, pela proibição do tráfico negreiro e pela inclusão das estâncias do norte da Província como fornecedoras de gado para o abate. Os estabelecimentos foram remodelados com a introdução de inovações tecnológicas e relações de trabalho assalariadas. Surgiram indústrias complementares, como curtumes, fábricas de sabão e velas e adubos, diversificou-se a aplicação do capital em outras atividades, intensificaram-se as operações de crédito e as transações bancárias.¹³⁷

Essas indústrias complementares, utilizando os resíduos das charqueadas, começaram a se instalar principalmente com a participação

do Rio Grande do Sul. *Lei Nº 5 de 27 de junho de 1835*. Coleção das Leis Provinciais de S. Pedro do Rio Grande do Sul (1835-1851). (Livro 570 – Legislação Provincial. AHRGS).

¹³⁶ O Brado do Sul, quinta-feira, 05.01.1860, p. 1, n. 230, ano II. Pelotas.

¹³⁷ MAGALHÃES, Mario O. *Opulência e Cultura na Província ...* Op. cit..

do imigrante europeu.¹³⁸ Desse modo, Pelotas apresentava uma estrutura mista de industrialização, conciliando indústrias de produtos derivados da pecuária, de grande porte e destinados à exportação e pequenos estabelecimentos de caráter artesanal que produziam bens de consumo para o mercado regional.

A partir da instalação de fábricas e casas comerciais, da reativação das charqueadas e do aumento da população, houve uma maior preocupação com a melhoria do espaço urbano através dos serviços de infra-estrutura, que visavam transformar a cidade de Pelotas em um espaço mais aprazível para se viver.

A infraestrutura e os serviços urbanos estavam diretamente relacionados com a sociabilidade da população de Pelotas no século XIX. A manutenção das ruas da cidade em boas condições era importante para os passeios, as procissões, e também para a chegada a espaços fechados de sociabilidade, como ao teatro. Nas noites em que as ruas estavam intransitáveis, devido a chuvas e sua conseqüente inundação, com a presença de lama e poças, as atividades no teatro eram suspensas e transferidas.

A iluminação da cidade, principalmente das ruas centrais, era importante para a abertura e manutenção dos espaços de sociabilidade noturna, como as sociedades recreativas, o teatro e os hotéis. Após a Revolução Farroupilha a cidade começa a ser iluminada, inicialmente na área central, onde se localizavam os principais espaços de sociabilidade de Pelotas, e se intensifica a preocupação com a conservação e a limpeza das ruas.¹³⁹

¹³⁸ VIEIRA, Sidney Gonçalves; PEREIRA, Óthon Ferreira; TONI, Jakson Silvano de. A Evolução Urbana de Pelotas: um estudo metodológico. *História em Revista*, Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, Pelotas, n. 1, p. 21-34, setembro de 1994, p. 27-8.

¹³⁹ GUTIERRES, Ester J. B. *Barro e Sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. 1999, 549 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre.

Também é desse período o desenvolvimento de atividades intelectuais, com a fundação de jornais, a publicação de livros e a abertura de espaços para seu consumo, e a intensificação das atividades no teatro.

Para Magalhães, é durante os anos de 1851 e 1860:

[...] que Pelotas vai dar o salto capaz de situá-la entre as cidades pequenas mais prósperas do Brasil. Nestes dez anos pode concretamente efetivar a sua recuperação econômica e delinear a sua configuração urbana, que irão se consolidar no período seguinte, mantendo-se no apogeu entre 1860 e 1890.¹⁴⁰

Depois da Revolução Farroupilha, com o retorno da população, com os estrangeiros que aqui chegaram e o desenvolvimento econômico e social-urbano, a cidade estava recomeçando seu desenvolvimento e também reorganizando sua vida social e cultural. De certo modo, estes diferentes fatores urbanísticos, econômicos e culturais condicionaram as relações sociais na cidade, estimulando e facilitando os encontros. As formas, tipos e expressões da sociabilidade variam segundo as estruturas e sistemas econômicos, demográficos e de organização social e política de cada sociedade. Elias¹⁴¹ destacou as ligações entre mudanças na estrutura da sociedade e mudanças na estrutura do comportamento e da constituição psíquica.

A vitalidade retornou, os encontros e as diversões públicas floresceram na cidade, com a fundação desses novos e variados espaços formais de sociabilidade, pois, "quanto mais as relações interpessoais são numerosas e diversas, mais grupos elas colocam em jogo"¹⁴².

Associações, variados espetáculos no teatro, diversas atividades nas ruas e na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] animavam a vida pública em Pelotas no início da segunda metade do século XIX e eram resultado do desejo da elite de se encontrar. A elite buscava cada vez mais os encontros públicos nas ruas e na Praça, nos hotéis e nos novos lugares privados destinados aos encontros, como as sociedades, pois, a

¹⁴⁰ MAGALHÃES, Mario O. *Opulência e Cultura na Província ...* Op. Cit., p. 70-1.

¹⁴¹ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. ...* v.1, Uma história dos Costumes. Op. Cit., p. 17.

¹⁴² AGULHON, Maurice. *Le cercle dans La France ...* Op. Cit., p. 12.

sociabilidade em Pelotas nesse período estava diretamente relacionada aos encontros fora do círculo familiar. Essa renovação da sociabilidade urbana se insere na nova noção de público, que se instaura como espaço privilegiado de intercâmbio.

Assim, é após a Revolução Farroupilha que se produz um desenvolvimento importante do movimento associativo. São organizações de objetivos e conteúdos diversos, mas que têm em comum o fato de fundarem-se na adesão voluntária dos participantes. Essas associações indicavam “uma tendência à transformação das formas de organização da vida comunitária”¹⁴³.

Esse movimento associativo, que se define como fenômeno urbano, dá a “sensação de renascimento social”, como diz Pilar González, que se viu realçada pelo aumento da população urbana e uma relativa estabilidade política que se fez sentir em seguida da Revolução Farroupilha.

Essas novas práticas de sociabilidade urbana são a matriz de uma nova sociedade, pois acompanham “a invenção do indivíduo, a valorização dos laços contratuais, o ideal de igualdade, o império da opinião, a soberania da coletividade”¹⁴⁴. A criação desses novos espaços representa uma sociedade civilizada e urbanizada, menos atrasada e mais moderna, sendo um signo de progresso, que é medido pelo grau de desenvolvimento da sociabilidade¹⁴⁵. A criação e a participação em espaços formais de sociabilidade se tornam, assim, um critério de distinção social.

Tal movimento associativo não se fez acompanhar de uma legislação a respeito do direito de associação. Até 1891 a vida associativa se desenvolvia dentro de uma liberdade “de fato”, pois não estava acompanhada por uma regulamentação específica a respeito das associações. Somente com a Constituição da República dos Estados Unidos

¹⁴³ GONZÁLEZ Bernaldo de Quirós, Pilar. *Civilidad y Política en los Orígenes de La Nación Argentina: las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862*. 2.ed., Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008, p. 101.

¹⁴⁴ GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Idem*, p. 23.

¹⁴⁵ GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Ibidem*, p. 251.

do Brasil de 1891, no artigo 72 do Título IV – Dos cidadãos brasileiros, Sessão 2 – Declaração dos Direitos, é declarada a liberdade de associação:

Art. 72. A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade nos termos seguintes: [...] §8º A todos é lícito associarem-se e reunirem-se livremente e sem armas; não podendo intervir a Polícia, senão para manter a ordem pública.¹⁴⁶

Desde 1850 até a aprovação da Constituição Brasileira, em 1891, ou seja, após a Proclamação da República, o associativismo voluntário, com objetivos diversos, progrediu em Pelotas. Essas sociedades culturais e recreativas não necessitavam de aprovação, nem em nível local e nem provincial¹⁴⁷.

Este capítulo mostra, então, as sociedades recreativas e culturais organizadas em Pelotas entre as décadas de 1850 e os anos finais da década de 1860. Neste período encontrei referências de onze associações recreativas e culturais, a maioria delas sociedades de baile, em número de oito. As demais eram um clube de recreio, uma sociedade teatral e uma sociedade literária.

As primeiras associações recreativas organizadas na cidade de Pelotas foram as sociedades de baile, assunto da primeira parte deste capítulo. Os bailes começaram a ser organizados em sociedades no início da década de 1850. Antes disso, eles eram uma forma de sociabilidade existente na freguesia, vila e cidade de Pelotas, porém, ocorriam esporadicamente, participando do programa de comemorações cívicas, sendo realizados, principalmente, na casa da Câmara.

¹⁴⁶ BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, decretada e promulgada pelo Congresso Nacional Constituinte em 24.02.1891. Título IV Dos cidadãos brasileiros, Sessão 2 Declaração dos Direitos. Disponível em: www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes.

¹⁴⁷ Busquei verificar se essas associações necessitavam de alguma aprovação oficial para seu funcionamento ou se seus estatutos precisavam ser aprovados pelo governo provincial, como as sociedades de socorro mútuo. Pesquisei as atas da Câmara de Pelotas e a legislação provincial desse período, e em nenhum momento há alguma referência a essas sociedades. Posso concluir que elas não estavam institucionalizadas, ou seja, que não estavam vinculadas ao poder público.

Além das sociedades de baile, outras associações culturais e recreativas com objetivos específicos começaram a ser organizadas na cidade. Eram em menor número e não possuíam tanta expressividade como aquelas, mas fizeram parte do contexto da cidade de Pelotas no período, estando integradas as demais associações. São elas: uma sociedade literária, uma sociedade filo-dramática e um clube de recreio. Estas associações serão abordadas na segunda parte deste capítulo.

Conforme constatado por investigações feitas em diversas regiões da Europa, como Inglaterra, França, Alemanha, Suíça, Itália, Espanha e Portugal, o associativismo voluntário de vertente cultural e recreativa teve especial vitalidade no século XIX, ganhando crescente importância. Destes estudos, Maria Ana Bernardo destacou alguns traços comuns, além das peculiaridades e ritmos evolutivos próprios de cada país, importantes para a compreensão do fenômeno também em Pelotas:

1) Estas associações emergem num amplo espectro de manifestações de sociabilidade, em grande parte oriundo de épocas anteriores, acrescentando-lhe um factor de complexidade e contribuindo para tornar mais densa a rede existente; 2) fazem parte das chamadas sociabilidades formais, uma vez que a sua fundação e a sua vigência se estruturaram segundo princípios e regras estatutariamente definidos e conforme os aparelhos jurídicos nacionais; 3) inserem-se numa tendência de crescente complexidade funcional do espaço urbano, sobre o qual os diferentes grupos recortam, delimitam e inscrevem as marcas operativas da construção da sua identidade social; 4) enquadram-se na teoria da circulação de modelos, constituindo um dado da vida colectiva que, por emulação, se difunde do topo para a base da hierarquia social: as primeiras associações deste tipo são dinamizadas, geralmente, por aristocratas ou burgueses, operando-se depois uma apropriação das suas características formais por parte de outros grupos; a par desta difusão que atravessa verticalmente o universo social, ocorre uma outra que conduz à sua expansão geográfica, dos centros urbanos mais importantes até outros núcleos de menores dimensões; 5) proporcionam práticas de sociabilidade selectivas, especialmente na sua configuração aristocrática e burguesa, dados que os critérios de admissão prescritos nos estatutos estabeleciam filtragens de ordem sociológica e financeira, excluindo os indivíduos que não correspondiam ao perfil traçado; mas são também selectivas, enquanto ilhas de sociabilidade masculina, traduzindo todo um conjunto de alterações económicas, políticas e até mentais, que fizeram do espaço doméstico um santuário da privacidade, de tonalidade fortemente afectiva e feminina, de modo a que a convivialidade mundana masculina passou a desenrolar-se preferencialmente fora desta matriz; 6) consideram

diversos autores que o impulso do associativismo voluntário do século XIX, no qual se englobam as associações culturais e recreativas, apareceu como forma inovadora de organização da vida colectiva, expressão do esboroar dos critérios de hierarquização e organização da sociedade de ordens, face aos eixos estruturadores da sociedade liberal e burguesa.¹⁴⁸

Esses aspectos listados por Maria Ana Bernardo também caracterizam as associações recreativas e culturais organizadas em Pelotas no mesmo século, e que serão demonstradas no decorrer deste capítulo. Pela sua especificidade, as associações abordadas nesta tese, possuem, ainda, outras características específicas: são associações a que a elite se dedica durante seu tempo livre; a associação dos membros desta elite é voluntária; e se formam para alcançar objetivos comuns, como recreio, convivialidade e cultura, sendo, portanto, espaços de sociabilidade.

¹⁴⁸ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ... Op. Cit.*, p. 50.

2.1 “Para que vem ao baile, se não vem para dançar?”: as Sociedades de Baile

Neste capítulo abordo o que considero as principais e mais importantes sociedades recreativas organizadas em Pelotas no início da segunda metade do século XIX – as sociedades de baile. Algumas constatações justificam esta minha consideração: tais sociedades foram um espaço de congregação de uma elite emergente na cidade, criada em função das charqueadas e de suas atividades complementares; o baile e a dança tinham um grande significado para a sociedade da época por apresentarem-se em um elevado número entre 1850 e 1870 e pelo destaque dado na imprensa a estas sociedades recreativas.

Desse modo, busco responder as seguintes questões: Por que a elite pelotense funda essas sociedades de baile? O que essas sociedades representavam no contexto da sociedade da época? Como se deu a organização dessas sociedades de baile na cidade de Pelotas? Como a elite se relacionava nesses espaços e o que isso representava? Quem era essa elite?

Também é possível, neste capítulo, compreender a evolução histórica dessas associações. Elas tiveram uma evolução – nascimento, auge e morte; umas mais rapidamente, outras mais lentamente.

Para responder essas questões utilizo principalmente as fontes jornalísticas. Como diz Loner¹⁴⁹, já citada, os jornais do século XIX são importantes fontes para conhecer o modo de vida de uma cidade como Pelotas, pois revelam detalhes do cotidiano das pessoas daquela época. Além dos jornais publicados em Pelotas, os jornais de Rio Grande foram importantes fontes desta pesquisa, pois apresentavam informações sobre Pelotas, principalmente através de seu correspondente na cidade. Semanalmente, no “Semanário Pelotense”, o comentarista divulgava os últimos acontecimentos da cidade, tecendo comentários pormenorizados sobre os eventos ocorridos, entre eles, os recreativos realizados em espaços formais e informais de sociabilidade.

Além dessas fontes jornalísticas, utilizei os estatutos de duas sociedades de baile – os Estatutos da Sociedade *Recreação Pelotense*, elaborados e aprovados em 07 de novembro de 1851¹⁵⁰ e o Regulamento Interno da mesma sociedade, aprovado na mesma data¹⁵¹; e os Estatutos da Sociedade *Fênix Pelotense*, aprovados em 25 de outubro de 1867¹⁵². Esses estatutos foram importantes para conhecer a organização interna dessas sociedades, suas normas e regras de funcionamento.

Inicialmente procurei identificar o nome da sociedade, o tipo, a localização, os sócios e as datas de início e término. Como diz Adhemar da Silva Jr. “nada é muito simples na pesquisa histórica, e muitos já devem ter sofrido o mesmo que eu: ao procurarem datas de início e término, só encontraram primeiros e últimos registros sobre entidades.”¹⁵³ Eu sou uma dessas, e registrei o fim de muitas sociedades apenas pelo seu desaparecimento nas fontes jornalísticas ou por perguntas como “qual o

¹⁴⁹ LONER, Beatriz Ana. *Jornais Pelotenses Diários ...* Op. cit..

¹⁵⁰ Os estatutos dessa sociedade foram publicados em: *O Pelotense*, segunda-feira, 26.04.1852, p. 1-2, n. 73, ano II. Pelotas; e, *O Pelotense*, terça-feira, 27.04.1852, p. 1, n. 74, ano II. Pelotas. (Ver Anexo 1)

¹⁵¹ O Regulamento da Sociedade *Recreação Pelotense* foi publicado em: *O Pelotense*, quarta-feira, 28.04.1852, p. 1-2, n. 75, ano II. Pelotas. (Ver Anexo 2)

¹⁵² ESTATUTOS DA SOCIEDADE FÊNIX PELOTENSE. Pelotas: Typ. de Joaquim Ferreira Nunes, 1868. (Arquivo Histórico ENT – 034. BPP. Pelotas). (Ver Anexo 3)

¹⁵³ SILVA JUNIOR, Adhemar L.. *As Sociedades de Socorros Mútuos: ...* Op. cit., p. 77.

motivo que leva em mira para privar-nos das partidas mensais?" Estou consciente de que este não é um critério muito confiável, mas o único possível diante da distância temporal que me separa da abertura e do fechamento das sociedades. De uma das sociedades pesquisadas – *Cassino Pelotense* – apenas consegui identificar o seu fim, pois as informações anunciavam um esplêndido baile para sua despedida e substituição pela *Sociedade Recreio Pelotense*.

Outra dificuldade foi a identificação dos nomes e do número de sócios. Não encontrei listas de sócios nem atas ou relatórios das sociedades que pudessem me dar esse número ou seus nomes¹⁵⁴. Assim, os nomes dos sócios que identifiquei foram os que participaram, em algum momento, de uma das diretorias, de chapas que foram divulgadas ou de alguma comissão com os nomes dos participantes. Porém, não foi possível identificar o número de sócios de cada uma das sociedades. Posso dizer que uma delas possuía aproximadamente 100 sócios, o que foi considerado, pelo correspondente do jornal *Diário do Rio Grande* em Pelotas, um bom número para começar¹⁵⁵. Posso supor que as sociedades possuíam mais de 100 sócios no auge de seu funcionamento.

Assim, os sócios que aparecem nesta tese são os que, em algum momento, participaram das diretorias ou de comissões que foram divulgadas, ou que, eventualmente foram citados como sócios. Para caracterizar os sócios utilizei os dados da *Lista Geral dos Cidadãos Qualificados Votantes no 1º Distrito de Pelotas*, de 03.02.1865, dos registros de óbitos da *Cúria Diocesana* da Catedral São Francisco de Paula e dos inventários do Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERGS).

A localização ou o endereço da sede destas sociedades foi outra característica que ficou, para a maioria delas, sem resposta. Como não foi encontrado nenhum documento oficial que indicasse o endereço, e os

¹⁵⁴ Mesmo sabendo que, pelo menos a *Sociedade Fênix Pelotense* possuía os seguintes livros – de atas, de registro de sócios, de conta corrente e de inventário de objetos da casa, previstos no seu estatuto, não encontrei nenhum deles.

¹⁵⁵ *Diário do Rio Grande*, sexta-feira, 15.11.1867, p. 1, n. 5.666, ano XX. Rio Grande.

anúncios não o informavam, dado que todos já sabiam onde as associações se localizavam, apenas a localização de duas sociedades pôde ser identificada. Uma delas porque seu salão foi utilizado para uma exposição de "retratos a electrotipo" e no seu anúncio indicava-se o endereço. A outra iniciou suas atividades no salão do Asilo de Órfãos Desvalidas, o qual era alugado para sociedades de baile após o fechamento do estabelecimento de ensino que funcionava junto ao mesmo, em 1863¹⁵⁶, ou seja, a associação não possuía salão próprio.

O tipo de sociedade, ou os objetivos para o qual foi fundada, foi uma característica que não tive muitos problemas para identificar. Mas, mesmo assim, fiquei em dúvida em uma delas. A sociedade *Recreio da Mocidade* parece que possuía características de uma sociedade de baile, pois oferecia as "partidas", expressão utilizada na época para designar os bailes, mas, seu objetivo era "a distração de seus sócios na atualidade, e à proporção que os fundos permitirem, acrescentará algumas matérias de instrução"¹⁵⁷.

As sociedades de baile tiveram grande participação na vida social de Pelotas nas décadas seguintes à Revolução Farroupilha, quando foram organizadas as primeiras associações como esse objetivo. Porém, antes disso os bailes já eram oferecidos na cidade de maneira esporádica e sem local específico.

Na elevação da Freguesia de São Francisco de Paula à categoria de Vila, em 7 de abril de 1832, houve uma comemoração com diversas mostras de regozijo pelo dia: as casas foram iluminadas; os moradores percorreram as ruas tocando e cantando o Hino Nacional; houve Te-Deum na Igreja Matriz; espetáculo da Cavahada foi apresentado na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], onde foi proclamada a nova vila; houve representação no Teatrinho Sete de Abril; terminando os festejos "com

¹⁵⁶ CUNHA, Alberto Coelho. *Síntese Histórica da ...* Op. Cit..

¹⁵⁷ Diário do Rio Grande, sexta-feira 10 e sábado 11.05.1861, p. 1, n. 3725, ano XIV. Rio Grande.

um baile que rapidamente se organizou na noite do dia 9, e que durou até as quatro horas da manhã do seguinte, portando-se todos os cidadãos com circunspeção, gosto e decência”¹⁵⁸. Essa foi a primeira informação que obtive sobre a realização de bailes na cidade, porém não foi possível saber onde ele foi realizado.

Durante a Revolução Farroupilha, posso dizer que essa atividade, assim como as demais atividades econômicas, sociais e recreativas, sofreram uma interrupção. Os depoimentos do período são unânimes em concordar que Pelotas parou durante o decênio da guerra, como destacou o Conde D’Eu: “[...] os dez anos da guerra civil, 1835-1845, foram especialmente para Pelotas um período de misérias e de estacionamento”¹⁵⁹. Os poucos festejos que foram realizados no período estavam relacionados com fatos da Revolução.¹⁶⁰

Após a Revolução, os bailes recomeçaram a fazer parte das programações recreativas da cidade. Eles continuaram a ser realizados em comemorações cívicas ou para homenagear alguma personalidade que visitou a cidade e, a maioria deles, se realizou na casa da Câmara¹⁶¹. Porém,

¹⁵⁸ O Noticiador, sexta-feira, 04.05.1832, p. 3, n. 33. Correspondência. Rio Grande.

¹⁵⁹ CONDE D’EU. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. (agosto a novembro de 1865). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, p. 213.

¹⁶⁰ Pelas correspondências enviadas por Bernardina Barcelos de Almeida para seu marido Domingos José de Almeida, pude perceber que durante a Revolução Farroupilha alguns “festejos” relacionados com fatos da guerra eram realizados na cidade. Cito duas passagens do ano de 1836: “Já há uma grande subscrição para os festejos depois da posse do presidente, [...]” (Carta de Bernardina para seu marido em 13.01.1836, p. 133 – CV-162. ANAIS do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1978. Volume 2. Coleção de Alfredo Varela – Correspondência Ativa. (AHRGS).) e “[...] é inútil sermos extensos em lhe manifestar o contentamento e alegria de toda essa gente quando receberam os ofícios do General Bento Manoel: houve suas iluminações por 15 ou 16 casas, foguetes, etc.; hoje um jantarão [sic] em casa de B.R.B em ações de graça, e da boa chegada de Major Melo: [...]” (Carta de Bernardina para seu marido em 06.02.1836, p. 135 – CV-165. ANAIS do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1978. Volume 2. Coleção de Alfredo Varela – Correspondência Ativa. (AHRGS).)

¹⁶¹ Em abril de 1851 foi oferecido um baile pela “oficialidade da Guarda Nacional” ao presidente da Província. Esse baile se realizou na casa da Câmara, com a presença de cerca de “250 senhoras, entre as quais, sobressaía avultado número das peregrinas belezas de Pelotas, [que] aumentavam o brilho e a magnificência da casa. A aristocracia da terra era representada por muitos dos seus mais respeitáveis ornamentos, e era sem conta a porção de cavalheiros que atopejava todos os espaços do edifício.” (Diário do Rio Grande, quinta-feira, 03.04.1851, p. 2-3, n. 718, ano IV. Interior. Rio Grande). Em maio do mesmo ano

este espaço estava ficando pequeno demais para a quantidade de pessoas que participavam destes bailes: “por muito que concorra para o brilho dessas funções, é inegável que gente demais do que comporta a capacidade do edifício, amortece todo o vigor e animação das valsas e contradanças”¹⁶².

Assim, a origem das sociedades de baile envolve reuniões informais realizadas em locais inadequados, principalmente pelo tamanho; sem periodicidade, pois os bailes aconteciam esporadicamente para comemorações específicas; sem normas ou regulamentos explícitos. Os bailes evoluíram para as sociedades de baile, ou seja, evoluíram de um estado informal para o estado formal¹⁶³.

A frequência e a importância dos bailes na cidade fizeram com que algumas pessoas se organizassem e formassem as sociedades de baile. Como nos diz Agulhon:

Uma evolução progressiva da sociabilidade consistirá, assim, por um lado, da aparição de associações *voluntárias* (partido, clube, em oposição à família, ao atelier, ao Estado) cada vez mais numerosas e diversificadas; e, por outro lado, na passagem dessas associações do estado *informal* (jovens jogadores num terreno baldio) ao estado *formal* (clube esportivo).¹⁶⁴

Quanto mais ativa for uma organização, mais é preciso reforçar sua organização interna através de normas e regulamentos. Assim, de atividades esporádicas, os bailes começaram a ser organizados na forma de

foi oferecido um baile ao Marechal Comandante das Armas Antônio Corrêa Seara, onde “cerca de 150 senhoras tão belas e graciosas quanto elegantes e bem trajadas, e não em menor número de civilizados cavalheiros, ornavam os dois salões da Câmara Municipal, deslumbrantes pela multiplicidade de luzes e pela decoração”. (Diário do Rio Grande, quarta-feira, 14.05.1851, p. 2, n. 750, ano IV. Comunicado. Rio Grande).

¹⁶² Diário do Rio Grande, sábado, 05.04.1851, p. 3, n. 720, ano IV. Comunicado. Rio Grande.

¹⁶³ Outro exemplo de uma “evolução” do estado informal para o formal é a passagem das “carreiras” esporádicas e em diversos locais para a fundação do Jockey Club em Pelotas em 1876 (Correio Mercantil, sábado, 01.04.1876, p. 1, n. 73, ano II. Arquivo Geral. Pelotas). Antes da formação do Jockey, as carreiras eram realizadas eventualmente e em diversos locais como na Luz, no Retiro, no Povo Novo, entre outros locais; esta era uma atividade bastante apreciada entre os gaúchos. Com a formação do Jockey Club houve uma formalização desta atividade, com regulamentos e regras próprias, com uma programação pré-estabelecida, com sócios e local próprio para a realização das carreiras.

¹⁶⁴ AGULHON, Maurice. *Le cercle dans La France ...* Op. Cit., p. 12. [Grifos do autor]

associações, com uma periodicidade, com a presença restrita de sócios e convidados e com normas que regulamentem seu funcionamento.

As sociedades de baile apareciam como um espaço intermediário entre a privacidade doméstica e os locais que possuíam menores restrições. Eram “lares coletivos” onde a elite, em grupos de amigos, se encontrava periodicamente para dançar, objetivo principal, mas também para conversar, beber ou jogar “jogos lícitos”, pois, como se sabe, “vai-se ao baile para apertarem-se as relações sociais e criar-se essas cadeias de amizade, que no futuro serão aquelas da felicidade!”¹⁶⁵

Assim, foram criadas as primeiras sociedades de baile em Pelotas. Três delas no início da década de 1850, três no início da década de 1860 e duas no final da década de 1860, como pode ser visualizado no Quadro 1. Em cada período uma delas era a mais popular. Isso era um reflexo, uma repercussão do sucesso das associações da alta sociedade.

Desse modo, posso dizer que, à maneira da Corte, onde o apogeu dos bailes se deu durante o Segundo Reinado e até o final da Guerra do Paraguai, ou seja, entre os anos de 1840 e 1860¹⁶⁶, o apogeu das sociedades de baile em Pelotas se deu nas décadas de 1850 e 1860. Posso dizer, ainda, que, como diz Wanderley Pinho¹⁶⁷, nesse período houve “côcega de criar sociedades dançantes” em Pelotas.

Quadro 1 – Sociedades de Baile fundadas em Pelotas nas décadas de 1850 e 1860.

Nome	Tipo	1ª Referência	Última Ref.	Abertura	Fechamento
Soc. Harmonia Pelotense	Baile	10.12.1851	01.12.1860		
Soc. Recreação Pelotense	Baile	22.01.1852	12.07.1855	11.1851	
Soc. Distração e Beneficência	Baile	31.08.1852	27.05.1854	1852	
Cassino Pelotense	Baile	17.04.1861	24.04.1861		04.1861
Soc. Recreio	Baile	24.04.1861	08.10.1863	04.1861	10.1863

¹⁶⁵ Diário do Rio Grande, domingo, 05.01.1868, p. 1, n. 5707, ano XXI. Rio Grande.

¹⁶⁶ PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do ...* Op. Cit..

¹⁶⁷ PINHO, Wanderley. *Idem*, p. 277.

Pelotense					
Soc. Recreio da Mocidade	Baile	10.05.1861	30.12.1862	05.1861	
Sociedade Terpsychore	Baile	20.07.1868	11.07.1897	07.1867	
Soc. Fênix Pelotense	Baile	05.01.1868	25.11.1868	20.10.1867	

Fontes: Jornais de Pelotas e Rio Grande.

Na Corte as sociedades dançantes da alta sociedade foram:

o 'Campestre', que dava suas festas no salão do antigo Paraíso no Campo da Aclamação, o 'Club Fluminense', ao largo do Rocio, onde depois foi Ministério da Justiça, e o 'Casino Fluminense' na Lapa do Passeio Público, com os satélites: 'Vestal', presidido por Antônio Saldanha da Gama, 'Sífide', presidido por Gaspar de Almeida Filho, 'Lísia', 'Guanabara', 'Botafogo', 'Ulisséia' ..."168

Como no Rio de Janeiro, as sociedades de dança e música reuniam "a fina sociedade" de São Paulo, da Bahia e de outras cidades brasileiras no início da segunda metade do século XIX. São Paulo possuía as sociedades *Concórdia Paulistana*, *Filarmônica* e a *Assembléia Paulistana*.¹⁶⁹ Na Bahia, a *Sociedade Recreativa* e a *Phileuterpe* ofereciam bailes famosos.¹⁷⁰ Recife tinha a sua *Sociedade Apolínea* e, mais tarde, o *Clube Internacional*.¹⁷¹ Curitiba organizava suas sociedades na década de 1850, como a *Sociedade de Baile Harmonia*, a *Sociedade Recreio da Mocidade* e a *Sociedade Recreio dos Artistas*.¹⁷²

Nas cidades do Rio Grande do Sul também foram fundadas sociedades recreativas neste período. Em Porto Alegre, imigrantes alemães fundaram, em 1855, a *Sociedade Germânia* e em menos de dez anos a *Leopoldina*, as quais somaram-se às antigas bailantes¹⁷³. Em São Leopoldo, foi fundado o *Clube de Canto Orpheus*, em 1858, o primeiro clube social criado na sua área urbana¹⁷⁴.

¹⁶⁸ PINHO, Wanderley. *Ibidem*, p. 277-8. [Grifos do autor]

¹⁶⁹ PINHO, Wanderley. *Ibidem*, p. 82-3.

¹⁷⁰ PINHO, Wanderley. *Ibidem*, p. 50.

¹⁷¹ PINHO, Wanderley. *Ibidem*, p. 63.

¹⁷² WESTPHALEN, Cecília Maria; BALHANA, Altiva Pilatti. *Lazeres e Festas de Outrora*. Curitiba: SBPH-Pr, 1983, p. 21.

¹⁷³ CONSTANTINO, Núncia Santoro de.. A Conquista do Tempo Noturno: Porto Alegre "moderna". *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, v. XX, n. 2, p.65-84, dez. 1994.

¹⁷⁴ RAMOS, Eloisa Helena C. da L. *O Teatro da Sociabilidade*. ... Op. cit..

Em Pelotas, no final de 1851 foram criadas duas sociedades de baile: a *Sociedade Harmonia Pelotense*¹⁷⁵ e a *Sociedade Recreação Pelotense*¹⁷⁶. Uma terceira sociedade, mais “plebeia” foi fundada, provavelmente no primeiro semestre de 1852, com o nome de *Distração e Beneficência*¹⁷⁷. Eram semelhantes por seu estatuto jurídico – sociedade recreativa e por seu papel concreto – baile, distração, conversas, mas eram distintas por seu recrutamento social – uma aristocrática, a outra mais democrática e a terceira, plebeia.

A sociedade *Harmonia Pelotense* era considerada a mais “aristocrática”, enquanto que a *Recreação Pelotense* era mais “democrática”, porém, nem por isso deixava de ser um espaço de congregação da elite, pela qualidade de seus bailes, pelo luxo das suas instalações e pelas características de seus sócios:

[...] a *Recreação Pelotense* conquanto não seja uma sociedade que aspire aos aristocráticos foros atafônicos, é sem duvida uma sociedade que nada deixa a desejar pela boa ordem e harmonia de suas reuniões, pela liberdade no trajar que muito bem concilia o divertimento com a economia, e ainda pela profusão e regularidade do serviço; [...] E bem que convenientemente democrática a *Recreação* nem por isso deixa de contar em seu seio alguns dos ornamentos dos salões da outra sociedade que tive o prazer de ver. Também não é de estranhar que se introduzam na bailante certas figuras culinárias [...] que surpreendem a muitos sócios [...].¹⁷⁸

A presença de três sociedades de baile foi uma característica que destacou Pelotas em relação a Porto Alegre, que possuía duas sociedades, mas, “à proporção que uma subia a outra descia até sua final dissolução”; e a Rio Grande, cidade na qual havia apenas uma. O êxito das três sociedades de baile e do Teatro Sete de Abril era explicado pelo fato de

¹⁷⁵ No dia 8 de dezembro foi realizado um baile “não de gala, e sim o regular da sociedade” na sociedade para comemorar a festa de N. S. da Conceição. Assim, posso supor que a sociedade já havia sido fundada há algum tempo. O Rio-Grandense, quarta-feira, 10.12.1851, p. 3, n. 275, ano VII. Rio Grande.

¹⁷⁶ Os estatutos da *Sociedade Recreação Pelotense* são de 07 de novembro de 1851, portanto, posso supor que a sociedade foi fundada antes dessa data. O Pelotense, quarta-feira, 28.04.1852, p. 1-2, n. 75, ano II. Pelotas.

¹⁷⁷ Em agosto de 1852 o redator do jornal O Pelotense informa que “Uma terceira sociedade de baile, criada à meses, e que nada prometia, reorganizou-se há pouco”, portanto, posso inferir que foi no 1º semestre de 1852 que ela foi criada. O Pelotense, terça-feira, 31.08.1852, p. 1, n. 114 e 115, ano II. Pelotas.

¹⁷⁸ Diário do Rio Grande, domingo, 21.11.1852, p. 2, n. 1196, ano V. Comunicado. Rio Grande.

combinar dois elementos importantes: “que seus habitantes tenham muito gosto em divertir-se e muita delicadeza em suas maneiras sociais”¹⁷⁹, ou seja, a elite pelotense buscava novos espaços de sociabilidade para uma sociedade que estava se tornando civilizada.

Dessas sociedades pelotenses, “as duas mais antigas [eram] frequentadas em demasia nas noites de seus saraus, e quanto há de mais elegante em ambos os sexos ali comparece a distrair-se. A terceira ainda não chega á suntuosidade e luxo das outras”¹⁸⁰. Desse modo, considero as duas primeiras sociedades espaços onde participava a elite pelotense, enquanto que a terceira era frequentada por uma camada populacional mais heterogênea.

As três sociedades de baile, a reabertura do teatro e a instalação de sociedades assistenciais e filantrópicas revelam o renascimento do desejo entre a população pelotense de se encontrar. Percebe-se uma renovação da sociabilidade urbana, que não se mede “unicamente pela quantidade de associações, mas também pela intensidade dos encontros e sua multiplicação”¹⁸¹.

A implantação dessas três sociedades de baile adquiriu importância no meio pelotense, suscitando o interesse de um maior número de indivíduos. Tais associações dinamizaram atividades diversas e polarizaram os interesses de diferentes setores da população, pois a terceira sociedade fundada possuía um cunho mais popular. Posso dizer que os novos modelos de sociabilidade e a difusão de novos códigos de civilidade foram se difundindo em sentido socialmente descendente.

A teoria da circulação dos modelos de Norbert Elias¹⁸² permite compreender esse aspecto na medida em que a emulação dos códigos de

¹⁷⁹ O Rio-Grandense, quarta-feira, 26.01.1853, p. 1-2, n. 19, ano IX. Rio Grande.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Civilidad y política en los orígenes ...* Op. cit., p. 251.

¹⁸² ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. (Tradução Ruy Jungmann). Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1993. v.2, Formação do Estado e Civilização.

comportamento não se coloca apenas entre a aristocracia e a burguesia, mas também entre grupos mais populares.

Das três sociedades apenas a sociedade *Harmonia Pelotense* se manteve por mais tempo, permanecendo aberta, pelo menos até dezembro de 1860¹⁸³. A partir dessa data não obtive mais informações sobre ela e o fato de que suas últimas partidas foram pouco concorridas¹⁸⁴, me leva a concluir que foi dissolvida no final de 1860 ou no início de 1861, mantendo-se, assim, por quase dez anos em funcionamento.

Nos últimos cinco anos, ficou sendo a única sociedade de baile existente na cidade, porém, passando por alguns problemas, “cuja dissolução foi por muitas vezes prognosticada”.

SEMANARIO PELOTENSE Correspondência do Diário. [...] Naqueles tempos, já citados, apoderou-se desta cidade uma febre dançante, cujos ataques iam se tornar perniciosos à saúde pública e à economia doméstica dos pais de família. Não menos de três sociedades se formaram, e todas pareciam cheias de vigor e seiva: uma era aristocrática, outra comercial, e a outra plebéia; as duas últimas desapareceram da cena política – bailante especulativa, enfasiada de tantas valsas, contradanças, galopes e polcas que extenuavam as caixas das sociedades e as algibeiras dos sócios. Ficou apenas uma, que passando seis meses doente, outros tantos em convalescência, tem levado a vida até o presente, sem que ninguém se lembrasse de lhe dar um alívio, chegar um pouco de terra às raízes para a fazer florescer; contudo o amor próprio e a convicção que era necessária uma distração às famílias honestas, prolongou a existência da veterana bailante pelotense. Esta miséria não podia continuar porque afligia muita gente boa e pesada [...] ¹⁸⁵

No início de 1857 já se divulgavam os desentendimentos entre os membros da nova diretoria¹⁸⁶, porém, em julho desse mesmo ano seus bailes tiveram grande concorrência, permanecendo por mais três anos em funcionamento.

¹⁸³ Anúncio de um baile nos salões da sociedade para festejar o dia 2 de dezembro. O Brado do Sul, 01.12.1860, p. 2, n. 180, ano III. Noticiário. Pelotas.

¹⁸⁴ A partida mensal de novembro de 1860 foi pouco concorrida, “não comparecendo mais de 15 senhoras”. O Brado do Sul, segunda-feira, 19.11.1860, p. 2, n. 176, ano III. Noticiário. Pelotas.

¹⁸⁵ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 27.01.1858, p. 2, n. 2718, ano XI. Semanário Pelotense. Rio Grande.

¹⁸⁶ Diário do Rio grande, quarta-feira, 18.02.1857, p. 2, n. 2439, ano X. Semanário Pelotense XIV. Rio Grande.

Visando melhorar a situação da sociedade *Harmonia Pelotense*, seus estatutos foram reformulados no final de 1859 e aprovados em 1860. Porém esses novos estatutos não significaram uma vida longa para a sociedade.

Harmonia Pelotense – Acabamos de receber os novos estatutos da sociedade *Harmonia Pelotense* e a sua leitura nos capacita de que esta sociedade não deixará de reviver sobre tais bases. As roupas de luxo foram prescritas, os direitos dos sócios estipulados, o tratamento reduzido – enfim todas as disposições foram tomadas para com estrita economia garantir uma longa estabilidade á esta sociedade, que tão necessária é para as nossas famílias. No sábado 24 do corrente terá lugar a primeira partida em grande gala em honra do dia 25 de março. Consta-nos que muitas famílias foram convidadas para fazerem parte da associação que destarte se tornará mais forte e capaz de resistir á triste sorte que entre nós parece ser reservada a todas as associações de utilidade e de prazer, honra seja feita a digna diretoria, que tantos esforços fez para conservar este único recinto de reunião para as nossas famílias.¹⁸⁷

A sociedade *Recreação Pelotense*, aberta no segundo semestre de 1851, teve uma vida mais curta que a sociedade *Harmonia Pelotense*, permanecendo em funcionamento até o primeiro semestre de 1855. Em julho de 1853 a sua “morte” havia sido anunciada pelo “Espoleta” do jornal *O Pelotense*: “A *Recreação* expirou sem dúvida; nem um só indício de vitalidade! Pobre! Coitada! Em um estado cadavérico as aves de rapina concluíram-lhe a existência”¹⁸⁸.

Porém, no mesmo mês deu seus “costumados bailes”, sendo considerado por um sócio, um dos bailes mais esplêndidos da sociedade:

REVISTA SEMANARIA De 11 a 17 de Julho de 1853 [...] VI. O baile da *Recreação* Sábado, conforme tive também a honra de anunciar, deu a sua partida d'este mês a sociedade *Recreação*. Pode-se dizer, sem paixão, que foi esta a partida mais esplendida que ali tem tido lugar. Apresentaram-se de ponto em branco, com o seu garbo e gentileza real, as deidades cá da nossa terra; e além dessas, que na verdade não são lá em grande cópia, apresentou-se uma porção dos tais demoninhos do país das fadas, que deslumbraram o brilho e faceirice dos novos lustres, e puseram em pandarecos os corações secos e úmidos dos leões e janotas da *Recreação*. [...] O.É.O.A.¹⁸⁹

¹⁸⁷ O Brado do Sul, terça-feira, 20.03.1860, p. 1, n. 5, ano III. Noticiário. Pelotas.

¹⁸⁸ O Pelotense, terça-feira, 12.07.1853, p. 1, n. 232, ano III. Comunicado. Pelotas.

¹⁸⁹ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 20.07.1853, p. 3, n. 1383, ano VI. Comunicado. Rio Grande.

Assim, a sociedade “renasceu” e continuou oferecendo suas partidas mensais, pelo menos até 1854.¹⁹⁰ Estes bailes estiveram “esplêndidos e assas concorridos”, levando o cronista a concluir que esta sociedade “progre[diu] maravilhosamente”.¹⁹¹

A *Sociedade Distração e Beneficência*, a que estava em “terceiro lugar das [sociedades] de Pelotas”, esteve aberta pelo menos até 1854¹⁹². Essa sociedade foi fundada no primeiro semestre de 1852, portanto, mantendo-se aberta somente por dois anos.

Além do objetivo de oferecer bailes mensais para seus sócios, a sociedade também previa, como o próprio nome destacava, que uma certa quantia das jóias e mensalidades seria utilizada como “uma espécie de monte pio para os sócios que por ventura venham dele a necessitar”¹⁹³.

Nessa sociedade a organização dos bailes era semelhante à organização das duas sociedades mais importantes, com “profusão de doces e licores, de chá e chocolate”; eram bastante frequentadas, principalmente pelas mulheres, porém, havia “todos os tipos de mulheres”, enquanto que “quatro senhoras [apresentaram-se] com vestidos de seda e em completo e gracioso *toilette*, duas ou três com lindos e elegantes vestidos de cassa bordada, mas a maior parte *assim assim*. Até algumas julgaram muito próprio de um baile, trazerem ao pescoço, como quaisquer roceiras, um ordinário lenço de seda”¹⁹⁴.

Os bailes dessa sociedade também apresentaram características dignas de elogios, como mostra a correspondência de um convidado que

¹⁹⁰ Em 14 de junho de 1854 encontrei o último anúncio das partidas mensais dessa sociedade, que se realizou dia 17 desse mês. Não foi possível saber se foi o último baile, porque somente em julho de 1855 um sócio perguntou por que a diretoria não oferecia mais as partidas mensais. *Diário do Rio Grande*, quinta-feira, 12.07.1855, p. 2-3, n. 1963, ano VIII. A pedidos. Rio Grande. Posso supor que, pelo menos por volta dessa data, os bailes ainda ocorriam nessa sociedade.

¹⁹¹ *Diário do Rio Grande*, quinta-feira, 04.05.1854, p. 3, n. 1615, ano VII. Interior. Rio Grande.

¹⁹² Em maio de 1854 o jornal somente cita essa sociedade. *Diário do Rio Grande*, sexta-feira, 26 e sábado, 27.05.1854, p. 1, n. 1634, ano VII. Interior. Rio Grande.

¹⁹³ *O Pelotense*, terça-feira, 31.08.1852, p. 1, n. 114 e 115, ano II. Pelotas.

¹⁹⁴ *O Pelotense*, terça-feira, 12.07.1853, p. 1, n. 232, ano III. Comunicado. Pelotas.

destacou a ordem, a administração da sociedade e as “maneiras urbanas” com que foi tratado:

SOCIEDADE DISTRAÇÃO E BENEFICENCIA No dia 25 do corrente teve lugar a partida do baile daquela sociedade que por seus princípios democráticos, é considerada como em terceiro lugar daquelas de Pelotas; tive a satisfação de ser um do numero dos convidados a tal reunião, e para não deixar despercebida, a boa ordem, singeleza, e mutuo prazer que ali reinou, seria ingratitude deixar de elogiar o digno presidente da mesma, que tanto se esmerou em seus misteres. Ali encontrei tudo quanto se podia desejar em um baile, isto é, alem da boa administração da casa, as maneiras urbanas e atenciosas com que fomos tratados por esta multidão de faceiras, românticas, alegres, joviais, prazenteiras, fagueiras, amorosas e feiticeiras, que tão velozes momentos nos fizeram gozar no meio de tal folguedo. Não posso, portanto deixar de patentear meus sinceros elogios a tão bela reunião, meus agradecimentos ao digno sócio que ali me convidou e que me induziu a fruir momentos tão agradáveis, e finalmente á diretoria, que concorreu para tão boa administração. *Um convidado.*¹⁹⁵

Por ser considerada a terceira sociedade em importância, o número de reportagens que se referem à sociedade *Distração e Beneficência* foi muito inferior às demais, o que prejudica o levantamento da maior parte das informações sobre a mesma.

Além da situação interna das sociedades, já exposta, os problemas sociais e econômicos pelos quais passava a cidade de Pelotas nesta década também podem ter contribuído para ocasionar os problemas nas sociedades e seu conseqüente fechamento.

Durante a década de 1850 as sociedades *Literária* e *Filo-Dramática* foram criadas, mas também tiveram uma existência efêmera, permanecendo em funcionamento por um período menor que um ano, conforme mostrarei no capítulo seguinte.

Buscando identificar os motivos que contribuíram para os problemas e o fechamento das sociedades, suponho que os problemas na cidade podem ter concorrido para esta situação. Agulhon¹⁹⁶, em seus estudos, concluiu que a sociabilidade está relacionada às condições sócio-econômicas e políticas do cenário onde elas estão inseridas, sendo

¹⁹⁵ O Pelotense, terça-feira, 28.02.1854, p. 3, n. 321, ano IV. Pelotas.

¹⁹⁶ AGULHON, Maurice. *Le cercle dans La France ...* Op. cit., p. 10.

explicada pelo resultado das relações sociais, econômicas e históricas objetivas.

Desde 1853 até 1860 os jornais criticavam a pequena quantidade ou a falta de divertimentos em Pelotas, a “péssima época” que a cidade atravessava, a sua “habitual monotonia”, a pouca vida que se notava. Em 1855 a cidade foi assolada pela epidemia da cólera, que a deixou em um “estado menos sanitário”, com a morte de muitas pessoas, principalmente negros¹⁹⁷. Presumo que a epidemia tenha diminuído a participação da população em atividades de lazer, interferindo na sociabilidade.

O comércio da cidade estava “em completa paralisia”, inúmeras casas estavam para alugar e as ruas com pouca vida, que “há poucos anos eram freqüentadas e cheias de movimento”¹⁹⁸.

No final de 1859 a cidade de Pelotas foi considerada triste e deserta pelo comentarista do jornal *O Brado do Sul*, não pela falta de população, mas pela “paralisia patente de sua indústria e de seu comércio”¹⁹⁹, ocasionando, assim, “a absoluta falta de divertimentos”, amenizada apenas pelos espetáculos no teatro.

Porém, no início da década seguinte a situação começou a melhorar. No final do ano de 1860 as charqueadas, “esta importante indústria do nosso município [foram se] animando do abatimento, em que por tanto tempo jaz[iam]; e que esperamos que, neste ano trabalhem mais algumas charqueadas”²⁰⁰.

¹⁹⁷ Os óbitos ocorridos no 1º e 2º distrito de Pelotas por causa do Cólera Morbus nos meses de novembro e dezembro de 1855 e janeiro e fevereiro de 1856 foram: CORES: Branca – 38. Parda – 24. Negra – 466. SEXOS: Homens – 435. Mulheres – 93. IDADES: Até 30 Anos – 107. De 30 para cima – 421. NACIONALIDADE: Brasileiros – 92. Estrangeiros – 436. CONDIÇÕES: Livres – 74. Escravos – 454. TOTAL: 528. Diário do Rio Grande, sábado, 08.03.1856, p. 2, n. 2159, ano IX. Rio Grande.

¹⁹⁸ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 05.02.1857, p. 1, n. 2428, ano X. Semanário Pelotense XI. Rio Grande.

¹⁹⁹ O Brado do Sul, terça-feira, 13.12.1859, p. 1, n. 202, ano II. Noticiário. Pelotas.

²⁰⁰ Segundo dados estatísticos da Câmara Municipal, no ano de 1858 a 1859 20 charqueadas funcionaram na cidade, abatendo 112.730 reses; na safra seguinte (1859 a 1860) 21 charqueadas trabalharam, abatendo 181.100 reses, ou seja, um aumento de 60,64%

A cidade começou a ter mais vida, com a edificação de muitos prédios, a reforma de outros e a inexistência de casas para alugar. “Logo, há aumento de população; o aumento de população importa o de consumidores; o de consumidores, o de especuladores nos diferentes ramos de comercio; portanto, deve-se concluir que a nossa boa Pelotas vai em progresso. Deus o conserve!”²⁰¹.

Com a melhoria da situação econômica da cidade, novas sociedades de baile foram fundadas, reiniciando um novo ciclo recreativo. Novamente uma sociedade mais aristocrática foi aberta e, logo após, uma sociedade “composta de jovens do comércio” também foi fundada. Porém, novamente estas associações têm uma existência efêmera, fechando em outubro e janeiro de 1863, respectivamente.

A primeira sociedade a ser fundada foi o *Cassino Pelotense*²⁰². Pelas informações que obtive é difícil precisar a data da sua abertura, mas sabe-se que em março de 1860 a sociedade *Harmonia Pelotense* era “o único recinto de reunião para nossas famílias”. Portanto, a sociedade abriu posteriormente a essa data.

Em pouco tempo o *Cassino Pelotense* foi substituído pela sociedade *Recreio Pelotense*. Em abril de 1861 foi realizado um baile para a despedida da sociedade, que foi “satisfatoriamente concorrido do belo sexo e nossos leões”²⁰³ e, no mesmo mês, houve a transferência para a Sociedade *Recreio Pelotense*, com eleição de uma nova diretoria.

Quando houve a substituição do *Cassino Pelotense* para a sociedade *Recreio Pelotense*, os “fundadores” da nova sociedade excluíram da mesma alguns sócios da “extinta bailante”. Os motivos apontados pelo

em relação ao ano anterior. Diário do Rio Grande, quarta-feira, 24.10.1860, p. 1, n. 3533, ano XIII. Rio Grande.

²⁰¹ Diário do Rio Grande, domingo, 04.11.1860, p. 1, n. 3542, ano XIII. Rio Grande.

²⁰² O termo cassino remete à noção de diversão aristocrática e talvez esta tenha sido a intenção dos fundadores da sociedade, ou seja, deixar claro que a sociedade era destinada para uma elite. NEEDLE, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical*. ... Op. cit., p. 95.

²⁰³ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 17.04.1861, p. 1, n. 3705, ano XIV. Rio Grande.

correspondente do Diário do Rio Grande foram, principalmente, as diferenças políticas:

RECREIO PELOTENSE – É este o nome adotado para a sociedade de baile que substituiu o Cassino Pelotense. O novo recreio trouxe consigo grande desgosto, queremos dizer, grande é o desgosto que já no nascedouro se há pronunciado contra esta sociedade. A razão provém da acintosa exclusão que os fundadores do recreio fizeram de alguns sócios da extinta bailante, o que na verdade censuramos. Concordamos que houvesse sócios [que] bem mereciam ser excluídos, mas riscar-se todos aqueles que não pertencem a certa política, mas que tem posição social, é o que levamos a mal e reprovamos, apesar de ofender com esta franqueza algumas das influencias da nova sociedade que aliás ligamos-lhe amizade, etc [...]²⁰⁴

Aqui, é possível perceber que as sociedades recreativas fundadas no período eram espaços seletivos, dos quais participavam apenas aqueles de uma mesma facção política, parentes e amigos, sendo este um espaço de sociabilidade restrito aos considerados “iguais”.

Assim, a sociedade *Recreio Pelotense* ficou sendo a única sociedade bailante em Pelotas. Porém, já em 1862 os bailes tinham pouca concorrência, a exemplo do baile dado em fevereiro de 1862, em que o presidente da sociedade “só viu três ou quatro famílias, todas de membros da diretoria, com as quais, entre moças e meninas, faziam o numero de 15 a 16 pares!”²⁰⁵.

No ano seguinte os bailes continuaram desanimados e com poucas senhoras: “A falar a verdade notei bastante desanimação. Poucas foram as fadas que se dignaram abrilhantar o sagrado templo de Terpsicore (como diz um poeta aqui da terra); creio até que não chegaram a uma dúzia e meia; e você sabe compadre, que um baile sem moças, é o mesmo que feijão sem toucinho”²⁰⁶. A situação culminou com o fim da sociedade decretado pela diretoria em setembro de 1863, ocasionado por problemas financeiros.

²⁰⁴ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 24.04.1861, p. 1, n. 3711, ano XIV. Rio Grande.

²⁰⁵ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 19.02.1862, p. 1, n. 3958, ano XV. Rio Grande.

²⁰⁶ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 09.07.1863, p. 1-2, n. 4369, ano XVI. Correspondência. Rio Grande.

Pelotas, 7 de outubro de 1863. A sociedade bailante Recreio Pelotense terminou sua existência, depois de uma breve e penosa vida. Os dignos cavalheiros que compunham sua diretoria, reconhecendo os vazios dos cofres da mesma sociedade acharam mais prudente, fazendo cessação da púrpura diretorial dar-lhe o ultimo golpe.²⁰⁷

Além dessa sociedade, foi criada em maio de 1861, a sociedade *Recreio da Mocidade*, “composta exclusivamente por jovens do comércio”, cujo objetivo era “a distração de seus sócios na atualidade, e à proporção que os fundos permitirem, acrescentará algumas matérias de instrução”²⁰⁸. A atuação da associação não foi muito intensa na cidade, pois apenas em janeiro de 1863 foi realizada a sua segunda partida²⁰⁹. A partir daí, não obtive mais informações sobre a mesma²¹⁰.

As associações de baile voltam a ser criadas somente no segundo semestre de 1867, depois de quase cinco anos de total inexistência de atividades recreativas na cidade, sejam elas nas sociedades, no teatro ou mesmo na Praça, como era visível nos jornais da época:

Essa semana tem sido estéril em acontecimentos, verdadeira pasmaceira em tudo e por tudo; nem ao menos um divertimento qualquer tem havido para distrair uma população de 9 a 10 mil almas; é uma vida monótona e aborrecida a que se passa em Pelotas; tanto o opulento como o proletário não gozam outro divertimento, mais do que algum passeio pelos amenos e pitorescos arrabaldes da nossa cidade [...].²¹¹

Desde 1863, com o fechamento das duas últimas sociedades de baile e do *Clube Pelotense*, não havia sido criada mais nenhuma associação; o teatro esteve fechado desde outubro de 1865 até final de julho de 1866; Pelotas estava “numa monotonia insofrível, que a fez perder tanto do seu próprio merecimento”. Pois “que já aqui tivemos três sociedades bailantes,

²⁰⁷ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 08.10.1863, p. 2, n. 4444, ano XVI, noticiário de Pelotas. Rio Grande.

²⁰⁸ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 10 e sábado, 11.05.1861, p. 1, n. 3725, ano XIV. Rio Grande.

²⁰⁹ Diário do Rio Grande, segunda, 29 e terça-feira, 30.12.1862, p. 3, n. 4215, ano XV. Anúncios. Rio Grande.

²¹⁰ Sobre essa sociedade encontrei somente duas reportagens, uma anunciando sua abertura e objetivos e a outra sobre o seu segundo baile. Assim, não obtive nenhuma informação que pudesse caracterizar a sociedade ou seus sócios.

²¹¹ Diário do Rio Grande, segunda 19 e terça-feira, 20.03.1866, p. 1, n. 5171, ano XIX. Rio Grande.

que em certa época rivalizadas entre si, davam o seu *soirée* na mesma noite, e em todas se via animada e numerosa concorrência”²¹² Pelotas “teve tempos mais felizes”, em que “merecia de tanta gente o apreço, que os fazia vir de outros pontos aqui buscar dias de prazeres íntimos, no meio da nossa cordial e hospitaleira sociedade”.²¹³

Em 1862 Pelotas já enfrentava uma crise “sobre algumas casas comerciais”. Posteriormente, com a Guerra do Paraguai, vários batalhões se formaram em Pelotas²¹⁴, atingindo aproximadamente dois mil homens. Tais fatores podem ter interferido na inexistência de uma vida social e cultural mais intensa, ajudando a explicar essa “insociabilidade” da população pelotense.

No período de inexistência de atividades recreativas, ou seja, entre 1863 e 1867, o correspondente do Diário do Rio Grande, em três crônicas, uma no início de 1866 e duas na segunda metade de 1867, fez uma avaliação da situação da sociabilidade ou da insociabilidade (termo utilizado pelo cronista) da população de Pelotas.²¹⁵

²¹² Diário do Rio Grande, quinta-feira, 15.08.1867, p. 1, n. 5590, ano XX, Rio Grande.

²¹³ Idem.

²¹⁴ Em Pelotas se organizaram vários batalhões, como o 21º Corpo de Guardas Nacionais; o Contingente de Caçadores a Cavalos; o 35º Provisório da Guarda Nacional; e, o 2º Corpo de Voluntários de Cavalaria. OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. ... v.1. Op. cit., p. 143.

²¹⁵ O jornal *Diário do Rio Grande* foi o único periódico da época que utilizou o termo sociabilidade quando relatava e/ou discutia as opções de divertimento da sociedade pelotense. No século XIX a sociabilidade era vista como uma categoria normativa, se referindo aos objetivos que as relações cotidianas deveriam perseguir, como a companhia e a convivência com os outros. Esse discurso estimulou “na nova sociedade burguesa e liberal do século XIX o desenvolvimento de novas formas associativas que se considerava que respondiam aos valores que se atribuía à sociabilidade”. (NAVARRO, Javier N.. *Sociabilidad e Historiografía* ... Op. Cit., p. 101). Analisando os sentidos dados ao termo sociabilidade por Agulhon, é possível perceber que o cronista considerava a sociabilidade como uma realidade histórica, coletiva e política – o 3º sentido dado ao conceito. Para o cronista, a sociedade era “um conjunto de homens reunidos pela natureza e pela lei”, unidos por “um sentimento irresistível que se chama sociabilidade”. (*Diário do Rio Grande*, segunda 19 e terça-feira, 20.03.1866, p. 1, n. 5171, ano XIX, Rio Grande e *Diário do Rio Grande*, quinta-feira, 15.08.1867, p. 1, n. 5590, ano XX, Rio Grande.) Percebi também que o cronista deu tanta importância ao termo que lhe atribuiu idealmente o primeiro sentido, ligado à definição mais geral de sociabilidade. Nesta definição aqui, a sociabilidade é representada como a “aptidão que a espécie humana tem de viver em sociedade” (AGULHON, Maurice. *Le cercle dans La France* ... Op. Cit., p. 8). O cronista, quando afirma que “como bem disse Balzac, parece que os homens não são tanto corpos inteiros, como partes divididas que a sociedade reúne, para mim é fora de dúvida que o homem é evidentemente feito para a

Juntamente com a crise econômica e a Guerra do Paraguai, o comentarista do Diário do Rio Grande levantou outro fator que considerou importante para o “abatimento que esta[va] sofrendo a nossa bela cidade”. Para ele o espírito de sociabilidade tendeu a amortecer entre os pelotenses, por isso, é que em Pelotas fugia-se desses núcleos de reuniões e vivia-se, pode-se dizer, cada família isoladamente. No tempo em que este espírito “esteve de pé”, esta “terra” possuía uma “proverbial sociabilidade”. Pelotas poderia ser uma “corte em miniatura” se houvesse:

mais espírito de sociabilidade, mais gosto pelos divertimentos públicos entre as nossas famílias abastadas. Infelizmente assim não acontece: o mercantilismo é o espírito da época, cada qual no que cuida é em acumular fortuna, só pelo prazer de tê-la, não para gozá-la, porque não entendo que seja gozar a fortuna o modo porque vivem os opulentos em Pelotas.²¹⁶

O cronista chamou a atenção para a necessidade do encontro, dos divertimentos, de reuniões sociais, da conversação, do “espírito de sociabilidade”, pois “o homem é evidentemente feito para a sociedade, impele-o para ela um sentimento irresistível que se chama sociabilidade”.²¹⁷ Este discurso, mesmo de cunho filosófico, remete para a necessidade de práticas concretas de convívio social, de espaços que possibilitem o encontro, a interação com o outro.²¹⁸

Em meu entendimento, o cronista também considerou as épocas sociáveis melhores que as que são menos ou não são, pois nas três crônicas critica o não agrupamento da sociedade, a falta de divertimentos públicos, considerando “uma vida monótona e aborrecida a que se passa em

sociedade, impele-o para ela um sentimento irresistível que se chama sociabilidade” (Diário do Rio Grande, quinta-feira, 15.08.1867, p. 1, n. 5590, ano XX. Rio Grande), está atribuindo tal sentido ao termo.

²¹⁶ Diário do Rio Grande, segunda, 19 e terça-feira, 20.03.1866, p. 1, n. 5171, ano XIX. Rio Grande.

²¹⁷ Diário do Rio Grande, segunda 19 e terça-feira, 20.03.1866, p. 1, n. 5171, ano XIX. Rio Grande e Diário do Rio Grande, quinta-feira, 15.08.1867, p. 1, n. 5590, ano XX. Rio Grande.

²¹⁸ GONZÁLEZ Bernaldo de Quirós, Pilar. La “Sociabilidad” y la historia política. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, BAC – Biblioteca de Autores del Centro, 2008, Puesto en línea El 17 febrero 2008. URL: <http://nuevomundo.revues.org/24082>. Acesso em 12.12.2008, p. 6.

Pelotas”²¹⁹, causada pela “insociabilidade á que Pelotas se está condenando”²²⁰. Baseio-me na afirmação de Agulhon, quando diz que “os povos ou épocas ‘sociáveis’ são consideradas melhores que aquelas que não são ou são menos”.²²¹

O discurso jornalístico também falou da importância da sociabilidade para o progresso da sociedade, demonstrando que o correspondente do jornal estava ligado aos ideais do século XIX no que se refere à sociabilidade “como um valor do progresso, uma virtude pública a ser cultivada, uma regra a ser estabelecida na sociedade política”.²²² Nessa visão, a sociabilidade está relacionada ao melhor viver, a uma maneira de aperfeiçoar a vida social cotidiana em busca do progresso. Para ele, uma população com um “espírito de sociabilidade” era importante porque:

da sociedade é que nasce o discernimento na conversação, que nasce alguma luz sobre os que mais restritos nos seus itinerários ouvem do viajante a descrição do que viu e do que sentiu, que nasce até certo ponto o esclarecimento do espírito; em que a jovem ainda inexperiente colhe do contato com muitos, a égide que mais fortalece a defesa de suas virtudes; é finalmente da sociedade que tantas vezes pelo casamento de muitas opiniões nascem grandes empresas e muitos melhoramentos para o lugar e por conseguinte para o país.²²³

No segundo semestre de 1867 começaram a aparecer “um ou outro esforço” contra a tendência à insociabilidade a que Pelotas estava condenada, quando duas sociedades de baile foram fundadas, provando que “o espírito da sociabilidade não est[ava] morto, e apenas o que carecemos é que os cavalheiros mais altamente colocados o procurem bem dirigir e aproveitar”²²⁴. Assim, terminada a Guerra do Paraguai a vida social reanimou-se, com a organização de novas sociedades de baile e a intensificação das atividades no teatro e nos espaços abertos.

²¹⁹ Diário do Rio Grande, segunda, 19 e terça-feira, 20.03.1866, p. 1, n. 5171, ano XIX. Rio Grande.

²²⁰ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 23.08.1867, p. 1, n. 5596, ano XX. Rio Grande.

²²¹ AGULHON, Maurice. La Sociabilidad como Categoría ... Op. cit., p. 4.

²²² AGULHON, Maurice. Introduction: La sociabilité est-elle ... Op. cit., p. 20.

²²³ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 15.08.1867, p. 1, n. 5590, ano XX. Rio Grande.

²²⁴ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 23.08.1867, p. 1, n. 5596, ano XX. Rio Grande.

A sociedade *Terpsicore* foi organizada em julho de 1867²²⁵ e manteve-se em funcionamento pelo menos até o final do século²²⁶. Esta foi a sociedade de baile que mais tempo funcionou em Pelotas no século XIX. Pela reportagem de seu primeiro aniversário é possível apreender algumas de suas características: as salas eram modestamente enfeitadas e as "damas e cavalheiros trajavam decentemente e livres do luxo que quase sempre infesta as nossas sociedades".²²⁷

A Sociedade *Fênix Pelotense*, a mais aristocrática das duas, foi fundada em 20 de outubro de 1867²²⁸, sendo que seu primeiro baile foi realizado em dezembro desse mesmo ano, estando "bastante concorrido em relação à improbidade da estação e da[va] esperança de se manter por longos anos"²²⁹. A última informação da sociedade foi dada por Augusto de Pinho, que esteve em Pelotas em 1869 e participou de bailes nas duas sociedades. Segundo Pinho, nesta data havia em Pelotas:

duas sociedades de baile, uma denominada *Fênix Pelotense*, outra *Terpsicore*; a primeira tem um salão vasto e ornamentado com todo o luxo, é freqüentada pela flor da sociedade de Pelotas; na época em que aí estive faziam parte da diretoria dois distintos cavalheiros, os senhores Antônio Rafael dos Anjos e Manoel de Castro e Silva, que me dispensaram tão honrosos convites de que nunca me supus merecedor; as *soirées* em que tomei parte rivalizavam com as melhores da Corte. A segunda sociedade possui um salão menos aparatoso, porém as pessoas que o freqüentam, se não são as mais opulentas da cidade não deixam por isso de serem menos amáveis.²³⁰

Posso supor que a sociedade *Fênix Pelotense* não se manteve na década seguinte, pois não encontrei nenhuma informação nos jornais de Pelotas e, em 1875, a sociedade *Terpsicore* transferiu-se para os salões do

²²⁵ Dia 18 de julho de 1868 esta sociedade comemorou seu primeiro aniversário com uma partida mensal. Diário de Pelotas, segunda e terça-feira, 20 e 21.07.1868, p. 2, n. 18, ano I. Gazetilha. Pelotas.

²²⁶ Essa sociedade funcionou pelo menos até 1897. O Jasmim, domingo, 11.07.1897, p. 37, n. 6, ano I. Noticiário. Pelotas.

²²⁷ Diário de Pelotas, segunda-feira, 20 e terça-feira, 21.07.1868, p. 2, n. 18, ano I. Gazetilha. Pelotas.

²²⁸ Conforme os estatutos da sociedade, aprovados em 25 de outubro de 1867. ESTATUTOS DA SOCIEDADE FÊNIX PELOTENSE. ... Op. cit.. (Anexo 3)

²²⁹ Diário do Rio Grande, domingo, 05.01.1868, p. 1, n. 5707, ano XXI. Rio Grande.

²³⁰ PINHO, A. Augusto de. *Uma Viagem ao Sul do Brasil*. Rio de Janeiro: Tip. De F. A. de Souza, 1872, p. 54-5.

Asilo N. S. da Conceição, local onde funcionava a *Fênix*. Assim, apenas a sociedade *Terpsicore*, mais popular e com a participação de sócios mais heterogêneos, permaneceu aberta nas décadas seguintes.

Posso concluir que a partir desse momento não havia mais na cidade uma sociedade de baile que fosse específica para a elite, mas sim, sociedades que incluíam a participação de um público mais alargado e diversificado, como a sociedade *Terpsicore*, que incluía desde charqueadores e estancieiros até empregados no comércio e caixeiros.

Do ponto de vista cronológico, destaco três períodos-chaves na fundação de sociedades de baile em Pelotas nas duas décadas estudadas: os anos iniciais da década de 1850, caracterizados pela aparição de novos tipos de associações, entre elas três sociedades de baile; o início da década de 1860, com a instalação de duas sociedades; e, o final da década de 1860 com a criação de outras duas sociedades.

Tais períodos-chaves foram intercalados por períodos de inexistência de espaços de sociabilidade, com o fechamento das sociedades de baile e a não abertura de novas associações. Os períodos de total apatia das sociedades recreativas também coincidiram com períodos de crise econômica na cidade, demonstrando a relação entre as mudanças experimentadas na vida coletiva e as transformações sócio-econômicas da cidade.

Verifica-se assim, uma variação da sociabilidade no tempo, conforme constatado por Agulhon:

Os hábitos são interessantes precisamente porque variam, e não só em relação com as grandes distâncias que separam os países 'selvagens' dos 'civilizados', e o passado 'primitivo' do presente moderno. Há variações em escala mais reduzida. E elas são coletivas, inconscientemente codificadas e imperiosas, por que são algo cultural ou mental. A história das evoluções do cotidiano tem sido valorizada pela revelação do caráter histórico das mentalidades coletivas.²³¹

²³¹ AGULHON, Maurice. La Sociabilidad como Categoría ... Op. cit., p. 7. [Grifos do autor]

Nos dois primeiros períodos uma sociedade mais aristocrática foi inicialmente criada, sendo seguida por sociedades de cunho mais popular, indicando que a elite era imitada por outras camadas sociais no que se refere à fundação de espaços de sociabilidade. Nesses dois períodos, as sociedades mais populares foram as que permaneceram em funcionamento por menos tempo, provavelmente por um período inferior a um ano, indicando que o tempo de permanência dessas associações era diretamente proporcional à importância da sociedade.

O terceiro período se diferencia dos dois anteriores em dois aspectos: a sociedade mais popular – a Sociedade *Terpsicore* – foi fundada primeiro que a sociedade mais elitista – a Sociedade *Fênix Pelotense*; e, a sociedade *Terpsicore* teve uma vida mais longa que a sociedade *Fênix Pelotense*. A sociedade *Terpsicore* foi aquela que se manteve em funcionamento por mais tempo, pelo menos três décadas.

De um modo geral, nessas sociedades de baile, que são espaços formais de sociabilidade, foi possível distinguir com clareza seu processo de formalização, através de um local específico para as partidas, seja ele próprio ou alugado, da periodicidade dos encontros, da regulamentação através de estatutos, pelos requisitos de seleção de seus membros e pelo preço da jóia e das mensalidades.

Como já afirmei, a localização destas associações foi uma característica difícil de identificar com a documentação ainda disponível. As associações possuíam salão específico para a realização de seus bailes, que não eram próprios, mas sim alugados. Não há nenhuma evidência de que alguma associação houvesse construído seu salão de baile próprio.

A sociedade *Recreação Pelotense* possuía a sua casa na rua do Poço [atual Sete de Setembro], no sobrado de Antônio José da Silva Maia²³², provavelmente alugado. A sociedade *Harmonia Pelotense* também não possuía local próprio para seus bailes, pois, em 1858, surgiu a idéia de

²³² Diário de Rio Grande, quarta-feira, 12.10.1853, p. 4, n. 1451, ano VI. Anúncios. Rio Grande.

“construir-se uma casa própria para a bailante” e, “há quem diga que [...] um capitalista oferecesse grátis pro Deo, um lindíssimo terreno na praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório]”, mas, “deram-se passos, chegou-se a formar o orçamento das despesas, prometeram-se mundos e fundos, e nada conseguiu”²³³.

Da mesma forma, a “casa” da sociedade *Recreio Pelotense* não era própria, pois em 1863 tencionava transferir-se para o edifício do Asilo de Órfãs N. S. da Conceição, “pois em Pelotas não [tinha] outra casa em melhores condições”²³⁴. Porém, a transferência não ocorreu “visto a maioria da diretoria deste estabelecimento se ter oposto”, e a sociedade foi dissolvida em outubro do mesmo ano.

A sociedade *Fênix Pelotense*, aberta em 1867, alugava o salão do Asilo de Órfãs, “um vasto paralelogramo, cortado de portas e janelas, e sustentado no centro por arcadas e colunatas”²³⁵. Após o fechamento do estabelecimento de ensino que funcionava junto ao Asilo de Órfãs N. S. da Conceição, em 1863, o seu salão passou a ser alugado para sociedades de baile²³⁶.

O primeiro salão da sociedade *Terpsicore* não foi identificado, mas, devido à grande concorrência em seus bailes, seu “salão tornou-se insuficiente para que todos tomassem parte naquele agradável divertimento”, havendo a necessidade de salões mais espaçosos, o que foi resolvido, passando a sociedade a funcionar nos salões do Asilo N. S. da Conceição²³⁷.

A importância de uma sede para as sociedades está em ser esse espaço um bem material, como diz Agulhon, “Não há associação, seja ela informal (simples reunião de frequentadores habituais) ou formal (com

²³³ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 27.01.1858, p. 2, n. 2718, ano XI. Semanário Pelotense. Rio Grande.

²³⁴ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 11.09.1863, p. 1, n. 4421, ano XVI. Noticiário de Pelotas. Rio Grande.

²³⁵ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 25.11.1868, p. 1, n. 5972, ano XXI. Rio Grande.

²³⁶ CUNHA, Alberto Coelho. *Síntese Histórica da ... Op. Cit.*.

²³⁷ Correio Mercantil, 26.10.1875, p. 2. Pelotas.

estatutos, regras escritas) sem que exista um local estável de reunião. Este local é um bem material, um capital".²³⁸ Porém, além de um espaço físico para o encontro e a convivência, a sede significava uma forma de apropriação social do espaço físico, traduzida na expressão "casa da sociedade". A sede própria tinha um duplo significado: era um espaço de integração e identificação entre os sócios, e de diferenciação em relação ao resto da população pelotense que a ela não tinha acesso²³⁹.

Além disso, algumas atividades desenvolvidas nas sociedades não diferiam muito das que ocorriam nas residências particulares, como os bailes, concertos e banquetes, mas "efetuavam-se num local deliberadamente orientado para tal, autônomo em relação ao espaço doméstico, e por isso alheio a constrangimentos e hierarquias estabelecidas entre anfitriões e convidados"²⁴⁰.

Os estatutos das sociedades definiam os objetivos e a organização interna e eram a forma de legitimação das sociedades de baile, nomeadamente porque só tinham validade mediante a sua aprovação em assembleia. Foi pelos estatutos²⁴¹ que as sociedades se definiram como uma associação recreativa, que visava proporcionar atividades de entretenimento aos sócios, como mostram os estatutos da sociedade *Recreação Pelotense*, cujo "[...] único fim, [era] promover o honesto divertimento, que oferec[iam] as reuniões para bailes, e jogos lícitos"²⁴² e da sociedade *Fênix Pelotense*, que tinha por objetivo "a diversão de seus membros por partidas mensais"²⁴³.

²³⁸ AGULHON, Maurice. *Histoire Vagabonde*. ... Op. cit., p. 63.

²³⁹ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ...* Op. cit., p. 95.

²⁴⁰ BERNARDO, Maria Ana. *Idem*, p. 93.

²⁴¹ No decorrer deste capítulo trabalho com os estatutos de duas sociedades de baile: os estatutos da Sociedade *Recreação Pelotense*, aprovados em 1851 (Anexo 1) e os estatutos da Sociedade *Fênix Pelotense*, aprovados em 1868 (Anexo 3). Os estatutos das demais sociedades não foram encontrados, apenas tomei conhecimento de alguns de seus artigos, quando eles foram citados nos jornais. Assim, os exemplos que utilizo foram retirados desses estatutos, no entanto, os aspectos citados aparecem como uma característica comum a tal tipo de associação.

²⁴² Ver Anexo 1.

²⁴³ Ver Anexo 3.

Também, pelos estatutos, estava estipulado que deveria haver pelo menos uma partida mensal²⁴⁴, sendo o dia designado pela diretoria e anunciado pelos jornais. Após a organização dos bailes em sociedades, tal atividade separou-se do calendário religioso ou cívico. Anteriormente, os bailes eram realizados para comemorar uma data cívica ou religiosa, ou para homenagear uma figura ilustre, seja civil ou religiosa. Posteriormente a prática não foi abandonada, mas os bailes começaram a ter uma regularidade com as partidas realizadas mensalmente. A seguir, mostro um exemplo de um anúncio convidando para o baile da sociedade *Recreio Pelotense* no mês de agosto de 1861:

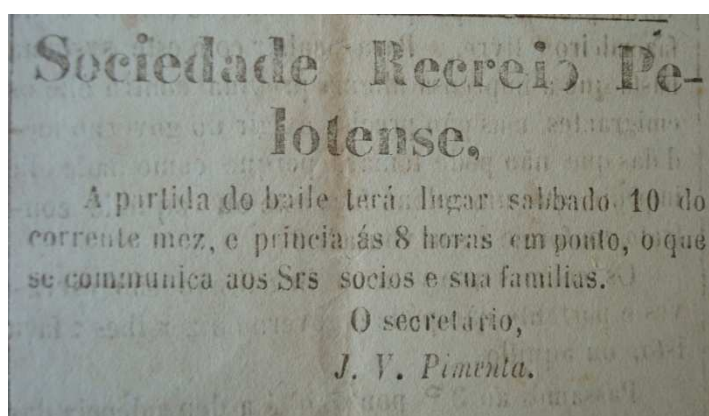


Figura 1 – Convite para uma Partida Mensal da Sociedade *Recreio Pelotense*.

Fonte: O Brado do Sul, quinta-feira, 08.08.1861, p. 2, n. 32, ano IV. Anúncios. Pelotas.

No período em que Pelotas possuía três sociedades de baile em funcionamento, os sábados de partida eram alternados. As sociedades *Harmonia Pelotense* e *Recreação Pelotense* faziam seus bailes nos primeiros sábados de cada mês, alternando a ordem. Raramente os dias coincidiam,

²⁴⁴ Partida era o nome dado para os bailes realizados nas sociedades existentes em Pelotas no período estudado. O termo “partida” era utilizado em Portugal para designar um tipo de reunião semelhante à *soirée* francesa; esta significava uma “reunião de pessoas, que para um tal fim se juntam nalguma casa”. Diferentemente da *soirée*, na partida portuguesa havia jogo de cartas e dias fixos para a partida, enquanto que na França não havia jogo e nem dias fixos. ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom, ou, Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. (Organização de Lília Moritz Schwarcz). São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 161 (Retratos do Brasil). Talvez pelo fato de a maioria dos sócios das sociedades de baile serem portugueses, eles utilizaram este termo para designar os bailes dados mensalmente. O termo partida também era utilizado para designar as reuniões, as “*soirées musicales*” dadas em casas particulares em todo o Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco). PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do ... Op. Cit.*, p. 40.

talvez para proporcionar a participação de sócios e convidados em ambos os bailes, pois encontrei alguns sócios que participavam simultaneamente das duas sociedades. A sociedade *Distração e Beneficência* fazia seus bailes, no terceiro ou no último sábado de cada mês.

Além dos bailes mensais, os salões das sociedades eram alugados para outras atividades, na maioria das vezes, atividades recreativas. Nos estatutos da sociedade *Fênix Pelotense* estava deliberado que a casa poderia ser cedida “á pessoas que não pertenciam] á sociedade, para qualquer baile ou concerto vocal e instrumental, com aprovação unânime de todos os seus membros, mediante a contribuição de cem mil réis, obrigando-a a indenização dos prejuízos causados à casa ou a qualquer de seus objetos”²⁴⁵.

Duas atividades começaram a ser introduzidas na cidade no mesmo período, tendo como palco os salões das sociedades. Essas práticas eram ainda incipientes, mas demonstravam que as novas formas de sociabilidade não estavam ausentes em Pelotas. Em 1853 o fotógrafo Luiz Terragno expôs seus “retratos a electrotypo”, quadros, etc. nos salões da sociedade *Recreação Pelotense*:

RETRATOS A ELECTROTYPO Os abaixo firmados, recém chegados a esta cidade, pretendendo demorar-se poucos dias, tem a honra de convidar aos habitantes da mesma, para visitarem a sua galeria, na qual se mostra o produto da sua arte, assim como um variado sortimento de quadros, caixas, medalhas, &c. O estabelecimento acha-se na rua do Poço, casa da sociedade *Recreação Pelotense* e estará aberto das 9 horas da manhã ás 3 da tarde. *Terragno & C.*²⁴⁶

Os primeiros concertos públicos foram realizados no Teatro Sete de Abril e nos salões das sociedades de baile. No período que estudo, não havia em Pelotas os ditos “clubes musicais”²⁴⁷, a maneira dos clubes *Phileuterpe* e *Philharmonica* do Rio de Janeiro, onde havia a predominância da música em detrimento da dança.²⁴⁸ Cito, como exemplo, a sociedade

²⁴⁵ Conforme artigo 7 dos seus estatutos. Ver Anexo 3.

²⁴⁶ *O Pelotense*, terça-feira, 01.11.1853, p. 3, n. 254, ano III. Anúncios. Pelotas.

²⁴⁷ A primeira notícia de uma sociedade deste tipo em Pelotas é de 1878, com a fundação da Sociedade *Philharmonica Pelotense*. *Correio Mercantil*, 02.07.1878, p. 2, n. 147. Pelotas.

²⁴⁸ PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do ... Op. Cit.*, p. 272-3.

Recreação Pelotense, onde, em 1853, foi realizado um "concerto de música e canto que aos diletantes desta cidade, oferece o Sr. Antonio Ibarra"²⁴⁹.

Em 1860 os salões da sociedade *Harmonia Pelotense* foram palco do concerto vocal e instrumental da "distinta cantora francesa Mme. Girard", como mostro no anúncio a seguir:

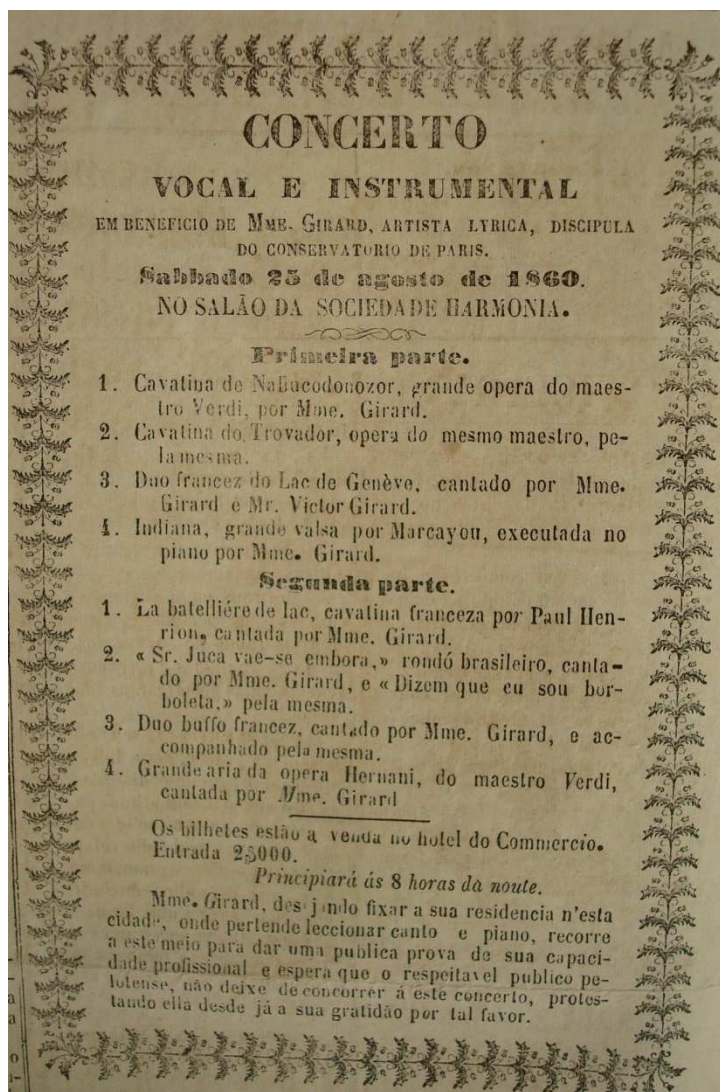


Figura 2 – Anúncio de um Concerto Vocal e Instrumental na Sociedade *Harmonia Pelotense*.

Fonte: O Brado do Sul, sábado, 18.08.1860, p. 2, n. 127, ano III. Anúncios. Pelotas.

Esses concertos tinham lugar fora do espaço doméstico e sua entrada era paga. Significava que se difundira entre certos grupos o hábito de

²⁴⁹ O Pelotense, terça-feira, 19.04.1853, p. 2, n. 198, ano III. Pelotas.

escutar música instrumental e vocal, hábito estritamente relacionado com as reuniões privadas realizadas nas residências da elite pelotense.

O processo de modernização estava ainda preso às práticas anteriores, “marcadas pela personalização das relações entre músicos e o público”²⁵⁰, com a coexistência de profissionais e amadores: o concerto de Antonio Ibarra teve a “coadjuvação de dois jovens rio-grandenses, de conhecida habilidade no piano e rabeca, os Srs. Sebastião Domingues e José Teixeira Reis”²⁵¹; no concerto de Mme. Girard foi cantado “o belo dueto de Norma por Mme. Girard e uma jovem diletante pelotense de não vulgar mérito”²⁵².

Na época, era comum os concertos acabarem com um baile. Foi o que aconteceu com o concerto de Mme. Girard, que “para tornar mais agradável e variado o divertimento, fará findar o concerto com um pequeno baile e esta circunstância deve contribuir para tornar ainda mais concorrido tal divertimento”²⁵³.

Além dessas atividades, os salões das sociedades de baile também foram os primeiros espaços, juntamente com os hotéis, utilizados para os banquetes. O primeiro banquete de que tenho informação foi organizado por admiradores do artista João Caetano dos Santos, nos salões da sociedade *Harmonia Pelotense*, em outubro de 1854. O banquete, descrito com detalhes pelo redator do *O Pelotense*, incluía excelente e variada culinária, poesias, brindes e baile.

Ceia oferecida ao Sr. comendador João Caetano dos Santos Quinta-feira 12, teve lugar no salão da sociedade *Harmonia Pelotense* uma ceia oferecida ao Sr. comendador João Caetano dos Santos, por alguns admiradores do mesmo senhor, e a qual assistiram cerca de duzentas pessoas, das mais gradas do lugar. Pelas 9 horas, compareceu o Sr. comendador, o qual foi recebido com uma alegre sinfonia, e depois de haver com a maior urbanidade e elegância

²⁵⁰ LOUSADA, Maria Alexandre. Sociabilidades Mundanas em Lisboa. Partidas e Assembléias, C. 1760 – 1834. *Penélope*. Fazer e Desfazer História, Lisboa: Cosmos, n. 19-20, p. 129-60, 1998. Disponível em: www.penelope.ics.ul.pt. Acesso em 02.07.2007.

²⁵¹ *O Pelotense*, terça-feira, 19.04.1853, p. 2, n. 198, ano III. Pelotas.

²⁵² *O Brado do Sul*, sexta-feira, 24.08.1860, p. 1, n. 132, ano III. Noticiário. Pelotas.

²⁵³ Idem.

cumprimentado todas as pessoas presentes, [...] O Sr. comendador João Caetano fez o primeiro brinde, aos habitantes de Pelotas; [...] A mesa compunha-se de variados e magníficos fiambres, grande quantidade de ótimos doces, e excelentes vinhos. A disposição e bom gosto que em tudo se notava, foi obra do belo sexo. Houveram algumas poesias improvisadas, e leram-se outras que abaixo publicamos, [...] Terminou a ceia pelas 11 horas e meia, sendo o Sr. comendador João Caetano dos Santos acompanhado a sua casa por grande numero de pessoas, e precedido por uma banda de música.²⁵⁴

O redator do jornal continua sua narrativa dizendo que:

Quando no salão da sociedade *Harmonia Pelotense* só se achavam algumas pessoas da intimidade das famílias dos Srs. Vieira da Cunha, Drs. Mendonça, Amaro, Thomaz Rodrigues Pereira e Joaquim José da Cruz Secco, penetraram estas no salão, sendo o Sr. comendador João Caetano dos Santos convidado para voltar, afim de gozar alguns momentos d'essa nova e bela companhia. Haviam senhoras, e por conseqüência o indefectível baile foi logo improvisado. O Sr. comendador João Caetano dos Santos teve a honra de dançar com a Ilma. Sra. D. Josepha Jacintho de Mendonça, irmã do Sr. deputado á assembléia geral legislativa, Dr. João Jacintho de Mendonça. [...] Foi, pois um belo pensamento o de reunir em uma ceia tão grande número de pessoas, para perante elas as sumidades de Pelotas obsequiarem o artista sem rival, provando de um modo tão assinalado, que não pode ser igualado, a impotência da inveja contra o gênio, dos manejos ignóbeis contra a voz atroadora da verdade, e dando o mais autêntico testemunho do grau de civilização em que se acha a província do Rio Grande do Sul.²⁵⁵

Quando da realização das partidas mensais, os sócios tinham o direito de trazer a sua família e, ainda, convidar e/ou recomendar uma família ou pessoa solteira, sendo “expressamente proibido” trazer pessoas que não fossem da família, sem convite especial. As sociedades estipulavam, através de seus estatutos, quem era considerado “família” e quais as famílias que poderiam ser convidadas.

Os estatutos consideravam família as pessoas que viviam sob o mesmo teto, sem economia separada. Diferem quanto aos homens maiores de 21 anos. Na sociedade *Recreação Pelotense* cada família poderia levar um membro maior de 21 anos, independentemente de ser mulher ou homem, enquanto que na *Fênix*, somente as mulheres maiores de 21 anos poderiam acompanhar o sócio e os homens acima desta idade deveriam se associar.

²⁵⁴ O Pelotense, quarta-feira, 18.10.1854, p. 1-2, n. 353, ano IV. Pelotas.

²⁵⁵ Idem.

As crianças não poderiam participar dos bailes. Era proibida a entrada de meninas menores de 10 anos e meninos menores de 12 anos na sociedade *Harmonia Pelotense*²⁵⁶; já na sociedade *Fênix Pelotense* as meninas menores de 7 anos e meninos de 12 não poderiam entrar nos bailes, sob pena de os salões de baile “serem invadidos por criançolas”.

Os convites para os não sócios eram expedidos pela diretoria, sendo que qualquer sócio poderia recomendar qualquer família ou pessoa solteira à diretoria para ser convidada, desde que “goz[asse] geralmente pelos bons costumes, inteiro conceito público”. À diretoria era facultado conceder ou negar o convite, de acordo com o “número de cartões expedidos e a capacidade da casa”.

Os sócios da *Recreação Pelotense* não poderiam convidar as “famílias nem pessoas solteiras que [fossem] domiciliados no espaço de duas léguas em quadro desta cidade”, enquanto que para os bailes da *Fênix Pelotense* os convidados poderiam residir na cidade, porém, só obtinham o convite uma vez.

Os convidados não residentes na cidade poderiam ser convidados por até três vezes ao ano. Para garantir a ordem, os sócios da sociedade *Recreação Pelotense* que pedissem convite deveriam assinar no verso do mesmo.

A possibilidade de cada sócio convidar uma família significava o alargamento social do círculo de convívio, demonstrando que esse era um espaço de sociabilidade mais alargado que o espaço doméstico, porém, a recomendação dos convidados por algum sócio indicava que esses convidados faziam parte de seu círculo de relação.

Analisando tais aspectos dos estatutos, posso dizer que a necessidade de recomendação e avaliação dos convidados indica que eles eram selecionados. A sociedade era um espaço restrito, onde tinham acesso somente aqueles que preenchiam os requisitos adequados para poderem

²⁵⁶ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 27.08.1857, p. 4, n. 2594, ano X. Anúncios. Pelotas.

participar dos bailes, ou seja, a escolha dos convidados tanto favorecia a coesão e a identificação dos indivíduos que eram aceitos para os bailes, como os distinguia em relação aos que ficavam de fora.

Havia casos em que os convites eram negados pela diretoria, como ocorreu com Pedro Bernardino de Moura, o *Carijó*, correspondente do jornal *Echo do Sul* de Rio Grande, cuja entrada em um baile da sociedade *Recreio Pelotense* lhe foi negada²⁵⁷. O convite restringia a entrada, diferentemente do teatro, em que somente era necessário pagar pelo ingresso para ter acesso aos espetáculos.

Dessa forma, a diretoria coibia a entrada de pessoas indesejadas no salão. Porém, algumas sociedades, que se localizavam em pavimentos térreos, tinham outros problemas com os que não eram convidados para os bailes. Os que não tinham acesso, nem como sócios nem como convidados, se aglomeravam nas janelas do salão da sociedade *Harmonia Pelotense* para participarem, mesmo que como meros espectadores e “comentaristas”: “o abuso que o respeitável público dos camarotes do lado de fora ali continuamente pratica, analisando a reunião com palavras obscenas, etc”. Visando coibir esta “participação” o ambiente do baile foi preservado da rua através de cortinas: “A diretoria da *Harmonia Pelotense* deliberou colocar cortinas transparentes nas janelas de seu salão para cortar o abuso [...] Muito louvamos tão acertada providência.²⁵⁸”

Essa era outra forma de excluir os “não iguais”. Mesmo não podendo entrar nos salões esses “intrusos” buscavam uma forma de participar desta atividade, porém, mais uma vez eram barrados, pois sua classe e seu comportamento não condiziam com o comportamento da elite que tinha acesso aos espaços formais de sociabilidade.

Assim, esse espaço fechado de sociabilidade tinha estratégias para coibir a entrada e a presença de determinadas pessoas, diferentemente dos

²⁵⁷ Diário do Rio Grande, sábado, 28.09.1861, p. 1, n. 3840, ano XIV. Rio Grande.

²⁵⁸ O Brado do Sul, quinta-feira, 20.06.1860, p. 1, n. 80, ano III. Noticiário. Pelotas.

espaços do teatro, dos hotéis e, principalmente, da rua e das praças, cuja entrada não era tão seletiva. Porém, nos espaços de sociabilidade menos restritos, a imprensa buscava denunciar comportamentos ditos inadequados para uma cidade civilizada e moderna, como Pelotas estava se tornando. A presença do delegado e da polícia nestes espaços tinha como objetivo manter a ordem e “cultivar os bons costumes”, condizentes com a “gente decente” (leia-se elite) que participava desses espaços de sociabilidade menos formais e seletivos.

Dessa forma, as sociedades de baile eram um espaço de sociabilidade restrito, no qual participavam aqueles que preenchiam os requisitos adequados para poderem se associar, bem como os respectivos familiares ou convidados – pessoas de passagem pela cidade ou pessoas das relações de algum sócio – que tinham o privilégio de frequentar uma associação, sem se associarem.

Além das partidas mensais, as sociedades ofereciam os bailes “em grande gala” para comemorar acontecimentos cívicos importantes para o país, como o dia sete de setembro e o dia dois de dezembro. Esses bailes faziam parte de comemorações mais amplas, que ocorriam durante dois ou três dias na cidade, com atividades recreativas na Igreja, na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], nas principais ruas da cidade, no teatro e nos hotéis. O baile era o fechamento do programa dos festejos oficiais, acontecendo nos salões das principais sociedades, como mostro a seguir:

SEMANARIO PELOTENSE. XXXV (Correspondência do Diário) [...] Hoje principiam os festejos para comemorar o dia 7 de setembro. Temos baile na Harmonia Pelotense. Amanhã Te-Deum na Matriz, cortejo na câmara municipal, sem parada, porque não temos tropa; embora haja mais de três meses que se nos prometeu um dos batalhões que estão nesta província; de tarde, posse da nova diretoria do Asilo das Órfãs Desvalidas, e Te-Deum em seguida; á noite teatro. De todos estes atos, o Semanário tomará exatíssimas notas, que terá o alto favor de dirigir aos leitores do Diário na sua próxima missiva. Pelotas, 6 de setembro 1857.²⁵⁹

²⁵⁹ Diário do Rio Grande, segunda-feira, 7, terça-feira, 8, quarta-feira 9 e quinta-feira, 10.09.1857, p. 2, n. 2604, ano X. Semanário Pelotense XXXV. Rio Grande.

Essas comemorações demonstravam que os espaços de sociabilidade, fossem eles formais, informais ou intermediários estavam integrados e eram utilizados pela elite. Retomo o que diz Javier Escalera²⁶⁰: as diversas formas de sociabilidade formam um único sistema de interação social, não apresentando diferenças substanciais no que se refere às funções sócio-culturais desempenhadas pelas mesmas.

Assim, a par de serem espaços de dança, as sociedades eram também espaços do político, pois, além das comemorações de datas cívicas, as chegadas ou saídas de autoridades nacionais ou provinciais eram motivos para a realização de bailes, reuniões e festas. Cito como exemplo o baile oferecido nos salões da sociedade *Harmonia Pelotense* ao presidente da província, chegado à cidade em agosto de 1859:

O baile que a população desta cidade ofereceu a S. Exc. o Sr. presidente da província, e que teve lugar no sábado da semana finda, foi extraordinariamente concorrido, e esteve assas brilhante. A sala achava-se decorada com elegância; o belo sexo compareceu em abundância, adornado de ricos e elegantes toilettes; e a copa ostentava imensa profusão de doces e bebidas: e tudo isso reunido, denotava que aquele baile era destinado a deixar bem gratas recordações a todos quantos ali comparecessem. A comissão, composta por Srs. Barão de Piratini, Dr. Serafim José Rodrigues de Araújo e Joaquim Rasgado, houve-se com mestria no desempenho do seu mister granjeando por isso bem merecidos encômios. – No dia seguinte algumas famílias se achavam no salão da Harmonia, onde tinham ido ouvir a retreta; e improvisando-se um novo baile, foi elle honrado por S. Exc. o Sr. conselheiro presidente, que por acaso ali passava a essa hora. [...] ²⁶¹

O baile, nesse contexto, acrescentava às suas funções recreativas e de distinção social uma função política ao tornar-se um dos palcos onde se davam as relações entre a população e seus dirigentes políticos, fossem eles o Imperador ou o presidente da província.

Assim, as sociedades de baile, do mesmo modo que o Teatro Sete de Abril, tornaram-se espaços políticos. Um baile nas sociedades particulares ou um espetáculo teatral poderia adquirir a dimensão de espetáculos políticos. A importância dos bailes nessas sociedades, portanto, levava a imprensa a

²⁶⁰ ESCALERA, Javier. *Sociabilidad y Relaciones ... Op. Cit.*

²⁶¹ Diário de Pelotas, terça-feira, 30.08.1859, p. 3, n. 18, ano I. Noticiário. Pelotas.

analisá-los politicamente. As comemorações do dia sete de setembro e do dia dois de dezembro eram sempre relatadas pelos jornais, destacando o “patriotismo do nosso povo”, através das manifestações públicas de apreço e de regozijo. Para relatar uma comemoração do aniversário do Imperador, o redator começa com fortes elogios ao Monarca:

[...] um monarca ilustrado e justiceiro, que tanto coopera para a tranqüilidade e progresso do Brasil. Como seu primeiro cidadão na escala social, tem por dever empregar todos os seus esforços para o bem da sua pátria é uma verdade incontestável, mas é como primeiro cidadão que tem direito aquelas manifestações públicas que manifestam um prazer, uma alegria animadora para um coração magnânimo, que sem buscar os elogios, se deleita em ver as expressões de um povo que ama e que incessantemente merece seus árduos cuidados. [...] daquele que nos governa, a quem devemos a paz de que gozamos, a consideração que suas virtudes merecem e cujos cintilantes raios refletindo sobre o povo, lhe deixam ver um modelo completo que deve imitar.²⁶²

Aliada ao baile, a decoração do salão também podia ser lida como um discurso cívico, ou seja, era mais uma forma de demonstrar o apreço às lideranças políticas. O texto abaixo é um exemplo do que falo. Volto um pouco no tempo até o ano de 1852 e ao baile oferecido ao presidente da Província.

No dia 16 do corrente deu a sociedade *Recreação Pelotense* um baile como testemunho dos sentimentos que a animam, pela paz e tranqüilidade que, com nossos vizinhos, tão brilhantemente acaba de firmar S. Exc. o Sr. Conde de Caxias. O baile não teve nada de simplicidade, como a principio se nos disse. Foi um baile esplêndido, no qual se reuniu á profusão de belo doces e excelentes bebidas, o mais apropriado e decidido bom gosto na decoração das salas, com especialidade da principal, que a cada momento recordava a gloria dos nossos bravos. Três magníficas cadeiras de braços colocadas na cabeceira da sala, ligados os respectivos encostos por três faixas de cores nacionais, estavam reservadas para SS. Excs. Os Srs. Conde de Caxias, vice-presidente, e barão de Porto Alegre. Por trás delas havia um troféu das bandeiras nacional, argentina e oriental, de cujas lanças pendia um largo listão de seda verde, com os seguintes nomes em letras douradas: Herói Conde de Caxias, Barão de Porto Alegre, Justo José de Urquiza; E por cima, junto ao teto, uma bambinela verde com franja de ouro, onde se lia: Divisão Brasileira. Do lado oposto, como que guarnecendo um grande espelho, um outro listão igualmente verde com letras douradas, continha os seguintes nomes: Garzon, Grenffel, Virasoro; E por cima em uma bambinela igual á que acabamos de descrever: Marinha

²⁶² Diário do Rio Grande, sábado, 05.12.1857, p. 1, n. 2677, ano x. Semanário Pelotense LXVII. Rio Grande.

brasileira. Dos lados da sala havia em letras douradas sobre cetim verde os seguintes dísticos: Passagem do Tonelero. Campo de Moron.²⁶³

Ainda descrevendo a ornamentação do salão, o redator dirá que:

As paredes estavam adornadas de espelhos, aos lados, ou por cima dos quais, se viam graciosos e largos laços de fita amarela, em cujos topos estava o nome Conde de Caxias, e nas extremidades de cada laço, dois nomes dos que mais se distinguiram na contenda do Rio da Prata. Cada laço tinha por acima uma coroa de louro. Eis os nomes que se liam nas extremidades deles: Barão de Jacuí. M. L. Ozório. F. F. da Fonseca Pereira Pinto. J. de Oliveira Bueno. F. A. Falcão. N. X. Rozado. J. G. de Bruce. A. J. F. da Paixão. A. J. da C. Freire. V. J. Barbosa Lomba. Luiz José Ferreira. M. F. Monteiro. M. B. F. Tamarindo. J. D. Damazo dos Reis. David Canabarro. F. V. de A. Mello. [...] ²⁶⁴

O redator descreveu, ainda, a recepção e as homenagens feitas ao visitante:

Á chegada de S. Exc. uma comissão de cinco membros foi ao seu encontro, postando-se na escada grande número de pessoas, entre elas muita oficialidade; e 16 meninas vestidas de branco, com fitas celestes, nas quais também se lia Conde de Caxias, espargiram uma aluvião de Flores aos pés do ilustre Conde. Logo que S. Exc. penetrou na sala, e depois de saudar a todas as senhoras e cavalheiros que ali se achavam, a Sra. D. Henriqueta Gomes, filha do Sr. Cirurgião Gomes, cantou um hino posto em música pelo hábil Sr. J. Teixeira Reis, cujas letras seguem: [...] Por Antonio José Domingues. Então o Sr. Vice-presidente da sociedade, soltou um viva a S. Exc., que este correspondeu com outro a S. M., e que foram entusiasticamente correspondidos. O Sr. Antonio José Domingues, esse gênio fecundo da poesia, recitou a seguinte SAUDAÇÃO [...] O nobre general agradeceu com um grato e sincero abraço esta fineza do Sr. Antonio José Domingues. S. Exc. retirou-se depois das 2 horas da noite [...] ²⁶⁵

Desse modo, as sociedades de baile eram espaços de sociabilidade, que além da distração, serviam para materializar todo o espírito cívico da população pelotense. Nesses espaços, como mostrei, a elite comemorava as datas cívicas e homenageava seus dirigentes através da decoração do salão, dos discursos e poemas recitados, ou da “extraordinária concorrência”, mostrando que os bailes eram mais que um momento de sociabilidade, mas um cenário discursivo. Pelotas sempre se curvou às personalidades políticas, demonstrando que sabia reconhecer os feitos políticos.

²⁶³ O Pelotense, terça-feira, 22.06.1852, p. 1-2, n. 95, Ano II. Pelotas.

²⁶⁴ Idem.

²⁶⁵ Ibidem.

Essas sociedades não se limitaram aos bailes, fossem eles as partidas mensais ou os de gala. Proporcionaram também entretenimentos e jogos “lícitos”, o que alargava as ações de sociabilidades nas associações, uma vez que poderiam ser utilizados em outros dias, não só nos de baile.

O objetivo da sociedade *Recreação Pelotense*, por exemplo, deixava claro que, além dos bailes, os jogos lícitos eram uma maneira de promover o “honesto divertimento” dos sócios. Na sociedade *Fênix Pelotense*, eram permitidos unicamente os “jogos de vasa”. Porém, os jogos foram considerados os responsáveis pelo fato de muitas senhoras “ficarem sentadas” durante as danças, numa partida da sociedade *Recreação Pelotense*: “Está-me parecendo que o *lasquinet* e o *écarté* são a causa primaria de muitas senhoras não dançarem todas as quadrilhas, e, entretanto a *Recreação* é essencialmente sociedade de baile, e não sociedade de jogo.”²⁶⁶.

Mesmo com toda a regulamentação das danças nas sociedades de baile, em que era “expressamente proibido contratar pares adiantados”, em algumas partidas as mulheres ou os homens ficavam sem dançar, o que era considerado um “grave inconveniente, que ameaça[va], talvez mais que nenhum outro a existência das sociedades de baile”²⁶⁷.

O motivo era sempre o mesmo, as solteiras queriam dançar com os solteiros e vice-versa, ficando os casados e as casadas sem dançar durante todo o baile: as mulheres só queriam dançar com os homens solteiros, sendo que este “desapontamento fazia com que os casados se aglomerassem em torno da mesa do jogo, sendo quase sempre completamente estranhos aos atrativos que oferece um baile”²⁶⁸; os “nossos leões, que entendem dever dançar somente com as suas prediletas solteirinhas (que não tem mais direito

²⁶⁶ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 20.07.1853, p. 3, n. 1383, ano IV. Comunicado. Rio Grande.

²⁶⁷ O Pelotense, sábado, 14.01.1854, p. 2, n. 304, Ano IV. Pelotas.

²⁶⁸ O Pelotense, sábado, 14.01.1854, p. 2, n. 304, Ano IV. Pelotas.

a divertir-se do que as sócias casadas)"²⁶⁹, fazendo com que as casadas "fabrica[ssem] renda durante quase toda a noite"²⁷⁰.

Para resolver tais problemas algumas atitudes foram tomadas: o redator do jornal *O Pelotense*, no seu comentário do baile da sociedade *Recreação Pelotense*, realizado em abril de 1853, vem "prevenir aos recreantes de que todas as senhoras, sejam mais ou menos formosas, devem dançar; bem como as elegantes, de que a sociedade é composta de casados e solteiros, e que não são somente estes que tem direito de se divertir-se"²⁷¹.

Internamente, as diretorias das sociedades buscavam resolver o problema por um sistema de cartões, os quais possibilitavam que todos dançassem, independentemente de serem solteiros ou casados.

A diretoria da sociedade *Harmonia Pelotense*, tomando na devida consideração o abuso introduzido nos bailes, [...] resolveu distribuir cartões numerados, de duas cores, pelos quais o cavalheiro é obrigado a dançar com a senhora que tiver o numero igual ao do seu cartão; isto em três quadrilhas, ficando-lhe o direito de dançar as outras, bem como as valsas e *schottiches* com as suas faceiras solteirinhas. Esta medida que altamente aconselha o bem estar da sociedade, trás a conveniência de evitar a retirada de crescido número de senhoras casadas que costumam ficar sentadas durante todo o baile, sem haver um CAVALHEIRO que se lembre delas, nem ao menos para passear; e dá aos casados a probabilidade de poderem também dançar com esses diabinhos da mão furada, que até aqui, na esperança de encontrarem solteiros para todas as quadrilhas, só tinham na boca estas palavras – já tenho par para todas.²⁷²

Nos bailes não havia improvisos, demonstrando, mais uma vez, o grau de formalização da atividade. As partidas obedeciam rigorosamente à etiqueta e ao regulamento da sociedade. No Regulamento Interno da Sociedade *Recreio Pelotense*²⁷³, por exemplo, todo o baile era planejado, com a hora de início, número de danças, horário do chá e café, tempo de permanência dançando, tempo dos intervalos.

²⁶⁹ *O Pelotense*, sábado, 14.01.1854, p. 2, n. 304, Ano IV. Pelotas.

²⁷⁰ *O Pelotense*, quinta-feira, 23.06.1853, p. 1, n. 224, ano III. Pelotas.

²⁷¹ *O Pelotense*, quinta-feira, 07.04.1853, p. 1, n. 193, ano III. Comunicados. Pelotas.

²⁷² *O Pelotense*, sábado, 14.01.1854, p. 2, n. 304, Ano IV. Pelotas.

²⁷³ Regulamento Interno da Sociedade *Recreação Pelotense*. Ver Anexo 2.

Do 15º ao 30º artigo do regulamento dessa sociedade estava estipulado, com riqueza de detalhes, o tipo de danças que poderiam ser dançadas: as quadrilhas, as valsas, os *schottisches*, bem como o tempo para cada dança e para os intervalos:

Das danças: [...] Art. 17 Em cada partida não se dançarão mais de nove quadrilhas e cinco valsas, sendo três xotes, e não durando as valasas mais de 15 minutos. [...] Art. 26 O intervalo de uma ou outra dança nunca será maior de dez minutos, havendo a regularidade de se dançar cada valsa depois de duas quadrilhas; exceto entre a 2ª, 4ª e 5ª valas, xote. Art. 27 O intervalo, porém, da 4ª quadrilha á 2ª valsa será de 30 a 40 minutos.²⁷⁴

O regulamento informa sobre toda a dinâmica de um baile, destacando, também os comportamentos inaceitáveis nesses espaços:

Art. 36 A nenhum cavalheiro é permitido alterar-se nas reuniões com palavras, gestos ou ações que as possam perturbar, e muito menos faltar às atenções e respeitos que são devidos às damas nas boas sociedades. Art. 37 É rigorosamente vedado aos cavalheiros permanecerem defronte da porta do toilette.²⁷⁵

O regulamento informa ainda as sanções para esse tipo de comportamento: “Ao sócio que se não comportar nas reuniões do modo que se deve esperar de pessoas de fina educação ou que cometer qualquer ato contra os bons costumes, boa ordem e política das mesmas reuniões” poderá ser advertido pelo presidente ou mesmo “despedido da sociedade conforme a gravidade da ofensa”. Após ser despedido da sociedade, o sócio não poderia mais ser admitido como sócio nem como convidado.

Além das danças, o baile tinha outros atrativos, entre eles o “serviço de copa”. Tal serviço também era regulamentado, obedecendo a uma ordem: “três minutos depois da 4ª quadrilha [...] todos os cavalheiros sentarão as suas damas e se retirarão do meio da sala para que se sirva o chá”; o chá acompanhado de doces era servido primeiramente para as mulheres e para os “cavalheiros que estiverem jogando”; os demais deveriam procurar na casa da copa, “depois de se terem servido as senhoras”. Caso houvesse

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ Ibidem.

chocolate ou café, este seria distribuído “no intervalo da 7ª e 8ª quadrilha”, sempre após a meia noite.

O “serviço de copa” dos bailes sempre merecia alguns comentários: no baile da *Recreação Pelotense*, no dia 24 de janeiro de 1852, ao qual compareceu o vice-presidente da Província, “notou-se abundancia em todo o serviço da copa e salas, servindo-se o excelente chá pouco depois das 10 horas, o chocolate à 1 da madrugada”²⁷⁶.

Em 21 de novembro de 1868 foi oferecido um baile ao presidente da Província na sociedade *Fênix Pelotense*, cujo “serviço de copa sobrepujava, se era possível, os esplendores e riquezas do salão. Vinhos de todas as qualidades, finos licores, excelentes champanhe eram distribuídos com estranha larguesa, imensas bandejas dos mais escolhidos e delicados doces circularam varias vezes por todo o salão, chá e chocolate houve sempre com abundancia”²⁷⁷.

As novidades da culinária também eram apresentadas à sociedade através das sociedades de baile. No mesmo baile citado acima, “até sorvetes²⁷⁸, fabricados com gelo artificial foram apresentados indistintamente aos convidados”, o que “nem sempre se costuma oferecer mesmo nos bailes da alta sociedade”.

Assim, nesses espaços a sociabilidade traduz-se num ambiente material específico, que deve ser propício à dança, à conversa, ao jogo, e também aos consumos alimentares. Estabelecem-se códigos de bem

²⁷⁶ O Pelotense, quinta-feira, 29.01.1852, p. 1, n. 32, Ano II. Pelotas.

²⁷⁷ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 25.11.1868, p. 1, n. 5972, ano XXI. Rio Grande.

²⁷⁸ Conforme Câmara Cascudo, os sorvetes já eram conhecidos no Brasil por volta de 1733. Em Salvador, uma casa de pasto os comercializava no sabor chocolate. Esses sorvetes eram chamados de “refrigerantes”, pois não levavam gelo e apresentavam a consistência de xaropes, sendo necessário dissolvê-los em água para serem consumidos. Nos banquetes franceses figuravam em meados do século XIX e nos banquetes brasileiros surgiram na década de 1890. CARVALHO, Deborah Agulhan. *Das Casas de Pasto aos Restaurantes: os sabores da velha Curitiba (1890-1940)*. 2005. 176 f. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2005, p. 57.

receber que estão associados com novas práticas sociais²⁷⁹, com consumos de novos bens, sejam eles o chá, o chocolate ou o sorvete.

Os bailes das sociedades ganhavam um espaço de destaque nos jornais da época, os comentaristas relatavam, com riqueza de detalhes, a concorrência aos bailes, as mulheres, a decoração do ambiente e também o “serviço de copa”. Nos seus comentários a participação das mulheres era sempre destacada, bem como as suas *toilettes*. No baile da *Harmonia Pelotense* oferecido ao presidente da Província, “o belo sexo compareceu em abundância, adornado de ricos e elegantes *toilettes*”²⁸⁰.

As mulheres eram os atrativos principais dos bailes. A sociedade conseguia alguns sócios pela presença de determinadas mulheres: o “amável Ray [...] entrou de sócio por causa da moreninha dos Coqueiros – que não precisa de bailes para casar-se bem”. As mulheres mereciam várias linhas de comentários: “A seu tempo descreverei as belezas e graças das rainhas que ornaram aquela sociedade, principiando já por uma Mlle. que mora cerca de certa fábrica: *c'est la plus belle rose da Recreação. Elle est charmante des yeux adorables, la bouche trop petite et divine, Vénus en un mot!*”²⁸¹.

Além dos comentários, poesias eram escritas e publicadas nos jornais, visando analisar as mulheres que participavam de um ou outro baile:

Quem era porem a rainha das flores nesse imenso jardim do paraíso? Eu sou imparcial, verdadeiramente imparcial nesse assunto; mas inda assim não digo não. O moço das calças pardas contudo não tem os mesmos receios que eu, e formula a sua opinião nas seguintes quadras:

*Ergue a fronte majestosa
Desse porte angelical
És a flor d'este salão,
Não tens nenhuma rival.
Quem é que como vos aqui desperta
Geral admiração, pasmo geral?*

²⁷⁹ Maria Alexandre Lousada constatou que as boas maneiras e a arte de bem receber, associadas a novas práticas sociais, eram comuns às assembléias portuguesas do século XIX. LOUSADA, Maria Alexandre. *Sociabilidades Mundanas ...* Op. cit..

²⁸⁰ Diário de Pelotas, terça-feira, 30.08.1859, p. 3, n. 18, ano I. Noticiário. Pelotas.

²⁸¹ Diário do Rio Grande, domingo, 21.11.1852, p. 2, n. 1196, ano V. Comunicado. Rio Grande.

*Nenhuma, que nenhuma aqui fulgura
Tão danosa, gentil, tão divinal.*

E ainda o sujeito queria encaixar um terceiro verso, que diz ele exprime igualmente a sua opinião a respeito do mesmíssimo objeto; porem não estive pelos outros, porque assim não teria tanta graça como terá pondo eu só esses dois, para as curiosas quebrarem a cabeça querendo adivinhar quem é a sobredita cuja.²⁸²

Afora os comentários sobre as mulheres, as *toilettes* eram sempre destacadas. Como diz Wanderely Pinho, “falar de bailes obriga quase a descrever vestidos”.²⁸³

Os *toilettes*, nunca com tanta perfeição, com tão bem calculado gosto, com tão poética harmonia e graça se ostentaram num salão de um baile em Pelotas. [...] As *toilettes* que mais chamaram a atenção foram as da Exmas. Sras. D. B. C., D. D. A., D. M. M., D. I. M., D. A. P., e D. M. C. T.. Muitos outros rivalizaram com estes porem não seria possível a todos mencionar.²⁸⁴

Foi possível perceber a preocupação das mulheres com os vestidos a serem usados nos espaços de sociabilidade. Como diz Bourdieu, o vestuário é uma oportunidade de “experimentar ou afirmar a posição ocupada no espaço social como lugar de assegurar ou distanciamento a manter.”²⁸⁵

A importância da escolha e da preparação das *toilettes* das senhoras pode ser visualizada nos anúncios de tecidos para a feitura dos vestidos e de acessórios.

*PELOTAS. Para o baile de 2 de dezembro. Rua de S. Miguel, n. 120. José Pereira da Silva Peixoto, recebeu: Ricos cortes de vestido de seda. Ditos de seda, fios de escócia. Ditos de barege de lan e seda. Grinaldas brancas e de cores. Camélias artificiais. Luvas de pelica jouvin.*²⁸⁶

O baile destacado no anúncio foi realizado nos salões da sociedade *Recreio Pelotense* em comemoração ao aniversário natalício de D. Pedro II.

Para as mulheres, esses eram importantes espaços de sociabilidade. Era um espaço para mostrar suas características pessoais, usar seus melhores

²⁸² Diário de Rio Grande, quarta-feira, 20.07.1853, p. 3, n. 1383, ano VI. Comunicado. Rio Grande.

²⁸³ PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do ...* Op. Cit., p. 280.

²⁸⁴ Diário do Rio Grande, domingo, 20.10.1861, p. 2, n. 3859, ano XIV. Rio Grande.

²⁸⁵ BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. (Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira). São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

²⁸⁶ Diário do Rio Grande, segunda-feira, 25 e terça-feira, 26.11.1861, p. 3, n. 3889, ano XIV. Anúncios. Rio Grande.

vestidos, ou seja, era um espaço para arrumar um bom casamento, pois, em uma época em que a mulher era educada exclusivamente para tal, desses bailes podia depender todo seu futuro²⁸⁷. Isso demonstra, que mais importante que dançar era poder “ver e ser visto”. Como diz Pilar González, também aqui “a gente se reúne para concorrer ao espetáculo e para mostrar-se como espetáculo”²⁸⁸.

“Para que vem ao baile, se não vem para dançar?” Uma resenha escrita sobre o primeiro baile na sociedade *Fênix Pelotense* no dia 28 de dezembro de 1867 revela os motivos de se ir aos bailes, ou seja, não se vai ao baile só para dançar, mas esse era um espaço para o encontro, para o estabelecimento de vínculos e relações, sendo, portanto, um espaço de sociabilidade.

[...] a dança se apresenta como um engenhoso subterfúgio pelo qual se trocam sentimentos e permutam-se os amores sem que a malignidade afie suas línguas; [...] V. Exc. sabe, e ontem o admiraria na bela sociedade em que estivemos, que a mocidade não corre pressurosa aos clamores dos clarinetes e as lamentações dos violinos, para mostrar a flexibilidade dos seus nervos nem a agilidade dos seus movimentos, puramente para esses exercícios são as salas de armas, os gabinetes acrobáticos e os clubes Jacome. Fora indigno pensar que a bela e bondosa mocidade que ontem povoou os salões do Asilo, fora ali buscar impressões outras que não aquelas que o riso das moças, seus lábios virginais e seus corações, urnas ubérrimas de ventura, sabem inspirar! V. Exc. sabe que vai-se ao baile para apertarem-se as relações sociais e criar-se essas cadeias de amizade, que no futuro serão aquelas da felicidade!²⁸⁹

Essas sociedades de baile, mais do que espaços para a dança, eram espaços de arrumar as melhores moças e os melhores moços para o casamento, fazer amizades, era um lugar onde se buscava e se encontrava a felicidade. Era um local propício para fortalecer a elite mediante o casamento entre iguais, pois o rigor com que eram selecionados os sócios e os convidados fazia com que só participassem os aceitos pelos sócios.

²⁸⁷ IBÁÑEZ, Félix Castrillejo. Sociabilidad en Burgos. In: ZORRILLA, Elena Maza (Coord.) *Sociabilidad en la España Contemporánea*. Historiografía y Problemas Metodológicos. Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2002, p. 133-70. (Série Seminarios Simancas, nº 1).

²⁸⁸ GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Civilidad y Política en los Orígenes ...* Op. cit., p. 318.

²⁸⁹ Diário do Rio Grande, domingo, 05.01.1868, p. 1, n. 5707, ano XXI. Rio Grande.

Tais sociedades eram os principais lugares de congregação da elite, pois só os “iguais” poderiam participar dos bailes; era o local de demonstrar o bom gosto, materializado nas “encantadoras *toilettes* das senhoras” e na decoração do salão; um local para demonstrar a “urbanidade” através das “maneiras civilizadas da dança”. Era um lugar ideal para encontrar o par, o futuro esposo ou a futura esposa, pois excluía a participação dos “não iguais”.

Os bailes sempre gozaram de grande prestígio na elite local pelotense. O baile era um divertimento coletivo e constituía-se numa das mais significativas manifestações de sociabilidade. A dança era considerada “o alicerce o mais firme em que devem descansar as sociedades civilizadas da nossa afortunada época”²⁹⁰. Prova disso está no grande número de “concorrentes” que frequentavam os locais, chegando a ter, alguns deles, “as salas apinhadas de sócios e alguns convidados, em número de 400 a 500 pessoas”²⁹¹. As sociedades de baile, mais do que espaços de dança, refletiam uma sociedade que se via e que se queria civilizada.

Tais associações eram exemplos de sociabilidades privadas e seletivas que se estruturavam segundo referentes que derivavam da percepção e incorporação dos códigos de comportamento que difundiam sinais de proximidade e distanciamento entre os indivíduos e entre os grupos, estabelecendo marcas distintivas e de distinção²⁹². Ou seja, esses espaços formais de sociabilidade acabavam sendo espaços de diferenciação e de distinção, onde a elite procurava impor seus valores e sinais distintivos.

O cuidado no arranjo do espaço físico, o consumo de produtos alimentares, a necessidade de um traje adequado, os comportamentos adequados em um baile eram, como se viu, destacados pela imprensa da época.

²⁹⁰ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 10.07.1857, p. 1, n. 2554, ano X. Semanário Pelotense XXVI. Rio Grande.

²⁹¹ O Pelotense, quinta-feira, 29.01.1852, p. 1, n. 32, ano II. Pelotas.

²⁹² BOURDIEU, Pierre. A *Distinção*: ... Op. Cit..

A sociedade de baile era um espaço de sociabilidade de diversão elegante, requintada e aprazível, praticada pela elite pelotense, tendo por objetivo essencial o convívio e a distração, em torno de um gosto comum pela dança. O espaço social alarga-se, abre-se a um exterior selecionado, surgindo um novo espaço material, de divertimento organizado, lugar de encontro das pessoas “mais gradas do lugar”, da elite pelotense: as sociedades de baile. A aquisição e manutenção de prestígio e distinção passam pela frequência às sociedades de baile, nas quais também se construiu a nova elite do século XIX.

A sociedade de baile era um espaço de sociabilidade que unia, mas que também separava:

Como toda a espécie do gosto, ela [a disposição estética] une e separa: sendo o produto dos condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência, ela une todos aqueles que são o produto de condições semelhantes, mas distinguindo-os de todos os outros e a partir daquilo que têm de mais essencial, já que o gosto é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado. Os gostos (ou seja, as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença inevitável.²⁹³

Os frequentadores dessas sociedades de baile e suas características são apresentados a seguir, demonstrando quem era a elite que participava destes espaços formais de sociabilidade.

2.1.1 Características dos Sócios

As sociedades não estipulavam o número máximo de sócios, sendo este “ilimitado” (Sociedade *Fênix Pelotense*) ou ainda “em relação á capacidade da casa” (Sociedade *Recreação Pelotense*). Como já afirmei, não foi possível identificar o número de sócios, uma vez que não encontrei as listas e nem os livros de sócios de nenhuma sociedade. Quando da sua abertura, a sociedade *Fênix Pelotense* possuía 100 sócios, o que foi

²⁹³ BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: ... Op. Cit.*, p. 56.

considerado um bom “número para começar”. Porém fica difícil saber qual o número total de sócios em cada sociedade, mas posso dizer que possuíam mais de cem sócios no auge de seu funcionamento, a partir de indícios sugeridos pelos jornais.

Para admissão de sócios, tomavam-se em consideração as exigências previstas nos estatutos. A entrada de sócios requeria certos requisitos morais, pois era “mister que goz[asse] geralmente pelos seus bons costumes, inteiro conceito público”; e certos requisitos financeiros, pois o sócio que fosse aprovado era obrigado a pagar a “jóia” e as mensalidades²⁹⁴.

Assim, para participar das associações era necessário ter recursos para o pagamento da jóia e das mensalidades e respeitar os códigos de civilidade que permitiam ter acesso a esse universo social restrito. Tais requisitos faziam do ato de admissão “um ritual seletivo, que tanto favorecia a coesão e a identificação entre os indivíduos que eram admitidos, como os distinguia em relação aos que ficavam de fora”²⁹⁵.

Os requisitos morais, civis e financeiros impunham certa seletividade à admissão de novos elementos. E só os homens podiam figurar como sócios. O espaço reservado às mulheres era de acompanhante, como familiar direto dos sócios.

A entrada de novos sócios era bastante restrita. O proponente deveria apresentar sua proposta por escrito à diretoria e, em algumas sociedades, esta proposta deveria vir acompanhada da declaração do “nome, emprego, estado e idade” do proposto. A proposta deveria ser aprovada pela assembléia geral da sociedade. Caso não obtivesse os votos necessários para a sua entrada na sociedade, conforme as normas de cada estatuto, o proponente poderia fazer uma nova proposta, porém, somente passado um ano. Isso demonstra que somente os “iguais” eram aceitos

²⁹⁴ Na sociedade *Recreação Pelotense*, cujo estatuto foi elaborado em 1851, os sócios deveriam pagar a jóia de 10\$000 rs. e a mensalidade de 2\$000. Os estatutos da sociedade *Fênix Pelotense*, aprovados em 1867 estipulavam a jóia no valor de 32\$000 rs. e a mensalidade de 4\$000 rs.

²⁹⁵ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ...* Op. cit., p. 89.

nessas sociedades. A sociedade é o lugar “onde se pode ficar entre os nossos”, como diz Agulhon²⁹⁶, por oposição ao teatro ou hotel, que é um local de contato com o exterior, com os diferentes.

Após aprovado, o sócio tinha algumas obrigações a cumprir. Se ele não pagasse a mensalidade até o dia estipulado seria considerado “despedido e proibido seu ingresso na sala” da sociedade; os sócios eram obrigados a servir “aos empregos para que Fo[ssem] nomeados” (mestres-salas, para receber e acompanhar as senhoras).

Os sócios admitidos poderiam ser despedidos da sociedade pela diretoria, caso apresentassem “má conduta”, cometendo atos contra os bons costumes e a boa ordem das reuniões. Posso constatar, da mesma forma que Maria Ana Bernardo, que:

O cuidado com que os estatutos identificavam as situações e comportamentos que podiam conduzir à expulsão dos sócios exemplifica claramente o grau de formalização deste tipo de práticas: uma formalização que não radicava apenas na observância da contenção necessárias às relações interpessoais, mas procurava também assegurar o respeito pelo quadro jurídico que as enformava.²⁹⁷

Os estatutos regulamentavam ainda, a constituição do corpo administrativo. A diretoria era formada por um presidente, um ou dois vice-presidentes, um ou dois secretários, tesoureiro, procuradores, fiscais ou diretores de cada mês. A diretoria era eleita em assembléia geral, um mês antes de acabar a administração anterior. A eleição da diretoria era secreta.

Os estatutos estipulavam também as funções de cada membro da diretoria²⁹⁸. As sociedades fundadas no final da década de 1860 tinham em sua diretoria 12 “diretores de mês”, os quais eram responsáveis pela partida mensal do mês “que lhe toca[sse]”, assinando os convites e servindo de mestre-sala da partida do mesmo mês.

²⁹⁶ AGULHON, Maurice. *Histoire Vagabonde*. ... Op. cit., p. 39.

²⁹⁷ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ...* Op. cit., p. 42.

²⁹⁸ Ver Anexo 1 – Estatutos da Sociedade Recreação Pelotense e Anexo 3 – Estatutos da Sociedade Fênix Pelotense.

Pelos estatutos da sociedade *Recreação Pelotense* foi possível perceber que as sociedades de baile poderiam ser compostas de “sócios nacionais e estrangeiros”, porém, na constituição das diretorias de qualquer uma dessas associações²⁹⁹ o participante estrangeiro de outra nacionalidade que não a portuguesa estava quase inexistente. Se estavam presentes nas sociedades, os sócios estrangeiros não portugueses não participavam do corpo administrativo.

Nas demais sociedades recreativas alguns estrangeiros participavam das diretorias, conforme será visto na segunda parte deste capítulo. Da *Sociedade Literária* participavam três estrangeiros: um uruguaio, um francês e um alemão; da *Sociedade Filo-Dramática* participava um francês; e, do *Clube Pelotense*, um argentino.

Para saber quem eram os sócios dessas sociedades de baile contei somente com a fonte jornalística. Como não consegui encontrar os arquivos privados das associações, os quais provavelmente não existem mais, em função do tempo transcorrido, ficou difícil fazer a caracterização dos sócios. Porém, disponho de algumas listas diretivas e do nome de alguns sócios que fizeram parte de uma ou outra comissão, ou que em algum momento foram citados como sócios de determinada sociedade.³⁰⁰

Não foi possível avaliar a relação entre esses indivíduos e o número total de membros das sociedades, já que desconheço, por falta de documentação, seu número total. Estes sócios não são frutos de uma amostragem, mas são os nomes encontrados na documentação. Não obstante, o perfil obtido não é representativo do conjunto total, sem ser atípico, corresponde aos sócios que, em algum momento, estiveram na posição de mando nestas sociedades.

²⁹⁹ As diretorias das sociedades de baile *Harmonia Pelotense*, *Recreação Pelotense*, *Recreio Pelotense* e *Fênix Pelotense* estão nos apêndices 1, 2, 3 e 4, respectivamente.

³⁰⁰ Como será visto no decorrer deste capítulo, alguns sócios participaram de duas ou mais sociedades de baile no período estudado.

Assim, deste número é difícil tirar uma conclusão, pois não é possível saber nem a porcentagem em relação à totalidade dos sócios, mas, acredito que traduzem uma tendência.

Nesta parte da tese procuro investigar os sócios, especificamente os dirigentes das sociedades de baile, dado as fontes de que disponho, realizando uma espécie de ensaio prosopográfico, pois a prosopografia reúne dados biográficos de atores históricos que têm algo em comum, seja uma função, uma atividade, ou ainda uma posição social³⁰¹.

Considero este um método adequado, pois a prosopografia busca "revelar as características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado período histórico". O método ajuda a "elaborar perfis sociais de determinados grupos sociais, categorias profissionais ou coletividades históricas"³⁰².

Os sócios foram caracterizados segundo os seguintes fatores: sexo, idade, estado civil, nacionalidade e profissão³⁰³. Para saber de que forma esses sócios (dirigentes) estavam "enraizados" na sociedade em que atuavam, busquei verificar sua participação em atividades políticas e em outras sociedades, principalmente as de caridade e filantropia, como a

³⁰¹ ROY, Fernande ; SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920). In: HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. Esses autores apresentam as etapas da abordagem prosopográfica: estabelecimento da lista geral de indivíduos que formam a população; levantamento da documentação e criação de um verbete ou nota biográfica para cada indivíduo; e, análise, a partir do material reunido, do conjunto de notas biográficas para estabelecer os pontos em comum e as particularidades, para se chegar a uma síntese. Para uma discussão sobre o termo prosopografia e a evolução de sua utilização e para verificar alguns ensaios prosopográficos, ver todo o livro citado acima.

³⁰² HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites ... Op. Cit., p. 9.

³⁰³ Para caracterizar os sócios utilizei como fontes a Lista Geral dos Cidadãos Qualificados Votantes no 1º Distrito de Pelotas, de 03 de fevereiro de 1865; os registros de óbitos e casamentos da Cúria Diocesana da Catedral São Francisco de Paula de Pelotas; os inventários disponíveis no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul; o Ofício com a Lista dos principais fazendeiros ou criadores do 3º distrito de Pelotas, encaminhado pela Sub-Delegacia de Polícia do 3º Distrito do Termo de Pelotas, em 24 de março de 1858, para o presidente da Câmara Municipal de Pelotas. (Correspondências das Câmaras Municipais. Correspondência Expedida. Maço 106, Caixa 47 – 1858-1865 – AHRGS); e, OGNIBENI, Denise. *Charqueadas Pelotenses no Século XIX: cotidiano, estabilidade e movimento*. 2005. 274f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2005.

Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, a Sociedade de Beneficência Portuguesa e o Asilo de Órfãos N. S. da Conceição, todas estas associações do mesmo período das sociedades de baile³⁰⁴. Busco analisar o grupo dirigente dessas sociedades e suas relações com a sociedade que os envolve.

Analiso, neste subcapítulo, os sócios das sociedades de baile consideradas como espaços de sociabilidade da elite pelotense, de forma conjunta. Porém, caso haja alguma diferença significativa entre os membros de diferentes sociedades, esta será destacada.

Esses sócios, no período de 1850 e 1870, ocuparam cargos de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, procurador ou diretor; ou, ainda, fizeram parte de comissões, entre elas de elaboração dos estatutos ou de organização de algum baile³⁰⁵.

Uma primeira constatação não oferece surpresa: os sócios eram todos homens. Como já afirmei, às mulheres era reservado o espaço de acompanhantes dos homens nos bailes das sociedades. Provavelmente elas não participavam de assembleias e não tinham poder de decisão, mas eram as mulheres as responsáveis pelo serviço de copa. Aos homens competia, além das atividades diretivas, as funções de mestres-salas,

³⁰⁴ Para identificar a participação política dos sócios, utilizei lista sobre a Edilidade de Pelotas (1832-1889) elaborada por OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas. ...* v.1. Op. cit., p. 109-113; e, AITA, Carmen; AXT, Gunter; ARAÚJO, Vladimir (Orgs.). *Parlamentares Gaúchos das Cortes de Lisboa aos nossos dias: 1821-1996*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1996. Para identificar a participação em outras associações, utilizei as seguintes fontes: CUNHA, Alberto Coelho. *Síntese Histórica da ...* Op. cit.; TOMASCHEWSKI, Cláudia. *Caridade e filantropia na ...* Op. cit.; CHAVES, Larissa Patron. "Honremos a Pátria Senhores!" As Sociedades Portuguesas de Beneficência: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro do Rio Grande (1854-1910). 2008. 339f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2008; e, AMARAL, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas*. Pelotas: Seiva Publicações/Ed. Universitária – UFPel, 1999.

³⁰⁵ Os dados referentes a cada um dos membros estão reunidos nos apêndices 5, 6, 7 e 8 e incluem idade, estado civil, nacionalidade e ocupação; a participação em outras associações é apresentada no Apêndice 9; e a trajetória política no Apêndice 10. Algumas vezes a informação obtida é parcial e incompleta.

controle da entrada e do comportamento no salão, durante as partidas mensais.

Além disso, os homens e as mulheres também se distraíam separadamente nas partidas: ao homem também era reservado o espaço dos jogos lícitos, disponíveis nas sociedades; enquanto as mulheres conversavam ou ficavam sentadas, sem um cavalheiro para a dança.

Essas sociedades congregavam os homens de diversas idades, porém, os cargos principais, como o de presidente, eram desempenhados pelos homens mais velhos, quase sempre acima dos 50 anos. Esses homens mais velhos eram responsáveis pela administração da sociedade e eram escolhidos provavelmente pela sua experiência.

O estado civil foi uma variável que não foi considerada importante porque não foi possível saber a situação conjugal dos sócios no momento de sua participação na sociedade. Somente obtive tais informações sobre anos posteriores à participação na diretoria, como na lista de votantes de 1865 ou no ano de sua morte. Apenas os dados da Sociedade *Fênix Pelotense* podem refletir uma realidade, pois esta se formou após o ano de 1865. Mas posso dizer que entre os membros das sociedades estavam os homens casados e também os solteiros, que buscavam nas associações um espaço para encontrar a sua futura esposa.

Nesta análise coloco em destaque a origem essencialmente portuguesa ou luso-brasileira dos sócios. Pilar González fala da grande participação dos estrangeiros (franceses e italianos) nas associações recreativas de Buenos Aires no século XIX, mas não posso dizer o mesmo para o caso de Pelotas. A grande maioria dos sócios era portuguesa ou descendente de portugueses³⁰⁶, portanto quem dirigia essas sociedades de baile eram os brasileiros e os estrangeiros portugueses. Os estrangeiros não portugueses estavam quase inexistentes nestas sociedades. Alguns fatores

³⁰⁶ Apenas o tesoureiro da Sociedade *Recreio Pelotense* Benito Maurell Filho era natural do Estado Oriental.

podem justificar esta participação, quase total, de imigrantes portugueses e seus descendentes, nessas sociedades.

Os primeiros colonizadores de Pelotas eram de origem açoriana, madeirense, transmontana e minhota e os primeiros proprietários das charqueadas pelotenses eram naturais do continente português, principalmente da região de Trás os Montes e do Minho. Esses portugueses, amparados com a força de trabalho escravo negro, foram responsáveis por uma civilização que cultivou requintados padrões de sociabilidade e cultura.³⁰⁷ Em função disso, a participação dos portugueses foi grande em qualquer atividade na cidade.

Além de serem os primeiros colonizadores, a partir da década de 1850 também foram os estrangeiros portugueses que tiveram grande participação na imigração para Pelotas. Das 18 nacionalidades que chegaram à cidade entre os anos de 1844 e 1852, identificadas por Klaus Becker, os portugueses tiveram uma participação em torno de 27% no número de entradas de imigrantes.

Klaus Becker concluiu que a partir de 1850 os portugueses atingem o segundo lugar nas cifras da imigração e a partir de 1851 há um surto migratório português, principalmente no segundo semestre, sendo que as demais etnias decaem em número de imigrantes. É possível observar que após 1850 o índice de imigrantes portugueses foi crescente³⁰⁸.

Analisando as fontes documentais e arquivísticas que encontrei ficou difícil definir a principal atividade econômica dos sócios participantes das

³⁰⁷ MAGALHÃES, Mario Osório. A presença portuguesa em Pelotas no século XIX. In: GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.). *Horizontes Urbanos*. Pelotas: Armazém Literário, 2004. p. 109-17.

³⁰⁸ Relação entre o Número de Imigrantes Portugueses e o Total de Imigrantes Entrados em Pelotas (1844-1852)

Ano	Nº de imigrantes portugueses	% sobre o total de imigrantes
1844	69	18,2
1846	27	10,5
1850	67	25,2
1851	123	41,7
1852	66	51,0

Quadro elaborado a partir das informações obtidas em: BECKER, Klaus. A imigração no Sul do Estado ... Op. cit., p. 322-371.

diretorias das sociedades identificadas. Esta mesma dificuldade foi encontrada por Claudia Tomaschewski, quando buscava caracterizar os participantes da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. A pesquisadora constatou que esses homens que participavam da Santa Casa (e, no meu caso, os homens que participavam das sociedades de baile) exerciam várias atividades ao mesmo tempo, como por exemplo, um indivíduo poderia ter uma estância, uma charqueada e comercializar seu produto; ou ainda ter uma charqueada e ser formado em medicina ou direito; entre outras possibilidades.³⁰⁹

A categoria proprietário merece algum comentário. Mais do que uma atividade ou ocupação específica, esta categoria remete para o estilo de vida próprio dos indivíduos que vivem de rendimentos de bens de raiz ou de investimentos e rendas. Também é importante lembrar que as informações foram obtidas da lista de indivíduos votantes e que a classificação dos eleitores e, sobretudo dos elegíveis, como proprietários, era a resposta à lógica do regime eleitoral vigente, que excluía os não possuidores.

A categoria comércio também merece ser esclarecida. Quando encontrei como profissão comércio, ficou difícil saber se esse sócio era proprietário ou empregado de casa comercial. Somente para dois casos, identifiquei que eram proprietários por incluir o tipo de comércio que possuíam³¹⁰.

Mesmo assim, posso dizer que os membros das sociedades eram charqueadores, estancieiros, proprietários, capitalistas, comerciantes, mas também profissionais liberais, principalmente médicos e advogados, que, na maioria das vezes eram filhos de charqueadores ou estancieiros. Observa-se uma união de profissões urbanas e rurais. O comércio era uma atividade que

³⁰⁹ TOMASCHEWSKI, Claudia. *Caridade e filantropia na ...* Op. cit., p. 113.

³¹⁰ Antônio José da Silva Braga, sócio da Sociedade *Recreação Pelotense*, era boticário e possuía uma farmácia na rua Gal. Vitorino [atual Anchieta] esquina Gal. Neto. AMARAL, Giana L. do. *O Gymnasio Pelotense ...* Op. Cit., p. 200. Urbano Martins Garcia, sócio da Sociedade *Fênix Pelotense*, possuía um armazém no porto da cidade. Inventário de Urbano Martins Garcia. Nº 384, M. 10, E. 33, Ano 1914, 2º Cartório do Civil e Crime de Pelotas. APERGS – Porto Alegre.

se expandia na cidade, provavelmente por isso a grande participação dessa categoria profissional. Os charqueadores e estancieiros eram aqueles homens que começaram a construir seus casarões na área urbana de Pelotas e, por esse motivo, podiam participar com mais afinco das atividades sociais.

Posso dizer, ainda, que essa era uma elite letrada. Lilia Schwarcz considera a educação uma marca distintiva da elite brasileira, pois, em um país onde apenas 16% da população era alfabetizada e quase 100% da população escrava era analfabeta (conforme o recenseamento de 1872), a elite brasileira podia ser caracterizada como "uma ilha de letrados num mar de analfabetos".³¹¹

Busquei identificar a participação desses sócios em outras associações no mesmo período, fossem elas recreativas, filantrópicas como a Santa Casa de Misericórdia e o Asilo de Órfãos N. S. da Conceição ou mutuals como a Sociedade Portuguesa de Beneficência³¹². Verificar a participação em outras associações permitiu-me destacar a amplitude da rede relacional dos sócios, mensurando a sua influência urbana.

Foi possível verificar, ainda, que a maioria dos sócios participou de mais de uma sociedade recreativa e cultural no período de 1850 a 1870. Alguns participavam simultaneamente de diferentes sociedades. Cito como exemplo José Antonio Moreira, que foi presidente da sociedade de baile *Recreio Pelotense* e tesoureiro do *Clube Pelotense* no ano de 1861; ou ainda, José Marques de Carvalho, que foi presidente da *Recreação Pelotense* e tesoureiro da sociedade *Particular Filo-Dramática*.

Porém, mais comum era a participação em diferentes sociedades em diferentes momentos. Grande parte dos membros da sociedade *Harmonia Pelotense*, após o seu fechamento, participou da fundação da sociedade

³¹¹ Frase de José Murilo de Carvalho citada por: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 118.

³¹² A participação dos sócios nessas sociedades pode ser visualizada no Apêndice 9 Participação dos Sócios das Sociedades de Baile em Outras Associações.

Recreio Pelotense. Isso significa que, quando uma sociedade era dissolvida, alguns membros se organizavam e fundavam novas sociedades. Isto também demonstra a importância dessas sociedades, pois os membros estavam sempre incluídos em uma rede de sociabilidade.

O movimento das associações recreativas veio acompanhado das associações beneficentes e estas estavam imensamente integradas. Identifiquei a participação dos sócios das sociedades recreativas também nas diretorias dessas associações assistenciais. Primeiramente destaco a participação de 40% dos membros das sociedades recreativas na Santa Casa de Misericórdia, sendo provedores, irmãos, médicos, escrivães, mordomos, tesoureiros ou procuradores.

Um quarto dos membros de tais sociedades de baile participou, em algum momento da diretoria do Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição. Com menor expressão tem-se a participação na Sociedade Portuguesa de Beneficência. Isso demonstra que os dirigentes das sociedades recreativas já tinham experiência como dirigentes em outras sociedades. A participação dos membros das sociedades de baile em associações filantrópicas e mutuais demonstra que a elite estava presente em vários aspectos da vida pública, transitando por vários espaços formais.

A maçonaria estava presente em Pelotas no século XIX e foi possível perceber que os seus membros também estavam inseridos nos espaços formais de sociabilidade. Assim, busquei verificar quantos dos dirigentes das sociedades recreativas pertenciam à maçonaria. A partir de uma lista elaborada pelo jornal *O Templário* em 1935 e citada anexa ao trabalho de Giana Lange do Amaral, e dos dados do Asilo de Órfãos N. S. da Conceição, constatei que, pelo menos dez membros das sociedades recreativas pertenciam à maçonaria.

Busquei ainda verificar a atuação destes sócios na política local, regional e nacional³¹³. Dos sócios, 9 participaram da Câmara de Pelotas.

³¹³ Ver Apêndice 10 Participação Política dos Sócios das Sociedades de Baile.

Destes, 2 foram presidentes da Câmara: Alexandre Vieira da Cunha (presidente da Sociedade *Harmonia Pelotense* – 1852; presidente do *Clube Pelotense* – 1861 e sócio da Sociedade *Recreio Pelotense*) foi presidente em 1833-6 e em 1844; e, João Jacintho de Mendonça (Vice-presidente da Sociedade *Harmonia Pelotense* – 1852) foi presidente em 1845-8.

Em nível regional, 5 foram deputados da Assembléia Legislativa Provincial. Destaco a participação de João Jacintho de Mendonça que foi deputado de 1848 a 1863, exceto nos anos de 1849 e 1857. Em nível nacional, 2 membros foram representantes do Rio Grande do Sul na Câmara dos Deputados³¹⁴: João e Joaquim Jacintho de Mendonça (sócio da Sociedade *Recreação Pelotense*).

Este capital político também pode ser considerado “um princípio de diferenciação”, cuja distribuição desigual está na base das diferenças, particularmente no consumo e nos estilos de vida. Bourdieu considera, ainda, que esse capital político “assegura a seus detentores uma forma de apropriação privada de bens e de serviços públicos”³¹⁵.

A participação destes sócios na vida política-administrativa, local ou nacional, indica uma coincidência entre a elite política e a elite econômica, constatando-se o que Bourdieu designou de homologia entre os dois campos.³¹⁶ Também revela que nesses espaços os homens estabeleciam vínculos de sociabilidade, se articulando também politicamente.

Analisando os sócios das sociedades de baile, observou-se que as pessoas transitavam pelas diversas sociedades, sendo presidente de uma,

³¹⁴ Os requisitos mínimos para serem candidatos e eleitos deputados eram: idade mínima de 25 anos e renda de 400 mil réis anuais. Muitos dos deputados da Câmara foram alunos das escolas de direito do Recife e de São Paulo. Na Câmara dos Deputados estava congregada a “elite política” brasileira. SCHWARCZ, Lilia M. *As Barbas do Imperador*. ... Op. Cit., p. 120. João Jacintho de Mendonça era médico e Joaquim Jacintho de Mendonça era advogado, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1850. COSTA FRANCO, Sérgio da. *Gaúchos na Academia de Direito de São Paulo no Século 19*. Disponível em www.tj.rs.gov.br/institu/memorial/gauchos.doc. Acesso em 30.06.2009, p. 6.

³¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *Razoes Práticas sobre a Teoria da Ação*. (Tradução de Mariza Corrêa). Campinas, São Paulo: Papirus, 1997, p. 31.

³¹⁶ BOURDIEU, Pierre. *A Distinção*: ... Op. Cit..

secretário de outra, ou simplesmente sócio de uma terceira. Também destaco que a diretoria dessas sociedades recreativas participava de outros cargos importantes na cidade, sejam públicos ou privados, pois, eram deputados, delegados, vereadores e presidentes da câmara de Pelotas, provedores da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, o que revela que essas sociedades eram espaços de sociabilidade da elite pelotense. Assim, foi possível verificar a posição desses associados na sociedade pelotense do seu tempo.

A partir das fontes foi possível perceber que os sócios ou, pelo menos, a diretoria das sociedades recreativas, não só pertenciam à elite econômica/ profissional local sendo charqueadores, proprietários de estabelecimentos comerciais, estancieiros e profissionais liberais, como também participavam de sociedades filantrópicas e assistenciais, assim como da vida política local e também nacional.

As características que apresentei neste subcapítulo indicam que esses sócios apresentavam atitudes, posições e percursos comuns, que se mostraram como fatores de coesão e identificação entre os indivíduos e proporcionavam a efetivação de relações e práticas de sociabilidade.

Nas sociedades com características mais populares a caracterização dos sócios foi mais difícil, devido à inexistência do nome dos sócios, mesmo daqueles que exerciam cargos diretivos. Ainda que houvesse nomes, não encontrei muitas referências sobre tais pessoas. Mesmo assim, apresento algumas características dos sócios que encontrei.

Da sociedade *Distração e Beneficência* identifiquei três secretários que assinaram os convites das partidas, entre eles Albino Gonçalves Borges, secretário em janeiro de 1853; Francisco Nunes de Souza, em junho do mesmo ano e Gabriel José Portella, em fevereiro de 1854. Estes secretários possuíam algumas características em comum: todos eram jovens e tinham

como profissão o comércio³¹⁷. Não foi possível saber se todos eram proprietários ou se eram empregados de uma casa comercial, apenas foi possível saber que Gabriel Portella era sócio de Francisco Alsino em uma casa de negócio, sob a firma "Portella & Alsino"³¹⁸.

Ressalto, ainda, a participação de Francisco Nunes de Souza na política local, porém, num período bem posterior à sua participação na sociedade. Esse sócio participou da 16ª Câmara de Pelotas, entre 16.03.1887 e 15.11.1889³¹⁹; foi nomeado e empossado presidente da 1ª Junta Administrativa em 25 de novembro de 1889 e presidiu-a até 23 de julho de 1890; participou da 2ª Junta Administrativa, nomeada em 9 de novembro de 1891, cuja terminação do mandato foi em 16 de junho de 1892; participou, ainda, do Conselho Municipal da 8ª Intendência, nomeado em 17 de setembro de 1920.³²⁰

Também em um período posterior, em 1868, tornou-se irmão da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, por ter feito doação no valor de 100\$000; e, entre julho de 1872 e junho de 1887, foi mordomo desta mesma instituição³²¹. Participou, ainda, do conselho administrativo para a fundação do Asilo de Mendigos, após 1889.³²²

Gabriel José Portella foi diretor e secretário da Sociedade Portuguesa de Beneficência em 1857-8 e 1865-6, respectivamente³²³. Também participou da sociedade *Literária* como tesoureiro.

Por essas informações não é possível caracterizar os sócios da sociedade *Distração e Beneficência*, mas é possível apontar para algumas

³¹⁷ As informações sobre os sócios foram obtidas na Lista Geral dos Cidadãos Qualificados Votantes no 1º Distrito de Pelotas. 03.02.1865.

³¹⁸ Inventário de Gabriel José Portella. 1º Cartório de Órfãos e Provedoria de Pelotas. Nº 690, maço 42, estante 25, ano 1869. APERGS – Porto Alegre.

³¹⁹ Conforme lista sobre a Edilidade de Pelotas (1832-1889) elaborada por OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. ... v.1., Op. Cit..

³²⁰ Conforme lista sobre a Administração Republicana de Pelotas (1889-1922) elaborada por OSÓRIO, Fernando. *Idem*, p. 241-245.

³²¹ TOMASCHEWSKI, Cláudia. *Caridade e filantropia na ...* Op. Cit., nota 75, p. 114.

³²² CUNHA, Alberto Coelho. *Síntese Histórica da ...* Op. Cit..

³²³ CUNHA, Alberto Coelho. *Idem*.

tendências: era formada por jovens do comércio que, por esse motivo, não participavam de outras sociedades, sejam elas recreativas ou assistenciais. Também é possível dizer que alguns sócios, em um período posterior, começaram a se inserir na vida social e política da cidade.

Da Sociedade *Recreio da Mocidade* obtive somente o nome do secretário – R. J. Godinho e nenhuma informação sobre ele. Da Sociedade *Terpsicore* identifiquei dois sócios – Lourenço Grafulha e Ignácio José da Silva Guimarães, que participaram da sociedade no final da década de 1860. Porém, informações das diretorias de 1873 e 1875 fornecem algumas características dos sócios, sendo possível constatar que eram mais heterogêneos que os das outras sociedades, participando desde empregados no comércio, caixeiros até charqueadores e estancieiros; estes sócios também eram portugueses ou descendentes.³²⁴

De maneira geral, tais sócios também participavam de outras sociedades recreativas e culturais fundadas em Pelotas nas mesmas décadas de 1850 e 1860. No próximo subcapítulo analiso essas sociedades.

³²⁴ Conforme os registros de óbitos da Catedral São Francisco de Paula de Pelotas.

2.2 “As pessoas de certa ordem poderão reunir-se, entreter-se e criar diversas amizades”: As Sociedades Culturais e Recreativas

Além das sociedades de baile, encontrei outras associações culturais e/ou recreativas fazendo parte da vida social e cultural dos pelotenses a partir da segunda metade do século XIX. Essas sociedades foram organizadas no mesmo contexto das sociedades de baile, ou seja, em um período em que a cidade recomeçava seu desenvolvimento, estagnada pelos dez anos de Revolução Farroupilha.

O final da década de 1840 e a década de 50 significaram a reestruturação de Pelotas em termos econômicos, quando começam a se instalar na cidade novas fábricas e casas comerciais; em termos populacionais, quando a população retornou para a cidade e imigrantes começaram a chegar; em termos urbanísticos, com melhorias urbanas e instalação de serviços básicos; e, em termos sociais e culturais, quando os espaços de sociabilidade já existentes, como o teatro, retomam seu funcionamento e novos espaços são criados, visando satisfazer uma população mais exigente e “civilizada”.

Neste capítulo estudo três sociedades, uma delas recreativa – o *Clube Pelotense* e duas delas culturais – a *Sociedade Particular Filo-Dramática* e a *Sociedade Literária*. Utilizo o termo cultura numa visão mais estreita, utilizada no século XIX, ou seja, a cultura referindo-se a arte, literatura e música. Mesmo sabendo que o termo cultura tem sido utilizado muito mais amplamente, incluindo a “história das ações ou noções subjacentes à vida

cotidiana" e que é "construída socialmente", variando de sociedade para sociedade e mudando de um século a outro³²⁵, concentro-me, neste capítulo, nas sociedades ligadas às atividades de representação teatral e literária.

As sociedades culturais tiveram uma vida mais efêmera do que o *Clube Pelotense* e as sociedades de baile, permanecendo abertas por um período menor que um ano, como pode ser visto no quadro a seguir. Essa era uma característica negativa destacada pela imprensa, pois as sociedades eram criadas, mas não conseguiam se manter por muito tempo: "Aqui tudo principia com um calor de noventa graus, e pouco a pouco cai numa frieza de 10 degraus abaixo do zero"³²⁶.

Quadro 2 – Sociedades Culturais e Recreativas (exceto sociedades de baile) Existentes em Pelotas entre 1850 e 1870.

Nome	Tipo	1ª Referência	Última Ref.	Abertura	Fechamento
Sociedade Particular Filo-Dramática	Teatro	31.08.1852 ³²⁷	01.03.1853 ³²⁸	08.1852	-
Sociedade Literária	Instrução	06.01.1857 ³²⁹	10.07.1857 ³³⁰	12.1856	05.07.1857
Clube Pelotense	Recreio	28.06.1857 ³³¹	08.10.1863 ³³²	06.1857	-

Fonte: Jornais diversos. Rio Grande e Pelotas

³²⁵ BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. (Tradução de Denise Bottmann). São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 25.

³²⁶ Diário do Rio Grande, domingo, 28.06.1857, p. 2, n. 2545, ano X, Semanário Pelotense XXIV. Rio Grande.

³²⁷ A sociedade foi estabelecida no mês de agosto de 1852. O Pelotense, terça-feira, 31.08.1852, p. 1, n. 114 e 115, ano II. Pelotas.

³²⁸ Nesta data um sócio pergunta por que não continuam as representações da sociedade. O Pelotense, sábado, 05.03.1853, p. 3, n. 181, ano III. Correspondências. Pelotas.

³²⁹ A primeira assembleia geral da sociedade foi realizada no dia 28 de dezembro de 1856. Diário do Rio Grande, segunda, 05 e terça-feira, 06.01.1857, p. 2, n. 2404, ano X. Rio Grande.

³³⁰ Em 27 de junho de 1857 foi realizada uma assembleia para dissolução da sociedade. Diário do Rio Grande, segunda, 06 e terça-feira, 07.07.1857, p. 2, n. 2551, ano X, Semanário Pelotense XXV. Rio Grande.

³³¹ Foi anunciada a criação do clube. Diário do Rio Grande, domingo, 28.06.1857, p. 2, n. 2545, ano X, Semanário Pelotense XXIV. Rio Grande.

³³² Anuncia a nova diretoria para o ano de 1864. Diário do Rio Grande, quinta-feira, 08.10.1863, p. 2, n. 4444, ano XVI. Noticiário de Pelotas. Rio Grande.

O *Clube Pelotense* foi a única associação recreativa sobre a qual, pelas informações que obtive, é possível dizer que não oferecia baile para divertimento de seus sócios, caracterizando-se como uma sociedade nos moldes dos clubes ingleses, por esse motivo, abordada separadamente das sociedades de baile.

Enquanto o *Clube Pelotense* era um espaço mais global de recreação, as outras duas sociedades foram fundadas para desenvolverem áreas específicas como o teatro e a literatura. A *Sociedade Filo-Dramática* dedicava especial atenção ao teatro, enquanto que a *Sociedade Literária* explicitava, pela sua própria denominação, os interesses de seus sócios, ou seja, o de instrução através da leitura e discussão de livros, revistas e jornais.

Como pode ser visto no Quadro 2, da mesma forma que para as sociedades de baile, tive dificuldades em identificar o início e o final de cada sociedade na cidade, me baseando pelas datas da primeira e da última referência. Mesmo sem a data precisa, o início de tais sociedades foi mais fácil de identificar, pois os comentaristas destacaram sua criação como fatos importantes na cidade. Para a *Sociedade Literária* obtive os dados mais precisos, pois em janeiro de 1857 o jornal *O Noticiador* divulgou sua primeira assembleia e, em cinco de julho de 1857 foi realizada uma assembleia para a sua dissolução.

Encontrei outras dificuldades semelhantes às encontradas na busca de informações sobre as sociedades de baile. Uma delas foi a inexistência de outras fontes sobre essas sociedades, em função do tempo decorrido e talvez pela sua existência efêmera. Não encontrei estatutos, atas ou lista de sócios, elaborando este capítulo apenas com as fontes jornalísticas. Isto prejudicou a obtenção do nome dos sócios, das atividades desenvolvidas nestas associações, de seus objetivos, bem como da sua localização.

Mesmo com essas dificuldades, foi possível mostrar a criação e a existência de tais sociedades na cidade de Pelotas, o que demonstra que, além da formação de sociedades de auxílio mútuo, filantrópicas ou de baile,

a elite buscava outros espaços, relacionados à cultura, para o seu interrelacionamento.

A fundação desses clubes e sociedades artísticas e literárias pode ser associada ao fenômeno da ampliação dos espaços de sociabilidade e discussão, transferidos cada vez mais para a esfera pública. Tal fenômeno também foi verificado na Inglaterra, na França e nos demais países europeus, o que se tornou característico dos "grupos ilustrados"³³³.

Posso dizer que as associações se diferenciaram das sociedades de baile por permitirem a participação de estrangeiros em sua diretoria. Mesmo que em número bastante reduzido, considero importante ressaltar a presença dos estrangeiros não portugueses nessas três sociedades.

Da *Sociedade Filo-Dramática* participava o francês Pedro Telêmaco Bouliech, o qual também era sócio da *Sociedade Literária*; desta, também participavam o alemão Carlos de Koseritz e o uruguaio Antonio Paulino Calero; e, do *Clube Pelotense* era sócio o argentino Celestino San Juan.

Posso dizer que essas sociedades recreativas e culturais eram mais abertas que as de baile, onde a presença de portugueses e de seus descendentes era a quase totalidade dos sócios que identifiquei. Isso não quer dizer que eles não participavam das sociedades, mas que, pelo menos, não exerciam atividades de direção.

De modo geral, essas três sociedades significaram uma diversificação dentro do conjunto dos espaços de sociabilidade. Sem a pretensão de atribuir às associações uma estrutura relacional semelhante, ou um objetivo comum, é possível dizer que elas se fundamentaram em um laço associativo no qual as elites culturais uniam o discurso de uma cidade civilizada e urbanizada com o desenvolvimento de variados espaços de sociabilidade.

³³³ SOARES, Luiz Carlos. A Comercialização do Lazer e a Emergência dos Espaços Públicos de Diversão na Inglaterra do Século XVIII. *Pós-História*, Revista do Programa de Pós-Graduação em História, Assis-SP, n. 12, p. 17-34, 2004.

2.2.1 Sociedade Particular Filo-Dramática

A *Sociedade Filo-Dramática* foi a primeira associação cultural que identifiquei em Pelotas. Ela se formou em agosto de 1852 com o objetivo de “levar à cena um ou dois espetáculos por mês”.

A formação dessa sociedade estava diretamente vinculada ao sucesso da atividade dramática na cidade, concretizada nas representações no Teatro Sete de Abril. O Teatro, depois de ter servido de quartel general durante a Revolução Farroupilha, reiniciou suas atividades ainda na década de 1840.

Em 1844 o teatro já estava sendo arrumado, sendo que em março do ano seguinte foi representado o drama de Antônio Xavier. Em 1846 a cidade recebeu a visita do Imperador, o qual foi homenageado com um espetáculo e uma ceia no salão do teatro. No dia sete de setembro do mesmo ano, houve uma “grande função” no teatro para comemorar a independência do Brasil.

Nos anos que se seguiram, o teatro foi palco de variadas companhias nacionais e internacionais, principalmente portuguesas, francesas e espanholas. Essas companhias excursionavam pelo sul da Província de São Pedro e Região Platina, sendo Pelotas e Rio Grande paradas obrigatórias. A grande frequência dessas companhias fomentou o gosto pela dramaturgia nas cidades da região.

Em Rio Grande foi fundada a *Sociedade Dramática Particular Recreação Rio-Grandense* em 1849 e a *Sociedade Dramática Rio-Grandense* em 1856, seguidas de outras treze sociedades particulares formadas na década de 1860³³⁴. No mesmo período (1840-1869) identifiquei

³³⁴ Ezio Bittencourt apresenta uma lista de sociedades dramáticas particulares formadas em Rio Grande no século XIX e primeiras décadas do XX. Ver BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Da Rua ao Teatro, os Prazeres de uma Cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional*. 2.ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2007, p. 138-40.

somente esta sociedade formada em Pelotas, a qual teve uma vida efêmera.

A formação dessa sociedade acompanhou a formação das demais sociedades recreativas, principalmente das de baile, que foram organizadas nesse mesmo ano de 1852. Ou seja, a partir do desenvolvimento da cidade de Pelotas pós Revolução Farroupilha formou-se um grande segmento de pessoas com elevado poder aquisitivo e interessadas no consumo de bens culturais, entre eles a arte dramática.

Em agosto de 1852 foi estabelecida na cidade a *Sociedade Particular Filo-Dramática*. Posso dizer que esta associação foi a primeira sociedade dramática pelotense a se apresentar no Teatro Sete de Abril após a Revolução Farroupilha³³⁵.

Alguns "jovens estabeleceram uma sociedade, em tudo semelhante às demais deste gênero, e que, de agora em diante, tencionam levar á cena um ou dois espetáculos por mês", cujo principal objetivo era "a distração das famílias e propagação do gosto pelas belezas da arte dramática"³³⁶. De uma forma geral, as sociedades dramáticas e amadoras tinham por objetivo "a recreação por meio de diversões teatrais e o desenvolvimento da literatura dramática nacional"³³⁷.

O primeiro espetáculo foi representado no Teatro Sete de Abril no mesmo mês de agosto, com a representação do drama *Barba-Rocha* e de uma farsa. O espetáculo "agradou, apesar de que a maior parte desses jovens ia á cena pela primeira vez"³³⁸.

O comentarista do jornal *O Pelotense* destacou também a acertada escolha que a sociedade fez do seu "ensaiador", já que este poderia prestar

³³⁵ Antes da Revolução Farroupilha, como será visto no capítulo 3, a Sociedade do Teatro Sete de Abril fazia sua representação no teatro. Em dezembro de 1834 os alunos do colégio do Prof. Antônio José Domingues também representaram o drama *Mendigo e Tereza* nesse teatro.

³³⁶ *O Pelotense*, terça-feira, 31.08.1852, p. 1, n. 114 e 115, ano II. Pelotas.

³³⁷ BITTENCOURT, Ezio da R. *Da Rua ao Teatro*, ... Op. cit., p. 138.

³³⁸ *O Pelotense*, terça-feira, 31.08.1852, p. 1, n. 114 e 115, ano II. Pelotas.

“relevantes serviços a esses jovens, pois conhecimentos dramáticos não lhe faltavam, e as estreitas relações que por muito tempo entreteve com o primeiro artista brasileiro, o habilita[vam] para muito”³³⁹.

Em outubro de 1852 teve lugar o segundo espetáculo da sociedade, com a execução do drama *Preboste de Paris*. A habilidade dos artistas, a capacidade do ensaiador, a execução do drama e o vestuário do século XIII fizeram com que o espetáculo fosse bastante aplaudido. A música também foi bastante aplaudida nas diferentes peças que foram tocadas, cujos participantes “apresentaram-se todos de calça preta, jaqueta branca e chapéus do Chile”³⁴⁰.

Pelas palavras do comentarista do jornal *O Pelotense*, é possível dizer que essas duas representações da *Sociedade Filo-Dramática* foram apreciadas pelo público pelotense. Porém, mesmo com essas manifestações de apreço por parte da sociedade pelotense, posso dizer que ela conseguiu se manter por, no máximo, seis meses.

Dessa sociedade não foi possível encontrar os estatutos, porém na assembleia na qual a diretoria foi eleita, foi estipulado que o presidente, Dr. Joaquim José Affonso Alves, estaria encarregado da elaboração dos estatutos. Porém não obtive nenhuma informação de que eles foram elaborados e aprovados, ficando a dúvida, pelo reduzido período de funcionamento, se eles realmente foram escritos.

Dos sócios só foi possível identificar os que participaram da única diretoria da sociedade. Tal diretoria foi eleita em 29 de agosto, em assembleia realizada no salão do Teatro Sete de Abril. Todas as reuniões e assembleias da sociedade foram realizadas nesse espaço. A diretoria estava composta pelas seguintes pessoas:

³³⁹ Idem.

³⁴⁰ *O Pelotense*, sexta-feira, 08.10.1852, p. 2-3, n. 132 e 133, ano II. Pelotas.

Quadro 3 – Diretoria da *Sociedade Particular Filo-Dramática* eleita em agosto de 1852.

DIRETORIA	1852
Presidente	Dr. Joaquim José Affonso Alves
Secretário	Antonio Marques Leite de Castro
Tesoureiro	José Marques de Carvalho
Procurador	Joaquim José da Silva
Diretor Interino	Pedro D. Telêmaco Bouliech

Fonte: O Pelotense, terça-feira, 31.08.1852 p. 1, n. 114 e 115, ano II. Pelotas

Da diretoria destaco que pelo menos quatro deles – Dr. Joaquim José Affonso Alves, José Marques de Carvalho, Joaquim José da Silva e Pedro Telêmaco Bouliech, estavam ligados à maçonaria³⁴¹. Conforme Giana do Amaral, muitos representantes da elite econômica e da classe média em ascensão compunham os setores mais progressistas e intelectualizados da sociedade, estando, em grande parte, ligados à maçonaria. A maçonaria também estava preocupada com a educação e a cultura na cidade de Pelotas.

Três deles participaram da fundação do Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição. Essa instituição, conforme visto na parte anterior, foi fundada por intermédio da maçonaria, cuja idéia de sua construção foi de Joaquim José Affonso Alves, quando era presidente da sociedade maçônica União e Concórdia.

Affonso Alves foi presidente do Asilo por 33 anos, de 1855 até 1888. Além dele, José Marques de Carvalho foi tesoureiro entre 1855 e 1860 e Pedro Bouliech foi secretário nos anos de 1855, 56, 57 e 58 e professor da escola que funcionava anexa ao Asilo. José Marques de Carvalho também participou do Corpo Administrativo da Santa Casa de Misericórdia como tesoureiro nos seguintes anos: 1850-2, 1853-4 e 1858-9³⁴².

Dos sócios, três deles participaram de outra sociedade recreativa na mesma década. Antonio Marques Leite de Castro foi secretário da

³⁴¹ Conforme a lista "Os Maçons, nossos avós" publicada no jornal O Templário de 27.06.1935, anexa em: AMARAL, Giana L. do. *O Gymnasio Pelotense ... Op. Cit.*, p. 199.

³⁴² CUNHA, Alberto Coelho. *Síntese Histórica da ... Op. Cit.*

Sociedade *Harmonia Pelotense* por duas gestões, em 1852 e 1853; José Marques de Carvalho foi presidente da Sociedade *Recreação Pelotense* em 1852; e, Pedro Bouliech foi secretário da *Sociedade Literária* em 1857. Isso demonstra que esses sócios faziam parte de outros grupos de relações, fossem eles recreativos, filantrópicos ou maçônicos.

Politicamente, destaco a participação do advogado Affonso Alves, tanto local como nacionalmente. O advogado participou das seguintes Câmaras de Pelotas: 5ª Câmara – 16.03.1849-12.1852, como presidente; 7ª Câmara – 16.03.1857-12.1860 e 8ª Câmara – 16.03.1861-12.1864³⁴³; participou da Câmara dos Deputados entre 1864 e 1866; participou da Assembléia Legislativa Provincial nos anos de 1848 a 1855; de 1857 a 1863; de 1873-1876; de 1879-1882; 1885-87; e da Câmara dos Deputados entre 1864 e 1866³⁴⁴. Affonso Alves também foi presidente da Província do Espírito Santo.

O descontentamento dos sócios com a falta de espetáculos foi levado a público pelo jornal *O Pelotense* de março de 1853: um sócio, através de uma carta, perguntou por que as representações da sociedade não continuavam.

SOCIEDADE PHILO-DRAMATICA. Pergunta-se aos sócios representantes, e especialmente ao diretor interino da mesma, a razão porque não continuam com as suas representações: ou então porque não declaram dissolvida a mesma sociedade. *Um sócio.*³⁴⁵

A resposta para essa questão não encontrei, porém, desde outubro de 1852, quando foi representado o segundo espetáculo da Sociedade, não obtive mais notícias sobre ela e nem sobre seus espetáculos, inferindo, assim, que esta sociedade não funcionou por mais de seis meses.

Somente na década seguinte identifiquei algumas sociedades dramáticas particulares, porém, não obtive muitas informações. Na segunda metade da década de 1860 houve em Pelotas uma “febre teatral

³⁴³ Conforme lista sobre a Edilidade de Pelotas (1832-1889) elaborada por OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. ... v.1., Op. cit., p. 109-113.

³⁴⁴ AITA, Carmen; AXT, Gunter; ARAÚJO, Vladimir (Orgs.). *Parlamentares Gaúchos das ... Op. Cit.*.

³⁴⁵ *O Pelotense*, terça-feira, 01.03.1853, p. 1, n. 179, ano III. Comunicados. Pelotas.

diabólica", "todos quer[iam] ser cômicos" com a formação de uma sociedade dramática de alemães e "duas ou três de curiosos nacionais". A sociedade dos imigrantes alemães possuía teatro próprio, na rua Augusta [atual Gen. Osório], conhecido como o "Teatrinho Alemão"³⁴⁶. Das outras sociedades não obtive mais informações.

Mesmo "os rapazes [destas sociedades] se saindo menos mal" na arte da representação, tais espaços já não eram mais para a elite, pois, segundo o comentarista do Diário do Rio Grande, "as pessoas que fazem parte deste passatempo não são das da primeira classe"³⁴⁷. É possível observar, então, que à medida que os espaços se ampliam numericamente, eles deixam de ser espaço de distinção para a elite, passando a permitir o acesso de outros grupos.

Além da sociedade dramática, uma sociedade foi organizada na cidade, porém, mais para o final da década de 1850, como mostro a seguir.

2.2.2 Sociedade Literária

A partir da década de 1850 houve indícios de uma maior preocupação intelectual na cidade, com a publicação de jornais e livros e a instalação de espaços de sociabilidade voltados para a leitura e discussão literária.

De acordo com Mario Osório Magalhães foi durante os anos de 1851 e 1860 "que Pelotas [deu] o salto capaz de situá-la entre as cidades pequenas mais prósperas do Brasil. [...] Depois de 1851, antes de 1860, já há indícios

³⁴⁶ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 11.09.1863, p. 1, n. 4421, ano XVI. Noticiário de Pelotas. Rio Grande.

³⁴⁷ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 03.06.1863, p. 2, n. 4341, ano XVI. Correspondência. Rio grande.

inclusive de certa atividade intelectual para além do teatro – por exemplo, a instalação de um gabinete de leitura e a publicação de livros e jornais”³⁴⁸.

O teatro já havia retomado seu funcionamento ainda na década de 1840, sendo o primeiro espaço privado de sociabilidade disponível para a população após a Revolução Farroupilha. Na década de 1850, conforme vimos, houve uma “explosão associativa”, tanto de associações recreativas como filantrópicas.

A década de 1850 também foi palco da criação de novos contextos ou espaços institucionais de leitura, como o Gabinete de Leitura de Joaquim Ferreira Nunes e a *Sociedade Literária*, contribuindo assim, para a ampliação do número de leitores em Pelotas no século XIX, estimulando a prática social da leitura. Segundo Schapochnik³⁴⁹, o alto preço dos livros restringia a formação de uma biblioteca privada. Nesse contexto tais espaços facilitavam o contato com a literatura europeia, notadamente a francesa.

Essa década também se destacou pela fundação dos primeiros jornais na cidade de Pelotas. O aparecimento tardio da imprensa pelotense em comparação a Porto Alegre e Rio Grande (em Porto Alegre a imprensa surgiu em 1827 com o jornal *Diário de Porto Alegre* e em Rio Grande em 1832 com *O Noticiador*) se deve à consolidação posterior de Pelotas como núcleo urbano porque somente após a Revolução Farroupilha foram dadas as condições “para que se desenvolv[esse] uma cidade diversa e afastada do ambiente rural das charqueadas.”³⁵⁰

Em Pelotas a imprensa surgiu em 1851 com a fundação do jornal *O Pelotense* em sete de novembro desse ano. O jornal funcionou até 21 de março de 1855. Na mesma década outros jornais foram abertos, como *O Noticiador* (1854-1868), *O Grátis* (1854), *Ramalhete Rio-Grandense* (1857); *Pygmeu* (1857); *Araribá* (12.1857 – 02.1858); *O Grátis* (12.1857 – 02.1858); *O*

³⁴⁸ MAGALHÃES, Mário O.. *Opulência e Cultura na Província ... Op. Cit.*, p. 70.

³⁴⁹ SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de Leitura no Rio de Janeiro do Século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANI, Stela. *Imagens da Cidade. Séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/SP; Marco Zero; FAPESP, 1993.

³⁵⁰ MAGALHÃES, Mário O.. *Opulência e Cultura na Província ... Op. Cit.*, p. 244.

Cometa (1857); *O Brado do Sul* (1858 – 1861); *O Gratis de Pelotas* (01.07.1859 – 31.07.1859). *O Noticiador* foi o jornal que se manteve mais tempo aberto.

A publicação de livros na cidade estava diretamente relacionada à fundação da imprensa. Na década de 1850 duas tipografias vinculadas aos jornais funcionaram na cidade. A tipografia de Luiz José de Campos, do jornal *O Noticiador* e a tipografia *Imparcial*, de Cândido Augusto de Melo, nas oficinas de *O Pelotense*.³⁵¹

Porém, o contato da elite pelotense com os livros não se deu somente com as publicações locais. A cidade mantinha vínculos comerciais diretos com a Bahia, Rio de Janeiro, Europa e Estados Unidos, possibilitados pela exportação do charque. Os navios que levavam o charque eram os mesmos que traziam mercadorias importadas desses grandes centros do país e do exterior, como mantimentos, móveis, quadros, modas e também livros, jornais, figurinos e magazines, o que proporcionou um contato permanente com as cidades mais “civilizadas” do país e da Europa.

A difusão das práticas de leitura em Pelotas e a intensificação do gosto literário podem ser verificados pela veiculação dos jornais, pelas tipografias e impressão de livros, pela importação de livros e revistas e também pela presença de associações vinculadas ao livro, como a *Sociedade Literária* e o *Gabinete de Leitura*.

Nesse contexto de publicação de jornais e livros foram criados locais para sua venda, aluguel ou discussão. Durante o período que estudo, Pelotas só conheceu um *Gabinete de Leitura* e uma *Sociedade Literária*. A primeira instituição fundada foi o *Gabinete de Leitura* em 1853 e, em 1857 foi organizada a *Sociedade Literária*. A segunda referência a uma sociedade literária aparece somente em 1876, quando foi organizada a *Sociedade*

³⁵¹ Em 1852 o professor Antônio José Domingues mandou imprimir vários poemas na tipografia *Imparcial*. Os poemas foram editados em folhas soltas, não se constituindo em livro. Magalhães considera que o livro mais antigo publicado em Pelotas possa ser o *Resumo de História Universal*, do professor Carlos Von Koseritz. Esse livro foi impresso na tipografia do jornal *O Noticiador* em 1856. MAGALHÃES, Mario O.. Idem, p. 253.

Literária Culto às Letras, que deveria funcionar anexa à Biblioteca Pública Pelotense, inaugurada em 1875.

Em 1º de junho de 1853 foi fundado o *Gabinete de Leitura* de Joaquim Ferreira Nunes³⁵². Ele foi instalado na rua do Comércio³⁵³ [atual Félix da Cunha], “debaixo do sobrado do falecido José Vieira Viana”, como é possível ver no seu anúncio.

PELOTAS GABINETE DE LEITURA O abaixo assinado pretende estabelecer um gabinete de leitura, o qual terá principio no 1 de junho próximo, oferecendo, aquelas pessoas que o quieram obsequiar com as suas assinaturas obras dos mais ilustrados autores, romances, novelas, e dramas de autores bem conhecidos pelo seu mérito. O abaixo assinado tem mais a honra de prevenir aos mesmos Srs. assinantes que tem os seguintes jornais: Jornal do Comercio, Mercantil de Porto Alegre, Correio do Sul, Rio-Grandense, Diário do Rio Grande, O Pelotense; continuando no mesmo gabinete de leitura agenciar a passaportes e títulos de residência. PREÇOS DA ASSIGNATURA DO GABINETE DE LEITURA Um Ano 16\$000 Seis meses 9\$000 Três meses 5\$000 O gabinete de leitura, e escritório de agencias, é na rua do Comércio, debaixo do sobrado do falecido José Vieira Viana; o dito gabinete estará aberto todos os dias, desde as nove horas da manhã até ás três da tarde. Pelotas, 25 de maio de 1853 – O agente, Joaquim Ferreira Nunes.³⁵⁴

O gabinete funcionava todos os dias, a partir das 9 horas da manhã até as três horas da tarde, mediante o pagamento de assinatura anual no valor de 16\$000, semestral de 9\$000 ou trimensal de 5\$000 réis. Comparando esses preços com os cobrados no Rio de Janeiro, é possível perceber que a taxa anual de assinatura do *Gabinete de Leitura* de Pelotas estava 4\$000 réis acima do cobrado pelo *Gabinete Português de Leitura* e pela *Biblioteca Fluminense*, em 1875, que cobravam 12\$000 anuais para seus sócios.³⁵⁵

³⁵² Joaquim Ferreira Nunes era natural de Portugal, casado, em 1853 tinha 31 anos, faleceu “pobre” em 17.07.1886, com 64 anos (Registro de Óbito de Joaquim Ferreira Nunes. Livro 11 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, mar.1885–ago.1886, p. 95. Pelotas.). Foi proprietário de uma tipografia, editando o Almanak Pelotense em 1862 e o jornal literário *Álbum Pelotense*, em 1861 e 62.

³⁵³ A rua do Comércio foi uma das 19 ruas traçadas em 1815 e era destinada a concentrar as primeiras casas de negócios da Freguesia. Porém, nela também se localizavam prédios suntuosos, como o sobrado de Domingos de Castro Antiqueira, Barão de Jaguarí e o palacete de Domingues Rodrigues Ribas. MAGALHÃES, Mario Osorio. *Os Passeios da Cidade Antiga*. Guia Histórico das Ruas de Pelotas. 2.ed.rev. Pelotas: Armazém Literário, 2000.

³⁵⁴ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 27 e sábado, 28.05.1853, p. 3, n. 1342, ano VI. Anúncios. Rio Grande.

³⁵⁵ SCHAPOCHNIK, Nelson. *Contextos de Leitura ... Op. Cit.*, p. 156-7.

O *Gabinete* oferecia obras variadas e de ilustrados autores, provavelmente obras francesas, dado a “hegemonia da literatura francesa” no Brasil do século XIX. Além de livros, disponibilizava jornais locais como O *Pelotense*, único jornal editado na cidade; jornais de Rio Grande, como O *Rio-Grandense* e *Diário do Rio Grande*; jornais de Porto Alegre, como o *Mercantil de Porto Alegre* e *Correio do Sul*; e o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, o que possibilitava o contato com notícias de todo o Império.

Três anos após a abertura do *Gabinete de Leitura* foi fundada a *Sociedade Literária* em Pelotas. Porém essas duas sociedades se diferenciavam pela sua estrutura de funcionamento, pelos participantes e pelo tipo de atividades desempenhadas.

Enquanto o *Gabinete de Leitura* era um negócio comercial, no qual qualquer pessoa poderia ser assinante, desde que tivesse condições financeiras, a *Sociedade Literária* era um espaço para a associação voluntária de um grupo selecionado de pessoas, não estando aberta aos demais. Outra diferença era o tipo de atividades disponibilizadas por cada um. O *Gabinete de Leitura* disponibilizava livros, revistas e jornais para seus assinantes lerem, enquanto que a *Sociedade Literária* era um espaço de discussão dessa literatura, não se restringindo apenas à leitura.

Ambos possibilitavam espaços para a interrelação entre os participantes, porém a *Sociedade Literária* dispunha de um ambiente fechado, onde somente um grupo selecionado poderia participar, enquanto que o *Gabinete* propiciava um ambiente mais aberto, no qual qualquer um podia integrar-se, resultando na presença de diversos públicos, mesmo que letrados.

A *Sociedade Literária* era um espaço para ler, para informar-se e mesmo para formar-se. Mas também um espaço onde se desenrolavam relações de sociabilidade ligadas à leitura e à discussão.

Assim, a criação da *Sociedade Literária* significou a criação de um espaço de sociabilidade intelectual, no qual a elite poderia demonstrar sua

cultura, mas também a sua educação formal, demonstrando o seu letramento. Como diz Schapochnik, a devoção aos livros demonstrava, muitas vezes, sabedoria e indício de superioridade mental, assim como o anel de grau ou a carta de bacharel³⁵⁶.

Assim, no final de dezembro de 1856 foi realizada “a primeira assembléia geral da sociedade para instrução, que foi fundada nesta cidade por alguns mancebos desejosos de instruir-se e adiantar-se na nobre carreira das ciências”³⁵⁷.

Tal assembleia foi realizada em uma das salas do Colégio União, a qual foi disponibilizada, pelo diretor do Colégio e também sócio da sociedade Antonio de Vasconcellos Vieira Diniz, para realização das assembleias enquanto esta não estivesse organizada. Porém, como em fevereiro de 1857, a inauguração foi realizada “nas salas do sobrado ocupadas pela sociedade”, posso inferir que a sociedade já estava instalada em um sobrado próprio ou alugado.

No dia 11 de janeiro foi realizada uma assembleia para eleição da diretoria (Quadro 4), durante a qual o Barão de Piratini, recebeu o título de presidente honorário, “por aclamação geral e unânime”³⁵⁸ dos sócios presentes.

Quadro 4 – Diretoria da *Sociedade Literária* eleita em 11 de janeiro de 1857.

DIRETORIA	1857
Presidente	Dr. Miguel Rodrigues Barcellos (Barão de Itapitocay)
Vice-presidente	Antonio de Vasconcellos Vieira Diniz
1º Secretário	Pedro D. Telêmaco Bouliech
2º Secretário	Carlos de Koseritz
Tesoureiro	Gabriel José Portella
Orador	Manoel de Araújo Castro Ramalho
Diretores	Pedro Noaylles; Francisco José Pereira Bastos; José Torres; Januário Joaquim Amarante; Manoel José de Oliveira;

³⁵⁶ SCHAPOCHNIK, Nelson. Idem.

³⁵⁷ A notícia foi dada pelo jornal O Noticiador de Pelotas e foi transcrita pelo jornal Diário do Rio Grande. Diário do Rio Grande, segunda, 5 e terça-feira, 06.01.1857, p. 2, n. 2404, ano X. Rio Grande.

³⁵⁸ Diário do Rio Grande, segunda 12 e terça-feira, 13.01.1857, p. 2, n. 2409, ano X. A pedidos. Rio Grande.

Antonio Paulino Calero.

Fonte: Diário do Rio Grande, segunda, 12 e terça-feira, 13.01.1857, p. 2, n. 2409, ano X. A pedidos. Rio Grande.

Essa sociedade foi formada por 29 sócios fundadores³⁵⁹. Destes, consegui identificar 16, os quais fizeram parte da diretoria ou estavam presentes nas assembleias relatadas no jornal. Provavelmente não teve mais sócios pela sua efêmera vida. Essa foi a única sociedade, entre as consultadas, da qual consegui identificar o número dos sócios fundadores.

Buscando identificar quem eram esses sócios, foi possível traçar algumas características de alguns deles³⁶⁰. Porém, de outros não consegui nenhuma informação nos registros da Catedral São Francisco de Paula e nem no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

De maneira geral, os sócios eram portugueses ou luso-brasileiros, casados, cujas idades variavam dos 20 aos 80 anos. Participavam dessa sociedade dois barões – Dr. Miguel Rodrigues Barcellos, Barão de Itapitocay, médico; e, João Francisco Vieira Braga, Barão de Piratini, capitalista; um filho de charqueador – Vicente Lopes dos Santos Filho; proprietários de fábricas e casas comerciais – Manoel José de Oliveira, dono de uma fábrica de chapéus; e Gabriel José Portella, comerciante em sociedade com Francisco Alsino.

Dos sócios dessa sociedade, destaco a participação de três estrangeiros. A presença de estrangeiros nas sociedades formadas em Pelotas nas décadas de 1850 e 60 era rara, sendo a grande maioria constituída de portugueses e seus descendentes. Essa preponderância dos portugueses já foi discutida na primeira parte deste capítulo. Tal característica difere das sociedades formadas em Buenos Aires no mesmo período, cujas comunidades estrangeiras estavam estreitamente ligadas às

³⁵⁹ Diário do Rio Grande, segunda 5 e terça-feira, 06.01.1857, p. 2, n. 2404, ano X. Rio Grande.

³⁶⁰ Os sócios identificados estão listados no Apêndice 11 – Características dos Sócios da *Sociedade Literária*.

inovações nas práticas portenhas de sociabilidade, entre elas as sociedades literárias³⁶¹.

Nessa sociedade estavam presentes um uruguaio, um francês e um alemão, estes dois últimos naturalizados brasileiros. Antonio Paulino Calero, uruguaio, possuía campo em Canguçu e era um dos diretores da sociedade. Pedro Telêmaco Bouliech era francês, casado com brasileira, solicitou naturalização brasileira em 1845.³⁶² Ele também participava da *Sociedade Filo-Dramática*. Carlos de Koseritz era natural da Alemanha³⁶³ e também solicitou naturalização brasileira, porém, somente em 1859.³⁶⁴

Pela característica dessa associação, destaco os sócios ligados diretamente à educação, literatura ou imprensa. Antonio de Vasconcellos Vieira Diniz foi professor e diretor do Colégio União; escrevia e recitava sonetos e poesias³⁶⁵.

Pedro Telêmaco Bouliech foi professor, redator do jornal de Pelotas *O Noticiador*, entre 1855 e 1857, juntamente com Carlos de Koseritz, e escritor. Era maçom; foi um dos fundadores da Loja Maçônica "Comércio e Indústria", em 1847 e participou da diretoria da Loja "Honra e Humanidade", em 1855³⁶⁶.

³⁶¹ GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Civilidad y Política en los Origenes ...* Op. Cit., p. 125.

³⁶² Termo de declaração dos estrangeiros solicitando naturalização brasileira – 1844, p. 2. (Arquivo Histórico BIC 008e – BPP).

³⁶³ Koseritz era desertor dos Brummers e fixou-se em Pelotas no ano de 1852, empregando-se como professor e escriturário; transferiu-se para Porto Alegre em 1864, falecendo em 1890.

³⁶⁴ Termo de declaração dos estrangeiros solicitando naturalização brasileira – 1844, p. 8v. (Arquivo Histórico BIC 008e – BPP).

³⁶⁵ *O Brado do Sul*, sábado, 15.09.1860, p. 1, n. 149, ano III. Pelotas.

³⁶⁶ A Loja Maçônica "Comércio e Indústria" foi fundada em Pelotas, em 7 de dezembro de 1847 por Telêmaco Bouliech, juntamente com Nicolao Marcellino Thoulé, Custódio Manoel d'Oliveira, Joaquim Antônio de Carvalho Amarante, Pio Evaristo Mursa Coelho, Manoel Dias Teixeira, Antônio Joaquim Gomes e José de Souza Cabral e Almeida. Esta segunda Loja Maçônica fundada em Pelotas se fundiu com uma primeira, fundada em Pelotas no final de 1842, início de 1843, a "Protetora da Orfandade", em 3 de fevereiro de 1853, com a denominação de "União e Concórdia", cujo principal objetivo era a criação de um asilo de órfãos. Em 7 de setembro de 1855 foi criado o Asilo de Órfãos Desvalidas Nossa Senhora da Conceição, sendo Telêmaco Bouliech secretário desta associação filantrópica e professor da escola que funcionava junto ao Asilo. CUNHA, Alberto Coelho. *Síntese Histórica da ...* Op. cit..

Em 25 de agosto de 1855, por proposta do maçom Frederico Gregório Ugarteche, instalou-se a Loja "Honra e Humanidade", da qual Telêmaco participou da sua primeira diretoria,

Carlos Von Koseritz também foi professor e redator do jornal *O Noticiador* junto com Telêmaco Bouliech; foi redator do jornal *O Brado do Sul*, em 1858³⁶⁷, cujo proprietário era Domingos José de Almeida; foi escritor, publicando seu primeiro livro em 1856 – *Resumo de História Universal*, impresso na tipografia do jornal *O Noticiador*, onde era redator. Entre 1856 e 1860 publicou mais de dez livros.

O comendador José Vieira Pimenta foi o primeiro cronista de Pelotas; além disso, foi construtor, tendo construído a Santa Casa de Misericórdia, a ponte sobre o Arroio Santa Bárbara e o prédio da Loja Maçônica Protetora da Orfandade; também era maçom.³⁶⁸

A participação dos sócios da *Sociedade Literária* em sociedades filantrópicas pode ser conferida no Apêndice 12. Verifiquei a participação de alguns sócios na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, na Sociedade Portuguesa de Beneficência e no Asilo de Órfãs. Foram provedores, presidentes, vice-presidentes, mordomos, secretários, escrivães, ou seja, participavam de cargos diretivos também em sociedades filantrópicas, demonstrando a correspondência entre a sociabilidade formal e a atividade assistencial.

É possível concluir que esses sócios faziam parte de outros grupos, entre eles as lojas maçônicas e sociedades assistenciais, alargando, dessa forma, seus grupos de circulação e influência. A participação política era pequena, somente Miguel Barcellos participou de uma Câmara de Pelotas e foi vice-presidente da Província (1885-6).

junto com Domingos José d'Almeida, Frederico Uharteche, João Cirer e Francisco Jeronymo Coelho. A MAÇONARIA em Pelotas. Disponível em www.fraternidade.org.br/macom2.htm. Acesso em 20.05.2009.

³⁶⁷ Segundo Mario Osório Magalhães, houve uma polêmica entre Koseritz, do *Brado do Sul* e Isidoro Paulo de Oliveira, do *Noticiador*. Isidoro denunciou que Koseritz não poderia ser editor responsável do jornal, em vista de sua condição de estrangeiro; em função disso, o jornal *O Brado do Sul* foi suspenso e Koseritz foi espancado na rua por três homens a cavalo, resultando em ferimentos graves. Em função disso, Koseritz solicitou naturalização brasileira em 1859, podendo, assim, ser proprietário e editor de qualquer jornal. MAGALHÃES, Mário O.. *Opulência e Cultura na Província ...* Op. Cit., p. 247-8.

³⁶⁸ AMARAL, Giana L. do. *O Gymnasio Pelotense ...* Op. Cit., p. 206.

Os estatutos dessa sociedade foram elaborados por uma comissão e aprovados em assembleia no dia 22 de março, indicando que ela estava se institucionalizando logo após sua inauguração. Porém, esses estatutos não foram localizados. Mesmo não os tendo encontrado, é possível dizer que ela tinha por objetivo a instrução e o preparo para a “carreira das ciências”. Especificamente, foram realizadas discussões e reflexões sobre “diferentes matérias de estudo”³⁶⁹. Em cada assembleia o presidente determinava as “matérias” que seriam “levadas à discussão” na sessão seguinte³⁷⁰. Nesse caso, o objetivo era contribuir para a formação intelectual dos sócios através de leituras e discussões de diferentes temas.

A Sociedade seria inaugurada solenemente no domingo, dia 8 de fevereiro. Porém, um incidente ocorrido com Domingos José de Almeida fez com que a solenidade fosse transferida para segunda-feira. Na inauguração reuniram-se os sócios e “um grande número de convidados pertencentes às pessoas mais ilustres desta cidade”. Para a ocasião, as salas da sociedade acharam-se “não com luxo, porém dignamente adornadas” e a comemoração seguiu da seguinte maneira:

[...] Depois da chegada do Exmo. Sr. Barão de Piratini, do Sr. Dr. Miguel Rodrigues Barcellos e mais membros da nova diretoria, deu-se princípio à solenidade, tomando assento nos seus respectivos lugares os Srs. presidente, secretário e tesoureiro. Um membro da diretoria interina, o Sr. José Torres, fez o relatório dos trabalhos da sociedade até o dia da inauguração, e depois de serem entregues ao Sr. 1º secretário os respectivos autos e mais documentos, o Sr. vice-presidente Antonio Vasconcellos Vieira Diniz pronunciou um belo discurso, referindo-se à solenidade do presente ato; após [o discurso] dele o Sr. 1º secretário Telêmaco Bouliech tomou a palavra para desenvolver em um brilhante discurso às épocas principais da história das letras e da civilização, aplicando estas teorias ao ato que reunira nas modestas salas da nascente sociedade tão ilustre auditório. Depois de ter feito o 2º secretário algumas reflexões sobre as diferentes matérias de estudo que na sociedade serão explicadas, tomou a palavra o Sr. presidente Dr. Miguel Rodrigues Barcellos e pronunciou um brilhante discurso, sobre cujo merecimento nada diremos. [...] ³⁷¹

³⁶⁹ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 18.02.1857, p. 2, n. 2439, ano X. Rio Grande.

³⁷⁰ Diário do Rio Grande, segunda, 5 e terça-feira, 06.01.1857, p. 2, n. 2404, ano X. Rio Grande.

³⁷¹ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 18.02.1857, p. 2, n. 2439, ano X, O Diário. Rio Grande.

Após os discursos sobre a importância da associação, a história da literatura e os principais temas a serem discutidos pela Sociedade, a diretoria interina, formada pelos senhores José Torres, Vicente Lopes dos Santos Filho e Antônio de Vasconcellos Vieira Diniz, ofereceu um “um modesto copo d’água aos ilustres convidados”, durante o qual foram feitos “vários brindes a S. M. I. e á família imperial, á nação brasileira e ao pensamento grandioso que presidia á criação da sociedade”. Durante e após os brindes uma música tocou por algum tempo, tendo acabado a reunião “na mais perfeita harmonia e com grande entusiasmo”³⁷².

Mesmo com todo o entusiasmo na formação da sociedade, demonstrado pela imprensa através do correspondente do jornal *Diário do Rio Grande*, quando afirmou que: “Está executado, pois o milagre. Está criada, inaugurada e acha-se em trabalho a *Sociedade Literária*. Desejamos constância e emulação aos nobres mancebos, que para tão belo fim se associaram, e esperamos que esta nascente sociedade será o talismã de um porvir feliz para Pelotas³⁷³”, a Sociedade não conseguiu se manter em funcionamento por mais de seis meses e, durante esses meses passou por dificuldades, chegando a ser divulgado que ela foi “apenas instalada e inaugurada”³⁷⁴.

Tanto é que durante esse período (não foi possível precisar a data) foi nomeada uma “comissão permanente, que revestida dos poderes da diretoria pudesse mais freqüentemente reunir-se, tratar dos interesses da sociedade, reformar a tabela de ensino projetada, em uma palavra, reconstruir a sociedade sobre bases mais positivas, adequadas ao gosto dos sócios”. Pois, segundo a avaliação do correspondente do jornal, a diretoria eleita foi de “pouca assiduidade, de nenhuma diligência para chamar os

³⁷² Idem.

³⁷³ Idem.

³⁷⁴ *Diário do Rio grande*, domingo, 28.06.1857, p. 2, n. 2545, ano X, Semanário Pelotense XXIV. Rio Grande.

sócios ao cumprimento de seus deveres, animá-los aos estudos que tanto tinham desejado possuir”³⁷⁵.

Apesar das tentativas de reerguer a sociedade, a comissão obteve poucos resultados, culminando com a sua dissolução no final de junho de 1857. A diretoria convidou os sócios para se reunirem em assembleia no dia vinte e oito de junho, com o objetivo de dissolver a sociedade³⁷⁶.

No primeiro semestre de 1857, das sociedades de baile organizadas no início da década, apenas a Sociedade *Harmonia Pelotense* estava em funcionamento. Porém, esta associação também estava passando por dificuldades no período, “cuja dissolução foi por muitas vezes prognosticada”³⁷⁷, melhorando a sua situação em julho do mesmo ano, quando seus bailes recomeçaram a ter o sucesso das épocas anteriores. Portanto, posso dizer que este não foi um ano muito propício para o desenvolvimento das sociedades recreativas e intelectuais.

Esse período foi apresentado pela imprensa como um período de estagnação também para a cidade de Pelotas. Segundo o correspondente do jornal *Diário do Rio Grande*, o comércio da cidade estava “em completa paralisia”, inúmeras casas estavam para alugar e as ruas com pouco movimento, que “há poucos anos eram freqüentadas e cheias de movimento”³⁷⁸. Posso dizer que a situação das sociedades refletia a situação na qual se encontrava a cidade.

Somente duas décadas depois foi organizada uma segunda sociedade literária – a Sociedade *Literária Culto às Letras*. Em junho de 1876 foi inaugurada, nas salas da Sociedade *Terpsichore*, devendo funcionar anexa à Biblioteca Pública Pelotense, aberta no ano anterior³⁷⁹.

³⁷⁵ Idem.

³⁷⁶ *Diário do Rio Grande*, segunda, 6 e terça-feira, 07.07.1857, p. 2, n. 2551, ano X, *Semanário Pelotense XXV*. Rio Grande.

³⁷⁷ *Diário do Rio Grande*, quarta-feira, 15.07.1857, p. 2, n. 2558, ano X, *Semanário Pelotense XXVII*. Rio Grande.

³⁷⁸ *Diário do Rio Grande*, quinta-feira, 05.02.1857, p. 1, n. 2428, ano X, *Semanário Pelotense XI*. Rio Grande.

³⁷⁹ *Correio Mercantil*, 01.07.1876, p. 1, n. 145. Pelotas.

No mesmo em que foi fundada a *Sociedade Literária*, também se organizou o *Clube Pelotense*.

2.2.3 Clube Pelotense

Em 1857 é criada uma sociedade recreativa diferenciada das sociedades de baile, pela sua denominação – *Club* e por seus objetivos. O *Clube Pelotense* foi a primeira sociedade que adotou esta nomenclatura na cidade de Pelotas, sendo procedido por outras apenas na década de 1870.

A denominação *club* estava assentada numa sociabilidade predominantemente masculina e de caráter político. O *club* inglês, o *cercle* francês e a *assembleia* portuguesa se destinavam à ocupação dos tempos livres de homens das classes mais abastadas, sendo considerados um “refúgio masculino dos constrangimentos da vida familiar”³⁸⁰.

O termo *club* tem origem nos clubes que surgiram em Londres no século XVII e tiveram seu apogeu no século XIX em Londres e Paris, como locais “onde se reuniam os cavalheiros refinados”³⁸¹. O termo *club* referia-se a idéias mais adequadas às vogas contemporâneas.³⁸² Isso demonstra que a elite pelotense buscava acompanhar o que estava acontecendo na Europa, utilizando modelos europeus para suas novas sociedades.

Posso dizer, então, que nos moldes dos clubes ingleses, o *Clube Pelotense* foi um espaço tipicamente masculino de caráter político, no qual as mulheres não participavam. Era um espaço de sociabilidade onde os homens de negócios, charqueadores, proprietários conversavam e discutiam sobre negócios ou política.

³⁸⁰ LOUSADA, Maria Alexandre. *Sociabilidades Mundanas ... Op. Cit.*, p. 148.

³⁸¹ NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical. ... Op. cit.*, p. 95.

³⁸² NEEDELL, Jeffrey D.. *Idem*.

O termo *club* se popularizou na década de 1870, com a fundação de outros clubes, marcadamente esportivos, como o *Jockey Club*³⁸³, o *Clube de Regatas*³⁸⁴ e o *Clube de Tiro ao Alvo*³⁸⁵. A formação destes clubes é uma característica típica da elite, pois a maioria deles requeria instrumentos e locais especializados para seu desempenho e tinham um alto custo para sua admissão. Needell indica alguns fatores que demonstram o caráter declaradamente elitista dessas associações: "o tipo de atividades a que estas instituições ostensivamente se destinavam; o elevado custo de admissão, que servia de barreira econômica; e a exclusão social praticada ativamente em pelo menos alguns deles".³⁸⁶

Além dos clubes esportivos, ainda elitistas, também são fundados os *Clubes Caixeiral* e do *Comércio*, ambos na década de 1870 e os clubes carnavalescos, perdendo assim, o caráter elitista e aristocrático das associações com esta denominação, fundadas nas décadas anteriores. As primeiras sociedades fundadas eram formadas pela elite pelotense, sendo, posteriormente, "imitadas" pelos demais, não se caracterizando mais como espaços de diferenciação e distinção social. Como afirma Norbert Elias, quando os costumes e comportamentos da corte espraíavam-se pelas classes médias altas, perdiam, desta maneira, seu caráter como meio de identificação da classe alta, sendo, assim, desvalorizados como sinais de distinção.³⁸⁷

O *Clube Pelotense* foi fundado em junho de 1857 e funcionou pelo menos até o início do ano de 1864, ano a partir do qual não obtive mais

³⁸³ O *Jockey Club* foi fundado em Pelotas por "vinte distintos jovens da sociedade pelotense" em 1876. *Correio Mercantil*, 01.04.1876, p. 1, n. 73. Pelotas.

³⁸⁴ O *Clube de Regatas* foi fundado em agosto de 1875 pela "mocidade pelotense", cujas competições eram realizadas no Canal São Gonçalo. Informações fornecidas por Leopoldo Souza Soares para Fernando Osório. OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. ... v.2., Op. cit., p. 337.

³⁸⁵ O *Clube Recreativo de Tiro ao Alvo* foi fundado por alemães residentes em Pelotas em março de 1876 para o exercício do tiro ao alvo. Com o tempo foram agregadas outras atividades a esta inicial, como a ginástica e a dança. *Correio Mercantil*, 30.03.1876, p. 1, n. 71. Pelotas.

³⁸⁶ NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical*. ... Op. cit., p. 103.

³⁸⁷ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. ... v.1, Uma história dos Costumes. Op. Cit., p. 110.

referências dessa associação³⁸⁸. Na última informação sobre o Clube veiculada em outubro de 1863 estava sendo apresentada a diretoria que funcionaria até setembro do ano seguinte, não demonstrando que a associação estava com problemas ou que não funcionaria por mais tempo.

O Clube foi fundado num contexto em que a *Sociedade Literária* já estava passando por problemas, sua dissolução tendo ocorrido no início do mês seguinte; e, das três sociedades de baile abertas no início da década de 1850, apenas a mais “aristocrática” – a *Sociedade Harmonia Pelotense* – ainda estava em funcionamento. Isso justifica a preocupação do correspondente do *Diário do Rio Grande* com a duração dessa sociedade: “Finalmente criou-se um clube [...] Varias tentativas já tinham sido feitas neste sentido, sem que fossem felizes. A dúvida está tirada hoje, resta saber se terá uma longa existência”³⁸⁹.

O Clube funcionou em um salão, porém, não consegui identificar onde se localizava. Este era um espaço de sociabilidade fechado onde só poderiam participar os sócios, mediante pagamento, e alguns convidados. Porém, o direito de ser convidado só era dado “às pessoas estranhas no lugar”, conforme a artigo 19º de seus estatutos, e não aos moradores da cidade, “principalmente aqueles que se assinaram para a fundação e se negaram ao pagamento”³⁹⁰.

Mesmo não residindo na cidade, não eram todos os que eram aceitos nessa sociedade, mesmo que como convidados. Em setembro de 1861, por exemplo, foi recusada a Pedro Bernardino de Moura, o *Carijó*,

³⁸⁸ A última informação que tive sobre essa sociedade é de outubro de 1863, quando foi eleita a diretoria que funcionaria até setembro de 1864. No ano de 1864 não encontrei nenhuma informação sobre essa associação, porém, nesse ano o único jornal disponível era o *Diário do Rio Grande* e este exemplar estava em péssimas condições. Como faltavam alguns pedaços de páginas, foram prejudicadas as informações do ano, podendo ter ficado de fora informações deste clube.

³⁸⁹ *Diário do Rio Grande*, domingo, 28.06.1857, p. 2, n. 2545, ano X, Semanário Pelotense XXIV. Rio Grande.

³⁹⁰ Correspondência de um sócio não identificado. *Diário do Rio Grande*, sexta-feira, 07.02.1862, p. 2, n. 3948, ano XV. A pedidos. Rio Grande.

correspondente do jornal *Echo do Sul* de Rio Grande, a entrada no Clube³⁹¹. Dias antes também lhe foi recusado um convite para um baile na Sociedade *Recreio Pelotense*, por decisão da diretoria³⁹².

Como estas eram sociedades fechadas, era possível recusar a entrada de algumas pessoas, diferentemente do teatro, “aonde pode ir qualquer bicho careta, ainda mesmo que se faça fiasco igual ao que fez no espetáculo desta cidade na noite de sete de setembro, que recitou uma espécie de poesia”³⁹³, garantindo, assim, a presença apenas de pessoas aceitas pelos membros da sociedade, ou seja, de pessoas do mesmo nível dos membros.

Mesmo não tendo acesso aos estatutos do Clube, foi possível constatar que a admissão de novos sócios também era rigorosamente avaliada, o que provavelmente, à maneira das sociedades de baile, estava determinado nos estatutos. Dias após a sua fundação, o número de sócios já havia aumentado, porém, através de uma “escrupulosa escolha”. A admissão era “o único meio que com segurança pode empregar [a sociedade] para conservar-se”, ou seja, esta era uma maneira de manter as sociedades em funcionamento por mais tempo, pois se tivessem “a mínima condescendência para aceitar *tuti quanti* penetrar naquele recinto, desde já podem os fundadores mandarem imprimir as cartas de convite para assistir ao enterro, e entoar o *De Profundis*”³⁹⁴.

Além da seleção rigorosa dos novos sócios e dos convidados, os sócios também eram responsáveis pelo sucesso da sociedade. Um sócio enviou um questionamento à diretoria sobre a presença de não sócios moradores da cidade, e solicitou que a “diretoria [fizesse] vigorar a lei que nos rege e que os Srs. sócios não abusem apresentando pessoas que não estão no caso do

³⁹¹ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 25.09.1861, p. 1, n. 3837, ano XIV. Rio Grande.

³⁹² Diário do Rio Grande, domingo, 15.09.1861, p. 1, n. 3829, ano XIV. Rio Grande.

³⁹³ Diário do Rio Grande, sábado, 28.09.1861, p. 1, n. 3840, ano XIV. Rio Grande.

³⁹⁴ Diário Rio Grande, sexta-feira, 10.07.1857, p. 1, n. 2554, ano X. Semanário Pelotense XXVI. Rio Grande.

artigo 19", pois, "demasiados tem sido os abusos, que são sempre o cancro roedor das sociedades!"³⁹⁵

Por essas informações, é possível identificar algumas características dessa sociedade: ela era um espaço formal de sociabilidade, pois estava estruturada através de estatutos, com a presença de sócios; aos sócios era necessário o pagamento de anuidade ou de mensalidade; a entrada era restrita aos sócios e convidados, porém deveriam respeitar os estatutos da sociedade, que previa somente a entrada, como convidadas, de pessoas não moradoras da cidade de Pelotas.

Pelo fato de eu não ter podido encontrar os estatutos e pelas poucas informações sobre as atividades do Clube, foi difícil identificar os objetivos da sociedade. Porém, quando a sociedade foi criada, em junho de 1857, o cronista do jornal *Diário do Rio Grande* anunciou a criação de um "clube, onde as pessoas de certa ordem, tanto negociantes como particulares, poderão reunir-se, entreterem-se, encontrando aí os jornais, diversas distrações, e criarem-se proveitosas amizades"³⁹⁶. A presença de jornais no Clube demonstra que esse era um espaço de sociabilidade que combinava o prazer do encontro, a necessidade de informação e a oportunidade de debates.

Destaco que as práticas de sociabilidades nesse espaço estavam disponíveis para aqueles que possuísem certas características morais, quer dizer, sendo "pessoas de certa ordem", que também poderiam ser consideradas pessoas da elite pelotense, se levar em conta os sócios que participavam das diretorias. Isto mostra que os requisitos morais impunham uma certa seletividade à admissão de sócios.

Também foi possível perceber que o convívio era o objetivo principal do Clube; ele era um espaço de reunião, ou seja, de discussões e conversas,

³⁹⁵ Correspondência de um sócio não identificado. *Diário do Rio Grande*, sexta-feira, 07.02.1862, p. 2, n. 3948, ano XV. A pedidos. Rio Grande.

³⁹⁶ *Diário do Rio Grande*, domingo, 28.06.1857, p. 2, n. 2545, ano X. *Semanário Pelotense XXIV*. Rio Grande.

que possibilitava a criação de amizades, ou seja, era um espaço de interrelações entre os sócios. Não foi possível saber quais foram as diversas distrações encontradas no Clube, mas poderiam ser a leitura de jornais e sua discussão, os jogos lícitos, a troca de idéias, ou ainda, as sessões musicais, as representações e as palestras sobre diferentes assuntos, à semelhança dos Círculos e Assembleias portuguesas³⁹⁷.

A criação desse Clube também foi considerada um fator de progresso para a cidade, juntamente com a fundação da Sociedade Portuguesa de Beneficência e o Asilo de Órfãos N. S. da Conceição. A multiplicação das sociedades, sejam elas recreativas ou filantrópicas, o aumento do número de prédios e o crescimento da população foram indicados como fatores importantes para o progresso da cidade³⁹⁸. É possível perceber que a formação de espaços de sociabilidade foi considerada algo bom, algo que traz o progresso para a cidade onde se instalam. Os espaços de sociabilidade são vistos, por Agulhon, como uma maneira possível de aperfeiçoar a vida³⁹⁹.

Na segunda metade do ano de 1861 apenas estavam em funcionamento o *Clube Pelotense* e a sociedade de baile *Recreio Pelotense*, recentemente aberta. Nesse período as principais sociedades de baile haviam fechado, assim como a *Sociedade Literária*, porém novas sociedades estavam se formando.

Mesmo eu tendo informação da criação do Clube em 1857, apenas obtive dados sobre a eleição e a diretoria em agosto de 1861, quando foram

³⁹⁷ Em Lisboa, mesmo que as associações fossem criadas à semelhança dos clubes ingleses, como suponho que foi criado o *Clube Pelotense*, elas não utilizavam a denominação clubes, mas sim assembleias. A explicação dada por Maria Alexandre Lousada está na conotação política que a palavra clube adquirira em Portugal. Utilizando a palavra assembleia assegurava-se o caráter não político da associação; utilizando uma palavra semelhante à utilizada para designar as reuniões familiares e de amigos, revela que estas assembleias constituem um espaço social e uma prática de sociabilidade intermediária entre o convívio doméstico alargado, sexualmente misto, e o club inglês ou o cercle francês, local tipicamente masculino. LOUSADA, Maria Alexandre. *Sociabilidades Mundanas ...* Op. cit..

³⁹⁸ Diário do Rio Grande, sexta-feira 16 e sábado, 17.08.1861, p. 1, n. 3805, ano XIV. Rio Grande.

³⁹⁹ AGULHON, Maurice. Introduction: La Sociabilité est-elle ... Op. cit..

divulgados os membros da diretoria. Posso supor que, nos anos de 1861 e 1862, a eleição era realizada semestralmente, enquanto que no início de outubro de 1863 foi eleita a nova diretoria “que te[ria] de funcionar até setembro do ano seguinte”, portanto por um ano.

Desse modo, consegui a nominata de duas diretorias, a eleita em agosto de 1861 e a eleita em outubro de 1863, não conseguindo identificar as diretorias dos anos anteriores a 1861 e a do ano de 1862. O quadro a seguir mostra as diretorias.

Quadro 5 – Diretorias do *Clube Pelotense*.

	Eleição em agosto de 1861	Eleição em outubro de 1863 (Vigência: 10.1863 a 09.1864)
Presidente	Comendador Alexandre Vieira da Cunha	Domingos Antonio Felix da Costa
Vice-Presidente	Domingos Antonio Felix da Costa	Rafael Vieira da Cunha
Secretário	Antonio José de Azevedo Machado Filho	Venâncio Ferreira da Silva
Tesoureiro	José Antonio Moreira	Celestino San Juan

Fonte: Diário do Rio Grande, sexta-feira, 16 e sábado, 17.08.1861, p. 1, n. 3805, ano XIV e Diário do Rio Grande, quinta-feira, 08.10.1863, p. 2, n. 4444, ano XVI. Noticiário de Pelotas. Rio Grande.

Destaco que, da mesma forma que para as demais sociedades, não foi possível identificar o número de sócios desta sociedade nem seus nomes. Não foi possível saber quantos sócios participavam deste Clube, somente que eles eram selecionados de acordo com requisitos morais, civis e financeiros.

Porém, foi possível traçar algumas características desses sócios, mesmo que somente dos que participaram em algum momento da diretoria. Para conhecer os dirigentes da sociedade, da mesma forma que para as demais sociedades, busquei caracterizá-los pelo sexo, idade, nacionalidade, estado

civil e profissão⁴⁰⁰. Busquei verificar a sua inserção nas demais sociedades recreativas e nas sociedades de filantropia⁴⁰¹ e a sua participação em atividades políticas⁴⁰², tanto em nível local, na Câmara de Pelotas, como em nível nacional.

Os dirigentes dessa sociedade não diferiram dos das demais, pois todos eram homens; sendo a maioria deles portugueses ou luso-brasileiros, casados, com idade superior a 40 anos, charqueadores ou proprietários⁴⁰³. Destaco a participação de José Antônio Moreira, o Barão de Butuí e Antônio José de Azevedo Machado Filho, filho do Barão de Azevedo Machado.

Foi possível perceber que os participantes não eram jovens, pois a idade variou entre 40 e 70 anos⁴⁰⁴. Ou seja, eram homens que já haviam constituído uma família e já estavam estabelecidos economicamente.

Os estrangeiros estavam quase inexistentes nessa sociedade, assim como nas demais. A presença da maioria de portugueses e seus descendentes já foi justificada anteriormente. Nesse Clube identifiquei somente a participação de um estrangeiro, o argentino Celestino San Juan⁴⁰⁵.

A presença de argentinos em Pelotas pode ser verificada desde o ano de 1844, quando entraram na cidade 21 imigrantes desta nacionalidade;

⁴⁰⁰ Para caracterizar os sócios, utilizei os registros de casamentos e óbitos da Cúria Diocesana da Catedral São Francisco de Paula de Pelotas; os inventários e a Lista Geral dos Cidadãos Qualificados Votantes no 1º Distrito de Pelotas, de 03 de fevereiro de 1865.

⁴⁰¹ Para verificar a sua inserção nas principais instituições de caridade de Pelotas, utilizei as seguintes bibliografias: CUNHA, Alberto Cunha. *Síntese Histórica da ...* Op. Cit., e TOMASCHEWSKI, Claudia. *Caridade e filantropia na ...* Op. Cit..

⁴⁰² Para verificar sua participação em atividades políticas, utilizei a lista sobre a edilidade de Pelotas elaborada por OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas. ...* v.1., Op. Cit. e AITA, Carmem; AXT, Gunter; ARAÚJO, Vladimir (Orgs.). *Parlamentares gaúchos das ...* Op. Cit.

⁴⁰³ Ver Apêndice 13 Características dos Sócios do *Clube Pelotense*.

⁴⁰⁴ As idades dos sócios não são precisas, pois de uma fonte para outra houve alguma variação e em alguns casos a própria fonte não apresentava com certeza a idade, utilizando uma idade aproximada.

⁴⁰⁵ Celestino San Juan era natural da Argentina, casado com Elvira Villapañe San Juan, residia na Praça Pedro II [atual Praça Cel. Pedro Osório], nº 3, sendo que possuía ao lado, na Praça Pedro II, nº 1, esquina rua S. Miguel [atual XV de Novembro], um armazém; possuía, ainda, uma casa em Alegrete; possuía quatro escravas. Inventário de Celestino San Juan. 2º Cartório de Órfãos e Ausentes de Pelotas, nº 54, maço 3, estante 28, ano 1876. APERGS – Porto Alegre.

nos anos posteriores – entre 1846 e 1852 – entraram mais 62 imigrantes, totalizando 83 imigrantes argentinos estabelecidos em Pelotas⁴⁰⁶. Porém, percebi que a participação de outras nacionalidades, que não a portuguesa, nestas sociedades não é significativa, sendo casos isolados. No período que estudo, não encontrei nenhuma associação criada exclusivamente por imigrantes estrangeiros.

Observei a participação de três membros desse Clube em sociedades de baile: Alexandre Vieira da Cunha⁴⁰⁷, Domingos Antônio Félix da Costa⁴⁰⁸ e José Antônio Moreira⁴⁰⁹. Os três, durante o período em que participaram do *Clube Pelotense*, participaram também da sociedade de baile *Recreio Pelotense*. Posso dizer que os grupos eram fechados, pois eram os mesmos que participavam, num mesmo momento, de duas ou mais sociedades. Porém, nenhum destes sócios participou das diretorias da *Sociedade Filo-Dramática* ou da *Sociedade Literária*.

A participação em instituições de caridade e filantropia⁴¹⁰ pode ser verificada para os seguintes sócios: Alexandre Vieira da Cunha participou da primeira diretoria do Asilo de Órfãs N. S. da Conceição, em 1855, como mordomo; Domingos Antônio Félix da Costa foi escrivão da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas em 1851-2 e 1857-8; foi vice-presidente e presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficência em 1860-2 e 1864-9, respectivamente; e, tesoureiro do Asilo de Órfãs em 1860-2; José Antônio Moreira foi tesoureiro da Santa Casa nos anos de 1847-50, 1854-5, 1856-7, 1859-67 e 1874-6; e mordomo do Asilo de Órfãs em 1855; Antônio José de Azevedo Machado Filho ocupou um cargo (que não consegui identificar qual era) na Santa Casa de Misericórdia.

⁴⁰⁶ BECKER, Klaus. A imigração no Sul do Estado ... Op. Cit., p. 322.

⁴⁰⁷ Alexandre Vieira da Cunha foi presidente da Sociedade *Harmonia Pelotense* em 1852 e participou da Sociedade *Recreio Pelotense* – 1861.

⁴⁰⁸ Domingos Antônio Félix da Costa participou da comissão que elaborou os estatutos da Sociedade *Recreação Pelotense* em 1851; foi tesoureiro da Sociedade *Recreio Pelotense* em 1861 e foi presidente da Sociedade *Fênix Pelotense* em 1867.

⁴⁰⁹ José Antônio Moreira foi procurador e presidente da Sociedade *Harmonia Pelotense* em 1852 e 1854, respectivamente; e foi presidente da Sociedade *Recreio Pelotense* em 1861.

⁴¹⁰ Ver Apêndice 14 Participação dos Sócios do *Clube Pelotense* em Outras Sociedades.

Posso concluir que, além de participar de associações recreativas, esses homens participaram de outras associações criadas no mesmo período, demonstrando que a elite estava presente em vários espaços da cidade de Pelotas, sejam eles de sociabilidade recreativa ou assistencial. A presença das mesmas pessoas em associações diferentes fortalece o poder dessa elite, que estava numa posição de mando em várias sociedades.

A inserção desses membros na vida política somente se deu em nível local, na Câmara de Pelotas. Alexandre Vieira da Cunha participou da Câmara em 1832, entre 1833 e 1836 e em 1844 como presidente, em 1845-8 e em 1853-6. Já José Antonio Moreira participou em 1849-52 e em 1853-6.

Posso concluir, ainda, que os membros do *Clube Pelotense* eram homens, portugueses ou luso-brasileiros na sua maioria, charqueadores ou proprietários, casados, e não muito jovens. Participaram em outras sociedades recreativas e em instituições filantrópicas e tiveram uma pequena participação formal na vida política da cidade.

Não sendo as sociedades recreativas e culturais espaços isolados de sociabilidade, os seus frequentadores prolongavam o “estar junto” em outros lugares de encontro, como o teatro, os hotéis, as ruas e a praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório]. Tais espaços serão abordados nos capítulos seguintes.

3 Espaços Semiformais de Sociabilidade: as Recreações Empresariais

Além dos espaços formais de sociabilidade, abordados no capítulo anterior, a elite pelotense também participou e se reuniu nos espaços semiformais ou intermediários de sociabilidade. Analisando as fontes jornalísticas, identifiquei espaços que não se enquadravam nas características formais e nem nas informais, mas que mesclavam características dessas duas formas de sociabilidade, pois não eram tão rígidos como os espaços formais e nem tão frouxos como os informais.

Eram espaços privados, mas que estavam abertos a um público que pudesse pagar pelos seus serviços, seja pelo ingresso, seja pelos produtos disponíveis, como comidas e bebidas ou diversões. Esses espaços não eram tão fechados como as sociedades, onde só participavam os sócios e seus convidados (iguais aos sócios) e nem tão abertos como as ruas e a praça, onde todos poderiam participar da festa ou procissão, mesmo que somente como espectadores, sem participar ativamente.

Com tais características identifiquei dois espaços, o teatro e os hotéis. Posso dizer que o teatro foi o primeiro espaço público de sociabilidade mais fechado utilizado pela elite pelotense, pois começou a funcionar na cidade no início da década de 1830. Porém, durante a Revolução Farroupilha não funcionou como casa de espetáculos, mas como quartel, retornando a oferecer atividades artísticas já em 1844. A partir dessa data, intensificou e diversificou suas atividades, consolidando-se como um espaço de encontro e de interrelacionamentos, não só de diversão e de cultura.

Os hotéis começaram a ser abertos na cidade no final da Revolução, principalmente pelos imigrantes não portugueses chegados a Pelotas nessa década. Tais locais se firmaram como espaços de sociabilidade marcadamente masculinos, com a presença de jogos, local para comida e bebida e espaços para banquetes.

Esses espaços se inserem no âmbito das práticas de sociabilidade efetivadas em recintos fechados e explorados empresarialmente, distinguindo-se assim, da sociabilidade privada – das *soirées* e dos jantares em casas de família –, das práticas de sociabilidade desenvolvidas no âmbito das associações voluntárias e das sociabilidades nos espaços abertos, como a rua e a praça.

Assim, abordo neste capítulo os espaços de sociabilidade semiformais nos quais a elite pelotense também se reunia. Busco identificar as atividades desenvolvidas nesses locais e a forma como se configuraram como espaços de sociabilidade da elite.

Esses espaços de sociabilidade também se destacaram no contexto de renovação da vida urbana de Pelotas após a Revolução Farroupilha, quando a cidade retomou seu desenvolvimento econômico e sócio-cultural.

Na segunda metade da década de 1840, a cidade voltou a se desenvolver após ter ficado paralisada pelos anos da guerra. A população retornou e imigrantes começaram a chegar; as charqueadas e novos estabelecimentos industriais e comerciais intensificaram suas atividades, proporcionando, assim, um contingente de pessoas com condições financeiras e tempo livre para usufruir dos espaços de sociabilidade criados na cidade.

Assim, faço referência, primeiramente, aos teatros, que foram organizados por sociedades, cujos sócios possuíam prioridades nos espetáculos, mas que estavam abertos para quem quisesse ou pudesse pagar e dispusesse de tempo livre para participar da atividade.

Abordo, no segundo momento, os hotéis, que eram espaços que possuíam um proprietário e seu acesso estava vinculado ao pagamento dos produtos disponíveis, sejam eles a hospedagem, o alimento e a bebida ou os entretenimentos disponibilizados pelo estabelecimento.

Este capítulo mostra, então, as recreações empresariais organizadas na cidade e utilizadas pela elite pelotense para a sua sociabilidade, nas décadas de 40, 50 e 60 do Oitocentos. Nesse período o Teatro Sete de Abril era a única casa de espetáculos existente em Pelotas e aproximadamente dez hotéis foram abertos na cidade, mas que não se mantêm em funcionamento simultaneamente.

3.1 “Grande e extraordinária função”: o Teatro como Palco da Sociabilidade

Neste capítulo analiso, inicialmente, o teatro enquanto espaço de sociabilidade da elite pelotense. Mesmo sendo um espaço em que os critérios de entrada não eram tão rígidos como as sociedades e decorriam das condições financeiras e de disponibilidade de tempo livre, tradicionalmente, o teatro era uma opção de entretenimento elegante e refinado, e participar dos espetáculos era um sinal distintivo de pertencimento à elite local.

Pelas suas características, considero o teatro um espaço intermediário ou semiformal de sociabilidade. O Teatro Sete de Abril foi formado por uma sociedade, com a participação de sócios-proprietários de camarotes e cadeiras, os quais tinham prioridade nos espetáculos e atividades no teatro; porém, os não sócios também poderiam participar mediante o pagamento do ingresso, o que era um fator que restringia a entrada de quem não poderia pagar, revelando o caráter elitista da atividade.

Busco responder as seguintes questões: Que atividades eram desenvolvidas nesse espaço de sociabilidade? Quais as interrelações que se davam no interior do teatro? E, de que modo o teatro, enquanto espaço de cultura e entretenimento, contribuiu para a configuração da rede de sociabilidades pelotenses no início da segunda metade do Oitocentos?

Para a elaboração deste capítulo, utilizei fontes bibliográficas, principalmente os livros de Guilherme Echenique e Lothar Hessel e o artigo de

Paulo Duval publicado na Revista do IHGRGS de 1945⁴¹¹. Essas fontes foram importantes, pois mostraram a fundação da sociedade para a formação do teatro.

Para analisar a dinâmica do teatro, utilizei as informações jornalísticas. Quase que diariamente os jornais publicavam alguma informação sobre o teatro, que iam desde o mero anúncio dos espetáculos até a sua apreciação crítica, passando pela descrição dos ambientes e dos frequentadores. Sobre esse local obtive o maior número de reportagens. O teatro mereceu especial atenção por parte dos jornais locais, o que demonstra a importância desse espaço de sociabilidade.

A maioria das reportagens era de anúncios sobre as peças; neles obtive informações sobre a data, horário, nome da peça, companhia, personagens e preço do espetáculo, sendo utilizados para caracterizar os espetáculos teatrais apresentados no teatro. Outros textos jornalísticos que empreguei foram os comentários e as crônicas, que conforme afirmado anteriormente, são categorias do gênero opinativo, na qual o autor do texto faz uma avaliação valorativa do acontecimento, ou seja, o texto jornalístico é uma representação da realidade.

Nos comentários e nas crônicas pude visualizar a dinâmica dos espetáculos, pois os cronistas teciam comentários sobre a peça, mas também, sobre a concorrência e seus concorrentes, a aceitação ou rejeição da peça e dos atores, na maioria das vezes com detalhes sobre as pessoas que estavam no teatro, o que era realizado nos intervalos, como as pessoas se portavam, e também as discussões e brigas que ocorriam durante os espetáculos, nos intervalos e no final das peças. Continuavam ainda descrevendo, a partir de sua elaboração valorativa, a saída do teatro e o acompanhamento dos artistas até seu hotel de residência.

⁴¹¹ ECHENIQUE, Guilherme. *Histórico do Teatro Sete de Abril de Pelotas*. Pelotas: Globo, 1934; HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999; e, DUVAL, Paulo. Apontamentos sobre o Teatro no Rio Grande do Sul e Síntese Histórica do Teatro Sete de Abril, de Pelotas, que serviu de Quartel General dos Farrapos. *Revista do IHGRG*, Porto Alegre, n. 97, p. 37-65, 1º trim. 1945, p. 37-65.

A partir dessas informações pude elaborar um quadro sobre as interrelações que ocorriam no teatro nas diversas atividades que este disponibilizava para o público, como os espetáculos dramáticos, óperas, espetáculos de ilusionismo e bailes de máscaras.

Para escrever a história do teatro em Pelotas, é necessário retroceder um pouco no tempo. Mesmo sendo um espaço que ganhou força e que diversificou suas atividades a partir da segunda metade da década de 1840, depois da Revolução Farroupilha, na década de 1830 o teatro era um espaço privilegiado de sociabilidade da elite pelotense. Esse espaço era muito valorizado como espaço de conhecimento e cultura, o que se comprova pela fundação/existência de dois teatros na cidade e mais a formação de uma sociedade que representava no “teatrinho” de um colégio – o que demonstra a importância da atividade na cidade.

Magalhães considerou esta primeira iniciativa cultural precoce, considerando-se que a localidade recém se urbanizava e que os charqueadores recém começavam a construir os primeiros sobrados na freguesia. “[Era] uma iniciativa que revela[va], já o desejo de conciliar sociabilidade e inteligência, como formas superiores de preencher o lazer.”⁴¹²

No início do século XIX começou a formar-se em Pelotas uma elite abastada vinculada à charqueada, que buscando igualar-se à Europa, realizou seu processo de civilização, importando hábitos de viver da sociedade europeia. Nesse contexto foram criadas duas casas de espetáculos, que se tornaram adequadas à posição econômica do lugar e às exigências de uma parcela da população enriquecida que buscava cultura e diversão.

Na década de 1830, quando os teatros foram fundados na cidade, Pelotas ainda era uma freguesia, vinculada à cidade de Rio Grande. No

⁴¹² MAGALHÃES, Mario O.. *Opulência e Cultura na Província ... Op. Cit.*, p. 140.

início do século XIX, Pelotas fazia parte do município de Rio Grande⁴¹³, juntamente com Jaguarão, Arroio Grande, Canguçu, Piratini, Herval, Pinheiro Machado, São Lourenço do Sul e São José do Norte.

O desenvolvimento das charqueadas, o crescimento do povoado e a dificuldade de comparecer à matriz, que se localizava em Rio Grande, na Quaresma, pois era a época da matança nas charqueadas⁴¹⁴, fez com que a população solicitasse a criação da freguesia.

Em 1812 Pelotas atingiu a condição de freguesia, passando a chamar-se Freguesia de São Francisco de Paula; em 1813 foi fundada a Igreja Matriz de Pelotas e surgiram os primeiros prédios ao seu redor. Em pouco tempo progrediu a povoação, de modo que, em 1814 a paróquia de São Francisco de Paula era uma das mais prósperas da capitania, com uma população de 2.419 pessoas, representando 3,42% da população da Capitania; sendo 1.226 (50,68%) escravos, 712 (29,44%) brancos, 105 (4,34%) índios, 232 (9,59%) livres de cor, e 144 (5,95%) recém nascidos.⁴¹⁵ Observa-se que, pelo fato das charqueadas utilizarem basicamente mão-de-obra escrava, essa população representava mais da metade dos habitantes de Pelotas.

Em 7 de dezembro de 1830, por decreto imperial, a freguesia foi elevada à condição de Vila. Passado mais de um ano, a 7 de abril de 1832, a Vila foi instalada. A data era comemorativa a um ano de abdicação de D. Pedro I. Nessa data houve a ereção do pelourinho no Campo, posteriormente Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], e

⁴¹³ Em 1809 a Província foi dividida territorialmente em quatro municípios: Porto Alegre, incluindo Viamão, Triunfo e a aldeia dos Anjos (atual Gravataí); Rio Grande, com os povoados de Estreito, Mostardas, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar, Erval e São Francisco de Paula das Pelotas; Rio Pardo, incluindo os povoados de Cachoeira, Santo Amaro, Taquari e São Gabriel; e, Santo Antonio da Patrulha, com os povoados de Conceição do Arroio (Osório), Vacaria e Santa Cristina do Pinhal (integrado no município de Parobé). Em 1819 foi criado o município de Cachoeira; em 1824 foram incluídas, no município de Rio Grande, as povoações de Canguçu, Piratini, Jaguarão e Arroio Grande. WEIMER, Günter. A Arquitetura. In: PICCOLO, Helga I. L.; PADOIN, Maria Medianeira (Direção). *Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 373-400. v.2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

⁴¹⁴ MELLO, Tancredo de. Pelotas. A sua formação. *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1912*. Anno 24º. Pelotas: Editores Pinto & C., 1912, p. 193.

⁴¹⁵ ARRIADA, Eduardo. *Pelotas – gênese e ... Op. Cit.*.

espetáculo num teatro provisoriamente instalado. Com o aumento da população e o crescimento das atividades fabris e comerciais, a vila de São Francisco de Paula atingiu a condição de cidade em 1835, com o nome de Pelotas.

Nesse contexto, Pelotas iniciou sua atividade teatral.⁴¹⁶ O primeiro teatro a entrar em funcionamento foi o Teatro Sete de Abril (que ainda hoje continua em atividade). A data exata do início de seu funcionamento não é conhecida. Vários autores sugerem que em 1831 já estivesse em funcionamento uma sociedade dramática particular, a Sociedade Cênica. Porém, a primeira notícia de uma representação em um teatro de Pelotas, mesmo que improvisado, foi em 7 de abril de 1832, para festejar o acontecimento nacional da abdicação do Imperador D. Pedro I e a instalação da Vila de São Francisco de Paula.⁴¹⁷

Para esta comemoração Domingos José de Almeida cedeu um armazém situado à rua General Vitorino esquina Três de Fevereiro [atuais rua Padre Anchieta e Major Cícero Monteiro]⁴¹⁸. Assim, o teatro localizava-se a uma quadra da Igreja Matriz, onde se deu o primeiro loteamento da cidade. Esse prédio foi, em poucos dias, transformado em teatro, para as

⁴¹⁶ Antes do Teatro Sete de Abril já estavam em funcionamento vários teatros no Brasil, os principais eram: o de Ouro Preto (1746); o de Manoel Luis, no Rio de Janeiro (1774); o de Sabará, em Minas Gerais (1800); o de São João, na Bahia (1812); o Real Teatro de São João, no Rio de Janeiro (1812); o Teatro União, depois São Luis do Maranhão (1817); o Teatro Particular de Luis de Souza Dias (1820); o Teatro de Plácido, no Rio de Janeiro (1823); o Teatro da rua do Lavradio, Rio de Janeiro (1824); o Teatrinho da rua dos Arcos, no Rio de Janeiro (1826). CAFEZEIRO, Edwaldo; GADELHA, Carmem. *História do Teatro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996, p. 113.

⁴¹⁷ Heloisa Assumpção Nascimento afirma que o teatro também se realizava em casas particulares. Nesses casos, os jovens que estudavam na Corte traziam novidades que encenavam em palco improvisado na sala de visitas para o concurso de gente moça e dos amigos. NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. *Nossa Cidade era Assim*. Pelotas: Ed. Mundial, 1989, p. 248.

⁴¹⁸ Simões Lopes Neto na Revista do 1º Centenário de Pelotas, em 1912, afirmou que o primeiro prédio do teatro localizava-se no número 820 da rua General Vitorino esquina da Rua Três de Fevereiro, ao lado da residência Villalobos. Nesse endereço em 1912 ainda existiam vestígios do antigo teatro: "No salão da frente deste prédio, onde ora funciona uma oficina de torneiro em madeira, ainda se vê nas paredes os sinais das travessas que suportavam o tablado dos camarotes, e os números destes, apagadamente inscritos no reboco." LOPES NETO, Simões. *Revista do 1º Centenário de Pelotas*. Publicação Auxiliar para a Comemoração Projetada pela Biblioteca Pública Pelotense, n. 7 e 8, abril/maio de 1912, p. 103-4.

representações de um “grupo de amadores, que se constituiu em sociedade cênica para serões familiares na Vila”⁴¹⁹.

Nesse local improvisado, o teatro funcionou até final de 1833 quando foi construído um prédio específico para as representações teatrais da Sociedade Cênica do Teatro Sete de Abril. Do grupo de sócios nasceu a idéia da construção de um prédio próprio que:

[...] localizado em ponto que melhor se recomendasse, para atender o movimento de espectadores, fosse também mais espaçoso, dispusesse de maiores comodidades, que se fizesse dotar de palco mais vasto, que remediando inconvenientes verificados no anteriormente ocupado, mais adequado se mostrasse para as exibições teatrais, pois que, crescendo a população, indo, com o desenvolvimento do gosto pelas funções dramáticas, o número de comparecentes aos seus espetáculos, em aumento, reconheceu-se, dentro em pouco, já ser acanhado para comportá-los, a casa da rua da Igreja.⁴²⁰

O antigo prédio estava ficando pequeno para uma população que aumentava, tornava-se mais exigente no tocante a comodidades e buscava espaços de cultura e entretenimento na própria Vila. O novo prédio visava proporcionar ao público um local confortável e luxuoso, local onde a elite pudesse ver e ser vista, comparecer com as suas melhores *toilettes*.

Em dois de dezembro de 1833 foi inaugurado o novo prédio do Teatro Sete de Abril⁴²¹, em frente ao Campo, cujo primeiro espetáculo foi realizado durante as comemorações do aniversário natalício do Imperador D. Pedro II⁴²². A Vila, como diz Alberto Coelho da Cunha, “que até então só tivera casas públicas de exercício do culto religioso, construiu o seu primeiro edifício publico de caráter profano, para recreio e diversões de sua gente”⁴²³.

⁴¹⁹ CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas, nº 62. *A Opinião Pública*, Pelotas, quinta-feira, 30.10.1928, p. 1, n. 148, ano XXXIII.

⁴²⁰ CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas, nº 62. *Idem*.

⁴²¹ Ver Anexo 4 – Imagem do Primeiro Prédio Construído para o Teatro Sete de Abril. A imagem é uma litogravura realizada por Peter Ludwig em 1846. Esta imagem foi publicada no jornal *O Ostensor do Rio de Janeiro*, em 1846 e, no relato de viagem de Avé-Lallemant, de 1858.

⁴²² *O Noticiador*, 07.12.1833, p. 1, n. 191. Interior. Rio Grande.

⁴²³ CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas, nº 62. ... *Op. cit.*

O prédio foi classificado pela revista *O Ostensor*, da Corte, como “elegante e regular”, possuía um pórtico de quatro colunas e salões superiores de desafogo, na planta inferior continha três ordens com sessenta camarotes e trinta bancadas na plateia.⁴²⁴

Duval detalha ainda mais as características do Teatro, a partir de anúncios de jornais:

O pano de boca apresentava os retratos de Shakespeare, Molière e Seribe, segundo o *Rio-Grandense* de 10-07-47. A iluminação era, como nos outros, a vela. Um lustre ornamentava sua sala. As decorações, primorosas, conforme o periódico a pouco citado. Possuía rico guarda-roupa, segundo o *Brado do Sul*. Quanto à acústica, muito boa, como ainda hoje.⁴²⁵

O novo prédio do Teatro Sete de Abril tinha capacidade para mais de quinhentos espectadores. Gutierrez, analisando a população pelotense no mesmo mês e ano da inauguração do Teatro, considerou que o teatro estava super dimensionado. Em dezembro de 1833 a vila de São Francisco de Paula possuía 10.872 habitantes, destes 4.707 (43,27%) viviam no núcleo urbano, sendo pouco mais da metade, 2.705, livres ou libertos, “o que demonstra uma alta taxa de urbanização, mas não explica o tamanho do Teatro”. Para a autora:

Frente a Rio Grande e Porto Alegre, mais que ostentação, o Sete de Abril simbolizava a liderança riograndense nas exportações, nos negócios, no progresso, na cultura, na civilização, no refinamento oriundo da riqueza gerada pela concentração de mão-de-obra escrava.⁴²⁶

Durante grande parte do século XIX os teatros das demais cidades do Rio Grande do Sul eram de madeira e com instalações precárias; apenas os teatros Sete de Setembro (Rio Grande)⁴²⁷ e Sete de Abril (Pelotas)

⁴²⁴ DUVAL, Paulo. Apontamentos sobre o teatro no ... Op. cit., p. 48. Sobre a arquitetura do Teatro Sete de Abril ver GUTIERRES, Ester J. B. *Barro e Sangue*: ... Op. Cit., p. 171 e seg.

⁴²⁵ DUVAL, Paulo. Apontamentos sobre o teatro no ... Idem, p. 48.

⁴²⁶ GUTIERRES, Ester J. B. *Barro e Sangue*: ... Op. Cit., p. 182.

⁴²⁷ O Teatro Sete de Setembro de Rio Grande foi inaugurado em sete de setembro de 1832; este teatro possuiu a primeira construção do gênero em alvenaria do Rio Grande do Sul. Porém, em Rio Grande, em 1809, John Luccock registrou as ruínas de um teatro de madeira, situado próximo à residência do Governador. Bittencourt levanta a hipótese de que esse teatro seja do final do século XVIII, pois possuía as mesmas características das modestas Casas da Comédia ou Casas da Ópera de importantes cidades do país e da Região Platina. BITTENCOURT, Ezio da R.. *Da Rua ao Teatro*, ... Op. Cit., p. 152.

apresentavam boas condições. Transcrevo aqui, a observação feita por Francisco José Soares Andréa, presidente da Província do Rio Grande do Sul, em 1850, citada por Lothar Hessel e Georges Raeders:

As mais sentidas necessidades públicas, em qualquer grande povoação, são os espetáculos. [...] Hoje, entre nós, os mais aceitos divertimentos são os teatros e as grandes reuniões das famílias, por sociedades de baile e canto. Em muitos lugares desta Província há teatros, devido às Sociedades Particulares mais ou menos abastadas; e são *muito regularmente construídos os dois das cidades de Rio Grande e de Pelotas*. Os outros são obras de menor importância e de mais duvidosa duração, mas quase todos superiores ao armazém arvorado em teatro, desta capital [Teatro D. Pedro II].⁴²⁸

Nesta época, 1850, estavam em funcionamento no Rio Grande do Sul, além do Teatro Sete de Abril, do Teatro Sete de Setembro, em Rio Grande e do Teatro D. Pedro II em Porto Alegre, os teatros Rio-Pardense, fundado em 1845 em Rio Pardo; um “teatrinho” em Bagé, também de 1845; uma sociedade do Teatro Particular União em Triunfo, cujos estatutos foram aprovados em setembro de 1849; e, o Teatrinho Sete de Abril, em Piratini, que, em 1839 foi palco dos festejos públicos e patrióticos.⁴²⁹

A associação que construiu o Teatro Sete de Abril denominava-se Sociedade Cênica do Teatro Sete de Abril e o órgão executor foi a Junta Fundadora do Teatro. A Sociedade possuía 210 sócios-proprietários, dos quais 60 possuíam camarotes e 233 possuíam cadeiras (alguns possuíam camarotes e cadeiras). Cada proprietário de camarote deveria pagar mensalmente a quantia de dois mil réis e o de cadeira, oitocentos réis.⁴³⁰

Dos sócios-proprietários, a maioria era charqueador, entre os quais os barões José Antonio Moreira – Barão de Butuí; Joaquim José de Assumpção – Barão de Jarau e Miguel Rodrigues Barcellos – Barão de Itapitocai; os futuros

⁴²⁸ RELATÓRIO. Governo Soares Andréa. IHGRS, ordem A-7, caixa 96. Citado por HESSEL, Lothar; RAEDERS, Georges. *O Teatro no Brasil sob D. Pedro II*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, Instituto Estadual do Livro, 1979, p. 205.

⁴²⁹ HESSEL, Lothar; RAEDERS, Georges. *Idem*, p. 205-39.

⁴³⁰ Conforme Artigo 7º dos primeiros estatutos da “Sociedade Scenica”. Este artigo também estipulava que esses proprietários deveriam participar com determinada quantia que lhe pertencer em rateio, quando tiverem despesas extraordinárias. ECHENIQUE, Guilherme. *Histórico do Teatro Sete de Abril ... Op. Cit.*

viscondes João Simões Lopes – Visconde da Graça e Domingos de Castro Antiqueira – Visconde de Jaguarí; três comendadores – Antonio José de Oliveira Leitão, Domingos Antonio Felix da Costa e Antonio José de Oliveira Castro, entre outros nomes importantes na cidade.⁴³¹ Esses nomes demonstram que o teatro foi construído para ser um espaço de sociabilidade da elite pelotense, unindo cultura e entretenimento⁴³², uma vez que esta lista pode ser identificada com os mais ricos do lugar, como charqueadores, estancieiros e comerciantes.

A grande maioria dos associados era homem, porém, entre eles estavam quatro mulheres⁴³³ – Bernardina Firmiana Ilha, viúva de João Francisco Ilha; Constanina Gravani; Francisca Eulália do Nascimento; e, Genoveva Maria de Jesus, viúva de José Ignácio Xavier; cada uma possuía um camarote. Posso supor que todas essas mulheres eram viúvas, por isso possuíam um camarote em seu nome⁴³⁴. Duas firmas comerciais – Ribas & Irmão, com um camarote e duas cadeiras e Torres & Irmãos, com duas cadeiras também eram sócias-proprietárias do Teatro.

Analisando os dados coletados na Cúria Diocesana da Catedral São Francisco de Paula, foi possível identificar algumas características dos sócios.

⁴³¹ ECHENIQUE, Guilherme. Idem; DUVAL, Paulo. Apontamentos sobre o Teatro no ... Op. cit.

⁴³² Paulo Duval faz uma lista dos fundadores do teatro destacando seus títulos, suas profissões, suas doações e atividades de assistência, demonstrando seu destaque na sociedade pelotense. DUVAL, Paulo. Idem, p. 39-40.

⁴³³ Conforme a "Lista Geral dos Sócios de Camarotes e Cadeiras até 28 de dezembro de 1834" do Teatro sete de Abril. ECHENIQUE, Guilherme. *Histórico do Teatro Sete de Abril ...* Op. Cit., p. 11-7.

⁴³⁴ Mesmo não tendo encontrado informações sobre a morte dos maridos de duas dessas mulheres – Constanina Gravani e Francisca Eulália do Nascimento, posso supor que todas eram viúvas em 1834.

Bernardina Firmiana [Marques] Ilha casou-se com Joaquim Francisco Ilha em 28.03.1822 (Livro 1B de Casamentos, p. 42v). BETEMPS, Leandro Ramos (Org.); JACCOTTET, Alda Maria de Moraes. *Povoadores de Pelotas RS. Freguesia de São Francisco de Paula (1812-1825)*. Pelotas: Cópias Santa Cruz Ltda, 2009, p. 151. Joaquim Francisco Ilha faleceu em 28.11.1826 (Registro de Óbito de Joaquim Francisco Ilha, Livro 1 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1812-1846, p. 76. Pelotas).

Francisca Eulália do Nascimento casou-se com Joaquim do Nascimento Corrêa Noronha em 07.04.1817 (Livro 1B de Casamentos, p. 25). BETEMPS, Leandro Ramos; JACCOTTET, Alda Maria de Moraes. *Povoadores de Pelotas RS. ...* Op. cit., p. 150.

Genoveva Maria de Jesus era casada com José Ignácio Xavier, que faleceu em 09.10.1825. (Registro de Óbito de José Ignácio Xavier, Livro 1 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1812-1846, p. 60v. Pelotas).

As idades eram variadas, desde muito jovens – Boaventura Rodrigues Barcellos tinha, aproximadamente 18 anos em 1834⁴³⁵, quando foi elaborada a lista – até os mais idosos, como, por exemplo, João Antônio Martins, que possuía mais ou menos 77 anos na data⁴³⁶. Todos os sócios eram portugueses ou luso-brasileiros. Destaco, mais uma vez, que os primeiros colonizadores da região de Pelotas eram portugueses, da mesma forma que os proprietários das charqueadas, o que concentrava a presença de portugueses e/ou seus descendentes em qualquer atividade do período.

No mesmo contexto da fundação do Teatro Sete de Abril, no início da década de 1830, foi formada uma segunda sociedade para manter um teatro particular – o “Teatrinho Sete de Setembro”. Este teatro foi fundado em 12 de abril de 1832 e começou a funcionar em janeiro do ano seguinte. Provavelmente, como afirma Hessel, as atividades desse teatro tenham se desenvolvido em sala adaptada⁴³⁷, pois nos documentos encontrados não consta que tivesse sido construído seu prédio próprio.

A sociedade também contava com sócios-proprietários de camarotes e cadeiras, sendo 35 sócios de camarotes e 68 de cadeiras⁴³⁸, dos quais dois eram proprietários de camarote e cadeira. Entre os sócios também estavam duas mulheres – Anna Leonarda da Com.^{lano} [ilegível] e Maria Antunes, ambas sócias proprietárias de camarotes. Mesmo não tendo encontrado informações sobre casamento e óbitos de seus maridos, posso supor que essas mulheres também eram viúvas.

Analisando os sócios do Teatro e comparando-os com os sócios da sociedade fundadora do Teatro Sete de Abril, é possível perceber que quase 40% dos sócios participavam de ambas as sociedades. Porém, nesta sociedade não encontrei os barões e viscondes que participavam daquela

⁴³⁵ Registro de Óbito de Boaventura Rodrigues Barcellos. Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 194. Pelotas.

⁴³⁶ Registro de Óbito de João Antonio Martins. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 46. Pelotas.

⁴³⁷ HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul. ... Op. Cit.*.

⁴³⁸ Ver lista de sócios no Anexo 5.

e encontrei somente o comendador Antonio José de Oliveira Leitão. Assim, posso dizer que os sócios do Teatro Sete de Abril constituíram-se de um público mais abastado.

O Teatro Sete de Setembro funcionou até 1835. A última reunião registrada em ata datou de 19 de agosto de 1835. Posso supor que o teatro interrompeu suas atividades devido à Revolução Farroupilha. Porém, o artigo 3º dos seus estatutos já estipulava que a sociedade duraria pelo menos três anos.⁴³⁹ Também posso dizer que não chegou a ter prédio próprio.

Os estatutos também estipulavam as normas de conduta durante os espetáculos no espaço teatral. Pelo seu artigo 15º os sócios eram obrigados “a aparecer com decência, e a tratarem-se mutuamente com civilidade”⁴⁴⁰. A alteração na voz e qualquer outro procedimento desregrado e indecente, que perturbasse a ordem seria “sempre repreensível”.⁴⁴¹ Observa-se que, através dos estatutos, buscava-se manter um ambiente – ordem, decência, civilidade – que estivesse de acordo com a condição da Vila, que crescia e se desenvolvia, culminando com a sua elevação à categoria de cidade no ano de 1835.

Esses dois teatros coexistiram por três anos realizando espetáculos em dias diferenciados ou numa mesma noite. O exemplo que segue é ilustrativo. Nele, é possível se ter uma ideia de como foram as comemorações do dia sete de abril do ano de 1833, enviadas ao jornal *O Noticiador* de Rio Grande, por “Um Rio-Grandense livre”:

VILA DE S. FRANCISCO DE PAULA Sñr. Redator: Rogo-lhe o obsequio de publicar no seu interessante jornal as demonstrações de regozijo, com que foi solenizado nesta Vila o sempre memorável Dia 7 de Setembro, aniversario de nossa independência política. [...] Á noite a Sociedade do Teatro 7 de Abril ofereceu um espetáculo ao qual deu começo a cantoria do Hino Nacional, que foi seguido de um eloqüente Elogio, findo o qual o benemérito Juiz de Direito, o Sñr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves prerrrompeu nos Vivas, que foram

⁴³⁹ *ESTATUTOS E ATAS DO THEATRINHO SETE DE SETEMBRO*. Manuscrito. (Arquivo Histórico ENT 011, BPP).

⁴⁴⁰ O termo civilidade é aqui utilizado como sinônimo de “comportamento social aceitável”. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. ... v.1, Uma história dos Costumes. Op. cit., p. 111.

⁴⁴¹ *ESTATUTOS E ATAS* ... Op. Cit..

respondidos com entusiasmo pelo brilhante Auditório; teve então lugar, a representação do drama "A Escrava da Mariamburgo" que foi habilmente desempenhada e o Entremez do "Corcunda por Amor", o qual igualmente mereceu dos espectadores um geral aplauso. O Teatro 7 de Setembro na mesma noite ofereceu igual espetáculo representando o interessante Drama do "Patriotismo" e que terminou com uma dança. No dia 8 continuou o divertimento com novo Elogio Dramático e a Peça dos "Beneméritos da Pátria" e o Entremez "Astúcias de Gafanhoto". [...] Sou, Sñr. Redator, – Um Rio-Grandense livre.⁴⁴²

O número de espetáculos também estava definido pelos estatutos. Segundo o artigo 17º dos estatutos do Teatro Sete de Setembro e o artigo 183º dos estatutos do Teatro Sete de Abril deveria haver pelo menos uma recita por mês. Os estatutos do teatro Sete de Abril⁴⁴³ também designavam os dias de festividade nacional "dias de recita" (artigo 184º). Verifica-se que ambos os teatros davam espetáculos nos dias festivos relacionados ao Império. As principais datas comemoradas nessa década de 1830 eram o dia sete de abril, o dia sete de setembro e o dia dois de dezembro.⁴⁴⁴

Destaco que os nomes de ambos os teatros referem-se a tais datas e que o teatro Sete de Abril iniciou seu funcionamento em sete de abril de 1832 e seu novo prédio foi inaugurado no dia dois de dezembro de 1833. As primeiras atividades dos teatros estavam, portanto, estreitamente vinculadas às datas comemorativas nacionais.

O Estado, da mesma forma que a Igreja, exigia o cumprimento de rituais cívicos, comemorações de eventos relativos à Família Real ou acontecimentos e datas nacionais, assinalando as demonstrações públicas de regozijo ou de pesar. Como afirma Bittencourt⁴⁴⁵ "o nascimento, a morte, o casamento, a entronação de monarcas transformavam-se em

⁴⁴² O Noticiador, 19.09.1833, p. 1, n. 168. Interior. Rio Grande. [Grifos meus]

⁴⁴³ Alguns artigos dos estatutos do Teatro Sete de Abril foram reproduzidos por ECHENIQUE, Guilherme. *Histórico do Teatro Sete de Abril ...* Op. Cit..

⁴⁴⁴ O dia 7 de abril foi considerado de festividade nacional pelo Decreto do Poder Legislativo de 25 de outubro de 1831; esta data foi eliminada pelo Decreto do Ministério do Império n. 501 de 18 de agosto de 1848. O dia 7 de setembro foi declarado de festa nacional pelo Decreto do Império n. 155 de 23 de outubro de 1823; e o dia dois de dezembro pelo mesmo Decreto de 25 de outubro de 1831. Coleção das Leis do Império do Brasil. Coleção publicada pela Imprensa Nacional. Inclui Cartas de Leis, Decretos, Alvarás, Cartas Régias, Leis e Decisões imperiais. A publicação digitalizada compreende o período de 1808 a 1889. Disponível em www2.camara.gov.br/legislacao/publicacao/doimperio.

⁴⁴⁵ BITTENCOURT, Ezio da R.. *Da Rua ao Teatro, ...* Op. Cit., p. 70.

acontecimentos festivos para a população, objetivando a promoção do culto aos governantes."

No dia sete de setembro de 1833, além dos espetáculos realizados nos dois teatros em funcionamento, formou-se uma nova sociedade – a Sociedade Patriótica dos Jovens Brasileiros – formada por alunos do colégio do diretor João Pedro Ladislao de Figueiredo Lobo, a qual dava espetáculos no "Teatrinho do Colégio"⁴⁴⁶. Para tal ocasião foram convidadas várias famílias, autoridades e alguns beneméritos cidadãos, sendo o espetáculo comentado por um participante e publicado no jornal *O Noticiador* de Rio Grande.

VILA DE S. FRANCISCO DE PAULA Sñr. Redator: Rogo-lhe o obsequio de publicar no seu interessante jornal as demonstrações de regozijo, com que foi solenizado nesta Villa o sempre memorável Dia 7 de Setembro, aniversário de nossa independência política. [...] A Sociedade Patriótica dos Jovens Brasileiros, composta de Mancebos que freqüentam as Aulas não podia ser indiferente ao majestoso 7 de Setembro; na noite do dia 9 deu começo ao seu divertimento cantando o Hino Nacional e recitando um elegante e enérgico Elogio, que foi dignamente aplaudido. Seguiu-se o bem aceito Drama do "Patriotismo", no qual os jovens representantes sobressairam magnificamente a publica expectação, desempenhando com a possível perfeição uma peça onde o jogo das paixões torna sumamente difícil o seu desempenho. Uma menina de 6 anos nos intervalos executou algumas danças, com garbo e gentileza não vulgar numa idade tão juvenil; terminou o divertimento teatral com o insigne Entremez do "Casamento por Gazeta". [...] Sou, Sñr. Redator, – Um Rio-Grandense livre.⁴⁴⁷

Nesse período era comum que os leitores enviassem cartas contando e comentando os acontecimentos ocorridos na Vila de São Francisco de Paula. Esse era um espaço no qual o leitor poderia colocar seu ponto de vista e, da mesma forma que as crônicas, as correspondências ocupavam um espaço que continha a visão de mundo do autor, seus valores.

Posso concluir, a partir do exposto, que o teatro foi a primeira forma mais institucionalizada de sociabilidade da elite pelotense. A população se organizou, se associou voluntariamente e fundou duas sociedades com o

⁴⁴⁶ *O Noticiador*, 16.09.1833, p. 2-3, n. 167. Interior. Rio Grande. *O Noticiador*, 19.09.1833, p. 1, n. 168. Interior. Rio Grande.

⁴⁴⁷ *O Noticiador*, 19.09.1833, p. 1, n. 168. Interior. Rio Grande. [Grifos meus]

objetivo de buscar cultura, aliada ao entretenimento. Nesse sentido, o teatro era visto como símbolo de civilidade, como um espaço de cultura e lazer instrutivo, como um espaço fechado de sociabilidade onde novos hábitos iam sendo adquiridos, fundamentais para a burguesia em ascensão.

Posso dizer ainda, que esse era, além do espaço da igreja matriz, um local de congregação da elite, um local mais institucionalizado onde poderiam estar juntos, se organizar politicamente e ostentar sua nova posição social proporcionada pelo desenvolvimento da indústria charqueadora e seu entorno.

Foi um período – década de 1830 – de construção da nova vila e cidade e não poderiam faltar espaços públicos que congregassem essa população e que contribuíssem para melhorar seus hábitos. Desde a década anterior, a atividade teatral foi incentivada no Brasil e reconhecida como importante para a civilização da população brasileira. O príncipe-regente D. Pedro assinou um alvará em maio de 1822 no qual reconhecia que os teatros seriam importantes espaços para reformar os costumes e aperfeiçoar a civilização.⁴⁴⁸

Com a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835, a população de Pelotas diminuiu em quase a metade, a maioria emigrou para a margem direita do Rio São Gonçalo, aglomerando-se em galpões de olarias existentes no Passo dos Negros; destes, muitos continuaram a fuga para Povo Novo e Rio Grande. O censo demográfico de 1846 registrou 6.248 pessoas em Pelotas, enquanto que em 1833 havia 10.873 pessoas, uma redução de 42,54% em sua população.⁴⁴⁹ Pelotas era um ponto estratégico para a Revolução, devido à proximidade com o porto de Rio Grande, sendo disputada por legalistas e farroupilhas. Por períodos esteve em poder dos legalistas, por outros, em poder dos farroupilhas, tendo sido invadida várias vezes.

⁴⁴⁸ BITTENCOURT, Ezio da R.. *Da Rua ao Teatro*, ... Op. Cit., p. 152.

⁴⁴⁹ MAGALHÃES, Mario O.. *Opulência e Cultura na Província* ... Op. Cit..

O Teatro Sete de Abril suspendeu suas atividades durante a Revolução, quando se transformou em quartel de infantaria, abrigando os soldados do Império. Retomou suas atividades teatrais ainda na década de 1840. Pelo fato de o teatro servir para fins militares, posso supor que este não foi utilizado para espetáculos dramáticos durante a Revolução. Posso também supor que poucos festejos foram realizados na cidade no período, e, quando realizados, estavam relacionados à guerra, conforme já afirmado no capítulo 2 desta tese.⁴⁵⁰

Em 1844 o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro noticiava que “Já ali se ocupam na reedificação do teatro”⁴⁵¹, ou seja, antes mesmo de terminar a guerra, Pelotas já reiniciava seu desenvolvimento e tratava de recomeçar suas atividades culturais e recreativas.⁴⁵² Em março de 1845 cogitou-se reiniciar as atividades no Teatro, sendo que dia 25 desse mês foi representado o drama de Antônio Xavier.

No ano seguinte, em fevereiro de 1846, o Teatro recebeu a visita de SS. MM. II o Imperador e a Imperatriz do Brasil; e no dia sete de setembro desse mesmo ano realizou-se uma “grande função pela nova Cia. Lírica Lucci”.⁴⁵³ Posso dizer que foram as primeiras atividades desenvolvidas no Teatro após a Revolução e que ambas estavam relacionadas às comemorações cívicas.

Após o fechamento do Teatro Sete de Setembro e a Revolução Farroupilha, o Teatro Sete de Abril ficou sendo a única casa de espetáculos em funcionamento na cidade. Isto até a década de 1860, quando os imigrantes alemães fundaram um teatro na rua Augusta (atual Gen. Osório),

⁴⁵⁰ Em outros locais do Rio Grande do Sul os festejos durante o período também estavam relacionados à Revolução. Em Piratini, Caçapava, Rio Pardo e Bagé houve espetáculos teatrais em comemoração a alguma vitória ou a alguma data. Ver Duval, Paulo. Apontamentos sobre o Teatro no ... Op. cit., p. 48-9.

⁴⁵¹ DUVAL, Paulo. Apontamentos sobre o Teatro no ... Op. Cit., p. 49.

⁴⁵² Também, antes mesmo do final da Revolução, a população da cidade começou a aumentar, principalmente pela vinda dos refugiados uruguaios e por imigrantes europeus; fábricas, casas comerciais e de hospedagem começaram a ser instaladas; as charqueadas faziam circular grandes quantias; a Câmara Municipal reiniciou suas atividades.

⁴⁵³ DUVAL, Paulo. Apontamentos sobre o Teatro no ... Op. Cit., p. 50.

identificado apenas por "Teatrinho Alemão"⁴⁵⁴. A criação de tal teatro permitiu alargar o universo de espectadores, proporcionando um maior número de espetáculos, mesmo que restritos àquela nacionalidade. Os imigrantes italianos só fundam uma sociedade teatral no início da década de 1880.⁴⁵⁵ Essa primazia do alemão em fundar casas de espetáculos pode ser explicada pelos períodos de imigração. Em Pelotas, o surto imigratório alemão foi maior entre os anos de 1850 e 1875 e o italiano entre 1876 e 1900. No último quartel do século XIX os italianos eram os estrangeiros não portugueses preponderantes na zona urbana de Pelotas.⁴⁵⁶

Posso supor que o teatro alemão teve dimensões reduzidas e funcionou em prédio adaptado, pois não consegui obter mais nenhuma informação sobre o mesmo. A única informação veiculada pela imprensa da época (ainda disponível) foi uma representação em grande gala no dia sete de setembro de 1863, em comemoração à independência do Brasil⁴⁵⁷. Por tal informação posso supor que esses imigrantes estavam integrados ao Brasil, comemorando a sua independência.

Desse modo, o Teatro Sete de Abril foi, por todo o período estudado, a principal casa de espetáculos de Pelotas; e foi, também, o principal espaço de sociabilidade dos moradores da cidade. O teatro era considerado "a primeira, a mais conveniente distração do público, a única que os governos cultos diretamente protegem"⁴⁵⁸; também era considerado o "divertimento predileto do nosso público [pelotense]"⁴⁵⁹.

Por alguns períodos, portanto, as representações no teatro eram o principal espaço de diversão da elite pelotense, isto no final da década de

⁴⁵⁴ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 11.09.1863, p. 1, n. 4421, ano XVI. Noticiário de Pelotas. Rio Grande.

⁴⁵⁵ Os imigrantes italianos fundaram uma sociedade teatral no início da década de 1880. Chamava-se "Sociedade Philo-Dramática Dante Alighieri" e localizava-se na rua S. Miguel (atual XV de Novembro).

⁴⁵⁶ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: ... Op. Cit.*

⁴⁵⁷ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 11.09.1863, p. 1, n. 4421, ano XVI. Noticiário de Pelotas. Rio Grande.

⁴⁵⁸ O Pelotense, segunda-feira, 15.03.1852, p. 1, n. 55, ano II. Pelotas.

⁴⁵⁹ Diário do Rio Grande, sábado, 15.09.1866, p. 1, n. 5316, p. 1, n. 5316, ano XIX. Rio Grande.

1850 e início da seguinte. Conforme o que foi visto no capítulo anterior, em 1857 somente estavam em funcionamento o *Clube Pelotense*, que recém tinha sido organizado e a Sociedade de Baile *Harmonia Pelotense*, das três fundadas no início da década. Porém, nesse ano a sociedade “cuja dissolução foi por muitas vezes prognosticada.”⁴⁶⁰ passava por problemas.

Em 1860 a *Sociedade Harmonia* só recomeçou suas atividades em maio, depois de passar por reformas, estando há meses em “sossego e silêncio” (seu último baile anunciado havia sido em dezembro do ano anterior)⁴⁶¹. Nesse ano somente o *Clube Pelotense* estava funcionando.

Assim, nesse período, quando uma companhia teatral ia embora da cidade, a cidade ficava carente de diversões, como foi possível identificar nos comentários de dois jornais pesquisados em diferentes anos.

LUIZ DE CAMÕES última recita da Comp. Rio Grandense. Caiu pela última vez este pano, que durante dois meses tantas vezes se levantou, para fazer passar diante das vossas vistas quadros brilhantes! Recaimos outra vez na nossa vida monótona, da qual nos livrou a arte mágica de Thalia por algum tempo! Presenciamos a última recita da companhia dramática Rio Grandense. [...] *O Escritor da Revista Teatral*.⁴⁶²

Pelo mesmo vapor que deve conduzir esta missiva, segue a companhia dramática rio-grandense, assinalando a sua partida com um último espetáculo em benefício da Santa Casa de Caridade, o qual teve lugar na noite do 3 do corrente. [...] E aqui ficamos nós sem uma única distração, visto a companhia dramática seguir com destino à Porto Alegre. Voltaremos sem dúvida á nossa habitual monotonia, visto não haver outra diversão entre nós.⁴⁶³

Os períodos de escassez de atividades no teatro coincidiram com os períodos de problemas e fechamentos das sociedades recreativas.

Afora esses períodos de escassez de atividades representativas, quando não havia nenhuma companhia dramática na cidade, o Teatro esteve fechado por alguns períodos para a realização de reformas. Em 1853 o último espetáculo foi realizado em novembro, quando o teatro foi fechado

⁴⁶⁰ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 15.07.1857, p. 2, n. 2558, ano X, Semanário Pelotense XXVII, Rio Grande.

⁴⁶¹ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 28.03.1860, p. 2, n. 3362, ano XIII, Rio Grande.

⁴⁶² Noticiador, sábado, 04.07.1857, p. 2-3, n. 319, ano IV, Revista Teatral, Pelotas.

⁴⁶³ Diário do Rio Grande, domingo, 06.05.1860, p. 1, n. 3394, ano XIII, A Sentinela, Rio Grande.

para reformas no teto, na sala do teatro e pintura do prédio: o jovem artista Raphael pintou no teto do teatro “belas alegorias mitológicas, adequadas ao objeto”⁴⁶⁴, reabrindo em 15 de junho de 1854, pela Companhia Dramática dirigida pelo ator Florindo Joaquim da Silva, portanto, ficando mais de seis meses fechado.

Na metade de abril de 1857 o Teatro foi novamente fechado para reformas. O telhado foi concertado, porém, a pintura do teto realizada em 1854 já havia sido estragada pela chuva: “é pena que a diretoria não tivesse a mais tempo esta feliz lembrança; teria evitado a perda da pintura do teto, que sem custar muito dinheiro, não deixava de fazer um bonito efeito, antes que as manchas da chuva filtrada por entre os barrotes cheios de pó, não as desfigurassem em parte.”⁴⁶⁵ O teatro reabriu no início de maio do mesmo ano.

Ainda de outubro de 1865 até julho de 1866 o Teatro esteve fechado. Foi reaberto com os trabalhos do prestidigitador rio-grandense Firmino d'Abreu: “O nosso belo teatro, que por assim dizer, há tanto tempo estava fechado, abriu-se para exhibir, na quinta-feira última, os trabalhos do insigne prestidigitador rio-grandense, Firmino d'Abreu, que teve uma noite de glórias”.⁴⁶⁶

Porém, durante a Guerra do Paraguai esteve em funcionamento, conforme o relato do Conde D'Eu: “O teatro de Pelotas é o único que na Província se acha aberto, apesar da guerra. O Imperador e Augusto lá foram à noite; mas parece que o espetáculo não fazia honra ao bom gosto do público pelotense.”⁴⁶⁷

Mesmo sendo um espaço de congregação “do que há de melhor na sociedade pelotense”, da “nata da sociedade pelotense”, o teatro passou

⁴⁶⁴ Diário do Rio Grande, segunda 12 e terça-feira, 13.06.1854, n. 1647, ano VII. Interior. Rio Grande.

⁴⁶⁵ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 29.04.1857, p. 1, n. 2496, ano X, Semanário Pelotense XVI. Rio Grande.

⁴⁶⁶ Diário do Rio Grande, sábado, 15.09.1866, p. 1, n. 5316, ano XIX. Rio Grande.

⁴⁶⁷ CONDE D'EU. *Viagem Militar ao ...* Op. Cit., p. 215.

por problemas estruturais e de funcionamento. Em junho de 1853 foi considerado, pelo redator do jornal *O Pelotense* “uma casa, que alcunham de teatro, por ter uma longínqua semelhança com esta classe de edifícios”, alegando que ficou abandonado pelos donos, dos quais muitos não existiam mais. Porém, apenas em 1869 foram realizadas reformas administrativas na sociedade.

Os principais problemas diziam respeito à iluminação do teatro; à presença de negros nos corredores dos camarotes⁴⁶⁸; ao seu tamanho, considerado “pequeno em relação à sua população”⁴⁶⁹; a necessidade de melhorar os camarotes, com a colocação de “banco e dois mochos, e alguns cabides para xales, capas ou chapéus”; a necessidade de se colocar potes com água nos corredores; a necessidade de salas para o passeio das famílias; e, que fossem construídos camarins.⁴⁷⁰ Essas solicitações visavam proporcionar um ambiente mais confortável e mais adequado às famílias pelotenses que participavam desse espaço de sociabilidade.

Visando transformar o Teatro num local mais aprazível, foi construído um botequim em uma das suas salas. Assim, em outubro de 1861 foi aberto o “Botequim do Teatro Sete de Abril”, com “superior café simples e com leite, chá de diversas qualidades, chocolate, finíssimos biscoitos do príncipe, *cracknis*, doces diversos, pudins de diversas qualidades feitos com o maior asseio”⁴⁷¹. Assim, além da sala de espetáculos, estava aberto mais um espaço de sociabilidade para os espectadores do teatro, utilizado principalmente nos intervalos dos espetáculos, reunindo alimentação e sociabilidade.

No que se refere ao acesso de pessoas não sócias a esse espaço, é possível perceber dois momentos. Na década de 1830, quando o Teatro começou a funcionar e era uma sociedade composta de sócios proprietários de camarotes e de cadeiras, outras pessoas podiam participar

⁴⁶⁸ *O Pelotense*, terça-feira, 10.02.1852, p. 1, n. 37, ano II. Pelotas.

⁴⁶⁹ *O Rio-Grandense*, quinta-feira, 27.01.1853, p. 3, n. 20, ano IX. Rio Grande.

⁴⁷⁰ *O Pelotense*, quinta-feira, 23.06.1853, p. 2, n. 224, ano III. Comunicados. Pelotas.

⁴⁷¹ *Diário do Rio Grande*, sábado, 19.10.1861, p. 3, n. 3858, ano XIV. Anúncios. Rio Grande.

dos espetáculos, ou seja, além dos proprietários, “as pessoas que prestassem serviço à Sociedade e àquelas que não [eram] moradoras nesta Vila” poderiam receber convites para participarem de alguma recita. Porém, era proibido, enquanto o teatro não estivesse pago, conceder convites “às pessoas que, sendo moradoras desta Vila e tendo possibilidades, não pertencerem á Sociedade”.⁴⁷² É possível perceber, então, que nos primeiros tempos de funcionamento do teatro, as normas para convites eram muito semelhantes às normas das sociedades de baile e espetáculos particulares, o que demonstra que somente participavam os selecionados.

A partir da segunda metade do século XIX, os camarotes e cadeiras começaram a ser vendidos. Os sócios-proprietários tinham a preferência aos seus camarotes ou cadeiras até uma data estipulada, conforme seus estatutos. Após tal data, esses lugares ficariam à disposição da empresa para vendê-los à população em geral. Esta deveria ter disponibilidades financeiras e de tempo para participar dos espetáculos, pois muitas atividades eram realizadas durante os dias da semana. Os principais dias de espetáculos, além do domingo, eram as quartas e quintas-feiras.

O fato de os espetáculos serem realizados durante os dias da semana, demonstra, mais uma vez, que se tratava de uma atividade da elite. Pois, como diz Pilar Gonzalez, “a plebe urbana” só se reúne no momento de descanso, nos domingos e feriados. Podemos estar diante de uma segregação temporal que pode funcionar como uma fronteira social de demarcação do espaço público, que é compartilhado entre a “gente decente” e a “plebe urbana”; mas se trata de um espaço público que assume, para as elites, um sentido completamente particular.⁴⁷³

A seleção também ocorria pelo próprio tipo de espetáculo, pois, como afirma Bourdieu, no teatro o:

⁴⁷² Artigos 161 e 162 dos Estatutos da Sociedade Cênica do Teatro Sete de Abril, elaborados em 1834. ECHENIQUE, Guilherme. *Histórico do Teatro Sete de Abril ...* Op. Cit..

⁴⁷³ GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Civilidad y Política en los Origenes ...* Op. Cit., p. 90.

público popular recusa qualquer espécie de experimentação formal e todos os efeitos que, introduzindo um distanciamento em relação às convenções aceitas (em matéria de cenário, intriga, etc), tendem a colocar o espectador à distância, impedindo-os de entrar no jogo e identificar-se completamente com os personagens [...] ⁴⁷⁴

Os critérios de seleção não eram tão fortes e seletivos como em relação às sociedades culturais e recreativas, principalmente as sociedades de baile, e decorriam de disponibilidades financeiras e de tempo livre.

Isso possibilitou a participação de um público mais diversificado, pois o teatro era “um divertimento acessível a todas as classes, onde não pode haver mesquinha sustentação de vaidosos caprichos, de fúteis recusas”⁴⁷⁵, o que, muitas vezes não agradava. O “infernai” barulho de gritos e pateadas, que passava da “indecência, bem digna da atenção policial” era decorrente de uma “gentalha que, *comme les chiens*, espera qualquer descuido para se introduzir”, e da presença de “crianças” que “invadem” o teatro⁴⁷⁶. A imprensa via o teatro como um lugar “aonde pode ir qualquer bicho careta, inda mesmo que se faça fiasco igual ao que fez no espetáculo desta cidade”⁴⁷⁷. Porém, este comportamento sempre foi condenado pela imprensa, o que demonstra que era um lugar para a “gente decente” da cidade, e que a polícia deveria atuar para restabelecer a ordem, compatível com um espaço “civilizado” e “urbanizado”, que era o teatro.

A participação de setores mais alargados da população pelotense era indispensável para garantir a viabilidade financeira do teatro. Era um espaço para o público, normalmente gerido numa perspectiva empresarial dos lazeres, e que só se tornavam financeiramente sustentáveis se obtivessem a participação de um número significativo de pessoas.

Os valores cobrados pelo ingresso selecionavam tal público. Os valores eram altos comparativamente aos de um espetáculo circense. Faço uma comparação dos preços do teatro com o Circo Americano, que esteve na cidade em 1849. Entre 1847 e 1851 os preços dos espetáculos no teatro se

⁴⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: ... Op. Cit.*, p. 12.

⁴⁷⁵ O Pelotense, segunda-feira, 15.03.1852, p. 1, n. 55, ano II. Pelotas.

⁴⁷⁶ Diário do Rio Grande, domingo, 21.11.1852, p. 2, n. 1196, ano V. Comunicado. Rio Grande.

⁴⁷⁷ Diário do Rio Grande, sábado, 28.09.1861, p. 1, n. 3840, ano XIV. Rio Grande.

mantiveram equivalentes⁴⁷⁸, sendo o valor do camarote de 1ª ordem 8\$000 réis, de 2ª ordem 10\$000, de 3ª ordem 6\$000 e plateia 2\$000. Enquanto que o Circo Americano cobrava 1\$000 a plateia e 12\$000 réis camarotes para cinco noites⁴⁷⁹. Esses valores demonstram que o teatro era um divertimento mais sofisticado, era um espaço para a elite, pelo tipo de espetáculo apresentado, bem como pelas características estruturais, pois enquanto o teatro possuía um prédio próprio, a lona do circo era armada em algum terreno vazio ou mesmo na praça central da cidade, suscetível às intempéries do tempo.

Desse modo, mesmo sendo um espaço aberto para pagantes não sócios- proprietários havia uma seleção através dos preços dos ingressos, o que restringia os espectadores às camadas mais altas da sociedade. Nos espetáculos estavam presentes “veadores, comendadores, oficiais superiores da guarda nacional, doutores, magistrados e os membros da câmara municipal”⁴⁸⁰. Na maioria das vezes a imprensa se referia ao público do teatro como “ilustrado”⁴⁸¹, como composto, em sua maioria, pelo que “há de melhor na sociedade pelotense”⁴⁸².

Mesmo dentro do teatro, a elite e os demais espectadores estavam separados pelo lugar que ocupavam no recinto, restando os piores locais para os setores menos abastados, por serem os mais baratos. A configuração física dos teatros tornava-os aptos a receber um público heterogêneo, com zonas distintas e distintivas – comodidade do lugar, visibilidade do palco,

⁴⁷⁸ Em 1847 a Companhia Dramática apresentou o drama “A Moura” e, para finalizar o espetáculo, o drama “A Nova Castro” por 8\$000 réis os camarotes de 1ª ordem, 10\$000 os de 2ª ordem, e 6\$000 os de 3ª ordem (O Rio-Grandense, quarta-feira, 19.05.1847, p. 4, n. 189, ano III. Rio Grande); em 1851 foi apresentado um espetáculo lírico pelo “Sr. Garcia, sua senhora e o Sr. Carlos Pelligrini”, cujos preços eram semelhantes aos do ano de 1847, somente acrescentando o preço da plateia, que era de 2\$000 réis. O Rio-Grandense, sexta-feira, 27 e sábado 28.06.1851, p. 4, n. 141, ano VII. Anúncios. Rio Grande.

⁴⁷⁹ Diário do Rio-Grande, quinta-feira, 01.03.1849, p. 4, n. 110, ano II. Anúncios. Rio Grande.

⁴⁸⁰ O Pelotense, terça-feira, 24.10.1854, p. 1-2, n. 354, ano IV. Pelotas.

⁴⁸¹ O Rio-Grandense, sábado, 10.07.1847, p. 3, n. 202, ano IV. Comunicado. Rio Grande.

⁴⁸² O Pelotense, segunda-feira, 25.09.1854, p. 1, n. 351, ano IV. Pelotas.

valor do ingresso – dos camarotes da elite ao *galinheiro* dos menos abonados.⁴⁸³

O repertório do Teatro Sete de Abril era variado, apresentando, principalmente dramas. O espetáculo dramático era o divertimento predileto do público pelotense, o que justificava a “grande concorrência” aos espetáculos. Além desses, as farsas, tragédias, cavatinas, óperas, vaudevilles, comédias, espetáculos líricos e de canto, dança eram apresentados no palco do teatro. Como mostro no anúncio a seguir:

THEATRO SETE DE ABRIL EM PELOTAS Companhia dramática dirigida pelo primeiro ator Florindo Joaquim da Silva 7ª Recita de assinatura. Debut da atriz Bernardina Josephina Ferreira DOMINGO 30 DE JULHO DE 1854 Subira á cena o muito aplaudido drama em 5 atos e 6 quadros por Alexandre Dumas KEAN OU A DESORDEM E O GENIO O elogio deste drama está no nome do seu autor – Alexandre Dumas. – Seguir-se-á a jocosa comedia em 1 ato A PAIXÃO ROMANTICA. O resto dos bilhetes vende-se no escritório do teatro no dia do espetáculo. Principiará ás 8 ½ horas em ponto. Ensaia-se para a 8ª recita da assinatura o drama – Thereza – em 5 atos por – Alexandre Dumas, no qual debutará o ator Cunha; e o vaudeville em 1 ato – A noite de condescendências.⁴⁸⁴

O teatro também era palco de concertos; exercícios ginásticos e pantomima, espetáculos de prestidigitação, bailes de máscaras, ou mesmo apresentações de raridades ou monstruosidades. Os principais espetáculos apresentados no teatro no período de 1832 até 1870 podem ser conferidos no Apêndice 15.

Os concertos vocais e instrumentais (ver Figura 3), além de serem apresentados no teatro, eram realizados também nos salões das sociedades de baile, conforme visto no capítulo dois desta tese. No Rio Grande do Sul não existiu uma casa de espetáculos destinada exclusivamente para concertos e recitais, sendo que os teatros já existentes constituíram-se em locais privilegiados para tais exhibições.⁴⁸⁵

⁴⁸³ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ...* Op. Cit..

⁴⁸⁴ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 28.07.1854, p. 4, n. 1681, ano VII. Anúncios. Rio Grande. [Grifos meus]

⁴⁸⁵ BITTENCOURT, Ezio da R.. *Da Rua ao Teatro ...* Op. cit., p. 243.

Os concertos, recitais e os espetáculos líricos eram bastante apreciados pelos pelotenses, pois “constituíam-se em elementos de distinção de classe para a elite, que encarava a cultura como um ornamento, sinônimo de refinamento e erudição e não como um componente crítico do processo social”⁴⁸⁶.

Durante todo o período estiveram no palco do Teatro Sete de Abril várias companhias líricas, concertistas e cantores. Em 1846 apresentou-se a Companhia Lírica Lucci; em julho de 1847 apresentou-se o tenor Calcagno e a soprano Clotilde Fravichon; em junho de 1851 teve lugar o espetáculo lírico do “Sr. Garcia, sua senhora e Carlos Pelligrini”; em dezembro de 1857 passou pelo teatro o concertista Arthur Napoleão; em março de 1859 a “prima-dona da Imperial Academia de Música de Paris, Madame Clarisse Cailly” e o “pianista de S. M. F. e R. o Imperador da Áustria e de S. M. F. o rei de Portugal” Oscar Pfeiffer deram um “grande concerto vocal e instrumental”; em junho de 1860 os artistas Martin Simonsen, “primeiro rabequista de S. M. o Rei de Dinamarca” e D. Fanny Simonsen, “cantora da imperial academia de música de Paris” também deram um concerto; em julho de 1862 houve concerto pelos professores de clarineta e oboé e pela Sra. Catagnery; e, em junho de 1868 deu um concerto o “insigne clarinetista português Raphael Croner, coadjuvado pelos Srs. João e Antonio Pinto Bandeira”.

⁴⁸⁶ BITTENCOURT, Ezio da R.. Idem, p. 244.



Figura 3 – Anúncio de um Concerto Vocal e Instrumental no Teatro Sete de Abril.

Fonte: O Brado do Sul, terça-feira, 19.06.1860, p. 3, n. 79, ano III. Anúncios. Pelotas

Os espetáculos apresentados no teatro se diversificaram no decorrer dessas três décadas (1840, 50 e 60)⁴⁸⁷ com o surgimento dos trabalhos de prestidigitação⁴⁸⁸ e ilusionismo. Juntamente com tais espetáculos, o Teatro

⁴⁸⁷ Ver Apêndice 15.

⁴⁸⁸ Na Antiguidade Clássica já se utilizava a denominação prestidigitadores para se referir aos fazedores de prodígios, invulneráveis ao fogo, capazes de engolir pedras e animais vivos. Com o tempo essa palavra caiu em desuso, passando a ser conhecida como física recreativa, magia branca, escamoteação, ilusionismo. A partir de 1815 essa palavra voltou a ser utilizada, quando o artista francês Jules de Rovère utilizou-a para designar a arte dos fazedores de prodígios aparentes. Os principais ramos de prestidigitação são os jogos de ligeireza, jogos científicos, experiências de magia simulada, espiritismo simulado e magnetismo. BITTENCOURT, Ezio da R.. *Da Rua ao Teatro ...* Op. cit., ps. 269-77.

Sete de Abril também foi palco das exibições de projeções luminosas, como as projeções de lanternas mágicas⁴⁸⁹.

O primeiro registro que possuo dos trabalhos de prestidigitação é do prestidigitador Mr. Robert, que se apresentou no Teatro Sete de Abril no início de 1849⁴⁹⁰; na década seguinte se apresentaram Pedro Mensch Júnior e Cia. e o francês Felipe Debarr, ambos em 1853.

Pedro Mensch apresentou os seguintes trabalhos: “diorama⁴⁹¹, fantasmagoria, e vistas microscópicas por meio do gás hidrogênio”, cuja representação era dividida em quatro partes: “1ª PARTE – Vistas as mais interessantes de diferentes países do mundo, 2ª PARTE – Diferentes vistas da celebre cascata de Niágara nos Estados-Unidos, 3ª PARTE – Vistas microscópicas, entre as quais se apresentarão bichinhos vivos apenas visíveis, num tamanho de mais de dois milhões de vezes, 4ª PARTE – Vistas das figuras mágicas cromatópicas, quatro jogos de fantasmagorias”.

No mês seguinte se apresentou o “professor de física divertida” Felipe Debarr com a seguinte programação:

THEATRO Sete de Abril. Soirée Fantástico e Parisiense. Domingo 15 de maio de 1853. O Sr. Felipe Debarr, professor de física divertida, tendo de demorar-se poucos dias, tem a honra de anunciar aos habitantes desta cidade, que dará 4 soirées, de experiências de química, mecânica, eletricidade, jogos asiáticos, fascinações egípcias, autômatos muito curiosos e modernos. PROGRAMMA 1º Sortes de química, 2º Balas de canhão, 3º o mestre de armas, 4º Beelzebut, 5º a multiplicação, 6º as laranjas mágicas, 7º o cavaleiro africano, 8º lição de cozinha, 9º ponche de feijões, 10º o lenço confeiteiro, 11º novo modo de lavar, 12º engomar a vapor, 13º o pato obediente, 14º a

⁴⁸⁹ As lanternas mágicas eram aparelhos de projeção de imagens e eram apresentadas com nomes fantasia, como Megascópio egípcio, Poliorama fantasmagórico, Silforama, Kaleidoscópio gigante, entre outros. Sobre as lanternas mágicas ver TRUSZ, Alice Dubina. *Entre Lanternas Mágicas e Cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre. 1861-1908.* 2008. 421 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2008, p. 34 e seguintes.

⁴⁹⁰ O Rio-Grandense, quinta-feira, 01.02.1849, p. 4, n. 423. Anúncios. Rio Grande.

⁴⁹¹ O diorama foi criado por Jacques Daguerre e seu sócio Charles- Marie Bouton em 1822; era uma adaptação de métodos cenográficos do teatro ao panorama, acrescentando-lhe os efeitos especiais das caixas ópticas de observação de vistas de perspectiva do século XVIII. Era uma pintura de grandes dimensões feita sobre papel translúcido ou um tecido muito fino representando lugares famosos e eventos históricos. TRUSZ, Alice D. . *Entre Lanternas Mágicas e ...* Op. cit., p. 73.

caixa misteriosa, 15º a polka elétrica, 16º ilusão de óptica. [...] O Sr. Debarr exporá no tablado seu imenso gabinete de física.⁴⁹²

Os trabalhos do prestidigitador obtiveram grande êxito na cidade tendo sido assistidos por uma “imensa concorrência”, fazendo “boa colheita de aplauso e ... patacões”⁴⁹³.

Na década seguinte estiveram em Pelotas os prestidigitadores Júlio dos Santos Pereira, brasileiro, em junho e julho de 1860; Firmino Gomes Abreu, porto-alegrense, e Peyres de Lajournad em julho de 1866 e Alexandre Hermann em outubro de 1867.

O teatro Sete de Abril era o local privilegiado das apresentações dos prestidigitadores, e também foi palco das exibições de projeções luminosas como as projeções de lanternas mágicas. O brasileiro Júlio dos Santos Pereira, além dos trabalhos de prestidigitação, exibiu “as vistas pitorescas do Megascópio egípcio” (Ver anúncio a seguir). Da mesma forma que em Porto Alegre, os profissionais que trouxeram as apresentações com lanternas mágicas não eram exatamente lanternistas, mas prestidigitadores e ilusionistas, como esse brasileiro⁴⁹⁴.

⁴⁹² O Pelotense, quinta-feira, 12 e sábado 14.05.1853, p. 7, n. 207 e 208, ano III. Anúncios. Pelotas. [Grifos meus]

⁴⁹³ Diário do Rio Grande, domingo, 29.05.1853, p. 3, n. 1343, ano IV. Comunicado. Rio Grande.

⁴⁹⁴ TRUSZ, Alice D.. *Entre Lanternas Mágicas e ...* Op. cit..

THEATRO

SETE DE ABRIL.

Domingo 17 do corrente,

3.^a e positivamente ultima representação dada pelo prestidigitador

JULIO DOS SANTOS PEREIRA.

SENHOR REPRESENTANTE DA THEATRO PARALANÓPOLIS DAS BELLAS ARTES DE RIO DE JANEIRO E MARQUÊ DE M. M. D.

NOTA, extraordinária e variada divertimento de apparentes jogos physicos, po-
ças mágicas, e verdadeira prestidigitação.

Logo que a Ilm. Sr. Deputado de Pelotas se achar no seu comitê, ou Sr. de qualquer caracterisação
das artes e esportadas, e seja abertos os trabalhos pelo organo da exploração effeitos que tem por
título:

A CASA DOS SEUS DEUS
OU OS MYSTERIOS DO DIABO.

O Prestidigitador, tendo quanto antes de seguir para a cidade de Rio Grande, resolveu dar seus espectáculos
no menor espaço de tempo que lhe fôr possível, para não ter fôra comêdo de ser. Acreditado e novo divertimento
para esta 2.^a noite, e por motivo de ser um subito maravilhoso e por demais extraordinários, sendo o divertimento
de maior de todos da natureza humana:

Primeira parte.— O resumo das artes.— O tum — Verdadeiras pyrognas — A laca mágica,
A transformação, — O fôlido de Fôlido.

Segunda parte.— A casa de Júpiter — Cântico a vapor — O segredo de Syllia. — Fênix
aparição — A mágica viagem — Finalizando esta parte pelo muito extraordinário e que se domina

A suspensão etariense.

Tercera parte.— Esta parte será prohibida pelo muito admirável jogo artificial, 1.^o e 2.^o jogo
VANDA DE O MENINO DO AR.

Esta parte por demais está prohibida em seus trabalhos, tem o mesmo nome e a mesma lenda. A
continuação de sua bella segredo, torna-se muito admirável. Vanda — Um trabalho de sua especialidade e final
a mágica — 3.^o jogo em Paris, sendo sempre admirável e admirável, ditando que seja visto pelo publico. A
finalidade e esta que lhe dá a devida notoriedade.

Quarta parte.— Esta parte será prohibida pelo admirável e notável continuação, que
tudo mostra, sendo os jogos mágicos e mágicos.

OS EFEITOS DO MEGASCOPIO EGIPCIO.

O ANJO DAS VISTAS PICTÓRICAS.

Apresentará uma novidade das mais admiráveis vistas e sua altura real, e o prestidigitador para
demonstrar ao publico as suas artes, que a mágica de Júpiter, tem mais estas esportadas pelo grande segredo em o
publico de todos.

Um segredo mágico que affirma da ciência da mágica.

OS JOGOS DIAMANTINOS.

Finalizando o divertimento logo que seja encerrado pelo jogo de teatro.

HON SOIR

O prestidigitador grato a tanta bondade da respeitável publico d'esta cidade,
organiza para sua ultima representação — um novo e extraordinário jogo para
este affirmação de guerra que se dignam mostrar alguns jogos de verdadeira
mágica. No fim da segunda parte o prestidigitador em despedida ao publico
faz uma promessa em estabelecer aqui de sua residência.

Figura 4 – Anúncio de um Espectáculo de Prestidigitação no Teatro Sete de Abril.

Fonte: O Brado do Sul, sábado, 16.06.1860, p. 3, n. 77, ano III. Anúncios. Pelotas.

Pude constatar que tais espetáculos foram bastante apreciados pelo público pelotense, sendo que, na maioria deles, “todos os camarotes estavam ocupados e a platéia estava apinhada de gente, havendo quem não achasse lugar”⁴⁹⁵. Como diz Alice Trusz “tanto a prestidigitação quanto as projeções ópticas acabariam por se impor e ganhar alguma notabilidade como gêneros de entretenimento, angariando a atenção de um público mais exigente e cosmopolita, embora jamais tenham rivalizado em prestígio e valor social e artístico com as companhias dramáticas e líricas.”⁴⁹⁶

⁴⁹⁵ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 21.06.1860, p. 2, n. 3431, ano XIII. A pedidos. Rio Grande.

⁴⁹⁶ TRUSZ, Alice D.. *Entre Lanternas Mágicas e ...* Op. cit., p. 39.

Além dos espetáculos dramáticos, das óperas, vaudevilles, apresentações de prestidigitação, concertos, bailes de máscaras, o teatro também era um espaço de apresentações de “coisas esquisitas” como espetáculo⁴⁹⁷, as quais foram comuns durante todo o século XIX, divertindo tanto quanto qualquer outro espetáculo. O anúncio a seguir é ilustrativo e mostra um espetáculo no qual uma jovem sem os braços executava trabalhos com os pés:

THEATRO Sete de Abril. Domingo 12 de junho de 1853, terá lugar a exibição das estupendas habilidades da jovem aleijada Maria da Gloria, a qual, nascendo sem braços, executa perfeitamente com os pés os mais difíceis trabalhos de agulha, e outros, apresentando nesta noite ao respeitável publico os seguintes: 1º cortar um vestido, e alinhar o corpo, 2º diferentes costuras, para provar que pode fazer todo o vestido, 3º fiar com fuso, 4º fará parte de uma touca de lã, com o que dará a idéia de poder fazer qualquer outra obra de igual ponto, 5º descascar com faca algumas laranjas. Todos estes serviços serão apresentados ao publico, para de perto ver a sua perfeição. Há cartões para serem distribuídos segundo o uso de qualquer outro trabalho de teatro, cujo preço interessa deixa á generosidade do respeitável publico; a distribuição deles, começará hoje em casa de Francisco Baptista Orsi, rua de S. Miguel, em frente á loja de ourives do Sr. Cypriano José Gomes. Para distração do publico, tocar-se-ão lindas peças de música, pela orquestra do Sr. Joaquim Ávila, que se presta gratuitamente para esse fim. Começará ás 8 horas.⁴⁹⁸

Concomitantemente a esses tipos de espetáculos, outras manifestações de sociabilidade se realizaram no Teatro Sete de Abril, como os bailes de fantasias ou de máscaras, que foram introduzidos na cidade pelo artista João Thomaz Sirôlo em fevereiro de 1853. A companhia do artista já estava na cidade desde julho de 1852 realizando espetáculos dramáticos e após os bailes manteve-se na cidade, retomando os espetáculos dramáticos.

Uma década antes, em meados de 1840, esse costume foi introduzido na Corte. Uma trupe italiana organizou no Teatro São Januário um carnaval

⁴⁹⁷ Gabriella Turnaturi não encontrou nenhuma palavra de condenação ou de reprovação na utilização das desgraças humanas como espetáculo. “A exibição dos ‘monstros humanos’ divertia tanto como qualquer outro número. Não escandalizava nem chocava a mentalidade da época.” TURNATURI, Gabriella. *As metamorfoses do divertimento citadino na Itália unificada (1870-1915)*. In. CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres. O advento do lazer*. (Tradução de Telma Costa). Lisboa: Teorema, 2001, p. 203-27, p. 218.

⁴⁹⁸ O Pelotense, quinta-feira, 09.06.1853, p. 3, n. 218, ano III. Anúncios. Pelotas. [Grifos meus]

veneziano de máscaras. Tais bailes foram apreciados por serem “mil vezes preferi[veis] ao estruendo de nossos pais”, anunciava o *Jornal do Comércio*.⁴⁹⁹

Em Pelotas, o empresário alugou o teatro para oferecer três bailes de máscaras nos dias 5 (sábado), 6 (domingo) e 8 (terça-feira) de fevereiro de 1853, visando introduzir nesta cidade “os costumes de outras mais adiantadas”⁵⁰⁰ Porém, para participar desses bailes era necessário que a população se liberasse dos preconceitos que tinha sobre este tipo de atividade. Neste noticiário, o redator do jornal *O Pelotense* explorou a prova de distinção e status social do afinamento com o comportamento de cidades mais adiantadas, oferecendo a oportunidade de igualar-se a elas.

Pelo sucesso obtido, “tendo sido bem recebidos os bailes mascarados que tiveram lugar nos três dias do carnaval”, o empresário Sirôlo ofereceu mais três bailes nos dias 26, 27 e 29 de março do mesmo ano; ainda no dia 3 de abril ofereceu mais um baile, “anuindo ao pedido de muitas pessoas”⁵⁰¹. Posso dizer que os bailes obtiveram sucesso entre a população, principalmente entre “a bela rapaziada pelotense”.

Para realização dessa atividade, o teatro era transformado com a colocação de “um magnífico tablado, e coreto de música”. A sala da frente do teatro era utilizada “para as pessoas que ocupa[ssem] os camarotes, que quise[ssem] dançar, servindo-se da orquestra do salão”⁵⁰² Afirmo que as pessoas que ocupavam os camarotes não se “misturavam” com as da plateia pois, a sala da frente lhes era destinada, sendo esta mais uma forma de segregação e de diferenciação social.

⁴⁹⁹ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); ALENCASTRO, L. F. de (org. do vol.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 11-94. V.2, Império, p. 52.

⁵⁰⁰ *O Pelotense*, sábado, 29.01.1853, p. 2-3, n. 166, ano III. Pelotas.

⁵⁰¹ *O Pelotense*, quinta-feira, 31.03.1853, p. 3, n. 191, ano III. Anúncios. Pelotas.

⁵⁰² *O Pelotense*, terça-feira, 01.02.1853, p. 3, n. 167, ano III. Anúncios.

O baile iniciava às 9 horas e se estendia até as 3 horas da manhã, sendo seu início anunciado por uma *ouverture*⁵⁰³ tocada pela orquestra. Para a “boa ordem do divertimento”, deveriam ser observadas algumas normas, expostas no anúncio a seguir:

No salão é só permitido dançar às pessoas que vierem mascaradas. O segredo da máscara é inviolável. Os mascarados guardarão todo o decoro e decência para com as famílias, e todos mais em geral. De uma hora da manhã em diante o baile se torna geral, as pessoas não mascaradas poderão dançar, e os mascarados, querendo, podem tirar suas máscaras. É proibido dentro do salão ou fora dele, toda a qualidade de jogo de entrudo, como limões de cheiro, estalos, &c., &c.⁵⁰⁴

Como só era permitido dançar estando mascarado, o próprio empresário disponibilizava a máscara, mediante a compra, e a fantasia, mediante o aluguel. No último espetáculo de 1853 a fantasia foi disponibilizada gratuitamente para todos aqueles que quisessem entrar no salão mascarados⁵⁰⁵.

O preço desse divertimento variava de 2\$000 para a entrada no salão até 6\$000 para os camarotes de 2ª ordem. Os camarotes de 1ª e de 3ª ordem custavam, cada um, 4\$000 réis. Em cada camarote poderiam entrar dois homens, se houvesse mais um, deveria pagar mais 1\$000 réis⁵⁰⁶. Da mesma forma que nos espetáculos teatrais, os diferentes preços possibilitavam a participação de um público heterogêneo, segregado em distintas zonas.

O pagamento do bilhete de entrada, o preço da máscara e do aluguel da fantasia aumentavam os custos com essa nova maneira de comemorar o Carnaval, selecionando o público, e reduzindo sua participação, tornando-a um privilégio da elite. Como diz Alencastro:

[...] os bailes carnavalescos de salão – privatizando um divertimento público para os sócios dos clubes e os que podiam adquirir ingresso – haviam se tornado marca de distinção, coisa de gente fina. Em

⁵⁰³ Em todo tipo de espetáculos a orquestra era responsável pela abertura – *ouverture* em francês – denominação muito usada na época. BITTENCOURT, Ezio da R.. *Da Rua ao Teatro* ... Op. cit., p. 244.

⁵⁰⁴ O Pelotense, terça-feira, 01.02.1853, p. 3, n. 167, ano III. Anúncios. Pelotas.

⁵⁰⁵ O Pelotense, quinta-feira, 31.03.1853, p. 3, n. 191, ano III. Anúncios. Pelotas.

⁵⁰⁶ O Pelotense, terça-feira, 01.02.1853, p. 3, n. 167, ano III. Anúncios. Pelotas.

oposição ao “entrudo moleque”, festa pública para o grande público, evento de rua e alvo designado das cacetadas da polícia.⁵⁰⁷

A imprensa encarregava-se de realizar a apreciação crítica dos bailes, sendo frequentes as notas positivas: os redatores destacavam sempre o grande número de concorrentes; os variados trajes, “alguns que se fizeram notar por sua elegância, outros pela extravagância”; a “boa ordem” durante os bailes, pois “entre tanta gente que foi ao baile, de tantas e tão diversas condições, uma só desinteligência não nos consta que houvesse, o que por certo, é para admirar, e muita honra faz á moralidade e civilidade do povo pelotense”⁵⁰⁸. Mais uma vez, a imprensa chamou a atenção para a civilidade da população de Pelotas, característica da elite.

Porém, somente os bailes de máscaras de 1857, oferecidos pelos empresários Liguori e Bobbio, “chamaram bastante concorrência, geralmente escolhida, e nos camarotes notavam-se famílias respeitáveis que até agora evitavam de aparecer nestas ocasiões, em que se supunha que a mascara podia autorizar abusos ou falta de cavalheirismo. O contrario aconteceu e é melhor auguro para o próximo ano.”⁵⁰⁹ Como na década de 1850 essa atividade estava recém sendo introduzida na cidade, a elite ainda tinha alguns preconceitos em relação a tal divertimento, o que, aos poucos, foi sendo superado, com a participação de várias famílias. Pilar Gonzalez, para o exemplo de Buenos Aires, também considera que os bailes de máscaras obtiveram êxito na sociedade portenha nas décadas de 1850 e 60, pois a “gente decente” perdeu os preconceitos com esse tipo de divertimento, principalmente porque as características dos espaços onde tiveram lugar os festejos (em Buenos Aires o teatro e os clubes e em Pelotas o teatro e os hotéis) permitiam alguma seleção.⁵¹⁰

⁵⁰⁷ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Vida Privada e Ordem ... Op. Cit.*, p. 53. [Grifos do autor]

⁵⁰⁸ *O Pelotense*, sábado, 02.04.1853, p. 3, n. 192, ano III. A pedidos. Pelotas.

⁵⁰⁹ *Diário do Rio Grande*, domingo, 08.03.1857, p. 1, n. 2455, ano X. *Semanário Pelotense XVIII*. Rio Grande.

⁵¹⁰ Pilar González adverte para a defasagem cronológica em relação ao bailes em Paris. Em Buenos Aires e também em Pelotas, a moda se instaura quando essas práticas começavam

Os bailes de máscaras foram uma nova forma de festejar o carnaval, eliminando o entrudo, que era considerado um “selvagem e prejudicial brinquedo”, que “tão funestos resultados consigo trazia”; o baile era considerado “mais apreciável que seu antecessor”. Prejudicial porque perigoso à saúde: além dos limões-de-cheiro, “podia-se receber na cabeça o conteúdo dos penicos dos sobrados e as pauladas dos capoeiristas”⁵¹¹; e, mais apreciável porque mais europeu, e por isto, mais civilizado. Nesse período o carnaval não desaparece, no entanto, as celebrações acontecem em locais privados, em detrimento das manifestações espontâneas da rua⁵¹².

A concorrência da “rapaziada” era grande, pois esta já tinha repudiado o entrudo, trocando-o pelo baile de carnaval. “Além disso o gosto de vestir uma farda de capitão mor, ou o gibão do tempo dos Afonsinhos, equivale ao prazer de atirar um tabuleiro de limões sem quebrar ou desperdiçar um só”⁵¹³.

Para a imprensa o entrudo deveria ser banido e os bailes de máscaras eram uma boa possibilidade de comemorar o carnaval de uma forma mais “civilizada”, mais de acordo com a situação atual da cidade. “É um tributo, outrora pagava-se em limões, constipações, moléstias e outras miudezas perniciosas á saúde; hoje reprovado este antiquário divertimento, indispensável supri-lo por outro que dissipar possa a tristeza que durante onze meses e vinte e sete dias acabrunha de alguma maneira a mocidade.”⁵¹⁴

Assim, como venho mostrando, a cidade de Pelotas, no século XIX, contava com espetáculos diversos no teatro, tanto pela sua variedade como pelo número de espetáculos apresentados. Durante todos os meses

a declinar em Paris. GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Civilidad y Política en los Orígenes ...* Op. cit., p. 260.

⁵¹¹ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Vida Privada e Ordem ...* Op. Cit., p. 52.

⁵¹² Porém, conforme será visto na última parte desta tese, algumas manifestações espontâneas na rua ainda foram mantidas.

⁵¹³ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 25.02.1857, p. 2, n. 2445, ano X. Semanário Pelotense XV. Rio Grande.

⁵¹⁴ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 11.02.1857, p. 2, n. 2433, ano X. Semanário Pelotense XIII. Rio Grande.

havia representações no teatro, salvo algumas exceções, como nos períodos de reformas e de crise na cidade, a qual também afetava as sociedades recreativas.⁵¹⁵

Devido a sua boa situação econômica no cenário do Rio Grande do Sul do século XIX, Pelotas tornou-se ponto obrigatório para as companhias artísticas que faziam sua turnê pelo sul do Rio Grande do Sul e pela Região Platina. A grande frequência das companhias fomentou o gosto pelo espetáculo dramático, que era “o divertimento predileto do público pelotense”⁵¹⁶.

No Teatro Sete de Abril se apresentaram tanto as companhias locais como também as estrangeiras. Nos primeiros anos de funcionamento do teatro – década de 1830, a Sociedade Teatro Sete de Abril fazia suas apresentações, somente após a Revolução Farroupilha outras companhias começaram a vir para a cidade. A *Sociedade Philo-Dramática*, como abordado na parte anterior, foi organizada por pelotenses em agosto de 1852, apresentando seu primeiro espetáculo nesse mês, porém, somente se mantendo em funcionamento até 1853, quando não obtive mais notícias da mesma.

Além das companhias locais, as companhias e artistas estrangeiros também visitavam a cidade, trazendo espetáculos dramáticos, líricos ou ginásticos, divulgando os gêneros teatrais e musicais europeus. Artistas espanhóis, italianos, franceses e portugueses passaram pelo palco do Teatro Sete de Abril⁵¹⁷.

As companhias dramáticas, líricas ou de ginásticas faziam sua turnê pela Província do Rio Grande do Sul, vindas da Corte ou da Região Platina, começando por Rio Grande, que devido ao Porto, era o contato da

⁵¹⁵ Ver Apêndice 15.

⁵¹⁶ Diário do Rio Grande, sábado, 15.09.1866, p. 1, n. 5316, ano XIX. Rio Grande.

⁵¹⁷ Posso citar como exemplo os artistas italianos Giovanni Thioler, Paolo Sentati e Nina Thioler Barbieiri que apresentaram uma “função lírico-dramática” em junho de 1848; a Companhia Ginástica Francesa apresentou um variado espetáculo de “exercícios ginásticos” em julho de 1852; em junho de 1852 a Sociedade Dramática Espanhola-Brasileira apresentou um variado espetáculo dramático.

Província com as demais regiões do país e com o exterior; indo para Pelotas e depois para Porto Alegre ou para o sul, seguindo pelo Canal São Gonçalo e Lagoa Mirim, indo para Jaguarão.

Na maioria das vezes, as companhias faziam uma assinatura para 8, 15, 20 ou mesmo 35 espetáculos. Além dos “espetáculos de assinatura”, foram realizadas “funções extraordinárias livres da assinatura”, representações “de grande gala” em comemoração a datas cívicas, e apresentações em benefício de artistas ou instituições de caridade de Pelotas.

Os espetáculos em “grande gala”, da mesma forma que os bailes em grande gala, faziam parte da programação de comemoração de datas cívicas, como o sete de setembro ou o dois de dezembro⁵¹⁸. Tais espetáculos já estavam previstos nos estatutos do teatro desde 1834 e faziam parte de um conjunto de atividades comemorativas, que incluíam desfiles e atividades nas ruas e na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], representações no teatro, terminando com um baile em alguma das sociedades em funcionamento. Isso demonstra que os espaços de sociabilidade estavam integrados.

Desde o século XVII, a celebração de casamentos e nascimentos reais e datas cívicas era feita com festividades teatrais. A relação entre a Coroa e o teatro foi hábito trazido de Lisboa pela família real.⁵¹⁹

Além desses espetáculos comemorativos, quando alguma autoridade estava visitando a cidade, o teatro também era palco das demonstrações de regozijo ao visitante. O Imperador esteve em Pelotas em dois momentos, em 1846 e em outubro de 1865, e, em ambos, foi homenageado com espetáculos teatrais. Em 1846 D. Pedro II, acompanhado da Imperatriz, foi saudado com vivas no Teatro, onde houve “grandíssima enchente”. O Dr. Mendonça, presidente da Câmara, recitou um Elogio e no intervalo entre o

⁵¹⁸ Para os dias de festividade nacional, ver nota 437 deste capítulo.

⁵¹⁹ SEGAWA, Hugo Massaki. Arquitetura de teatros: o século XIX e a belle époque no Brasil. *Revista Projeto*, São Paulo, n. 112, p. 123-30, jul 1988, p. 123.

1º e o 2º ato, a Corte ceou no salão do teatro. O Jornal do Comércio do Rio de Janeiro noticiou a visita e destacou os lustres, os “azulejos em relevos que revestiam o salão de entrada”, o piso de mármore preto e branco, os espelhos, o salão superior “magnificamente alfaiado”.

Em outubro de 1865 D. Pedro II chegou a Pelotas pela segunda vez, acompanhado do Conde D’Eu e do Duque de Saxe, vindo de Jaguarão, durante a Guerra do Paraguai. Dia 26 foi ao teatro: “Logo que Sua Majestade chegou ao camarote, subiu o pano e tocou-se o hino, tendo dado o delegado de polícia vivas a S. M. o Imperador, família imperial, etc. Houveram dois discursos alusivos ao ato magnânimo da vinda de Sua Majestade á esta província, [...] O drama correu bem, mas achamos a peça tristíssima para a ocasião”⁵²⁰.

Com a chegada do presidente da Província, em janeiro de 1865, não foi diferente. Além de outras atividades, houve um espetáculo em grande gala no teatro:

Uma banda de música com grande acompanhamento se reuniu ás 8 horas da noite na praça da câmara Municipal e d’ali seguiu para em frente ao palácio, e chegando S. Exc. o Sr. presidente da Província à janela deu vivas á Nação Brasileira, á Constituição do Império, á S. M. o Imperador, ao povo rio-grandense e aos defensores da honra nacional, que foram freneticamente correspondidos, como igualmente foram os que se deram ao Exm. Sr. presidente. Depois de tocar-se o hino e subirem ao ar grande número de foguetes, seguiu a música com o concurso a percorrer algumas ruas da cidade. Teve lugar em nosso teatro um espetáculo em grande gala, e logo que S. Exc. o Sr. presidente da província chegou á tribuna repetiu os vivas que havia dado das janelas do palácio, que entusiasticamente foram correspondidos, seguindo-se o hino nacional cantado pela atriz Falco e acompanhado nos coros por toda a companhia. O drama Trabalho e Honra correu bem e foi aplaudido [...] ⁵²¹

Porém, nesses espetáculos, mais importante que assistir a representação era poder olhar e prestigiar o homenageado. No espetáculo oferecido ao Imperador, “as atenções e as vistas fixaram-se exclusivamente no camarote imperial, e muita gente não terá sabido o que se representou

⁵²⁰ Diário do Rio Grande, domingo, 29.10.1865, p. 1-2, n. 5058, ano XVIII. Rio Grande.

⁵²¹ Diário do Rio Grande, sábado, 28.01.1865, p. 1, n. 4834, ano XVIII. Rio Grande.

nessa noite no teatro", pois, o Imperador era "objeto da geral e respeitosa curiosidade dos espectadores de ambos os sexos"⁵²².

Além dos espetáculos em grande gala, os espetáculos beneficentes estiveram presentes durante todo o período que estudo, e eram realizados em benefício de artistas ou da companhia, a exemplo dos que tiveram lugar em outubro de 1847, em benefício de Joaquim Ferreira Nunes, contra-regra da companhia ou em março de 1863, em benefício do "primo-tenor absoluto Emidio Ballarini"⁵²³.

O teatro também era um espaço para demonstrar a caridade da elite pelotense. Alguns espetáculos foram realizados em benefício de instituições de caridade da cidade, como a Santa Casa de Misericórdia⁵²⁴, a Beneficência Portuguesa⁵²⁵, Asilo de Órfãos N. S. da Conceição⁵²⁶ e do Cemitério N. S. da Conceição⁵²⁷ e contavam com a presença de "grande concurso de gente grada". Mostro um exemplo abaixo.

⁵²² Idem.

⁵²³ O Comércio, sexta-feira, 13.03.1863, p. 3, n. 16, ano II. Pelotas.

⁵²⁴ Espetáculos em 11.02.1849, 13.10.1852, 03.05.1860.

⁵²⁵ Espetáculo em 25.09.1860.

⁵²⁶ Espetáculos em 06.07.1860, 01.12.1860, 13.06.1861.

⁵²⁷ Espetáculo em 18.06.1861.

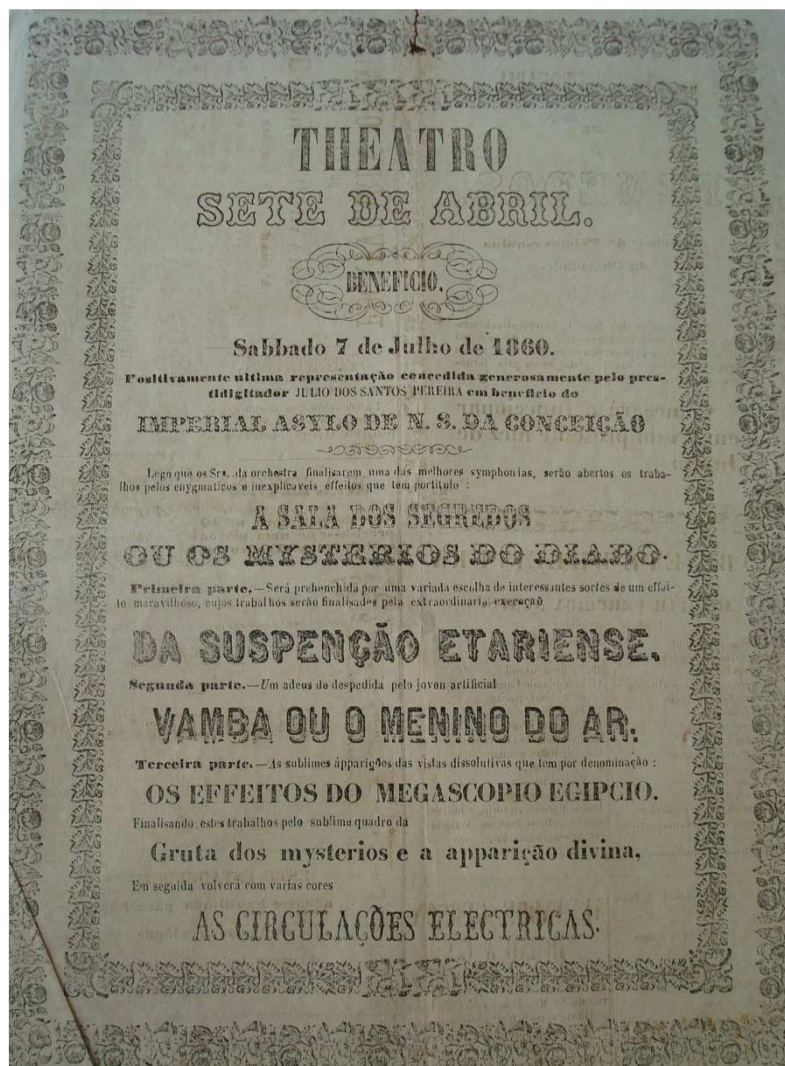


Figura 5 – Anúncio de um Espetáculo Beneficente no Teatro Sete de Abril

Fonte: O Brado do Sul, quinta-feira, 06.07.1860, p. 3, n. 92, ano III. Anúncios. Pelotas.

Desde a década de 1840 tais espetáculos foram realizados como “atos de religião e caridade”, sendo que, por ocasião da elaboração dos novos estatutos do Teatro, em 1869, o artigo 32º previa a cedência gratuita do teatro, “duas vezes por ano, para as funções que se realizassem em benefício das três instituições caridosas que existiam na cidade – Santa Casa de Misericórdia, Asilo de Órfãos Desvalidas e Sociedade Portuguesa de Beneficência, e igualmente – para os espetáculos em benefício da liberdade de quaisquer escravos”⁵²⁸.

⁵²⁸ ECHENIQUE, Guilherme. *Histórico do Teatro Sete de Abril ...* Op. cit., p. 19.

A beneficência dos pelotenses chegou até Portugal: a Sociedade Dramática Nacional ofereceu um espetáculo em benefício do Asilo das Órfãs Desvalidas de Portugal em agosto de 1862, o qual “continha mais de duzentas pessoas”⁵²⁹.

Tais práticas acentuavam a multifuncionalidade dos espaços teatrais – beneficência, recreio e cultura. O teatro, além de um espaço de sociabilidade, era um espaço para a elite demonstrar seu espírito assistencialista, a sua caridade e preocupação com os menos favorecidos, comparecendo aos espetáculos, que eram frequentemente realizados no teatro.

Quando os artistas e/ou o espetáculo agradavam, aos espectadores era dado o direito de aplaudir ou demonstrar qualquer manifestação de agrado. Existiam várias formas de demonstrar seu apreço pelos artistas e pelo espetáculo – no fim do espetáculo os artistas eram chamados à cena e saudados com palmas, “bravos estrondos”, flores, “chuveiro de lindos *bouquets*”, sonetos e poesias impressas ou declamadas, acrósticos⁵³⁰, entre outras manifestações. Os exemplos abaixo são ilustrativos desse tipo de reconhecimento dado aos artistas. Essas demonstrações foram destacadas pela imprensa, que na maioria das vezes, publicava os sonetos e as poesias que haviam sido declamadas.

⁵²⁹ O Comércio, domingo, 10.08.1862, p. 2, n. 72, ano I. Gazetilha. Pelotas.

⁵³⁰ **Acróstico: Ao ilustre ator brasileiro Forindo Joaquim da Silva.**

Famoso Florindo, ator sublimado,
 Luzeiro brilhante do Sete de Abril,
 O teu raro gênio, de gloria adornado,
 Resplandece fulgores em todo o Brasil.
 Invida um esforço, terás conquistado
 Não só mil aplausos, não só coroas mil,
 Da pátria verás na lúbrica história.
 O nome Florindo coberto de gloria.

Á eximia artista brasileira D. Rosina Augusta de Souza

Raro gênio, mil graças tu tens,
 Ó mulher tão gentil, primorosa,
 Se apareces em cena, tu brilhas,
 Inda mais do que a lua formosa!
 Não és digna só de louvor.
 Ah! Mereces também puro amor.

A . J. C. S. J (O Pelotense, terça-feira, 08.03.1853, p. 2, n. 182, ano III. A pedidos. Pelotas

Informando-nos porém do resultado que teve [a representação da gargalhada], soubemos ter ela sido mais um triunfo para o exímio artista, que além de imensos bravos, palmas e flores, foi mimoseado com duas produções, uma do decano da literatura rio-grandense, o Sr. Antonio José Domingues, outra do Sr. Dr. Joaquim Jacintho de Mendonça, digno promotor publico da comarca, e recitadas ambas pelos próprios autores. Por falta de espaço não as publicamos neste numero, o que faremos no seguinte.⁵³¹

[...] todos eles [os espectadores] deixaram seus camarotes, para melhor aplaudirem o artista que terá invejosos de sua gloria, mas não competidores. Dos camarotes imediatos ao proscênio, foram lançados sobre o eminente ator extraordinário numero de lindos e mimosos bouquets, e as senhoras todas em pé, e muitas delas banhadas em pranto, o aplaudiam também com seus lencinhos brancos e em extremo perfumados. O Sr. Feliciano Antonio de Moraes leu a poesia que abaixo publicamos, do Sr. Antonio José Domingues: [...] O Sr. Dr. Trigo de Loureiro recitou também a seguinte sua produção: OBLAÇÃO de respeito e admiração ao gênio, dirigida ao Ilmo. Sr. Comendador João Caetano dos Santos [...]⁵³²

A aprovação dos artistas, além de ser realizada com aplausos, flores e poesia, era demonstrada em correspondências enviadas aos jornais. Em junho de 1848 “Unos Espectadores” enviaram uma nota de agradecimento “á los distinguidos artistas italianos los Sres. Giovani Thioler, Paolo Sentati, y a la señorita Nina Thioler Barbieri” agradecendo “por la general aprobacion que obtuvieron del publico pelotense”⁵³³. Destaco que a correspondência foi escrita em espanhol.

Como forma de agradecer as demonstrações de apreço recebidas, os artistas também recitavam sonetos e saudação ao povo pelotense. Em 1854 João Caetano dos Santos “recitou uma saudação ao Rio Grande do Sul”; em 1854 o ator Florindo Joaquim da Silva, na noite de seu benefício, recitou um poema⁵³⁴, como forma de reconhecimento aos moradores de Pelotas.

⁵³¹ O Pelotense, terça-feira, 19.09.1854, p. 4, n. 350, ano IV. Pelotas. [Grifos meus]

⁵³² O Pelotense, terça-feira, 24.10.1854, p. 1-2, n. 354, ano IV. Pelotas. [Grifos meus]

⁵³³ O Rio-Grandense, quinta-feira, 15.06.1848, p. 4, n. 329, ano IV. Anúncios. Rio Grande.

⁵³⁴ VOTO DE RECONHECIMENTO AOS HABITANTES DE PELOTAS PELO ACTOR FLORINDO JOAQUIM DA SILVA NA NOITE DE SEU BENEFICIO NO THEATRO SETE DE ABRIL.

Me honra tanto, ufana, e desvanece Esse vosso generoso acolhimento, Tão intenso é para mim o regozijo E o prazer que me inunda o coração, Que vacilante por esplendor tão vivo, Nos arroubos do mais puro sentimento, Cheio de emoção dizer-vos posso antes: – O maior respeito a vós, oh Pelotenses, Que no mais subido grau apreciando Os esforços reiterados que tem feito O humilde artista a quem vitoriais, Para um povo agradar tão ilustrado, O seu duro afã recompensado tendes Com a vossa bondosa animação Gratidão profunda a vós, oh Pelotense, Que distinguindo assim, acroçoando Com apreço lisonjeiro e simpatia O pobre

Os artistas mais importantes e preferidos eram acompanhados até o seu local de residência, que na maioria das vezes era um hotel da cidade, numa espécie de cortejo, com os espectadores e a orquestra do teatro. Além de acompanharem o artista Arthur Napoleão “um numeroso concurso de gente grada, iluminada por uma infinidade de archotes e precedida pela música da orquestra”, uma ceia o esperava no Hotel do Comércio, “que se prolongou até as 3 horas da manhã, pouco mais ou menos a hora marcada para o embarque. Não menos de quatorze veículos cheios de entusiastas apreciadores de seu talento, o foram acompanhar até a barca”⁵³⁵.

Posso dizer que, após a saída do teatro, o espetáculo continuava nas ruas, nos hotéis e nas sociedades de baile. Nesses espaços os espectadores podiam continuar demonstrando todo seu apreço ao artista. As ruas eram uma extensão do teatro – muitos admiradores juntamente com uma banda de música acompanhavam os artistas. Banquetes eram oferecidos em hotéis ou em sociedades de baile. Isso demonstra que os espaços de sociabilidade, com diferentes níveis de formalidade “conviviam e em alguns casos se integravam”, como afirma Navarro⁵³⁶, existindo uma simples linha entre as diversas manifestações de sociabilidade.

Porém, nem sempre a plateia dava um espetáculo de bom comportamento. Por ser um espaço para um público mais alargado e para que houvesse a ordem, o silêncio e a decência necessários para que as famílias pudessem apreciar o espetáculo, o delegado ou o subdelegado de polícia estava presente no teatro durante as representações. Para tal fim, um

ator, que na generosidade Ousara confiar de um grande povo, Lhe permitistes ver realizados Seus mais dourados sonhos de ambição. Respeito, gratidão a vós, oh Pelotense! E possa eu sempre bem corresponder Ás vossas benevolentes atenções; E possa eu a mim mesmo nunca trair As doces esperanças que me embalam De jamais desmerecer por falta minha Dos elevados favores que outorgais Ao mesquinho artista, que o galardão De vossa aprovação somente almeja. Me honra tanto e afana, oh Pelotenses, Esse vosso generoso acolhimento, Tão intenso é para mim o regozijo E o prazer que me inunda o coração, Que no imenso arroubo do mais vivo, Profundo e exaltado sentimento, Cheio de emoção, dizer-vos posso apenas: *Respeito gratidão a vós, oh Pelotenses!* Diário do Rio Grande, sexta-feira, 27.10.1854, p. 2, n. 1757, ano VII. A pedidos. Rio Grande.

⁵³⁵ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 25.11.1857, p. 2, n. 2669, ano X. Semanário Pelotense LXVI. Rio Grande.

⁵³⁶ NAVARRO, Javier N.. Sociabilidad e Historiografía ... Op. cit.

camarote – de preferência o camarote 1 da 1ª ordem – era destinado ao delegado de polícia que “presidia o espetáculo” e tinha por função manter a ordem e o silêncio no teatro, coibir as pateadas e mesmo os aplausos mais acalorados, ou seja, sua função era manter as relações harmoniosas entre os membros da plateia e entre estes e os artistas, que tinham o direito de patear ou aplaudir o espetáculo, o que nem sempre acontecia.

O papel do delegado de controlar a ordem no teatro e também nas atividades desempenhadas nas ruas (como mostro no capítulo quatro desta tese) era uma forma de manter um padrão de hábitos e comportamentos aceitáveis para uma cidade que se desenvolvia. O aparato policial era “um instrumento direto de ‘condicionamento’ ou ‘modelação’, de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a estrutura e situação da sociedade onde vivem tornam necessários.”⁵³⁷

O delegado intervinha nos espetáculos, principalmente quando as manifestações de reprovação eram fortes demais. A ele competia “intervir nas pateadas, quando elas se torna[vam] assustadoras, e promet[iam] perturbar a tranqüilidade, quando [havia] excessos de ações, ou de palavras que ofend[iam] a moral pública, etc.”⁵³⁸. O exemplo a seguir é ilustrativo da importância do delegado para coibir abusos durante os espetáculos:

O teatro dramático e a pateada [...] Em a tarde de 26 do corrente, no momento em que a Sra. D. Eugenia Câmara, começava a trabalhar na comédia em 1 ato, de sua imitação – Por causa do vento –, dois ou três indivíduos, cuja posição não se pode bem classificar, tentaram pateá-la, mesmo antes de ter falado! ... É incrível! O que era esse ato senão o filho de um plano horrivelmente combinado para chocar (quando não desmoralizar) o artista inteligente, a mulher de talento, que ia por dois títulos tornar-se credora de simpatia e admiração? [...] A platéia não pode com seu silêncio, sancionar ato tão degradante da parte de dois de seus membros, e em massa levantou-se para uníssonamente bradar: – fora a pateada. Começou então uma cena de pugilato entre esta e os primeiros, e se a [ilegível] do nosso povo, não fosse juntar-se a

⁵³⁷ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. ... v.1, Uma história dos Costumes. Op. Cit., p. 95.

⁵³⁸ O Pelotense, sábado, 19.02.1853, p. 2, n. 175, ano III. Comunicados. Pelotas.

intervenção da autoridade, talvez tivéssemos a deplorar alguma catástrofe, a que o teatro era totalmente estranho, e nascida de um pensamento mau arraigado no cérebro desses dois homens, representantes de paixões alheias e não expositores de suas próprias idéias.⁵³⁹

Uma das funções dos soldados de polícia também era a de coibir a presença de negros nos corredores dos camarotes. Em um comentário realizado em 1852, o redator do jornal *O Pelotense* denunciou a presença de negros nos corredores dos camarotes e, em outro, uma semana depois, parabenizou a atitude dos soldados porque “varreram dos corredores esta negrada que ai se costuma reunir, e com tanto escândalo, que não só com sua algazarra perturbam o espetáculo, mas que também com suas palavras indecentes ofendem os ouvidos das famílias honestas que ai estão”.⁵⁴⁰

Além de manter a ordem no interior do teatro, durante as representações, o delegado também tinha por função dar licença aos trabalhos das companhias, aprovando ou reprovando as peças a serem representadas. O drama “A Torre de Nesle”, que iria ser apresentado pela Companhia do Sr. João Ferreira Bastos, foi proibido pelo delegado pela sua imoralidade:

O drama *Torre de Nesle* que estava para ir á cena pela companhia do Sr. João Ferreira Bastos, foi proibido pelo Sr. Delegado de polícia. Esse drama que, aliás, encerra quantidade de belezas dramáticas, é, por sua imoralidade, proibido em toda a parte. Surpreende-nos pois a lembrança de o levar á cena, e, ainda mais, que o Sr. Bastos que tem com a sua companhia gozado tantos favores públicos, quisesse provar sua gratidão apresentando-nos essa cena de devassidão em que a lascívia se desenvolve no mais alto ponto, em que uma rainha se prostitui até com seu próprio filho. Louvamos o procedimento do Sr. delegado, por ter desviado esse painel de impudicícia das vistas de nossas famílias. [...] ⁵⁴¹

Mesmo quando tivesse dado a licença para as companhias se apresentarem, o delegado também poderia suspender os espetáculos quando julgasse necessário. Em 1868 ele suspendeu os espetáculos da Empresa Germano “durante o tempo em que o ânimo público se achasse

⁵³⁹ Diário do Rio Grande, sábado, 01.02.1862, p. 2, n. 3943, ano XV. A pedidos. Rio Grande.

⁵⁴⁰ *O Pelotense*, terça-feira, 10.02.1852, p. 1, n. 37, ano II; *O Pelotense*, terça-feira, 17.02.1852, p. 1, n. 40, ano II. Pelotas.

⁵⁴¹ *O Pelotense*, terça-feira, 17.10.1854, p. 2, n. 352, ano IV. Pelotas.

amotinado, cessasse, quando também cessaram as causas que o motivaram". Em um espetáculo dessa companhia, a atriz Antonina Marquelou foi pateada e insultada no palco, desligando-se da companhia. Após a sua retirada, procedimento que foi considerado pela imprensa "imperdoável, inconveniente e até criminoso", o empresário continuou com seus trabalhos na cidade.⁵⁴²

Era comum, como mostrei, os espectadores acompanharem os artistas até o seu "hotel de residência" depois de terminado o espetáculo. Porém esta era uma atividade da qual o delegado possuía algum poder de coibir ou não. Em janeiro de 1862, o delegado negou a licença para a música acompanhar o artista até o Hotel do Comércio, mas mesmo assim, "sem a orquestra, acompanharam a companhia até a sua residência, para mais de cem pessoas."⁵⁴³

Esses exemplos mostram que a função do delegado e seus soldados era também a "vigilância dos costumes, visando afastar a violência e a brutalidade e substituí-las por 'costumes civilizados, polidos, policiados'".⁵⁴⁴ Como diz Norbert Elias, o refinamento da conduta nunca perde sua importância como instrumento de diferenciação social.⁵⁴⁵

Mesmo o teatro sendo um espaço de sociabilidade passiva, para usar um termo de Gurvitch, no qual os participantes eram, como a própria denominação diz, espectadores, eles participavam do espetáculo através de demonstrações de apreço ou de descontentamento com a peça, com os artistas ou com os empresários. Como reforçou o redator do jornal *O Pelotense*: "O espectador está no pleno gozo de seu direito quando aplaude, ou quando reprova: ninguém lhe pode contestar"⁵⁴⁶.

⁵⁴² Diário de Pelotas, segunda 20 e terça-feira, 21.07.1868, p. 2, n. 18, ano I. Gazetilha. Pelotas.

⁵⁴³ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 29.01.1862, p. 1, n. 3940, ano XV. Rio Grande.

⁵⁴⁴ LOUSADA, Maria Alexandre. A rua, a taberna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime. In: VENTURA, Maria da Graça A. M. *Os Espaços de Sociabilidade na Ibero-América (Sécs. XVI-XIX)*. Lisboa: Edições Colibri, 2004, p. 95-120, p. 98.

⁵⁴⁵ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. ... v.1, Uma história dos Costumes. Op. cit., p. 115.

⁵⁴⁶ *O Pelotense*, quarta-feira, 07.07.1852, p. 1, n. 100, ano II. Pelotas.

Quando a representação e/ou os artistas desagradavam, ao público era dado o direito de patear, porém, a pateada deveria ser dada “sem excessos”. Caso contrário, como já expus, o delegado deveria intervir para retomar a ordem no teatro. A pateada era comum nos teatros do mundo todo. Segundo Pellissier,⁵⁴⁷ os atores deveriam satisfazer e agradar ao público desde o início, sob pena de serem impiedosamente vaiados e perseguidos. Esse costume se perde no final do século XIX.

As pateadas “em excesso” feriam as “famílias assaz respeitáveis pela sua honestidade” e “parece que esses indiscretos gritadores”, quando estavam pateando, pretendiam “dali afugentar as pessoas decentes”⁵⁴⁸. Posso considerar que “famílias respeitáveis” e “pessoas decentes” eram sinônimos de elite⁵⁴⁹, que incorporavam nos seus comportamentos maior contenção e regulação das pulsões, “referentes que funcionavam também como sinais de distinção dos estratos sociais superiores, numa estratégia de distanciamento e diferenciação face a outros grupos”⁵⁵⁰.

O teatro também era um importante espaço de sociabilidade pelo seu aspecto educativo, além do recreativo. A imprensa destacava a importância de o assunto das peças ser “carregado de moralidade” e trazer um aspecto moral: em 1848 foi apresentado um drama cujo assunto era “o mais profícuo à moral e aos bons costumes, e o contraste que se apresenta faz o homem abraçar a virtude e desprezar o vício”⁵⁵¹; em 1852 a Sociedade Dramática Hispano-Brasileira apresentou um espetáculo que era “uma daquelas produções que, ricas de moralidade, servem de exemplo a algumas esposas que, esquecendo que só devem ter um amor, repartem

⁵⁴⁷ PELLISSIER, Catherine. *Loisirs et sociabilités des ...* Op. Cit..

⁵⁴⁸ O Pelotense, quarta-feira, 07.07.1852, p. 1, n. 100, ano II. Pelotas.

⁵⁴⁹ Compartilho a opinião de Pilar Gonzalez, quando a autora afirma que a noção de elite cultural coincide com a noção de “gente decente” da época (século XIX): elite e gente decente se referem ao reconhecimento social que devem à educação, aos bons modos e aos laços de parentesco. GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Civilidad y Política en los Origenes ...* Op. Cit., p. 28..

⁵⁵⁰ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ...* Op. cit., p. 73.

⁵⁵¹ O Rio-Grandense, quinta-feira, 06.04.1848, p. 3, n. 301, ano IV. Anúncios. Rio Grande.

este [...] tornando-se assim, perjuras ao juramento que prestaram no altar"⁵⁵². Como diz Bernardo, a frequência ao teatro era um sinal de civilização da cidade, tanto pelo alegado alcance pedagógico das peças como pelos rituais de mundanidade representados na plateia⁵⁵³.

A importância do teatro como espaço de sociabilidade também pode ser avaliada pelo tratamento recebido na imprensa. Além dos anúncios, os jornais comentavam com regularidade o desempenho da companhia, dos artistas, dos espetáculos, que às vezes alcançavam "o mais cabal desempenho" enquanto que outras "corriam sofrivelmente".

Os comentaristas abordavam também a "concorrência" do público ao teatro que, na maioria das vezes era grande. No entanto, principalmente no inverno, a concorrência era fraca ou regular, sendo que, muitas vezes, o espetáculo era transferido. O mau tempo e o conseqüente "péssimo estado das ruas", sem condições de trafegabilidade, era um fator que atrapalhava o desempenho das atividades no teatro. Desse modo, melhorias feitas nas ruas, como conservação das mesmas, interferiram diretamente nas sociabilidades pelotenses.

Mas, muito mais importante era o destaque que davam à concorrência, quando era de "numeroso concurso de pessoas mais gradas da cidade" ou "grande número dos que formam a nata da sociedade pelotense"; ou, à "beleza do belo sexo" e ao "elegante traje das encantadoras pelotenses" (os homens usavam trajes noturnos formais). Algumas vezes, os "leitores aprendiam mais sobre a platéia do que sobre o espetáculo"⁵⁵⁴. Aqui, o que se avaliava no teatro era a riqueza e o bom gosto dos membros da elite pelotense, evidentemente sob a perspectiva do paradigma europeu.

Pelas informações que obtive, foi possível perceber que o espaço do teatro era um local onde se desenvolvia outra trama, além do espetáculo,

⁵⁵² O Pelotense, sexta-feira,, 16.07.1852, p. 2, n. 101, ano II. Comunicado. Pelotas.

⁵⁵³ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ...* Op. cit., p. 56.

⁵⁵⁴ NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical*. ... Op. cit., p. 102.

principalmente nos camarotes. Era neles que se refugiava “a beleza do belo sexo”, com a qual os rapazes “ocupavam a suas vistas”⁵⁵⁵; ou onde as moças “sempre alegres e com o sorriso nos lábios, [atendiam] os obséquios dos cavalheiros que as visita[vam] em seu camarote da primeira ordem”⁵⁵⁶.

O camarote do teatro ou da ópera é considerado por Anne Martin-Fugier⁵⁵⁷ um prolongamento do espaço do salão, consiste num local público e é tratado como um espaço privado. Os camarotes eram locais de receber amigos, local onde as moças solteiras recebiam constantemente a visita dos rapazes. O camarote “é um mundo fechado e protegido, o lar reconstruído no teatro”. Uma mulher se comporta num camarote como se estivesse em um salão, “não sai para passear pelos corredores, recebe ali seus amigos com a mesma etiqueta com que recebe em casa, aceita que lhe apresentem pessoas de suas relações.”⁵⁵⁸ Desse modo, o teatro era ainda palco para flertes e local onde nasciam novos romances.

Os intervalos também tinham um papel importante para a sociabilidade dos pelotenses. Em alguns deles o empresário colocava uma banda de música no salão do teatro “que se achava todo iluminado e onde nos intervalos do drama, deleitavam as famílias que ali se reuniam”⁵⁵⁹; o intervalo também era o espaço para os rapazes irem “conversar com certas senhoritas”; eram um local de encontro, de conversas supostamente desinteressadas, mas que fechavam/ discutiam negócios ou faziam conchavos políticos.

Nesse espaço de sociabilidade, mais uma vez, a maneira de se comportar e de se vestir eram motivos para longos comentários e crônicas nos jornais. Compreendo, assim, que:

⁵⁵⁵ O Rio-Grandense, sábado, 10.07.1847, p. 3, n. 202, ano IV. Comunicado. Rio Grande.

⁵⁵⁶ Diário do Rio-Grande, segunda, 17 e terça-feira, 18.03.1856, p. 2, n. 2167, ano IX. Comunicado. Rio Grande.

⁵⁵⁷ MARTIN-FUGIER, Anne. Os Ritos da Vida Privada Burguesa. In: PERROT, Michelle et al.. *História da Vida Privada*. (Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 193-261. v.4, da Revolução Francesa à Primeira Guerra, p. 208-9.

⁵⁵⁸ MARTIN-FUGIER, Anne. Idem, p. 208-9.

⁵⁵⁹ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 27.11.1868, p. 1, n. 5974, ano XXI. Rio Grande.

[...] a maneira de usar bens simbólicos e, em particular, daqueles que são considerados como os atributos da excelência, constitui um dos marcadores privilegiados da "classe", ao mesmo tempo que o instrumento por excelência das estratégias de distinção, ou seja, na linguagem de Proust, da "arte infinitamente variada de marcar as distâncias".⁵⁶⁰

Havia uma vivência própria nos espaços teatrais, que transparece na imprensa da época, "havia uma vida de relação, convival, com a participação de ambos os sexos, reunidos em atividades de cultura e recreio"⁵⁶¹. O teatro era um espaço de congregação da elite e de demonstração da sua riqueza, revelando em público seu bom gosto e sua cultura, ou seja, o ver e ser visto adquiriam importância fundamental mais até do que assistir aos espetáculos.

O teatro, como as sociedades recreativas e culturais já mencionadas, era um local de encontro da elite, no qual se iniciavam amizades e namoros, se conversava informalmente sobre os negócios ou política, ou seja, se faziam "importantes contatos que uniam riqueza, poder e influência." A importância do teatro "não derivava do fato de representar no palco as fantasias da elite, e sim de tornar manifesta nos camarotes a própria realidade dela."⁵⁶²

A elite era estimulada pela imprensa a ter no teatro uma opção de recreação elegante e refinada, o que é exemplificado pelas constantes afirmativas de que "há alguma coisa de aristocracia no teatro"⁵⁶³ ou que o público que ia ao teatro era um público "ilustrado" ou ainda "filantrópico". Ou seja, o teatro destinava-se e era frequentado pela elite pelotense.

Até o final da década de 1860, as elites de Pelotas frequentaram assiduamente o teatro, por ser um dos espaços de sociabilidade mais importantes na cidade, o que é demonstrado pelo número de espetáculos, pela sua participação em comemorações, e pela grande "concorrência"

⁵⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: ... Op. Cit.*, p. 65.

⁵⁶¹ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ... Op. cit.*, p. 54.

⁵⁶² NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical. ... Op. cit.*, p. 103-4.

⁵⁶³ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 24.12.1857, p. 2, n. 2692, ano X. Semanário Pelotense LXIV. Rio Grande.

do público. Tratava-se de um espaço mais alargado do que as sociedades de baile, no qual a elite poderia mostrar sua boa educação, seus costumes e servir de exemplo para as classes menos abastadas.

Posso dizer que o teatro exercia uma considerável influência sócio-política, pois, servia “de cenário informal para que indivíduos e famílias ostentassem sua riqueza, exibissem sua posição sócio-econômica e revelassem em público sua cultura”⁵⁶⁴. Participar do teatro era um signo distintivo de pertencimento à elite local, pois, como diz Bourdieu, as frações dominantes transformam o teatro em uma oportunidade de dispêndio e de exibição do dispêndio.⁵⁶⁵

O teatro, da mesma forma que as sociedades, possuía características que indicam o caráter elitista das instituições: o tipo de atividades a que se destinavam – o teatro era uma atividade tida como aristocrática e elegante segundo os padrões europeus; o alto custo de admissão que selecionava a frequência e servia de barreira econômica; e a exclusão social.

As décadas de 1840, 50 e 60 parecem ter sido um período de franca expansão desse tipo de práticas de sociabilidade, em estrita relação com a criação das associações de caráter recreativo. Nessas décadas os espetáculos teatrais se diversificam e se intensificam, não obedecendo somente ao calendário das festas nacionais. O teatro era um espaço que facilitava a ocorrência de manifestações de sociabilidade diversificadas, como visto no decorrer deste capítulo.

Era um espaço polivalente de sociabilidade em que se conjugava a recreação – atividades dramáticas, como prática principal e justificativa pela existência do local, concertos, espetáculos de prestidigitação, exercícios ginásticos, bailes – com a educação, beneficência, atividade política, o que mostra a importância do teatro na rede das sociabilidades pelotenses do Oitocentos.

⁵⁶⁴ NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical*. ... Op. cit., p. 104.

⁵⁶⁵ BOURDIEU, Pierre. *A Distinção*: ... Op. Cit., p. 250.

Até o final da década de 1860 o Teatro foi uma sociedade com sócios-proprietários, passando, no final da década, por reformas estruturais e administrativas, o que configura uma nova fase para tal espaço de sociabilidade. No final da década de 1860, o teatro foi remodelado, sob a direção de Pedro Peiruq, com a inclusão de grades e colunas de ferro, pintura e bancos para camarotes e plateias⁵⁶⁶. Essas reformas só foram concluídas em 1872.

A Sociedade sofreu reformas estatutárias, mudando seu nome de “Sociedade Cênica Sete de Abril” para “Associação Teatro Sete de Abril”, tornando-se uma sociedade por ações. Transformaram-se em acionistas todos aqueles que possuíam camarotes ou cadeiras no teatro, que, transcorridos mais de trinta anos, estavam reduzidos a 168 sócios⁵⁶⁷.

Os novos estatutos foram elaborados e aprovados em 5 de setembro de 1869, quando também tomou posse a nova diretoria. Até a reformulação e aprovação dos estatutos uma diretoria provisória estava respondendo pelo Teatro⁵⁶⁸. A maioria dos acionistas que começou a dirigir o Teatro a partir de 1869 já havia participado da diretoria de alguma sociedade cultural e recreativa, apresentadas no capítulo anterior. Assim, como nas outras sociedades pelotenses da época, os membros dessa diretoria eram

⁵⁶⁶ HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. ... Op. cit.

⁵⁶⁷ O principais acionistas (com o maior número de ações) estão relacionados no Anexo 6. Dos 168 acionistas, 121 possuíam 1 ação cada um e seus nomes não constam nessa lista.

⁵⁶⁸ Em 20 de junho de 1869 foi realizada uma reunião com os acionistas do teatro para a eleição de uma diretoria provisória cujo resultado foi o seguinte: Presidente – Domingos Antônio Félix da Costa; Tesoureiro – José Antônio Moreira; Secretário – Simão Soares da Porciúncula Junior; Comissão para exame de contas e para fazer estatutos – Domingos Antônio Félix da Costa, Simão S. da Porciúncula Junior, Bernardo José de Souza; Comissão para exame de títulos – Antonio Rafael dos Anjos, Domingos de Souza Mursa, Manoel José R. Valladares. (*O Comércio*, terça-feira, 22.06.1869, p. 2, n. 74, ano VIII. Gazetilha. Pelotas) Após elaborarem os novos estatutos foi eleita, em 29 de agosto, a diretoria composta pelos seguintes membros, com seus respectivos cargos: Presidente – Domingos Antonio Félix da Costa; Vice-presidente – Major Felisberto Ignacio da Cunha (Barão de Correntes); Tesoureiro – José Antonio Moreira (Barão de Butui); Secretário – Januário Joaquim Amarante; Procurador – Marcolino Antonio dos Santos. (ECHENIQUE, Guilherme. *Histórico do Teatro Sete de Abril* ... Op. cit.)

portugueses ou luso-brasileiros, entre os quais dois barões, um comendador, charqueadores e proprietários⁵⁶⁹.

Neste capítulo mostrei de que forma o teatro se fortaleceu como um espaço de sociabilidade para as famílias da elite pelotense. Na parte seguinte, analiso outro espaço de sociabilidade semiformal, os hotéis, mas que foram utilizados, no período estudado, principalmente, pela elite masculina de Pelotas.

⁵⁶⁹ Conforme os registros de óbitos da Catedral São Francisco de Paula de Pelotas.

3.2 “Convida-se a rapaziada do tom e do chique”: os Hotéis Enquanto Espaços de Sociabilidade

Inicialmente procurei identificar, a partir das informações obtidas nas fontes, quais eram os espaços de sociabilidade em Pelotas a partir de 1840. Consegui perceber que os hotéis que foram sendo abertos na cidade eram importantes locais onde a sociabilidade se desenvolvia, não só por propiciarem salas para jogos, principalmente bilhares, e local para consumo de bebidas, mas por serem espaços de banquetes e festas e, posteriormente, de passeios e conversas nas suas áreas e pátios.

Pelas suas características, pude perceber que os hotéis se assemelhavam aos cafés, espaços muito presentes na historiografia da sociabilidade⁵⁷⁰, sendo que muitas vezes eram confundidos e denominados de cafés, principalmente na década de 1840 – o *Hotel Aliança* também era conhecido por *Café de La Aliança*⁵⁷¹ e o *Hotel dos Emigrados* por *Café dos Emigrados*⁵⁷².

Durante o período que pesquiso, só consegui identificar um café, o *Café e Bilhar Pelotense*, localizado na rua de S. Miguel [atual XV de Novembro], com “dois magníficos bilhares”⁵⁷³. Em 1864 este café estava sendo leiloado e, após essa data, nem ele e nem outros cafés foram

⁵⁷⁰ Posso citar os trabalhos de: GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Civilidad y Política en los Origenes ...* Op. Cit.; GAYOL, Sandra. *Sociabilidad en Buenos Aires. Hombres, honor y cafés, 1862-1910*. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2000; LOUSADA, Maria Alexandre. *A Rua, a Taberna e o Salão ...* op. cit.; BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ...* Op. cit.; entre outros.

⁵⁷¹ O Rio-Grandense, terça-feira, 02.11.1847, p. 4, n. 239, ano III. Anúncios. Rio Grande.

⁵⁷² O Rio-Grandense, terça-feira, 26.10.1847, p. 4, n. 236, ano III. Anúncios. Rio Grande.

⁵⁷³ Diário do Rio Grande, domingo, 20.11.1864, p. 3, n. 4778, ano XVII, Leilões. Rio Grande.

identificados⁵⁷⁴. Também obtive uma referência sobre um “café cantante”, onde também o jogo era uma das atividades principais⁵⁷⁵.

Posso supor, então, que os hotéis em Pelotas substituíram os cafés em suas funções de locais de venda de bebidas e jogos, mesmo não sendo seu principal objetivo, que era o da hospedagem. Conjuntamente a essas funções, os hotéis também foram utilizados como espaços de banquetes e festas, de apresentações e de passeio, como será visto no decorrer deste capítulo.

Conforme já afirmei, considero os hotéis espaços intermediários (semiformais) de sociabilidade, pois apresentam, concomitantemente, características formais e informais. Os hotéis eram espaços públicos, mas que pertenciam a um proprietário, possuíam normas de funcionamento que restringiam a entrada de algumas pessoas, quer pelo preço do que ofereciam (bebidas e comidas), quer pela exigência de um padrão de apresentação (nome, conhecimento, cargo). Além disso, havia limites no seu uso: limites temporais (horários de abertura e fechamento) e comportamentais (não correr, não entrar com animais, por exemplo); por outro lado, a sua frequência estava, em princípio, condicionada a um consumo.

O hotel era um local que apelava à convivialidade, consubstanciada na conversação, na alimentação e nos jogos, possibilitando uma sociabilidade fluída e formal, favorecendo o contato entre os pelotenses e entre estes e os viajantes. Os hotéis eram, muitas vezes, locais de encontro fortuito, efêmero e relativamente anônimo. No entanto, tais estabelecimentos possuíam salas e salões reservados para banquetes, apresentações e jogos, sendo que seu espaço era, simultaneamente, um espaço social de relação, que, além da clientela de passagem, podiam originar a criação de grupos; onde os rituais de sociabilidade, fossem a

⁵⁷⁴ Isto não significa que o café não funcionou mais, ou que não existiram outros cafés, somente que, nas fontes jornalísticas de que eu dispus, não foram mais identificados.

⁵⁷⁵ Diário do Rio Grande, domingo, 10.05.1863, p. 2, n. 4322, ano XVI. Correspondências. Rio Grande.

conversação, o jogo ou a alimentação, transcorriam em um ambiente com uma certa intimidade e exclusivismo, um lugar de ver e ser visto e de frequência entre “iguais”.

O hotel era um local público. No entanto, a sua frequência pressupunha a existência de tempo livre e de condições financeiras, condições essas que acentuavam a conspicuidade dessa prática.⁵⁷⁶

Por isso os hotéis foram espaços de sociabilidade das elites. Na cidade de Pelotas coexistiram hotéis com tabernas e casas de pasto. As tabernas e casas de pasto eram espaços populares de sociabilidade enquanto que os hotéis representavam um ambiente de consumo mais requintado, de origem burguesa, pela qualidade de seus serviços e pelo ambiente “decente”. Como afirma Maria Alexandre Lousada, a frequência nesses espaços era ditada por diferentes razões ligadas “ao preço, à qualidade dos gêneros servidos, ao ambiente material e a diferentes necessidades que, conjugadas, explicam os vários significados sociais, a geografia e os ritmos horários de frequência”.⁵⁷⁷

A palavra hotel é de origem francesa e, durante o Ancien Regime foi utilizada para designar um tipo de habitação. Os *hôtels* eram as residências urbanas habitadas pela nobreza cortesã, na sua configuração e ornamentação representavam a posição social de seu habitante. Segundo Elias “‘Hôtel’ é a denominação para casas da mais alta aristocracia de corte.”⁵⁷⁸ Posteriormente os edifícios públicos ou privados de um certo lugar, que eram suntuosos e imponentes em relação aos demais, passaram a ser denominados hotel.

Aristocratas, altos funcionários e embaixadores residiam em *hôtels*; os grandes senhores alugavam quartos ou o hotel inteiro quando se ausentavam; as famílias herdeiras europeias alugavam seus palácios, parcial

⁵⁷⁶ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ...* Op. cit., p. 59.

⁵⁷⁷ LOUSADA, Maria Alexandre. *A Rua, a Taberna e o Salão ...* op. cit., p. 109.

⁵⁷⁸ ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.* (Tradução de Pedro Sússekind). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 75.

ou totalmente, para grupos, famílias, bem como para eventos sociais. Desse modo, por extensão, a denominação hotel aplicou-se às casas que alugavam temporariamente quartos mobiliados ao público e que pretendiam, com essa denominação, destacar a excelência das instalações e a qualidade dos serviços, proporcionando uma estadia similar à encontrada nas mansões senhoriais. Posteriormente a palavra tornou-se mais popular, designando qualquer estabelecimento que alugasse quartos. Porém, a ideia de hotel sempre esteve ligada ao luxo e ao conforto.

Neste capítulo discuto os hotéis não enquanto estabelecimentos voltados ao serviço de hospedagem, mas enquanto espaços de sociabilidade urbana e propícios para os relacionamentos interpessoais, favoráveis à vivência da sociabilidade nas suas mais diversas formas. Assim, busco responder as seguintes questões: Os hotéis podiam ser considerados espaços de sociabilidade da elite pelotense do século XIX? Quais atividades recreativas eram desempenhadas nos mesmos? Tal espaço foi se ampliando ou perdendo lugar no decorrer do período estudado?

Para a análise dos hotéis, enquanto espaços de sociabilidade da elite pelotense, procurei identificar seus nomes, data de abertura e fechamento, proprietários, localização e atividades desenvolvidas. Tive algumas dificuldades semelhantes às enfrentadas na identificação das sociedades, como a data de abertura e fechamento dos estabelecimentos e, para um hotel, o nome do proprietário. Diferentemente das sociedades, a localização dos hotéis estava sempre anunciada nos jornais. Isso se deve ao fato de os hotéis servirem, basicamente, para viajantes, os quais não são da cidade. Já os anúncios das sociedades eram destinados para seus sócios, que já sabiam onde era seu salão de baile.

As questões foram respondidas com as informações obtidas nos jornais e em alguns relatos de viajantes, pois não encontrei nenhuma outra documentação que abordasse os hotéis desse período. Busquei o registro dos hotéis na Junta Comercial de Porto Alegre, porém, não encontrei a

documentação de nenhum dos abordados aqui. A maioria deles fechou no século XIX. Apenas o Hotel Aliança se manteve em funcionamento até o final da década de 60 do século XX.

Os anúncios foram os textos jornalísticos que mais deram informações sobre os hotéis, quando, na maioria das vezes, anunciavam a sua abertura. Ressalto que esse tipo de texto é pago. Deles obtive informações sobre a data de abertura e finalização das atividades, quando anunciavam a venda ou leilão do estabelecimento, localização, proprietários, serviços oferecidos e atividades desenvolvidas nas suas salas e salões.

Além dos anúncios, os comentários e as crônicas foram os outros textos jornalísticos que me deram alguma informação sobre os hotéis, apesar de serem em menor número. Neles, o cronista fazia uma análise e avaliação das atividades que eram desenvolvidas nesses espaços ou tecia comentários sobre as características do hotel ou do proprietário. Tais textos eram representações do acontecido, pois traziam a marca do seu autor, impondo, ou buscando impor a sua concepção de mundo.

Outra fonte consultada foram os relatos de viajantes. Poucos foram os viajantes que descreveram e/ou se hospedaram nesses locais. No período que pesquiso era comum a hospedagem dos viajantes em casas particulares. Assim é que Auguste de Saint-Hilaire, durante sua estada em Pelotas, foi hospedado na charqueada de Antônio José Gonçalves Chaves e o Conde D'Eu foi recebido na casa urbana da família Ribas⁵⁷⁹.

Dos viajantes que estiveram em Pelotas no século XIX, dois deles se hospedaram e/ou fizeram comentários sobre os hotéis. Hermann Blumenau

⁵⁷⁹ A hospedagem gratuita de pessoas ilustres, nas casas de famílias, representava a hospitalidade baseada em interesses materiais, políticos e no desejo de aumentar o prestígio do dono da casa. A hospedagem dos viajantes estrangeiros era motivo de orgulho para os brasileiros, por serem cientistas, ou somente por serem estrangeiros e terem vindo de famosas nações do mundo. PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil*. Hóspedes, Hospedeiros e Viajantes no Século XIX. São Paulo: Manole, 2001. Também considero que a hospedagem em casas de família, principalmente de "viajantes" ilustres, era uma prática comum, pela inexistência de hotéis e demais casas de hospedagem, principalmente na primeira metade do século XIX, aliado às precárias condições estruturais, de higiene e atendimento das existentes.

descreve uma noite passada na “*casa de hospedagem Claussen*”⁵⁸⁰, em 1846 e Michael Mulhal, que esteve na região no início da década de 1870, relatou que se hospedou no *Hotel Europa*, “que [era] dirigido por um português gordo, com seis empregados indolentes”⁵⁸¹ e destacou a excelência de uma estalagem francesa:

A cerca de dez milhas da cidade, a estrada divide-se em duas direções: uma para Jaguarão e a outra para os (Três) Cerros. Neste lugar, há uma excelente estalagem de beira de estrada, dirigida por um basco francês (dos Baixos Pirineus) e sua esposa, que com escrúpulo conservam tudo limpo. Seu filho e sua filha são os mais gentis garçons e a cozinha faz jus à boa reputação da dona da casa.⁵⁸²

O primeiro testemunho sobre os meios de hospedagem como lugares estabelecidos de reunião é de Blumenau. Em uma das cartas enviadas para seus pais no início de agosto de 1846, Blumenau relatou uma noite passada na “*casa de hospedagem do Sr. Claussen*” que além de oferecer hospedagem, já era um espaço de sociabilidade, no qual as pessoas conversavam, bebiam, ouviam música e dançavam, conforme relato do viajante:

Mais tarde ainda apareceu um grupo de jovens, fantasiados de polacos e polonesas, dançando a polca ao compasso de uma esquisita mas bonita modalidade de música, que era novidade para mim: uma pequena flauta com acompanhamento de pandeiro. Após os outros terem ainda ‘champanhado’ vastamente e eu meditado sobre os meus planos para o dia seguinte, fomos dormir.⁵⁸³

A primeira observação a ser destacada é o início dessa atividade na cidade. Posso dizer que as “casas de hospedagem” começaram a ser instaladas em Pelotas na década de 1840, principalmente após a Revolução Farroupilha, pois as informações remetem para a abertura do *Hotel*

⁵⁸⁰ BLUMENAU, Hermann. Correspondência do Dr. Blumenau. *Blumenau em Cadernos*. Tomo VI, nos. 3-4. Blumenau, 1963.

⁵⁸¹ MULHAL, Michael G.. *O Rio Grande do Sul e suas Colônias Alemãs*. (Tradução de Euclides Santos Moreira e Revisão de Rosaura Eichenberg). Porto Alegre: Bels/ Instituto Estadual do Livro, 1974, p. 131.

⁵⁸² MULHAL, Michael G.. *Idem*, p. 135.

⁵⁸³ BLUMENAU, Hermann. Correspondência do Dr. ..., op. cit., p. 56.

*Aliança*⁵⁸⁴ em 1843 e para a existência da “*casa de hospedagem do Sr. Claussen*”⁵⁸⁵ em 1846.

Posso considerar que, antes disso, as casas de hospedagem eram quase inexistentes no Brasil, pois em todo o país era difícil para os viajantes obterem acomodações durante suas viagens. Tal constatação está baseada no relato de George Gardner, que esteve no Brasil entre 1836 e 1841, e afirmou que, na maioria das cidades e vilas do Império, não se encontrava nenhuma “estalagem de qualquer espécie, e as poucas que [havia] pertenc[iam] a estrangeiros” e que, quando os brasileiros viajavam “leva[vam] consigo criados, provisões, apetrechos de cozinha e camas”⁵⁸⁶.

Além dessas duas casas, dois outros hotéis já estavam em funcionamento no final da década: o *Hotel dos Emigrados*⁵⁸⁷ e o *Hotel Godefroy* ou *Casa da Sotéa*⁵⁸⁸. Traçando um quadro da abertura (existência) dos hotéis por décadas⁵⁸⁹, temos, na década de 1850, a abertura de mais três hotéis: o *Hotel Moreau*, o *Hotel do Mr. Remy* e o *Hotel do Comércio*. O *Hotel Moreau* abriu em 2 de agosto de 1853⁵⁹⁰, sendo que seu proprietário já possuía um hotel com o mesmo nome em Rio Grande.

⁵⁸⁴ Um anúncio publicado no jornal “Diário de Pelotas” de 18 de janeiro de 1885 informa que o hotel foi fundado em 1843. Porém, somente encontrei referências sobre o mesmo em 1847, no jornal de Rio Grande “O Rio-Grandense”. Paulo Duval também afirma que o hotel foi fundado em março de 1843. DUVAL, Paulo. Apontamentos sobre o Teatro no ... Op. Cit..

⁵⁸⁵ BLUMENAU, Hermann. Correspondência do Dr. ... op. cit..

⁵⁸⁶ GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975. Citado por CAMARGO, Haroldo Leitão. *Uma Pré-História do Turismo no Brasil. Recreações Aristocráticas e Lazeres Burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph, 2007. (Série Turismo), p. 162.

⁵⁸⁷ A primeira referência ao *Hotel dos Emigrados* é de um anúncio de julho de 1847 no qual Francisco Juncosa da Nanbru Catalar, “recém chegado do Estado Oriental” participa que vai estabelecer uma casa de dança no hotel. (O Rio-Grandense, sábado, 03.07.1847, p. 4, n. 200, ano III. Anúncios. Rio Grande).

⁵⁸⁸ A primeira referência ao *Hotel Godefroy* se dá quando seu proprietário, Luiz Godefroy, pretende vendê-lo, em agosto de 1848. (O Rio-Grandense, terça-feira, 08.08.1848, p. 4, n. 348, ano IV. Anúncios. Rio Grande). Antes dessa data, o hotel já funcionava, porém é difícil estabelecer seu tempo de funcionamento, uma vez que os hotéis em Pelotas no século XIX abriam e fechavam em pouco tempo, muitas vezes permanecendo abertos em tempo menor que um ano. MÜLLER, Dalila. *A Hotelaria em Pelotas ... Op. Cit.*, p. 84.

⁵⁸⁹ Ver Apêndice 16 Características dos Hotéis Existentes em Pelotas (1840-1870).

⁵⁹⁰ Diário do Rio Grande, 31.07.1853, p. 4, n. 1392, ano VI. Anúncios. Rio Grande.

Em 1852 há uma referência ao hotel do Mr. Remy (Remy Abadie)⁵⁹¹ embora, a partir de 1856, os jornais façam referência ao *Hotel do Comércio*, no mesmo local e com o mesmo proprietário. Porém, no dia 28 de agosto de 1853 abre o *Hotel do Comércio* em Pelotas em endereço diferente e sem referência ao proprietário⁵⁹². Desse hotel, a última reportagem é do mesmo ano.

Já na década de 1860 mais três hotéis foram abertos. O *Hotel Nova Aliança* foi aberto em novembro de 1862⁵⁹³ e o *Hotel da Europa* em novembro do ano seguinte⁵⁹⁴. Há ainda a referência, em 1864, ao *Hotel do Triunfo*, porém estava sendo leiloado na data⁵⁹⁵.

Temos assim, no final da década de 1840 a presença de 3 hotéis, na década de 1850 temos 5 hotéis em funcionamento e na década seguinte, 5 hotéis estavam disponíveis na cidade. Os números podem não parecer significativos. Mas, comparando-os com outras regiões do Brasil no mesmo período, observa-se que a cidade de Pelotas, mesmo sendo uma cidade do interior, não estava atrás de cidades como São Paulo. O *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o Ano de 1849* relacionava 11 hotéis na Corte. Já para São Paulo, o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo – 1858* indicava seis deles.⁵⁹⁶

Comparando a população do Rio de Janeiro com a população de Pelotas no mesmo período, é possível dizer que Pelotas possuía um grande número de hotéis em relação à sua população. O Rio de Janeiro tinha uma população de aproximadamente duzentos mil habitantes por volta de

⁵⁹¹ As primeiras informações desse hotel não identificavam sua denominação comercial. O *Pelotense*, sexta-feira, 04.06.1852, p. 2, n. 87, ano II. Anúncios. Pelotas.

⁵⁹² *Diário do Rio Grande*, sexta-feira, 26.08.1853, p. 4, n. 1413, ano VI. Anúncios.

⁵⁹³ *Diário do Rio Grande*, sexta-feira, 05.12.1864, p. 4, n. 4196, ano XV. Anúncios.

⁵⁹⁴ *Diário do Rio Grande*, sábado, 28.11.1863, p. 4, n. 4488, ano XVI. Anúncios.

⁵⁹⁵ *Diário do Rio Grande*, domingo, 13.03.1864, p. 3, n. 4573, ano XVII. Leilões.

⁵⁹⁶ PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo ...* Op. cit., p. 161.

1840⁵⁹⁷ enquanto que Pelotas possuía uma população de 6.064 indivíduos em 1846 e de 10.757 pessoas em 1858⁵⁹⁸.

Houve circunstâncias que influenciaram positivamente o surgimento de hotéis na cidade de Pelotas. Com a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835, a população de Pelotas diminuiu consideravelmente. Porém, começou a aumentar antes mesmo do término da Revolução, por volta de 1843, coincidindo com o declínio da mesma. Esse aumento se deu pelos antigos moradores que retornaram e pela chegada de imigrantes, principalmente europeus, uruguaios e argentinos.

Alguns indícios mostram que Pelotas retomou seu crescimento econômico mesmo antes do término da Revolução, pois em 1841 instalaram-se, em seu espaço urbano, fábricas, casas comerciais e de hospedagem; em 1844 a Câmara Municipal reiniciou suas atividades, que haviam sido suspensas em fevereiro de 1836.

A reativação das charqueadas, a instalação de fábricas e casas comerciais e o aumento da população demonstra que a cidade estava retomando seu desenvolvimento econômico, urbano e social e necessitava de espaços para a hospedagem de pessoas que vinham para a cidade, seja em função das charqueadas, como peões, tropeiros e estancieiros, seja em função de outras atividades, como artistas de teatro, profissionais liberais, modistas⁵⁹⁹. Afora a hospedagem, os hotéis eram locais mais sofisticados que as casas de pasto e bodegas para o consumo de álcool e para o jogo, principalmente o bilhar.

Essa atividade comercial tinha como proprietários estrangeiros europeus. Os primeiros deles foram alemães, franceses, italianos e espanhóis.

⁵⁹⁷ Haroldo Camargo considera que o Rio de Janeiro tinha um número muito reduzido de hotéis e casas de pasto para a grande clientela de estrangeiros, para o grande número de viajantes em trânsito e para os nacionais, dado o caráter de atração da Corte. CAMARGO, Haroldo L. *Uma Pré-História do Turismo ...* op. cit., p. 272.

⁵⁹⁸ MUNICÍPIO DE PELOTAS. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1926 pelo Intendente Dr. Augusto Simões Lopes*. Pelotas: Livraria do Globo, 1926.

⁵⁹⁹ Para conhecimento dos principais hóspedes dos hotéis ver MÜLLER, Dalila. *A Hotelaria em Pelotas ...* op. cit.

Posso dizer que os alemães foram os primeiros estrangeiros que instalaram casas de hospedagem em Pelotas, pois os dois primeiros estabelecimentos identificados – *Casa de hospedagem Claussen* e *Hotel Aliança* – tinham como proprietários imigrantes alemães.⁶⁰⁰

A presença francesa e italiana era muito forte, seguida de um hotel cujos proprietários eram espanhóis. Os espanhóis não possuem uma tradição na propriedade de hotéis. A propriedade de estrangeiros, principalmente franceses, também era uma característica dos hotéis nas cidades mais importantes do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo.⁶⁰¹

Analisando a presença estrangeira na cidade de Pelotas, pode-se dizer que os estrangeiros não portugueses começaram a chegar à cidade antes mesmo do término da Revolução Farroupilha. Conforme já demonstrei, Klaus Becker identificou a chegada de estrangeiros em Pelotas a partir de 1844, entre eles os alemães, os franceses, os italianos, os espanhóis, os uruguaios e os argentinos, os quais foram responsáveis pela abertura de novos estabelecimentos industriais, pelo oferecimento de novos serviços e de atividades liberais, entre eles os hotéis.

A constante presença de estrangeiros na hotelaria pode ser explicada por alguns aspectos. Os brasileiros possuíam um preconceito em relação aos serviços, pois, nas condições sociais do período, servir ou empreender esses serviços era indigno de homens brancos, pois era considerada uma atividade para escravos. Sobre os não-brasileiros não pesava o preconceito quanto a esse tipo de trabalho, além de dominarem o conhecimento e a prática adquirida, na maior parte em empreendimentos familiares, em seus países de origem.⁶⁰²

⁶⁰⁰ Ver Apêndice 17 Características dos Proprietários dos Hotéis Existentes em Pelotas (1840-1870).

⁶⁰¹ PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo ...*, Op. cit., p. 162.

⁶⁰² CAMARGO, Haroldo L. *Uma Pré-História do Turismo ...* op. cit., ps. 107 e 167-8.

No Brasil do século XIX, conforme o relato de viajantes, a hospedagem estrangeira apresentava um serviço de melhor qualidade, se comparada com as outras cujos proprietários eram brasileiros.⁶⁰³

A qualidade de alguns hotéis também foi destacada pelos comentaristas e cronistas dos jornais. O *Hotel Aliança*, a partir de uma reforma no seu prédio no ano de 1857, apresentava o “*confortable* unido á elegância”, rivalizando com o “*fashionable* hotel do Rio Grande”; não ficando para trás o *Hotel do Comércio*, que achava-se “também com todas as proporções necessárias, para o bom tratamento do público; neste estabelecimento o asseio rivaliza[va] com o bom gosto, e a prova bem patente desta verdade, [era] a concorrência que [tinha], e os favores que [recebeu] dos seus numerosos e distintos fregueses”⁶⁰⁴. Isso demonstra que os hotéis possuíam serviços de boa qualidade e que seus proprietários buscavam a melhoria, tanto estrutural como de atendimento, dos seus estabelecimentos.

Com a ausência de mão-de-obra para serviços, os proprietários possuíam ou alugavam escravos. O *Hotel dos Emigrados* possuía uma “preta perfeita cozinheira”; o *Hotel Godefroy* tinha para vender, na ocasião de seu anúncio de venda, “um negro cozinheiro, um moleque bom para qualquer serviço de mesa, uma negra engomadeira boa para mucama, uma dita lavadeira e engomadeira, uma negrinha de 12 anos e um moleque de 2 anos e meio”; o *Hotel do Triunfo* estava vendendo em leilão “um pardo alfaiate de 24 anos de idade, 1 dito dito de 26 anos de idade”. Os hotéis, estando inseridos numa sociedade escravocrata, também utilizavam-se de escravos para seus serviços, como diz Haroldo Camargo, “não havia como escapar ao sistema”⁶⁰⁵.

Os hotéis localizavam-se entre as ruas do Padeiro [atual Dr. Cassiano] e do Poço [atual Sete de Setembro] e entre as ruas Alegre [atual Gonçalves

⁶⁰³ PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo ...* Op. cit., p. 148-9.

⁶⁰⁴ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 11.02.1857, p. 2, n. 2433, ano X. Semanário Pelotense XIII. Rio Grande.

⁶⁰⁵ CAMARGO, Haroldo L. *Uma Pré-História do Turismo ...* Op. cit., p. 272.

Chaves] e Augusta [atual Gen. Osório], o que demonstra que, pelo menos no primeiro momento⁶⁰⁶, estavam concentrados, conforme pode-se verificar na Figura 6 e no Apêndice 16. Essas eram as principais e mais importantes ruas da cidade⁶⁰⁷. Em algumas se localizavam as residências ricas, em outras, principalmente na rua do Comércio [atual Félix da Cunha] e na rua de S. Miguel [atual XV de Novembro], localizavam-se as casas comerciais.

⁶⁰⁶ No decorrer da segunda metade do século XIX os hotéis começam a se espalhar pela cidade, distribuindo-se, além da área central, nas ruas próximas ao Mercado Público, ao Porto, à Estação Férrea e à Praça das Carretas. À medida que eles se localizam em outros pontos, sua clientela também vai variando. Para verificar a localização e os hóspedes dos hotéis durante todo o século XIX ver MÜLLER, Dalila. *A Hotelaria em Pelotas ...* Op. cit.

⁶⁰⁷ O primeiro plano urbano da freguesia de São Francisco de Paula foi realizado em 1815. Esse primeiro loteamento possuía quarteirões demarcados em forma de tabuleiro e se deu na forma de paralelogramo inclinado, com 19 ruas largas e retas, 12 norte-sul; o loteamento foi ampliado em 1834, com 15 novas ruas para a direção sul e em 1858, na direção do norte, formando o bairro da Luz, onde já havia uma igreja. GUTIERRES, Ester J. B. *Barro e Sangue: ...* Op. cit. e MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província ...* Op. cit.

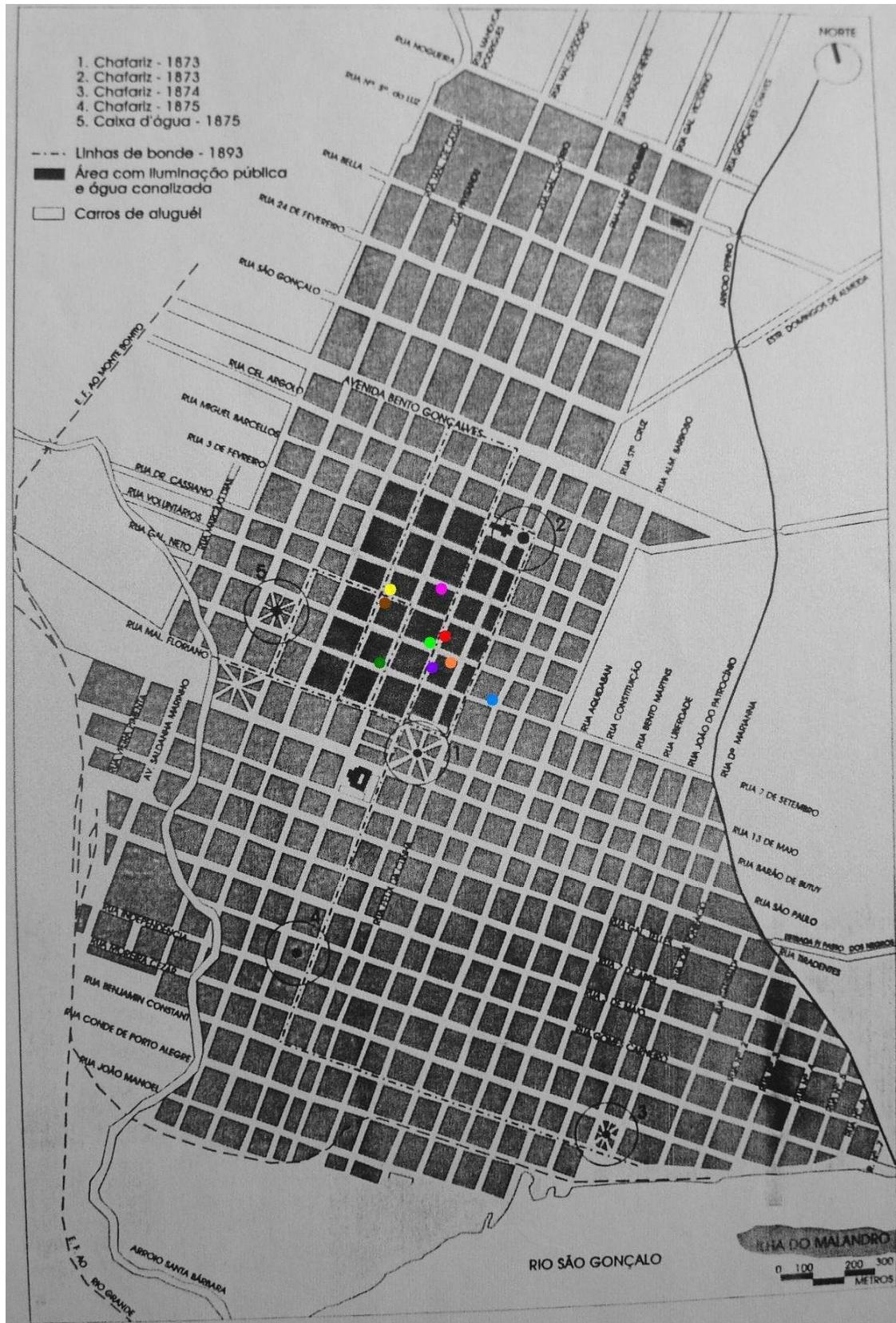


Figura 6 – Localização (aproximada) dos Hotéis na Cidade de Pelotas (1840-1870).

Fonte: GUTIERREZ, Ester J. B. Barro e Sangué. ... Op. Cit., p. 264.

Legenda: ● H. Aliança; ● H. do Comércio; ● H. dos Emigrados; ● H. da Europa; ● H. Moreau; ● H. Nova Aliança; ● H. Godefroy; ● H. do Triunfo; ● H. do Comércio (Mr. Remy)

Comprova-se um desenvolvimento mais importante dos hotéis em torno das principais vias de circulação [dos eixos principais da cidade] que coincidiam com o centro econômico, religioso, cultural e social da cidade. Tais hotéis se estabeleceram onde havia maior concentração populacional. A sua localização permite pensar que estavam integrados ao desenvolvimento da cidade, ficando localizados no centro de maior circulação de pessoas.

Essas ruas, além de casas comerciais, abrigaram também as primeiras confeitarias⁶⁰⁸, o primeiro gabinete de leitura⁶⁰⁹ e foram as ruas por onde passavam as procissões religiosas e os desfiles civis. É importante salientar que as ruas norte-sul, principalmente as ruas do Comércio [atual Felix da Cunha], S. Miguel [atual XV de Novembro] e da Igreja [atual Anchieta], ligavam a praça principal da cidade à igreja matriz, sendo que na maioria das vezes esses dois locais eram utilizados para uma mesma comemoração.

Os hotéis também se localizavam próximos aos lugares de poder, como a Casa da Câmara. A localização geográfica confirma a correspondência entre a sociabilidade dos hotéis com a atividade econômica, política e cultural e é um indício do tipo de clientela que eram suscetíveis de receber. Posso sugerir que os adeptos desse tipo de espaço de sociabilidade, além dos viajantes, eram os homens de negócio, os responsáveis pela administração municipal, ou seja, eram os que detinham o poder econômico e político que transitavam por esses espaços.

As ruas onde se localizavam os hotéis eram aquelas das casas de comércio, onde a população passeava olhando as lojas. Já na década de 1820, Nicolau Dreys observou tal hábito:

⁶⁰⁸ Em 1859 a “Confeitaria do Tio Mascarenhas” localizava-se na rua XV de Novembro. (Diário do Rio Grande, domingo, 18.09.1859, p. 2, n. 3203, ano XII. Anúncios. Rio Grande.); em 1861 havia uma confeitaria na rua Sete de Setembro (Noticiador, sábado, 23.11.1861, p. 4, n. 800, ano VIII. Anúncios. Pelotas.); e, em 1863 a “Confeitaria de Mattos & C.” localizava-se na rua Andrade Neves. (Diário do Rio Grande, quinta-feira, 19.02.1863, p. 3, n. 4256, ano XVI. Anúncios. Rio Grande.).

⁶⁰⁹ Em junho de 1853 foi inaugurado o gabinete de leitura de Joaquim Ferreira Nunes, à rua Félix da Cunha. (Diário do Rio Grande, sexta-feira, 27 e sábado, 28.05.1853, p. 3, n. 1342, ano VI. Anúncios. Rio Grande.).

[...] nos domingos e dias santos, a população das charqueadas ajunta-se na cidade para assistir ao serviço divino e depois se espalha em visitas recíprocas ou em procura das fazendas que as lojas ostentam com igual asseio e abundância, é difícil fazer-se uma idéia de ar de vida e de opulência que respira então a cidade de Pelotas.⁶¹⁰

Entre os frequentadores dos hotéis também poderiam estar as famílias que passeavam pelas principais ruas em busca de produtos para comprar ou simplesmente para verem e serem vistas. Na caminhada poderiam chegar aos hotéis para um almoço, um café ou um refresco.

Porém, de maneira geral, o público dos hotéis era tipicamente masculino, pois as mulheres só vão participar quando os proprietários inovam os seus serviços. Assim, as discussões acaloradas entre os homens cederiam lugar a um momento de entretenimento misto, onde a conversação desinteressada e a recreação se impunham ao conteúdo do intercâmbio. Desse modo, a clientela dos estabelecimentos seria “verossimilmente a dos passeios, a busca de novos momentos de distração”⁶¹¹.

Visando atender seus frequentadores, os hotéis, além da hospedagem, diversificaram suas atividades, através do oferecimento de espaços para jogos, venda de bebidas e alimentação, ceias e banquetes.

Uma das principais atividades dos hotéis no período foi a reunião dos homens para jogarem, principalmente, o jogo de bilhar. Disso nos dá prova a existência de bilhares em quase todos os hotéis identificados (apenas no *Hotel da Europa* não consegui identificar se existiam ou não bilhares). A importância dos bilhares pode ser confirmada pelo destaque dado aos mesmos em todos os anúncios e pela preocupação em disponibilizar locais adequados para o jogo. Cito como exemplo a reforma feita no *Hotel Aliança* que dava ênfase para a sala de bilhares: “está se edificando um lindo sobrado para este fim, [com] espaçosas salas para bilhares”.⁶¹²

⁶¹⁰ DREYS, Nicolau. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro*. Rio de Janeiro: J. Villeneuve & Comp., 1839, p. 112.

⁶¹¹ GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Civilidad y política en los Origenes ...* op. cit., p. 267.

⁶¹² Diário do Rio Grande, quarta-feira, 11.02.1857, p. 2, n. 2433, ano X. Semanário Pelotense XIII. Rio Grande.

Posso dizer que os jogos, principalmente os bilhares, foram as primeiras atividades recreativas disponibilizadas pelos hotéis. Nestes locais se realizavam encontros frequentes entre uma clientela mais ou menos assídua ou ocasional, do sexo masculino, em torno ao jogo, onde além de jogarem, os homens conversavam e consumiam bebidas alcoólicas.

Surgida na Europa em fins da Idade Média, a sala de bilhar foi acrescentada nas mansões particulares francesas do século XIX, atestando uma vida mundana permanente e o luxo permitido por consideráveis possibilidades financeiras.⁶¹³ Inicialmente restritas aos palácios e residências elegantes, as salas de bilhares multiplicaram-se e popularizaram-se no decorrer do século XIX.

Em Pelotas, o bilhar já era um jogo presente na cidade no início da década de 1830. Alberto Coelho da Cunha informou que em 1832 existiam seis salas de bilhares públicos na cidade, considerado por ele uma “coisa suntuosa”⁶¹⁴. O jogo era um divertimento bastante apreciado não só pela população de Pelotas, como pelos demais moradores da Província. John Luccock, no início do século XIX, observou um significativo movimento nos bilhares rio-grandinos.

Alguns bilhares nos hotéis não estavam disponíveis para o público, mas somente para os “assinantes” do mesmo, o que demonstra que a sua clientela era assídua. Era uma forma de restringir a participação de “qualquer pessoa”. Quando não era destinada para os assinantes, a sua utilização para recreio público era mediante o pagamento por hora de jogo, variando se seu uso fosse durante o dia ou à noite, conforme o anúncio a seguir:

HOTEL MOREAU. Tendo muitas pessoas manifestado o desejo de se divertirem no bilhar d'este estabelecimento, o proprietário do mesmo, grato á preferência que essas pessoas lhe concedem, anuncia que d'ora em diante o bilhar está á disposição do publico,

⁶¹³ GUERRAND, Roger-Henri. Espaços Privados. In: PERROT, Michelle et. al.. *História da Vida Privada*. (Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 325-411. v.4, da Revolução Francesa à Primeira Guerra, p. 343.

⁶¹⁴ CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas, n. 64. ... Op. cit..

ficando de nenhum efeito a assinatura que anteriormente concedia a poucos, o direito de se divertirem. O preço é de 500 rs por hora, durante o dia; de noite 640. O jogo de paus é por partidas.⁶¹⁵

Observa-se que, além dos bilhares, também se jogavam cartas nos hotéis. À medida que novos hotéis foram se estabelecendo na cidade também foram se diversificando os tipos de jogos. Jogos de bola à italiana, francesa e alemã estavam disponíveis no Hotel Garibaldi; dominó, xadrez, cartas e jogo de bagatela eram jogados no Hotel de Gênova; ou ainda, jogos de tiro ao alvo, do sapo, da argolinha, roda da fortuna e outros, espingardas de salão eram jogados no Hotel das Quatro Nações⁶¹⁶.

O jogo era admitido desde que não envolvesse apostas de grandes quantias, se destinasse apenas para a recreação, fosse realizado em residências honradas e não se caracterizasse como atividade permanente e meio de sobrevivência.⁶¹⁷

Além das salas de bilhares, os hotéis foram os primeiros, juntamente com o Teatro Sete de Abril, a oferecer espaços para a realização dos bailes de máscaras em Pelotas. Observa-se que essa atividade recém estava se desenvolvendo na cidade, não obtendo ainda grande concorrência, principalmente nos hotéis.

Na década de 1850, quando se introduzem esses bailes na cidade, os anúncios dão conta de apenas um hotel que oferecia este tipo de atividade. Nas décadas seguintes, principalmente depois de 1870, os bailes começam a se tornar mais frequentes nesses espaços.

Tais bailes de máscaras não eram realizados somente no mês de fevereiro, mês tradicional do carnaval, mas durante todo o ano. O proprietário do *Hotel do Comércio* convidava para um baile de máscaras no final do mês de outubro, no salão na parte de baixo do hotel. Os

⁶¹⁵ O Pelotense, quarta-feira, 08.11.1853, p. 4, n. 259, ano III. Anúncios. Pelotas.

⁶¹⁶ MÜLLER, Dalila. *A Hotelaria em Pelotas ... Op. Cit.*

⁶¹⁷ CAMARGO, Haroldo L. *Uma Pré-História do Turismo ... Op. cit.*

proprietários também deveriam obter licença do delegado de polícia para a realização destes bailes.⁶¹⁸

Essa prática – bailes de máscaras – era copiada dos festejos italianos e franceses e, posso supor que, pelo fato de os hotéis serem de imigrantes desses países, eles tenham tido a primazia no oferecimento de espaços para a atividade.

Porém, não percebi um grande sucesso na atividade, pelo menos a imprensa não disponibilizou um espaço muito grande para comentários sobre os bailes nos hotéis, diferentemente da forma como o disponibilizava para os banquetes ou os bailes nas sociedades, descrevendo-os com riqueza de detalhes.

Posso dizer que a prática era uma novidade para a cidade e que a população não estava acostumada a essas variações nas atividades destinadas para comemorar o Momo, habituada que estava com o entrudo, que aos poucos foi sendo banido dos costumes pelotenses. O redator do jornal *O Pelotense*, de Pelotas, considerou o baile de máscaras um costume de cidades mais adiantadas e desejava que “de todo desaparecessem os velhos preconceitos de que ainda nos ressentimos”⁶¹⁹.

De fato, esses folguedos de origem europeia, mas não portuguesa, representavam:

uma nova maneira mais 'civilizada' de festejar, de origem citadina burguesa, que se exprimia em desfiles ou préstitos realizados pelas sociedades carnavalescas, que percorriam as ruas e praças principais da cidade e em bailes masqué (quando se usava não só fantasia mas também máscaras) realizados nos salões de hotéis, teatros ou clubes.⁶²⁰

A introdução dos bailes de máscaras, com a utilização de máscaras e fantasia e o pagamento da entrada, aumentava os custos em torno da

⁶¹⁸ *O Pelotense*, sexta-feira, 28.10.1853, p. 4, n. 252, ano III. Anúncios. Pelotas.

⁶¹⁹ *O Pelotense*, sábado, 29.01.1853, p. 2-3, n. 166, ano III. Pelotas.

⁶²⁰ SIMSON, Olga R. de M. Von. *A Burguesia se diverte no reinado de Momo: sessenta anos de evolução do Carnaval na cidade de São Paulo (1855-1915)*. 1984. Dissertação (FFLCH), USP, São Paulo. Citada por BARRETO, Alvaro. *Dias de Folia. O Carnaval pelotense de 1890 a 1937*. Pelotas: Educat, 2003, p. 14.

nova comemoração, reduzindo drasticamente o caráter participativo da festa, proporcionado pelo entrudo, tornando-a um privilégio da elite.

Posso afirmar que, com esses imigrantes não portugueses, começa a haver uma introdução de novas formas de sociabilidade, modificando a utilização dos espaços. Isso indica que a intensificação das migrações favoreceu a transformação dos hábitos de sociabilidade da população pelotense.

Além de salas para bilhares, os hotéis disponibilizavam salas e salões para refeições, tanto para almoços e jantares como para cafés, chocolates e refrescos. Além de oferecerem “numerosos e decentes aposentos para os viajantes”, ofereciam salas com “mesas redondas e particulares” e um “sortimento de primorosos artistas culinários”⁶²¹. As refeições, inicialmente restritas à casa e ao âmbito familiar, marcadas pela comensalidade e pela atuação da mulher, foram gradativamente ganhando os espaços públicos.

Nos anúncios, o oferecimento de refeições era sempre destacado, o que demonstra a importância desses espaços nos hotéis, como se verifica nos anúncios dos jornais, como estes a seguir:

PELOTAS HOTEL DO COMMERCIO Rua Alegre canto da do Poço, sobrado. Domingo 28 de agosto de 1853. Abrir-se-á este belo estabelecimento na rua Alegre (denominada Coqueiros) canto do Poço, sobrado em que morou o Sr. Saraiva; no qual se encontrará um belo e magnífico serviço a todas as horas que os concorrentes dele precisarem, assim como decentes quartos para os Srs. viajantes tudo com o maior asseio possível. Neste dia haverá sopa de ravioli e em todos os demais, pela manhã bom café com leite, e chocolate. O proprietário espera a concorrência do publico e em particular dos seus amigos.⁶²²

PELOTAS. HOTEL NOVA ALIANÇA. JOSÉ MORENA E C. acabam de estabelecer um hotel intitulado *Nova Aliança*. Na rua Augusta esquina da rua da Horta onde se encontrará excelentes quartos para hospedaria; verdadeira cozinha italiana; ótimo café; bons bilhares; tudo na maior ordem, com apurado asseio e por cômodo preço.

⁶²¹ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 11.02.1857, p. 2, n. 2433, ano X. Semanário Pelotense XIII. Rio Grande.

⁶²² Diário do Rio Grande, sexta-feira, 26.08.1853, p. 4, n. 1413, ano VI. Anúncios. Rio Grande. [Grifos meus]

Esperam portanto os anunciantes a proteção publica, na certeza de que tudo envidarão para satisfazerem aos seus fregueses.⁶²³

Constato, assim, que os hotéis foram utilizados para refeições, tanto durante o dia – café e almoço, como à noite – jantares. A preocupação de alguns proprietários quanto à disponibilização de produtos variados era validada pela escolha por serviços de cozinha especializados e pelo destaque da cozinha estrangeira, que, não apenas visavam atingir os hóspedes do estabelecimento, mas, inclusive, os moradores locais que buscavam encontrar variedade e boa mesa fora do âmbito privado. Pires⁶²⁴ afirma que, para os que gozavam de melhores condições econômicas, foi se tornando um hábito almoçar e jantar nos hotéis.

Esse hábito proporcionou o agrupamento e a conversação entre as pessoas que compartilhavam o espaço para reuniões políticas e formação de sociedades e clubes, durante todo o século XIX. Cito como exemplo a formação da *Sociedade Italiana Unione e Philantropia*, em 1873, nas dependências do *Hotel Aliança*.⁶²⁵

A alimentação se tornou, assim, não um objeto de consumo, mas, principalmente, um instrumento, um canal de satisfação de outras necessidades dos indivíduos, que consumiam, não mais os objetos em si, mas as relações que se estabeleciam no e através do objeto. Consume-se não apenas a comida e a bebida, mas também, em um nível simbólico, a atmosfera criada naquele espaço, a diversão e as relações que ocorrem entre seus frequentadores.

Posso dizer que o sucesso no oferecimento de refeições fez com que os proprietários expandissem seus serviços abrindo restaurantes dentro dos hotéis⁶²⁶. Nesses espaços estabeleciam-se relações de sociabilidade, sendo

⁶²³ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 05.12.1862, p. 4, n. 4196, ano XV. Anúncios. Rio Grande. [Grifos meus]

⁶²⁴ Pires, Mario Jorge. *Raízes do Turismo ...* Op. cit..

⁶²⁵ MÜLLER, Dalila. *Hotelaria em Pelotas ...* Op. Cit.

⁶²⁶ Como afirma Roy Strong, o século XIX assistiu ao nascimento de um novo lugar público para se comer, o restaurante. O restaurante seria uma experiência diferente, pois rompeu o monopólio da elite no que dizia respeito à comida fina, tornando-a acessível a quem pudesse pagar por ela. Os primeiros restaurantes surgiram antes de 1789 e eram lugares onde

que a comida era um fator de integração entre os componentes de uma mesma mesa.

A especialização nas refeições fez com que os hotéis disponibilizassem espaços e oferecessem ceias e banquetes. Os banquetes e ceias, além de serem realizados nas residências das famílias abastadas da cidade⁶²⁷, começaram a ter como espaço as salas e os salões dos hotéis.

O banquete foi uma prática comum em todos os tempos. Como diz Roy Strong, desde o início, “o ato de comer em conjunto transformou uma função corporal necessária em algo muito mais significativo, um evento social”.⁶²⁸ Na Antiguidade, o banquete distinguiu os homens civilizados dos semisselvagens, e desde aquela época, “a mesa e os convidados que se reuniam em torno dela para partilhar seus prazeres podiam ser um veículo de agregação e unidade social; mas podiam também encorajar distinções sociais, separando as pessoas em categorias pela colocação dos lugares, ou, pior ainda, pela exclusão.”⁶²⁹

A participação da população da cidade nos hotéis se ampliou graças à aparição dessa nova forma de sociabilidade, que instituiu a discussão pública como objeto de encontro e que requeria um local com o serviço de comida: a ceia ou o banquete. Como afirma Pilar González⁶³⁰, essa fórmula foi adotada com muita rapidez pelos profissionais da política, a cujas necessidades se adaptaram de imediato os donos dos estabelecimentos,

as pessoas de alta sensibilidade, em resposta à nova consciência iluminista da importância da dieta, iam tomar um caldo restaurador e bem saudável. Gradualmente ampliaram seu espectro de pratos. Os restaurantes permaneceram por muito tempo um fenômeno especificamente parisiense, começando a se expandir para outras cidades só na década de 1850. STRONG, Roy. *Banquete. Uma história ilustrada da culinária, dos costumes e da fartura à mesa.* (Tradução de Sergio Goes de Paula). Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2004, ps. 243-4.

⁶²⁷ Cito como exemplo o almoço oferecido ao presidente da província por Domingos Soares Barbosa na sua residência, ao qual concorreram “muitos dos principais figurões da cidade e além destes algumas famílias”, em abril de 1851. (Diário do Rio Grande, quinta-feira, 03.04.1851, p. 2-3, n. 718, ano IV. Interior. Rio Grande). E o jantar que Gonçalves Chaves ofereceu também ao presidente da província, em janeiro de 1852. (O Pelotense, quinta-feira, 29.01.1852, p. 1, n. 32, ano II. Pelotas).

⁶²⁸ STRONG, Roy. *Banquete. Uma história ...* Op. Cit., p. 14.

⁶²⁹ STRONG, Roy. *Idem*, p. 14.

⁶³⁰ GONZÁLEZ B. de Q., Pilar. *Civilidad y Política en los Orígenes ...* Op. Cit..

que transformaram a estrutura dos hotéis, acrescentando grandes salões para os banquetes.

O êxito dos hotéis como lugares de sociabilidade urbana se explica pela inovação em seus serviços, que modificaram de maneira considerável a forma do encontro. Com o oferecimento dos banquetes, apareceu uma forma intermediária entre a conversação e a apreciação da comida.

Os banquetes e ceias foram realizados para homenagear personalidades civis, religiosas ou artísticas, ou ainda, faziam parte da programação das festas cívicas. Isso demonstra que os hotéis não eram espaços isolados de sociabilidade, mas que se integravam com outros espaços, como o teatro, a praça e as ruas. As atividades nesses espaços faziam parte das diversas programações, principalmente cívicas, realizadas na cidade. Como pode ser visto nos dois comentários realizados pelo correspondente do *Diário do Rio Grande*, o primeiro para comemorar o dia sete de setembro e o segundo para homenagear um artista:

No dia 6 ás 8 horas da noite, reuniram-se na praça da Regeneração a briosa oficialidade e mais praças do luzido batalhão de Guardas Nacionais, com a respectiva banda de música. O paço da câmara municipal brilhantemente iluminado, achava-se aberto, e debaixo do dossel ostentava se em toda gala a efígie veneranda de S. M. o Imperador. Estavam presentes o presidente da câmara e mais vereadores, a cumprimentar os quais se dirigiram aqueles oficiais; e então, diante do símbolo da paz e prosperidade do império, cantou-se o hino da independência, [...] O hino foi cantado por alguns guardas nacionais, que se distinguíam por uma faixa de fitas verde e amarela. A música foi ensaiada pelo Sr. alferes José Teixeira dos Reis, hábil pianista, que nada deixou a desejar na boa execução. Depois desta cerimônia, seguiram a referida oficialidade, guardas e povo reunido a percorrer as ruas da cidade, á luz de imensos foguetes e repetindo o hino nas esquinas: findo o qual o Exm. comandante superior e seus ajudantes de ordens soltavam os mais entusiásticos vivas, análogos á solenidade. Ás 10 horas fizeram alto em frente ao hotel da Aliança, á cuja porta entoou-se novamente o hino. Uma comissão de 4 oficiais do batalhão saiu então a receber os cidadãos que haviam sido convidados para tomar parte em uma opípara ceia.⁶³¹

Concluído o espetáculo, um numeroso concurso de gente grada, iluminada por uma infinidade de archotes, e precedida pela música

⁶³¹ Diário do Rio Grande, sábado, 16.09.1854, p. 3-4, n. 1719, ano VII. Comunicado. Rio Grande. [Grifos meus]

da orquestra, acompanharam o Sr. Arthur até o hotel do Comércio, onde uma delicada ceia estava preparada, e que se prolongou até as 3 horas da manhã, pouco mais ou menos a hora marcada para o embarque. Não menos de quatorze veículos cheios de entusiásticos apreciadores de seu talento, o foram acompanhar até a barca, e saudoso adeus lhe disseram.⁶³²

Posso dizer que essa atividade começou a utilizar os espaços hoteleiros no início da década de 1850, quando os hotéis já estavam mais organizados estruturalmente. Os primeiros banquetes realizados nos hotéis estão listados no quadro a seguir:

Quadro 6 – Primeiros Banquetes Realizados nos Hotéis – Década de 1850.

Hotel	Data	Comemoração	Organização
Hotel Aliança	06.09.1854	Independência do Brasil	Guarda Nacional.
Hotel Aliança	25.05.1857	Independência da Argentina	Argentinos residentes em Pelotas.
Hotel Aliança	06.09.1857	Independência do Brasil	
Hotel do Comércio	19.11.1857	Homenagem a um artista de teatro	Apreciadores do artista.

Fonte: Comentários e crônicas do jornal Diário do Rio Grande.

O quadro anterior mostra que os primeiros banquetes realizados nos hotéis estavam relacionados, principalmente, com as festas cívicas, refletindo a relação entre civilidade e política. Os banquetes conjugavam “bom tom e espírito cívico”, tendência confirmada pela organização dos banquetes em honra de indivíduos e de acontecimentos considerados próprios para o progresso e a liberdade do cidadão.

O *Hotel Aliança* foi pioneiro nessa atividade. Nesse hotel foi realizado, em 1854, um banquete para comemorar o dia sete de setembro, servido para 130 oficiais da guarda nacional e 180 guardas. Após a banda de música percorrer as ruas da cidade, se recolheu ao Hotel Aliança onde estava preparado um “opíparo banquete, por subscrição promovida no

⁶³² Diário do Rio Grande, quarta-feira, 25.11.1857, p. 2, n. 2669, ano X. Semanário Pelotense LXVI. Rio Grande. [Grifos meus]

mesmo batalhão [de Guardas Nacionais] pelo seu digno comandante o Sr. Tenente-Coronel Eliseu Antunes Maciel, e ao qual se tem a delicada lembrança de convidar alguns estrangeiros, para tomarem parte no regozijo de que se acham repletos os corações nacionais."⁶³³ Essa foi a primeira referência a uma ceia realizada em um hotel.

Os comentários dos banquetes nos dão uma idéia de como estava organizada a atividade nos espaços hoteleiros. Além da alimentação, com "profusão dos manjares, abundancia de vinhos esquisitos", os participantes apreciavam a banda de música que "toc[ava] a miúdo as mais belas peças, antes de, na mesa que lhe estava reservada, partilhar dos mais positivos prazeres da festa"; sonetos e poesias alusivos à solenidade eram recitados por pessoas importantes da cidade, como o Sr. Dr. Ovídio Fernandes Trigo de Loureiro, "digno juiz municipal e de órfãos do termo de Pelotas, [que] recitou com o maior entusiasmo os seguintes sonetos, que foram fervorosamente aplaudidos"; além do oferecimento de brindes.

Uma reportagem sobre um banquete no *Hotel Aliança* destacou a importância desse espaço para tais atividades, reafirmando a excelência do atendimento dado pelo hotel: "O serviço da mesa nada deixou a desejar, e os proprietários do hotel bem sustentaram sua antiga e bem merecida reputação. A estreia que fizeram de sua nova casa foi feliz e os melhoramentos que apresentaram bem provam o desejo que nutrem de equiparar com os estabelecimentos completos que se acham e tem fama em outros pontos da província."⁶³⁴

Os comentários realizados pelo correspondente do jornal em Pelotas também destacavam "o grau de civilização da sociedade pelotense". Os hotéis eram espaços de sociabilidade para uma nova sociedade civilizada e urbanizada: "A maior urbanidade reinou entre os anfitriões e os convidados; houve assalto de cavalheirismo e delicadeza. Os brindes os mais lisonjeiros e

⁶³³ Diário do Rio Grande, sábado, 16.09.1854, p. 3-4, n. 1719, ano VII. Comunicado. Rio Grande.

⁶³⁴ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 04.06.1857, p. 1, n. 2526, ano X, Semanário Pelotense XXI. Rio Grande

freneticamente correspondidos, davam uma alta idéia da estima e consideração que mutuamente se tributavam os convidados e os convidados."⁶³⁵

Posso dizer que os hotéis tiveram uma certa expressividade e pioneirismo no tocante ao oferecimento de refeições para uma população de melhor posição social, pois antes, e simultaneamente a eles, existiam as casas de pasto que comercializavam refeições mais comuns para uma população mais simples⁶³⁶. Também posso supor que os hotéis foram os primeiros locais públicos a oferecerem ceias e banquetes. Nos banquetes era possível demonstrar a fineza dos costumes e a boa educação, ou seja, que se era civilizado, o que se constituía em sinal de distinção e de diferenciação.

Além das salas e salões para refeições e banquetes, os hotéis também disponibilizavam salões para apresentações. Na primeira parte deste capítulo mostrei que as deformidades eram apresentadas e apreciadas como espetáculos no teatro. Agora mostro que também os hotéis eram palco desse tipo de apresentação.

Um exemplo é o anúncio de uma "curiosa luta corpo a corpo entre o anão Joseph, vindo de Calcutá e um outro anão que reside nesta cidade" em uma das salas do *Hotel Aliança*. O anúncio apelava para o esquisito do espetáculo⁶³⁷, afirmando que os "apreciadores das raridades tem uma excelente ocasião para se recrearem com esse divertimento novo em seu gênero, pelas personagens em cena"⁶³⁸. O gosto por ver espetáculos e pessoas com deformidades se intensificou na segunda metade do século XIX, sendo os hotéis e o teatro como espaços para tais espetáculos.

A função do hotel, tal como encontramos em Pelotas no século XIX, corresponde a duas definições, na medida em que tal lugar é um espaço de

⁶³⁵ Idem.

⁶³⁶ Sobre as casas de pasto e restaurantes ver a dissertação: CARVALHO, Deborah A. *Das casas de pasto aos ...* Op. Cit..

⁶³⁷ Conforme visto no capítulo anterior, Gabriella Turnaturi afirmou que não existia nenhuma forma de condenação a esse tipo de espetáculo e que ele divertia tanto como qualquer outro espetáculo. TURNATURI, Gabriela. *As metamorfoses do divertimento ...* Op. cit., p. 218.

⁶³⁸ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 12.07.1866, p. 3, n. 5263, ano XIX. Anúncios. Rio Grande.

hospedagem, mas é, ao mesmo tempo, um espaço de sociabilidade. Esses locais disponibilizavam salas e salões para jogos, principalmente bilhares; salas para refeições – almoços, jantares, cafés; salões para ceias e banquetes, os quais eram organizados e preparados pelos proprietários; e salões para diversas apresentações.

Os hotéis, de maneira semelhante aos cafés, eram espaços tipicamente masculinos, pois não há nenhum indício de que as mulheres participavam das principais atividades desses espaços, como dos jogos, das apresentações ou mesmo dos banquetes; nenhum artigo fez alguma referência à presença de mulheres ou famílias nas atividades.

Porém, no momento em que os hotéis eram também espaços para refeições como almoços, cafés ou “refrescos”, eles se tornam espaços para as famílias e as mulheres. A presença mais intensa da mulher nos hotéis só vai acontecer mais adiante, quando seus proprietários abrem os restaurantes e áreas e caramanchões, onde era possível almoçar ou jantar, participar de concertos ou passar “boas horas em animada palestra”⁶³⁹. Os cafés, restaurantes e hotéis, diferentemente das hospedarias ou albergues, tornar-se-ão frequentáveis ou socialmente permitidos às mulheres “respeitáveis”.⁶⁴⁰

Os hotéis, além de oferecerem hospedagem, eram o *lócus* da vida social, cultural e política de Pelotas, pois dentro deles a elite se divertia, discutia questões sociais e políticas, formava clubes, sociedades, partidos políticos, assistia a espetáculos, ou seja, eram um espaço de sociabilidade para os moradores da cidade e de cidades vizinhas. Lugares de encontro e de convívio, os hotéis foram parte ativa da nova vida urbana e sócio-cultural da cidade de Pelotas nas décadas pós Revolução Farroupilha.

Os hotéis também eram locais de diferenciação dos quais os que não tinham condições de entrar, fosse pelo preço do que era oferecido ou pela exigência de um padrão de apresentação ou de comportamento, eram

⁶³⁹ Diário de Pelotas, sexta-feira, 01.01.1886, p. 2, n. 1, ano XX. Noticiário. Pelotas.

⁶⁴⁰ CAMARGO, Haroldo L.. *Uma Pré-história do Turismo ...* op. cit., p. 240.

excluídos. Assim, estes espaços de sociabilidade eram um local de identificação entre os frequentadores e de diferenciação em relação aos que neles não tinham acesso.

No próximo capítulo apresento os espaços informais de sociabilidade, que, mesmo sendo espaços abertos, também se configuraram como espaços de a elite pelotense ver e ser vista, nos quais realizavam festividades, tanto religiosas como cívicas e profanas.

4 Espaços Informais de Sociabilidade: os Espaços Abertos

Neste capítulo trabalho com os espaços informais de sociabilidade, especificamente com as ruas centrais da cidade e da região do Porto e, com a Praça da Regeneração⁶⁴¹ [atual Praça Coronel Pedro Osório]. No nível informal de sociabilidade estão os espaços abertos, sem normas e regulamentos institucionalizados, nos quais os comportamentos coletivos são mais efêmeros.

Retomando Agulhon⁶⁴², considero que as relações entre os indivíduos estão presentes no nível mais informal dos hábitos e maneiras, sendo os espaços informais imensamente extensos e variados, sem estarem organizados. Agulhon⁶⁴³ afirmou, ainda, que os espaços abertos foram utilizados para a sociabilidade muito antes dos espaços organizados, como as sociedades. Em Pelotas não foi diferente: a população, desde a fundação da Vila em 1832, utilizava-se de espaços abertos, principalmente para comemorações, enquanto que as associações começaram a ser fundadas na cidade no início da década de 1850.

Posso dizer que, além dos espaços fechados, a população pelotense utilizava os espaços ao ar livre para seu entretenimento e para “ver e ser visto”. As principais ruas de Pelotas e a principal praça se constituíram num

⁶⁴¹ A Praça teve vários nomes, como será visto na parte dois deste capítulo, porém, na maior parte do período que trabalho ela foi denominada de Regeneração, por isto é abordada nesta tese por tal denominação.

⁶⁴² AGULHON, Maurice. *La Sociabilidad como Categoría ...* Op. Cit..

⁶⁴³ AGULHON, Maurice. *Histoire Vagabonde. ...* Op. Cit., p. 83-4.

palco onde se desenrolava a vida coletiva e onde a elite pelotense usufruía seu tempo livre e demonstrava a sua riqueza.

Da mesma forma que os espaços de sociabilidade abordados anteriormente e, mesmo sendo espaços abertos, tais locais tinham regras e normas que deveriam ser seguidas, fossem elas implícitas, através do comportamento dito civilizado, aceito, ou explícitas, a partir do Código de Posturas. Visando manter as maneiras civilizadas condizentes com a situação da cidade, a polícia estava presente nesses espaços, com o objetivo de coibir os comportamentos ditos inadequados.

Várias ocasiões pareciam boas para transformar em teatros os espaços públicos: entrudo, desfiles cívicos, procissões religiosas, festas populares, visitas oficiais do Imperador ou do presidente da Província. Assim, a cidade transforma-se, ao sabor das circunstâncias, em diferentes cenários.

As atividades desenvolvidas nesses espaços obedeciam uma programação, principalmente as festas, que ocorriam de acordo com um ritual, com Te-Deum, procissão, fogos de artifício, espetáculos teatrais e bailes.

Busco, neste capítulo, analisar de que forma tais espaços abertos urbanos foram utilizados pela elite pelotense para atividades recreativas, consolidando-se como espaços de sociabilidade. A opulência vivida pela elite nesse período deveria ser mostrada também nos espaços abertos, não só nos espaços fechados.

Abordo, ainda, as modificações sofridas nesses espaços, cujo objetivo era transformá-los em locais mais aprazíveis para o convívio da população pelotense do século XIX. Ressalto que as principais transformações ocorreram a partir da década de 1870, quando esses locais, principalmente a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], se modernizaram. Porém, nas décadas imediatas à Revolução Farroupilha, as autoridades e a imprensa demonstraram uma preocupação com tais espaços e algumas melhorias foram realizadas, conforme mostrarei neste capítulo.

Divido este capítulo em duas partes. Na primeira delas, abordo a utilização do espaço das ruas, no qual eram realizadas festividades e celebrações cívicas e religiosas, bem como profanas, como o entrudo e o acompanhamento de artistas e políticos. Na segunda parte, abordo a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório]. Mesmo tendo sido construídas cinco praças na cidade, no mesmo período, foi na Praça da Regeneração que se desenvolveram as atividades recreativas, sendo considerada a praça mais importante da cidade e alvo de preocupações das autoridades e redatores dos jornais da cidade.

4.1 “Tudo é poético, brilhante, encantador, vivificado pela beleza e graça das Ninfas e Deidades que as povoam”: as Ruas de Pelotas como Espaços de Sociabilidade

Nesta parte deste capítulo mostro a utilização das principais ruas de Pelotas para atividades recreativas, principalmente para as festas. Assim, esses locais abertos se constituíram como espaços informais de sociabilidade da elite pelotense.

Pretendo responder as seguintes questões: Quais as principais atividades desenvolvidas em tais espaços abertos? Que modificações esses espaços de sociabilidade sofreram durante as décadas de 40, 50 e 1860? Os espaços foram importantes para a sociabilidade da elite pelotense do século XIX?

Para responder estas questões utilizei, principalmente, as fontes jornalísticas, as quais descreviam, com detalhes, o cotidiano da cidade de Pelotas. As declarações e os editais foram utilizados, pois apresentavam os convites para as festividades, informando o dia, os locais e a programação. Os comentários e as crônicas foram importantes, pois os cronistas apresentavam não só a atividade desenvolvida nas ruas, mas, principalmente, como tinha se desenrolado, as pessoas que dela participavam, seu comportamento e seu vestuário. Continuavam fazendo uma avaliação, positiva ou negativa, dos eventos. Assim, foi possível conhecer a organização e a dinâmica das atividades recreativas nestes locais.

As atas da Câmara também foram utilizadas para construir este capítulo, pois apresentaram as atitudes das autoridades no que se refere às melhorias feitas nos espaços públicos, como arruamentos, limpeza e escoamentos das águas, principal problema das ruas nas décadas posteriores à Revolução Farroupilha, o que interferia diretamente nas atividades recreativas.

Inicialmente, mostro como o espaço urbano, com a demarcação das ruas, foi construído na cidade de Pelotas.

O primeiro aldeamento de Pelotas foi às margens do arroio Pelotas, próximo às charqueadas e ao Canal São Gonçalo, no local denominado Passo dos Negros⁶⁴⁴. Nesse local foram construídos moradias, ranchos, vendas, armazéns e botecos, em função do movimento de tropeiros e peões que traziam o gado para as charqueadas. Onde se localizou posteriormente a cidade havia apenas alguns ranchos dispersos pelos vastos terrenos.

O desenvolvimento das charqueadas, o aumento da população e a consequente formação do povoado foram as principais condições para a criação da freguesia. Em 7 de julho de 1812 a freguesia de São Francisco de Paula foi criada e, em 9 de agosto de 1812, foi desligada da vara de Rio Grande, com a criação de sua Câmara Eclesiástica.⁶⁴⁵

Com o desenvolvimento das charqueadas, a população do Passo dos Negros começou a aumentar e as famílias buscaram ocupar pontos mais afastados da atividade principal do município, livres das enchentes, dos movimentos das tropas de gado, que causavam perigo, das rebeliões dos escravos e do mau cheiro das charqueadas⁶⁴⁶ (Ver Figura 7). Assim, a história

⁶⁴⁴ O Passo dos Negros era anteriormente chamado Passo Rico ou Passo das Neves; localizava-se perto da boca do Arroio Pelotas, no ponto de encontro deste com as águas do Canal São Gonçalo. No Passo, rebanhos atravessavam o canal para serem charqueados, cativos vindos de Rio Grande eram comercializados, o serviço de canoas era realizado e o imposto de pedágio dos produtos importados, como sal e escravos, e dos produtos exportados, como charque e seus subprodutos, era cobrado, possivelmente daí os nomes, passo dos Negros e Rico. GUTIERRES, Ester J. B. *Barro e Sangue: ...* Op. Cit., p. 109.

⁶⁴⁵ OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas. ...* v.1., Op. Cit., p. 68.

⁶⁴⁶ As charqueadas constituíram-se num dos locais de consolidação do sistema escravista no Rio Grande do Sul, onde se verificou a exploração violenta do trabalho escravo, o que levou

da ocupação urbana de Pelotas começou com a definição da melhor localização da igreja, onde usualmente se ergueriam a praça, as melhores casas e a administração, ou seja, onde se configuraria a zona central do povoado.

A igreja⁶⁴⁷ e o agrupamento urbano estabeleceram-se sobre um terreno que pertencia a Antônio Francisco dos Anjos⁶⁴⁸. A doação do terreno para a igreja pressupunha que fosse permitido a Antônio dos Anjos aforar os terrenos em volta. Em 1813 foi fundada a Igreja Matriz de Pelotas e entre os anos de 1813 e 1814 começaram a surgir os primeiros prédios ao redor da mesma, construídos por charqueadores e por antigos moradores de Rio Grande que vieram se estabelecer na Freguesia. Essa elite, principalmente de charqueadores, enriqueceu a cidade e enriqueceu-se de uma vida social intensa.

As primeiras ruas de Pelotas foram demarcadas em 1815, quando foi realizado o primeiro plano urbano da freguesia. Antônio Francisco dos Anjos mandou medir judicialmente sua propriedade e dentro dela mandou levantar a planta da povoação, demarcando as ruas, para vender os lotes. O primeiro loteamento se deu na forma de um paralelogramo inclinado,

a inúmeras rebeliões. O local da matança nas charqueadas era infestado pelos vapores nauseabundos emanados das caldeiras, das gorduras fervidas e dos ossos carbonizados. “No entorno das fábricas, excrementos, vísceras e sangues putrefatos eram disputados por moscas, porcos e cães ferozes. Todo o entorno cheirava mal.” GUTIERRES, Ester J. B. *Barro e Sangue*: ... Op. Cit., p. 112.

⁶⁴⁷ Para a localização da igreja foram apresentadas três alternativas: no Laranjal, nas terras da viúva Dona Isabel Francisca da Silveira; no local onde foi construído posteriormente o Asilo de Órfãos N. S. da Conceição; e nas terras de Antônio Francisco dos Anjos. Antes da decisão final, o vigário Felício Pereira e o capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos, deram início às obras da igreja. MAGALHÃES, Mario O.. *Opulência e Cultura na Província* ... Op. Cit..

⁶⁴⁸ O capitão-mor Antonio Francisco dos Anjos possuía uma charqueada às margens do Arroio Moreira; tinha o apelido de Fragatinha, porque era filho de um contramestre de navio. Antes de pertencerem a Antônio dos Anjos, os terrenos da igreja e das primeiras moradias, foram de José de Aguiar Peixoto até 1806, que os adquirira do primeiro posseiro José Gonçalves da Silveira Calheca. OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. ... v.1., Op. Cit., p. 75-6.

com 19 ruas largas e retas (Figura 8), 12 ruas norte-sul e 7 leste-oeste⁶⁴⁹, com o objetivo de se constituir um povoado bem organizado.

⁶⁴⁹ As vias norte-sul eram: rua Boa Vista, Lavadeiras, Lagoa, Açougue, Santa Bárbara, Augusta, Flores, São Miguel, Igreja, Comércio, Alegre e Fontes. Atualmente denominam-se, respectivamente, Marcílio Dias, Prof. Araújo, Santos Dumont, Santa Tecla, Mal. Deodoro, Gen. Osório, Andrade Neves, 15 de Novembro, Padre Anchieta, Félix da Cunha, Gonçalves Chaves, Almirante Barroso. A atual rua Santa Cruz não estava nomeada nesse plano. As vias leste-oeste eram: rua da Palma, da Horta, do Padeiro, do Torres, Sto. Antonio, da Vigia e do Passeio. Atualmente denominam-se, respectivamente: General Neto, Voluntários, Dr. Cassiano, Major Cícero, Senador Mendonça, General Argolo e Av. Bento Gonçalves. ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: ... Op. cit.*, p. 30-1.

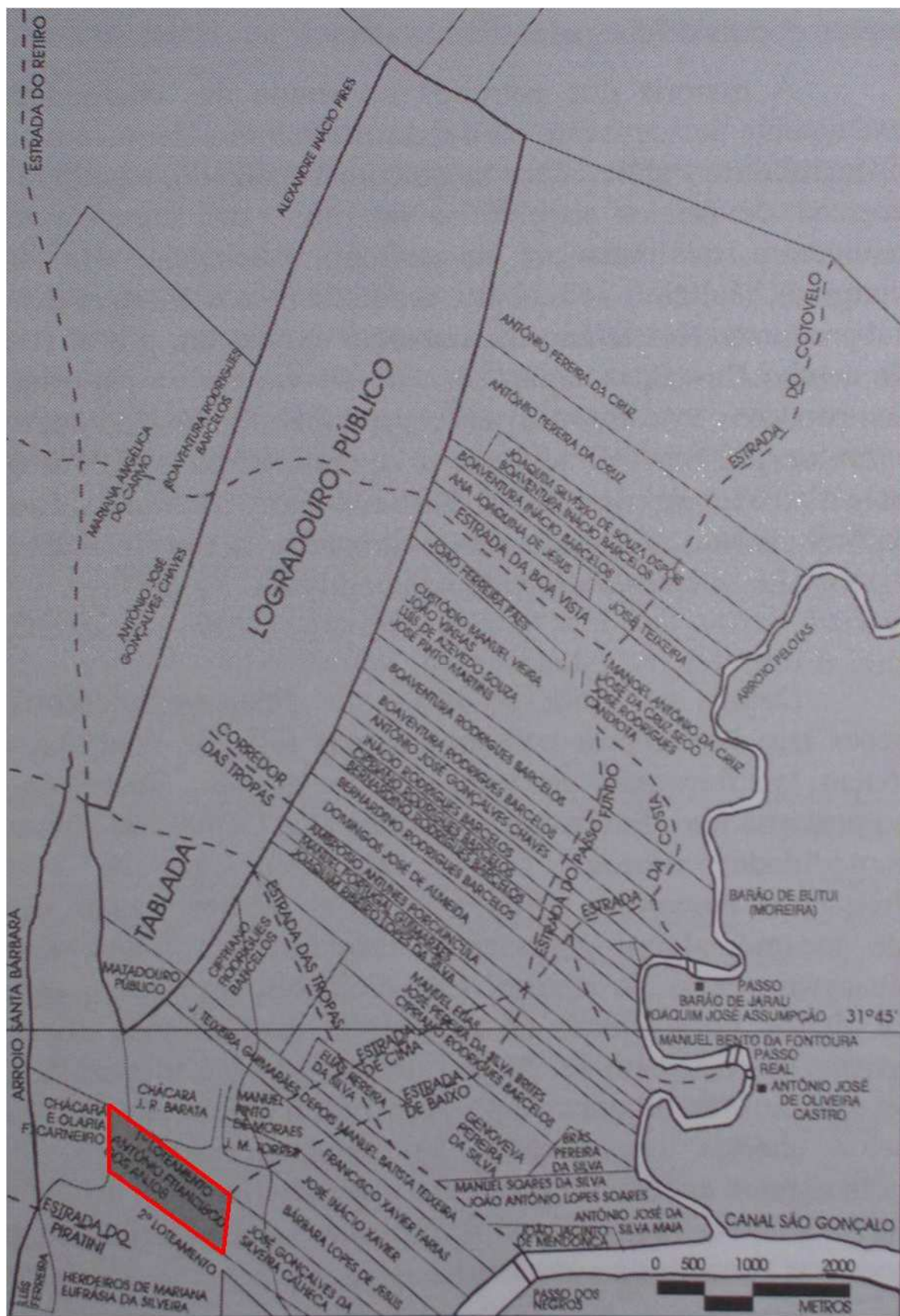


Figura 7 – Localização do Primeiro Loteamento em Relação às Charqueadas.

Fonte: GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue: ...* Op. Cit., p. 108.

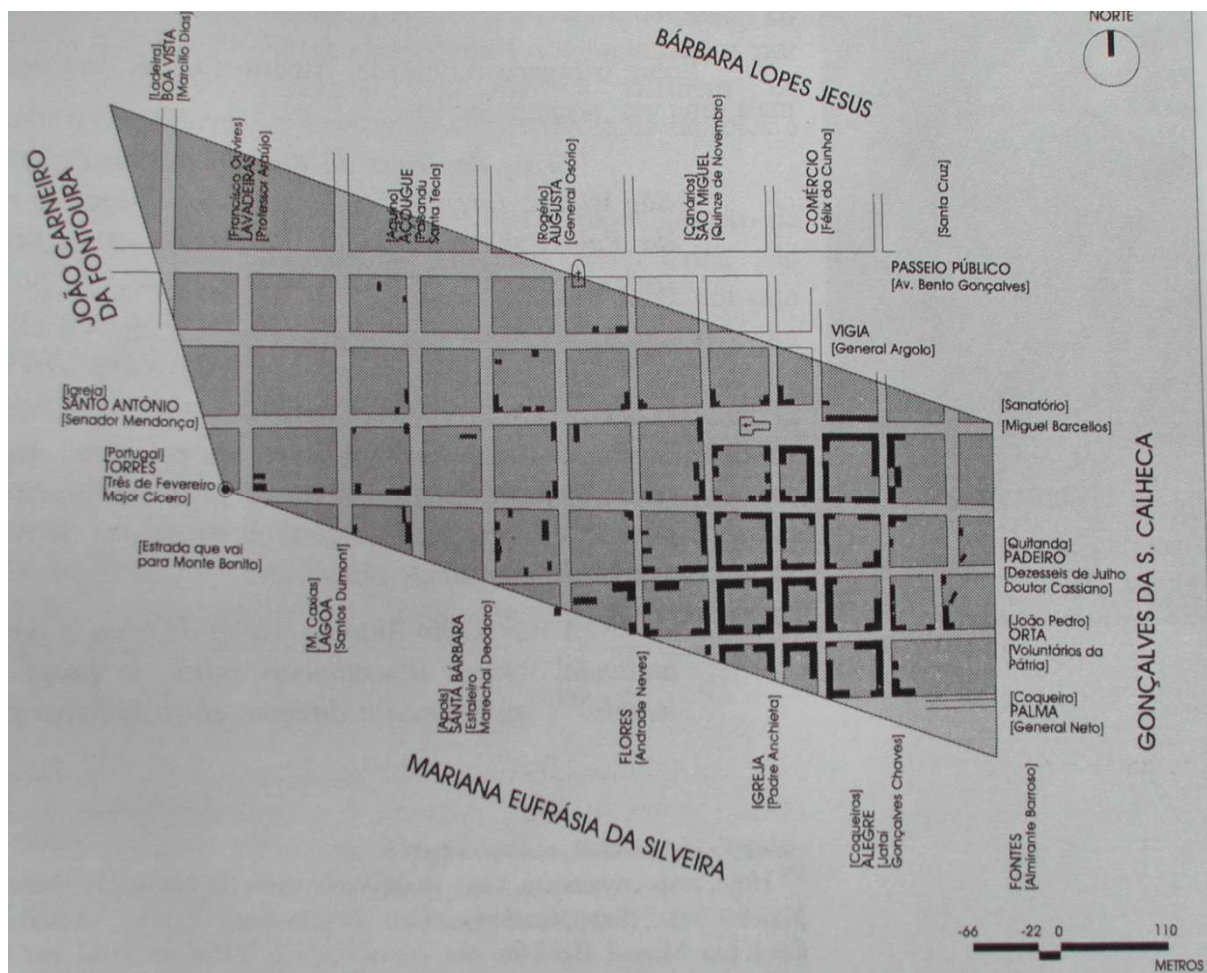


Figura 8 – Primeiro Loteamento da Freguesia São Francisco de Paula (Pelotas) – 1815.

Fonte: GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue: ...* Op. Cit., p. 121.

Nas vias norte-sul foram aforados o maior número de terrenos, em número de 81. Nessas estavam as que seriam as ruas mais importantes da cidade, pois em algumas delas se localizavam as residências ricas; em outras, principalmente na Rua do Comércio [atual Félix da Cunha] e de S. Miguel [atual XV de Novembro], as casas comerciais.

Em 1825 foi instituído o Logradouro Público e a Tablada (Ver Figura 7), que constituíam um local descampado, onde, de novembro a maio, as tropas de gado trazidas das estâncias eram vendidas e transportadas para as charqueadas.

Em 7 de dezembro de 1830, por decreto imperial, a freguesia atingiu a condição de Vila, porém, a instalação da mesma só ocorreu em 7 de abril

de 1832, emancipando-se administrativamente de Rio Grande, começando a povoação a se projetar em direção ao Canal São Gonçalo.

Em função da rapidez do crescimento e expansão do sítio urbano, a Câmara Municipal determinou, em maio de 1832, que fosse feita uma nova planta da Vila, com o loteamento das terras de dona Mariana Eufrásia da Silveira⁶⁵⁰. Em junho de 1834 foi aprovada a nova planta da Vila realizada por Eduardo Kreschemar.

No loteamento de 1815 foram acrescentadas 15 novas ruas, na direção do sul, até o Porto, nas margens do Canal São Gonçalo; deu-se início à Praça da Regeneração, onde já estavam estabelecidos, ao seu redor, a Casa da Câmara Administrativa, o Teatro Sete de Abril e a primeira escola pública, os três prédios lado a lado; um sobrado na esquina da rua São Paulo [atual Lobo da Costa]; um sobrado na esquina da rua do Comércio [atual Félix da Cunha], que serviu de quartel-general para os farroupilhas; e um poço que servia de bebedouro para os escravos, no terreno que foi demarcado para edificação da nova igreja, quartel e cadeia⁶⁵¹; demarcou-se, também, o local para outras quatro futuras praças.⁶⁵²

Esse segundo loteamento, que se desenvolveu na direção sul, para o Canal São Gonçalo, onde foi construído o Porto, deu origem à zona de comércio da cidade e possibilitou a comunicação com Porto Alegre, Rio Grande e outras localidades ao sul, como Herval, Canguçu, Jaguarão e Bagé. Com isso, a vila se transformou “em principal centro econômico da zona da campanha, pólo de distribuição de mercadorias originadas do Rio de Janeiro ou do Velho Mundo, e local de reunião e exportação dos

⁶⁵⁰ Mariana Eufrásia da Silveira veio com sua família no início do século XVIII, juntamente com os primeiros casais portugueses que aqui se estabeleceram; casou-se com o capitão-mor Francisco Pires Casado. Foi dona de quase toda a área que compreende a cidade. OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. ... v.1., Op. Cit., p. 86.

⁶⁵¹ Ressalto que, tanto a igreja, como o quartel e a cadeia não foram construídos no local. Aí foram construídos o Paço Municipal e a Biblioteca Pública.

⁶⁵² MAGALHÃES, Mario O.. *Opulência e Cultura na Província* ... Op. Cit..

produtos da região para o norte do território nacional, sobretudo o charque."⁶⁵³

Essa planta foi ampliada em 1858, na direção do norte, para formar o bairro da Luz, onde já existia uma igreja; e, a partir de 1870 na direção do leste, constituindo-se o Bairro da Várzea. Essas ampliações obedeceram ao traçado xadrez das plantas anteriores (Ver Figura 10, próximo subcapítulo).

Após a instalação da Vila de São Francisco de Paula, em 1832, se fazia necessária uma legislação que regresse essa nova realidade social. Por isso, antes da elaboração do Código de Posturas da Vila de São Francisco de Paula, a Câmara decidiu, na sua segunda sessão ocorrida em 4 de maio de 1832, que seriam adotadas as Posturas Policiais da Vila de Rio Grande⁶⁵⁴, que contemplava as Povoações de São Francisco de Paula e São José do Norte.

Em 19 de fevereiro de 1834 passou a vigorar o primeiro Código de Posturas da Vila de São Francisco de Paula, o que significava vida legislativa própria. Essas posturas, normas, regulamentos, proibições e leis foram elaboradas visando disciplinar a vida social na Vila e posteriormente na cidade de Pelotas. Dentre elas surgiu um leque de regulamentações que visava impor novas regras de comportamento e de uso da rua, o que demonstra que esse era um espaço que deveria ser disciplinado, civilizado.

Foi possível perceber uma preocupação com a limpeza das ruas e praças; o nivelamento e alinhamento das ruas e edifícios; os edifícios e as escavações; a divagação de bêbados, animais e os que incomodavam a população; as estradas, os caminhos, as pontes, as plantações de árvores úteis; os vozerios, as obscenidades e a moral pública – palavras e tons de voz permitidos ou proibidos. Dentre os artigos do Código de Posturas, destaco

⁶⁵³ SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Espelhos, Máscaras, Vitrines*. Estudo Iconológico de Fachadas Arquitetônicas. Pelotas, 1870-1930. 1997. 211f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 1997, p. 23.

⁶⁵⁴ Posturas Policiais Adotadas para o Regime do Município da Câmara Municipal da Vila do Rio Grande do S. Pedro do Sul dadas pela mesma Câmara da mesma Vila em Sessão de 31 de Julho de 1829. In: LOPES NETO, Simões. *Revista do 1º Centenário ... Op. Cit.*, p. 109-116.

aqueles que mais diretamente se relacionavam com o uso do espaço das ruas e das praças:

[...] Art. 42. Depositar nas ruas, praças e lugares de publica servidão, objetos que dificultem o trânsito publico. Penas de 2\$ a 4\$000 rs. [...] Art. 50. As carretas com lenha, madeiras, e frutas, e as que conduzirem quaisquer comestíveis para vender na cidade, estarão paradas nas praças da Regeneração, e do Mercado e no Largo da Cadeia: as carretas com lenha, e madeiras, só poderão transitar pelas ruas, quando levarem os artigos á casa da pessoa, que os tiver comprado: Penas de 2\$ a 4\$000 rs. Art. 51. Todas as carretas, que vierem do interior da província, e entrarem pelos passos do Fragata e dos Carros em direção a esta cidade, terão por paradeiro o terreno sito alem do arroio de Santa Bárbara, no qual há muito está construído esta servidão publica: Penas de 2\$ a 4\$000 rs. [...].⁶⁵⁵

Art. 92. Dar gritos, fazer vozerias, e alaridos sem ser por objeto de necessidade: Penas de 2\$ a 4\$000 rs. Art. 93. Proferir em lugar público palavras indecentes e obscenas, ou praticar gestos e atitudes da mesma natureza, e expor quadros, e figuras ofensivas á moral publica: Penas de 10\$ a 20\$000 rs., e de 4 a 8 dias de prisão. [...] Art. 95. E' vedado a qualquer pessoa, lavar-se de dia nas praias povoadas, rios, ou lugar publico, exceto se estiver vestido de maneira que não ofenda a moral publica: Penas, de 6\$ a 12\$000 rs. [...] Art. 97. Transitar por cima das lages, ou passeios das ruas a cavalo, ou trazendo carga á cabeça: Penas de 1\$ a 3\$000 rs. [...] Art. 106. Atirar sobre quem passa pelas ruas, água, limões de cera cheios d'água, ou praticar outro ato, que vulgarmente se chama de entrudo pelas ruas ou praça: Penas de 5\$ a 15\$000 rs; o fiscal mandará inutilizar os objetos á venda para tal fim.⁶⁵⁶

Após a Revolução Farroupilha, devido a um novo conceito de espaço público, a novas necessidades de circulação e, no caso particular de Pelotas, à reconstrução da cidade após a Guerra, a preocupação com as ruas da cidade e a sua trafegabilidade foi constante na Câmara Municipal. A abertura de todas as ruas, a iluminação, o nivelamento, o alinhamento das vias e dos edifícios, o escoamento das águas, o despejo das imundícies, a localização das fábricas e manufaturas estavam em pauta.

Uma primeira preocupação, antes mesmo de a Revolução ter acabado, foi com a iluminação da cidade. Já em 1843 Miguel Labela ofereceu-se para encarregar-se da iluminação da cidade, a qual foi realizada de fato em 1846, com a colocação de 320 lampiões na área compreendida entre as ruas Alegre [atual Gonçalves Chaves], Santa

⁶⁵⁵ O Brado do Sul, terça-feira, 29.02.1860, p. 1-2, n. 272, ano II. Editais. Pelotas.

⁶⁵⁶ O Brado do Sul, quarta-feira, 01.03.1860, p. 1-2, n. 273, ano II. Editais. Pelotas.

Bárbara [atual Mal. Deodoro], São Jerônimo [atual Mal. Floriano] e Santo Antônio [atual Senador Mendonça]⁶⁵⁷, ou seja, na área central da cidade

Em dezembro de 1848 foi acesa nas esquinas e no meio das quadras mais povoadas a iluminação a azeite. Depois de um ano distribuíram mais dez lampiões, sendo alguns no porto. Assim, o porto e o centro da cidade passaram a ser iluminados, mesmo que com uma luz difusa.

Cinco anos depois, em 1853, o contratante Luis José Rodrigues Ferreira principiou a instalação da iluminação a gás hidrogênio líquido. Porém tal trabalho foi mal sucedido. Augusto de Pinho, em 1869, considerou a iluminação pública "pessimamente feita com azeite de peixe, ou querosene, os lampiões são colocados em tais distâncias uns dos outros que mal iluminam o pequeno círculo em que reverberam os seus esfumados raios de luz."⁶⁵⁸ Em 1875 o serviço foi transferido para um empresário de Porto Alegre, data em que a iluminação passou a ser feita pela Cia. São Pedro Brasil de Gás Ltda., de capital inglês⁶⁵⁹.

Em 1845, para conservação e limpeza das ruas, os vereadores decidiram a cobrança de 20 réis diários por cada casa, para que o lixo pudesse ser retirado de carroça da cidade. A limpeza das ruas era realizada às 4 horas da manhã nos meses de janeiro, fevereiro, março, outubro, novembro e dezembro; e às 5 horas nos demais meses⁶⁶⁰.

Ainda na década de 1840, a preocupação com a trafegabilidade das ruas também foi constante na Câmara. Para melhorar a trafegabilidade, as ruas foram niveladas para esgoto e calçamento nas embocaduras e declives, sendo aprovado, em julho de 1846, o parecer da Comissão Permanente da Câmara solicitando ao presidente da Província um encarregado para realizar a planta de nivelamento. Em 1845, para a visita do Imperador D. Pedro II à cidade, a Câmara mandou consertar e aterrar as

⁶⁵⁷ GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue: ... Op. Cit.*, p. 289.

⁶⁵⁸ PINHO, A. Augusto de. *Uma Viagem ao Sul ... Op. Cit.*, p. 49.

⁶⁵⁹ GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue: ... Op. Cit.*.

⁶⁶⁰ GUTIERRES, Ester J. B.. *Idem*, p. 240.

ruas da Igreja [atual Anchieta], São Miguel [atual XV de Novembro], do Comércio [atual Félix da Cunha] e São Paulo [atual Lobo da Costa] e as praças da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] e da Igreja [atual José Bonifácio]⁶⁶¹.

Em 1855, ainda com o mesmo objetivo de melhorar a trafegabilidade das principais ruas, a Câmara construiu cordões de pedra nas entradas das ruas do Comércio [atual Félix da Cunha], da Igreja [atual Anchieta], na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], para desviar as águas da praça que frequentemente estragavam essas ruas, levando-as até a rua de São Francisco [atual Princesa Isabel], para desaguiarem na várzea.⁶⁶²

Também é desse período o zoneamento da cidade e a preocupação com os prédios urbanos. Os vereadores procuraram retirar do centro urbano as manufaturas, as quais “tornavam o ambiente da área urbana insalubre”.⁶⁶³

Além das obras de infraestrutura urbana e dos prédios destinados à moradia, comércio, serviços e manufaturas, a cidade foi sendo dotada de edifícios públicos, como a Cadeia Pública, Mercado Público, Matadouro Público, Santa Casa de Misericórdia, Asilo de Órfãos Desvalidas e Sociedade Portuguesa de Beneficência. As três últimas obras representavam a humanidade, filantropia e civilização dos habitantes de Pelotas.

É dessa época o início das tratativas na Câmara Municipal para a construção do prédio para o Paço Municipal. Em setembro de 1848 se iniciaram essas tratativas, levando em conta que “a casa utilizada para as suas sessões era de perspectiva acanhada e pouco correspondia ao progressivo aumento da cidade”. Nessa data, foi aprovada moção para que se empregassem todos os meios ao alcance para o “aformoseamento

⁶⁶¹ GUTIERRES, Ester J. B.. *Ibidem*, p. 235-7.

⁶⁶² Câmara Municipal Nº 83. Segunda Sessão Ordinária em 10 de janeiro de 1855. O Pelotense, terça-feira, 13.03.1855, p. 1, n. 365, ano V. Pelotas.

⁶⁶³ GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue: ... Op. Cit.*, p. 239-41.

do coração da cidade". Porém, somente em julho de 1878 foi noticiado que a Câmara pretendia colocar a pedra fundamental do seu edifício.⁶⁶⁴

Todas essas melhorias urbanas, com a instalação de infraestrutura e serviços urbanos e a construção de prédios de moradia, de serviços e públicos, além do crescimento da população e da recuperação das charqueadas, demonstram que a época imediatamente posterior ao fim da Revolução Farroupilha foi um período de grande crescimento da cidade de Pelotas.

As ruas entre as praças da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] e a Praça da Matriz [atual José Bonifácio], a de S. Miguel [atual XV de Novembro], da Igreja [atual Anchieta], do Comércio [atual Félix da Cunha] e Alegre [atual Gonçalves Chaves] foram as preferidas para o investimento em moradia e aluguel; na direção leste/oeste, a rua do Poço [atual Sete de Setembro] talvez tenha sido uma das mais concorridas.

Nessas ruas e ao redor da Praça da Regeneração [atual Cel Pedro Osório] localizaram-se as casas e sobrados de moradia mais suntuosos, as lojas de secos e molhados, tecidos, chapéus, pratarias e louças; também eram nelas que ficavam os demais espaços de sociabilidade, como as sociedades de baile, o teatro e os hotéis⁶⁶⁵.

Como afirma o Conde D'Eu, era em Pelotas que "flores[cia] em todo o seu esplendor as indústrias que alimentam o verdadeiro luxo rio-grandense, o dos arreios". E continua:

⁶⁶⁴ GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue: ... Op. Cit.*, p. 333.

⁶⁶⁵ Na rua do Poço [atual Sete de Setembro] localizavam-se uma confeitaria (Diário do Rio Grande, quinta-feira, 28.05.1857, p. 1-2, n. 2520, ano X. Semanário Pelotense XX. Rio Grande) e o salão de baile da Sociedade Recreação Pelotense (Diário do Rio Grande, quarta-feira, 12.10.1853, p. 4, n. 1451, ano VI. Anúncios. Rio Grande). Na rua S. Miguel [atual XV de Novembro] localizavam-se os principais hotéis (conforme visto no capítulo anterior), a "Confeitaria do Tio Mascarenhas" (Diário do Rio Grande, domingo, 18.09.1859, p. 2, n. 3203, ano XVII. Anúncios. Rio Grande), a "Confeitaria de Mattos & Cia." (Diário do Rio Grande, quinta-feira, 19.02.1863, p. 3, n. 4256, ano XVI. Anúncios. Rio Grande); o "Café e Bilhar Pelotense" (Diário do Rio Grande, domingo, 20.11.1864, p. 3, n. 4778, ano XVII. Leilões. Rio Grande). Na rua da Igreja [atual Anchieta] localizava-se a confeitaria de Fernando Hartung. (O Comércio, terça-feira, 02.06.1863, p. 4, n. 80, ano II. Anúncios. Pelotas).

Especialmente na Rua do Comércio [atual Félix da Cunha] e na Rua de São Miguel [atual XV de Novembro] vê-se uma fila contínua dessas lojas, onde estão expostos estribos, esporas enormes, peitorais e freio, tudo de prata, ostentando esplendor deslumbrante, que iguala, não digo já o da Rua do Ouro, de Lisboa, mas até o da 'Strada degli Orefici', de Gênova.⁶⁶⁶

Estas foram as principais ruas utilizadas para a sociabilidade da população pelotense. A rua, espaço público urbano por excelência, foi palco da sociabilidade e da interpenetração entre os domínios público e privado: lugar de encontro, de passeios para ver lojas e fazer compras, de festas, profanas e religiosas, de acesso e prolongamento de espaços privados.

A cidade e o seu traçado urbano sempre foram destacados pelos viajantes que aqui estiveram. Saint-Hilaire, em 1820, observou que as mais de cem casas estavam construídas segundo um plano regular de edificação da aldeia, que as ruas eram largas e retas; que a praça em que ficava a igreja era pequena, mas bonita; observou ainda, que a frente da maioria das casas era asseada e que não se via “uma palhoça sequer e tudo aqui anuncia[va] abundância”⁶⁶⁷.

Arsène Isabelle também destacou a cidade pela sua localização, “sobre uma colina que domina tudo” e pelas suas ruas:

direitas, ladeadas de grande calçadas e vê-se facilmente que reina o mesmo estímulo que em Porto Alegre para o crescimento desta cidade nascente, para a construção de edifícios importantes e em geral para aquilo que contribua para embelezar a cidade, favorecer o comércio e atrair os estrangeiros.⁶⁶⁸

Dreys também considerou as principais ruas, que seguem quase todas perpendicularmente ao rio São Gonçalo, “largas e direitas, com suas competentes lajedas no correr das casas”⁶⁶⁹; Avé-Lallemant, em 1858,

⁶⁶⁶ CONDE D'EU. *Viagem Militar ao ...* Op. Cit., p. 213.

⁶⁶⁷ SAINT-HILAIRE, Augusto. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. (1820-1821). (Tradução de Leonam de Azeredo Pena). Comemorativa do Centenário Farrroupilha. Rio de Janeiro: Ariel, 1935, p. 87.

⁶⁶⁸ ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. (1833-1834) (Tradução de Dante de Laytano). 2.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1983, p. 80.

⁶⁶⁹ DREYS, Nicolau. *Notícia Descritiva da ...* Op. Cit., p. 113.

considerou aprazível o porto de Pelotas e largas, retas e em parte bonitas as ruas da cidade⁶⁷⁰.

Destaco ainda Augusto de Pinho, que esteve em Pelotas em 1869, e fez uma avaliação da situação da cidade e, entre outros aspectos, abordou as ruas:

O arruamento de Pelotas é talvez o mais bem traçado que possui o Império do Brasil, e bem poucas cidades da Europa o terão tão perfeito e regular. Dezoito ruas de boa largura e quatro praças muito bem alinhadas são o que por enquanto formam o que se pode chamar cidade. Das quatro praças duas tem poucas edificações. [...] a menor chuva transforma em profundos lamaçais, o que também acontece às demais praças e ruas por não serem calçadas. [...] [As boas construções] dão muito valor às ruas e maior apreço à cidade.⁶⁷¹

Com essas características, as ruas eram propícias para o passeio carregado de sentido social – ver e ser visto, diferente da deambulação do desocupado ou do devaneio solitário. Antes mesmo da Revolução Farroupilha, Nicolau Dreys, constatou que “nos domingos e dias santos, a população das charqueadas ajunta[va]-se na cidade para assistir ao serviço divino e depois se espalha[va] em visitas recíprocas ou em procura das fazendas que as lojas ostenta[vam] com igual asseio e abundância”. Os passeios, ver vitrines, as compras, um refresco nos hotéis, a compra de doces em confeitarias, ou mais importante, ver e ser visto, demonstravam, como diz o viajante, o “ar de vida e opulência que respira[va] então a cidade de Pelotas”⁶⁷².

Provavelmente o hábito de passear e caminhar pelas principais ruas da cidade se manteve e se intensificou durante as décadas posteriores à Revolução Farroupilha, com a abertura e melhoria das ruas, aumento das casas urbanas e do número de lojas, hotéis e confeitarias, principalmente nas ruas entre as praças da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] e da Matriz, junto da igreja [atual José Bonifácio].

⁶⁷⁰ AVÉ-LALLEMANT, Roberto. *Viagem pelo Sul do Brasil ...* Op. cit., p. 388.

⁶⁷¹ PINHO, A. Augusto de. *Uma Viagem ao Sul ...* Op. Cit., p. 48.

⁶⁷² DREYS, Nicolau. *Notícia Descritiva da ...* Op. Cit., p. 112.

Seidler já observava o comportamento das mulheres durante seus passeios em 1827, quando Pelotas ainda era uma freguesia, mas suas ruas já haviam sido traçadas:

é entretanto permitido, dentro do mais severo catecismo da decência, estando presentes mais pessoas da família, caminhar a par com a moça, falar com ela e mesmo gracejar, o que já é extraordinariamente significativo em comparação com a casmurrice anti-cavalheiresca que predomina no resto do Brasil. As senhoras tem vivacidade e entretêm, são atenciosas e ardentes, têm o olhar brilhante, o peito cheio, a carícia cordial e mesmo a conversa espirituosa. [...] Seus trajés, mesmo nos passeios ordinários, são às vezes muito ricos e sempre muito selecionados e de bom gosto, e suas atitudes são cheias de simpatias, desembaraço e graça; poder-se-ia chamá-las as espanholas do Novo Mundo.⁶⁷³

O exposto acima demonstra que as ruas da cidade, principalmente as mais povoadas, eram os espaços utilizados pela população para os passeios. Assim, como no Rio de Janeiro, cujo principal espaço de passeio era a rua do Ouvidor, os pelotenses ainda não haviam adotado o costume francês – a *flânerie*, ou seja, “o passeio ao ar livre feito lenta e vagarosamente conversando ou cismando, contemplando a beleza natural ou a beleza da arte”. Os encontros e desfiles em jardins e passeios diante de cenários naturais era um hábito ainda não utilizado no Brasil, pois as cidades não tinham ainda bons calçamentos, as ruas eram cheias de lama e a noite toda se envolvia em pútridos miasmas⁶⁷⁴.

Pinho afirma ainda, que as cidades brasileiras possuíam vários espaços naturais, como florestas, casas com vastos jardins, praias, diferentemente das cidades européias em que os jardins eram plantados para desafogo de populações aglomeradas. Por esse motivo, as ruas mais movimentadas eram as preferidas, eram um refúgio de uma sociedade embriagada pela natureza.

Apenas no final da década de 1860, parece que se inicia o costume de buscar espaços mais distanciados do centro da cidade e próximos da

⁶⁷³ SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil: eleições sob Dom Pedro I, dissolução do Legislativo, que redundou no destino das tropas estrangeiras e das colônias alemãs no Brasil.* (Tradução e notas de Bertoldo Klinger; nota ao leitor e notas de F. de Paula Cidade). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros), p. 150-1.

⁶⁷⁴ PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do ... Op. Cit..*

natureza. Em 1866 o correspondente do jornal *Diário de Rio Grande* em Pelotas destacou que “tanto o opulento como o proletário não goza[vam] outro divertimento, mais do que algum passeio pelos amenos e pitorescos arrabaldes da nossa cidade, que poderia ser um Éden, uma Corte em miniatura”⁶⁷⁵.

Também foi no final dessa década a primeira citação sobre o “passeio público” de Pelotas. Este localizava-se além do arroio Santa Bárbara, na estrada que levava para o Fragata. Nas décadas seguintes o Fragata obteve “prestígio de arrabalde aristocrático”⁶⁷⁶.

Tal passeio público contava com dois *tívolis*⁶⁷⁷, nos quais, “grande parte desta população” tinha à disposição “diversos jogos inocentes, como os da bola, tívoli, bagatela, dominó, gamão, etc.” e também música aos domingos. O proprietário de um deles, “o Sr. Kastrup, cidadão prussiano”, “brinda[va] com uma partida aos seus freqüentadores”⁶⁷⁸.

Porém, nesse local, se “não aparec[iam] os aristocratas da terra, ao menos [...] de alemães, ingleses, espanhóis, brasileiros, etc., de ambos os sexos, encontra[va]-se uma sociedade assaz decente”⁶⁷⁹. O passeio público localizava-se próximo ao arroio Santa Bárbara, a oeste do perímetro urbano. Por ser um local marginal, à beira das águas, frequentado por trabalhadores urbanos, libertos e escravos, que lavavam roupas ou despejavam imundícies, o passeio público não era, inicialmente, utilizado pela elite pelotense⁶⁸⁰. O

⁶⁷⁵ Diário do Rio Grande, segunda, 19 e terça-feira, 20.03.1866, p. 1, n. 5171, ano XIX. Rio Grande.

⁶⁷⁶ OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. ... v.1., Op. Cit., p. 305.

⁶⁷⁷ Os tívolis eram casas de diversão que ofereciam, principalmente, jogos. Estavam presentes em várias cidades brasileiras, a exemplo de Rio Grande, que abriu o Tívoli Recreio em 1863 (BITTENCOURT, Ezio da R.. *Da Rua ao Teatro*, ... Op. Cit., p. 102) e de Curitiba, onde o Tívoli surgiu com os imigrantes (WESTPHALEN, Cecília M.; BALHANA, Altiva P. *Lazeres e Festas de ...* Op. Cit., p. 35.

⁶⁷⁸ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 23.08.1867, p. 1, n. 5596, ano XX. Rio Grande.

⁶⁷⁹ Diário do Rio Grande. Idem.

⁶⁸⁰ O correspondente do jornal Diário do Rio Grande, ao passear pelo passeio público em um domingo de novembro de 1867, assistiu a “um grandioso *candombe* [que] reunia os pretinhos de ambos os sexos e nas danças tradicionais da sua pátria, aplaudiam com entusiasmo o consórcio que tivera lugar de um digno par pertencente á este unido clube”. Esse relato demonstra que o local era utilizado pelos escravos e/ou libertos. Diário do Rio Grande, sexta-feira, 15.11.1867, p. 1, n. 5666, ano XX. Rio Grande. [Grifos do jornal].

passeio público de Pelotas, assim como o do Rio de Janeiro, da Bahia e, provavelmente, de todo o Brasil, não “chegou a firmar-se nas preferências da sociedade como bucólico *rendez-vous*”⁶⁸¹.

Em Pelotas, as ruas entre as duas praças foram “um ponto de encontro, um tablado de exhibições elegantes, feira de vaidades e amores, bolsa de idéias e emoções e críticas e ironias, um salão”⁶⁸², à mesma maneira que a rua do Ouvidor no Rio de Janeiro.

Além dos passeios, muitas vezes sem objetivo específico, essas ruas eram palco de festas profanas, como o carnaval, de comemorações cívicas e religiosas e homenagens a personalidades políticas, religiosas ou artísticas.

No início do século XIX o jogo do entrudo, folguedo carnavalesco popular de origem portuguesa, estava presente nas ruas de Pelotas.

O Entrudo era um folguedo que tinha a intenção de molhar ou de sujar transeuntes desprevenidos, atirando sobre eles água através de bisnagas ou de limões de cera e também farinhas e cal. Mais tarde surgiram os limões de cheiro com água perfumada e as bisnagas com vinagre, groselha ou vinho.⁶⁸³

Porém, não eram só os ingredientes indicados que eram lançados uns nos outros. Tudo era utilizado, estando limpo ou sujo. Por isso, esse jogo foi considerado, na década de 1830, como “bárbaro entretenimento, tão ruinoso à moral como à saúde pública”. Levando em conta que o entrudo estava sendo proibido no Rio de Janeiro, o redator do jornal *O Noticiador*, solicitava essa mesma atitude da câmara de Rio Grande. Destaco, que nessa data, Pelotas estava vinculada administrativamente à Vila de Rio Grande. A reivindicação era justificada pelo esquecimento das “leis da decência e da urbanidade, e [...] [da] propriedade”.⁶⁸⁴

Ou seja, Rio Grande e Pelotas, cidades prósperas da Província de São Pedro, não poderiam ficar aquém das demais cidades. O entrudo foi proibido através das Posturas Municipais de 1834, que, por ser considerado

⁶⁸¹ PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do ...* Op. Cit., p. 251.

⁶⁸² PINHO, Wanderley. *Idem*, p. 261.

⁶⁸³ BITTENCOURT, Ezio da R.. *Da Rua ao Teatro, ...* Op. cit., p. 72.

⁶⁸⁴ *O Noticiador*, sexta-feira, 27.01.1832, p. 2, n. 7. Edital. Rio Grande.

um folguedo que descambava para a violência e o abuso, previa uma multa de 5\$ a 15\$000 rs, sendo que os objetos a venda para tal fim seriam inutilizados.⁶⁸⁵ Assim, as autoridades procuravam abolir os antigos usos do entrudo. Na verdade, ele continuou a ser praticado, porém, em menor escala.

Nas décadas anteriores, o entrudo representava a interação que havia entre a população, era uma forma de demonstrar intimidade com as outras pessoas. Esse jogo era identificado “como demonstração de uma comunidade na qual todos são amigos e conhecidos, e, por isso, podem participar das brincadeiras com água.” Porém, embora ainda realizado nas ruas, principalmente na S. Miguel [atual XV de Novembro], e no interior da Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], esse “entrudo saudoso” tendeu ao desaparecimento porque a cidade cresceu e o livre jogo de água ficou inadmissível, pois, “nem todos se conhecem, e rompera-se o elo que tornava a ‘molhadeira’ um ato aceitável, normal, livre.”⁶⁸⁶

O entrudo e os demais festejos carnavalescos ocorridos posteriormente (posso citar os bailes de máscaras e os clubes carnavalescos, como o Clube Brilhante e o Diamantinos) eram promovidos e controlados “pela elite e sua cultura européia”. Como afirma Alvaro Barreto:

A participação dos negros ocorria de maneira escondida, periférica, permitida e/ou vigiada, o que se efetivava pela simples separação das folias (restando aos negros a periferia, os arrabaldes ou os setores do centro não ocupados pelos brancos), pelo policiamento (editais, ameaças, códigos de posturas), ou pela colocação desses negros como elemento passivo, isto é, aquele que via os brancos exibindo-se ou para eles trabalhava.⁶⁸⁷

Aos poucos, o entrudo foi sendo substituído por outras formas de se festejar o carnaval. Já na década de 1850 os bailes de máscaras no Teatro Sete de Abril e nos hotéis foram destacados como preferíveis ao entrudo, uma forma mais civilizada de comemorar o carnaval. Porém, a nova forma de festejar o carnaval privatizava um divertimento público, selecionando

⁶⁸⁵ O Brado do Sul, quarta-feira, 01.03.1860, p. 1-2, n. 273, ano II. Editais. Pelotas.

⁶⁸⁶ BARRETO, Alvaro. *Dias de Folia*. ... Op. Cit., p. 21.

⁶⁸⁷ BARRETO, Alvaro. *Idem*, p. 106.

ainda mais os participantes através do ingresso e do preço da máscara e da fantasia.

Outra forma de comemorar o Carnaval, utilizando as ruas, era o desfile com máscaras: “para os dias do entrudo”, está se organizando um “bando de máscaras”, que percorrerá as ruas da cidade e “executará uma graciosa dança em casas particulares”.⁶⁸⁸

Para tais festejos, as lojas ofereciam máscaras para vender, como mostra o anúncio abaixo:



Figura 9 – Anúncio de Venda de Máscaras para o Entrudo.

Fonte: O Brado do Sul, terça-feira, 21.02.1860, p. 1, n. 268, ano II. Noticiário. Pelotas.

Além da época do Carnaval, era costume, na véspera e no Dia de Reis, “um bando de máscaras” e uma banda de música percorrer as ruas da cidade, “tocando e cantando nalgumas das principais casas de Pelotas”⁶⁸⁹.

⁶⁸⁸ O Brado do Sul, quarta-feira, 15.02.1860, p. 1, n. 261, ano II. Noticiário. Pelotas.

⁶⁸⁹ O Brado do Sul, domingo, 08.01.1860, p. 1, n. 232, ano II. Noticiário. Pelotas.

Outras comemorações eram realizadas com o uso da máscara, como a comemoração do dia dois de dezembro, aniversário natalício do Imperador D. Pedro II. Nessa ocasião, os “máscaras” percorriam as ruas da cidade. A presença dos mascarados nas ruas era mais uma demonstração pública de apreço dos pelotenses ao Imperador.

Porém, qualquer atividade que fosse realizada com o uso de máscaras deveria ter a autorização policial, sob pena de seus usuários serem presos, pois o “uso de máscaras ajudava as pessoas a se libertarem dos seuseus cotidianos, conferindo a todos um senso de impunidade como o manto da invisibilidade dos contos folclóricos”.⁶⁹⁰

Foi o que aconteceu com alguns indivíduos que quiseram comemorar o dia dois de dezembro de 1856 mascarados e sem licença policial, os quais foram recolhidos à cadeia, pois “os abusos debaixo da máscara são muitos, [sendo] conveniente saber sobre quem deve ser despçada a decência pública, se por acaso for desatendida”⁶⁹¹.

Afora tais atividades, as ruas eram prolongamentos de espaços fechados, como o teatro ou a igreja. As manifestações de apreço aos artistas e as festividades religiosas se prolongavam pelas ruas da cidade. Exemplo do que falo são as demonstrações de apreço aos artistas que vinham se apresentar no Teatro Sete de Abril. Os espectadores aplaudiam, saudavam os artistas com flores, sonetos e poesias, mas essas demonstrações continuavam em outros espaços de sociabilidade, como os hotéis ou as sociedades de baile, onde os artistas eram agraciados com banquetes, ou ainda, pelas ruas da cidade, quando os espectadores acompanhavam o artista até seu local de residência, numa espécie de cortejo. Nesses locais o espetáculo do teatro continuava.

Em 1854 o artista João Caetano foi acompanhado por um “grande número de pessoas” até a sua residência, os quais foram precedidos pela

⁶⁹⁰ BURKE, Peter. *Cultura Popular na ...* Op. Cit., p. 225.

⁶⁹¹ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 11.12.1856, p. 2, n. 2384, ano IX. Semanário Pelotense V. Rio Grande.

música do teatro e, à porta da residência, “deram muitos vivas, que o Sr. João Caetano agradeceu, assaz comovido”⁶⁹². Outro exemplo é a demonstração de apreço ao músico-pianista Arthur Napoleão: “Concluído o espetáculo, um numeroso concurso de gente grada, alumuada por uma infinidade de archotes, e precedida pela música da orquestra, acompanharam o Sr. Arthur até o hotel do Comércio”⁶⁹³. Nesse hotel uma ceia estava preparada para ele, quem, após a ceia, foi acompanhado até o porto de Pelotas para seu embarque.

Os exemplos demonstram que a rua se transformava num prolongamento do teatro, onde o espetáculo continuava. Assim, vários espaços de sociabilidade – ruas, teatro, hotéis – se integravam. Espaços abertos se transformam em prolongamentos dos espaços fechados, continuando o espetáculo.

Da mesma forma, as festividades religiosas também se prolongavam pelas ruas, após as atividades na igreja. Nesse caso, a festividade se estendia para a rua mediante a realização das procissões. Durante os séculos XVIII e XIX as sociabilidades públicas estavam intimamente relacionadas com a frequência às igrejas e às festas populares religiosas. Essas comemorações religiosas, além da prestação do culto, incluíam, de forma integrada, práticas festivas profanas, misturando religiosidade e um espírito alegre e lúdico, em que a convivialidade ocupava lugar central.

As principais festas religiosas⁶⁹⁴ comemoradas em Pelotas nessas décadas foram: a festa do padroeiro da cidade – São Francisco de Paula⁶⁹⁵,

⁶⁹² O Pelotense, terça-feira, 24.10.1854, p. 1-2, n. 354, ano IV. Pelotas.

⁶⁹³ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 25.11.1857, p. 2, n. 2669, ano X. Semanário Pelotense LXVI. Rio Grande.

⁶⁹⁴ Destaco que meu objetivo não é descrever e analisar as festas, tanto religiosas como cívicas, mas sim, analisar de que forma as ruas principais de Pelotas e a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] foram utilizadas para tais festividades, que atividades eram nelas desenvolvidas e de que forma a elite se utilizava dos espaços abertos para a sua sociabilidade.

⁶⁹⁵ A festa de São Francisco de Paula compreendia missa cantada com sermão do Evangelho, Te-Deum, vésperas com o Santíssimo Sacramento Exposto, procissão, fogos de artifício e girândolas, música pelas ruas e baile.

a Semana Santa⁶⁹⁶, do Divino Espírito Santo⁶⁹⁷ e a festa da Conceição de Nossa Senhora – padroeira do Império⁶⁹⁸. Essas festas eram regularmente comemoradas⁶⁹⁹.

O destaque conferido a estas festas religiosas revelava o papel a elas atribuído pela população pelotense. Desde o início do século XIX, após a instalação da Freguesia, as procissões e festas religiosas começam a ser realizadas em Pelotas. Antes disso, a população da localidade se deslocava até Rio Grande para participar destas festividades. José Vieira Pimenta⁷⁰⁰ destaca as principais procissões e festas realizadas a partir de 1812, revelando os valores religiosos da população pelotense.

De acordo com José Vieira Pimenta, em dezembro de 1813, a imagem de São Francisco de Paula foi levada da casa do vigário para a “igrejinha”, “em solene procissão, em andor, e quase todos os maiores da terra acompanharam”⁷⁰¹. Posso supor que se trata da primeira procissão religiosa realizada em Pelotas, quando o plano urbano ainda não havia sido realizado. Ainda antes da Revolução Farroupilha, foi realizada a festividade da Semana Santa.

Antes mesmo de terminar a Revolução, em 1844, quando esta já estava declinando, o Barão de Jaguarí e sua esposa fizeram a festa do padroeiro. Durante todo o período que estudo tal festa foi sempre comemorada no mês de abril.

⁶⁹⁶ Na Semana Santa realizavam-se missa cantada, sermão, procissões do encontro, do enterro e da ressurreição, Via-Sacra, coroação de N. Senhora e malhação do Judas no sábado santo.

⁶⁹⁷ Festa do Divino Espírito Santo – essa festa incluía cerimônias religiosas, leilões, música pelas ruas e na Praça da Regeneração, esmolas aos pobres, presos e enfermos oferecidos pelo festeiro ou pelo imperador ou imperatriz da festividade.

⁶⁹⁸ A festa de N. S. da Conceição compreendia novenas, missa solene, sermão ao Evangelho, procissão, Te-Deum, fogos de artifício e baile.

⁶⁹⁹ Outras festividades religiosas foram realizadas na cidade. Tais festas estão reunidas no Apêndice 18 Festividades Realizadas em Pelotas no Século XIX (1840-1870). Destaco que reuni as comemorações encontradas no período, o que não quer dizer que tenham ocorrido todos os anos.

⁷⁰⁰ PIMENTA, José Vieira. Revalidação da Matrícula dos Irmãos até 1853 da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Padroeiro São Francisco de Paula da Cidade de Pelotas. In: LOPES NETO, J. Simões. *História de Pelotas*. (Org. por Mário Osório Magalhães). Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994.

⁷⁰¹ PIMENTA, José Vieira. Idem.

Após a Revolução Farroupilha, as festas religiosas se tornaram importantes eventos realizados na cidade, agrupando não só os moradores de Pelotas, mas também os da vizinha cidade de Rio Grande. Prova disto são os anúncios veiculados nos jornais de Rio Grande oferecendo passeios de recreio para participarem de festas e procissões religiosas⁷⁰². Destaco dois anúncios:

VAPORES A SAIR Pelotas. O Rio-Grandense hoje às 2 horas quem quiser e for devoto de N. S. dos Passos, pode aproveitar a ocasião de ir ver a procissão que se faz amanhã.⁷⁰³

Passeio a Pelotas. O comandante do vapor Rio Grandense propõe-se fazer uma passeio de recreio a cidade de Pelotas, hoje 8 do corrente, às 5 horas da manhã, e regressará daquela cidade segunda feira impreterivelmente as mesmas horas; sendo o preço das passagens de viagem redonda a módica quantia de 8\$000. Havendo na cidade vizinha, no dia mencionado, festa e procissão da Senhora da Conceição e à noite um belo fogo de artifício; o passeio oferece uma excelente distração e o proponente espera que o honrarão aceitando um dia de prazer que lhes oferece esse passeio; os cartões acham-se a venda na agencia da companhia União.⁷⁰⁴

Posso afirmar que as festas religiosas foram os primeiros atrativos “turísticos” da cidade de Pelotas, atraindo a concorrência de “turistas”, principalmente da cidade de Rio Grande, talvez pela facilidade de acesso através dos vapores que ligavam Pelotas e Rio Grande pela Lagoa dos Patos⁷⁰⁵. Na festividade do Santo padroeiro São Francisco de Paula, em abril de 1864, “cavalheiros e senhoras vindos da cidade vizinha [Rio Grande] e de Porto Alegre abrilhantaram a festividade, e mais motivos de satisfação teve o povo de Pelotas”⁷⁰⁶.

Essas festas religiosas seguiam uma programação, iniciando com Te-Deum na igreja matriz, e procissão pelas “ruas do estilo”, que eram,

⁷⁰² De Pelotas também partiam “vapores de recreio” levando a população para participar de eventos festivos, como as regatas em setembro de 1860. Diário do Rio Grande, sexta-feira, 21.09.1860, p. 3, n. 3505, ano XIII. Avisos Marítimos. Rio Grande.

⁷⁰³ Diário do Rio Grande, sábado, 01.04.1854, p. 4, n. 1590, ano VII. Anúncios. Rio Grande. [Grifos meus]

⁷⁰⁴ Diário do Rio Grande, domingo, 08.12.1861, p. 2, n. 3899, ano XIV. Avisos Marítimos. Rio Grande. [Grifos meus]

⁷⁰⁵ No período que estudo, cinco vapores faziam o transporte de passageiros entre Pelotas e Rio Grande: Especulação, Rio Grande, Charrua, Mauá e Trapuá, sendo três da companhia União, um da companhia Mauá e um da companhia Guaíba. GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue*: ... Op. Cit., p. 218.

⁷⁰⁶ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 07.04.1864, p. 1, n. 4591, ano XVII. Rio Grande.

principalmente, as ruas do Comércio [atual Félix da Cunha] até a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], retornando pela rua de S. Miguel [atual XV de Novembro] até a igreja matriz. E estas também eram as principais ruas das moradias, das casas comerciais e dos serviços. Durante as procissões, essas ruas ficavam “guarnecidas de lindas e graciosas jovens, de que tanto abunda a nossa Pelotas”⁷⁰⁷.

Algumas procissões iam até a Santa Casa de Misericórdia ou até o Asilo de Órfãos N. S. da Conceição (quando a procissão era a da Nossa Senhora da Conceição), passando, assim, ainda pela rua do Poço [atual Sete de Setembro] e pelas ruas de S. Francisco [atual Princesa Isabel] e Alegre [atual Gonçalves Chaves], onde ficava o Asilo.

O redator do jornal *O Brado do Sul* de Pelotas, faz uma descrição das procissões, destacando a maneira como se projetava o cortejo:

Festa de N. S. da Conceição – No domingo teve lugar a festa de N. S. da Conceição com todo o brilhantismo e pompa. Às 11 horas da manhã achava-se a igreja apinhada de fiéis e com grande música e avultado número de sacerdotes celebrou-se o solene sacrifício da missa, [...] À tarde às 5 horas saiu a brilhante procissão, que percorreu as ruas do Comércio e S. Miguel. Todas as irmandades com os seus respectivos andores e a do SS. SS. acompanhando o pálido, formaram a procissão. Esmerosos e elegantes anjinhos acompanharam e as candidatas virgens do Imperial Asilo e colégio anexo procediam o andor da Virgem da Conceição, que ia acompanhado pelos Rvms. Srs. padres Paulino Soares e Teixeira. O palio era levado pelos irmãos da mesa do SS. SS. e imediatos a ela seguiram o Sr. Dr. Juiz de direito e os membros da câmara municipal. Uma brilhante guarda de honra composta pela G. N. fechava a procissão e devido á excelente policia e á atividade dos Srs. delgado de policia, tenente comandante da mesma e do sr. capitão Leitão, comandante do destacamento, reinou em todo o transito a maior ordem. [...] Em conclusão diremos que honra seja tributada à mesa da irmandade da Senhora da Conceição que tão brilhante festa celebrou, pois que geralmente ouvimos dizer, que, há muito não se havia presenciado outra igual. As nossas ruas a muito não apresentaram um aspecto risonho e animado, como durante todo o dia da festa [...].⁷⁰⁸

Para abrilhantar ainda mais a procissão, era solicitado aos moradores que tivessem o cuidado de manterem a frente de suas casas asseadas: o juiz da festividade rogava “aos moradores das ruas por onde a procissão [teria]

⁷⁰⁷ Diário do Rio Grande, domingo, 23.12.1860, p. 1, n. 3583, ano XIII. Rio Grande.

⁷⁰⁸ O Brado do Sul, terça-feira, 13.12.1859, p. 1, n. 202, ano II. Noticiário. Pelotas. [Grifos meus]

de passar, o especial favor de mandarem conservar limpas e decentes suas testadas e aformosear suas janelas”⁷⁰⁹. Tais cuidados incluíam a limpeza da frente da casa e o esgoto das águas e o “aformoseamento” das janelas com “colchas de damasco e em algumas quadras a rua [era] matizada de flores”⁷¹⁰, o que demonstrava “o amor deste povo” pelo santo da procissão.

Essas festas e procissões eram organizadas pelas irmandades, das quais participavam a elite pelotense. Esta elite também era aquela que participava das sociedades recreativas e assistia aos espetáculos teatrais. Posso citar como exemplo, Antônio Marques Leite de Castro, secretário da *Sociedade Harmonia Pelotense* e da *Sociedade Filo-Dramática*, em 1852 e José Vieira Pimenta, sócio da *Sociedade Literária* e secretário da *Sociedade Recreio Pelotense*, em 1861. Ambos foram escrivães da Irmandade do Santíssimo Sacramento e participaram da organização da Procissão de Nosso Senhor dos Passos, em 1851⁷¹¹ e da Festa do Padroeiro S. Francisco de Paula, em 1858⁷¹², respectivamente. José Antônio Moreira, que participou das sociedades *Harmonia Pelotense*, *Recreio Pelotense* e do *Clube Pelotense*, foi eleito “protetor das festividades” da Semana Santa de 1866⁷¹³. Isso demonstra que a elite estava presente em várias instâncias da sociedade, transitando por diferentes espaços de sociabilidade.

Assim, essas festividades religiosas também eram espaços de ostentar, mostrar a riqueza e o bom gosto desta elite, demonstrado nas maneiras, nas *toilettes*: um exemplo ilustrativo é o relato da festa de N. S. da Conceição feito pelo correspondente do jornal *O Rio-Grandense* de Rio Grande:

Principiou a festa as horas do costume sendo anunciada por numerosos foguetes. Esta festa que em todo o Brasil é tão solenemente feita, nesta cidade subiu de ponto em luxo e decência, se guardamos a devida proporção com outras cidades do Império, onde a população e os meios superabundam. A igreja estava apinhada de gente a ponto de abafar, e a não caber mais que nenhuma criança; e note Vmc. que não era somente povo festeiro,

⁷⁰⁹ Diário do Rio Grande, sábado, 05.04.1856, p. 2, n. 2180, ano IX. Declaração. Rio Grande.

⁷¹⁰ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 17.04.1863, p. 1, n. 4302, ano XVI. Rio Grande.

⁷¹¹ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 16.10.1851, p. 3, n. 873, ano IV. Anúncios. Rio Grande.

⁷¹² Noticiador, quarta-feira, 07.04.1858, p. 3, n. 397, ano V. Anúncios. Pelotas.

⁷¹³ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 27.04.1865, p. 2, n. 4906, ano XVIII. Rio Grande.

ou de certa gente que vai a igreja por hábito, e que só para sair de casa buscam o motivo das missas e de quanta festa há; não senhor, tinha também dessa gente, porem a par dela, havia o que há de mais belo, elegante, senhoril e delicado nesta encantadora cidade. Era um gosto ver como o largo da Igreja estava cheio de lindas e elegantes equipagens que bem davam a conhecer o gosto dos donos e a flor de civilização que existe nesta tão moderna cidade. As novas e lindas armações do templo, a concorrência de senhoras ricamente trajadas, os homens alem de decentemente vestidos cheios de circunspecção e respeito pelo ato que se celebrava, tudo isto apresentava um todo que tocava à vista, e alma e fazia que reconhecêssemos nossa pequenez e elevássemos o nosso espírito até o Ente Supremo. Quando foi acabada a festa e que todas aquelas equipagens desfilaram pelas diversas ruas da cidade, parecia-me estar na Corte do Império, e profetizei um brilhante futuro a esta cidade. Onde tudo é poético, brilhante, encantador, e vivificado pela beleza e graças das Ninfas e Deidades que a povoam. Se a festa esteve no seu auge quanto a decência e pompa, a procissão a tarde não foi menos; [...] Fez a procissão o seu circulo costumado e recolheu-se, sempre na maior ordem, estando as janelas das ruas por onde passou, guarnecidas das divinas Pelotenses.⁷¹⁴

Além de relatar a festa, os redatores destacavam a concorrência das pessoas importantes da cidade, bem como a sua elegância no trajar. O vestuário⁷¹⁵, principalmente das senhoras, era sempre observado e relatado pelos redatores. “Senhoras que rivalizavam em elegância, bom gosto, simplicidade e formosura”. As mulheres se preparavam para as festas, mandando fazer seus vestidos meses antes: o correspondente do jornal *O Rio-Grandense* de Rio Grande, destaca que: “Talvez que nesse dia memorável [festa de N. S. da Conceição], senhora houvesse que em grande tom se vestiu três vezes, pela manhã para a festa, à tarde para a procissão e à noite para o baile!”⁷¹⁶. Isso demonstra que se tratava de um espaço de mostrar e de se mostrar.

Segundo Bourdieu, é possível ler no estilo do vestuário, o verdadeiro estilo de vida de um grupo, o que “deve-se ao fato de que não só tais propriedades são a objetivação das necessidades econômicas e culturais que determinaram tal escolha, mas também as *relações sociais objetivadas*

⁷¹⁴ O Rio-Grandense, quinta-feira, 11.12.1851, p. 1-2, n. 276, ano VII. Rio Grande. [Grifos meus]

⁷¹⁵ Erasmo já destacava que o vestuário “é em certo sentido o corpo do corpo. Dele podemos deduzir a atitude da alma”. E continua afirmando que a “maneira de vestir corresponde a esta ou aquela condição espiritual”. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. ... v.1, Uma história dos Costumes. Op. Cit., p. 90.

⁷¹⁶ O Rio-Grandense, quinta-feira, 11.12.1851, p. 1-2, n. 276, ano VII. Rio Grande.

nos objetos familiares, em seu luxo ou pobreza, em sua 'distinção' ou 'vulgaridade', em sua 'beleza' ou 'feiúra', [...]"⁷¹⁷.

A roupa é um referente que permite a leitura e compreensão das características que um grupo seleciona para identificar-se. De acordo com Graciela Zuppa, a vestimenta "é um dos modos de expressar distinção, porque reforça e acentua as diferenças sociais" e também "é testemunha dos diferentes signos necessários para a construção dos espaços de sociabilidade dado que permite exteriorizar as diferenças, as tendências à imitação, as analogias e as desigualdades"⁷¹⁸.

A concorrência e o comportamento nas procissões eram sempre destacados pelos redatores, visando demonstrar a "civildade" da população pelotense: na procissão de N. S. da Conceição concorreram "todo o mandanismo desta cidade", desfilando pelas ruas "a flor da civilização que existe nesta tão moderna cidade". Na festa do Padroeiro S. Francisco de Paula, em 1857, a "concorrência do povo foi muita, e na melhor ordem possível, não consta que houvesse o menor distúrbio"⁷¹⁹; em 1862 na mesma festa a "concorrência foi extraordinária e teve a melhor ordem e precisão"⁷²⁰.

Observei que os redatores, ao relatarem alguma atividade nos espaços de sociabilidade, fosse ele formal, semiformal ou informal, destacavam sempre os mesmos aspectos, quais sejam, os participantes e suas *toilettes*, seu comportamento civilizado, a ordem na festividade.

Essa maneira de se mostrar em tais espaços, seja pelo comportamento ou pelo trajar, se insere na questão do olhar os outros. As ruas eram espaços que serviam como palco para a elite se mostrar aos menos abastados,

⁷¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: ... Op. Cit.*, p. 75. [Grifos do autor]

⁷¹⁸ ZUPPA, Graciela. *Prácticas de sociabilidad en la construcción de la Villa balnearia. Mar del Plata y El acceso al siglo XX*. In: _____. *Prácticas de sociabilidad en un escenario argentino: Mar del Plata 1870-1970*. Mar del Plata: Universidad Nacional Mar del Plata, 2004, p. 53-80, p. 71.

⁷¹⁹ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 23.04.1857, p. 2, n. 2491, ano X. Semanário Pelotense XV. Rio Grande.

⁷²⁰ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 02.05.1862, p. 1, n. 4017, ano XV. Rio Grande.

servindo como “modelos” de vestir e de comportamento. Elias afirma que: “A fim de ser realmente ‘cortês’ segundo os padrões da *civilité*, o indivíduo é até certo ponto obrigado a observar, a olhar em volta e prestar atenção às pessoas e aos seus motivos.”⁷²¹

Elias continua afirmando que a tendência cada vez maior de as pessoas se observarem e aos demais, aumenta a coação exercida por uma pessoa sobre a outra, a exigência de um bom comportamento e a compulsão de policiar o comportamento inaceitável.

Forçadas a viver de uma nova maneira na sociedade, as pessoas tornam-se mais sensíveis às pressões das outras. Não bruscamente, mas bem devagar, o código de comportamento torna-se mais rigoroso e aumenta o grau de consideração esperado dos demais. O senso do que fazer e não fazer para não ofender ou chocar os outros torna-se mais sutil e, em conjunto com as novas relações de poder, o imperativo social de não ofender os semelhantes torna-se mais estrito [...]⁷²²

Nesse mesmo sentido, o controle policial era considerado necessário nessas atividades ao ar livre. Assim como o delegado de polícia estava presente em todos os espetáculos teatrais, visando manter a ordem e o silêncio importantes para a atividade, nas procissões e nos desfiles cívicos ele também participava, com o mesmo objetivo de manter “em todo o trânsito a maior ordem”⁷²³.

Entretanto, em algumas dessas atividades não “reinava a maior ordem”. Na festa de N. S. da Conceição, em dezembro de 1856, “um soldado encarregou-se de perturbar por alguns momentos aquela solenidade”, porém, “foi imediatamente preso”⁷²⁴. No leilão do Espírito Santo, em maio de 1860, “apareceram alguns moços (ou mais propriamente moleques) que se divertiram em cortar com tesouras os vestidos, capas, etc.,

⁷²¹ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. ... v.1, Uma história dos Costumes. Op. Cit., p. 90. [Grifos do autor].

⁷²² ELIAS, Norbert. *Idem*, p. 91.

⁷²³ O Brado do Sul, terça-feira, 13.12.1859, p. 1, n. 202, ano II. Noticiário. Pelotas.

⁷²⁴ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 17.12.1856, p. 2, n. 2389, ano IX. Semanário Pelotense VI. Rio Grande.

das senhoras", inutilizando, assim, "vestidos de seda de subido preço, capas de veludo, etc."⁷²⁵.

Os leilões e as esmolas "em louvor e glória" do Divino Espírito Santo, advindas de doações de dinheiro ou bens, eram entregues aos pobres, mendigos, presos, os quais eram distribuídos pela imperatriz da festividade⁷²⁶. Neste sentido, a elite se mobilizava para angariar donativos, demonstrando, assim, a sua caridade e filantropia.

Além do Te-Deum e das procissões, entre outras atividades alusivas às festividades religiosas, como os leilões e a distribuição de esmolas na festa do Divino Espírito Santo, os fogos de artifício marcaram presença em todas as festividades, ora anunciando a festa, ora fechando a programação, ou durante as procissões. Na procissão do Santo Padroeiro S. Francisco de Paula, "em todas as travessas se ouviram troar palmas e girândolas de foguetes quando o Padroeiro passava"⁷²⁷.

Nessas festividades participavam diferentes estratos sociais, mas as diferenças no porte, no vestuário e nos comportamentos remetiam para as distâncias sociais existentes. Como diz Maria Ana Bernardo, as procissões eram:

[...] uma prática de sociabilidade propícia à ostentação e consolidação das relações entre a Igreja e a vertente institucional e formal do poder temporal; à mobilização das diversas instâncias de poder como representação local; e à encenação dos rituais de legitimação e de distinção dos indivíduos que participavam na cerimônia consubstanciando a personalização desse poder – a maior ou menor proximidade em relação à relíquia sagrada era um importante fator de hierarquização. A procissão-espetáculo invadia a cidade, dava-se a ver e adquiria significação e inteligibilidade por este mesmo fato.⁷²⁸

Nessas festas religiosas, mesmo contando com a participação de diferentes estratos sociais, a rua se transformava em um local de espetáculos, local de distinção, onde os redatores dos jornais distinguiam a

⁷²⁵ O Brado do Sul, terça-feira, 22.05.1860, p. 1, n. 57, ano III. Noticiário. Pelotas.

⁷²⁶ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 01.06.1849, p. 3, n. 183, ano II. Anúncios. Rio Grande.

⁷²⁷ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 07.04.1864, p. 1, n. 4591, ano XVII. Rio Grande.

⁷²⁸ BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em ...* Op. Cit., p. 65.

elite em relação ao restante do "povo", pelo seu nome, vestimentas, comportamentos ou posição no préstito.

Assim como as festividades religiosas, as festas cívicas também eram comemoradas na cidade. Eventos relativos à Família Real, como o nascimento ou a entronação, ou datas nacionais eram acontecimentos festivos para a população, cultuando os governantes.

As festividades cívicas e algumas festividades religiosas, como a comemoração de Corpus Christi eram realizadas sob a égide das autoridades como a Câmara Municipal. Para os festejos de Corpus Christi, a Câmara convocava os "srs. cavalheiros das ordens militares", que eram obrigados a participar pela lei provincial Nº. 4 de 16 de novembro de 1837.⁷²⁹

As principais datas cívicas comemoradas regularmente foram o sete de abril⁷³⁰, o sete de setembro e o dois de dezembro, conforme já afirmado nos capítulos anteriores⁷³¹. Tais festividades incluíam diversas atividades, como Te-Deum na Igreja Matriz, espetáculos no Teatro Sete de Abril e banquetes nos hotéis (abordados no capítulo anterior), bailes, inicialmente na Câmara Municipal e, posteriormente nas sociedades de baile (abordados no capítulo 2), atividades na Praça da Regeneração (que será abordado na segunda parte deste capítulo) e atividades nas principais ruas da cidade. Isso demonstra, mais uma vez, que os espaços de sociabilidade, fossem eles formais ou informais, estavam integrados, sendo palco de uma mesma festividade.

Uma primeira comemoração cívica foi realizada no dia sete de abril de 1832, quando a Freguesia de São Francisco de Paula foi elevada à categoria de Vila; nesse dia também estava se comemorando um ano da abdicação de D. Pedro I. Essa primeira comemoração incluiu atividades na Praça da Regeneração, espetáculo no "Teatrinho Sete de Abril", um baile e

⁷²⁹ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 22.05.1850, p. 1, n. 464, ano III. Edital. Rio Grande.

⁷³⁰ O dia sete de abril só foi comemorado até a década de 1840, pois o dia foi considerado de festividade nacional até agosto de 1848. Ver nota 444 do capítulo anterior.

⁷³¹ Outras datas cívicas foram comemoradas na cidade, como pode ser visto no Apêndice 18 Festividades Realizadas em Pelotas no Século XIX (1840-1870).

atividades nas ruas, conforme a correspondência de Matheus Gomes Viana⁷³² ao jornal *O Noticiador* de Rio Grande:

*S. FRANCISCO DE PAULA CORRESPONDÊNCIA Sr. Redator O Dia SETE DE ABRIL, Aniversário do Triunfo da nossa Liberdade, nas margens do Janeiro, foi pelos Cidadãos de S. Francisco de Paula contemplado com ainda maior entusiasmo por ser aquele em que teve lugar a criação desta Vila, e por tão plausíveis sucessos convencionaram-se os nossos beneméritos Concidadãos, solenizá-los com a possível magnificência. No dia 6 a noite todos os moradores iluminaram espontaneamente as suas casas, e percorreram as ruas da Vila tocando, e cantando o Hino Nacional, seguido sempre de enérgicos Vivas á tudo que nos é caro, que eletrizando os corações Brasileiros, faziam abraçá-los nas chamas do mais decidido Patriotismo. No Dia Sete pelas 10 horas da manhã se cantou na Igreja Matriz um Solene Te-Deum, a cujo ato concorreram inúmeros Cidadãos. Concluída esta Solenidade o benemérito Sr. Dr. Ouvidor, acompanhado de grande parte do Povo, se dirigiu à praça da Regeneração, aonde, na conformidade da Lei, proclamou a nova Vila, dando Vivas à Nação Brasileira, à Assembléa Geral, ao Imperador Constitucional, e á Regência do Império, que foram correspondidos com entusiasmo. [...]*⁷³³

Nas festas cívicas realizadas após a Revolução Farroupilha – sete de setembro e dois de dezembro – as ruas se preparavam para o espetáculo, com fogos de artifício, iluminação das casas, bandas de música percorrendo as ruas, dando um aspecto festivo à cidade. O comunicado abaixo destaca a programação das festividades do dia sete de setembro, incluindo as atividades desenvolvidas nas ruas da cidade. Inicialmente relata as atividades realizadas na noite anterior ao dia sete:

PELOTAS. OS FESTEJOS DO DIA SETE DE SETEMBRO. [...] Na noite de 6 uma banda de música acompanhada por beneméritos cidadãos percorreu as ruas da cidade tocando em frente à casa da Câmara, das autoridades e de diversas pessoas, subindo efetivamente ao ar grande número de foguetes. Às 9 horas estavam já os salões da sociedade Recreio Pelotense repletos de famílias para o baile em grande gala que tinha de ser exibido para comemorar o maior dia do Brasil. [...] achando-se presentes a Câmara Municipal, titulares, corpo consular, Dr. Juiz de direito, Dr. Juiz municipal, Dr. Promotor, delegado

⁷³² Matheus Gomes Viana nasceu em 14 de setembro de 1809 nesta freguesia e faleceu em 1839. Era filho do tenente Baltazar Gomes Viana e Joana Margarida Silveira Gomes Viana; casou-se com Maria Francisca Antunes Maciel em 13.04.1832. (Registro de Casamentos. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula. Ago 1832 – maio 1844, p. 131). Matheus foi vereador por várias vezes, tendo sido presidente da Câmara Municipal; aderiu à causa farroupilha por convite de Bento Gonçalves e do General Netto; era liberal. OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas. ... v.1., Op. Cit., p. 105-6.*

⁷³³ *O Noticiador*, sexta-feira, 04.05.1832, p. 3, n. 33. Correspondência. Rio Grande. [Grifos meus]

de policia, comandante superior da G.N. e seu estado maior, oficiais militares e grande número de cidadãos nacionais e estrangeiros que haviam sido convidados pela digna comissão encarregada de dirigir o baile que a nada se poupou para o tornar digno do fim a que era destinado.⁷³⁴

O redator continua relatando os festejos no próprio dia sete de setembro:

No dia 7, ao romper o dia, atroaram no ar os foguetes de muitos lados da cidade; às 11 horas celebrou-se na igreja Matriz o solene Te-Deum, estando presentes a câmara municipal, todas as autoridades civis e militares, a oficialidade de cavalaria e de infantaria da G. N. e grande numero de cidadãos. Findo o Te-Deum o Sr. presidente da câmara na praça da Igreja, deu os vivas que foram vitoriosamente correspondidos. A secção da Guarda Nacional com bandeira, em rico uniforme, e o destacamento de linha que se achavam postados na praça, deram as descargas e marcharam em continência, seguindo depois a seus quartéis. Às 4 horas da tarde seguiu-se os festejos no Asilo das Órfãs, [...] À noite tivemos espetáculo dramático, ostentando-se o teatro com gala e gosto. Subido que foi o pano, o Sr. subdelegado deu os vivas do estilo, que foram entusiasticamente correspondidos. Seguiu-se depois o recitativo, por vários cavalheiros, que prendeu a atenção do auditório pela elegância de algumas poesias e alocuções. A orquestra tocou a Batalha de Moron, e a companhia representou o sublime drama Abnegação. No dia 8 houve na capela do Asilo a festa da casa com missa cantada e grande concorrência. À noite no teatro repetiu-se o festejo nacional, e era sublime ver este recinto com os camarotes repletos das belezas pelotenses em grande gala. [...] (Do corresp. do Diário)⁷³⁵

Além dessas festividades realizadas para comemorar o dia sete de setembro, saiu pelas ruas o “carro triunfante”⁷³⁶. Tratava-se de um festejo popular que agradava bastante, tendo sido “muito aplaudido”. O festejo parece ter sido utilizado nas comemorações do dia sete de setembro de 1860⁷³⁷, mesmo que alguns dias depois. Concomitantemente a ele, desenvolveram-se atividades na praça.

⁷³⁴ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 11.09.1862, p. 1, n. 4125, ano XV. Rio Grande.

⁷³⁵ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 11.09.1862, p. 1, n. 4125, ano XV. Rio Grande.

⁷³⁶ O “carro triunfante” fazia parte dos desfiles das principais festas do Brasil, desde o período colonial. Como exemplo, cito as festas barrocas realizada em Minas Gerais e estudadas por Júnia Furtado. Nessas festas era comum mandar desfilar “magníficos” carros triunfais às custas dos moradores mais ricos.

FURTADO, Júnia Ferreira. *DESFILAR: a procissão barroca*. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/desfilaprocissaobarroca.pdf. Acesso em 12.10.2009.

⁷³⁷ Nesse ano o festejo foi relatado pelo jornal o Brado do Sul, porém, como só obtive essa referência, não posso afirmar se acontecia todos os anos ou não.

O jornal *O Brado do Sul* de setembro de 1860 descreve tal festejo. Juntamente ao carro triunfal que desfilava pelas ruas da cidade, havia atividades na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório].

O carro era precedido por duas alas de marujos e de jardineiros, vestidos com luxo e fazendo um belo efeito. O carro todo dourado suportava a figura do *Brasil*, representando uma indígena em todo o esplendor do seu traje, que na sombra d'uma palmeira se encostava á cruz que deu o seu primeiro nome á terra descoberta por Cabral. Seguia-se ao carro triunfante um grande carro com orquestra, que durante o transito pela cidade tocou lindas peças e formava o fim do préstito um bem executado vapor sobre rodas e puxado por cavalos, trazendo ao leme o competente piloto. Esse festejo agradou bastante e foi muito aplaudido.⁷³⁸

Além das festividades do dia sete de setembro, o dia dois de dezembro também era comemorado pelos pelotenses⁷³⁹. Da mesma forma que as demais festividades cívicas, o aniversário natalício do Imperador D. Pedro II, era comemorado com diversas atividades e demonstrações de regozijo. A Câmara mandava cantar na igreja matriz um Te-Deum; após a atividade na igreja eram dados os “vivas a Nação Brasileira, a S. M. o Imperador, a Família Imperial”. O cortejo à Augusta Efigie de S. M. o Imperador percorria as ruas entre a igreja e a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], quando “as janelas das casas da praça e das ruas por onde pass[ava] a tropa estavam apinhadas das belas e encantadoras pelotenses”; novamente vivas foram dados na praça, entre outras atividades neste local; terminando a comemoração, muitas vezes, após a meia noite⁷⁴⁰.

A cidade desdobrava-se em manifestações diversas e diferenciadas, mas todos com o objetivo de legitimar D. Pedro II e o Império. Uma série de atividades contribuía para criar um ambiente destacado: o cortejo régio percorria várias ruas, acompanhado de música; as casas iluminavam-se;

⁷³⁸ *O Brado do Sul*, sábado, 15.09.1860, p. 1, n. 149, ano III. Noticiário. Pelotas.

⁷³⁹ As festividades do dia dois de dezembro se multiplicavam no país. Na Corte, o Imperador recebia os cumprimentos em pessoa e nas outras províncias, são os presidentes, como representantes especiais da Coroa que tomavam seu lugar, sem fazer jus às honras especiais. Nesse caso, o Imperador é representado pelo seu retrato, nos salões, nas procissões e em grandes estandartes. “Junto com ele, segue uma simbologia mais profunda que alia a figura de d. Pedro II à religiosidade e sacralidade que a situação permite.” SCHWARCZ, Lilia M. *As Barbas do Imperador*. ... Op. Cit., p. 255.

⁷⁴⁰ *O Rio-Grandense*, sábado, 06.12.1851, p. 3-4, n. 273, ano VII. Rio Grande.

seguia-se a prestação de homenagens por parte de representantes e das autoridades locais; banquetes, bailes e espetáculos comemorativos eram realizados; demonstrando o apreço da população pelotense pela família imperial e pelo Império.

Porém, como afirma Lilia Schwarcz, “as grandes datas cívicas se ajustavam ao formato dos cortejos populares e ganhavam novos adornos e leituras, em virtude de seu apelo teatral: na lógica do ‘ver e ser visto’ reconstroem um rei mítico, próximo do imaginário local”⁷⁴¹.

Nessas festas cívicas a elite pelotense participava contribuindo financeiramente, através de subscrições realizadas para estas festividades. Nestes grupos estavam presentes, mais uma vez, sócios das sociedades recreativas e do Teatro Sete de Abril⁷⁴², demonstrando a participação destas pessoas em diversos espaços de sociabilidade.

Era esta elite que organizava essas festividades. Cito como exemplo os responsáveis pela organização dos festejos do dia dois de dezembro de 1864 na cidade de Pelotas. O Barão de Piratini (presidente das sociedades

⁷⁴¹ SCHWARCZ, Lilia M.. *As Barbas do Imperador*. ... Op. Cit., p. 257. [Grifos da autora]

⁷⁴² Posso citar como exemplo a subscrição realizada para os festejos do dia 7 de setembro de 1857. Na lista estavam presentes: Israel Soares de Paiva Sobrinho – 32\$000; Francisco Antunes Gomes da Costa – 20\$000; Antonio José de Azevedo Machado Filho – 10\$000; Antonio de Souza Guerra – 10\$000; Emilio Lorena – 10\$000; Guilherme H. Lorena – 10\$000; Pedro Lobo Vinhas – 10\$000; João Antonio da Rosa Junior – 10\$000; Manoel Celestino Gomes – 10\$000; Felisberto Ignácio da Cunha – 10\$000; João José de Miranda Abreu – 8\$000; Manuel Alves Viana – 8\$000; Antonio Chaves Barcellos – 5\$000; Joaquim Gomes de Mello Sobrinho – 5\$000; Políbio Rodrigues Fernandes – 5\$000; Augusto Manoel Amarante – 5\$000; Modesto Antunes da Silva – 5\$000; Cypriano José Gomes – 10\$000; Sebastião Luiz Ribeiro – 5\$000; Eliseu Antunes Maciel – 200\$000; José Antonio Moreira – 16\$000; João Rodrigues Saraiva – 32\$000; Manuel Lourenço do Nascimento – 20\$000; D. Pinto França Mascarenhas – 10\$000; João Rodrigues Ribas – 10\$000; Dr. Serafim Rodrigues de Araújo – 20\$000; Ildefonso Simões Lopes – 10\$000; José de Castro Antiqueira – 10\$000; J. Maria Fontoura Palmeiro – 8\$000; Thomaz Francisco Flores – 8\$000; Joaquim Rasgado – 10\$000; Amaro José d'Avila da Silveira – 17\$000; vigário A. da Costa Guimarães – 10\$000; Vicente Lopes dos Santos F. – 5\$000; Sebastião José Domingues – 5\$000; Rogero Adolpho de Freitas – 5\$000; José Lourenço Siqueira – 5\$000; João Moreira Fabião – 5\$000; Joaquim Ilha – 8\$000; J. Frederico de Freitas F. – 10\$000; Antonio José da Silva Braga – 10\$000; D. Chagas – 5\$000; Miguel Rodrigues Barcellos – 10\$000; Julião José Tavares – 10\$000; Eleutério Roballo Barcellos – 5\$000; Francisco L. Falcão Junior – 5\$000; Delfino Lorena de Souza – 32\$000; Luiz Ignácio Pires – 5\$000; Francisco Jerônimo Coelho – 10\$000; Wenceslau José Gomes – 10\$000; J. Jeronymo Coelho – 5\$000; Junius Brutus Cassio d'Almeida – 5\$000; José Alberto Frões – 5\$000; Manuel da Silva Santos – 10\$000; Anibal Antunes Maciel (o que faltou) – 621\$600. Rs. 1:350\$600. Diário do Rio Grande, quarta-feira, 23.09.1857, p. 2, n. 2615, ano X. A Pedido. Rio Grande.

Harmonia Pelotense e Literária), Dr. João Jacintho de Mendonça (vice-presidente da Sociedade Harmonia Pelotense) e José Antônio Moreira (presidente das sociedades Harmonia Pelotense e Recreio Pelotense e tesoureiro de *Clube Pelotense*) foram os responsáveis por promoverem uma subscrição; e, Joaquim José Afonso Alves (Presidente da *Sociedade Filo-Dramática*) e José Vieira da Cunha (tesoureiro da *Sociedade Harmonia Pelotense*, sócio da *Sociedade Recreação Pelotense* e vice-presidente da *Sociedade Recreio Pelotense*) foram encarregados de promoverem o festejo⁷⁴³.

Também era esta elite que participava da programação destas festividades declamando poesias ou tocando música. Ovídio Fernandes Trigo de Loureiro, sócio da *Sociedade Recreação Pelotense*, recitava sonetos em quase todas as festividades da independência do Brasil⁷⁴⁴; da mesma forma, Antônio de Vasconcelos Vieira Diniz, vice-presidente da *Sociedade Literária*, também declamava seus sonetos⁷⁴⁵. José Teixeira dos Reis, procurador da Sociedade Harmonia Pelotense, executava suas músicas ao piano durante estas festividades⁷⁴⁶.

As festividades religiosas e as cívicas, da mesma forma que os espetáculos teatrais abordados no capítulo anterior, estavam, quase sempre, condicionados pelo tempo. O mau tempo, “que convert[ia] esta cidade em enlameado” fazia transferir, ou mesmo, impedia a realização destas festividades.⁷⁴⁷

A chegada ou retirada de pessoas ilustres na cidade também transformava as ruas em palco de espetáculos de demonstrações de

⁷⁴³ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 21.01.1864, p. 1, n. 4529, ano XVII. Rio Grande.

⁷⁴⁴ O Pelotense, quinta-feira, 14.09.1854, p. 1-2, n. 349, ano IV. Pelotas; Diário do Rio Grande, sábado, 16.09.1854, p. 3-4, n. 1719, ano VII. Comunicado. Rio Grande.

⁷⁴⁵ O Pelotense, quinta-feira, 14.09.1854, p. 1-2, n. 349, Ano IV. Pelotas.

⁷⁴⁶ Diário do Rio Grande, sábado, 16.09.1854, p. 3-4, n. 1719, ano VII. Comunicado. Rio Grande.

⁷⁴⁷ O mau estado das ruas e a sua interferência nas atividades recreativas não era privilégio de Pelotas. Cecília Westphalen e Altiva Balhana, estudando as recreações da sociedade paranaense, sobretudo de Curitiba, nos séculos XVIII e XIX, constataram o mesmo condicionamento pelo tempo das festividades realizadas naquela cidade. WESTPHALEN, Cecília M.; BALHANA, Altiva P.. *Lazeres e Festas de ...* Op. Cit., p. 30.

regozijo e apreço aos visitantes. Nesse caso, os festejos começavam na recepção aos homenageados no porto e/ou terminavam na despedida às mesmas personalidades, numa oportunidade de a população reafirmar seu apreço aos visitantes. Assim, o porto também se transformava em espaço de sociabilidade, onde tais visitantes eram esperados ou despedidos por “grande concurso de povo”.

Antes mesmo da Revolução Farroupilha, a Câmara se preocupou com o porto da cidade, no Canal São Gonçalo, aonde chegavam navios de passageiros. Em 1832 a Câmara proibiu a construção numa faixa de 22 metros na margem do São Gonçalo, onde foi construído um trapiche para barcos⁷⁴⁸. Até 1875, ano da desobstrução do Canal São Gonçalo e chegada do primeiro navio estrangeiro a Pelotas, o porto recebia, basicamente navios que faziam o transporte de passageiros entre Pelotas e Rio Grande.

Entre esses passageiros estiveram o bispo diocesano, o Exm. Revm. D. Feliciano José Rodrigues Prates, que desembarcou no porto de Pelotas em janeiro de 1854; o presidente da Província, em março do mesmo ano; o Imperador em outubro de 1865; entre outros visitantes não menos ilustres.

O bispo diocesano desembarcou às três horas da tarde no porto, onde o aguardavam as “principais corporações, magistrados e pessoas distintas desta cidade, os quais o acompanharam até a casa de sua residência”, bem como, “uma brilhante guarda de honrado batalhão 10 e sua música, e bem assim, um piquete de cavalaria policial que acompanhou o ilustre prelado até a porta da residência episcopal”⁷⁴⁹. Além do trajeto do porto até a igreja, no domingo próximo à sua chegada foi realizada uma procissão: “do ponto da capela da caridade seguirá até a rua do Poço [atual Sete de Setembro], desta até a de São Miguel [atual XV de Novembro], por esta até a praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório],

⁷⁴⁸ GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue: ... Op. Cit.*, p. 216-7.

⁷⁴⁹ O Pelotense, sábado, 21.01.1854, p. 3, n. 306, ano IV. Pelotas.

e desta tomará a rua do Comércio [atual Félix da Cunha] e por ela a igreja matriz”⁷⁵⁰.

A acolhida ao presidente da Província e os festejos ocorridos por ocasião da sua chegada, em março de 1854, foram relatados pelo jornal *O Pelotense*:

Sexta feira chegou a esta cidade, a bordo do vapor Rio-grandense, o Exmo. Sr. presidente da província. A recepção do ilustre hospede foi das mais brilhantes que se podem fazer a um presidente da província. Desde a barra do S. Gonçalo, até o porto da cidade, queimaram-se de todas as charqueadas considerável numero de dúzias de foguetes, aguardando na praia a S. Exc. um luzido acompanhamento de pessoas gradas do lugar. Uma guarda de honra da guarda nacional e toda a força de linha disponível, fizeram as continências do estilo, findas as quais, seguiu S. Exc. para a casa do Sr. Heliodoro de Azevedo Souza, que teve a honra de hospedar o nobre e ilustrado presidente. À noite, depois da retreta, uma banda de música de curiosos percorreu as ruas da cidade, dando o imenso povo que a seguia, repetidos vivas a S. Exc., e queimando muitos foguetes. A cidade foi quase toda iluminada. S. Exc. embarcou ás 11 horas da noite no vapor Especulação, e seguiu para Jaguarão.⁷⁵¹

Dia 24 de outubro de 1865 a cidade foi agraciada com a presença do Imperador, para a sua chegada, “desde as 2 horas da tarde que a população desta cidade pôs-se em movimento contínuo para o porto, aonde as 7 e ½ horas, quando desembarcou S. M. o Imperador, achava-se aglomerada toda a população da cidade, que o vitoriou com estrepitosos vivas e aplausos quando pôs os pés na terra”. As homenagens ao Imperador incluíram atividades nas ruas, na praça, no teatro e Te-Deum. Para os festejos subscreveram-se várias pessoas da cidade⁷⁵².

Assim, no Porto os visitantes eram recebidos com aplausos, vivas, subiam “ao ar grande número de foguetes e girândolas”, os navios eram embandeirados, bandas de música “postada[s] ao lado do trapiche fazi[am]

⁷⁵⁰ O Pelotense, sábado, 21.01.1854, p. 4, n. 306, ano IV. Declaração. Pelotas.

⁷⁵¹ O Pelotense, terça-feira, 14.03.1854, p. 2, n. 324, ano IV. Pelotas. [Grifos meus]

⁷⁵² A subscrição contou com a participação de pessoas que ofereceram desde 1000\$ réis, como João Vinhas, Manoel Montano, José Antônio Moreira, João Simões Lopes, Antônio José de Oliveira Castro e Anibal Antunes Maciel, até os que ofereceram 4\$. Na lista estavam vários sócios das sociedades recreativas organizadas em Pelotas. Noticiador, quarta-feira, 15.12.1865, p. 1-2, n. 2582, ano XII. A pedidos. Pelotas.

ouvir as harmoniosas peças". Ou seja, todo um espetáculo se formava para demonstrar o reconhecimento da cidade pelo visitante.

As ruas também eram palco de outras manifestações, como a vitória em alguma eleição de um "filho de Pelotas". Grande número de pessoas reuniu-se na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] e dirigiu-se pelas ruas da cidade, acompanhado de uma banda de música e de "dúzias de foguetes" até a casa de Amaro da Silveira⁷⁵³ a fim de felicitá-lo "pela sua elevação ao areópago brasileiro"⁷⁵⁴.

Quando Affonso Alves obteve uma cadeira no parlamento nacional, "uma banda de música, acompanhada de grande número de cidadãos pertencentes ao partido – liberal progressista" dirigiu-se à sua casa, onde Affonso Alves ofereceu "uma mesa suntuosamente preparada"; terminada tal homenagem, "seguiu a música a percorrer diversas ruas da cidade, fazendo-se subir ao ar grande número de foguetes"⁷⁵⁵.

Cito, ainda, a saudação feita por amigos e correligionários políticos de João Simões Lopes, quando este ocupou o lugar de coronel comandante superior da Guarda Nacional. As manifestações começaram na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] com uma "grande serenata", quando "grandes porções e magotes de povo, afluindo de todos os ângulos da praça, começaram a engrossar a reunião". Essa multidão se pôs em movimento, precedida "de duas bandas de música fantasticamente iluminadas por dúzias de archotes, animadas por vivas entusiásticos e ainda mais eletrizadas por centenas de foguetes, que subiam aos ares e estouravam estrepitosamente no espaço"⁷⁵⁶.

⁷⁵³ Amaro José de Ávila da Silveira foi eleito um dos representantes do Rio Grande do Sul na Câmara de Deputados no ano de 1861. Também foi deputado da Assembléia Legislativa Provincial nos anos de 1846, 1847, 1849, 1852, 1854, e de 1856 até 1864, ininterruptamente. AITA, Carmen; AXT, Gunter; ARAÚJO, Vladimir (Orgs.). *Parlamentares Gaúchos das ...* Op. Cit..

⁷⁵⁴ Diário do Rio Grande, sexta-feira, 22.02.1861, p. 1, n. 3632, ano XIV. Rio Grande.

⁷⁵⁵ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 08.10.1863, p. 2, n. 4444, ano XVI. Noticiário de Pelotas. Rio Grande.

⁷⁵⁶ Diário do Rio Grande, quarta, 9 e quinta-feira, 10.12.1868, p. 1, n. 5983, ano XXI. Rio Grande.

Pela presença de imigrantes na cidade, ampliaram-se as festas cívicas, em número e frequência, com as comemorações de datas nacionais de seus países de origem. A primeira comemoração festiva de imigrantes residentes em Pelotas ocorreu em 25 de maio de 1857, quando argentinos⁷⁵⁷ comemoraram a independência de seu país. A independência da Argentina foi comemorada com espetáculo teatral, música pelas ruas da cidade, foguetes que “anunciaram a alegria daqueles que, mesmo ausentes da pátria, não deixaram de comemorar o aniversário de sua independência”, com uma ceia no *Hotel Aliança*, e, novamente, com música pelas ruas da cidade “com as bandeiras brasileiras, argentinas e orientais”, recolhendo-se às duas da manhã⁷⁵⁸.

O exposto anteriormente demonstra que as ruas de Pelotas foram importantes espaços de sociabilidade da população pelotense. Nesses espaços, os festejos religiosos e profanos tinham lugar. As principais atividades eram as procissões religiosas e os cortejos; a iluminação das casas; o desfile de bandas de música, sempre procedidas de “numeroso concurso de gente grada”.

Sendo um espaço aberto, concorriam a elite e o “povo”, que tinha a ilusão de igualdade, porém, estes estavam separados entre “assistentes e atores”, sem intercomunicação. Havia uma sutil separação que se dava nos vestuários, gostos, comportamentos, posição no desfile ou na procissão, hierarquias.

Da mesma foram que as ruas, a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] foi utilizada para tais festividades, como espaço onde ocorria parte das programações. Além dessas festas, outras atividades recreativas se desenvolveram na praça, como as retretas e a instalação de circos, o que mostrarei a seguir.

⁷⁵⁷ A presença de argentinos em Pelotas logo após a Revolução Farroupilha já foi destacada nos capítulos anteriores. Entre os anos de 1844 e 1852 entraram em Pelotas 83 imigrantes dessa nacionalidade.

⁷⁵⁸ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 04.06.1857, p. 1, n. 2526, ano X. Semanário Pelotense XXI. Rio Grande.

4.2 “A primeira e principal [praça] em todo sentido que possui a nossa cidade”: a Sociabilidade na Praça da Regeneração

Juntamente com as principais ruas de Pelotas, a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] foi um espaço privilegiado de sociabilidade no século XIX. Na década de 1830, antes mesmo de ser demarcado no plano urbano da cidade, o espaço já era utilizado para comemorações cívicas e religiosas. Nas décadas imediatamente posteriores ao fim da Revolução Farroupilha, a praça começou a ser utilizada para outras atividades, como as retretas e ainda como espaços para a instalação de circos.

Nesta parte discuto de que forma a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] foi utilizada para atividades recreativas, configurando-se como um espaço de interrelacionamentos, ou seja, como um espaço informal de sociabilidade.

Mesmo não sendo a primeira praça demarcada em Pelotas, foi a principal praça da cidade, pela sua localização, bem como pela construção de importantes prédios urbanos ao seu redor, como os casarões de charqueadores, o Teatro Sete de Abril, o Mercado Público, e, posteriormente, o Paço Municipal e a Biblioteca Pública Pelotense.

Nas décadas posteriores à Revolução Farroupilha, a Câmara e a imprensa começam a demonstrar uma preocupação com as condições de uso e trafegabilidade do local. A imprensa continuamente avaliava as

condições de uso da praça e solicitava a sua melhoria, visando transformá-la num local mais aprazível para as atividades recreativas da população.

Assim, espero responder as seguintes questões: Que transformações físicas a praça sofreu nas décadas de 40, 50 e 60 do século XIX? De que forma a praça se constituiu enquanto espaço de sociabilidade? Quais atividades tiveram como palco essa praça?

Da mesma forma que utilizei os jornais e as atas da Câmara para elaborar a parte anterior, essas fontes foram empregadas também aqui, pois permitiram identificar as atividades desenvolvidas na praça, as melhorias realizadas no seu interior, bem como as interrelações que tinham como palco tal local.

Como já mencionei, a praça mais antiga da cidade de Pelotas é a Praça Matriz [atual José Bonifácio]. Essa praça foi demarcada em 1812 pelo proprietário do terreno, Antonio Francisco dos Anjos, dando-se no centro dela a construção da Igreja. Juntamente com a construção da praça e da Igreja, se desenvolveu o primeiro loteamento de Pelotas. A praça foi demarcada no primeiro loteamento, juntamente com as dezenove ruas, em 1815, como mostrei anteriormente.

Havia uma área livre na frente da igreja, que era o adro, onde foi colocado um chafariz na década de 1870. Nos fundos, uma pequena praçinha. Nos fundos da igreja foi instalado, em 1820, o cemitério. O local foi murado e foram construídas catacumbas ao longo do muro, evitando, assim, os sepultamentos dentro da igreja; o cemitério existiu até 1825, quando foi fechado para evitar epidemias e plantado um jardim no local⁷⁵⁹.

⁷⁵⁹ PARADEDA, Maria Regina. *Arquitetura da Paisagem e Modernidade: um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas (1860-1930)*. 2003. 349 f. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em História do Brasil) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2003.

Um segundo loteamento foi realizado nas terras de Mariana Eufrásia da Silveira e a nova planta da cidade, realizada por Eduardo Kreschemar, foi aprovada em 1834. No loteamento foram acrescentadas 15 novas ruas na direção do Canal São Gonçalo e demarcadas quatro futuras praças. Além dessas cinco praças, em 1845 foi destinada uma área no porto para outra praça⁷⁶⁰. (Ver Figura 10).

Como já apontei, no loteamento, a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] foi demarcada. Porém, no espaço então denominado "campo", já estavam instalados e em funcionamento, ao seu redor, a Casa da Câmara Municipal, o Teatro Sete de Abril e a escola de primeiras letras; dois sobrados, um na esquina da rua São Paulo [atual Lobo da Costa] e outro na esquina da rua do Comércio [atual Félix da Cunha]; um poço, utilizado pelos escravos como bebedouro.

Quando do loteamento das terras de Dona Mariana Eufrásia, esta cedeu terrenos para a construção de uma nova igreja, quartel e cadeia, todos em frente ao "campo". Porém, nenhum dos prédios foi construído. Os terrenos para o quartel e o hospital ficaram por muito tempo abandonados, sendo erguidos, na década de 1870, o Paço Municipal, a Biblioteca Pública e Escola Eliseu Maciel. Da mesma forma, a nova igreja nunca foi construída no local, mantendo-se no mesmo lugar da primeira igreja. Como diz Mário Osório Magalhães "Pelotas é uma das poucas cidades antigas do Brasil em que a igreja e a praça principais ficaram localizadas a relativa distância"⁷⁶¹.

A Praça da Regeneração, maior e mais central que a primeira, foi formada pela ausência de quatro quarteirões⁷⁶². Ela foi o local escolhido para a construção do pelourinho. No dia sete de abril de 1832, nas

⁷⁶⁰ A praça foi demarcada em 1845 por João Ribas e Irmãos, que, para poderem construir um armazém a uma distância de 19,20 m da margem do São Gonçalo (em 1845 a Câmara fixou a distância de 33 m), tiveram que destinar uma área para a praça, que se denominou Domingos Rodrigues em homenagem ao pai dos doadores. GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue*: ... Op. Cit., p. 217-8.

⁷⁶¹ MAGALHÃES, Mario O.. *Opulência e Cultura na Província* ... Op. Cit., p. 29.

⁷⁶² Em 1829 tinha 80 braças (equivale a 2,2m) em quadro, com aproximadamente 3 hectares. Hoje possui cerca de 2,2 ha. PARADEDA, Maria Regina. *Arquitetura da Paisagem e* ... Op. Cit., p. 203.

comemorações da instalação da Vila de São Francisco de Paula, a população presenciou o levantamento do pelourinho. O patíbulo, local em que os delinquentes e criminosos, geralmente negros escravos, eram amarrados e publicamente castigados com açoites, foi colocado no centro da Praça, onde, na década de 1870, foi instalado o chafariz. (Figura 11).

Por ser 7 de abril uma data nacional, de gala ainda recém decretada para comemorar a abdicação do primeiro imperador, foi esse dia o escolhido para a solenidade da ereção do município. Foi, com aspecto festivo, ela realizada ao ar livre, na Praça da Regeneração, perante compacta multidão, em cujo seio se encontravam cidadãos dos mais conspícuos e representativos da freguesia, que foram as testemunhas oficiais do levantamento do pelourinho, emblema da autonomia que era concedida ao distrito. Há muito desaparecido, foi esse padrão cravado sobre a face sul da Praça e erguia-se fronteiro à casa em que devia se instalada a Câmara Municipal.⁷⁶³

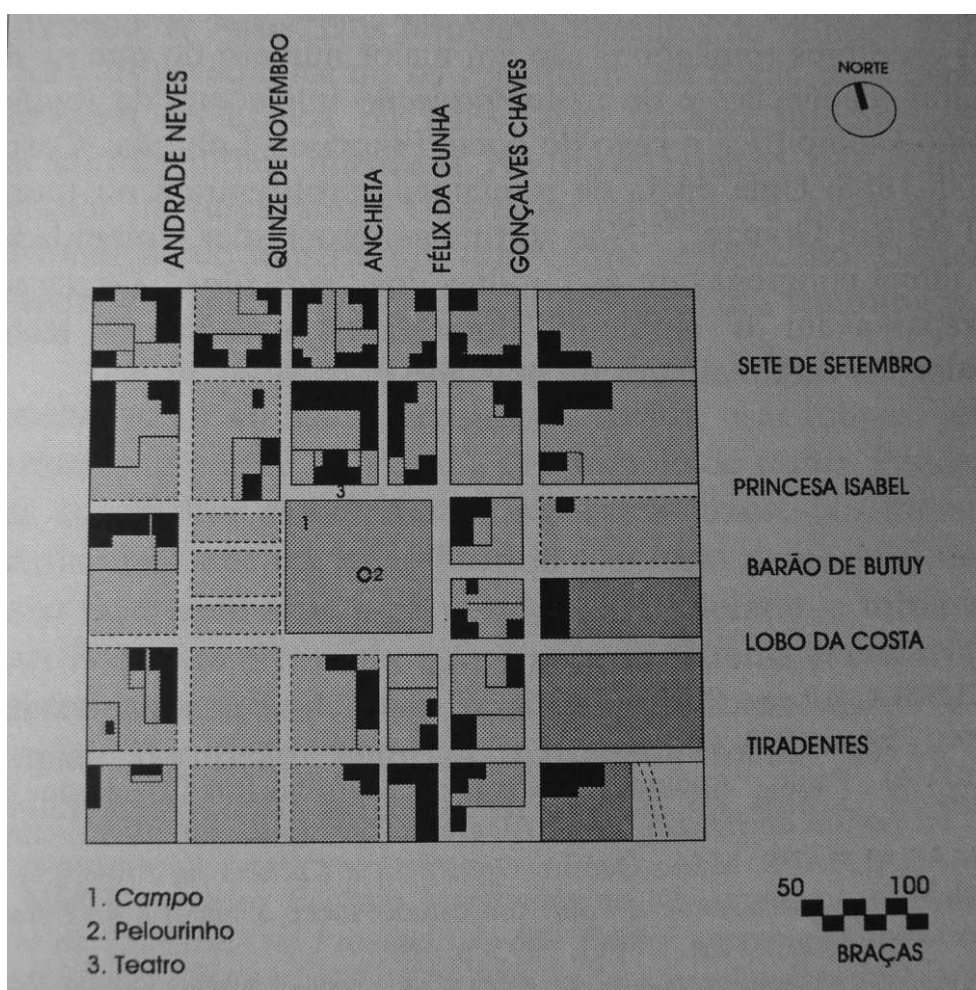


Figura 11 – O Campo (Praça da Regeneração).

⁷⁶³ OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas. ... v.1., Op. cit., p. 92.*

Fonte: GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue: ... Op. Cit.*, p. 151.

A Praça teve diversas denominações, depois da proclamação da independência, os moradores deram ao local o nome de Praça Regeneração; em 1865 passou a denominar-se Praça Dom Pedro II, em homenagem a visita do imperador D. Pedro II à Pelotas; em 11 de outubro de 1889, trinta e cinco dias antes da proclamação da república, a Câmara Municipal, que tinha maioria liberal, conseguiu substituir o nome da praça, voltando a denominar-se Regeneração; em novembro de 1895 passou a chamar-se Praça da República, através do ato nº. 55 do intendente Gervásio A. Pereira, homenageando o regime político que se consolidava; com a morte do cel. Pedro Luis da Rocha Osório⁷⁶⁴, em 1931 o prefeito João Py Crespo, através do decreto nº. 1813, substituiu o nome para Praça Cel. Pedro Osório, continuando com tal denominação até os dias atuais.

As mudanças e transformações ocorridas na praça estiveram diretamente relacionadas com o desenvolvimento da cidade. Como já afirmei nos capítulos anteriores, foi após a Revolução Farroupilha, que a cidade se desenvolveu sócio-economicamente e, da mesma forma, foi sendo dotada de serviços e infra-estrutura urbana. Entre as melhorias, estiveram a organização dos espaços públicos da cidade, e, entre eles, as praças.

Em maio de 1832, a Câmara Municipal tentou organizar os espaços das praças existentes – a Praça da Matriz [atual José Bonifácio] e a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório]. A Praça da Matriz foi designada para as quitandeiras e a Praça da Regeneração, para o estacionamento dos carros.⁷⁶⁵ Porém, já nesse ano a Praça foi utilizada para as

⁷⁶⁴ Pedro Luis da Rocha Osório era republicano, Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional; foi vice-presidente do Estado em 1903; grande produtor de arroz e charqueador do município; dedicou parte de sua vida pública ajudando a população, trazendo riquezas e prestígio para Pelotas. PARADEDA, Maria Regina. *Arquitetura da Paisagem e ... Op. Cit.*

⁷⁶⁵ Primeiro Livro de Atas da Câmara Municipal da Vila de São Francisco de Paula. Dezesseis de maio de 1832 a 1833 (Arquivo da cidade). Décima Sessão. 14.05.1832, p. 11. (Arquivo Histórico 005 – BPP).

comemorações de um ano da abdicação de D. Pedro I e da instalação da Vila de São Francisco de Paula, no dia sete de abril de 1832.

Após a Revolução Farroupilha, em julho de 1848, os vereadores mudaram a posição, propondo que os carros não entrassem mais na cidade, sendo destinado um local mais próprio, rumo a oeste, do outro lado do arroio Santa Bárbara, entre as ruas Martins Coelho [atual Tiradentes], Hercules [atual Lobo da Costa] e São Jerônimo [atual Mal. Floriano], local onde se consolidou a Praça das Carretas⁷⁶⁶.

O espaço destinado para a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], era também chamado de "campo", pois não passava de um espaço vazio, sem a demarcação das ruas ao seu redor, nem plantações no seu interior. Era um local com péssimas condições de trafegabilidade, devido às águas que ficavam paradas no seu interior, principalmente na estação chuvosa.

Porém, mesmo sendo utilizada para comemorações desde o início da década de 1830 e da constante denúncia e cobrança da imprensa de suas péssimas condições e da necessidade de melhorias "na primeira e principal [praça] em todo o sentido que possui a nossa cidade", é somente no início da década de 1860 que foi possível observar ações mais efetivas para o seu melhoramento.

As principais denúncias feitas pela imprensa nas primeiras décadas posteriores à Revolução Farroupilha estavam relacionadas com as "imundícies" depositadas no local⁷⁶⁷, a falta de árvores⁷⁶⁸ e a presença de águas paradas no seu interior, formando lagoas⁷⁶⁹. O redator do *Noticiador*, jornal de Pelotas, fez a cobrança da necessidade de aterros na Praça, em 1861, visando sua melhor utilização pela população e a intensificação das atividades recreativas naquele local.

⁷⁶⁶ GUTIERRES, Ester J. B.. *Barro e Sangue: ... Op. Cit.*, p. 253.

⁷⁶⁷ O Pelotense, quinta-feira, 31.03.1853, p. 1, n. 191, ano III. Comunicado. Pelotas.

⁷⁶⁸ O Pelotense, quinta-feira, 23.06.1853, p. 2, n. 224, ano III. Comunicados. Pelotas

⁷⁶⁹ Diário do Rio Grande, quinta-feira, 17.09.1857, p. 2, n. 2610, ano X. Semanário Pelotense XXXVI. Rio Grande.

PRAÇA DA REGENERAÇÃO – [...] Não é o antagonismo político, nem o interesse de partido que nos move a pena, é antes a consciência do dever que nos impõe a missão de que nos achamos investidos, e o desejo de prestarmos o pequeno contingente de nossos serviços a nossa esperançosa cidade. Mais de uma vez temos tratado da necessidade de aterros na praça da Regeneração, já porque entendemos que, em quanto ela não tiver a necessária elevação, não dará fácil escoação às águas pluviais, que, mormente na estação invernososa, fazem dela uma lagoa circulada de pântanos, já porque entendemos que, visto não ser possível ter todas as ruas da cidade em bom estado, deve-se caprichar em que a nossa principal praça se ache sempre nessas condições, mesmo porque é ela um lugar de muito transito, e que mais fere a vista de quem chega a Pelotas. Por todas estas razões, é que ainda hoje vamos investir na necessidade de aterros na praça.⁷⁷⁰

O redator prossegue ressaltando, mais uma vez, o estado da praça e solicitando atitudes da Câmara Municipal para solucionar tais inconvenientes, uma vez que a estação do verão era propícia para a solução desses tipos de problemas. As reclamações dos redatores demonstram a preocupação de, pelo menos, parte da população.

[...] as águas em vez de se escoarem, ficam estagnadas em diversos lugares; o que, com o transito dos veículos, ocasiona esse imenso lamaçal, que incomoda a todos que não rodam em ricas berlindas ou não cavalgam fogosos ginetes. Ora, sendo a falta de elevação do centro da praça que produz todos esses inconvenientes, como é que, á pretexto de aformoseamento, e de aplanar o terreno, mandou a câmara a tempos fazer escavações, que ainda abaixaram mais o terreno em diversos lugares? O resultado é o que todos estão presenciando, e que de certo não deve lisonjear ao autor da lembrança desse melhoramento. Repetimos: ante-ontem estava a praça em péssimo estado; se isto acontece agora, que a câmara tem seus dois melhores auxiliares – sol e vento – o que acontecerá no inverno? Por todas estas considerações, esperamos que a câmara não deixará passar a estação seca, sem cuidar de aterrar convenientemente a praça.⁷⁷¹

Também é na década de 1860 que árvores foram plantadas e replantadas na praça.⁷⁷² Em julho de 1866, a Câmara novamente mandou restaurar o arvoredo da praça, deliberando “a qualidade das árvores que deviam ser preferidas, em consequência do fácil crescimento, em harmonia com a qualidade do terreno”. Assim, ficou resolvido que seriam plantadas

⁷⁷⁰ O Noticiador, quarta-feira, 20.11.1861, p. 2, n. 799, ano VIII. Noticiário. Pelotas. [Grifos meus]

⁷⁷¹ Idem. [Grifos meus]

⁷⁷² Câmara Municipal. N. 88 – 6ª Sessão ordinária em 13 de julho de 1863. Publicada em: Diário do Rio Grande, sexta-feira, 16.10.1863, p. 1, n. 4451, ano XVI. Rio Grande.

“laranjeiras, cinamomos, figueiras brancas de folha miúda, etc”. O tipo de árvores a serem plantadas não era unânime, pois, na ata, o Sr. Possidônio “declarou que votava contra a plantação de árvores frutíferas de qualquer natureza”⁷⁷³.

Para o cuidado do arvoredo, a Câmara designou o fiscal e o guarda do mercado para a “conservação e guarda do arvoredo e tapagem da praça”⁷⁷⁴. Essas atitudes da Câmara mostram que os reclames da imprensa foram ouvidos e que as autoridades começaram a se preocupar com o local e dotá-lo de algumas melhorias e cuidados.

Porém, do ponto de vista da sua estrutura, é a partir da década de 1870 que a praça realmente começa a ser “modernizada”, com o seu ajardinamento e gradeamento, tornando-se compatível com o processo de urbanização da cidade, que também se intensificou nas três últimas décadas do século XIX.

Em 1865, para a visita do Imperador à Pelotas, o nome da praça e de algumas ruas foram trocados, num gesto político dos vereadores para com o Imperador. Essas denominações, tanto da praça como das ruas, foram substituídos em outubro de 1889⁷⁷⁵.

PELOTAS. CAMARA MUNICIPAL. N. 35 – 2ª Sessão ordinária em 9 de janeiro de 1866. Presidência do Sr. Dr. Cunha. [...] O mesmo Sr. presidente propôs mais que para comemorar-se a vinda de S. M. o Imperador a esta cidade, e em atenção aos desejos manifestados por muitos dos habitantes, a praça da Regeneração se denomina de hoje em diante Pedro II; a rua do Commercio, do Imperador; a de Martins Coelho, 24 de Outubro. Em ato consecutivo o Sr. vereador Farinha propôs que, para perpetuar a memória dos grandes feitos ocorridos ultimamente, que se denomine de ora em diante a rua da Horta, dos Voluntários; a do Padeiro, 16 de Julho; a do Torres, 3 de Fevereiro; a do Hercules, Riachuelo; a Alegre, Yatahy; e a do Açogue, Paysandú. – Assim se deliberou, e que se levasse ao

⁷⁷³ Câmara Municipal, Ata N. 51 – 1ª Sessão ordinária em 9 de julho de 1866. Publicada em: Diário do Rio Grande, quinta-feira, 19.07.1866, p. 1, n. 5269, ano XIX. Rio Grande.

⁷⁷⁴ Câmara Municipal. Ata N. 54 – 4ª Sessão ordinária em 12 de julho de 1866. Publicada em: Diário do Rio Grande, quinta-feira, 19.07.1866, p. 1, n. 5269, ano XIX. Rio Grande.

⁷⁷⁵ Assim, a rua do Imperador passou a denomina-se rua Félix da Cunha e a rua 24 de Outubro, Tiradentes. MAGALHÃES, Mario O.. *Os Passeios da Cidade ... Op. Cit.*.

conhecimento da presidência para a precisa aprovação. [...] Conforme. *Jacinto I. Godinho*, secretário.⁷⁷⁶

A Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório], embora nas condições apresentadas anteriormente, foi utilizada como espaço de sociabilidade desde 1832. Nela, no dia sete de abril desse ano, o “benemérito Sr. Dr. Ouvidor, acompanhado de grande parte do povo [...], na conformidade da lei, proclamou a nova Vila, dando vivas à Nação Brasileira, à Assembléia Geral, ao Imperador Constitucional e à Regência do Império, que foram correspondidos com entusiasmo”⁷⁷⁷.

Nesse dia, as comemorações incluíram música pelas ruas da cidade, quando uma banda acompanhava o público tocando e cantando o Hino Nacional, Te-Deum na igreja matriz, espetáculo no Teatro Sete de Abril, baile e três apresentações do espetáculo da Cavallhada na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório]:

Pelas duas horas da tarde [do dia sete] vinte jovens Cavalheiros elegantemente vestidos, e em soberbos cavalos, se encaminham à Praça destinada para os torneios, aonde com habilidade e destreza apresentaram ao publico o espetáculo de cavallhadas; fazendo realçar ainda mais tão interessante divertimento o extraordinário concurso de pessoas de ambos os sexos, que formavam uma vista brilhante e encantadora. [...] Neste mesmo dia e no seguinte [oito e nove] houve repetição do interessante divertimento de – Cavallhadas – que longe de minorar o prazer com que o publico o desfrutava, produziu um contrario efeito, concorrendo constantemente um grande número de espectadores.⁷⁷⁸

O espetáculo das Cavallhadas era constantemente apresentado na maioria das grandes comemorações brasileiras, fossem elas cívicas ou religiosas. As cavallhadas tornaram-se populares na Brasil, onde pouco se sabia da história europeia, mas se cultuava um conflito e uma vitória. As cavallhadas consistiam em “rituais em que figurantes mestiços representavam uma luta aguerrida entre mouros e cristãos”⁷⁷⁹.

⁷⁷⁶ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 24.01.1866, p. 1, n. 5125, ano XIX. Rio Grande. [Grifos meus]

⁷⁷⁷ O Noticiador, sexta-feira, 04.05.1832, p. 3, n. 33. Correspondência. Rio Grande. [Grifos meus]

⁷⁷⁸ O Noticiador. Idem.

⁷⁷⁹ SCHWARCZ, Lilia M.. *As Barbas do Imperador*. ... Op. Cit., p. 273. Para saber detalhes sobre “as evoluções das cavallhadas” ver: MEYER, Augusto. *Guia do Folclore Gaúcho*. 2.ed. rev.

Com a intensificação das festas religiosas e cívicas após a Revolução Farroupilha, a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] sempre foi palco dessas comemorações, sendo um espaço onde parte da programação era realizada.

As festas cívicas, como o sete de abril, o sete de setembro e o dois de dezembro sempre se utilizaram da praça para alguma atividade, fossem elas as "paradas", diversas apresentações (cavalhadas, dança de jardineiros) ou fogos de artifício. O exemplo abaixo mostra uma parada militar em comemoração ao dia dois de dezembro:

Recebemos nossa correspondência particular de Pelotas, a qual descreve os festejos até então ali havidos em aplauso ao aniversário natalício de S M o I. *Pelotas, 3 de dezembro de 1851*. Ontem a Câmara Municipal fez cantar na Matriz d'esta cidade um Te-Deum para solenizar o aniversario natalício de S M o I. Uma brigada composta do 4º batalhão de infantaria da G. N. e de um esquadrão de lanceiros do corpo de cavalaria também da G. N. deste município, comandada pelo digno major Sá, fez a guarda de honra á porta do templo. Acabado o Te-Deum, o presidente da câmara municipal deu vivas a Nação Brasileira, a S. M. o I. à Família Imperial, que foram correspondidas por todas as autoridades civis e militares, pelo povo e pela brigada que logo seguiu para a praça da Regeneração, e postada em frente ao paço da câmara municipal depois de repetir os vivas dado pelo seu digno comandante, à Nação Brasileira, ao Imperador, à Família Imperial e à integridade do Império, deu as descargas costumadas, e marchou em continência. A isto seguiu-se o cortejo à Augusta Efigie de S. M. o Imperador ao qual assistiram quase todos os oficiais de todas as classes que se acham nesta guarnição e grande número de cidadãos. [...] Enfim, a parada esteve brilhante, e nada diferiu das que são feitas por tropa de linha. Não devo omitir que as janelas das casas da praça e das ruas por onde passou a tropa estavam apinhadas das belas e encantadoras Pelotenses, que com sua presença concorreram para que todos caprichassem em cumprir com seus deveres. Findo o cortejo retirou-se a tropa à quartéis.⁷⁸⁰

O segundo exemplo que apresento retrata a utilização da praça para festividades religiosas, sendo um local de encontro de procissões e de realização de sermões:

Festa e Procissão – No domingo ás 11 horas da manhã teve lugar o officio de Ramos. Presídio á essa solenidade o Revm. Sr. Vigário Capitular, funcionando mais 9 sacerdotes. A concorrência de

aum. Rio de Janeiro: Presença/ Instituto Nacional do Livro/ Instituto Estadual do Livro-RS, 1975, p. 66-73.

⁷⁸⁰ O Rio-Grandense, sábado, 06.12.1851, p. 3-4, n. 273, ano VII. Rio Grande.

peças gradadas foi grande, notando-se entre os assistentes os caracteres mais distintos do lugar e havendo um imenso concurso de senhoras na nave e nas tribunas. Findo o ofício dividiu-se uma grande porção de bonitos ramos entre os fiéis. À tarde às 5 horas saio da igreja matriz a imagem de N. S. das Dores e da caridade o N. S. dos Passos, efetuando-se o encontro na praça da Regeneração, onde o Revm. Padre José Maria Rebello Várzea proferiu um extenso e excelente sermão, [...] A guarda de honra foi dada pela infantaria e cavalaria da G. N. desta cidade, que se distinguiu pelo seu gentil porte e lúcido equipamento. Recolheu-se a procissão às 7 horas da noite tendo-se tudo passado na mais perfeita ordem.⁷⁸¹

A utilização da praça para tais festividades, cívicas ou religiosas, demonstra que o local era utilizado de forma integrada com os demais espaços de sociabilidade, como as ruas, o teatro ou as sociedades de baile, quando eram palco para demonstrar o apreço da população pelotense ao Império e ao Imperador ou ao santo de devoção.

Além das festas cívicas e religiosas, e da mesma forma que as ruas, a praça era um espaço para homenagear pessoas ilustres da cidade ou de fora. Posso citar como exemplo, a chegada dos “distintos representantes da Província, Exmos. Srs. Barão de Porto Alegre e Dr. Amaro José Ávila da Silveira” a Pelotas, em outubro de 1861, quando “um numeroso concurso de gente grada” reuniu-se na Praça da Regeneração [Atual Cel. Pedro Osório] e ofereceu uma “brilhante serenata”⁷⁸². O exemplo demonstra, mais uma vez, que a praça era um espaço para demonstrar o reconhecimento da população pelotense pelas autoridades provinciais e mesmo nacionais.

A Praça da Regeneração também foi palco da “dança de jardineiros”. Tal dança, acompanhada da recitação de poesias por filhos de pessoas da elite pelotense, foi realizada no tablado da praça. A festividade foi acompanhada do desfile do carro triunfante, como citado anteriormente. Como foi realizada em setembro, pode ter feito parte dos festejos do dia sete de setembro.

Festejos – Durante as três últimas noites tiveram lugar os festejos públicos no tablado da praça. As danças de jardineiros, marujos, indígenas, foram intermediadas com contínuas recitações de poesias, algumas das quais tinham bastante mérito, ao passo que

⁷⁸¹ O Brado do Sul, terça-feira, 03.04.1860, p. 2, n. 17, ano III. Noticiário. Pelotas.

⁷⁸² Diário do Rio Grande, quarta-feira, 09.10.1861, p. 1, n. 3849, ano XIV. Rio Grande.

outras não passaram de medíocres. Na primeira noite distinguiu-se sobre tudo um grupo de três meninos, que, vestidos á caráter, recitaram três sonetos; era um deles filho do Sr. Deophanes Chagas, representando o Brasil em figura de um indígena, e dois do Sr. Custodio Manoel de Oliveira, trajando o mais velho o uniforme da guarda nacional e estando o mais novo vestido á corte. Os sonetos por eles recitados, produções do ilustrado Sr. Antonio de Vasconcellos Vieira Diniz, foram muito aplaudidos; não só pela sua beleza e valor poético, mas também pela maneira com que foram recitados, por que todos os três pequenos recitaram com ardor e gás extraordinário, sendo cobertos de aplausos pelos assistentes. Prometeram nos obsequiar-nos com os 3 sonetos em questão e se os obtivermos dá-los-emos á estampa no *Brado*.⁷⁸³

Concomitantemente às festividades, a partir da década de 1850, a praça passou a ser palco das retretas, fossem elas parte de uma programação religiosa ou cívica ou como atividade regular na Praça. Para festejar o dia dois de dezembro de 1850, além de outras atividades, “as músicas dos batalhões” tocaram a retreta “por longo espaço, tendo quase que exclusivamente sido executada pelo 2º Batalhão de Fuzileiros”. No evento se “apreciou a conduta dos soldados, que se pelo rico uniforme aparentavam oficiais de alta graduação, não o apresentavam menos pelo comedimento e circunspecção com que aplaudiam os festejos, inspirando aos espectadores confiança e entusiasmo”⁷⁸⁴.

Nesse período, o “povo vai de novo se acostumando à retreta”, que ocorria todas as quintas-feiras e domingos. Em março de 1853 a retreta foi realizada “em um canto da praça, talvez o mais imundo”. Aqui, mais uma vez, o comentarista criticou a situação da praça e propôs “ao amigo da comandância, não torne a mandar a música para aquele sítio, havendo tantos outros, na mesma praça, onde as famílias podem estar mais a gosto”⁷⁸⁵.

No mesmo ano, no dia de S. Siríaco, a “música do 10 da infantaria” tocou a retreta na “praça da Regeneração, tão pouco regenerada, que

⁷⁸³ O Brado do Sul, sábado, 15.09.1860, p. 1, n. 149, ano III. Noticiário. Pelotas.

⁷⁸⁴ Diário do Rio Grande, sábado, 07.12.1850, p. 3, n. 627, ano III. A pedidos. Rio Grande.

⁷⁸⁵ O Pelotense, quinta-feira, 31.01.1853, p. 1, n. 191, ano III. Comunicados. Pelotas.

nem umas arvorezinhas lhe tem querido plantar” e “numerosa reunião circund[ou] a música”⁷⁸⁶.

Na década seguinte, as retretas seguiram sendo realizadas na praça, a partir de subscrições que angariavam assinaturas para a atividade.⁷⁸⁷ Para a realização das retretas, a Câmara recebeu um coreto de madeira doado por John Proudfoot, comerciante de Rio Grande.⁷⁸⁸

Em 1865, para festejar a chegada o Imperador D. Pedro II a Pelotas, várias atividades festivas foram realizadas na Praça, entre elas, “três retretas” que a música do Sr. Joaquim d’Ávila tocou, nos dois coretos da Praça⁷⁸⁹.

As bandas de música que realizavam essas retretas eram as mesmas que tocavam a *ouverture* no teatro e que percorriam as ruas durante as procissões ou desfiles cívicos, também eram aquelas que acompanhavam os artistas e os visitantes ilustres que chegavam à cidade. Na década de 1860 existiam na cidade três bandas de música, a do Sr. Santos, a do Sr. Carlos Eduardo Jonh e a de Joaquim d’Ávila. As duas primeiras começam a participar das atividades festivas no início da década de 1860, enquanto que a terceira, em 1853, já executava peças de música no teatro⁷⁹⁰.

Antes de as bandas de música civis participarem das atividades, as bandas militares, como a do batalhão 10, do 2º batalhão de fuzileiros, da guarda de honra do 5º batalhão, do 4º batalhão e a banda da Guarda Nacional foram responsáveis por abrihantiar os festejos citados.

Como mostrei, a praça foi palco de manifestações patrióticas ocorridas durante as festas cívicas ou quando uma personalidade política estava na cidade. Além disso, durante a Guerra do Paraguai, o espaço

⁷⁸⁶ O Pelotense, quinta-feira, 23.06.1853, p. 2, n. 224, ano III. Comunicados. Pelotas.

⁷⁸⁷ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 28.10.1863, p. 1, n. 4461, ano XVI. Noticiário de Pelotas. Rio Grande.

⁷⁸⁸ CÂMARA MUNICIPAL. Ata N. 36 – 3ª Sessão ordinária em 10 de janeiro de 1866. Publicada em: Diário do Rio Grande, sexta-feira, 26.01.1866, p. 1, n. 5127, ano XIX. Rio Grande.

⁷⁸⁹ Noticiador, quarta-feira, 15.12.1865, p. 1-2, n. 2582, ano XII. A pedidos. Pelotas.

⁷⁹⁰ O Pelotense, quinta-feira, 09.06.1853, p. 3, n. 218, ano III. Anúncios. Pelotas.

também serviu para mostrar a mobilização da população pelotense em fortalecer as tropas.

Foi na Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] que se organizou um *meeting* em outubro de 1866 para “eleger comissões [para irem] às casas dos possuidores de escravos convocá-los a libertarem de 5 a 10 por cento dos que possuem, para a guerra, para com eles se organizar um batalhão, ou o que for possível para coadjuvar o nosso exército em operações contra o Paraguai.” Conforme já afirmei, se organizaram na cidade diversos batalhões para lutarem na guerra.

A praça também foi o espaço utilizado para a instalação de circos que chegavam à cidade. No início de maio de 1863, Pelotas recebeu a visita do “Grande Circo Oceano”, que durante quinze dias “ostentou sua elegância na bela Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório]”⁷⁹¹. O circo deu dez “esplêndidas funções” e desde a sua chegada atraiu “grande número de curiosos e magnatas do lugar e de fora”, tendo sido bastante apreciado pelo público pelotense por várias razões:

De dia, cada qual procurava um lugar que julgava mais conveniente para si ou para sua família, e depois gozaram noites deleitáveis quer pelos difíceis trabalhos dos artistas, muitos deles nunca no lugar vistos, quer pelos amestrados cavalos; como pela magnificência do estabelecimento, suas boas acomodações; e afinal pela grande reunião. Cada qual esquecia-se dos encomodos da vida, e recreava o seu espírito com as variedades que se lhe apresentavam à vista. O proprietário e principal diretor, Sr. Carlos J. Rogers reúne todas as qualidades de um perfeito cavalheiro e adquiriu muitas simpatias. Todos os seus empregados eram atenciosos, e tudo estava em perfeita harmonia com o seu primeiro diretor. Os trabalhos estiveram do publico continuados aplausos e só quem os viu os pode apreciar no alto grau que merecem. Os diferentes vestuários, segundo as épocas e as nações; os atavios dos cavalos pela mesma forma ajazeados, e sempre com luxo, ainda mais abrilhantavam o divertimento.⁷⁹²

⁷⁹¹ Antes disso, a cidade já havia recebido outros circos, porém esses ocupavam terrenos vazios, principalmente na rua de S. Miguel [atual XV de Novembro]. Em março de 1849 esteve em Pelotas o Circo Americano; em abril de 1854 o Circo Olímpico e Ginástico; em 1857 e 1858 o Circo Olímpico do Sr. Luande; e, em 1861 o Circo New York, companhia equestre e ginástica.

⁷⁹² Diário do Rio Grande, segunda 25, e terça-feira, 26.05.1863, p. 1-2, n. 4334, ano XVI. Rio Grande.

Uma das funções dada pelo Circo foi em benefício da Santa Casa de Misericórdia e do Asilo de Órfãos N. S. da Conceição, o que aumentou ainda mais a concorrência do público, pelo “gênio filantrópico deste povo”. Em todas as funções, o circo teve “extraordinária concorrência”, não ficando “velho nem moço, feio ou bonito, pobre ou rico, nobre ou plebeu que não fossem apreciar tão decantados trabalhos”⁷⁹³. Assim, a Praça começou a receber espetáculos itinerantes em seu interior.

A partir do exposto, é possível concluir que a Praça da Regeneração [atual Cel. Pedro Osório] foi utilizada como espaço de sociabilidade da população pelotense antes mesmo de ser demarcada oficialmente na planta da cidade, em 1834. Tal espaço foi palco de festividades, sejam elas religiosas, cívicas ou profanas, estando integrada às atividades desenvolvidas nas ruas da cidade. As festividades se utilizavam de espaços fechados, como o teatro, as sociedades de baile, os hotéis, a igreja e continuavam pelos espaços abertos como as ruas e a principal praça da cidade.

Juntamente com essas atividades, que ocorriam em datas específicas, a praça foi utilizada regularmente para as retretas, que aconteciam às quintas-feiras e aos domingos, ou ainda para a instalação de grandes circos. Ela também foi o espaço escolhido para a mobilização da população durante a Guerra do Paraguai.

A população pelotense ia para a praça para atividades específicas, como participar de uma festa, ouvir uma retreta ou ir ao circo. Posso dizer que ela era pouco utilizada para “simples passeios”, o que só aconteceu após o seu ajardinamento ocorrido na década de 1870, diversificando, mais ainda, a função deste espaço de sociabilidade.

Percebi que as décadas seguintes à Revolução Farroupilha foram marcadas por preocupações em relação aos espaços abertos e,

⁷⁹³ Diário do Rio Grande, quarta-feira, 03.06.1863, p. 2, n. 4341, ano XVI. Correspondência. Rio Grande.

principalmente, com a Praça da Regeneração [atual Coronel Pedro Osório], que era considerada a principal da cidade. Cronistas e redatores dos jornais, que se intitulavam representantes “do povo pelotense”, denunciavam as condições da praça, incompatíveis com a situação da cidade, que crescia e se urbanizava, e solicitavam da Câmara Municipal atitudes para a melhoria do espaço.

A Câmara, também preocupada com as condições urbanas de Pelotas, começou a dotar a cidade de infraestrutura e serviços urbanos e de alguns melhoramentos, entre eles a arborização e o cuidado da praça, que havia intensificado e diversificado as suas atividades recreativas após a Revolução, como já relatei. Isso demonstra que a construção e modernização dos espaços de sociabilidade estavam diretamente relacionados com o desenvolvimento da cidade.

Destaco o importante papel desse espaço para a sociabilidade da elite pelotense, que nele ia para participar de atividades recreativas, mas também para ver e ser visto, para demonstrar sua riqueza e seu bom gosto, materializados nos seus modos e comportamentos e na sua maneira de vestir, da mesma forma que nos espaços mais formais de sociabilidade. Ia também para se encontrar, conviver e se relacionar com os seus iguais, pois, mais importante que a atividade propriamente dita, era a relação que se desenrolava nesses espaços, para citar novamente Agulhon⁷⁹⁴. Ao destacar essa praça estou destacando também o seu papel e importância na vida social de Pelotas no século XIX.

Posso dizer, ainda, que as pessoas que participavam dos espaços abertos eram também aquelas que participavam das associações, que eram proprietários dos camarotes do teatro, que faziam os banquetes nos hotéis, ou seja, era a elite pelotense que organizava e participava de tais atividades.

⁷⁹⁴ AGULHON, Maurice. Introduction: La sociabilité est-elle ... Op. cit..

Mesmo possibilitando a participação de um público mais alargado, pois não possuía as normas mais formalizadas das sociedades, dos hotéis ou do teatro, considero que esse espaço também era apropriado pela elite, que ocupava os melhores lugares e as posições de destaque, quer na procissão, quer no desfile, ou mesmo, nos diferentes espetáculos que se apresentavam nestes espaços abertos. Os demais ocupavam os lugares mais distanciados ou participavam somente como espectadores.⁷⁹⁵

⁷⁹⁵ Lilia Schwarcz também observou que nas comemorações cívicas o povo tinha uma posição mais passiva, era um espectador. SCHWARCZ, Lilia M.. *As Barbas do Imperador*. ... Op. Cit., p. 258.

5 CONCLUSÃO

Ao término deste estudo desejo dar as respostas para as indagações que elaborei inicialmente. Porém, tenho consciência de que este é um olhar dos muitos possíveis. Este olhar foi pautado pelos vestígios deixados pelo passado, que são representações do acontecido, não o acontecido. Assim, busquei construir uma versão verossímil de como foi a sociabilidade da elite pelotense no século XIX a partir das fontes obtidas.

Para esta narrativa histórica utilizei como fontes, basicamente, os jornais da época que ainda estavam disponíveis, tanto de Pelotas como de Rio Grande. Tais jornais tinham um papel importante no registro da vida social da cidade de Pelotas no século XIX, divulgando o cotidiano das pessoas daquela época.

Pelotas se desenvolveu a partir das charqueadas e de suas atividades complementares, o que contribuiu para a formação de uma elite abastada, que buscou, cada vez mais, novas maneiras de viver, de acordo com a sua situação econômica.

Como demonstrei nesta tese, foi após a Revolução Farroupilha que a cidade retomou seu desenvolvimento paralisado pelos dez anos de guerra. Essa retomada se deu através do retorno da população e de imigrantes uruguaios, argentinos e europeus; da abertura de novas fábricas, casas comerciais e de hospedagem; da retomada das charqueadas; e do reinício das atividades na Câmara Municipal.

Foi nesse contexto que essa elite enriquecida construiu e se utilizou de novos e diferenciados espaços de sociabilidade e intensificou as atividades nos já existentes, como no teatro. De acordo com o seu grau de formalização, organizei esses espaços em três grupos: formais, semiformais e informais.

Os espaços de sociabilidade formais foram caracterizados como aqueles fechados, seletivos e organizados através de estatutos. Com essas características, a elite pelotense fundou, durante as décadas de 1840, 50 e 60, sociedades recreativas, como as sociedades de baile, uma sociedade filo-dramática, uma sociedade literária e um clube. Essas associações eram espaços de convivência entre os pares, onde só tinham acesso aqueles que preenchiam requisitos financeiros, civis e morais.

Além dessas associações recreativas e culturais, esse também foi um período de organização de diferentes sociedades, fossem elas filantrópicas como a Santa Casa de Misericórdia e o Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição, mutuais, como a Sociedade Portuguesa de Beneficência e a Deutscher Krankenverein, ou, ainda religiosas, como a maçonaria e as irmandades.

Assim, posso caracterizar as décadas posteriores à Revolução Farroupilha como aquelas de maior desenvolvimento de associações já apresentado na cidade de Pelotas, o que demonstra que em tal período a elite pelotense começou a se organizar formalmente, de maneira paralela à organização da cidade.

Os espaços semiformais encontrados nas fontes foram o Teatro Sete de Abril e os hotéis. Esses espaços eram intermediários entre os formais e os informais, pois eram privados, mas estavam abertos a um público que pudesse pagar pelos seus serviços, seja pelo ingresso ou pelos produtos oferecidos.

Foi nas décadas posteriores à Revolução Farroupilha que o teatro, aberto na década de 1830, mas fechado durante o período da guerra,

retomou suas funções enquanto espaço de sociabilidade. Foi a partir de tal data que se intensificaram e diversificaram as atividades no local, com o oferecimento de espetáculos líricos, de prestidigitação, bailes de máscaras, entre outros.

A partir da chegada de imigrantes, hotéis foram abertos na cidade que, além de oferecerem hospedagem, se configuraram como importantes espaços de sociabilidade da elite masculina pelotense. No decorrer das décadas de 40, 50 e 60 do século XIX, os hotéis foram, cada vez mais, utilizados pela elite pelotense. Era neles que ela jogava, principalmente o bilhar, comia e bebia e oferecia banquetes, seja para personalidades políticas ou para artistas.

Simultaneamente ao desenvolvimento de atividades recreativas nos espaços formais e semiformais de sociabilidade, as atividades nos espaços informais foram se intensificando. As ruas e as praças começaram a ganhar melhorias compatíveis com uma sociedade que se via e que se queria urbanizada e civilizada. Foi nesses espaços que se realizaram procissões, desfiles, música, fogos de artifício.

Mesmo sendo um espaço de sociabilidade que permitia a participação de um público mais heterogêneo, as atividades nesses locais eram ditadas pela elite, que ocupava os melhores lugares e posições nas procissões, nos desfiles e nas demais atividades. Os “outros” ocupavam posições mais periféricas ou participavam como espectadores.

As festividades começavam, de maneira geral, com Te-Deum na igreja matriz, prosseguiam pelas ruas e na Praça da Regeneração [atual Coronel Pedro Osório], seguiam-se no Teatro Sete de Abril, nos hotéis e nas sociedades, onde eram oferecidos banquetes e bailes, os quais fechavam a programação.

Além de tais festividades, que já eram realizadas na década de 1830, mas não com tanta frequência e intensidade, o carnaval, as demonstrações de reconhecimento aos visitantes e artistas e as retretas foram atividades

recreativas que ocorreram nas ruas e na Praça da Regeneração [atual Coronel Pedro Osório] e passaram a fazer parte da vida social da cidade de Pelotas do século XIX.

Estudei todos esses espaços conjuntamente, pois dessa forma foi possível mostrar a maneira como estavam integrados, quando uma mesma atividade recreativa era realizada em vários espaços, fazendo parte de um mesmo sistema de interrelações, no qual a elite participava, independentemente de serem espaços formais ou informais. Assim foi possível conhecer, de maneira mais completa, o comportamento coletivo da elite pelotense no período estudado.

A despeito de sua diversidade, os espaços abordados nesta tese, apresentaram numerosas características comuns, sendo possível caracterizá-los como espaços de sociabilidade, pois, eram espaços onde se verificou o comportamento coletivo da elite em um espaço e tempo determinados.

O agrupamento da elite em tais espaços se deu a partir de decisões voluntárias, com o objetivo de recreação, mas também com o objetivo de se encontrar, de se fortalecer enquanto grupo e demonstrar sua riqueza e suas maneiras, sendo muitas vezes, exemplos para outros grupos sociais. A participação nesses espaços requeria alguns requisitos, como tempo livre, condições financeiras e comportamento e maneiras ditos civilizados, sinais distintivos e de distinção.

A elite, vista como aquele grupo que se distingue do conjunto da população pela sua riqueza e atividade econômica, mas também pelo seu poder de decisão na sociedade a que pertence e que serve de modelo pelo seu modo de vida específico, deve estar inserida em espaços de sociabilidade. Critério da elite, esse capital social é uma fonte de poder, uma maneira de verificar a sua influência no espaço urbano e na organização da cidade.

Verifiquei que a sociabilidade foi, para a elite pelotense, um instrumento de fusão e de integração social. Com efeito, ela lhe permitiu a

constituição de um grupo social unido e consciente de sua superioridade, mostrando-se como espaços de diferenciação e de distinção social. Nestes espaços a elite impunha seus valores, maneiras e comportamentos, sinais distintivos dessa camada social.

Instrumento de coesão social, a sociabilidade da elite pelotense funcionou também como um modelo. As formas de vida social encontradas na elite possuíam seu equivalente no universo mais popular. As associações de baile foram também organizadas por camadas mais populares; grupos minoritários organizaram seus espaços teatrais; tabernas e casa de pasto, mais periféricas fisicamente que os hotéis, atendiam a um público menos seletivo; festas foram organizadas em uma escala mais modesta. Posso concluir que os espaços de sociabilidade da elite foram imitados no sentido socialmente descendente, e, a partir daí, foram sendo desvalorizados como sinais de distinção.

A partir do exposto, foi possível responder as questões e confirmar as hipóteses previamente elaboradas. As décadas imediatamente posteriores à Revolução Farroupilha foram para Pelotas um período de uma vida social intensa, confirmada pela fundação e desenvolvimento de novos e variados espaços de sociabilidade apresentados nesta tese.

Pelotas, nesse período, se mostrou um cenário propício para a formação de tais espaços, na medida em que retomou seu desenvolvimento, vinculado à atividade charqueadora. As atividades industriais, comerciais, sociais e intelectuais, vinculadas às melhorias de infraestrutura e serviços urbanos, transformaram Pelotas, no decorrer das décadas, em uma cidade urbanizada e civilizada. Estas condições, aliadas a um contingente de pessoas com tempo livre e condições financeiras, foram propícios para o desenvolvimento de variados espaços de sociabilidade, importantes para a construção da nova sociedade que se delineava. A criação destes espaços significou que a sociedade pelotense estava se

tornando mais civilizada, urbanizada e moderna, afastando-se do ambiente rural das charqueadas.

A diversificação desses espaços de sociabilidade e a intensificação das atividades nos já existentes demonstram que a sociabilidade fora do âmbito familiar foi valorizada na sociedade pelotense, que buscava espaços mais alargados para o encontro e os interrelacionamentos, e, conseqüentemente, novas formas de se viver.

Verifiquei que, os pelotenses não se encontravam, na metade do século XIX, nos seus entretenimentos, demasiadamente distanciados de outros centros do Império, como a Corte. Em certa medida não se distanciavam dos centros mais sofisticados, como Buenos Aires, Montevideu e, mesmo da França e da Inglaterra.

A tese mostrou que existia uma sociabilidade vinculada à recreação em Pelotas, mais cedo do que o esperado. A historiografia pelotense tem mostrado a formação e o desenvolvimento desses espaços de sociabilidade principalmente nas três últimas décadas do século XIX. De fato, nessas décadas, os espaços se mantiveram, mas tiveram a sua primeira fase, se estruturando e se fortalecendo ainda nas décadas de 40, 50 e 60 do Oitocentos.

A elite pelotense, que dispunha de tempo livre e condições financeiras, criou e participou simultaneamente desses espaços de sociabilidade, fossem eles formais ou informais, na busca por espaços de lazer.

Porém, mais do que um local de lazer, eram espaços de integração e identificação, se consolidando como espaços de distinção e diferenciação da elite em relação aos que deles não podiam participar, fosse pela seleção rigorosa, pelas condições financeiras ou pelas maneiras de se comportar e de se vestir, sinais distintivos do estilo de vida de um grupo, que reforçavam e acentuavam as diferenças sociais.

Era nesses espaços que a elite ostentava sua riqueza, demonstrava seu bom gosto, suas maneiras e comportamentos considerados, na época, civilizados. Era aí que se encontrava, convivia e se relacionava com os iguais, surgindo daí amizades, namoros e casamentos, acordos comerciais e políticos, unindo riqueza, poder e influência.

A sociabilidade aparece, portanto, importante para que se possa apreender a sociedade da época, principalmente as formas de vida da elite pelotense pós Revolução Farroupilha, ou seja, de um grupo definido no tempo, no espaço e na hierarquia social. Assinalo que esta tese trata somente do estudo desse grupo, não abordando a vida social e a sociabilidade de outros grupos sociais, que estavam presentes na sociedade pelotense da época.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Manuscritas

Declaração dos Estrangeiros que não aceitam a Grande Naturalização. 31.12.1889. (Arquivo Histórico BIC 010e, BPP).

ESTATUTOS E ATAS DO THEATRINHO SETE DE SETEMBRO. Manuscrito. (Arquivo Histórico ENT 011 – BPP).

Ofício com a Lista dos principais fazendeiros ou criadores do 3º distrito de Pelotas, encaminhado pela Sub-Delegacia de Polícia do 3º Distrito do Termo de Pelotas, em 24 de março de 1858, para o presidente da Câmara Municipal de Pelotas. (Correspondências das Câmaras Municipais. Correspondência Expedida. Maço 106, Caixa 47 – 1858-1865 – AHRGS).

Primeiro Livro de Atas da Câmara Municipal da Vila de São Francisco de Paula. Dezesseis de maio de 1832 a 1833 (Arquivo da cidade). Décima Sessão. 14.05.1832. (Arquivo Histórico 005 – BPP).

Termo de declaração dos estrangeiros solicitando naturalização brasileira – 1844. (Arquivo Histórico BIC 008e – BPP).

Fontes Documentais

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, decretada e promulgada pelo Congresso Nacional Constituinte em 24.02.1891. Título IV Dos cidadãos brasileiros, Sessão 2 Declaração dos Direitos. Disponível em: www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes.

Carta de Bernardina para seu marido em 06.02.1836 – CV-165. ANAIS do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1978. Volume 2. Coleção de Alfredo Varela – Correspondência Ativa. (AHRGS).

Carta de Bernardina para seu marido em 13.01.1836 – CV-162. ANAIS do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1978. Volume 2. Coleção de Alfredo Varela – Correspondência Ativa. (AHRGS).

Coleção das Leis do Império do Brasil. Coleção publicada pela Imprensa Nacional. Inclui Cartas de Leis, Decretos, Alvarás, Cartas Régias, Leis e Decisões imperiais. A publicação digitalizada compreende o período de 1808 e 1889. Disponível em www2.camara.gov.br/legislacao/publicacao/doimperio.

ESTATUTOS DA SOCIEDADE FÊNIX PELOTENSE. Pelotas: Typ. de Joaquim Ferreira Nunes, 1868. (Arquivo Histórico ENT – 034 – BPP. Pelotas).

Inventário de Antônio Joaquim Rodrigues. N. 146, M. 7, E. 28, Ano 1885, 2º Cartório de Órfãos e Ausentes de Pelotas. APERGS.

Inventário de Antonio Paulino Calero. N. 192, M. 6, E. 30, Ano 1899, 1º Cartório do Cível e Crime de Pelotas. APERGS.

Inventário de Benjamim Ricardo Cordeiro. N. 1261, M. 69, E. 26, Ano 1894, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria de Pelotas. APERGS.

Inventário de Celestino San Juan. N. 54, M. 3, E. 28, Ano 1876, 2º Cartório de Órfãos e Ausentes de Pelotas. APERGS.

Inventário de Comendador Antonio Mancio Ribeiro. N. 184, M. 9, E. 28, Ano 1888, 2º Cartório de Órfãos e Ausentes de Pelotas. APERGS.

Inventário de Gabriel José Portella. N. 690, M. 42, E. 25, Ano 1869, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria de Pelotas. APERGS.

Inventário de Januário Joaquim Amarante. N. 881, M. 51, E. 25, Ano 1878, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria de Pelotas. APERGS.

Inventário de Joaquim de Sá Araújo. N. 949, M. 54, E. 25, Ano 1881, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria de Pelotas. APERGS.

Inventário de Dr. José Vieira da Cunha. N. 81, M. 4, E. 28, ano 1877, 2º Cartório de Órfãos e Ausentes. APERGS.

Inventário de Lourenço Botelho. N. 806, M. 48, E. 25, Ano 1874, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria de Pelotas. APERGS.

Inventário de Urbano Martins Garcia. N. 384, M. 10, E. 33, Ano 1914, 2º Cartório do Civil e Crime de Pelotas. APERGS.

Lista Geral dos Cidadãos Qualificados Votantes no 1º Distrito de Pelotas, de 03 de fevereiro de 1865.

MUNICÍPIO DE PELOTAS. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1926 pelo Intendente Dr. Augusto Simões Lopes*. Pelotas: Livraria do Globo, 1926.

Processo Crime – Luiz Godefroy; Sub-delegacia de Polícia – Cidade de Pelotas; Nº 247; Maço 6; Estante 36; 07.07.1848. APERGS.

PROVÍNCIA de São Pedro do Rio Grande do Sul. *Lei Nº 5 de 27 de junho de 1835*. Coleção das Leis Provinciais de S. Pedro do Rio Grande do Sul (1835-1851). (Livro 570 – Legislação Provincial. AHRGS).

Registro de Casamento de Antônio José da Silva Maya e Thereza Maria de Jesus. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, nov.1812-maio1844, p. 124. Pelotas.

Registro de Casamento de Antonio Soares de Paiva (comendador) e Clara Joaquina de Castro Antiqueira. Livro 1A de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, nov.1812-ago.1832, p. 117. Pelotas.

Registro de Casamento de Domingos da Silva Lessa e Maria Aurora Gonçalves de Castro. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1832-maio1844, p. 131. Pelotas.

Registro de Casamento de Domingos de Castro Antiqueira (Barão de Jaguari) e Liocadia Amália da Silveira. Livro 1A de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, nov.1812-ago.1832, p. 117. Pelotas.

Registro de Casamento de Dr. Alexandre Jacintho de Mendonça e Florinda Luiza da Silva Mendonça. Livro 2 de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, 1844-1845, p. 173v. Pelotas.

Registro de Casamento de Francisco Espíndola de Souza e Maria Angélica Soares. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1832-maio1844, p. 122. Pelotas.

Registro de Casamento de Francisco Luis da Rocha e Maria Joaquina Domingues. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1832-maio1844, p. 157. Pelotas.

Registro de Casamento de Frederico Martins de Amorin e Maria Manoella Rodrigues. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1832-maio1844, p. 121. Pelotas.

Registro de Casamento de Hermenegildo Ferreira Nunes e Ana Gonçalves Victorina. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1832-maio1844, p. 125. Pelotas.

Registro de Casamento de José Francisco da Rocha e Arzelina Joaquina Domingues. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1832-maio1844, p. 121. Pelotas.

Registro de Casamento de José Pereira de Sá Peixoto e Cecília Vieira da Silva. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1832-maio1844, p. 160. Pelotas.

Registro de Casamento de Manoel Antonio Pereira e Francisca Fagundes de Oliveira. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1832-maio1844, p. 136. Pelotas.

Registro de Casamento de Manoel Soares de Paiva e Maria Christina Torres Mosqueira. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, nov.1812-maio1844, p. 182. Pelotas.

Registro de Casamento de Matheus Gomes Viana e Maria Francisca Antunes. Livro 1B de Casamentos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1832-maio 1844, p. 131. Pelotas.

Registro de Óbito de Alexandre Vieira da Cunha, Livro 6 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1867-1872, p. 119. Pelotas.

Registro de Óbito de Antonio Bonfiglio, Livro 16 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, out.1890-mar.1892, p. 70, nº 555. Pelotas.

Registro de Óbito de Antônio da Boanova. Livro 1 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1812-1846, p. 222. Pelotas.

Registro de Óbito de Antônio Ferreira, Livro 18 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, out.1900-set.1906, p. 2. Pelotas.

Registro de Óbito de Antônio Joaquim Rodrigues, Livro 7B de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1876-1878, p. 69. Pelotas.

Registro de Óbito de Antônio José da Silva Maia, Livro 10 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, jun.1883-mar.1885, p. 14. Pelotas.

Registro de Óbito de Antônio José Granja. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 153. Pelotas.

Registro de Óbito de Antônio José Rodrigues. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 170. Pelotas.

Registro de Óbito de Antonio Peixoto da Silva. Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 116. Pelotas.

Registro de Óbito de Antônio Pereira da Silva. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 154. Pelotas.

Registro de Óbito de Antônio Pereira de Azevedo. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 145. Pelotas.

Registro de Óbito de Antonio Rafael dos Anjos. Livro 7B de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1876-1878, p. 80. Pelotas.

Registro de Óbito de Antônio Rodrigues Barcellos. Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 16. Pelotas.

Registro de Óbito de Antônio Soares de Paiva. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 137. Pelotas.

Registro de Óbito de Arcanjo Pereira da Silva Pinto. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 199. Pelotas.

Registro de Óbito de Benito Maurell Filho, Livro 16 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, out.1890-mar.1892, p. 97, n. 173. Pelotas.

Registro de Óbito de Benjamim Ricardo Cordeiro, Livro 17 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, mar.1892-mar.1899, p. 81. Pelotas.

Registro de Óbito de Bernardino Rodrigues Barcellos. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 90. Pelotas.

Registro de Óbito de Boaventura da Silva Barcellos. Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 194. Pelotas.

Registro de Óbito de Boaventura Ignácio Barcellos. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 7. Pelotas.

Registro de Óbito de Boaventura Rodrigues Barcellos. Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 194. Pelotas.

Registro de Óbito de Camillo de Azevedo Souza. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula , 1846-1853, p. 189. Pelotas.

Registro de Óbito de Capitão José Teixeira dos Reis, Livro 10 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, jun.1883-mar.1885, p. 84. Pelotas.

Registro de Óbito de Celestino San Juan, Livro 7 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1872-1876, p. 214. Pelotas.

Registro de Óbito de Claudio José de Souza Mursa (Revdo Vigário). Livro 1 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1812-1845, p. 238. Pelotas.

Registro de Óbito de Comendador Domingos Antônio Félix da Costa, Livro 8 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1879-1881, p. 95. Pelotas.

Registro de Óbito de Comendador João Simões Lopes. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 10. Pelotas.

Registro de Óbito de Comendador José Vieira Pimenta, Livro 7 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1872-1876, p. 121. Pelotas.

Registro de Óbito de Conselheiro Dr. Joaquim Jacintho de Mendonça, Livro 16 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, out.1890-mar.1892, p. 21, n. 65. Pelotas.

Registro de Óbito de Coronel Joaquim de Sá Araújo, Livro 8 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1879-1881, p. 93 . Pelotas.

Registro de Óbito de Domingos de Castro Antiqueira. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 172. Pelotas.

Registro de Óbito de Domingos de Souza Mursa. Livro 10 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, jun.1883-mar.1885, p. 50 Pelotas.

Registro de Óbito de Domingos Jozé da Silveira. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 125. Pelotas.

Registro de Óbito de Dr. Alexandre Jacintho de Mendonça, Livro 12 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1886-out.1887, p. 75, n. 470. Pelotas.

Registro de Óbito de Dr. João Baptista de Figueiredo Mascarenhas. Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 43. Pelotas.

Registro de Óbito de Dr. José Vieira da Cunha, Livro 7B de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1876-1878, p. 45. Pelotas.

Registro de Óbito de Felicissimo Manoel Amarante [Junior], Livro 9 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1881-jun.1883, p. 9. Pelotas.

Registro de Óbito de Francisco José de Araújo, Livro 5 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1864-1867, p. 117. Pelotas.

Registro de Óbito de Frederico Martins Amorim. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 196. Pelotas.

Registro de Óbito de Gabriel José Portela, Livro 6 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1867-1872, p. 101. Pelotas.

Registro de Óbito de Henrique de Souza Gomes, Livro 5 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1864-1867, p. 103. Pelotas.

Registro de Óbito de Ignácio Antonio Pires. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 48. Pelotas.

Registro de Óbito de Ignácio José da Silva Guimarães, Livro 16 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, out.1890-mar.1892, p. 41, n. 272. Pelotas.

Registro de Óbito de João Antonio Martins. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 46. Pelotas.

Registro de Óbito de João dos Martins Torres. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 130. Pelotas.

Registro de Óbito de João Francisco Vieira Braga (Visconde de Piratiny), Livro 12 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1886-out.1887, p. 64, n. 358. Pelotas.

Registro de Óbito de João Jacintho de Mendonça e Silva, Livro 14 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, set.1888-set.1889, p. 68, n. 440. Pelotas.

Registro de Óbito de João Jacintho de Mendonça. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 131. Pelotas.

Registro de Óbito de João Maria Chaves. Livro 12 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, ago.1886-out.1887, p. 84. Pelotas.

Registro de Óbito de João Rodriguez Saraiva, Livro 18 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, out.1900-set.1906, p. 4. Pelotas.

Registro de Óbito de Joaquim Ferreira Nunes. Livro 11 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, mar.1885-ago.1886, p. 95. Pelotas.

Registro de Óbito de Joaquim Francisco Ilha, Livro 1 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1812-1846, p. 76. Pelotas.

Registro de Óbito de José Antônio Moreira (Barão de Butuhy), Livro 7B de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1876-1878, p. 34. Pelotas.

Registro de Óbito de José Ferreira Alves Guimarães, Livro 15 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, set.1889-out.1890, p. 66, n. 411. Pelotas.

Registro de Óbito de José Ignácio da Cunha, Livro 5 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1864-1867, p. 54v. Pelotas.

Registro de Óbito de José Ignácio Xavier, Livro 1 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1812-1846, p. 60v. Pelotas.

Registro de Óbito de José Marques de Carvalho, Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 215. Pelotas.

Registro de Óbito de José Morena, Livro 7B de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1876-1878, p. 97. Pelotas.

Registro de Óbito de José Torres, Livro 8 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1879-1881, p. 48. Pelotas.

Registro de Óbito de Josino Ferreira Lagôas, Livro 17 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, mar.1892-mar.1899, p. 35, n. 576. Pelotas.

Registro de Óbito de Jozé Alves Pereira. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 132. Pelotas.

Registro de Óbito de Jozé de Souza Mursa. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 92. Pelotas.

Registro de Óbito de Jozé Pereira de Sá Peixoto. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 47. Pelotas.

Registro de Óbito de Jozé Rodriguez Barcellos. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 83. Pelotas.

Registro de Óbito de Jozé Vaz Teixeira Gonçalves do Amaral. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 40. Pelotas.

Registro de Óbito de Jozé Vieira Viana. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 188. Pelotas.

Registro de Óbito de Lourenço Botelho, Livro 7 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1872-1876, p. 88. Pelotas.

Registro de Óbito de Luis Cardozo de Gusmão. Livro 2 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1846-1853, p. 90. Pelotas.

Registro de Óbito de Major José de Mello Pacheco de Rezende, Livro 5 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1864-1867, p. 39v. Pelotas.

Registro de Óbito de Manoel Americo da Silva Braga. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 155. Pelotas.

Registro de Óbito de Manoel Baptista Teixeira. Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 191. Pelotas.

Registro de Óbito de Manoel Gomes dos Santos. Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 7. Pelotas.

Registro de Óbito de Manoel Joaquim Pimenta Granja. Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 730. Pelotas.

Registro de Óbito de Manoel José de Oliveira, Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 176. Pelotas.

Registro de Óbito de Manoel Jozé Rodrigues Valadares. Livro 3 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1853-1860, p. 98. Pelotas.

Registro de Óbito de Manoel Monteiro de Campos. Livro 4 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1861-1864, p. 121. Pelotas.

Registro de Óbito de Manoel Roxo Júnior, Livro 10 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, jun.1883-mar.1885, p. 64. Pelotas.

Registro de Óbito de Marcolino Antonio dos Santos. Livro 10 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, jun.1883-mar.1885, p. 63. Pelotas.

Registro de Óbito de Procópio Gomes de Oliveira. Livro 10 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, jun.1883-mar.1885, p. 94. Pelotas.

Registro de Óbito de Rafael Vieira da Cunha, Livro 5 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1864-1867, p. 85. Pelotas.

Registro de Óbito de Remy Abadie, Livro 11 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, mar.1885-ago.1886, p. 76, nº 266. Pelotas.

Registro de Óbito de Santiago Praty, Livro 16 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, out.1890-mar.1892, p. 50, nº 366. Pelotas.

Registro de Óbito de Thomaz Gotuzzo, Livro 7 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1872 – 1876, p. 116. Pelotas.

Jornais

Correio Mercantil, 26.10.1875, p. 2. Pelotas. (BPP)

Correio Mercantil, 01.07.1876, p. 1, n. 145. Pelotas. (BPP)

Correio Mercantil, 01.04.1876, p. 1, n. 73. Pelotas. (BPP)

Correio Mercantil, 30.03.1876, p. 1, n. 71. Pelotas. (BPP)

Correio Mercantil, 02.07.1878, p. 2, n. 147. Pelotas. (BPP)

Diário de Pelotas – 1859 (Ref.: E. 017, P. 1, N.R. 157.761 – S.P. – BRG) e 1868 (Setor Imprensa, Localização: MAP₂G₂ – MCSHJC).

Diário de Pelotas, 01.01.1886, p. 2, n. 1, ano XX. Pelotas. (BPP).

Diário de Rio Grande – 1848 a 1870 (Localização: N.R. 1063 – BRG).

O Brado do Sul – 1859, 1860, 1861 (Setor Imprensa, Localização: A1G2 – MCSHJC).

O Comércio – 1862, 1863, 1866, 1868 e 1869 (Coleção Kremer RS, n. 1, Sala Silva Paes – BRG).

O Jasmim, domingo, 11.07.1897, p. 37, n. 6, ano I. Noticiário. Pelotas. (Ref.: 137.612, E. 056, P. 6, Vol. 60, Tomo 23 – BPP).

O Noticiador – 1855, 1857 e 1858 (Setor Imprensa, Localização: AM₂G₃ – MCSHJC).

O Pelotense – 1852 (Ref.: E. 17, P. 1, N.R. 157.759, S.P.), 1853 (Ref.: E. 017, P. 1, N.R. 157.760, S.P.) e 1854 (Ref.: E. 017, P. 1, N.R. 157.758, S.P.). (BRG).

O Regenerador, quinta-feira, 17.09.1863, p. 2, n. 50, ano I. Anúncios. Pelotas. (Localização: AP 034p – BPP)

O Rio-Grandense – 1845 a 1855 (Localização N.R. 2844, E. 082, P. 8, 9 e 11. – BRG).

Livros e Artigos

AGULHON, Maurice. La Sociabilidad como Categoría Histórica. In: FUNDACION MARIO GONGORA. *Formas de Sociabilidad em Chile 1840-1940*. Santiago do Chile: Vivaria, 1992.

AGULHON, Maurice. *Histoire Vagabonde*. Paris: Gallimard, 1988. Tomo I, Ethnología et Politique dans La France Contemporánea.

AGULHON, Maurice. Visão dos Bastidores. In: NORA, Pierre (Org.). *Ensaio de Ego-história*. Lisboa: Difel, 1987. (Edições 70). p. 13-62.

AGULHON, Maurice. Introduction: La sociabilité est-elle objet d'histoire? In: FRANÇOIS, Étienne (Org.). *Sociabilité et Société Bourgeoise en France, en*

Allemagne et en Suisse, 1750-1850. Paris: Editions Recherche sur les Civilisations, 1986, p. 13-23.

AGULHON, Maurice. *Le cercle dans la France bourgeoise 1810-1848*. Etude d'une mutation de sociabilité. Cahier des Annales. Paris, Armand Colin, n. 36, 1977.

A IMPRENSA de Pelotas em um Século. *Diário Popular*, Pelotas, 07.11.1951, p. 2 e 6.

AITA, Carmen; AXT, Gunter; ARAÚJO, Vladimir (Orgs.). *Parlamentares Gaúchos das Cortes de Lisboa aos nossos dias: 1821-1996*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1996.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); ALENCASTRO, L. F. de (org. do vol.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 11-94. V.2, Império.

A MAÇONARIA em Pelotas. Disponível em www.fraternidade.org.br/macom2.htm. Acesso em 20.05.2009.

AMARAL, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas*. Pelotas: Seiva Publicações/Ed. Universitária – UFPel, 1999.

ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000.

ARIÈS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. (Tradução de Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ARRIADA, Eduardo. *Do "O Pelotense" ao "Diário Popular" (1851-1890): 39 anos de jornalismo em Pelotas*. (Inédito).

ARRIADA, Eduardo. *Pelotas – gênese e desenvolvimento urbano*. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

AVÉ-LALLEMANT, Roberto. *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*. (Tradução de Teodoro Cabral). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

BARRETO, Alvaro. *Dias de Folia*. O Carnaval pelotense de 1890 a 1937. Pelotas: Educat, 2003.

BARRETO, Abeillard. *Primórdios da Imprensa no Rio Grande do Sul. – (1827-1850)*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de Publicação e Concursos, 1986

BECKER, Klaus. A imigração no Sul do Estado de 1844-1852. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*. 5º volume. Imigração. Canoas: Editora Regional Ltda, 1958, p. 322-371.

BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em Évora no Século XIX*. O Círculo Eborense. Lisboa: Cosmos, 2001.

BETEMPS, Leandro Ramos (Org.); JACCOTTET, Alda Maria de Moraes. *Povoadores de Pelotas RS*. Freguesia de São Francisco de Paula (1812-1825). Pelotas: Cópias Santa Cruz Ltda, 2009.

BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Da Rua ao Teatro, os Prazeres de uma Cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional*. 2.ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2007.

BLUMENAU, Hermann. Correspondência do Dr. Blumenau. *Blumenau em Cadernos*. Tomo VI, n.ºs. 3-4. Blumenau, 1963.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. (Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira). São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas sobre a Teoria da Ação*. (Tradução de Mariza Corrêa). Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. (Tradução de Denise Bottmann). São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

CAFEZEIRO, Edwaldo; GADELHA, Carmem. *História do Teatro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

CALDO, Paula; FERNANDEZ, Sandra. Sobre el sentido de lo social: asociacionismo y sociabilidad. Un breve balance. In: FERNANDEZ, Sandra; VIDELA, Oscar. *Ciudad Oblicua*. Aproximaciones a temas e intérpretes de La entreguerra rosarina. Rosario: La Quinta Pata & Camino Ediciones, 2008, p. 81-84.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Uma Pré-História do Turismo no Brasil*. Recreações Aristocráticas e Lazer Burgueses (1808-1850). São Paulo: Aleph, 2007. (Série Turismo).

CANAL, Jordi. Historiografia y sociabilidad en la Espana contemporânea: Reflexiones com término. *Vasconia*, Cuadernos de Historia-Geografía, Universidad del País Vasco, País Vasco, n. 33, p. 11-27, 2003.

CANAL, Jordi. Los Estudios sobre la Sociabilidad en España. Una revisión. *Arxius de Sociologia*, Universidad de València, València, n. 3, p. 111-32, juny de 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CARVALHO, Deborah Agulhan. *Das Casas de Pasto aos Restaurantes: os sabores da velha Curitiba (1890-1940)*. 2005. 176 f. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2005.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*, USP, São Paulo, v.5, n. 11, p. 173-91, 1991.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. (Tradução de Maria Manuela Galhardo). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

CHAVES, Larissa Patron. "Honremos a Pátria Senhores!" As Sociedades Portuguesas de Beneficência: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro do Rio Grande (1854-1910). 2008. 339f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2008.

CONDE D'EU. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. (agosto a novembro de 1865). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de.. A Conquista do Tempo Noturno: Porto Alegre "moderna". *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, v. XX, n. 2, p.65-84, dez. 1994.

CORBIN, Alain. Do lazer culto à classe do lazer. In: _____. *História dos Tempos Livres*. O advento do lazer. (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema, 2001, p. 59-90.

COSTA FRANCO, Sérgio da. *Gaúchos na Academia de Direito de São Paulo no Século 19*. Disponível em www.tj.rs.gov.br/institu/memorial/gauchos.doc. Acesso em 30.06.2009.

CUNHA, Alberto Coelho. *Síntese Histórica da Beneficência Portuguesa; Santa Casa de Misericórdia; Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição; Asilo de Órfãos de São Benedito; Asilo de Mendigos*. Manuscrito. (BPP – Arquivo Histórico ACC-018).

CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas. *A Opinião Pública*, Pelotas, de 29 de junho de 1928 a 20 de dezembro de 1928.

CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas, nº 64. *A Opinião Pública*, Pelotas, quinta-feira, 01.11.1928, p. 1, n. 150, ano XXXIII.

CUNHA, Alberto Coelho da. Antigualhas de Pelotas, nº 62. *A Opinião Pública*, Pelotas, quinta-feira, 30.10.1928, p. 1, n. 148, ano XXXIII.

DREYS, Nicolau. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro*. Rio de Janeiro: J. Villeneuve & Comp., 1839.

DUVAL, Paulo. Apontamentos sôbre o Teatro no Rio Grande do Sul e Síntese Histórica do Teatro Sete de Abril, de Pelotas, que serviu de Quartel General dos Farrapos. *Revista do IHGRG*, Porto Alegre, n. 97, p. 37-65, 1º trim. 1945.

ECHENIQUE, Guilherme. *Histórico do Teatro Sete de Abril de Pelotas*. Pelotas: Globo, 1934.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. (Tradução de Pedro Sússekind). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. (Tradução de Ruy Jungmann). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. v.1, Uma história dos Costumes.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. (Tradução Ruy Jungmann). Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1993. v.2, Formação do Estado e Civilização.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, n. 13, p. 19-29, 1995.

ESCALERA, Javier. Sociabilidad y Relaciones de Poder. *KAIROS*. Revista de Temas Sociales, Universidad Nacional de San Luis, San Luis, Argentina, ano 4, n. 6, 2000. Disponível em: www.fices.unsl.edu.ar/kairos. Acesso em 15.11.2007.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. (Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves). 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FURTADO, Júnia Ferreira. *DEFILAR: a procissão barroca*. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/defilaraprocissaobarroca.pdf. Acesso em 12.10.2009.

GAYOL, Sandra. *Sociabilidad en Buenos Aires*. Hombres, honor y cafés, 1862-1910. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2000.

GONZÁLEZ Bernaldo de Quirós, Pilar. *Civilidad y Política en los Orígenes de La Nación Argentina: las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862*. 2.ed., Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

GONZÁLEZ Bernaldo de Quirós, Pilar. La "Sociabilidad" y la historia política. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, BAC – Biblioteca de Autores del Centro, 2008, Puesto em línea El 17 febrero 2008. URL: <http://nuevomundo.revues.org/24082>. Acesso em 12.12.2008.

GUERRAND, Roger-Henri. Espaços Privados. In: PERROT, Michelle et. al.. *História da Vida Privada*. (Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 325-411. v.4, da Revolução Francesa à Primeira Guerra.

GUTIERRES, Ester J. B. *Barro e Sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. 1999, 549 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre.

HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____ (Org.) *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HESSEL, Lothar; RAEDERS, Georges. *O Teatro no Brasil sob D. Pedro II*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, Instituto Estadual do Livro, 1979.

HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

IBÁÑEZ, Félix Castrillejo. Sociabilidad en Burgos. In: ZORRILLA, Elena Maza (Coord.) *Sociabilidad en la España Contemporánea*. Historiografía y Problemas Metodológicos. Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2002, p. 133-70. (Série Seminarios Simancas, nº 1).

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. (1833-1834) (Tradução de Dante de Laytano). 2.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1983.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. (Vol. 1 Memória-História). Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 95-106.

LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. *Ecós Revista*, EDUCAT – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 5-34, abril de 1998.

LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*. 1999. 727 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia

e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 1999. v.1.

LOUSADA, Maria Alexandre. Sociabilidades Mundanas em Lisboa. Partidas e Assembléias, C. 1760 – 1834. *Penélope. Fazer e Desfazer História*, Lisboa: Cosmos, n. 19-20, p. 129-60, 1998. Disponível em: www.penelope.ics.ul.pt. Acesso em 02.07.2007.

LOUSADA, Maria Alexandre. A rua, a taberna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime. In: VENTURA, Maria da Graça A. M. *Os Espaços de Sociabilidade na Ibero-América (Sécs. XVI-XIX)*. Lisboa: Edições Colibri, 2004, p. 95-120.

LOPES NETO, J. Simões. *História de Pelotas*. (Org. por Mário Osório Magalhães). Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994.

LOPES NETO, Simões. *Revista do 1º Centenário de Pelotas*. Publicação Auxiliar para a Comemoração Projetada pela Biblioteca Pública Pelotense, n. 7 e 8, abril/maio de 1912.

MAGALHÃES, Mario Osório. A presença portuguesa em Pelotas no século XIX. In: GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.). *Horizontes Urbanos*. Pelotas: Armazém Literário, 2004, p. 109-17.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Os Passeios da Cidade Antiga*. Guia Histórico das Ruas de Pelotas. 2.ed.rev. Pelotas: Armazém Literário, 2000.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 2.ed. Pelotas: EdUFPel; Co-edição Livraria Mundial, 1993.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os Ritos da Vida Privada Burguesa. In: PERROT, Michelle et al.. *História da Vida Privada*. (Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 193-261. v.4, da Revolução Francesa à Primeira Guerra.

MELLO, Tancredo de. Pelotas. A sua formação. *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1912*. Anno 24º. Pelotas: Editores Pinto & C., 1912.

MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. 2.ed.rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEYER, Augusto. *Guia do Folclore Gaúcho*. 2.ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Presença/ Instituto Nacional do Livro/ Instituto Estadual do Livro-RS, 1975.

MONTÓIA, Ana. Da sociabilidade à solidariedade: as tentativas de definição pela sociologia do século XIX. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 14-15, p. 23-35, jan/dez 1996.

MULHAL, Michael G.. *O Rio Grande do Sul e suas Colônias Alemãs*. (Tradução de Euclides Santos Moreira e Revisão de Rosaura Eichenberg). Porto Alegre: Bels/ Instituto Estadual do Livro, 1974.

MÜLLER, Dalila. *A Hotelaria em Pelotas e sua Relação com o Desenvolvimento da Região: 1843 a 1928*. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, 2004.

NASCIMENTO, Heloisa Assumpção. *Nossa Cidade era Assim*. Pelotas: Ed. Mundial, 1989.

NAVARRO, Javier Navarro. Sociabilidad e Historiografía: Traectorias, Perspectivas y Reto. *SAITABI*. Revista de la Facultat de Geografia i Història, Universidad de València, València, n. 56, p. 99-120, 2006.

NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical*. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. (Tradução de Celso Nogueira) São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

OGNIBENI, Denise. *Charqueadas Pelotenses no Século XIX: cotidiano, estabilidade e movimento*. 2005. 274f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2005.

OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. 3.ed.rev. Pelotas: Armazém Literário, 1997. v. 1. (Coleção Cidade de Pelotas, 1).

OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. 3.ed.rev. Pelotas: Armazém Literário, 1998. v. 2.

PARADEDA, Maria Regina. *Arquitetura da Paisagem e Modernidade: um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas (1860-1930)*. 2003. 349 f. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em História do Brasil) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2003.

PAULA, Débora Clasen de. *Praça Pedro II: a construção de um espaço de sociabilidade (1861-1889)*. 2005. 35 f. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, 2005.

PELLISSIER, Catherine. *Loisirs et Sociabilités des Notables Lyonnais au XIXe Siècle*. Lyon: Editions Lyonnaises D'Art et D'Histoire, Presses Universitaires de Lyon, 1996. Tome 1.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Coleção História & ... Reflexões, 5).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A construção de uma Porto Alegre imaginária – uma cidade entre a memória e a história. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et al. (orgs.) *Capítulos da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 179-208.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. *Estudos Históricos*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-90, 1995.

PINHO, A. Augusto de. *Uma Viagem ao Sul do Brasil*. Rio de Janeiro: Tip. De F. A. de Souza, 1872.

PINHO, Wanderley. *Salões e Damas do Segundo Reinado*. 3.ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil*. Hóspedes, Hospedeiros e Viajantes no Século XIX. São Paulo: Manole, 2001.

PORTER, Roy. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres*. O advento do lazer. (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema, 2001, p. 19-58.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. *Cidades e Sociabilidades (1822-1889)*. In: PICCOLO, Helga I. L.; PADOIN, Maria Medianeira (Direção). *Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 423-447. v.2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. *O Teatro da Sociabilidade*. Um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930. 2000. 408 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

REVERBEL, Carlos. Tendências do Jornalismo Gaúcho. In: *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia. Universidade do Rio Grande do Sul, 1957, p. 101-24. (Segunda Série).

RICOEUR, Paul. *La Memoria, La Historia, El Olvido*. (Tradução de Agustín Neira) Madrid: Trotta, 2003. (Colección Estructuras y Procesos – Serie Filosofía).

RODRIGUES, Alfredo F.. *Notas para a História da Imprensa no Rio Grande do Sul. (1828 – 1845)*. Rio Grande: Oficinas a Vapor da Livraria Americana, 1899.

ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom, ou, Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. (Organização de Lília Moritz Schwarcz). São Paulo: Cia. das Letras, 1997. (Retratos do Brasil).

ROSA, Gilson Justino da. *Imigrantes Alemães 1824-1853*. (Códice C333 do AHRG). Porto Alegre: Est Edições, 2005, p. 203. AHRGS.

ROY, Fernando; SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920). In: HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SAINT-HILAIRE, Augusto. *Viagem ao Rio Grande do Sul. (1820-1821)*. (Tradução de Leonam de Azeredo Pena). Comemorativa do Centenário Farroupilha. Rio de Janeiro: Ariel, 1935.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Espelhos, Máscaras, Vitrines*. Estudo Iconológico de Fachadas Arquitetônicas. Pelotas, 1870-1930. 1997. 211f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 1997.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de Leitura no Rio de Janeiro do Século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANI, Stela. *Imagens da Cidade*. Séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH/SP; Marco Zero; FAPESP, 1993.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador*. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil: eleições sob Dom Pedro I, dissolução do Legislativo, que redundou no destino das tropas estrangeiras e das colônias alemãs no Brasil*. (Tradução e notas de Bertoldo Klinger; nota ao leitor e notas de F. de Paula Cidade). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. (Coleção o Brasil visto por estrangeiros).

SEGAWA, Hugo Massaki. Arquitetura de teatros: o século XIX e a belle époque no Brasil. *Revista Projeto*, São Paulo, n. 112, p. 123-30, jul 1988.

SENNA, Adriana Kivanski de. *As Tentativas de Implantação do Divórcio Absoluto no Brasil e a Imprensa Rio-Grandina (1889-1916)*. 2006. 290 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2006.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. (Tradução de Lygia Araújo Watanabe). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço. *As Sociedades de Socorros Mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul-Brasil, 1854-1940)*. 2004. 574f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2004.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Georg Simmel*. (Tradução de Dinah de Abreu Azevedo). São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34).

SOARES, Luiz Carlos. A Comercialização do Lazer e a Emergência dos Espaços Públicos de Diversão na Inglaterra do Século XVIII. *Pós-História*, Revista do Programa de Pós-Graduação em História, Assis-SP, n. 12, p. 17-34, 2004.

SOUZA, Silvana das Neves. *Sarau: espaço de sociabilidade noturno na cidade de Pelotas. (1880-1900)*. 2000. 25 f. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, 2000.

STRONG, Roy. *Banquete*. Uma história ilustrada da culinária, dos costumes e da fartura à mesa. (Tradução de Sergio Goes de Paula). Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2004.

TOMASCHEWSKI, Cláudia. *Caridade e filantropia na distribuição da assistência: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas – RS (1847-1922)*. 2007. 257f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2007.

TRUSZ, Alice Dubina. *Entre Lanternas Mágicas e Cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre. 1861-1908*. 2008. 421 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2008.

TURNATURI, Gabriella. As metamorfoses do divertimento citadino na Itália unificada (1870-1915). In: CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres. O advento do lazer*. (Tradução de Telma Costa). Lisboa: Teorema, 2001, p. 203-27.

VELHO, Gilberto. Entrevista com Gilberto Velho. Entrevista concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes

Ferreira. *Estudos Históricos*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 183-210, 2001.

VIEIRA, Sidney Gonçalves; PEREIRA, Óthon Ferreira; TONI, Jakson Silvano de. A Evolução Urbana de Pelotas: um estudo metodológico. *História em Revista*, Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, Pelotas, n. 1, p. 21-34, setembro de 1994.

WEIMER, Günter. A Arquitetura. In: PICCOLO, Helga I. L.; PADOIN, Maria Medianeira (Direção). *Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 373-400. v.2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

WESTPHALEN, Cecília Maria; BALHANA, Altiva Pilatti. *Lazeres e Festas de Outrora*. Curitiba: SBPH-Pr, 1983.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUCSP, São Paulo, n. 4, p. 89-102, junho de 1985.

ZUPPA, Graciela. Prácticas de sociabilidad en La construcción de la Villa balneária. Mar del Plata y El acceso al siglo XX. In: _____. *Prácticas de sociabilidad en un escenario argentino: Mar del Plata 1870-1970*. Mar del Plata: Universidad Nacional Mar del Plata, 2004, p. 53-80.

APÊNDICES

Apêndice 1

Diretorias da Sociedade *Harmonia Pelotense*.

Ano/ Data da eleição	Presidente	Vice-Presidente	Secretário	Tesoureiro	Procurador
20.03.1852	Alexandre Vieira da Cunha			G. G. [Gomes] de Mello (interino)	
28.03.1852 Vigência 1852	Veador João Francisco Vieira Braga	Dr. João Jacintho de Mendonça	Antonio Marques Leite de Castro	João de Souza Mursa	José Antonio Moreira
19.12.1852 Vigência 1853			Antonio Marques Leite de Castro	G. G. de Mello	
14.12.1853 Vigência 1854	José Ignácio da Cunha		Tristão da Silva Ferreira Velloso	Dr. José Vieira da Cunha	Joaquim de Sá Araújo
24.12.1854 Vigência 1855	José Antonio Moreira	João Rodrigues Saraiva	Manoel Soares de Paiva	Francisco Pinto de Carvalho	Julio Victor Peixoto
29.01.1856			João Rodrigues Saraiva		
13.02.1857			José Maria Moreira		
Vigência 1858			Pereira Junior	Henrique de Souza Gomes	José Teixeira dos Reis
Vigência 1859			Julio Victor Peixoto		
Vigência 1860			Vicente Lopes Junior		

Fontes: O Pelotense, sábado, 20.03.1852, p. 2, n. 58, ano II. Anúncios. Pelotas; O Pelotense, quarta-feira, 31.03.1852, p. 1, n. 63, ano II. Pelotas; O Pelotense, quarta-feira, 15.12.1852, p. 2, n. 157, ano II. Anúncios. Pelotas; O Pelotense, quarta-feira, 16.11.1853, p. 4, n. 265, ano III. Anúncios. Pelotas; O Pelotense, domingo, 11.12.1853, p. 2, n. 284, ano III. A Pedidos. Pelotas; O Pelotense, quinta-feira, 30.11.1854, p. 3, n. 357, ano IV. A

Pedidos. Pelotas; Diário do Rio Grande, segunda 28, terça-feira, 29.01.1856, p. 3, n. 2126, ano IX. Anúncios. Rio Grande; Diário do Rio Grande, sexta-feira, 13.02.1857, p. 4, n. 2435, ano X. Anúncios. Rio Grande; Diário do Rio Grande, segunda, 10 e terça-feira, 11.05.1858, p. 2, n. 2805, ano XI. Anúncios. Rio Grande; Diário do Rio Grande, sábado, 16.01.1858, p. 3, n. 2709, ano XI. Anúncios. Rio Grande; O Brado do Sul, quarta-feira, 20.07.1859, p. 2, n. 100, ano II. Anúncios. Pelotas; O Brado do Sul, quarta-feira, 02.05.1860, p. 2, n. 42, ano III. Anúncios. Pelotas.

Apêndice 2

Diretorias da Sociedade *Recreação Pelotense*.

Data	Presidente	Secretário
Vigência 1852	Antonio José da Silva Braga	José Maria Cerqueira Junior
09.09.1852	José Marques de Carvalho	José Maria Cerqueira Junior
11.01.1853		Peixoto
24.09.1853		João Alves de Souza

Fontes: O Pelotense, quinta-feira, 29.01.1852, p. 1, n. 32, ano II. Pelotas; O Pelotense, terça-feira, 10.08.1852, p. 2, n. 107, ano II. Anúncios. Pelotas; O Pelotense, quinta-feira, 09.09.1852, p. 2, n. 118, ano II. Anúncios. Pelotas.

Apêndice 3

Diretorias da Sociedade *Recreio Pelotense*.

DIRETORIA	1ª diretoria – abril de 1861	Janeiro de 1862	Setembro de 1863
Presidente	José Antonio Moreira	Alexandre Jacintho de Mendonça	
Vice-presidente	Dr. José Vieira da Cunha	Francisco Luiz Ribeiro	
Secretário	Francisco Luiz Ribeiro José Vieira Pimenta	Vasco da Silva Feijó	Julio Victor Peixoto
Tesoureiro	Domingos Antonio Felix da Costa	Benito Maurell Filho	
Procurador	José Maria Moreira	João Jacintho de Mendonça e Silva	

Fontes: Diário do Rio Grande, quarta-feira, 24.04.1861, p. 1, n. 3711, ano XIV. Rio Grande; O Brado do Sul, quinta-feira, 08.08.1861, p. 2, n. 32, ano IV. Anúncios. Pelotas; Diário do Rio Grande, sábado, 18.01.1862, p. 2, n. 3931, ano XV. A Pedidos. Rio Grande; O Regenerador, quinta-feira, 17.09.1863, p. 2, n. 50, ano I. Anúncios. Pelotas.

Apêndice 4

Diretoria da Sociedade Fênix Pelotense.

DIRETORIA	1867
Presidente	Comendador Domingos Antonio Felix da Costa
Vice-presidente	Major Antonio Mancio Ribeiro
Secretário	Cypriano Correa
Tesoureiro	Manuel J. de Castro e Silva

Fonte: Diário do Rio Grande, sexta-feira, 01.11.1867, p. 1, n. 5655, ano XX. Rio Grande.

Apêndice 5

Características dos Sócios – Sociedade *Harmonia Pelotense*.

Sócio	Ano	Idade ¹	Estado Civil ²	Naturalidade	Profissão	Observações
Alexandre Vieira da Cunha	1852	52-58	Viúvo		Proprietário	Delegado
G. Gomes de Mello	1852					
João Francisco Vieira Braga	1852	59	Casado	Rio Grande	Capitalista	Visconde de Piratini
Dr. João Jacintho de Mendonça	1852	35	Casado/Viúvo	Pelotas	Médico	Presidiu São Paulo.
Antonio Marques Leite de Castro	1852					
João de Souza Mursa	1852		Casado	Rio de Janeiro	Secretário da Câmara 1832-6.	
José Antonio Moreira	1852/ 1854	46-8	Casado	Portugal	Charqueador	Barão de Butuí.
José Ignácio da Cunha	1853	54-8	Casado		Charqueador/Estancieiro	
Tristão da Silva Ferreira Velloso	1854	37	Casado		Criador	
Dr. José Vieira da Cunha	1853	27	Casado	Pelotas	Médico	
Joaquim de Sá Araújo	1853	37	Casado	Desta Província	Estancieiro	Coronel comandante superior da Guarda Nacional: 1860-8.
João Rodrigues Saraiva	1855	32-4	Solteiro		Comércio	
Manoel Soares de Paiva	1854	31	Casado	Piratini	Comércio	Capitão.
Francisco Pinto de Carvalho	1854					
Julio Victor Peixoto	1854 /1859			Portugal, naturalizado brasileiro.		
José Maria Moreira	1857	27	Casado		Comércio	
Pereira Junior	1858					
Henrique de Souza Gomes	1858	32	Casado	Portugal		
José Teixeira dos Reis	1858	27	Casado	Desta Província	Proprietário	Alferes e capitão da G. N.
Vicente Lopes Junior	1860	21	Casado		Comércio	Filho de charqueador. Gerente da Cia. Ferro Carril

						de Pelotas.
Januario Joaquim Amarante	1859		Casado			
Pedro Dias dos Santos	1859					

1. A idade aqui identificada diz respeito á idade do sócio quando este exerceu um cargo na sociedade.
2. O estado civil refere-se á situação do sócio quando encontrado na lista de votantes de 1865 ou ainda quando da sua morte.

Apêndice 6

Características dos Sócios – Sociedade *Recreação Pelotense*.

Sócio	Ano	Idade	Estado Civil	Naturalidade	Profissão	Observações
Domingos Antonio Felix da Costa	1851	40-3	Viúvo	Portugal	Proprietário	
José de Mello Pacheco de Rezende	1851	58	Casado	Portugal		Era major.
Ovidio Fernandez Trigo de Loureiro	1851					Juiz municipal e de órfãos – 1854.
Antonio José da Silva Braga	1852	36	Casado	Desta Província	Boticário/ Comércio	Tinha uma farmácia.
José Maria Cerqueira Junior	1852					
José Marques de Carvalho	1852	46	Casado	Portugal		
Peixoto	1853					
João Alves de Souza	1853					
Antonio Pedro Ferreira Campello	1852					
João Rodrigues Saraiva	1852	30-1	Solteiro		Comércio	

Joaquim Jacintho de Mendonça	1852	24	Casado	Pelotas	Advogado	Senador do Império ⁷⁹⁶ . Promotor público; governou Sergipe
José Vieira da Cunha	1852	25	Casado	Pelotas	Médico	

Apêndice 7

Características dos Sócios – Sociedade *Recreio Pelotense*.

Sócio	Ano	Idade	Estado Civil	Naturalidade	Profissão	Observações
José Antonio Moreira	1861	55	Viúvo	Portugal	Charqueador	Barão de Butuhy
José Vieira da Cunha	1861	34	Casado	Pelotas	Médico	
José Vieira Pimenta	1861	61		Portugal	Negociante	Comendador; 1º Cronista de Pelotas.
Domingos Antonio Felix da Costa	1861	50-3	Viúvo	Portugal	Proprietário	
José Maria Moreira	1861	30	Casado		Comércio/ Médico	
Alexandre Vieira da Cunha	1861	61-67	Viúvo		Proprietário	Delegado
Alexandre Jacintho de Mendonça	1862	35	Casado	Desta Província	Advogado	
Francisco Luiz Ribeiro	1862					Vice-cônsul de Portugal.
Vasco da Silva Feijó	1862	33	Casado		Empregado Público	Fundou a Sociedade

⁷⁹⁶ Revista do 1º Centenário de Pelotas, abril/maio 1912, nº 7-8, p. 102. Biblioteca Pública Pelotense, Arquivo Histórico, AP 032p.

						Filarmônica Pelotense – 1878.
Benito Maurell Filho	1862	30	Casado	Estado Oriental		Seu pai, Benito Maurell foi Vice-cônsul espanhol em Pelotas. Diretor do Jockey Club em 1879.
João Jacintho de Mendonça e Silva	1862	20-3	Casado	Desta Província	Fazendeiro/Comércio	
Julio Victor Peixoto	1863			Portugal, naturalizado brasileiro		

Apêndice 8

Características dos Sócios – Sociedade *Fênix Pelotense*.

Sócio	Ano	Idade	Estado Civil	Naturalidade	Profissão	Observações
Domingos Antonio Felix da Costa	1867	56-9	Viúvo	Portugal	Proprietário	
Antonio Mancio Ribeiro	1867		Casado		Estancieiro	
José Cypriano Martins Corrêa	1867					
Manuel Joaquim de Castro e Silva	1867				Comércio	
Belchior da Gama	1867					

Lobo							
Urbano Martins Garcia	1867	24	Casado	Rio Grande	Comércio	Armazém no Porto.	
Benjamin Cordeiro	1868	27	Casado				

Apêndice 9

Participação dos Sócios das Sociedades de Baile em Outras Associações.

Sócio	Sociedades Recreativas	Santa Casa de Misericórdia	Sociedade Portuguesa de Beneficência	Asilo de Órfãs N. S. da Conceição
Alexandre Vieira da Cunha	Presidente da Harmonia Pelotense – 1852; Presidente do Clube Pelotense – 1861; Sócio do Recreio Pelotense – 1861.			Mordomo – 1855 (1ª diretoria).
Alexandre Jacintho de Mendonça	Presidente do Recreio Pelotense – 1862.	Irmão – 1860.		
Antonio José da Silva	Presidente da			

Braga●	Recreação Pelotense – 1852.			
Antonio Mancio Ribeiro	Vice-presidente da Fênix Pelotense – 1867.			Vice-presidente – 1870-8.
Antonio Marques Leite de Castro	Secretário da Harmonia Pelotense – 1852; Secretário da Sociedade Filo-Dramática – 1852.			
Antonio Pedro Ferreira Campello●	Sócio da Recreação Pelotense – 1852.			
Belchior da Gama Lobo	Sócio da Fênix Pelotense – 1867.			
Benito Maurell Filho	Tesoureiro do Recreio Pelotense – 1862.			
Benjamin Cordeiro	Diretor da Fênix Pelotense – 1868.			
Domingos Antonio Felix da Costa	Sócio da Recreação Pelotense – 1851; Tesoureiro do Recreio Pelotense – 1861; Vice-presidente do Clube Pelotense – 1861 e presidente – 1863; Presidente da Fênix Pelotense – 1867.	Escrivão – 1851-2 e 1857-8.	Vice-presidente – 1860-2; Presidente – 1864-9.	Tesoureiro – 1860-2.
Francisco Luiz Ribeiro	Vice-presidente do Recreio Pelotense – 1862.		Presidente – 1857-8.	Secretário – 1858-62.
Francisco Pinto de Carvalho	Tesoureiro da Harmonia Pelotense – 1855.	Tesoureiro – 1857-8.		
G. Gomes de Mello	Tesoureiro da Harmonia Pelotense – 1852.			
Henrique de Souza	Tesoureiro da Harmonia		Mordomo – 1857-8.	

Gomes	Pelotense – 1858.			
Januario Joaquim Amarante	Sócio da Harmonia Pelotense – 1859.		Mordomo – 1857-63; Tesoureiro – 1860; Secretário – 1863-5.	
João Alves de Souza	Secretário da Recreação Pelotense – 1853.			
João de Souza Mursa●	Tesoureiro da Harmonia Pelotense – 1852.			
João Francisco Vieira Braga (B. de Piratini)	Presidente da Harmonia Pelotense – 1852; Presidente da Sociedade Literária – 1857.	Provedor – 1860-73.		Vice-presidente – 1855-62; Secretário – 1890-4.
João Jacintho de Mendonça Dr.	Vice-presidente da Harmonia Pelotense – 1852.	Mordomo – 1847. Médico – 1848-9.		
João Jacintho de Mendonça e Silva	Procurador do Recreio Pelotense – 1862.			
João Rodrigues Saraiva	Secretário da Harmonia Pelotense – 1856. Sócio da Recreação Pelotense – 1852.			
Joaquim de Sá Araujo●	Procurador da Harmonia Pelotense – 1854.			
Joaquim Jacintho de Mendonça	Sócio da Recreação Pelotense – 1852.	Irmão – 1860.		
José Antonio Moreira	Procurador da Harmonia Pelotense – 1852 e presidente – 1855; Tesoureiro do Clube Pelotense – 1861; Presidente do Recreio Pelotense – 1861.	Tesoureiro – 1847-50; 1854-5; 1856-7; 1859-67; 1874-6		Mordomo – 1855.

José de Mello Pacheco de Rezende	Sócio da Recreação Pelotense – 1851.			
José Cypriano Martins Corrêa	Secretário da Fênix Pelotense – 1867.			
José Ignacio da Cunha●	Presidente da Harmonia Pelotense – 1854.	Provedor – 1852-3.		Mordomo – 1861. Vice-presidente – 1862-4.
José Maria Cerqueira Junior●	Secretário da Recreação Pelotense – 1852.			
José Maria Moreira	Secretário da Harmonia Pelotense – 1857; Procurador do Recreio Pelotense – 1861.	Escrivão – 1853-4; Tesoureiro – 1876-87; Médico.		
José Marques de Carvalho	Presidente da Recreação Pelotense – 1852; Tesoureiro da Sociedade Filo-Dramática – 1852.	Tesoureiro – 1850-2, 1853-4 e 1858-9.		Tesoureiro – 1855-60.
José Teixeira dos Reis●	Procurador da Harmonia Pelotense – 1858.			
José Vieira da Cunha Dr.	Tesoureiro da Harmonia Pelotense – 1854; Sócio da Recreação Pelotense – 1852; Vice-presidente do Recreio Pelotense – 1861.	Médico – 1853 e 54.		Secretário adjunto – 1861.
José Vieira Pimenta●	Secretário do Recreio Pelotense – 1861; Sócio da Soc. Literária – 1857.	Escrivão – 1847-50 e 1859-74.	Secretário – 1857-62; Vice-presidente – 1863-8; Presidente – 1869-70.	Mordomo – 1855; 1861.
Julio Víctor Peixoto	Procurador da Harmonia Pelotense – 1855;		Mordomo – 1860-2.	

	Secretário do Recreio Pelotense – 1863.			
Manuel J. de Castro e Silva	Tesoureiro da Fênix Pelotense – 1867.	Irmão – 1868.	Mordomo – 1863-4.	
Manoel Soares de Paiva●	Secretário da Harmonia Pelotense – 1855.	Escrivão – 1855-6.		Mordomo – 1861.
Ovidio Fernandez Trigo de Loureiro●	Sócio da Recreação Pelotense – 1852.			
Pedro Dias dos Santos	Sócio da Harmonia Pelotense – 1859.			
Pereira Junior	Secretário da Harmonia Pelotense – 1858.			
Tristão da Silva Ferreira Velloso	Secretário da Harmonia Pelotense – 1854.	Escrivão – 1854-5; Mordomo – 1884.		
Urbano Martins Garcia	Sócio da Fênix Pelotense – 1867.	Procurador – 1888-90.		
Vasco da Silva feijó	Secretário do Recreio Pelotense – 1862.	Escrivão – 1874-75.		
Vicente Lopes Junior	Secretário da Harmonia Pelotense – 1860. Sócio da Soc. Literária – 1857.			

● Maçon.

Apêndice 10

Participação Política dos Sócios das Sociedades de Baile.

Sócio	Câmara de Pelotas
Alexandre Vieira da Cunha	1ª – 1832; presidente – 2ª – 1833-6; presidente – 3ª – 1844; 4ª – 1845-8; 6ª – 1853-6.

Alexandre Jacintho de Mendonça		Deputado da Assembléia Legislativa Provincial – 1858; 1859; 1860 e 1861.
Antonio José da Silva Braga		
Antonio Mancio Ribeiro		Deputado da Assembléia Legislativa Provincial – 13ª Legislatura – 1869-70; 14ª Leg. – 1871-2; 17ª Leg. – 1877-8.
João de Souza Mursa	Secretário – 1832-36.	
João Francisco Vieira Braga (B. de Piratini)		Deputado da Assembléia Legislativa Provincial – 1835 e 1836.
João Jacintho de Mendonça Dr.	4ª – presidente – 1845-8.	Representante do Rio Grande do Sul na Câmara dos Deputados – 10ª Legislatura – 1857-60; 14ª Leg. – 1869. Deputado da Assembléia Legislativa Provincial – 1848; 1850; 1851; 1852; 1853; 1854; 1855; 1856; 1858; 1859; 1860; 1861; 1862; 1863.
Joaquim de Sá Araujo	5ª – 1849-52.	
Joaquim Jacintho de Mendonça		Representante do Rio Grande do Sul na Câmara dos Deputados – 14ª Legislatura – 1869-72; Deputado da Assembléia Legislativa Provincial – 1856; 1857; 14ª Leg. – 1871-2.
José Antonio Moreira	5ª – 1849-52; 6ª – 1853-6.	
José Ignacio da Cunha	5ª – 1849-52.	
José Maria Cerqueira Junior		
José Maria Moreira	9ª – 1865-8.	
José Vieira da Cunha Dr.	7ª – 1857-60; 8ª – 1861-64.	
Urbano Martins Garcia	11ª – 1873-6; 12ª – 1877-8.	

Apêndice 11

Características dos Sócios da *Sociedade Literária*.

Sócio	Ano	Idade	Estado Civil	Nacionalidade	Profissão	Observações
-------	-----	-------	--------------	---------------	-----------	-------------

Dr. Miguel Rodrigues Barcellos (Barão de Itapitocay)	1857	30	Casado	Pelotas	Médico	Barão de Itapitocay – 1888; Vice-presidente da Província – 1885-6;
Antonio de Vasconcellos Vieira Diniz	1856	35	Solteiro		Professor	Diretor do Colégio União – 1854.
Pedro D. Telemaco Bouliech	1857		Casado	França, naturalizado brasileiro.	Professor	Redator do jornal <i>O Noticiador</i> , junto com Carlos de Koseritz.
Carlos de Koseritz	1857		Casado	Alemão, naturalizado brasileiro	Professo e Escritor	Redator do jornal <i>O Noticiador</i> , junto com Pedro Telemaco Bouliech e do jornal <i>O Brado do Sul</i>
Gabriel José Portella	1857	28	Casado	Portugal	Comércio	Negócio em sociedade com Francisco Alsino.
Manoel de Araújo Castro Ramalho	1857					
João Francisco Vieira Braga (Barão de Piratiny)	1857	64	Casado	Rio Grande	Capitalista	Visconde de Piratini.
Pedro Noaylles	1857					
Francisco José Pereira Bastos	1857					
José Torres	1856	57	Solteiro			Negro
Januario Joaquim Amarante	1856		Casado			
Manoel José de	1857	61	Viúvo		Industrial	Fábrica de chapéus.

Oliveira							
Antonio Paulino Calero	1857		Viúvo	Uruguaio	Estancieiro	Possuía campo em Canguçu.	
Francisco José de Araújo	1856	79	Viúvo	Mostardas			
Vicente Lopes dos Santos Filho	1856	21	Casado		Comércio	Filho de charqueador. Gerente da Cia. Ferro Carril de Pelotas.	
José Vieira Pimenta	1857	57		Portugal	Negociante 1º Cronista de Pelotas	Comendador; Construtor.	

Apêndice 12

Participação dos sócios da *Sociedade Literária* em outras Associações.

Sócio	Santa Casa de Misericórdia	Sociedade Portuguesa de Beneficência	Asilo de Órfãs N. S. da Conceição	Asilo de Mendigos
Dr. Miguel Rodrigues Barcellos (Barão de Itapitocay)	Médico – 1852-96.		Mordomo – 1855.	
Antonio de Vasconcellos Vieira Diniz				
Pedro D. Telemaco Bouliech●			Secretário – 1855-58; professor da escola.	
Carlos de Koseritz				
Gabriel José Portella		Diretor – 1857-8; Secretário – 1865-6.		
Manoel de Araújo Castro Ramalho				
João Francisco Vieira Braga (B. de Piratini)	Provedor – 1860-73		Vice-presidente – 1855-62; Secretário – 1890-4.	
Pedro Noaylles				
Francisco José Pereira Bastos				
José Torres				
Januario Joaquim Amarante		Mordomo – 1857-63; Secretário – 1863-5.		
Manoel José de Oliveira		Mordomo – 1858-63.		
Antonio Paulino Calero				Tesoureiro – 1887, após 1889.

Francisco José de Araújo				
Vicente Lopes dos Santos Filho				
José Vieira Pimenta●	Escrivão – 1847-50, 1859-74.	Secretário – 1857-62; Vice-presidente – 1863-8; Presidente – 1869-70.	Mordomo – 1855; 1861.	

● Maçom.

Apêndice 13

Características dos Sócios do *Clube Pelotense*.

Sócio	Ano	Idade	Estado Civil	Naturalidade	Profissão	Observações
Alexandre Vieira da Cunha	1861	61-7	Viúvo	-	Proprietário	Delegado
Domingos Antonio Felix da Costa	1861	50-3	Viúvo	Portugal	Proprietário	
Antonio José de Azevedo Machado Filho	1861	-	-	-	Charqueador	Major; filho do charqueador e Barão de Azevedo Machado.
José Antonio Moreira	1861	55	Casado	Portugal	Charqueador	Barão de Butuhy
Rafael Vieira da Cunha	1863	70	Casado	Desta Província	Proprietário	
Venâncio Ferreira da Silva	1863	40	Casado	-	Empregado Público	
Celestino S. João	1863	42	Casado	Argentino	Proprietário	Armazém e barraca couros.

Apêndice 14

Participação dos Sócios do *Clube Pelotense* em Outras Sociedades.

Sócio	Santa Casa de Misericórdia	Sociedade Portuguesa de Beneficência	Asilo de Órfãs N. S. da Conceção
Alexandre Vieira da Cunha	-	-	Mordomo – 1855 (1ª diretoria).
Domingos Antonio Felix da Costa	Escrivão – 1851-2 e 1857-8.	Vice-presidente – 1860-2; Presidente – 1864-9.	Tesoureiro – 1860-2.
Antonio José de Azevedo Machado Filho	Ocupou um cargo.	-	-
José Antonio Moreira	Tesoureiro – 1847-50; 1854-5; 1856-7; 1859-67; 1874-6	-	Mordomo – 1855.
Rafael Vieira da Cunha	-	-	-
Venâncio Ferreira da Silva	-	-	-
Celestino S. João	-	-	-

Apêndice 15

Espectáculos Apresentados no Teatro Sete de Abril (1830-1870).

Companhia / Empresa	Datas	Tipo de espetáculo
Sociedade Teatro 7 de Abril	07.04.1832	Elogio; Drama (Patriotismo e Gratidão); Poesias; Entremez (Irmão Sagaz)
Sociedade Teatro 7 de Abril	02.12.1832	Recita (Desertor Francês)
Sociedade Teatro 7 de Abril	07.04.1833	Elogio
Sociedade Teatro 7 de Abril	03.05.1833	Elogio; Peça (Sofia e Wilcister); Obras poéticas; Farsa (Manoel Mendes)
Sociedade Teatro 7 de Abril	07.09.1833	Elogio; Drama (A Escrava de Mariamburgo); Entremez (Corcunda por Amor)
Sociedade Teatro 7 de Abril	02.12.1833	Elogio; Drama
	02.12.1834	Elogio
Jovens alunos do Prof. Antônio José Domingues	07.12.1834	Drama (Mendigo e Theresa)

Sociedade Teatro 7 de Abril	25.03.1845	Drama de Antonio Xavier
	__02.1846	Elogio
Companhia Lírica Lucci	07.09.1846	Cavatina; Dueto de ópera
Companhia Dramática	23.05.1847 (domingo)	Drama (A Moura; Próspero e Vicente)
Companhia Dramática	24.05.1847 (segunda-feira)	Tragédia (A Nova Castro); Farsa
Calcagno e Clutilde Favrichon	29.06.1847 (terça-feira)	Drama (Tribunal de Juri); Ária (Gabriela de Vergy); Dueto (Norma)
Calcagno e Clutilde Favrichon	11.07.1847 (domingo)	Tertúlia musical
Companhia Dramática – Antonio Arêas	26.10.1847 (terça-feira)	Drama (As Memórias do Diabo); Ária (O Petit-Maitre á Polka); Dueto (Como Ronca a Porca em França); Drama (O Mentiroso Verídico)
João Thomaz Sirôlo e Anna Maria da Silva	09.04.1848 (domingo)	Drama (O Pescador da Ericeira ou A Aventura de um Naufrágio); Dueto; Drama (Uma de Tantas)
Giovani Thioler, Paolo Sentati e Nina Thioler Barbieri	04.06.1848 (domingo)	Função lírico-dramática
João Thomaz Sirôlo e outros	16.07.1848 (domingo)	Drama (A Torre de Nesle); Cena mímica (O Parricida); Provérbio (Quem casa quer casa)
Margarida Lemos e Ricco	17.11.1848 (sexta-feira)	Canto
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	17.12.1848 (domingo)	Drama (A Pobre das Ruínas); Dueto (O Meirinho e a Pobre); Farsa (O Frenesi das Senhoras ou a Bananinha)
Mr. Robert	04.02.1849 (domingo)	
Mr. Robert	11.02.1849 (domingo)	
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	16.12.1849 (domingo)	Drama (A duquesa de La Vaubaliere); Farsa (O caixeiro da taberna)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	19.12.1849 (quarta-feira)	Tragédia (Fayel); Farsa (A Flauta Mágica)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	01.01.1850 (terça-feira)	Drama (A morte de Napoleão na Ilha de Santa Helena); Dueto (As Trombetinhas)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	14.02.1850 (quinta-feira)	Drama (O Castelo de Oppenheim ou o Tribunal Secreto); Cavatina (Jo L'udia N'suoi Bei Cermi); Farsa (Os Maníacos ou os Habitantes da Lua)

Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	17.02.1850 (domingo)	Drama (Lucrecia Borgia); Ária; Dueto (O Meirinho e a Pobre); Farsa (O Caixeiro da Taverna)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	28.02.1850 (quinta-feira)	Drama (O Fronteiro d'África ou Três Noites Asiagas); Dança (Pas de Deux); Farsa (O Galego Lorpa)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	07.03.1850 (quinta-feira)	Drama (Duarte d'Almeida ou o Alferes de D. Afonso V); Ópera (Semiramides; Ernani); Farsa (O Recrutamento na Aldeia)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	14.04.1850 (domingo)	Drama (Clotilde ou o Envenenamento); Ópera (Norma; Belizário); Farsa (O Galoteiro por Bailes)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	12.09.1850 (quinta-feira)	Drama (O Dedo de Deus); Vaudevilles (O Reino das Mulheres ou o Mundo as Aversas); Dueto (O Mestre de Música)
Família Winther	20.04.1851 (domingo)	Baile sobre as Duas Cordas; Polca Parisiense; Dança na Corda com Maromba; Baile: Passo Pequim; Baile: Passo Escocês; Baile na Corda sem Maromba; Baile a Caráter: Os Pescadores Italianos; Pantomima Cômica: O Velho Enganado e o Marinheiro Bêbado; Baile: La Capa Del Torero
Família Winther	27.04.1851 (domingo)	Dança na Corda sem Maromba; Passo Russo; Passo Grego; Baile sem Maromba; La Savoyard; Baile: Passo Mouro; Pantomima: O Barbeiro e o Tolo; O Valentão do Bairro; Quadro Plástico e Mímico: O Primeiro Julgamento de Salomão
	25.05.1851 (domingo)	Vaudevilles (Uma Bofetada; Cavalheiro de Malta); Comédia (O Último da Família)
Garcia e sua senhora / Sr. Carlos Pelligrini	29.06.1851 (domingo)	Espetáculo lírico
Napoleão Dupre	09.11.1851 (domingo)	
Companhia Ginástica Francesa – família Hénault	08.02.1852 (domingo)	Exercícios Ginásticos
Companhia Ginástica Francesa – família Hénault	15.02.1852 (domingo)	Exercícios Ginásticos
Sociedade Dramática Espanhola-Brasileira	20.06.1852 (domingo)	Drama (Os Juramentos por Vida); Canção Andaluza (El

		Currillo); Drama (Flora e Frontino ou Deus os cria e eles se juntam); Bailado Andaluz (Las Molleres Sevillanas)
Companhia Ginástica Francesa – família Hénault	04.07.1852 (quinta-feira)	Equilíbrios; Exercícios ginásticos; Pantomima Cômica (A Noite ou as Aventuras do Criado)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	25.07.1852 (domingo)	Dramas (Lázaro, O Pastor e Os Irmãos das Almas)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	31.07.1852 (sábado)	Dramas (Ricardo D'Arlington ou Eleição de um Deputado em Inglaterra; O Caixeiro da Taverna)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	15.08.1852 (domingo)	Drama (Catharina Howard, Rainha da Inglaterra); Farsa (Os 20 Contos de Réis)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	22.08.1852 (domingo)	Drama (D. João I, Rei de Portugal); Dueto (O Meirinho e a Pobre); Farsa (O Par de França)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	29.08.1852 (domingo) 01.09.1852 (quarta-feira)	Drama (A Justiça de Deus); Dueto (Entre o Sexo Feminino Enganar não Admira); Farsa (A Inimiga dos Homens ou a Estátua Animada)
Sociedade Philo-Dramática	__08.1852	Drama (Barba Roxa); Farsa
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	07.09.1852 (terça-feira)	Drama (O Sineiro de São Paulo)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	08.09.1852 (quarta-feira)	Vaudeville (O Remendão de Smyrna ou um Dia de Soberania); Ária (O Mascate Italiano); Drama (Os Dois ou o Inglês Maquinista)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	12.09.1852 (domingo)	Drama (Pedro-Sem que já teve e agora não tem); Farsa (Uma de tantas)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	21.09.1852 (terça-feira)	Drama (O Crime ou Vinte Anos de Remorsos); Dueto (As Trombetinhas); Farsa (O Noivo do Algarve)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	26.09.1852 (domingo)	Drama (Tereza); Dueto (Sentinela da Cadeia); Farsa (Quero ser Cômico)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	03.10.1852 (domingo)	Drama (Os Sete Infantes de Lara); Ária (O Oficial Reformado)
Sociedade Philo-dramática	06.10.1852 (quarta-feira)	Drama (Preboste de Paris)
	10.10.1852 (domingo)	Drama (Pedro-Sem que já teve e agora não tem); Farsa

		(Os vinte contos de réis)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	13.10.1852 (quarta-feira)	Drama (Frei Luiz de Souza); Farsa (O Judas em Sábado de Aleluia)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	17.10.1852 (domingo)	Dramas-vaudeville (Artur ou Depois de 16 Anos; Cosimo ou o Príncipe)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	31.10.1852 (domingo) 03.11.1852 (quarta-feira) 07.11.1852 (domingo)	Drama (Kean, ou Desordem e Gênio); Farsa (A flauta Mágica)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	14.11.1852 (domingo)	Drama (D. Cesar de Basan); Farsa (O morto Embargado)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	21.11.1852 (domingo)	Vaudeville (Os Mistérios de Paris ou a Família Morel); Farsa (O Caixeiro da Taberna)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	29.11.1852 (segunda-feira)	
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	19.12.1852 (domingo)	Comédia (O Recruta ou Amor e Glória); Dança (O Cossaco Russo); Farsa (Acabou-se a Loteria)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	26.12.1852 (domingo) 01.01.1853 (sábado)	Drama (Os Primeiros Amores; Os Dois Pierrots); Dueto (O Meirinho e a Pobre; Drama (Dois Gênios Iguais não Fazem Liga); Tonadilha espanhola (O Poeta e o Músico)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	09.01.1853 (domingo)	Drama (Os Primeiros Amores); Dueto (O Meirinho e a Pobre); Drama (Dois Gênios Iguais não fazem Liga); Tonadilha espanhola (O Poeta e o Músico)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	16.01.1853 (domingo)	Drama (O Circo de Toledo ou a Viúva de Padilha); Drama-vaudeville (Lá na minha Aldeia); Farsa (A Câmara de minha Mulher)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	23.01.1853 (domingo)	Drama (As Duas Coroas); Comédia (O Capitão Mata Mouros)
João Thomaz Sirôlo	05.02.1853 (sábado) 06.02.1853 (domingo) 08.02.1853 (terça-feira)	Bailes Masqués
Companhia Dramática Provincial –	16.02.1853 (quarta-	Drama (Pedro Landais); Comédia (A Moleira de Marly)

Manoel José da Silva Bastos	feira)	
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	20.02.1853 (domingo)	Drama (O Marinheiro de Saint Tropez ou o Envenenamento); Farsa (O Ensaio de uma Tragédia)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	27.02.1853 (domingo)	Comédia (O Velho de 25 Anos); Tonadilha Espanhola (O Poeta e o Músico); Farsa (O Ensaio de uma Tragédia)
Companhia Dramática Provincial – Manoel José da Silva Bastos	02.03.1853 (quarta-feira)	Drama (O Cego); Comédia (Maricota ou os Efeitos da Educação)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	06.03.1853 (domingo)	Drama (O Marinheiro de Saint Tropez ou o Envenenamento); Vaudeville (Cosimo: Lá na Minha Aldeia); Farsa (O Fantasma Branco)
Companhia Dramática Provincial – Manoel José da Silva Bastos	16.03.1853 (domingo)	Drama (O Negociante Honrado ou o Caixeiro Ladrão); Comédia (Os Ajudantes de Campo)
João Thomaz Sirôlo	26.03.1853 (sábado) 27.03.1853 (domingo) 28.03.1853 (segunda-feira) 03.04.1853 (domingo)	Bailes Masqués
Companhia Dramática Provincial – Manoel José da Silva Bastos	07.04.1853 (quinta-feira)	Tragédia (Othelo ou o Mouro de Veneza); Comédia (Quem tem boca não manda soprar)
Companhia Dramática Provincial – Manoel José da Silva Bastos	13.04.1853 (quarta-feira)	Drama (Agostinho de Ceuta)
Pedro Mensch Junior & Cia.	24.04.1853 (domingo)	Diorama; fantasmagoria; vistas microscópicas por meio do gás hidrogênio
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	01.05.1853 (domingo)	Tragédia (Antonio José ou o Poeta e a Inquisição); Dueto (As Trombetinhas); Comédia (A Câmara de Minha Mulher)
Companhia Dramática Provincial – Manoel José da Silva Bastos	05.05.1853 (quinta-feira)	Drama (Trinta Anos ou a Vida de um Jogador); Comédia (Destas, há poucas)
Companhia Dramática Provincial – Manoel José da Silva Bastos	08.05.1853 (domingo)	Drama trágico (O Cego); Comédia (O Talmá Improvisado)
Prestidigitador Fellipe Debarr	15.05.1853 (domingo) 22.05.1853 (domingo) 26.05.1853 (quinta-	Experiências de química, mecânica, eletricidade, jogos asiáticos, fascinações egípcias.

	feira) 29.05.1853 (domingo) 05.06.1853 (domingo)	
Jovem aleijada Maria da Gloria	12.06.1853 (domingo)	Exibição das habilidades de uma jovem aleijada.
João Thomaz Sirôlo	24.06.1853 (sexta-feira) 26.06.1853 (domingo) 29.06.1853 (quarta-feira)	Bailes Masqués
Companhia Dramática Provincial – Manoel José da Silva Bastos	15.06.1853 (quarta-feira)	Drama (O Marquez de Torres Novas)
Companhia Dramática Provincial – Manoel José da Silva Bastos	19.06.1853 (domingo)	Drama (O Marinheiro de Saint Tropez); Comédia (Deus os Fez, o Diabo os Ajuntou)
Companhia Dramática Provincial – Manoel José da Silva Bastos	14.07.1853 (quinta-feira)	Drama (Pedro sem que já teve e hoje não tem)
Companhia Dramática Provincial – Manoel José da Silva Bastos	17.07.1853 (domingo)	Comedia (A Mulher do Artista); Vaudeville (Artur ou Depois dos 16 Anos); Comédia (A Moleira de Marly)
Theresa Questa	24.07.1853 (domingo) 31.07.1853 (domingo)	Função Lírica
Theresa Questa; Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	04.08.1853 (quinta-feira)	Função Lírica; Comédia (Os Dois Pierrots); Cena mímica (O Parricida); Vaudeville (Cosimo ou o Príncipe Caiador)
Mathilde Eboli e Calgano	07.08.1853 (domingo)	Função Lírica
Companhia Dramática Provincial	11.08.1853 (quinta-feira)	Comédia (O Noviço; Quem tem Boca não manda Soprar)
Companhia Dramática Provincial	14.08.1853 (domingo)	Drama (Pedro Landais ou o Ministro Alfaiate); Comédia (Quero ser Cômico)
Mathilde Eboli e Calgano	28.08.1853 (domingo)	Função Lírica
Companhia Dramática Provincial	14.09.1853 (quarta-feira)	Drama (Gabrina ou a Coroa Ducal de Parma); Comédia (Destas, há Poucas)
Companhia Dramática Provincial	21.09.1853 (quarta-feira)	Vaudeville (Mortalha no céu se Talha); Comédia (O Noviço)
Companhia Lírica Italiana	13.11.1853 (domingo) 17.11.1853 (quinta-	Função Lírica

	feira) 20.11.1853 (domingo)	
Companhia Dramática – Florindo Joaquim da Silva	11.06.1854 (domingo)	Drama (Aristodemo de Monti); Vaudeville (O Baile ou a Bofetada)
Companhia Dramática – Florindo Joaquim da Silva	15.06.1854 (quinta-feira) 22.06.1854 (quinta-feira)	Tragédia (Antonio José ou o Poeta e a Inquisição); Vaudeville (O Baile ou a Bofetada)
Companhia Dramática – Florindo Joaquim da Silva	30.07.1854 (domingo)	Drama (Kean ou a Desordem e o Gênio); Comedia (A Paixão Romântica)
Companhia Dramática – Florindo Joaquim da Silva	07.09.1854 (quinta-feira)	Drama
Companhia Dramática – Florindo Joaquim da Silva	10.09.1854 (domingo)	Drama (Mariana ou a Vivandeira)
Companhia Dramática – Manoel José da Silva Bastos	13.09.1854 (quarta-feira)	Drama (A Dama de Saint Tropez); Comedia (Uma Noite de Condescendência)
Companhia Dramática – Manoel José da Silva Bastos (João Caetano dos Santos)	15.09.1854 (sexta-feira)	Drama (A Gargalhada); Farsa
Companhia Dramática – Florindo Joaquim da Silva	24.09.1854 (domingo)	Drama (O Proscrito); Ária; Dueto (O Sapateiro ou a Condessa Encantada)
Companhia Dramática – Manoel José da Silva Bastos (João Caetano dos Santos)	19.09.1854 (terça-feira)	Drama (D. César de Basan)
Companhia Dramática – Manoel José da Silva Bastos (João Caetano dos Santos)	21.09.1854 (quinta-feira)	Drama (Seis Degraus do Crime)
Companhia Dramática – Florindo Joaquim da Silva	05.10.1854 (quinta-feira)	Tragédia (Antonio José ou o Poeta e a Inquisição); Farsa (O Caixeiro da Taverna)
Companhia Dramática – Florindo Joaquim da Silva	08.10.1854 (domingo)	Drama (Mariana ou a Vivandeira); Ária; Comedia (O Barril de Pólvora)
Companhia Dramática – Florindo Joaquim da Silva	15.10.1854 (domingo)	Drama (Pedro Sem); Dueto (Os Pretendentes de Lucy)
Companhia Dramática – Manoel José da Silva Bastos (João Caetano dos Santos)	22.10.1854 (domingo)	Drama (D. César de Basan)
Companhia Lírica Italiana	04.12.1854 (sábado)	Ópera (Ernani)

Companhia Lírica Italiana	17.12.1854 (domingo)	Ópera (Norma)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	07.01.1855 (domingo)	Vaudeville (Mistérios de Paris); Tonadilha espanhola (O Poeta e o Músico); Comedia (Paixão Romântica); Ária (O Mascate Italiano)
Companhia Dramática – João Thomaz Sirôlo	14.01.1855 (domingo)	Drama vaudeville (A Graça de Deus); Farsa (O Judas em Sábado de Aleluia)
Companhia Dramática Provincial – Florindo Joaquim da Silva	21.01.1855 (domingo)	Drama (Gabrina ou a Coroa Ducal de Parma); Comédia (Maricota ou os Efeitos da Educação)
Companhia Dramática Provincial – Florindo Joaquim da Silva	11.02.1855 (domingo) 22.02.1855 (quinta-feira)	Drama (Afonso III ou o Vale D'El Rei); Comédia (O Recrutamento na Aldeia)
Thereza Questa e Miguel Liguori	06.05.1855 (domingo)	Função lírica
Companhia Ginástica – Diretor Nicolau João	09.09.1855 (domingo) 10.09.1855 (segunda-feira)	Espetáculo Ginástico; Bailes Masqués
Companhia Ginástica – Diretor Nicolau João	28.10.1855 (domingo)	Baile Masqué
Companhia Ginástica – Diretor Nicolau João	25.11.1855 (domingo) 26.11.1855 (segunda-feira)	Bailes Masqués
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	02.12.1855 (domingo)	Drama (D. Cezar de Bazan)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	09.12.1855 (domingo)	Drama (Os Filhos de Eduardo); Comédia (As Duas Bengalas)
	30.12.1855 (domingo)	Drama (Homem de Ouro); Comédia (As Pequenas Misérias)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	06.01.1856 (domingo)	Comedia vaudeville (A Vendedora de Perus); Comédia (Duelo em Campo-lide)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	13.01.1856 (domingo)	Drama (Cleto ou a Filha de uma Rainha); Comédia (Maricota ou os Efeitos da Educação)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	20.01.1856 (domingo)	Drama (D. Maria de Alencastro)

Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	24.01.1856 (quarta-feira)	Drama (Frei Luis de Souza)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	27.01.1856 (domingo)	Drama (O Máscara Negra)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	02.02.1856 (sábado)	Drama (O Bravo de Veneza)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	03.02.1856 (domingo)	Comedia vaudeville (A Vendedora de Perus); Baile Masqué
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	05.02.1856 (terça-feira)	Comedias (O Holandês ou Pagar o Mal que não Fez; As Duas Bengalas); Baile Masqué
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	09.03.1856 (domingo)	Drama (O Bravo de Veneza)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	13.03.1856 (quinta-feira)	Drama (O Corsário Vermelho); Comédia (O Pipilet dos Mistérios de Paris)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	23.03.1856 (domingo)	Dramas (O Homem de Mármore e O Homem de Ouro)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	25.03.1856 (terça-feira)	Drama (O Corsário Vermelho)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	15.06.1856 (domingo)	Drama (A Duquesa de Marsan); Comédia (Os Primeiros Galanteios)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	22.06.1856 (domingo)	Drama (A Escrava de Guadalupe); Comédia (Companhia de Seguro Olho Vivo contra as Peneiras nos Olhos)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	24.06.1856 (terça-feira)	Drama (O Capitão Paulo); Comédia (Quem Pensa não Casa)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	29.06.1856 (domingo)	Drama (O Tributo das Cem Donzelas); Comédia (Companhia de Seguro Olho Vivo contra as Peneiras nos Olhos)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	03.07.1856 (quinta-feira)	Drama (Luiz de Camões); Comédia (O Último da Família)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	10.07.1856 (quinta-feira)	Drama (O Capitão Paulo); Comédia (A Sonambula)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	19.07.1856 (sábado)	Drama (Pedro Sem); Comédia (Não Sou Ciumento)

Ferreira Bastos		
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	20.07.1856 (domingo)	Tragédia (O Cego); Ária (O Irmão das Almas); Comédia (A Sonambula)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	23.08.1856 (sábado)	Comédia (Um Chapéu de Talinha de Itália; Companhia de Seguro Olho Vivo contra as Peneiras nos Olhos)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	28.08.1856 (quinta-feira)	Drama (O Cigano); Comédia (Os Irmãos das Almas)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	31.08.1856 (domingo)	Drama (A Dama de Saint Tropez); Comédia (O Perdão do Ato)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	04.09.1856 (quinta-feira)	Drama (Os Mineiros de Tregolff); Comédia vaudeville (O Último da Família)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	06.09.1856 (sábado)	Tragédia (O Cego); Drama (O Destino do Brasil)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	07.09.1856 (domingo)	Drama (A Escrava de Guadalupe)
Companhia Dramática Provincial – João Ferreira Bastos	08.09.1856 (segunda-feira)	Drama (O Corsário Vermelho e a Pobre das Ruínas)
Bobbio e Liguori	08.11.1856 (sábado) 09.11.1856 (domingo) 16.11.1856 (domingo) 23.11.1856 (domingo) 30.11.1856 (domingo)	Bailes Masqués
João Thomaz Sirôlo e Liguori	08.12.1856 (segunda-feira)	Representação Lírica
Liguori e Bobbio	02.02.1857 (domingo) 21.02.1857 (domingo) 22.02.1857 (segunda-feira) 23.02.1857 (terça-feira)	Bailes Masqués
Van Mark	14.04.1857 (terça-feira)	Concerto
Companhia Dramática Rio-Grandense	03.05.1857 (domingo)	Opera cômica (O Fantasma Branco); Comédia (Os Irmãos das Almas)

Companhia Dramática Rio-Grandense	10.05.1857 (domingo)	Drama (O Capitão Rafael); Comédia (O Noviço)
Companhia Dramática Rio-Grandense	14.05.1857 (quinta-feira)	Comédias (Kean; Quartos Particulares)
Companhia Dramática Rio-Grandense	21.05.1857 (quinta-feira)	Drama (Os Dois Mundos); Comédia (Quem Pensa não Casa)
Companhia Dramática Rio-Grandense	24.05.1857 (domingo)	Drama (Os Brilhantes de Minha Mulher); Comédia (Olho Vivo)
Companhia Dramática Rio-Grandense	18.06.1857 (quinta-feira)	Drama (Genny, a Bordadeira); Comédia (O Último da Família)
Companhia Dramática Rio-Grandense	22.06.1857 (segunda-feira)	Drama (Lázaro e o Pastor); Comédia (Não Sou Ciumento)
Companhia Dramática Rio-Grandense	01.07.1857 (domingo)	Drama (Luiz de Camões)
Van Mark e G. Tronconi	02.08.1857 (domingo)	Concerto Instrumental
Companhia Dramática Rio-Grandense	07.09.1857 (segunda-feira)	Drama (Os Brilhantes de Minha Mulher); Comédia
Companhia Dramática Rio-Grandense	08.09.1857 (terça-feira)	Drama (O Barbeiro do Rei de Aragão)
Companhia Dramática Rio-Grandense	20.09.1857 (domingo)	Dramas (Genny, a Bordadeira; As Mulheres de Mármore)
Companhia Dramática Rio-Grandense	27.09.1857 (domingo)	Drama (Mulheres de Mármore)
Artur Napoleão	__ .11.1857	Concerto
Cia. Robert	22.11.1857 (domingo)	Artes diabólicas; dança na corda tesa; equilíbrios; fantasmagoria
Cia. Robert	29.11.1857 (domingo)	Acrobacias
Companhia Dramática Rio-Grandense	02.12.1857 (quarta-feira)	Drama
Companhia Dramática Rio-Grandense	30.12.1857 (quarta-feira)	Drama (O Barbeiro do Rei Aragão); Dança (Os Chales); Bailete espanhol (A Perla Sevillhana)
Companhia Ginásio Dramática Rio-Grandense	19.01.1858 (terça-feira)	Drama (As Mulheres de Mármore)
Companhia Ginásio Dramática Rio-Grandense	21.01.1858 (quinta-feira)	Drama (Rafael); Vaudeville (Procure-me depois de Amanhã)
Companhia Ginásio Dramática Rio-Grandense	24.01.1858 (domingo)	Drama (O Anjo da Paz); Comédia (O Conde de Paragará)

Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	28.01.1858 (quinta-feira)	Drama (Dalila)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	31.01.1858 (domingo)	Drama (O Anjo da Paz); Comédia (O Conde de Paragará)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	04.02.1858 (quinta-feira)	Drama (Rafael); Comédia (Nem por muito Madrugar, se Acorda Cedo)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	07.02.1858 (domingo)	Tragédia (Otelo ou o Mouro de Veneza); Comédia (Entre a Bigorna e o Martelo)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	11.02.1858 (quinta-feira)	Drama (O Agiota); Comédia (As Filhas de Gaveta)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	14.02.1858 (domingo) 21.02.1858 (domingo)	Dramas (A Batalha de damas ou o Duelo em Amor; Cinismo, Ceticismo e Crença)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	23.02.1858 (terça-feira)	Dramas (Por Direito de Conquista; Batalha de Damas)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	19.03.1858 (sexta-feira)	Apresentação do prodígio Homem de Borracha.
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	20.03.1858 (sábado)	Drama (As Recordações da Mocidade)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	23.03.1858 (terça-feira)	Tragédia (Antonio José ou o Poeta e a Inquisição)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	24.03.1858 (quarta-feira)	Drama (As Recordações da Mocidade)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	25.03.1858 (quinta-feira)	Drama (As Recordações da Mocidade)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	26.03.1858 (sexta-feira)	Drama (As Recordações da Mocidade; Antonio José ou o Poeta e a Inquisição)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	28.05.1858 (sexta-feira)	Drama (A Dama das Camélias)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	03.06.1858 (quinta-feira)	Drama (A Madrasta); Vaudeville (Cosimo ou o Príncipe Caiador)
Companhia Grandense	Ginásio	Dramática	Rio-	29.07.1858 (quinta-feira)	Drama (Os Dois Florões); Tonadilha espanhola; Comédia (A Flauta Mágica)

	08.08.1858 (domingo)	Comédia (Dois Casamentos de Conveniência)
Companhia Dramática SUS	14.08.1858 (domingo)	Drama (Nani); Comédia (O Diletante)
Companhia Ginásio Dramática Rio-Grandense	08.12.1858 (quarta-feira)	Drama (Exemplo de Honra); Comédia (O Cólera Morbus ou o Morto Embargado)
Clarisse Cailly e Oscar Peiffer	31.03.1859 (quinta-feira)	Concerto Vocal e Instrumental
Sociedade Dramática Particular – Manoel José da Silva Bastos	17.07.1859 (domingo)	Drama (O Louco do Ceará); Comédia (Os Dois Gêmeos)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	24.02.1860 (sexta-feira)	Comédia (O Pai de uma Atriz); Cena cômica (Os Efeitos do Vinho Novo)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	26.02.1860 (domingo)	Drama (Nobreza d'Alma); Cena cômica (Os Efeitos do Vinho Novo); Comédia (Doutor Grama)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	01.03.1860 (quinta-feira)	Drama (Purgatório e Paraíso); Comédia (A Cabeleira de Meu Tio)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	04.03.1860 (domingo)	Comédia-drama (A Cigana de Paris)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	08.03.1860 (quinta-feira)	Drama (A Escala Social); Cena cômica (O Devoto de Baco)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	15.03.1860 (quinta-feira)	Comédia-drama (Ninguém Julgue pelas Aparências); Comédia (A Cabeleira de meu Tio)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	18.03.1860 (domingo)	Drama (A Consciência)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	25.03.1860 (domingo)	Comédia (São Esses os Mais Felizes)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	29.03.1860 (quinta-feira)	Drama (29 ou Honra e Gloria)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	31.03.1860 (sábado)	Drama (29 ou Honra e Glória)
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	10.04.1860 (terça-feira)	
Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	25.04.1860 (quarta-feira)	

Companhia Dramática Rio-Grandense – Arêas	01.05.1860 (terça-feira)	Drama (As Mães Arrependidas); Ária da ópera Traviata.
Companhia Dramática Rio-Grandense	03.05.1860 (quinta-feira)	Drama (André Gerard, O Gravador)
Prestidigitador Julio dos Santos Pereira	14.06.1860 (quinta-feira)	A Sala dos Segredos ou o Mistério do Diabo; Vamba ou o Menino do Ar; Os Efeitos do Megascópio Egípcio; A Gruta dos Mistérios ou a Aparição Divina; Os Fogos Diamantinos; Bom Soir
Prestidigitador Julio dos Santos Pereira	17.06.1860 (domingo)	A Sala dos Segredos ou os Mistérios do Diabo; Escamotagem ou a Desaparição de uma Senhora; Os Efeitos do Megascópio Egípcio; Os Fogos Diamantinos; Bom Soir.
Martim Simonsen e Fanny Simonsen	20.06.1860 (quarta-feira)	Concerto vocal e instrumental
Martim Simonsen e Fanny Simonsen	25.06.1860 (segunda-feira)	Concerto vocal e instrumental
Prestidigitador Julio dos Santos Pereira	04.07.1860 (quarta-feira)	A Sala dos Segredos ou os Mistérios do Diabo; (Escamotagem ou a Desaparição de uma Senhora); Os Efeitos do Megascópio Egípcio; Os Fogos Diamantinos.
Prestidigitador Julio dos Santos Pereira	07.07.1860 (sábado)	A Sala dos Segredos ou os Mistérios do Diabo; Da Suspensão Etariense; Vamba ou o Menino do Ar; Os Efeitos do Megascópio Egípcio; Gruta dos Mistérios ou a Aparição Divina; As Circulações Elétricas.
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	19.08.1860 (domingo)	Drama (Pedro); Vaudeville (Anjo e Demônio)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	23.08.1860 (quinta-feira)	Drama (Pedro)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	26.08.1860 (domingo)	Tragédia (Nova Castro); Comédia (Os Bilhetes de Loteria)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	28.08.1860 (terça-feira)	Drama (A Saloia); Comédia (Anjo ou Demônio)
Companhia Dramática – Germano	31.08.1860 (sexta-feira)	Drama (O Mosteiro de Santo Iago); Comédia (O Mudo ou

Francisco d'Oliveira					as Violentas Emoções)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	02.09.1860 (domingo)				Opera (O Fantasma Branco); Comédia (Por Causa de um Algarismo)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	04.09.1860 (terça-feira)				Drama (O Duque de Roquelaure ou o Homem mais Feio da França); Vaudeville (A Corda Sensível)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	07.09.1860 (sexta-feira)				Drama (Pedro)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	11.09.1860 (terça-feira)				Drama (O Mosteiro de Santo Iago); Comédia (Atrás de uma Viúva)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	15.09.1860 (sábado)				Drama (A Graça de Deus); Comédia (O Diabo a Quatro n'uma Hospedaria)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	16.09.1860 (domingo)				Drama (29 ou Honra e Glória); Comédia (Anjo e Demônio);
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	18.09.1860 (terça-feira)				Drama (O Anjo Maria); Dueto de Ópera (A Collumela); Comédia (Uma Lua de Fel)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	23.09.1860 (domingo)				Drama (O Homem da Máscara Negra); Comédia (Os Bilhetes da Loteria)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	28.09.1860 (sexta-feira)				Drama (O Conde de S. Germano ou o Diabo em Paris); Comédia (Cada Qual para o que Nasceu)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	30.09.1860 (domingo)				Drama (Maria Joanna, Mulher do Povo ou a Pobre Mãe); Comédia (O Tutor Enganado)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	04.10.1860 (quinta-feira)				Drama (Jocelin ou o Marinheiro da Martinica); Ópera (O Tunileiro Enredador)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	07.10.1860 (domingo)				Tragédia (Nova Castro); Comédia (A procuração ou Uma Assinatura em Branco)
Companhia Dramática – Germano Francisco d'Oliveira	11.10.1860 (quinta-feira)				Drama (A Torre de Londres); Comédia (O Tunileiro enredador)
Companhia Dramática Provincial – Arêas	01.12.1860 (sábado)				
Companhia Dramática Provincial – Arêas	02.12.1860 (domingo)				
Prestidigitador Julio dos Santos Pereira	13.06.1861 (quinta-feira)				Soirée
Empresa Arêas, Rosina & Companhia.	16.06.1861 (domingo)				Cantarola

Companhia de Vaudevilles – Antônio J. Arêas	11.08.1861 (domingo)	Drama (Marido Apoquentado e Dois Gêmeos)
Companhia de Vaudevilles – Antônio J. Arêas	01.09.1861 (domingo)	Drama (Modesta); Cena cômica (O Sr. José do Capote); Comédia (O Dr. Gramma)
Companhia Lírica Italiana	10.11.1861 (domingo)	Ópera (Elixir do Amor)
Companhia Lírica Italiana	17.11.1861 (domingo)	Ópera (Lucrecia Borgia)
	01.12.1861 (domingo) 03.12.1861 (terça-feira)	
Companhia Dramática Rio-Grandense Empresa Furtado Coelho	26.01.1862 (domingo)	Drama
Companhia Dramática Rio-Grandense Empresa Furtado Coelho	13.02.1862 (quinta-feira)	Drama (O Gaiato de Lisboa)
Companhia Dramática Rio-Grandense Empresa Furtado Coelho	03.04.1862 (quinta-feira)	Drama (O Último Ato); Cena cômica (Os Efeitos do Vinho Velho); Drama (O Gaiato de Lisboa)
Companhia Dramática Rio-Grandense Empresa Furtado Coelho	20.04.1862 (domingo)	Drama (Abnegação); Cena cômica (O Devoto de Bacco)
Companhia Dramática Rio-Grandense Empresa Furtado Coelho	15.05.1862 (quinta-feira)	Vaudeville (A Filha de Gringolet); Drama (Abnegação)
Companhia Dramática Rio-Grandense Empresa Furtado Coelho	29.05.1862 (quinta-feira)	Drama (O Ator); Comédia (Maricota ou os Efeitos da Educação)
Catagnery e professores de clarineta e oboé	29.06.1862 (domingo)	Concerto
Companhia Dramática Nacional – Horácio, Marques, Nunes, Monclar & C ^a	10.07.1862 (quinta-feira)	Drama (O Amor de um Padre)
Companhia Dramática Nacional – Horácio, Marques, Nunes, Monclar & C ^a	08.08.1862 (sexta-feira)	
Companhia Dramática Nacional – Horácio, Marques, Nunes, Monclar & C ^a	10.08.1862 (domingo)	Drama (Os Mineiros da Desgraça); Comédia (A Viúva das Camélias)
	07.09.1862 (domingo) 08.09.1862 (segunda-feira)	Drama (Abnegação)
Companhia Coreográfica Thierry	08.02.1863 (domingo)	

Companhia Lírica Italiana	20.03.1863 (sexta-feira)	Tragédia lírica (Traviata)
Companhia Dramática – Arêas	16.07.1863 (quinta-feira)	Drama (Pedro Cem)
Companhia Dramática – Arêas	02.08.1863 (domingo)	Drama (Coração e Dever)
Companhia Dramática – Arêas	07.09.1863 (segunda-feira) 09.09.1863 (sexta-feira) 10.09.1863 (sábado)	Drama (Ernesto Biester – A Redenção)
Companhia Dramática Particular	10.01.1864 (domingo)	Drama (Gastão de Estilac); Concerto (Sonâmbula); Ópera (Carnaval de Veneza)
	07.09.1864 (quinta-feira)	Drama (Uma Apresentação na Corte; Amor e Pátria)
	___.01.1865	Drama (Trabalho e Honra); Comédia
	25.10.1865 (quarta-feira)	Drama
Prestidigitador Firmino de Abreu	26.07.1865	Trabalhos de Prestidigitação
Prestidigitador Firmino de Abreu	29.07.1866 (domingo)	Trabalhos de Prestidigitação
Companhia Dramática – Arêas	19.08.1866 (domingo)	Drama
Prestidigitador Firmino de Abreu	06.09.1866 (quinta-feira)	Trabalhos de Prestidigitação
Companhia do Sr. Florindo Joaquim da Silva	08.09.1866 (sábado)	Drama (Escravo Fiel)
Companhia do Sr. Florindo Joaquim da Silva	09.09.1866 (domingo)	Drama
Irmãos Bandeira; Prestidigitador Firmino de Abreu	08.09.1867 (domingo)	Concerto; Trabalhos de Prestidigitação.
Companhia Dramática	19.09.1867 (quinta-feira)	Concerto
Companhia Dramática	26.09.1867 (quinta-feira)	Drama (Carlos, O Artista)
Prestidigitador Alexandre Hermann	___.10.1867 ___.10.1867	Trabalhos de Prestidigitação

Raphael Croner	09.06.1868 (terça-feira)	Concerto Vocal e Instrumental
Empresa Dramática Germano	11.06.1868 (quinta-feira)	Drama (O Ultrage); Diálogo cômico (Os Dois Infernos)
Empresa Dramática Germano	13.08.1868 (quinta-feira)	Drama (29 ou Honra e Glória)
Companhia Dramática	24.11.1868 (terça-feira)	Drama
Empresa Cabral	27.07.1870 (quarta-feira)	Acrobacia; ginástica; dramático (Mazzepe; Duplo Trapézio; Romance de um Louco; O Rei do Ar; O Imperador em Uruguaiana ou o 1º Triunfo das Armas Brasileiras; Escada Perigosa ou os Saltos no Ar)

Apêndice 16

Características dos Hotéis Existentes em Pelotas (1840-1870).

Nome	Abertura	Fechamento	Proprietário (s)	Localização
------	----------	------------	------------------	-------------

Hotel da Aliança	02.11.1847*	1968	Adolph Hermann Schreiber (alemão); Santiago Praty e Thomaz Gotuzzo (italianos) – 1853.	Rua de S. Miguel [XV de Novembro] – 1847.
Hotel do Comércio	28.08.1853	10.1853	-	Rua Alegre [Gonçalves Chaves] esquina do Poço [Sete de Setembro] – 1853.
Hotel dos Emigrados	1847*	1855*	Alexandre Tassis & Pablo Sarda (espanhol) – 1847; Alexandre Tassis – 1849.	Rua do Padeiro [Dr. Cassiano] – 1847.
Hotel da Europa	11.1863	1876*	Antônio Bonfiglio (italiano) – 1863.	Rua de S. Miguel, n. 95 [XV de Novembro] – 1863.
Hotel Moreau	02.08.1853	11.1853*	Guilherme Moreau (francês) – 1853.	Rua de S. Miguel [XV de Novembro] esquina da Palma [Gen. Neto] – 1853.
Hotel Nova Aliança	12.1862	1864*	José Morena & C. – 1862.	Rua Augusta [Gen. Osório] esquina da Horta [Voluntários da Pátria] – 1862.
Hotel Godefroy (Casa da Sotéa)	08.1848*	09.1848 (leilão)*	Luiz Godefroy (francês) – 1848.	Rua da Palma [Gen. Neto] – 1848.
Hotel do Triunfo	03.1864*	03.1864 (leilão)*	-	Rua Augusta [Gen. Osório] esquina da Horta [Voluntários da Pátria] – 1864.
Hotel do Mr. Remy (Hotel do Comércio – 1856)	1852*	03.1893	Remy Abadie (francês) – 1852.	Rua das Flores [Andrade Neves] – 1852.

* Primeira ou última referência encontrada.

Apêndice 17

Características dos Proprietários dos Hotéis Existentes em Pelotas (1840-1870).

Hotel	Ano	Proprietário	Idade	Estado Civil	Nacionalidade
Hotel da Aliança	1847	Adolph Hermann Schreiber	25	Solteiro	Alemão ⁷⁹⁷
Hotel da Aliança	1853	Santiago Praty Thomaz Gotuzzo	38 37	Casado Casado	Italiano ⁷⁹⁸ Italiano ⁷⁹⁹
Hotel dos Emigrados	1847	Alexandre Tassis Pablo Sardá			Espanhol ⁸⁰⁰
Hotel da Europa	1863	Antônio Bonfiglio	47	Casado	Italiano ⁸⁰¹
Hotel Moreau	1853	Guilherme Moreau			Francês ⁸⁰²
Hotel Nova Aliança	1862	José Morena	49	Solteiro ⁸⁰³	-
Hotel Godefroy	1848	Luiz Godefroy	43	Solteiro	Francês ⁸⁰⁴
Hotel do Mr. Remy (Hotel do Comércio)	1852	Remy Abadie	31	Casado	Francês ⁸⁰⁵
Casa de Hospedagem do Sr. Claussen	1846	Peter [?] Claussen			Alemão ⁸⁰⁶

⁷⁹⁷ Consta na relação de colonos alemães vindos de Hamburgo, chegados a Porto Alegre em 23.11.1846. ROSA, Gilson Justino da. *Imigrantes Alemães 1824-1853*. (Códice C333 do AHRG). Porto Alegre: Est Edições, 2005, p. 203. AHRGS.

⁷⁹⁸ Registro de Óbito de Santiago Praty, Livro 16 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, out.1890-mar.1892, p. 50, nº 366.

⁷⁹⁹ Registro de Óbito de Thomaz Gotuzzo, Livro 7 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1872 – 1876, p. 116.

⁸⁰⁰ No registro de estrangeiros elaborado por Klaus Becker consta um de sobrenome Sardá, natural da Espanha. BECKER, Klaus. *A imigração no Sul do ... Op. Cit.*

⁸⁰¹ Registro de Óbito de Antonio Bonfiglio, Livro 16 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, out.1890-mar.1892, p. 70, nº 555.

⁸⁰² Na lista de declaração de estrangeiros há um Moreau, natural da França. *Declaração dos Estrangeiros que não aceitam a Grande Naturalização*. 31.12.1889. (Arquivo Histórico BIC 010e, BPP).

⁸⁰³ Registro de Óbito José Morena, Livro 7B de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, 1876-1878, p. 97.

⁸⁰⁴ Conforme Processo Crime que a Câmara de Pelotas moveu contra Luiz Godefroy. Processo Crime – Luiz Godefroy; Sub-delegacia de Polícia – Cidade de Pelotas; Nº 247; Maço 6; Estante 36; 07.07.1848. APERGS.

⁸⁰⁵ Registro de Óbito de Remy Abadie, Livro 11 de Óbitos da Catedral São Francisco de Paula, mar.1885-ago.1886, p. 76, nº 266.

⁸⁰⁶ Na relação de colonos alemães chegados no Rio Grande do Sul em 21.09.1825 há um Peter Claussen, pedreiro, nascido em Copenhague, Dinamarca; do qual não possuem mais

Apêndice 18

Festividades Realizadas em Pelotas no Século XIX (1840-1870).

Mês	Festividades
Janeiro	Ano Bom (1º); Dia de Reis (06); Sagração da maioria de S. M. F. o Sr. Dr. D. Pedro V, rei de Portugal.
Fevereiro	Carnaval.
Março	Festa de São José (19); Procissão de Nosso Senhor dos Passos (março ou abril); Juramento da Constituição do Império (25).
Abril	Festa de São Francisco de Paula, padroeiro da cidade; Semana Santa e Páscoa (março ou abril); Abdicação de D. Pedro I (07).
Maio	Instalação da Assembléia Geral (03); Festa do Divino Espírito Santo (maio ou junho – 40 dias após a Páscoa); Festa de Nossa Senhora da Luz; Festa de Nossa Senhora do Carmo.
Junho	Corpus Christi; Festa de São João (24); Festa de Santo Antônio (28);

	Festa de São Pedro (29). Dia de São Siríaco.
Julho	Procissão da visitação de Nossa Senhora (02); Festa de Nossa Senhora da Misericórdia.
Agosto	Festa de Nossa Senhora da Assumpção.
Setembro	Aniversário de casamento de S. M. o Imperador (04); Independência do Império (07).
Outubro	-
Novembro	Procissão da Nossa Senhora da Misericórdia.
Dezembro	Festa de Conceição de Nossa Senhora – padroeira do Império (08); Festa do Arcanjo São Miguel; Festa de Nossa Senhora do Rosário; Festa de Santo Antônio da Boa Vista; Festa de Final de Ano (31).

ANEXOS

Anexo 1

Estatutos da Sociedade *Recreação Pelotense*. (O Pelotense, segunda-feira, 26.04.1852, p. 1-2, n. 73, ano II. Pelotas; O Pelotense, terça-feira, 27.04.1852, p. 1, n. 74, ano II. Pelotas).

Capitulo I Da sociedade e seus fins

Art. 1º. A sociedade se denominará – *Recreação Pelotense*, – Será composta de sócios nacionais, e estrangeiros, e seu único fim, é promover o honesto divertimento, que oferecem as reuniões para bailes, e jogos lícitos.

Capitulo II Dos sócios

Art. 2º. O numero de sócios será em relação á capacidade da casa.

§ 1º. Para um individuo ser inscrito sócio, é mister que goze geralmente pelos seus bons costumes, inteiro conceito publico.

§ 2º. A sua inscrição precederá proposta, feita por qualquer sócio, e aprovada pela assembléa geral, em sessão ordinária, ou extraordinária, mediante escrutínio secreto, tendo também a diretoria a faculdade de receber aqueles sócios, cuja categoria for tal que não ofereça escrúpulo algum á sua pronta inscrição, deixando, os que oferecem algum escrúpulo, ou que a diretoria não queira tomar a responsabilidade, á deliberação da assembléa geral devendo com tudo dar conta, tanto da inscrição de uns, como da proposta dos outros, cujas propostas, serão sempre apresentadas por intermédio do 1º. Secretário, declarando-se nelas o nome, emprego, estado, e idade do proposto.

§ 3º. Depois de lida a proposta, será posta a votos, por escrutínio secreto, e não obtendo duas terças partes dos votos dos sócios presentes, entender-se-á que foi rejeitada.

§ 4º. O individuo rejeitado não poderá ser proposto, senão passado um ano.

Art. 3º. O sócio aprovado na forma do artigo antecedente, é obrigado a pagar a jóia de 10\$000 rs. De entrada, e 2\$000 de mensalidade.

§ 1º. As mensalidades, serão sempre pagas no principio de cada mês, recebidas por um procurador da sociedade.

§ 2º. O sócio que no prazo de 15 dias, depois de ser-lhe apresentado o recibo pelo procurador, não satisfizer a sua importância, será pela diretoria considerado despedido, e proibido seu ingresso na sala desde logo.

§ 3º. O sócio que se ausentar temporariamente, será obrigado a participá-lo por escrito á diretoria e não o fazendo, não será novamente recebido, sem pagar nova jóia.

Art. 4º. Todos os sócios são obrigados a servir os empregos para que forem nomeados, e só aqueles escolhidos para a diretoria, é permitido escusarem-

se, alegando motivos sumamente atendíveis, sob deliberação da assembléia geral.

Art. 5º. Os sócios que por alguns dos casos enumerados neste regulamento, for expellido do grêmio da sociedade, não poderá jamais ser admitido, nem como sócio nem como convidado.

Art. 6º. O sócio que se não comportar nas reuniões do modo, que se deve esperar, de pessoas de fina educação ou que cometer qualquer ato contra os bons costumes, boa ordem e política das mesmas reuniões, será pelo presidente da diretoria advertido, ou pelo conselho diretor, considerado despedido da sociedade conforme a gravidade da ofensa, ou ataque aos bons costumes, ou a natureza da ação de que for acusado, tomado tudo em alta consideração, lavrando-se ata no ultimo caso, e remetendo-se-lhe uma certidão.

Capitulo III Da assembléia geral

Art. 7º. A assembléia geral dos sócios reunir-se-á todos os anos, um mês antes de findar a administração, para a eleição da nova diretoria.

§ 1º. A assembléia nomeará uma comissão de três membros, eleitos por maioria de votos, para tomar contas á diretoria que deixa de servir, de tudo o que convier, concernente à sociedade.

§ 2º. A Comissão apresentará o seu parecer na primeira reunião seguinte para ser aprovado, dar conhecimento do estado da sociedade, e propor as medidas e reformas que forem necessárias.

Art. 8º. A assembléia se julgará reunida e apta para deliberar sobre qualquer ocorrência, tendo vinte sócios reunidos, e havendo precedido aviso com antecedência, particularmente, ou pelos jornais, para sua reunião.

Art. 9º. A assembléia geral se reunirá todas as vezes que ordinária ou extraordinariamente for convocada pela diretoria.

Art. 10º. A assembléia geral se reunirá se seis em seis meses, começando pelo de setembro, e extraordinariamente, a arbítrio da diretoria, quando esta entender que a urgência ou a importância dos negócios a tratar, a torna necessária.

Art. 11º. Compete á assembléia geral:

§ 1º. Eleger de entre seus membros, a diretoria em cada ano, começando este pelo mês de setembro.

§ 2º. Deliberar sobre as propostas, para admissões de sócios.

§ 3º. Aprovar os regulamentos pela diretoria organizados, se forem úteis, e deliberar sobre todas as matérias, que esta lhe submeter.

§ 4º. Só a ela se poderão apresentar os projetos de reformas, e adições aos estatutos, que a experiência sugerir.

Art. 12º. (especial) Todas as votações serão feitas por escrutínio secreto.

Capitulo IV Da diretoria

Art. 13º. A diretoria se comporá de um presidente, dois vice-presidentes (1º. e 2º.), dois secretários (1 e 2), um tesoureiro, dois procuradores e quatro fiscais.

Art. 14º. São atribuições da diretoria:

§ 1º. Cuidar na administração, arranjo e economia da sociedade.

§ 2º. Marcar os dias de baile, e aquele em que devem ser aprovados os convites.

§ 3º. Conceder ou recusar os convites, conforme as circunstancias.

§ 4º. Formular um regulamento para a sala, que será aprovado pela assembléia geral.

§ 5º. Autorizar as despesas da sociedade.

§ 6º. Determinar a forma de escrituração e o número de livros para ela.

§ 7º. Convocar a assembléia geral, ordinária ou extraordinariamente, sempre que as circunstancias o exijam.

§ 8º. Nomear todos os empregados assalariados, e marcar-lhes seus ordenados, dependendo contudo da assembléia geral.

Art. 15º. Ao presidente compete:

§ 1º. Presidir todas as sessões, tanto da assembléia geral como da diretoria, e decidir em caso de empate de qualquer votação.

§ 2º. Assinar com o 1º. Secretário as atas e convites.

§ 3º. Pôr o pague-se em todos os documentos de despesa da sociedade.

§ 4º. Convocar a diretoria e a assembléia geral, quando o julgar necessário.

Continuação.

§ 5º. Fazer manter a ordem e respeito, nas noites de reunião, e providenciar sobre qualquer incidente extraordinário.

§ 6º. Apresentar á assembléia geral, em cada sessão ordinária, um relatório do estado da sociedade.

§ 7º. Cuidar, e velar de comum acordo com todos os sócios, na boa direção, administração, arrecadação, fiscalização e economia da sociedade.

§ 8º. O presidente será substituído pelos vice-presidentes, segundo a ordem da votação, nos seus impedimentos.

Art. 16. Ao 1º. Secretário compete:

§ 1º. Lavrar as atas das sessões, e assiná-las com o presidente, bem como os cartões de convite.

§ 2º. Comunicar por escrito todas as deliberações da assembléia e diretoria, que o exigirem, e arrecadar no arquivo todos os papéis, e livros a seu cargo.

Art. 17. Compete ao 2º. Secretario substituir o 1º. Na sua falta.

Art. 18 Ao tesoureiro compete:

§ 1º. O cargo, e responsabilidade do cofre da sociedade, promover a receita, e satisfazer a despesa, adotando o método de escrituração, que lhe for determinado pela diretoria.

§ 2º. Apresentar um balanço do estado do cofre a seu cargo, em todas as sessões ordinárias da sociedade; o tesoureiro será substituído no seu impedimento pelo seu suplente.

Art. 19. Aos procuradores pertence:

§ 1º. Todo o arranjo da casa, e as compras dos objetos precisos, sendo autorizados pela diretoria.

§ 2º. As comprar serão feitas por comissão dos três procuradores reunidos, zelando o mais possível a economia da sociedade.

§ 3º. Tocará cada mês, a um dos procuradores, arrecadar as mensalidades, levando os competentes recibos assinados pelo tesoureiro, para entregar ao sócio, logo que dele receba a jóia, ou a mensalidade.

Art. 20 Aos fiscais compete:

§ 1º. Cuidar e velar de comum acordo com os mais membros da diretoria, na boa administração da sociedade, direção, economia, arrecadação, fiscalização de suas rendas e policia de suas reuniões.

§ 2º. Receber os cartões na porta do baile, dos sócios e mais pessoas convidadas, tendo um inteiro cuidado que sejam conforme com as disposições do presente regulamento, e com os que para diante forem formulados.

§ 3º. Participarão ao presidente, ou ao seu imediato, qualquer falta, ou acontecimento que notarem no baile, ou outras quaisquer circunstâncias proibidas em tais reuniões.

Capítulo V Das eleições

Art. 21 A eleição da diretoria será feita todos os anos, um mês antes de acabar a administração, sendo a votação na forma do artigo 12, e recebendo-se dos sócios presentes, cédulas na forma seguinte:

§ 1º. Uma cédula, com três nomes para presidente, ficando os dois imediatos em votos, um sendo primeiro, outro segundo vice-presidentes, conforme do número de votos que cada um tiver.

§ 2º. Uma cédula contendo três nomes; dois para secretários (1º. e 2º.), e um para tesoureiro.

§ 3º. Uma cédula com sete nomes; três para procuradores e quatro para fiscais.

§ 4º. Os imediatos em votos serão considerados suplentes, e chamados para substituir os primeiros nas suas falta, por determinação da diretoria.

Art. 22 Aos eleitos se participará sua eleição, e dia em que terá lugar a posse; enquanto porém esta não se verificar, continuarão as autoridades que estavam em exercício.

Capítulo VI Das reuniões e convites

Art. 23 Haverá um baile pelo menos cada mês.

Art. 24 É permitido a qualquer sócio recomendar qualquer família, ou pessoa solteira á diretoria para ser convidada, estando nas circunstancias do art. 2, § 1º 2º e 3º , e do art. 29, e tendo esta atenção ao numero de cartões expedidos, e á capacidade da casa, concederá ou negará o convite, na forma do art. 12.

Art. 25 Marcado o dia do baile, e aquele em que devem ser aprovados os convites, o secretario o fará saber a cada sócio com antecipação pelo menos de quatro dias, por meio de um cartão, com o qual é obrigado a apresentar-se ao fiscal, ou a quem suas vezes fizer, na noite do baile, para poder ser admitido na sala.

Art. 26 Os convites serão feitos em nome da diretoria; e os feitos na firma do art. 29, o sócio convidante é obrigado a assinar-se no verso dos cartões que pedir, bem como a mandá-los buscar á casa do secretario, na véspera da partida.

Art. 27 Cada cartão de convite só dá admissão, além das senhoras que compõem a família, ao chefe d'ela, e a um cavalheiro da mesma família, que seja maior de vinte anos; os que excederem d'este número e idade, em cada família, só serão admitidos sendo sócios.

Art. 28 Nenhum individuo será admitido com cartão de família, sem que venha por esta acompanhado, a menos que não seja o próprio designado no convite como chefe dele, e salva a disposição do art. 27.

Art. 29 Não poderão ser convidadas famílias nem pessoas solteiras que sejam domiciliadas no espaço de duas léguas em quadro d'esta cidade; e as que, morando em qualquer outra distancia por alguma circunstância vierem a ela, não poderão ser convidadas mais de três vezes por ano.

Art. 30 É vedado aos sócios trazerem ao baile sem convite especial pessoas que não sejam de suas famílias; entende-se por família pessoas que vivendo debaixo do mesmo teto, estão sob a mesma economia. São unicamente isentos d'esta restrição os Srs. Sócios casados que, não tendo filhas, obtiverem concepção da diretoria para poderem levar em sua companhia filhas famílias, nunca excedendo de duas.

Art. 31 Todo o sócio que ausentando-se temporariamente, a sua ausência não exceder a mais de dois meses e meio será obrigado á competente mensalidade devendo na participação que remeter á diretoria tudo bem declarar.

Art. 32 Os sócios que ausentarem temporariamente por mais de quatro meses com participação serão considerados sócios extranumerários, e os que se ausentarem por dois meses, sem participação serão considerados despedidos da sociedade.

Art. 33 O presidente nomeará dentre os sócios os que forem necessários para servirem de mestres-salas, assim como os sócios que forem precisos para receber as senhoras no topo da escada, e conduzi-las ao *toilette*, ou ás salas que elas escolherem, tendo os primeiros a seu cargo a policia e execução do regulamento interno.

Capítulo VII Disposições gerais

Art. 34 Todo o sócio é obrigado a concorrer com o que estiver a seu alcance para a manutenção da boa ordem nas reuniões, e para isso deve prestar obediência ás autoridades pela sociedade eleitas.

Art. 35 Qualquer sócio tem o direito de reclamar a observância dos presentes estatutos, e de propor por escrito á consideração da sociedade aquelas reformas que julgar tendentes ao bem geral.

Art. 36 São expressamente proibidos ás senhoras os vestidos de seda, assim como quaisquer outros ornatos de luxo, sendo vedado aos sócios convidarem para dançar as senhoras que violarem o presente artigo.

Art. 37 Todos os sócios deverão ter um exemplar dos presentes estatutos, assim como do regulamento interno.

Cidade de Pelotas, 7 de novembro de 1851. Os membros da comissão Domingos Antonio Felix da Costa. José de Mello. Pacheco de Rezente. Ovidio Fernando Trigo de Loureiro.

[p. 3] Alterações que sofreram os estatutos da sociedade Recreação Pelotense, na ocasião de serem apresentados pela comissão encarregada da revisão e emenda dos mesmos, na sessão extraordinária de 8 de novembro de 1851.

No art. 29, depois das palavras – convidadas famílias – diga-se: nem homens solteiros do lugar – em vez de pessoas solteiras. No mesmo artigo suprimam-se as palavras: mais de três vezes por ano.

No art. 36, onde se diz – ás senhoras os vestidos de seda – diga-se: vestidos de seda e luvas de pelica.

Anexo 2

Regulamento Interno da Sociedade *Recreação Pelotense*. (O Pelotense, quarta-feira, 28.04.1852, p. 1-2, n. 75, ano II. Pelotas).

Dos mestres-salas

Art. 1º Os mestres-salas serão nomeados pelo presidente, dentre os sócios que melhor saibam desempenhar essa honrosa comissão.

Art. 2º Aos mestres-salas compete:

§ 1º Comparecer nas noites de partida meia hora antes desta principiar, não se podendo retirar se não no fim, salvo caso extraordinário que será comunicado ao presidente para prover a sua substituição.

§ 2º Receber as senhoras no topo da escada, antes de começar o divertimento, conduzi-las á porta do *toilette*, e d'ali ás salas que elas escolherem.

§ 3º Designar quantos pares devem dançar em cada uma das salas, quantos nas cabeceiras e dos lados, e por ocasião das quadrilhas, quais finalmente os pares marcantes e os que devem contra-dançar nas cabeceiras.

§ 4º Proibir que os pares walsantes dancem todos ao mesmo tempo, regulando que cada turma walse por sua vez de dois a três minutos, dividindo os walsantes em turmas.

§ 5º Fazer efetiva a exata observância d'este regulamento na parte que lhes compete, dando conta ao presidente de qualquer ocorrência grave que sobrevenha, a qual reclame a sua intervenção para que se mantenha a ordem, a decência e os honestos fins desta reunião, assim como velar na observância dos estatutos e de qualquer reforma que para diante a experiência sugerir.

Art. 3º O presidente incumbirá ao mestre-sala a direção da orquestra, ao qual compete privativamente, além das atribuições do artigo antecedente:

§ 1º Marcar a ordem das quadrilhas, e walsas pela maneira que adiante se estabelece.

§ 2º Fixar a hora em que as danças devem começar na firma dos arts. 14 e 15, e o tempo que as walsas devem durar na firma do art. 16.

§ 3º Entender-se com o regente da orquestra para fazer os sinais, e tocar as peças de musica próprias do divertimento.

§ 4º Não abandonar a sala sem prevenir o regente da orquestra de qual o mestre-sala que fica fazendo as suas vezes.

Art. 4º O mestre-sala nomeará tantos marcantes quantos forem os quadros de dança, ficando estes responsáveis pela sua boa direção, e recorrendo sobre qualquer incidente ao mestre-sala para providenciar a respeito.

Dos procuradores

Art. 5º Os procuradores terão a seu cargo os preparativos e arranjo das salas de dança, do jogo, e do *toilette*; a eles compete empregar todos os esforços para bem desempenharem a sua missão, da qual depende em grande parte o brilho das reuniões.

Dos fiscais

Art. 6º Tocar á escala a dois fiscais em cada reunião receber e examinar os cartões dos sócios e convidados que forem chegando, afim de evitar-se o abuso de assistirem ás reuniões pessoas que o não devam.

Art. 7º Logo que houver duvida a respeito de qualquer cartão, o fiscal que o houver examinado, não privando o ingresso ao convidado se for pessoa decente, levará essa duvida ao conhecimento do presidente, para que este proceda como o caso exigir.

Art. 8º Os cartões de cada um dos sócios, suas famílias e convidados, serão entregues no topo da escada, na ocasião da chegada, a qualquer dos fiscais d'esse serviço, ou depositados na bandeja para isso destinada.

Art. 9º Aos outros dois fiscais será encarregado todo o arranjo da casa, assim como o coreto da orquestra; e dos fiscais também se espera o maior esmero

no fiel desempenho dos seus deveres, que são principalmente o de providenciar para que nada falte no interior desempenho dos fins da sociedade.

Art. 10 Tanto os fiscais, como os procuradores são os guardas imediatos da fiel execução d'este regulamento, devendo comunicar ao presidente qualquer infração que ocorra, e que dependa da sua autoridade, para não se perturbar a ordem do divertimento.

Da casa

Art. 11 Nenhum dos empregados da sociedade se poderá retirar se não finda a partida, salvo se for dispensado pelo presidente que n'este caso nomeará quem o substitua, devendo todos comparecer meia hora antes de principiar o divertimento.

Art. 12 O serviço da casa será feito sob a inspeção dos fiscais respectivos por um ou mais assalariados, a quem compete satisfazer a todas as pessoas que assistirem ás reuniões, tratando-as com a devida urbanidade, a cuja retribuição tem direito.

Art. 13 Os serventes da casa devem além d'isso:

§ 1º Comparecer nas noites de reunião uma hora antes de principiar, e daí a trinta minutos começarão a iluminar as partes do edifício que o devam ser, debaixo da immediata direção do procurador que estiver de serviço naquele mês, órgão de todas as providencias tendentes ao brilhantismo da casa.

§ 2º Acender ao anoitecer, naquelas ocasiões, o lampião do corredor, e os da escada.

§ 3º Preparar com a necessária antecedência tudo que for relativo ao serviço da casa, de maneira que d'este nada reste a fazer nas horas em que só devem tratar de satisfazer os pedidos dos sócios e convidados.

Do guarda encarregado dos chapéus

Art. 14 Logo que a sociedade tenha fundos, haverá um guarda encarregado dos chapéus, capas e bengalas, a quem os sócios ou convidados os entregarão, e só da mão deste os receberão á vista do competente cartão que lhes houver sido entregue; não podendo nem um sócio ou convidado, haver o seu chapéu, capa ou bengala senão pelo método que aqui se estabelece.

Das danças

Art. 15 As partidas começarão invariavelmente ás 8 horas da noite nos meses de abril a outubro, e ás 9 horas no de novembro a março.

Art. 16 Á hora marcada dar-se-á principio ao divertimento com os pares que se acharem presentes.

Art. 17 Em cada partida não se dançarão mais de nove quadrilhas, e cinco walsas sendo três Schottisches, e não durando as walsas mais de 15 minutos.

Art. 18 Será considerado como walsa qualquer outra dança que não seja walsa ou quadrilha.

Art. 19 Dançar-se-ão as quadrilhas e walsas, com cartões ou sem eles, conforme entender o mestre-sala, atendendo ao numero dos concorrentes, ás circunstancias e á capacidade da casa.

Art. 20 No caso de se distribuírem cartões, selo-ão primeiramente pelos que estiverem sem dançar, fazendo-se para isso a distribuição em quanto se estiver dançando a quadrilha ou walsa.

Art. 21 Em cada uma das salas, os pares marcantes, e os das cabeceiras, serão designados pelos respectivos marcantes ou mestres-salas secundários, que terão em vista satisfazer a todos os sócios, ou convidados que desejarem Ter esse gosto, podendo distribuir cartões aos pares que devem dançar nas cabeceiras, para melhor comodidade assim como dos marcante.

Art. 22 Tanto as walsas com as quadrilhas, serão reguladas em sua ordem numérica pelo quadro colocado na saleta da orquestra.

Art. 23 Cinco minutos antes de começar qualquer dança, mandará o 1º mestre-sala, ou quem suas vezes fizer, dar o competente sinal pela orquestra.

Art. 24 A esse sinal todos os pares tomarão os seus lugares, e até cinco minutos quando muito, depois dele, começará a quadrilha, tenham ou não *vis-a-vis* todos os pares. Aqueles que os não tiverem ficarão sem dançar, até que apareçam os seus *vis-a-vis*.

Art. 25 A disposição da primeira parte do artigo antecedente, é também aplicável as partes walsantes.

Art. 26 O intervalo de uma a outra dança nunca será maior de dez minutos, havendo a regularidade de se dançar cada walsa depois de duas quadrilhas; exceto entre a 2ª, 4ª e 5ª walsas, Schottisches.

Art. 27 O intervalo porém da 4ª quadrilha á 2ª walsa, será de 30 a 40 minutos.

Art. 28 É expressamente proibido contratar pares adiantados; contratando-se somente para a dança que for anunciada, a fim de evitar as explicações desagradáveis que, de ordinário, costumam suscitar-se.

Art. 29 Nenhum cavalheiro poderá dançar com a mesma dama, em qualquer reunião, mais de duas quadrilhas e duas walsas.

Art. 30 Finda que seja qualquer walsa ou quadrilha, os cavalheiros convidarão suas damas a passeio, e as poderão conduzir á casa da copa.

Do chá

Art. 31 Três minutos depois da 4ª quadrilha, a orquestra, por indicação do mestre-sala, tocará uma marcha, e a este sinal todos os cavalheiros sentarão as suas damas, e se retirarão do meio das salas para que se sirva o chá, sem os inconvenientes que do contrario se seguiriam.

Art. 32 O chá será preparado pelas senhoras, que a pedido do presidente, se dignarem prestar-se a isso, será servido por oito sócios, nomeados por escala pelo presidente, e a esses, e a mais nenhum, pertence exclusivamente, a distribuição do chá e doce ás senhoras, e aos cavalheiros que estiverem jogando.

Art. 33 Os que quiserem tomar chá, e servir-se de doce, procura-lo-ão na casa da copa depois de se terem servido as senhoras.

Art. 34 O chocolate, ou café, será preparado, e distribuído (caso possa haver) na firma dos arts. 29, 30 e 31, no intervalo da 7ª e 8ª quadrilhas, sendo pouco mais ou menos, meia hora depois da meia noite.

Disposições gerais

Art. 35 Os professores da orquestra deverão comparecer um quarto de hora antes da hora fixada para principiar o divertimento.

Art. 36 A nenhum cavalheiro é permitido alterar-se nas reuniões com palavras, gestos, ou ações que as possam perturbar, e muito menos faltar ás atenções e respeitos que são devidos ás damas nas boas sociedades.

Art. 37 É rigorosamente vedado aos cavalheiros permanecerem de frente da porta do *toilette*.

Art. 38 Proíbe-se expressamente o uso do charuto ou cigarro no interior do edifício.

Art. 39 O sócio que for escolhido para qualquer comissão tem o dever de aceitá-la, salvo senão comparecer á partida. Mas ainda neste caso, cumpre que previna com antecedência ao presidente.

Art. 40 O mestre-sala e os marcantes dos quadros poderão dançar se quiserem, porém depois de terem ordenado a sala por que estiverem responsáveis.

Art. 41 Os sócios que transgredirem as disposições deste regulamento incorrerão nas penas marcadas nos estatutos.

Cidade de Pelotas, 7 de novembro de 1851.

Os membros da comissão

Domingos Antonio Felix da Costa

José de Mello Pacheco de Rezende

Ovídio Fernando Trigo de Loureiro.

Anexo 3

Estatutos da Sociedade Fênix Pelotense. Pelotas: Typ. de Joaquim Ferreira Nunes, 1868. (Arquivo Histórico ENT – 034. BPP. Pelotas).

[p. 1] ESTATUTOS DA SOCIEDADE FÊNIX PELOTENSE

Capítulo 1º. Da sociedade e seus fins.

Art. 1. A sociedade se denominará *Fênix Pelotense*, e seu único fim é a diversão de seus membros por partidas mensais.

Capítulo 2º. Do corpo administrativo.

Art. 2. A diretoria compor-se-á de um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro, e doze diretores.

Art. 3. A diretoria compete:

§ 1º Representar a sociedade e fazer cumprir os estatutos, de que deverá ser a mais fiel executora.

§ 2º Convocar a assembléia geral, quando julgar conveniente, por meio de anúncios antecipadamente inseridos nos jornais da cidade.

§ 3º Reunir-se uma vez em cada mês, no dia em que convencionarem os seus membros.

Art. 4. A diretoria será considerada legal estando presentes metade e mais um de seus membros.

Art. 5. Fica a diretoria autorizada a suspender por um ou mais meses as suas partidas, durante qualquer epidemia, ou outro inconveniente desta ordem.

Art. 6. É expressamente proibido à diretoria emprestar para [p. 2] fora do estabelecimento objetos pertencentes à casa, ainda mesmo com garantias.

Art. 7. A diretoria tem o direito de ceder a casa à pessoas que não pertença à sociedade, para qualquer baile ou concerto vocal e instrumental, com aprovação unânime de todos os seus membros, mediante a contribuição de cem mil réis, obrigando-a à indenização dos prejuízos causados à casa, ou à qualquer de seus objetos.

Art. 8. A diretoria poderá nomear os empregados que entender necessários para auxiliá-la no bom andamento da sociedade.

Art. 9. No impedimento do secretário e tesoureiro, a diretoria nomeará por votação entre seus membros quem os substitua.

Art. 10. A nova diretoria deverá receber da sua antecessora todo o material da casa, que constará de uma relação lançada em um livro, afolhado pelo presidente.

Art. 11. Ao presidente compete:

§ 1º Convocar a diretoria quando julgar conveniente, e a assembléia geral nas épocas marcadas por estes estatutos, ou quando a diretoria o julgue preciso, sempre por anúncios feitos pela imprensa local.

§ 2º Presidir as sessões da diretoria e da assembléia geral.

§ 3º Fazer manter a boa regularidade da marcha da sociedade, cumprir e fazer cumprir exatamente os presentes estatutos.

§ 4º Desempatar com o seu voto de qualidade as questões indecisas da diretoria.

§ 5º Afolhar os livros da escrituração da casa, rubricar as contas da mesma, e assinar os cartões de convite com o diretor de mês.

Art. 12. Ao vice-presidente compete substituir o presidente em seus impedimentos.

Art. 13. Ao secretário compete tomar á seu cargo as atas e o expediente da sociedade.

Art. 14. Ao tesoureiro compete:

§ 1º Arrecadar as jóias e mensalidades, ter a seu cargo o cofre da sociedade, satisfazer as contas autorizadas pela diretoria, e rubricadas pelo presidente, e participar à mesma diretoria os nomes dos sócios que se tiverem recusado ao pagamento.

§ 2º Ter um livro devidamente escriturado, com a conta corrente de todos os sócios, apresentar à diretoria um balanço tri- [p. 3] mensal, e patentear o estado do cofre toda a vez que ela o exigir.

Art. 15. Á cada diretor de mês compete:

§ 1º Encarregar-se da partida mensal que lhe tocar, segundo a ordem da votação.

§ 2º Assinar juntamente com o presidente os cartões de convite.

§ 3º Ser o mestre sala da partida á seu cargo.

§ 4º Rubricar as contas da despesa do seu mês.

Art. 16. Os diretores imediatos em votação, serão considerados suplentes, e substituirão os efetivos em suas vagas.

Capítulo 3º. Dos sócios.

Art. 17. O número de sócios será ilimitado.

Art. 18. Os deveres de sócio são pagar a jóia de 32:000 rs e mensalidade de 4:000 rs.

Art. 19. Fundada a sociedade nenhum sócio será admitido senão por proposta apresentada por escrito á diretoria, e assinada pelo proponente.

§ 1º Lida a proposta, será posta à votos por escrutínio secreto, e não obtendo a maioria dos membros que estiverem presentes, considerar-se-á rejeitada.

§ 2º O indivíduo rejeitado não poderá ser proposto segunda vez senão passado um ano.

Art. 20. O título de sócios não é transmissível.

Art. 21. Todo e qualquer sócio tem direito de pedir a convocação da assembléia geral por um requerimento assinado por ele e mais onze membros, e perante ela interpelar a diretoria, apontar melhoramentos e reformas, e acusar os atos de qualquer sócio ou empregado da casa.

Art. 22. Perde o direito de sócio o que se recusar ao pagamento de sua mensalidade até o dia da partida, bem como aqueles que eliminados unanimemente pela diretoria, por sua má conduta, não tendo direito de reclamar qualquer quantia com que tenha entrado.

Art. 23. Ficam dispensados do pagamento de sua mensalidade os sócios que se ausentarem para fora do Município ou estiverem de luto pesado, uma vez que o participem á diretoria.

[p. 4] Capítulo 4º. Da assembléia geral.

Art. 24. A assembléia geral dos sócios reunir-se-á todos os anos, um mês antes de findar a administração, para a eleição da nova diretoria.

§ 1º Julgar-se-á reunida e apta para deliberar, toda a vez que comparecer a terça parte dos sócios.

§ 2º Reunir-se-á todas as vezes que ordinária ou extraordinariamente for convocada pela diretoria.

Art. 25. Compete á assembléia geral:

§ 1º Eleger a diretoria.

§ 2º Reformar os estatutos.

§ 3º Pedir contas á diretoria e a todos os empregados da casa, responsabilizando-os pelas faltas que tiverem cometido.

Capítulo 5º. Do baile e das partidas mensais.

Art. 26. Haverá um baile no dia 20 de outubro de cada ano, para solenizar o aniversário da fundação da sociedade, ficando suprimida neste mês a respectiva partida.

Art. 27. Haverá cada mês uma partida em dia designado pela diretoria, devendo ser anunciada pelos jornais oito dias antes.

Art. 28. Os convites serão expedidos por espontaneidade da diretoria, ou por pedido de qualquer sócio, até 3 vezes para os forasteiros, e uma só vez para as pessoas do lugar; excetuando-se as famílias pobres, de reconhecida honestidade, que poderão ser convidadas todas as vezes que a diretoria assim o entender.

Art. 29. Nenhum sócio será admitido á partida sem que tenha satisfeito a sua mensalidade.

Art. 30. É expressamente proibido aos sócios trazerem em sua companhia, sem convite especial, pessoas que não sejam da sua família.

Art. 31. Considerar-se-á família do sócio as pessoas que com ele morarem debaixo do mesmo teto, sem economia separada, excetuando-se os homens maiores de 21 anos.

[p. 5] Art. 32. Fica expressamente proibida a entrada á meninas menores de 7 anos, e meninos menores de 12.

Art. 33. São expressamente proibidos nas partidas ordinárias os objetos e ornatos de luxo. Ao diretor de mês compete fazer executar pontualmente esta disposição.

Art. 34. No verso dos cartões de convite se transcreverá o disposto nos artigos 32 e 33.

Art. 35. A despesa de cada partida não deverá exceder á receita do respectivo mês.

Art. 36. São permitidos unicamente os jogos de vasa.

Capítulo 6º. Dos fundos da sociedade.

Art. 37. Qualquer excedente na receita será considerado como fundo de reserva destinado á compra de objetos que a diretoria julgar necessários, ou recolhido a alguma casa bancária, se ela entender mais conveniente.

Art. 38. No caso de dissolução da sociedade, a assembléa geral resolverá o destino que se deve dar aos objetos da casa.

Capítulo 7º. Das eleições.

Art. 39. As eleições serão feitas em assembléa geral no 1º domingo de setembro, isto é, um mês antes do aniversário da fundação da sociedade, conforme o disposto no § 1º do art. 24.

Art. 40. Cada sócio presente entregará uma cédula contendo os nomes de um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro, e doze diretores de mês.

Art. 41. Nenhum sócio poderá recusar o cargo para que for eleito, exceto no caso de apresentar à diretoria razões convincentes.

[p. 6] Capítulo 8º. Da escrituração.

Art. 42. Haverá os seguintes livros: 1º de atas, 2º de registro dos sócios, 3º de conta corrente dos mesmos, 4º de inventário de objetos das casas; ficando o 1º á cargo do secretário, e os três últimos do tesoureiro, sendo todos afolhados pelo presidente.

Pelotas, 25 de outubro de 1867.

**Os membros da comissão: *Dr. Belchior da Gama Lobo, Urbano Martins
Garcia, José Cypriano Martins Corrêa.***

Anexo 4



Imagem do Primeiro Prédio Construído para o Teatro Sete de Abril.

Fonte: DUVAL, Paulo. Apontamentos sôbre o Teatro no ... Op. Cit..

Anexo 5

Lista de Sócios-proprietários do Teatro Sete de Setembro. (ESTATUTOS E ATAS DO THEATRINHO SETE DE SETEMBRO. Manuscrito. Arquivo Histórico ENT 011, Biblioteca Pública Pelotense).

35 Sócios de camarotes:

1. Alexandre de Tussaint
2. Alexandre Eloi Teixeira
3. Antonio Antunes da Porciúncula
4. Antonio Garcia da Cunha
5. Antonio Lino de Figueiredo
6. Antonio Pinto Nogueira
7. Antonio Soares de Paiva
8. Arcanjo Pereira da Silva Pinto
9. Balthazar Silveira Araújo
10. Bernardo Machado da Cunha – despedido e não pagou rateio
11. D. Anna Leonarda da Com.^{lano}
12. D. Maria Antunes – despedida
13. Emilio Manoel Moreira
14. Francisco de Paula Teixeira
15. Frederico Martins de Amorim
16. Heliodoro de Azevedo Souza – despedido e pagou rateio
17. Ignácio Roiz Barcellos – despedido e não pagou rateio
18. João Jacintho de Mendonça – despedido e não pagou rateio
19. João Manoel Roiz
20. Joaquim Barbosa de Azevedo
21. Joaquim Maximo Lobato
22. Joaquim Roiz Barcellos
23. José de Souza Cabral
24. José Pereira de Sá Peixoto
25. José Pereira Tavares.
26. José Pinho da Silva
27. José Vaz Teixeira Gonsalves do Amaral
28. Luis Gomes de Leivas
29. Luis Gonçalves de Escobar
30. Manoel Antonio Pereira
31. Manoel Joaquim dos Santos – despedido e não pagou rateio

32. Manoel José Freitas Ramos
33. Manoel Monteiro de Campos
34. Francisco Florêncio da Rocha (Padre)
35. Sebastião Cardoso Leal

68 Sócios de cadeiras

1. Albano da Silva
2. Alexandre José Pinto
3. André Laquintinim
4. Antonio da Costa Seg^a.
5. Antonio de Souza Jung^a.
6. Antonio Je. da S^a. Ozório
7. Antonio José de Oliveira Leitão
8. Antonio José Lourenço Dias
9. Antonio Lino de Figueiredo (proprietário também de camarote)
10. Antonio Luis de Azevedo Alves
11. Antonio Manoel do Pilar
12. Antonio Mitre
13. Antonio Roiz Segismundo
14. Bernardo José Cam^o. da Fontoura – despedido
15. Daniel Jthalar [Iveth Pun?]
16. Domingos da Silva Lessa
17. Emilio Manoel Maz^a. de Figueiredo
18. Felício Antonio Godoés
19. Felis J^a. dos Pasos
20. Felizardo Rodrigues Braga
21. Francisco Agostinho de Ornellas
22. Francisco da Silva Porto
23. Francisco das Chagas Júnior
24. Francisco Leonardo Taleão.
25. Henrique Rabelo – despedido
26. Ignácio Rodrigues Diniz
27. João Ferreira dos Santos
28. João Joaquim de Queiroz
29. João José da Rosa
30. João José de Freitas Guimarães
31. João M^a. [ilegível] da S^a.
32. João Marques Braga
33. João Rodrigues Barcellos
34. João Vicente Ilha
35. Joaquim Antonio Barcellos
36. Joaquim Cm^a. da Silva
37. Joaquim da Silva Lesa
38. Joaquim Gomes Campo Porto
39. Joaquim Pil. [ilegível] Lopes de Sá
40. José Bento de Moura Basto

41. José da Silva Barreiros
42. José Ferreira de Freitas
43. José Maria da Silva
44. José Maria Roiz Paes
45. José Pereira de Azevedo e Castro
46. José Pereira de Sá Peixoto (proprietário também de camarote)
47. José Rozendo
48. José Salchicione – despedido
49. José Vaz Teixeira do Amaral
50. Luis Querino da Costa
51. Luis Roiz da Fonseca
52. Luis Vihollo
53. Manoel Américo da Silva Braga
54. Manoel Gomes dos Santos
55. Manoel Joaquim da Silva Lima
56. Manoel Joaquim Pimenta Granja
57. Manoel José das Neves
58. Manoel José de Moraes
59. Manoel Roiz Mino. [ilegível] Camº.
60. Matheus Gomes Viana – despedido
61. Matheus José dos Santos
62. Maurílio Antonio Tellis – despedido
63. Miguel Martins de Amorim
64. Quintiliano Manoel do Valle
65. Serafim Jº. Roiz de Araújo
66. Serafim Jaques de Bitancur
67. Tristão Francisco Marques
68. Vidal Roiz Braga

Anexo 6

Lista dos Acionistas da Sociedade Teatro Sete de Abril – 1869. (ECHENIQUE. *Histórico do Teatro ... Op. cit., p. 20-1*)

1. Antônio José de Oliveira Leitão (Comendador)
2. Felisberto Ignacio da Cunha (Barão de Correntes)
3. Ribas & Irmão
4. José Antônio Moreira (Barão de Butuí)
5. Antônio José Gonçalves Chaves
6. Joaquim de Sá Araújo
7. Cypriano Joaquim Rodrigues Barcellos
8. Candida Salgado
9. Heleodoro de Azevedo e Souza
10. Salviano Teixeira Nunes
11. Elizeu Antunes Maciel
12. Francisco José Coelho
13. Izabel Alves Pereira
14. José Vieira Viana
15. Manoel Baptista Teixeira
16. Manoel Pinto da Costa
17. Maria José Guimarães
18. Thomaz Mire
19. Zeferina Gonçalves da Cunha
20. Antonio José de Azevedo Machado (Barão de Azevedo Machado)
21. Associação Teatro Sete de Abril
22. Domingos Soares de Paiva
23. Francisco Annibal Antunes Maciel
24. Felisberto José Gonçalves Braga
25. Florinda Luiza da Silva Mendonça
26. José Cardoso de Gusmão
27. José Antonio Moreira Junior
28. Manoel Gonçalves Victorino
29. Manoel Alves Pereira
30. Maria de Sant'Anna Valladares
31. Possidônio Mancio da Cunha (Comendador)
32. Silva Eulália de Azevedo Barcellos
33. Flora Mathilde de Oliveira
34. Januário Joaquim Amarante
35. Anna Moutinho
36. Francisco José de Salles
37. Francisco Teixeira Guimarães
38. José Antonio Rodrigues Pena
39. José Joaquim Lody

40. José Vaz Teixeira Gonsalves do Amaral
41. Joaquim Pinto Nogueira
42. Joaquim Ribeiro Lopes da Silva
43. Manoel Francisco Moreira
44. Manoel José de Moraes
45. Manoela Valladares Pereira
46. Marcolino Antonio dos Santos
47. Torres & Irmãos